Marcos Vinícius Teles Guimarães

CASARIO IMPERIAL

arquitetura urbana em transformação -

São João del-Rei, c. 1810-1880

Tese apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de concentração:
História e fundamentos da arquitetura e do urbanismo

Linha de pesquisa:
História e preservação da arquitetura

Orientadora:
Profa. Dra. Maria Lucia Bressan Pinheiro

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

E-MAIL DO AUTOR: margui22@hotmail.com

TÍTULO EM INGLÊS:

IMPERIAL HOUSES: URBAN ARCHITECTURE IN TRANSFORMATION – SAO JOAO DEL REY, c. 1810-1880

Guimarães, Marcos Vinícius Teles

G963c Casario imperial: arquitetura urbana em transformação – São João del-Rei, c.1810-1880 / Marcos Vinícius Teles Guimarães. -- São Paulo, 2016.

463 p. : il.

Tese (Doutorado - Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – FAUUSP.

Orientadora: Maria Lucia Bressan Pinheiro

1.História da arquitetura 2.Arquitetura regional – São João Del Rei (MG) – Século XIX 3.Arquitetura civil – São João Del Rei (MG) – Século XIX I.Título

CDU 72.03

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas e instituições que colaboraram, de alguma forma, para a elaboração do presente trabalho. Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos e me desculpar pelos eventuais esquecimentos e omissões.

Agradeço primeiramente à Universidade Federal de São João del-Rei, pelo apoio constante no decorrer do doutorado, incluindo o auxílio concedido através do Programa de Incentivo à Formação de Servidores. Expresso uma particular gratidão aos meus colegas do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas, que permitiram o meu afastamento das atividades docentes.

Agradeço profundamente à Profa. Maria Lucia Bressan Pinheiro, pela exímia dedicação e profissionalismo na orientação da pesquisa. No âmbito da FAU-USP, devo lembrar também a participação do Prof. Artur Simoes Rozestraten e da Profa. Andrea Buchidid Loewen no exame de qualificação, cujos comentários contribuíram decididamente para a condução do trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financiou a estada de pesquisa de seis meses em Portugal. Nesse país, fui recebido cordialmente no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa pelo Prof. João Vieira Caldas, que me auxiliou de forma fundamental nos levantamentos bibliográficos, nos trabalhos de campo e no andamento da pesquisa como um todo. Em Lisboa, frequentei assiduamente a Biblioteca Nacional de Portugal e a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.

No Rio de Janeiro, devo recordar a competência dos funcionários do Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Foram também consultados os acervos do Instituto Moreira Salles, da Biblioteca Nacional e, ainda, do Arquivo Nacional.

Em São João del-Rei, tive um fácil e gentil acesso às fotografias, manuscritos e outros materiais no Museu Regional, na Biblioteca Municipal e no Escritório Técnico do IPHAN.

Muitos profissionais, colegas e amigos me facilitaram interlocução, informações, materiais e acesso a edificações em diferentes momentos da pesquisa, entre os quais Leandro Campos, Profa. Cláudia Nóbrega, Isaac Ribeiro, Prof. Antônio Gaio Sobrinho, Dr. Ronaldo, Bruno Campos, Rubia Ribeiro, Roberto Maldos e Ralf Flôres.

Algumas pessoas contribuíram para a leitura e correções de partes da tese. Agradeço ao Prof. Geraldo Tibúrcio de Almeida e Silva e à Profa. Alécia Teles Duchowny, minha querida irmã. Ao meu primo, Prof. Bruno Martins, agradeço pelas dicas na arte gráfica.

Devo fazer um agradecimento especial à Profa. Christianni Cardoso Moraes, que me acompanhou desde os primórdios dessa pesquisa, sugerindo fontes, facilitando material e revisando textos. Sendo também minha esposa e mãe de nosso filho Antônio, lidou zelosa e amorosamente com todas as questões que envolvem a convivência com um doutorando.

Creio, aliás, que o percurso de um doutorado vai muito além de questões acadêmicas. Sinto-me muito grato pelo amigo Edmar, que me confortou nos momentos de desassossego. Também me acompanharam nessa trajetória Karin, Juliana e Jesus, excelentes profissionais ligados à saúde, na mais ampla concepção que o termo sugere.

Finalmente, aos meus familiares, sempre estarei agradecido pelo apoio e compreensão, especialmente meus pais Marcos e Cleusa e minha Tia Sônia.

RESUMO

O objetivo geral foi caracterizar a arquitetura civil, nomeadamente o casario circunscrito à localidade mineira de São João del-Rei. O recorte temporal se definiu entre os anos de 1810 e 1880 aproximadamente, tendo como referências o desembarque da Família Real Portuguesa no Rio de Janeiro, acompanhado da aberturas dos portos em 1808, e a chegada da ferrovia na cidade são-joanense em 1881. A pesquisa foi motivada pela identificação de uma lacuna historiográfica em torno do segundo quartel do século XIX, pelo enquadramento estilístico usualmente restrito aos termos 'colonial' e 'ecléctico' e, ainda, por um respectivo acervo arquitetônico remanescente em São João del-Rei, que resistia a tais classificações. Devido a limitações inerentes à pesquisa, a aproximação se restringiu aos aspectos do exterior do casario. A escassez de referências cronológicas locais levou à consideração de outros contextos, de acordo com as conexões geográficas e culturais da época. Destacaram-se, nesse ínterim, a cidade do Rio de Janeiro e Portugal, além da produção historiográfica paulista, que se mostraram fundamentais para a maior compreensão do caso são-joanense. Foram acessadas diferentes fontes de informação, a começar pela reconhecimento empírico dos conjuntos arquitetônicos e seu respectivo levantamento fotográfico. Uma contribuição significativa foi dada pela iconografia coetânea (aquarelas, desenhos, fotografias etc.) e por imagens fotográficas produzidas já no século XX. Foram ainda consultados alguns manuscritos, escritos de época e documentos cartográficos e planimétricos. Com a consideração das referências, o cruzamento das fontes e a análise da amostra são-joanense, as edificações foram agrupadas de acordo com suas características formais e tipológicas. Ensaio sequenciais e as relações com períodos históricos resultaram em uma leitura cronologicamente situada do casario. Nesse ínterim, os motivos arquitetônicos remetidos ao século XVIII foram gradualmente cedendo lugar a outros de orientação classicista. Percebeu-se, por um lado, o prolongamento e a resistência de motivos tradicionais e, por outro lado, uma paulatina consolidação do sistema classicista, acompanhada de uma maior profusão no regime ornamental. Observou-se uma notável transformação da arquitetura ao longo do tempo, expressa tanto na diversidade compositiva como nas intervenções periódicas demandadas pelas necessidades de manutenção e reforma. A presença concomitante de estilemas tradicionais e neoclássicos implicou composições híbridas, que não apresentaram correspondência plena com categorias estilísticas usualmente praticadas. Aspectos arquitetônicos variaram de acordo com matizes regionais, com destaque para os peculiares estuques do casario são-joanense. Nesse sentido, verificou-se um movimento de apropriação da cultura arquitetônica, o qual passou por um processo de acomodação local. De forma geral, ficaram sugeridas a relatividade das balizas cronológicas e as limitações dos enquadramentos estilísticos e tipológicos para o estudo da história da arquitetura brasileira, tornando-se pertinente considerar as contingências artísticas e históricas das obras em sua individualidade, em seu conjunto e no contexto em que se inserem.

Palavras-chave: história da arquitetura; arquitetura civil; arquitetura regional; São João del-Rei (MG); século XIX.

ABSTRACT

The overall objective was to characterize the civil architecture of the former mining village of Sao Joao del Rey, in the state of Minas Gerais, Brazil. The time frame is set between the years 1810 and 1880 approximately, having as reference the landing of the Portuguese Royal Family in Rio de Janeiro, accompanied by the opening of ports in 1808, and the arrival of the railroad in Sao Joao del Rey town in 1881. The research was motivated by the identification of a historiographical gap around the second quarter of the nineteenth century, the stylistic framework usually restricted to the terms 'colonial' and 'eclectic' and also by the remaining architectural heritage found in Sao Joao del Rey, which resisted such classifications. Because of the inherent limitations of the research, the approach was restricted to aspects of the exterior of houses. The shortage of local chronological references led to the consideration of other contexts, according to the geographical and cultural connections of the time. In the meantime, the city of Rio de Janeiro and Portugal were highlighted, as well as Sao Paulo's historiographical production, which proved to be fundamental for a better understanding of the Sao Joao del-Rey case. Different sources of information were accessed, starting with the empirical recognition of the architectural complexes and their respective photographic survey. A significant contribution was made by the coeval iconography (watercolors, drawings, photographs etc.) and the photographic images produced in the twentieth century. Some manuscripts, coeval texts as well as cartographic and planimetric documents were also consulted. With the consideration of the references, the intersection of sources and the analysis of the Sao Joao del-Rey sample, the buildings were grouped according to their formal and typological characteristics. Sequential tests and the relations with historical periods resulted in a chronological concerned reading on the houses. Meanwhile, the architectural motifs referred to the eighteenth century were gradually giving way to others with classicist orientation. It was observed, on the one hand, the extension and resistance of traditional motifs and, on the other hand, a gradual consolidation of a classicist system, accompanied by a greater abundance in the ornamental scheme. There was a remarkable transformation of architecture over time, expressed both in the compositional diversity as well as in the periodic interventions demanded by maintenance and renovation needs. The concomitant presence of traditional and neoclassical motifs implied hybrid compositions that showed no full correspondence with stylistic categories usually practiced. Architectural aspects varied according to regional nuances, especially the unique stuccos of the Sao Joao del-Rey houses. Accordingly, there was an appropriation movement of the architectural culture, which underwent a local accommodation process. In general, it was suggested the relativity of chronological boundaries and the limitations of the stylistic and typological frameworks for the study of the Brazilian architectural history, making it relevant to consider the artistic and historical contingencies of the buildings in their individuality, in their grouping as well as in their context.

Keywords: history of architecture; civil architecture; regional architecture; Sao Joao del Rey; nineteenth century.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMP: Arquivo Municipal do Porto, Portugal

APM: Arquivo Público Mineiro

BM-SJDR: Biblioteca Municipal Batista Caetano d’Almeida, São João del-Rei

BN-BR: Biblioteca Nacional, Brasil

CMPPC-SJDR: Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural, São João del-Rei

CONDEPHAAT: Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado,
São Paulo

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEPHA-MG: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, Minas Gerais

IMS: Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro

IPHAN: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAN-MG: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Superintendência em Minas Gerais

IPHAN-RJ: Arquivo Central do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Seção Rio de Janeiro

IPHAN-SJDR: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Escritório Técnico em São João del-Rei

LFSV: Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos

MR-SJDR: Museu Regional de São João del-Rei, Instituto Brasileiro de Museus

PM-SJDR: Prefeitura Municipal, São João del-Rei

SUMÁRIO

Introdução	11
1. São João del-Rei no século XIX	35
1.1. Inserção territorial e econômica	37
1.2. Formação urbana	56
2. A matriz setecentista	95
2.1. Vãos retos	99
2.2. Arco abatido	131
3. Motivos classicistas precursores	159
3.1. Cimalhas, cunhais, sobrevergas e outros relevos	161
3.2. Sobrados com balcões	224
4. Consolidação e profusão de motivos classicistas	271
4.1. Consolidação do sistema classicista	274
4.2. Profusão ornamental	300
4.3. Referências formais e cronológicas	338
5. Tendências arquitetônicas no último quartel do Oitocentos ...	379
5.1. Arcos plenos	384
5.2. Platibandas	398
5.3. Pestanas	415
Considerações finais	437
Referências	443
Apêndice 1: Vistas gerais de casarios	455
Apêndice 2: Relação de logradouros de São João del-Rei	459

INTRODUÇÃO

A motivação da presente pesquisa surgiu de forma bastante empírica a partir da convivência com agentes que, de algum modo ou outro, lidavam com a preservação da arquitetura no âmbito de Minas Gerais.¹ As edificações eram usualmente classificadas, segundo suas características formais, com os qualificativos de ‘coloniais’ ou ‘eccléticas’. Quando havia impasse entre as duas opções, mostrava-se comum a denominação mais geral de ‘pertencente ao século XIX’. Às vezes, encontrava-se ainda a atribuição de ‘neoclássicas’ para alguns casos.

Tais noções geravam muitas dúvidas não só a respeito dos recortes cronológicos correspondentes como também sobre o enquadramento das edificações em cada uma delas. A situação parecia mais complicada ao se considerar um momento temporal em pleno Oitocentos,² excluindo-se as primeiras décadas ainda ligadas ao período colonial e as últimas já inseridas em uma produção francamente filiada ao Ecletismo. Sugeria-se, pois, uma lacuna conceitual e cronológica que clamava por maiores averiguações.

Paralelamente a essa motivação de balizamento temporal e estilístico, a conjuntura e a conveniência levaram-nos à cidade mineira de São João del-Rei. A atividade docente no âmbito do recém-criado curso de Arquitetura e Urbanismo, sediado na Universidade Federal de São João del-Rei, figurou como um importante canal de experiência da história da arquitetura. Mais do que isso, o próprio conjunto arquitetônico da cidade, que apresenta uma significativa amostra de edificações construídas no século XIX, serviu de fonte de inspiração e de laboratório aberto para os primeiros experimentos. Sendo assim, a condução da pesquisa esteve, desde os seus primórdios, atrelada ao contexto são-joanense e a uma relação de interface entre nossas atividades de docência, pesquisa e extensão na cidade.

Desde já cabem algumas palavras sobre a ocupação de São João del-Rei, que remonta à exploração do ouro no início do século XVIII. Cabeça da Comarca do Rio das Mortes, assumiu, desde a época do descobrimento das Minas auríferas, uma posição importante de registro de passagem de mercadorias. A localidade foi elevada à categoria de Vila no ano de 1713, apenas dois anos mais tarde do que os principais núcleos urbanos em torno de Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto. Em 1838, foi elevada a Cidade, mesmo quando perdia força com o sucessivo desmembramento da Comarca e o crescimento da importância do café rumo ao sul de Minas e São Paulo. Em todo caso, durante boa parte do século XIX São João del-Rei abrigou uma considerável elite política e um aparato administrativo que demonstraram sua relevância no cenário regional.

Em comparação com a região central das Minas, polarizada por Vila Rica e localizada entre vales de terra ferrosa, a de São João del-Rei apresenta uma topografia menos acidentada e uma qualidade de

¹ Referimo-nos à nossa atuação como analista no IEPHA-MG entre os anos de 2008 e 2009, como coordenador de projeto de extensão sobre inventário de bens imóveis na PM-SJDR entre 2011 e 2012 e, ainda, como representante suplente no CMPPC-SJDR entre 2012 e 2013.

² Sempre que nos referirmos ao termo ‘pleno’ de um determinado século, estaremos considerando o período compreendido pelo segundo e o terceiro quartéis.

solo mais adequada para o cultivo agrícola e pastoril. Isso a fez destacar-se, ainda no final do século XVIII, como importante produtora de bens primários. A ligação com o Rio de Janeiro, antes feita via Parati pelo Caminho Velho que bifurcava para São Paulo, se encurtou com o agenciamento do Caminho Novo. São João del-Rei se consolidou estrategicamente nas proximidades do entroncamento das principais rotas comerciais da época. Isso propiciou um maior contato com a capital fluminense, que centralizava o poderio político e econômico, além de servir de porta de entrada dos fluxos ultramarinos. Desse modo, a situação peculiar de São João del-Rei implicou uma interiorização no território, mas, ao mesmo tempo, uma conexão, ainda que por lombo de burro, com o porto carioca.

Dadas as condições ambientais e a posição estratégica, São João del-Rei se destacou no século XIX como centro regional de comércio e abastecimento, especialmente depois de 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro. Sua influência se estendia inclusive para as regiões mais longínquas a Oeste, rumo ao Triângulo Mineiro e Goiás, que usavam a localidade como entreposto comercial e os arredores como áreas de cultivo agropecuário. A cidade se caracterizava como um centro de intensa atividade de comércio, negócios e finanças, o que proporcionava uma vida urbana ativa e a circulação de capitais.³

Sendo assim, a generalização sugerida por Sylvio de Vasconcellos sobre a estagnação da economia de Minas no século XIX não se aplica plenamente ao nosso caso.⁴ A estabilidade da atividade econômica em torno de São João del-Rei indica uma particularidade que se reflete no desenvolvimento da cidade e sua arquitetura. A tese de Afonso Graça Filho trabalha precisamente contra a ideia da generalização da decadência mineira, vendo no sul de Minas e especialmente na Comarca do Rio das Mortes um foco de vitalidade econômica. O autor ressalta a década de 1830 como um momento de destacada pujança econômica, a qual só veio a arrefecer a partir de meados da centúria.⁵ Esse período de prosperidade coincide grosso modo com a lacuna historiográfica relativa à arquitetura são-joanense que estamos a identificar.

Outra distinção merece atenção pelo nível de consequências que implica. Trata-se da diferença entre as povoações do interior da província e os centros urbanos maiores do litoral, os quais, estando em contato mais direto com a Corte e o além-mar, se apropriariam de forma mais direta das novidades circulantes em outros núcleos costeiros e no estrangeiro.⁶

Minas, por sua vez, teve uma situação particular. Segundo Carlos Lemos, “viveu seus dias de ouro trancada, isolada, zelosamente ilhada. E lá dentro, uma sociedade *sui generis*, diferentemente estruturada das sociedades patriarcais da marinha.”⁷ Já Vasconcellos vê o território mineiro como um

³ LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979, p. 89-91.

⁴ VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 59.

⁵ GRAÇA FILHO, Afonso de A. *A princesa do oeste e o mito da decadência em Minas Gerais: São João del Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002. Ver especialmente p. 22, 39, 213 e 232.

⁶ REIS FILHO, Nestor G. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 116.

⁷ LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1979, p. 82.

sertão bravo, afastado do litoral, ... com um clima substancialmente diverso do da metrópole... ...foram essas dificuldades que, em grande parte, possibilitaram a caracterização das construções mineiras, a ponto de lhes conferir uma fisionomia quase peculiar... dentro do quadro geral da arquitetura luso-brasileira.⁸

A situação de São João del-Rei, arraigada às Minas coloniais e ao mesmo tempo conectada com o porto carioca, pode ser entendida na confluência entre a cultura mineira e as novidades emanadas da capital fluminense em transformação. Desse modo, não é plenamente aceitável simplificar e generalizar, afirmando que “os edifícios das províncias constituíam cópias imperfeitas da arquitetura dos centros maiores do litoral”, mesmo considerando as edificações exclusivamente civis.⁹ Pelo contrário, o isolamento no interior do País pode ser entendido como fator de resistências culturais e, inclusive, de recriação de soluções.¹⁰

Se acreditamos que as condições do meio e do contexto de uma localidade influem na forma de vida e respectivos substratos materiais, devemos inferir, como consequência, modificações no cenário urbano e arquitetônico. Vasconcellos reconhece a existência de motivos decorativos presentes em São João del-Rei que não se repetem em Ouro Preto.¹¹ Nesse sentido, afirma, ainda, José W. Rodrigues, que

São João d’El Rei é uma das poucas cidades antigas do Brasil que tem em suas velhas casas elementos de ornamentação de tal maneira típicos, constantes e em tal quantidade que o seu conjunto forma um conceito regional. (...) ... São João d’El Rei tem uma fisionomia própria, como quase todas as cidades antigas do Brasil, algumas mais acentuadamente, outras menos, seja devido a certos elementos ornamentais – como é o seu caso – seja pela maneira de construir ou ainda devido ao material regional.¹²

Há, pois, fortes indícios da existência de elementos arquitetônicos variando de acordo com matizes regionais.

Diferentemente de outras cidades mineiras como Ouro Preto e Tiradentes, antiga Vila de São José, que se estagnaram economicamente com a decadência da produção do ouro e, com isso, conservaram em maior medida seu casario colonial, São João del-Rei sofreu modificações consideráveis em seu núcleo urbano. Quando o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) atuou na cidade na década de 1930, não encontrou um conjunto arquitetônico uniforme, mas uma variedade de edificações de diferentes períodos e estilos. O tombamento realizado em 1938 contemplou somente edificações isoladas, especialmente as igrejas e passos, e alguns trechos de ruas com casario predominantemente

⁸ VASCONCELLOS, Sylvio. A arquitetura colonial mineira. In: ÁVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 352.

⁹ REIS FILHO (1970), *op. cit.*, p. 123.

¹⁰ LEMOS (1979), *op. cit.*, p. 14-15.

¹¹ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 59, 197.

¹² RODRIGUES, José W. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 186.

“colonial”.¹³ Em decorrência disso, as transformações arquitetônicas se prolongaram com maior intensidade, até ser contemplado um perímetro de tombamento federal no ano de 1948 e uma poligonal de preservação mais abrangente em instância municipal no ano de 2000. Em todo caso, remanesce na cidade um considerável número de edificações com tipologias inseridas no século XIX, o que nos coloca frente aos trânsitos da cultura regional e de além-mar.

Considera-se um consenso o fato de a cultura brasileira ter passado por uma transformação peculiar nas primeiras décadas do Oitocentos, quando são apontados eventos relevantes como a vinda da Família Real Portuguesa no ano de 1808 e a Independência política da nação em 1822. No âmbito mais próximo da arquitetura, ressalta-se ainda a inauguração da Academia Militar em 1810 e a chegada da chamada Missão Francesa¹⁴ em 1816, responsável pela fundação da Academia Imperial de Belas Artes dez anos mais tarde.

Esse quadro de acontecimentos teria favorecido a apropriação de referências estrangeiras diversas. A chegada da Corte ao Rio de Janeiro causou um enorme impacto devido à exigência de moradia para milhares de novos residentes e de modernização da cidade. O evento foi acompanhado da abertura dos portos às nações amigas, destacadamente a Inglaterra em um primeiro momento, seguida da França e outras nações europeias. Isso significou a entrada de novos produtos e materiais advindos da Revolução Industrial, cujos países promotores buscavam expandir seus mercados consumidores.¹⁵ A ampliação das relações comerciais e a presença da aristocracia portuguesa se traduziram ainda em um maior trânsito cultural entre a América Portuguesa e a Europa, seja pela transferência de tecnologia e de indústrias, seja pela maior circulação de modelos artísticos.

Tais agentes e eventos concentrados no Rio de Janeiro concorreram para uma apropriação mais direta das novidades de ultramar e participaram do quadro geral de desdobramentos ocorridos ao longo de todo o século XIX. A urbe carioca é comumente apontada como um importante foco de irradiação cultural.¹⁶ No entanto, sua efetiva influência na Colônia e depois Império do Brasil é objeto de discussão, considerando-se fatores como a escala geográfica continental e a precariedade das rotas tanto terrestres quanto marítimas. Sendo assim, as referências emanadas do porto carioca e de outros grandes centros urbanos do litoral teriam sofrido filtragens e adaptações de acordo com nuances regionais específicas. Nesse sentido, o casario do Rio de Janeiro foi tomado como baliza das transformações em curso, para comparação com o quadro são-joanense.

¹³ Para uma abordagem da ação do SPHAN em São João del-Rei, ver PEREIRA, Honório N. *Permanências e transformações nas cidades-monumento: teatro social e jogos de poder* (São João del-Rei, 1937-1967). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. O termo ‘colonial’ se refere, para além da delimitação política entre os anos de 1500 e 1822, a uma suposta tipologia arquitetônica. Ao longo do presente trabalho faremos algumas abordagens do seu uso, com destaque para as atribuições feitas pelos órgãos de defesa do patrimônio; ver, a respeito, MOTTA, Lia. A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 22, 1987, p. 108-122.

¹⁴ Denomina-se Missão Francesa a contratação, pela Corte, de um grupo de artistas franceses com vistas à instalação de uma Academia. Ver TAUNAY, Afonso de E. *A missão artística de 1816*. Brasília: UnB, 1983.

¹⁵ Ver RAMALHO, Maria L. P. *Da Beaux-Arts ao Bungalow: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989, p. 69-70; LEMOS (1979), *op. cit.*, p. 103; SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981, p. 71.

¹⁶ LEMOS (1979), *op. cit.*, p. 103.

A arquitetura apresentou variações tanto no aspecto espacial, de acordo com a matiz cultural e ambiental de cada localidade ou região do extenso território brasileiro, quanto no aspecto cronológico, segundo os acontecimentos históricos e transformações ocorridos ao longo do tempo. O impacto desses acontecimentos na arquitetura ordinária não seria tão imediato, levando décadas no Oitocentos adentro para que os novos elementos, processos produtivos e padrões culturais paulatinamente se fizessem expressar no casario.¹⁷

Destacam-se na região Sudeste os contextos paulista e mineiro, ambos caracterizados por culturas autóctones peculiares e situados em terras altas, com difícil acesso ao litoral.¹⁸ Suas situações interiorizadas no território implicariam um certo descompasso temporal na apropriação da cultura arquitetônica em difusão.¹⁹ Mesmo assim, a penetração de estilemas e modelos formais e espaciais, ainda que limitada, é considerada fator fundamental para as transformações ocorridas.²⁰ Em São Paulo, o Ecletismo teria se adaptado às condições locais e se miscigenado com a arquitetura popular paulistana.²¹

No caso de Minas, podemos ponderar um maior afastamento dos grandes centros urbanos com a escassez do ouro, mas jamais um isolamento. As conexões viárias e comerciais com o Rio de Janeiro, ainda que precárias desde um certo ponto de vista, sugerem um considerável intercâmbio cultural com o porto capital.²² Haveria uma significativa penetração de modelos formais desde o século XVIII e, na centúria seguinte, uma coexistência de estilemas coloniais e neoclássicos.²³ Em todo caso, presume-se uma significativa inércia da tradição, seja pela condição geográfica interiorizada, pela nostalgia barroca dos tempos do ouro e, ainda, pela decadência econômica no caso dos núcleos urbanos mais dependentes da produção aurífera.²⁴

¹⁷ Um exemplo representativo de inércia das novidades arquitetônicas pode ser exemplificado na permanência do uso das rótulas após as proibições promulgadas a partir do ano de 1809 na cidade do Rio de Janeiro. Ver MARINS, Paulo C. G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

¹⁸ A comparação entre São João del-Rei e São Paulo deve ser matizada, pois a antiga capital paulista sempre manteve uma posição proeminente em seu contexto regional. Os dois núcleos urbanos apresentavam uma população equivalente por volta do ano de 1822 (cerca de cinco mil habitantes para o caso mineiro e sete mil para o paulista), mas a diferença se acentuou na medida em que o século XIX avançava (quase 11 mil são-joanenses no ano de 1872 em contraste com 19 mil paulistanos em 1867). Em todo caso, suspeitamos haver uma insistência excessiva na historiografia arquitetônica sobre a pobreza de São Paulo até a primeira metade do século XIX, fenômeno quicá motivado pela comparação com os grandes centros do litoral. Isso talvez explique, em parte, a carência de estudos mais demorados sobre o casario paulistano. Acreditamos que tal perspectiva deva ser reconsiderada, a começar pela consulta ao trabalho de Maria Araújo. Ver ARAÚJO, Maria L. V. *Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006; GRAÇA FILHO, Afonso de A. O comércio e a cidade mineira Oitocentista de São João del-Rei. In: LIBBY, Douglas C. (org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010, p. 140. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cem/Livro.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015; e REIS FILHO, Nestor G. (coord.). *São Paulo: vila cidade metrópole*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004, p. 116.

¹⁹ LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989a, p. 29; REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 107.

²⁰ SALGUEIRO, Heliana A. O Ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 108; LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 29, 103.

²¹ LEMOS, Carlos A. C. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 94; RAMALHO (1989), *op. cit.*, p. 250.

²² LENHARO (1979), *op. cit.*; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*

²³ SALGUEIRO (1987), *op. cit.*, p. 108.

²⁴ Nesse sentido, Sylvio de Vasconcellos nota em Vila Rica a demora na apropriação de soluções já consagradas no além-mar e nos grandes centros urbanos do litoral, e uma persistência barroca nas composições neoclássicas. Ver VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 64, 194-195.

No Rio de Janeiro, já se chamou a atenção para a chegada de artistas franceses e para a fundação da Academia de Belas Artes. Tais eventos são mencionados e considerados com uma enorme frequência na historiografia arquitetônica. No entanto, a efetiva apropriação de seus preceitos pela cultura brasileira é tema de constante discussão. O grupo representado pela Missão Francesa teria passado por dificuldades políticas e financeiras nas relações com a Corte portuguesa. Uma disputa interna na Academia frente ao grupo de profissionais locais teria limitado a ação dos franceses. A querela entre as duas alas só se amainaria em meados do século XIX, quando o Neoclassicismo se tornaria o estilo do Império e começaria a se difundir mais amplamente na arquitetura civil. Destaca-se nesse contexto Grandjean de Montigny (1776-1850), principal arquiteto da Academia. Tanto as poucas obras construídas de sua autoria como sua atuação docente seriam duramente criticadas pela falta de pragmatismo e pelo estilo elitista e idealista.²⁵

São comuns as vozes que indicam a permanência de características coloniais nas primeiras décadas do século XIX.²⁶ Um classicismo já estaria inclusive impregnado na América Portuguesa desde os seus primórdios, por apropriação de motivos divulgados a partir do Renascimento. Já no século XVIII, havia edificações que atestavam a penetração de modelos formais associados ao academismo neoclássico.²⁷ Nesse âmbito, é bastante sugestiva a ideia, observada no caso de São Paulo, de uma mescla entre as regras de composição da Academia e a tipologia pombalina praticada entre os engenheiros militares.²⁸ Sendo assim, a suposta transplantação direta de modelos artísticos franceses no Rio de Janeiro não teria eco puro e imediato em terras brasileiras, havendo passado por uma filtragem da cultura existente.

Entendemos, pois, que a efetiva repercussão da cultura europeia e principalmente francesa na América Portuguesa oitocentista deva ser matizada, especialmente no que respeita à primeira metade do século XIX. Cabe considerar inclusive outros agentes de origem diversa, como a inglesa e a italiana, que em todo caso não teriam subordinado a arquitetura brasileira.²⁹ Os egressos da Academia estariam se apropriando não só de preceitos do neoclássico francês mas também da obra de tratadistas como o influente Vignola.³⁰ Manuais inspirados nesse tratado italiano foram editados em Portugal e teriam sido empregados na Colônia por engenheiros militares desde o século XVI. Tal tipo de material de consulta estaria generalizado entre pedreiros e construtores portugueses no Oitocentos e o trânsito ultramarino só viria a diminuir por volta de 1880, ano da primeira edição do “Vinhola brasileiro”.³¹ Enquanto isso, a produção arquitetônica mais nobre em cidades como a de São Paulo apresentava estilos variados e seria fortemente motivada pela publicação de Cesar Daly editadas em 1870.³² Sendo assim, presume-se uma

²⁵ RAMALHO (1989), *op. cit.*, p. 77-89. Para uma lista de projetos e obras construídas de Montigny, ver PINHEIRO, Maria L. B. Notas para a periodização da arquitetura eclética carioca. *Sinopses*, São Paulo, n. 17, jun. 1992, p. 21.

²⁶ Ver LIMA, Roberto P. T. *Modelos portugueses e arquitetura brasileira*. Campinas: [s.n.], 2001, p. 63; RAMALHO (1989), *op. cit.*, p. 70; SAIA, Luís. *Morada paulista*. Perspectiva: São Paulo, 2005, p. 191-192.

²⁷ Ver LIMA (2001), *op. cit.*, p. 63; SALGUEIRO (1987), *op. cit.*, p. 108; SOUSA, Alberto. *Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame*. São Paulo: Pini, 1994, p. 38.

²⁸ LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 29.

²⁹ SOUSA (1994), *op. cit.*, p. 60-69.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 43-49.

³¹ LIMA (2001), *op. cit.*, p. 116-118.

³² LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 133. O autor se refere à obra de Daly intitulada *D'Architecture Privée au XIX Siècle*, composta de nove volumes ricamente ilustrados.

maior circulação de informações e modelos e a consequente acentuação do trânsito cultural estrangeiro a partir do último quartel do Oitocentos.

Se essa questão é levantada para o quadro geral da arquitetura Imperial, supõe-se uma resistência ainda maior para a circulação de referências entre o casario mais ordinário, ainda mais se consideramos o interior das Minas. Levanta-se então a pergunta sobre as formas e substratos de circulação dos possíveis modelos e informações. Parece razoável aceitar a transmissão da cultura arquitetônica por meio da tradição e da memória, ou seja, “de ouvido”.³³ Mas possivelmente existiria material impresso – manuais, livros, gravuras avulsas – em trânsito, provavelmente em maior difusão na medida em que transcorria o século XIX.³⁴ Esse tema merece uma atenção à parte e continuamos a aguardar futuras pesquisas que o abordem devidamente. O mesmo pode ser considerado em relação a tópicos como os relativos à mão de obra, à autoria e à existência de riscos em torno da construção do casario.³⁵

Apesar das ressalvas apresentadas em relação ao contexto acadêmico e institucional da arquitetura coetânea, cabe reconhecer a ressonância de diferentes matrizes culturais a partir do início do século XIX. Supõe-se que os ecos dos preceitos europeus marcados pelo Neoclassicismo deixariam paulatinamente suas marcas na produção arquitetônica brasileira. Cabe lembrar que muitos dos profissionais da época frequentaram a Academia de Belas Artes e, inclusive, foram alunos de Montigny.³⁶ Apesar da carência de dados, importa mencionar a presença de um bom número de ingleses, franceses, holandeses, alemães e italianos atuando nos negócios de comércio e artesanato na capital carioca da primeira metade do Oitocentos.³⁷ São Paulo também contou com um importante contingente de trabalhadores alemães participando da construção da cidade e, inclusive, do projeto de edificações na mesma época.³⁸

³³ O termo “de ouvido” é comumente usado por Carlos Lemos. Ver, por exemplo, LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 108.

³⁴ Em pesquisa ao acervo da Biblioteca de Obras Raras que se encontra sob a guarda da Universidade Federal de São João del-Rei e que outrora fazia parte da ‘livraria pública’ inaugurada por Baptista Caetano d’Almeida no ano de 1827 na mesma Vila e depois Cidade de São João del-Rei, localizamos obras tais como QUINCY, Quatremere. *Encyclopédie méthodique: architecture*, tome seconde. Paris: Chez Mme. veuve Agasse, 1801-1820; SALINS, Jacques M. G. *Manuel des ordres d’architecture...* Paris: A la Librairie Architecturale, 1845; e RENIER, León (dir.). *Encyclopédie moderne: dictionnaire abrégé des sciences, des lettres, des arts, de l’industrie, de l’agriculture et du commerce*. Paris: Firmin Didot Frères Éditeurs, 1846-1851. Chama-se a atenção para a referência, no caso do volume de Renier, a várias pranchas, provavelmente ilustradas, com temas tais como ordens clássicas, mouriscas, góticas e renascentistas, templos romanos e, ainda, casas de locação. Infelizmente, o tomo correspondente não foi localizado na biblioteca. Não é possível afirmar que o material tivesse ampla circulação entre os construtores locais, mas a sua presença é bastante sugestiva nesse sentido.

³⁵ Não conhecemos trabalhos que tratem das questões de mão de obra, autoria e existência de riscos na produção específica do casario oitocentista, salvo trechos de estudos como os de Eudes Campos e Roberto Lima. Para uma abordagem com base na arquitetura mais geral do período colonial, ver artigo de Beatriz Bueno. CAMPOS, Eudes. *Arquitetura paulistana sob o Império*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997; LIMA (2001), *op. cit.*; BUENO, Beatriz P. S. Sistema de produção da arquitetura na cidade colonial brasileira: mestres de ofício, “riscos” e “traças”. *Anais do Museu Paulista*. 2012, vol. 20, n. 1, p. 321-361. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142012000100011&lng=en&nrm=iso>. Consulta em: 22 jan. 2016.

³⁶ ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao Neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a, p. 32.

³⁷ ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. *Reflexos das luzes na terra do sol: sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência, 1808-1831*. São Paulo: ProEditores, 2000b, p. 292; FREYRE, Gilberto. Introdução a ‘Casas de residência no Brasil, de L. L. Vauthier’. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 67.

³⁸ BALDIN, Adriane F. A. *A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, especialmente p. 5, 12-13, 130-131.

Entretanto, levanta-se a hipótese de que referências significativas tenham permanecido mediadas pela cultura portuguesa até um avançado século XIX. As academias instaladas no Rio de Janeiro teriam sido incapazes de mudar imediata e significativamente a cultura brasileira dos tempos coloniais. O conflito interno dentro da Academia de Belas Artes e a escassez de arquitetos trabalhando na capital carioca sugerem a falta de atuação efetiva desses profissionais.³⁹ Os engenheiros militares de tradição lusa, por sua vez, seguiam contando com enorme prestígio nas obras oficiais.⁴⁰

A atuação portuguesa na América colonial é historicamente inquestionável. Pesem as adaptações e transformações sofridas na construção civil, tanto os modelos circulantes como a descendência cultural expressa pela presença de população e de profissionais lusos figuram como marco importante até o século XVIII.

A segunda metade do Setecentos não só antecede de perto os eventos do início do século XIX como representa a época que inaugura o ecletismo na Europa.⁴¹ Enfatizam-se ainda, nesse âmbito, as novidades introduzidas a partir do terremoto de Lisboa no ano de 1755 e da administração do Marquês de Pombal.⁴² Autores como Lemos consideram a arquitetura pombalina classicizante como sendo uma das mais importantes referências até a primeira metade do século XIX no Brasil.⁴³

Dados políticos e demográficos contribuem para ilustrar a permanência do contingente português no Brasil. A ala política de origem ou descendência portuguesa se manteve no poder governamental após a Independência no ano de 1822, apesar da resistência apresentada pelos brasileiros. A população, por sua vez, manteve-se isenta de impactos substanciais de imigração não portuguesa até o terceiro quartel do Oitocentos, permanecendo até então uma grande circulação de pessoas entre os dois países.⁴⁴ Ainda na década de 1860 existiam arquitetos de origem portuguesa trabalhando tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo.⁴⁵

A permanência da cultura arquitetônica de origem lusa fica quicá mais evidente na produção civil corriqueira, não oficial. Esta, até o final do século XIX, fora dominada pelos construtores, mestres de obra e pedreiros, não por engenheiros ou arquitetos.⁴⁶ A maior parte das edificações do cotidiano ainda seria feita

³⁹ RAMALHO (1989), *op. cit.*, p. 70.

⁴⁰ SOUSA (1994), *op. cit.*, p. 114-115; ROCHA-PEIXOTO (2000a), *op. cit.*, p. 32.

⁴¹ Para a história do ecletismo na Europa, ver PATETTA, Luciano. *L'architettura dell'Eclettismo: fonti, teorie, modelli 1750-1900*. Milano: Gabriele Mazzotta, 1975.

⁴² O período pombalino, compreendido entre os anos de 1750 e 1777, refere-se ao período em que o Marquês de Pombal exerceu o cargo de primeiro-ministro português sob o reinado de D. José I, com significativa repercussão no período colonial do Brasil. Para a arquitetura e urbanismo do período, ver FRANÇA, José A. *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura Pombalina*. Lisboa: Bertrand, 1981.

⁴³ LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 29.

⁴⁴ LIMA (2001), *op. cit.*, p. 59, 61. Para um perfil da imigração e dos imigrantes portugueses no Oitocentos, com destaque para a segunda metade da centúria, ver AGUIAR, Maria P. B. T. P. *Casas de brasileiros no norte de Portugal: do Porto à ruralidade (1850-1930)*. Tesis (doctoral) - Departamento de Historia del Arte, Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2009.

⁴⁵ LEMOS (1987), *op. cit.*, p. 77-78.

⁴⁶ RAMALHO (1989), *op. cit.*, p. 89, 259, 261.

por trabalhadores de herança portuguesa.⁴⁷ Pode-se deduzir, então, que aqueles profissionais práticos sem maiores níveis de instrução formal, responsáveis pela construção civil ordinária, estariam seguindo uma tendência herdada da tradição lusa.

As relações entre a arquitetura portuguesa e brasileira no século XIX podem ser observadas ainda a partir da influência da legislação nos projetos de núcleos urbanos. Os modelos lusitanos em circulação, ainda no século XVIII, teriam orientado os códigos de posturas das cidades brasileiras, com clara repercussão no agenciamento urbano e arquitetônico na centúria seguinte. O trabalho iconográfico apresentado por Roberto Lima, baseado tanto em documentos de época como em fotografias realizadas a partir de amplo trabalho de campo em ambos os países, deixa bastante clara a relação entre as arquiteturas portuguesa e brasileira ao longo do Oitocentos.⁴⁸

No caso do interior das Minas Gerais, intui-se uma situação mais acentuadamente calcada na tradição lusa, dados fatores como o forte controle político-administrativo ao longo do século XVIII e a tardia afluência de contingentes estrangeiros não portugueses, arribados somente nas últimas décadas do século XIX juntamente com a ferrovia. Ana Santos menciona a presença de artesãos provenientes do Minho na região, dando indícios claros de relação arquitetônica entre as casas mineiras e aquelas da região do Porto e de Braga. No geral, haveria um consenso sobre a predominância das tipologias do norte do país português na filiação da arquitetura brasileira, aspecto corroborado pelos fluxos migratórios do Douro e do Minho.⁴⁹ Nesse sentido, Sylvia Brügger destaca a chegada de um número considerável de imigrantes na localidade de São João del-Rei, especialmente daqueles provenientes das áreas polarizadas pelas mesmas cidades do Porto e de Braga.⁵⁰ Com razão, percebe-se uma semelhança de traçado urbano, arruamento e regime de tratamento de fachadas – regularidade e forma de vãos, detalhes, pinturas caiadas, beirais em beira-seveira e em cimalha – entre o caso são-joanense e a arquitetura tanto tradicional quanto oitocentista das cidades e povoações portuguesas no geral e do norte de Portugal, em particular.⁵¹

Tomemos alguns dos principais trabalhos que abordam a arquitetura civil do século XIX para melhor identificar a lacuna temporal que motivou a pesquisa. Ao tratar de São João del-Rei, Sérgio Lima considera que o período colonial se estende até meados do século XIX, alegando a tardia manifestação “dos efeitos neoclassizantes na produção arquitetônica da Missão Francesa”. Mais adiante, reforça sua tese ao afirmar que “durante um espaço de tempo de trinta anos, entre 1850 e 1881, inexistem registros de mudanças de rumo na tipologia da arquitetura”. Ao asseverar que “a primeira metade do século XIX ainda

⁴⁷ FREYRE, *op. cit.*, p. 12-13; LEMOS (1987), *op. cit.*, p. 94; RIBEIRO, Nelson P. Atores da construção civil na província do Espírito Santo do século XIX. In: PESSOTTI, Luciene; RIBEIRO, Nelson P. (org.). *A construção da cidade portuguesa na América*. Rio de Janeiro: PoD, 2011, p. 147; PINHEIRO (1992), *op. cit.*, p. 14.

⁴⁸ LIMA (2001), *op. cit.*, p. 59-62. Para uma panorama da arquitetura tradicional portuguesa ver SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: SNA, 1961; CALDAS, João V. (coord.). *Arquitectura popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.

⁴⁹ SANTOS, Ana L. V. *A casa carioca: estudo sobre as formas de morar no Rio de Janeiro (1750-1850)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005, p. 28-29,74; AGUIAR (2009), *op. cit.*, p. 64-65.

⁵⁰ BRÜGGER, Sylvia M. J. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João del-Rei - séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.

⁵¹ Ver, entre outros: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), *op. cit.*; OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando. *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

era essencialmente barroca rococó”, e que “nas províncias onde não havia a capacidade de importação ocorreu o arremedo do neoclássico”, o autor assume um salto do colonial para o eclético.⁵²

Tais afirmações devem ser contrastadas com a produção arquitetônica na cidade de São João del-Rei. Se observamos alguns dos principais edifícios institucionais construídos até meados do século XIX – tais como o Cemitério do Carmo, a Casa de Câmara e Cadeia e a reconstrução da Igreja das Mercês – perceberemos claramente a apropriação da linguagem neoclássica. Considerando a situação geográfica e econômica do núcleo urbano em relação ao Rio de Janeiro, podemos aceitar um certo descompasso devido aos difíceis caminhos da época, mas não um arremedo do neoclássico e muito menos uma continuidade indiscriminada do barroco-rococó.

O momento situado entre as noções de colonial e de eclético é também abordado, ainda que de forma tangencial, por Sylvio de Vasconcellos. Sem precisar muito bem as datas, o autor restringe as referências oitocentistas a adaptações, motivos decorativos e detalhes arquitetônicos, assumindo a raridade – não a ausência – de inovações e alterações profundas na arquitetura. Quando menciona o uso do tijolo, as estruturas de ferro fundido e os alpendres laterais, parece referir-se já à arquitetura do final do século XIX. A problemática em discussão se reafirma com a falta de melhor definição temporal e respectiva caracterização arquitetônica do período.⁵³

Entretanto, Vasconcellos expõe ideias de suma importância em outro de seus textos, dedicado à arquitetura civil de Minas Gerais. Ao delimitar fases, situa a primeira metade do Oitocentos como época em que as edificações incorporaram paulatino e suavemente tendências decorativas, em contraste com a arquitetura “econômica e utilitária” precedente. Apesar desse tipo de diferenciação, o autor chama a atenção para o entrosamento dos períodos históricos e para a ausência de limites fortes causada pela transição. Nesse sentido, as referências cronológicas “são sempre vagas e apenas esboçadas”.⁵⁴

Na produção bibliográfica mais ampla no âmbito da arquitetura brasileira, Nestor Reis Filho discorre mais detidamente sobre o Oitocentos em seus ensaios compilados em *Quadro da Arquitetura Brasileira*. O prolongamento do colonial até as duas primeiras décadas do século XIX é devido às tênues mudanças verificadas na arquitetura. O autor ensaia estender tal ideia para até a metade da centúria, apoiando-se na permanência das condições de vida econômico-sociais do período colonial, marcadas pelo trabalho escravo e pela agricultura de exportação.⁵⁵

Reis Filho, porém, assume a importância do neoclássico trazido pela Missão Francesa via Rio de Janeiro e, inclusive, do processo de Independência do Brasil. Nesse momento histórico, identifica uma

⁵² LIMA, Sérgio J. F. S. *Arquitetura São-Joanense do século XVIII ao XX. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. VIII, 1995, p. 47-63. Ver especialmente p. 52, 57 e 58.

⁵³ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 58, 195, 199, 200. Para uma crítica à lacuna sugerida por Vasconcellos, ver SALGUEIRO (1987), *op. cit.*, p. 108, nota 138. A lacuna do século XIX também é reconhecida no estudo da arquitetura rural do sul de Minas; ver CRUZ, Cícero F. *Fazendas do sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010, p. 123. Nesse sentido, Lemos comenta a inspiração das moradas rurais em soluções encontradas nas casas urbanas; ver LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 189. Tal postura contrasta com a de Luís Saia, quem vê um intercâmbio de influências entre as duas categorias; ver SAIA (2005), *op. cit.*, p. 212.

⁵⁴ VASCONCELLOS, Sylvio. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais. *Topos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jul.-dez. 1999, p. 153. Esse texto foi primeiramente publicado em quatro partes na revista *Arquitetura e Engenharia* entre os anos de 1946 e 1947.

⁵⁵ REIS FILHO (1970), *op. cit.* Ver especialmente p. 34-36, 38, 114, 140.

alteração das formas de habitar e dos velhos hábitos patriarcais, que, principalmente no contexto da arquitetura oficial e burguesa, correspondiam ao aperfeiçoamento das formas de construir, a “transformações de importância no plano formal”, e até mesmo a “um novo modo de organização dos espaços interiores”.⁵⁶

Em todo caso, Reis Filho oscila entre apropriações sutis e marcantes no período que compreende a chegada da Missão Francesa até meados do século XIX, momento no qual estabelece um corte temporal. É precisamente com a aproximação do fim do sistema escravocrata – com a supressão legal do tráfico transatlântico em 1850 até a abolição definitiva em 1888 – e a industrialização incipiente que se definem as primeiras manifestações do Ecletismo. As modificações arquitetônicas são aqui melhor caracterizadas, mas deixou-se para trás uma sutil lacuna em torno do segundo quartel do século XIX.

Outra referência à arquitetura oitocentista encontra-se no trabalho de Carlos Lemos dedicado à história da casa brasileira. O autor associa a presença da Corte portuguesa com a introdução de novos hábitos e de novidades decorrentes da Revolução Industrial que se manifestaram na arquitetura através de novos programas de necessidades, técnicas, elementos e materiais de construção. Ao analisar a irradiação de referências desde o Rio de Janeiro, delimita a metade do século XIX como o momento a partir do qual houve uma tendência à homogeneização arquitetônica, dadas as maiores facilidades de comunicação por mar e por estradas de ferro.⁵⁷ Em outro de seus trabalhos, o autor reconhece uma lacuna existente entre o barroco mineiro – e as supostas apropriações da Missão Francesa que o seguem – e o século XX.⁵⁸

Os movimentos da historiografia se comportam em duas direções, ora simplificando ou passando por alto, ora dando continuidade e superpondo períodos temporais. De um lado, há um prolongamento do colonial até meados do século XIX, o que pode ser entendido nas sutis diferenças em relação à arquitetura Setecentista. Nesse caso, as modificações são vistas comumente como atípicas ou em nível de detalhes superficiais. De outro lado, lê-se o gérmen do eclético nas transformações culturais e tecnológicas introduzidas no âmbito do estilo neoclássico ou do período Imperial.⁵⁹ Em todo caso, identifica-se uma lacuna situada em torno do segundo quartel do Oitocentos.⁶⁰

A essa lacuna é comumente associado um aspecto de transição. Há quem situe todo o século XIX na passagem entre uma época colonial rústica e a modernidade do século XX.⁶¹ Também o segundo quartel do Oitocentos é mencionado como um período mais intenso de experimentações e mudanças na esfera do conturbado momento político-administrativo pelo qual passava o Império brasileiro.⁶² Entretanto, é na

⁵⁶ REIS FILHO (1970), *op. cit.* Ver especialmente páginas 117-119, 136-144.

⁵⁷ LEMOS, Carlos A. C. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989b, p. 44-47.

⁵⁸ LEMOS (1989b), *op. cit.*, p. 50.

⁵⁹ Ver, ainda, LEMOS (1987), *op. cit.*, p. 70; e BRENNA, Giovanna R. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX). In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 30-32.

⁶⁰ Não pudemos nos aprofundar no estudo da historiografia da arquitetura em Portugal. No entanto, encontramos indícios de existência da mesma lacuna em torno do segundo quartel do século XIX, quando Paulo Pereira divide o período do *revival* português em fases. Ver PEREIRA, Paulo. O revivalismo: a arquitetura do desejo. In: _____ (dir.). *História da arte portuguesa*. Lisboa: Temas de Debates, 1995, v. 3, p. 353-365.

⁶¹ GAIO SOBRINHO, Antônio. *Santos negros estrangeiros*. São João del-Rei: Ed. do autor, 1997, p. 129.

⁶² VELLASCO, Ivan A. *As sedução da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça – Minas Gerais, século 19*. Bauru/São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2004, p. 23.

caracterização estilística da arquitetura que se observa com maior definição formal o trânsito entre o barroco – rococó, colonial – e uma nova tendência classicizante ou neoclássica motivada pelo Ecletismo em voga.⁶³ Segundo Lemos, essa época transitiva, em que a arquitetura “vai largando aos poucos os velhos hábitos e se apegando com certo receio à nova moda”, merece estudo mais acurado.⁶⁴ Cabe lembrar, nas palavras de Mário Barata, que “as faixas de transição de um período com determinada predominância estilística, para outro período, não são estritamente limitadas no tempo e compartimentadas com exclusividades formais ou de conteúdo”.⁶⁵ Em todo caso, a suposta transição pode ser estendida no tempo, em consideração às matizes regionais e à inércia apresentadas em áreas mais continentais do território brasileiro.

A problemática que pretendemos identificar no recorte temporal se reafirma ao considerarmos os diferentes tipos de edificações. Nesse sentido, a arquitetura civil se apresenta como uma outra lacuna presente na historiografia que tange ao período abordado. Isso é devido, em parte, às dificuldades apresentadas pela escassez de construções remanescentes e de informações disponíveis em fontes primárias. Houve demolições e numerosas reformas ao longo do tempo. Além disso, o casario passou por um menor registro justamente por seu caráter predominantemente privado, ao contrário do que aconteceu com as edificações oficiais e institucionais, que geralmente eram auspiciadas por órgãos governamentais e ordens religiosas.⁶⁶

De fato, há, no âmbito de São João del-Rei, escassa pesquisa arquitetônica realizada com base em fontes primárias, as quais se concentram basicamente em construções públicas e institucionais.⁶⁷ Mais comuns são as pesquisas realizadas empiricamente ou com o uso predominante de fontes secundárias.⁶⁸ Tais procedimentos resultam num acúmulo de informação, a nosso ver, pouco criteriosa sobre a arquitetura civil, na medida em que se baseiam comumente em aparências superficiais ou em bibliografia gerada em outros contextos brasileiros. A situação torna-se especialmente crítica no período em questão, dadas a sua lacuna historiográfica e sua suposta característica transitória.

⁶³ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 192; TELLES, Augusto C. S. Vassouras – estudo da construção residencial urbana. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 205; REIS FILHO, Nestor G. Notas sobre o urbanismo barroco no Brasil. In: ÁVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 232. Estamos compreendendo o Neoclassicismo como uma das tendências dentro do Ecletismo que, segundo Luciano Patetta, desenvolveu-se entre os anos de 1750 e 1900. Entretanto, Joseph Rykwert remonta ao século XVII para situar a crise do sistema clássico. Para efeitos de nossa pesquisa no âmbito da América portuguesa, importa fazer uma distinção entre dois classicismos: o primeiro, relacionado aos motivos de origem renascentista e maneirista que se empregavam a partir dos primeiros tempos da Colônia, e o segundo, mais relacionado aos novos preceitos neoclassicistas que se introduziram mormente a partir do início do século XIX. Sendo assim, sempre que mencionarmos o termo ‘classicista’, devemos ter em mente as sutis diferenças entre um classicismo mais barroco e associado ao século XVIII ou período Colonial, em contraste com outro classicismo mais próximo ao léxico neoclássico do século XIX ou período Imperial. Para uma aproximação mais geral da arquitetura eclética ou neoclássica, ver PATETTA (1975), *op. cit.*; RYKWERT, Joseph. *Los primeros modernos: los arquitectos del siglo XVIII*. Barcelona: Gustavo Gili, 1982; BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. [Introdução]. São Paulo: Perspectiva, 2009; e MIGNOT, Claude. *Architecture of the 19th Century*. Köln: Benedikt Taschen, 1994.

⁶⁴ LEMOS (1989b), *op. cit.*, p. 31-32.

⁶⁵ BARATA, Mário. Século XIX, transição e início do século XX. In: ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil*, v. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983, p. 379.

⁶⁶ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 359.

⁶⁷ Ver MALDOS, Roberto. *Formação urbana da cidade de São João del-Rei* (Manuscrito). São João del-Rei, s/d.; e MOURÃO, Francisco. *Tradições de S. João d’El-Rei*. São João d’El-Rei: Typographia Commercial, 1924.

⁶⁸ Ver, por exemplo, FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Circuito do ouro - Campo das Vertentes: atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais*. v. 2. Belo Horizonte, 1981; LIMA (1995), *op. cit.*; e SÃO JOÃO DEL-REI. *Guia de bens edificados de São João del-Rei: projeto Conhecer para Preservar 2008/2010*. São João del-Rei: Secretaria de Cultura e Turismo, 2010.

Aliada à dificuldade concernente às fontes de pesquisa empírica e documental, a lacuna no casario se apresenta também em termos de carência de trabalhos acadêmicos publicados. No período que nos tange, Reis Filho assume, além da dificuldade em se estabelecerem datas precisas de edificações, a ausência de bibliografia ampla sobre a arquitetura urbana.⁶⁹ Em outro de seus trabalhos, afirma que as obras menos monumentais nem sempre foram consideradas dignas de estudos e preservação.⁷⁰ Também Lemos encontra uma dificuldade geral em se estudar a morada brasileira do século XIX, dada a falta de informação sobre como os edifícios de então foram fruídos e usufruídos.⁷¹ Finalmente, José W. Rodrigues aponta a ênfase dada à arquitetura religiosa, em detrimento do estudo da construção civil e da casa residencial.⁷²

Com efeito, encontramos uma concentração, por um lado, em estudos sobre a arquitetura institucional e, por outro lado, em estudos circunscritos ao período colonial. Pouca atenção tem sido dispendida ao casario urbano do século XIX, salvo alguns importantes trabalhos publicados. No Brasil, destacam-se as cartas sobre a arquitetura do Recife de L. L. Vauthier, os desenhos comentados de José W. Rodrigues, a monografia sobre Vila Rica de Sylvio de Vasconcellos, a abordagem de Vassouras realizada por Augusto Telles, o artigo de Robert Smith sobre a arquitetura colonial brasileira, o trabalho de Carlos Lemos sobre as residências de São Paulo e, finalmente, o estudo comparativo da arquitetura luso-brasileira realizado por Roberto Lima.⁷³ No âmbito de Portugal, merecem menção, entre outros, os levantamentos coordenados pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, a extensão desses para os Açores coordenada por João Caldas, a obra de Ernesto Oliveira e Fernando Galhano dedicada mormente à arquitetura do norte do país e, ainda, o estudo do Bairro Alto de Lisboa empreendido por Helder Carita.⁷⁴

A restrita dedicação acadêmica à arquitetura civil do período de estudo é agravada pela escassez de edificações remanescentes na atualidade. Em São João del-Rei, contudo, há um considerável acervo remanescente tanto de sobrados como de casas térreas coevas. Apesar de persistir o problema da falta de dados mais precisos sobre as datas de construção e sobre as mudanças ocorridas no tempo, o casario do centro antigo da cidade apresenta marcas evidentes de intervenções situadas em pleno século XIX. Apresenta-se, assim, uma oportunidade para se investigar essa arquitetura.

Nesse sentido, a abrangência da presente pesquisa se sintetiza no encontro dos seguintes recortes: a localidade de São João del-Rei, o seu casario e, finalmente, o tempo compreendido entre as primeiras e as últimas décadas do século XIX, próximo à cronologia abarcada pelo Império. Daí o título ‘casario imperial’.

⁶⁹ REIS FILHO (1970), *op. cit.* Ver especialmente p. 17, 34, 114.

⁷⁰ REIS FILHO (1997), *op. cit.*, p. 217.

⁷¹ LEMOS (1989b), *op. cit.*, p. 47.

⁷² RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 2.

⁷³ VAUTHIER, L. L. Casas de residência no Brasil. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 27-94; RODRIGUES (1979), *op. cit.*; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*; TELLES (1975), *op. cit.*; SMITH, Robert C. Arquitetura civil no período colonial. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 95-190; LEMOS (1989a), *op. cit.*; LIMA (2001), *op. cit.*

⁷⁴ SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961) *op. cit.*; CALDAS (2000), *op. cit.*; OLIVEIRA e GALHANO (1994), *op. cit.*; CARITA, Helder. *Bairro Alto: tipologias e modos arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal, 1994.

Note-se que a lacuna em torno do segundo quartel do Oitocentos, identificada na historiografia da arquitetura brasileira mais geral, se amplia para o caso são-joanense. Isso acontece, por um lado, devido ao descompasso das apropriações em Minas e à resistência da tradição local ou regional. Por outro lado, uma perspectiva temporal mais ampla permite situar melhor o período em delimitação. Nesse sentido, pareceu adequado englobar o tempo precedente e posterior, tendo-se como referências, respectivamente, a abertura dos portos em 1808 e a chegada da ferrovia na cidade em 1881.

Uma importante hipótese surge na tentativa de esclarecimento da lacuna historiográfica. Pode ser que o caráter sutil e paulatino das transformações arquitetônicas não tenha propiciado abordagens mais detalhadas. O recorte cronológico se caracteriza por um período de transição em que os elementos coloniais vão dando gradualmente lugar a motivos neoclassicistas ou ecléticos. Em todo caso, a identificação de tipos dificilmente ocorre de forma clara ou pura. Pelo contrário, é mais provável que nos deparemos com estruturas mescladas, híbridas.

Outra hipótese surge na manifestação de aspectos arquitetônicos variando de acordo com matizes regionais. A localidade de São João del-Rei conta não só com um legado arquitetônico remanescente, mas também com uma situação peculiar na história da América portuguesa e das Minas em particular. Tal especificidade geográfica, econômica e cultural estaria repercutindo em uma arquitetura regionalmente diferenciada, que traduz e transforma as referências emanadas tanto do litoral como do além-mar.

Com base na abrangência e nas perguntas que surgem com a pesquisa, define-se o objetivo geral da mesma, que consiste em caracterizar o casario são-joanense nos anos compreendidos entre 1810 e 1880 aproximadamente. Uma atenção especial é dedicada aos processos de transformação dessa arquitetura, com o intuito de investigar as nuances formais e tipológicas e a elas associar noções de cronologia.

Já vimos que os trânsitos da cultura arquitetônica luso-brasileira conectavam estreitamente São João del-Rei com o Sudeste brasileiro e com a principal referência de além-mar representada por Portugal. Tal fato se apresentou como oportunidade para suprir uma importante deficiência da pesquisa sobre o casario tradicional são-joanense, a saber, a escassez de referências formais e cronológicas que contribuíssem para pautar sua transformação. Sendo assim, tornou-se necessário colher subsídios nesses outros contextos.

Outras localidades mineiras pareceram-nos igualmente carentes de maiores registros ou estudos no período que nos tange. Apesar da consideração de alguns importantes trabalhos publicados, não coube um maior aprofundamento nesse âmbito.⁷⁵

Vimos também a estreita conexão estabelecida com a cidade do Rio de Janeiro ao longo dos séculos XVIII e XIX. As referências arquitetônicas e urbanísticas no interior das Minas estiveram atreladas ao porto carioca, que assumiu o papel de porta de entrada, de centralização e de difusão cultural. Sua arquitetura conta com um significativo número de edificações remanescentes e documentadas, as quais

⁷⁵ Destacam-se, nesse contexto, trabalhos como os de Sylvio de Vasconcellos sobre o casario setecentista de Vila Rica e o de Cristiane Gonçalves sobre as ações de preservação no conjunto urbano de Diamantina. Ver VASCONCELLOS (1977), *op. cit.* e GONÇALVES, Cristiane S. *Experimentações em Diamantina: um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado, 1938-1967*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010.

possibilitam examinar com riqueza de detalhes as transformações do casario. Nesse sentido, considerou-se importante o seu estudo para uma melhor aproximação do caso são-joanense.

Destacou-se, ainda, como referência para o estudo do casario urbano, a esfera de São Paulo. Já vimos que a cidade capital se manteve ligada pelo Caminho Velho com Minas e especialmente São João del-Rei, além de ter apresentado uma situação geográfica interiorizada análoga. O contexto paulista conta com registros iconográficos coetâneos e, principalmente, com importantes estudos publicados.

Ainda no Sudeste brasileiro, cabe ressaltar o Vale do Paraíba, conectado tanto com a capital carioca quanto com os territórios paulista e mineiro. São considerados, de acordo com o acesso a publicações, três núcleos urbanos – Vassouras, São Luiz do Paraitinga e Bananal –, os quais tiveram uma intensa atividade arquitetônica no século XIX motivada pela produção do café. A localidade vassourense se sobressaiu pela estreita ligação que manteve com São João del-Rei desde a sua fundação.

Vimos, finalmente, que a América portuguesa no geral e São João del-Rei em particular estiveram em estreito contato com Portugal. Portanto, interessou investigar a matriz arquitetônica portuguesa como antecedente e subsídio para a compreensão do objeto que nos tange. Nesse sentido, foi realizado um estágio de doutorado-sanduíche de seis meses na Universidade de Lisboa, sob orientação do Prof. João Vieira Caldas.

A consideração desses outros contextos foi fundamental para a compreensão do casario são-joanense. O procedimento metodológico geral consistiu, pois, no estudo e registro de edificações significativas de São João del-Rei, acompanhados de comparação sistemática com pares coevos do Rio de Janeiro e de Portugal, além de outras localidades quando pertinente.

A escassez de trabalhos sobre o casario oitocentista luso-brasileiro, no geral, e são-joanense, em particular, levou à consulta de diferentes fontes de informação. A revisão bibliográfica permeou todo o processo da pesquisa. Há poucos trabalhos que abordam o caso de São João del-Rei de forma especializada, sendo praticamente inexistentes estudos demorados sobre sua arquitetura civil.⁷⁶ As fichas de inventário realizadas pela PM-SJDR forneceram dados mais detalhados de edificações, mas nem sempre encontravam-se devidamente referenciadas. Outras publicações, comumente ligadas ao campo da história, contribuíram significativamente com informações sobre a urbanização, a economia, a cultura e, inclusive, sobre a arquitetura são-joanense, sendo, portanto, considerados com frequência em nosso estudo.⁷⁷

Foram consultadas ainda publicações coetâneas, com destaque para os relatos geralmente ligados a agentes oficiais.⁷⁸ Embora não mencionem aspectos formais do casario, abordam o contexto

⁷⁶ Figuram entre os principais trabalhos que abordam o casario de São João del-Rei: DANGELO, André G. D. *et al. Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei – 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014; SÃO JOÃO DEL-REI (2010), *op. cit.*; LIMA (1995), *op. cit.*; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1981), *op. cit.*

⁷⁷ Por exemplo: GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*; BRÜGGER (2007), *op. cit.*; VELLASCO (2004), *op. cit.*; CAMPOS, Maria A. A. *A marcha da civilização: as vilas Oitocentistas de São João del-Rei e São José do Rio das Mortes – 1810-1844*. Dissertação (Mestrado) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, 1998; e VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1959.

⁷⁸ Os principais deles são: MATOS, Raimundo J. C. *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837)*. 2 vol. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981; RODRIGUES, José A. *Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do Municipio da Cidade de S. João del-Rey*. São João del-Rei: Typographia da Gazeta Mineira, 1859; e PIMENTEL, Aureliano P. C. *Apontamentos sobre o municipio de S. João d'El Rei*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1881.

urbano da localidade. Em matéria de fontes impressas, importa mencionar que os periódicos não foram extensamente pesquisados, devido ao limitado tempo disponível e ao potencial de aporte de dados arquitetônicos relativamente restrito. Ainda assim, acessamos dois dos principais jornais publicados em São João del-Rei no período imperial.⁷⁹

Também figuraram como importantes referências as impressões registradas por viajantes estrangeiros que visitaram São João del-Rei durante praticamente todo o século XIX.⁸⁰ Tais relatos de época se mostraram muito ricos para a compreensão da Vila e depois Cidade são-joanense, embora apresentassem poucas informações detalhadas sobre o casario em si. Só foi possível estender essa investigação a outras localidades luso-brasileiras de forma ocasional, dadas as limitações intrínsecas à pesquisa.

Com a escassez de informações sobre o casario de São João del-Rei, tornou-se necessário acessar bibliografia de outros contextos tanto brasileiros como portugueses. Os dados coletados, com destaque para aqueles de tipo formal e cronológico, foram fundamentais para um maior entendimento da produção arquitetônica são-joanense. Nesse ínterim, fez-se ainda necessário familiarizar-se com o vocabulário da época, incluindo elementos e sistemas construtivos.⁸¹

Paralelamente às primeiras incursões bibliográficas, foi realizado o reconhecimento empírico do conjunto urbano e arquitetônico de São João del-Rei, com base em trajetos de observação e de registro fotográfico. Teve-se como referência o tecido viário correspondente ao recorte cronológico da pesquisa. Tal atividade foi acompanhada da montagem de um banco de dados organizado segundo logradouros. A formação da amostra passava por constantes modificações à medida que melhor se identificava o casario. Apesar de uma ampla inclusão inicial, deu-se preferência para edificações que, em sua predominância de aparência e elementos constitutivos, guardavam uma relação evidente com o período pesquisado. A amostra somou cerca de 80 exemplares arquitetônicos distribuídos em diferentes logradouros da cidade. Devido ao legado tradicional expresso na leitura do casario imperial, também foram consideradas e levantadas edificações com tipologias remontadas ao século XVIII.

O estudo do casario se limitou ao seu aspecto exterior, com ênfase para as fachadas apreciadas desde as ruas e outros logradouros urbanos. Esse recorte tornou-se necessário devido principalmente à complexidade das obras arquitetônicas, em contraste com o tempo disponível para a elaboração de toda a pesquisa doutoral. Importa ressaltar que consideramos fundamental nos esforços de investigação e preservação da arquitetura tradicional a abordagem das obras em toda a sua intrincada constituição, incluindo temas como os relativos aos sistemas construtivos, ao interior das construções e à inserção no espaço urbano. Nesse sentido, outra limitação foi definida em torno dos aspectos formais e tipológicos,

⁷⁹ Trata-se de *O Astro de Minas*, publicado entre os anos de 1827 e 1839, e *O Arauto de Minas*, publicado entre 1877 e 1883. Para uma relação de periódicos publicados no século XIX em São João del-Rei, ver VIEGAS (1959), *op. cit.*, p. 77-78.

⁸⁰ Para uma lista de viajantes estrangeiros que passaram por São João del-Rei no século XIX, ver GAIO SOBRINHO (1997), *op. cit.*, p. 132-146.

⁸¹ Para o vocabulário arquitetônico e sistemas construtivos tradicionais da arquitetura brasileira, ver, entre outros: ÁVILA, Affonso *et al.* *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. São Paulo: Melhoramentos, 1980; CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972; VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UMG, 1958.

deixando-se em segundo plano temas de suma relevância tais como aqueles referentes às implicações socioculturais, aos habitantes, à mão de obra construtora, aos modelos de referência, entre tantos outros. Cabe finalmente destacar o enfoque qualitativo na apreciação exterior do casario, sendo deixados para futuros trabalhos de investigação os importantes detalhes quantitativos, referentes, por exemplo, à medição e ao levantamento planimétrico.⁸²

Um procedimento empírico e fotográfico semelhante também foi levado a cabo, ainda que de forma menos abrangente, tanto na cidade do Rio de Janeiro como em diferentes localidades de Portugal.⁸³ Os trajetos urbanos foram realizados em áreas com potenciais edificações inseridas nos séculos XVIII e XIX, de acordo com a abrangência do recorte cronológico da pesquisa e com os motivos arquitetônicos que poderiam ter repercutido no casario imperial de São João del-Rei. Como enfocamos edificações em sua individualidade, incluímos no Apêndice 1 algumas vistas gerais dos casarios tanto são-joanenses como portugueses.

Um critério determinante de seleção de exemplares correspondeu à existência de eventuais epígrafes com supostos anos de construção nas fachadas. Assim mesmo, foram registradas inúmeras edificações sem noção cronológica precisa, na medida em que sugeriam uma caracterização associável aos pares são-joanenses. Em algumas delas, foi possível estabelecer a data, década ou época de construção a partir da consulta de referências como placas afixadas, históricos oferecidos por instituições ou dados constantes em bibliografia.

Chama-se a atenção para a necessidade de se questionarem as datas de referência. No caso das inscrições em fachadas, podem ter sido colocadas em períodos posteriores à construção de suporte, durante reformas. Com frequência, encontramos assinalamento de ano com algarismos relativamente modernos, em franco descompasso com a tipologia das respectivas fachadas. Também deve-se tomar cuidado com as datas sugeridas por publicações e agentes institucionais, pois podem estar referidas, por exemplo, a um prédio primitivo que sofreu profundas modificações ao longo do tempo, ou simplesmente a informações baseadas em fontes informais. Em todo caso, a bibliografia consultada e a incursão iconográfica empreendida contribuíram para um melhor juízo nesse sentido.

Cabe lembrar ainda que o casario comumente apresenta motivos resultantes de intervenções ao longo do tempo, sendo raros os exemplos com partidos intactos desde um suposto momento original de construção.⁸⁴ A substituição de peças é mais evidente no caso dos elementos de madeira, material mais suscetível à deterioração.

⁸² Para perfis em fachada das principais ruas antigas de São João del-Rei, em diferentes períodos históricos, ver DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 224-244.

⁸³ Em Portugal, foram visitadas as seguintes localidades, além de Lisboa: Porto, Braga e Guimarães no norte do país; Ilha Terceira e destacadamente a cidade de Angra do Heroísmo, nos Açores; Faro e Tavira, no Algarve; Évora, Portalegre, Estremoz, Viana, Alvito, Vidigueira, Portel e Arraiolos, no Alentejo; e, ainda, Aveiro, Coimbra, Tomar, Setúbal, Óbidos, Cascais e Sintra.

⁸⁴ Nesse sentido, Dora Alcântara diz que "... o aspecto das edificações é produto de reformas sucessivas...". Ver ALCÂNTARA, Dora M. S. (coord.). *Rio de Janeiro, Praça XV, imediações*. SPHAN/Pró-Memória: Rio de Janeiro, c. 1986, p. 105.

As visitas de campo ao Rio de Janeiro tiveram como orientação inicial os mapas e os verbetes ilustrados no *Guia de arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*.⁸⁵ Foram considerados os roteiros sugeridos nas zonas centrais e seu entorno, além das áreas então mais suburbanas como as da Lapa, Catete, Botafogo e São Cristóvão.⁸⁶ Os trajetos seguidos não foram nem rigidamente preestabelecidos e nem exaustivos, dadas as limitações de tempo e de recursos. Em um primeiro momento, nos orientamos pelos bairros e logradouros cariocas indicados no *Guia* e ampliamos a visão com referências bibliográficas e uma pesquisa na Série Inventário do IPHAN-RJ. Muitas outras ruelas e sobrados foram também descobertos pela própria intuição exploratória do caminhante nas áreas de ocupação remontadas ao século XIX. Sendo assim, os percursos revelaram, para além das edificações discriminadas no *Guia*, outros inúmeros exemplares de especial interesse. Cabe lembrar que a pesquisa abarca o casario tanto nobre como ordinário, sendo esse último tipo carente de maior atenção e registro.

No caso de Portugal, tampouco houve tempo e recursos abundantes para um devido reconhecimento empírico acompanhado de levantamento fotográfico. Assim mesmo, consideram-se satisfatórios os resultados alcançados. Foram observados alguns critérios para o planejamento das viagens. Havia a intenção de cobrir com alguma abrangência o território português, com o intuito de conhecer as diferentes nuances regionais. Não era possível, entretanto, visitar todas as regiões e principais cidades distritais. A seleção correu por conta tanto das indicações bibliográficas prévias como das sugestões do co-orientador da pesquisa em Portugal.⁸⁷ Importa mencionar que não houve maior linearidade geográfica no estabelecimento de relações com a arquitetura brasileira. Apesar da variedade da arquitetura portuguesa e da sua vinculação regional, encontraram-se edifícios e elementos arquitetônicos de interesse para nosso objetivo nos mais diversos lugares e latitudes, incluindo os Açores. Nesse sentido, praticamente qualquer localidade com estruturas remanescentes dos séculos XVIII e XIX apresentou potencial de investigação. Previamente a cada excursão, realizava-se pesquisa bibliográfica sobre a região e respectivas povoações para familiarização com a arquitetura e seu contexto.

Quando viável, foram registrados os logradouros com base em fotografias de placas com os nomes impressos. O endereçamento, entretanto, tornou-se uma atividade secundária ao longo da pesquisa, devido ao tempo demandado para tanto. Optamos por dar preferência à análise e ao levantamento fotográfico, em detrimento de uma correta e desejável localização dos prédios com endereço completo. Também foram consultados acervos bibliográficos locais, na procura de informações específicas, com registro de referências e cópia de material de interesse. Após cada excursão, todo o material coletado era organizado, sendo as fotografias separadas por localidades ou logradouros. Posteriormente, as edificações eram selecionadas de acordo com o potencial de cotejo com os pares de São João del-Rei.

⁸⁵ CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia de arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a.

⁸⁶ Destacam-se ainda, nesse âmbito, as publicações sobre as imediações da Praça XV e sobre a região central inserida em corredor cultural. Ver ALCÂNTARA (c. 1986), *op. cit.*; e RIO DE JANEIRO. *Corredor cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1989.

⁸⁷ Destacam-se, na bibliografia, exemplos como SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), *op. cit.*; e CALDAS (2000), *op. cit.*

Em matéria de iconografia coeva, as gravuras, desenhos e aquarelas se mostraram mais comuns na primeira metade do século XIX, enquanto as fotografias predominaram em sua segunda metade. Os critérios empregados na coleta do material foram basicamente a presença de casario nas cenas e a indicação de referências cronológicas de ano ou de período aproximado de produção das obras. Priorizaram-se, ainda, imagens com boa definição, de forma a viabilizar um exame adequado dos detalhes arquitetônicos.

Ao se realizar a pesquisa iconográfica, levaram-se em conta outros aspectos. Para começar, a arquitetura representada não corresponde necessariamente àquela produzida na época em que foi retratada. Pode haver edificações antigas, remodeladas e relativamente modernas mescladas umas com as outras. No entanto, é possível distinguir motivos que se apresentam como novidades ao comparar diferentes cenas datadas e ao contrastar outras informações disponíveis.

A subjetividade interpretativa dos artistas, em sua maioria estrangeiros de passagem pelo Brasil, pode distorcer a fidelidade das cenas, especialmente no caso das gravuras, desenhos e aquarelas. Era usual a realização de esboços que, só posteriormente, já longe do sítio original e quiçá em um outro país, se viam retocados ou refeitos.⁸⁸ Também era comum a tradução de textos descritivos em linguagem iconográfica, bem como as cópias ou as recriações com base em obras existentes.⁸⁹ Em todos os casos, o resultado poderia apresentar uma carga imaginativa inspirada por culturas exógenas e uma significativa distorção da realidade.

Chama-se a atenção ainda para a atitude seletiva dos artistas. Embora sejam desenhados tanto lugares e monumentos conhecidos como cenários mais corriqueiros, percebe-se em alguns casos a escolha por motivos pitorescos ou por lugares mais representativos do ponto de vista urbano e comercial.⁹⁰

Finalmente, tem-se o problema da veracidade das datas impressas nas imagens ou atribuídas pelos estudiosos. Opta-se, nesse caso, por crer, a princípio, nas informações oferecidas. Somente em caso de discrepância são feitas ressalvas, lembrando, por último, que não se pretende identificar com precisão exata o aparecimento de motivos arquitetônicos, dada a não linearidade dos fenômenos tanto artísticos como históricos e a comentada incerteza das fontes consultadas.

No caso de São João del-Rei, contamos apenas com algumas gravuras coetâneas de cenas panorâmicas do núcleo urbano. Elas serviram de importantes fontes para resgatar a formação urbana, mas apresentavam pouco detalhamento no plano arquitetônico. Uma escassez análoga e a predominância de vistas distantes também são observadas, no geral, para outras povoações mineiras da época, incluindo Vila Rica.

As fotografias aparentemente mais remotas de São João del-Rei raramente estão datadas, mas acreditamos que algumas delas se inserem no século XIX. Elas serviram de importantes referências do final de nosso recorte cronológico, uma vez que mostravam o casario urbano da época. No entanto, as tomadas

⁸⁸ FERREZ, Gilberto. *O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.], p. 20.

⁸⁹ Ver FERREZ, Gilberto. *Aquarelas de Richard Bate: o Rio de Janeiro de 1808-1848*. Rio de Janeiro: Galeria Brasileira, 1965, p.7, 13; e FERREZ ([s.d.]), *op. cit.*, p. 16.

⁹⁰ Ver FERREZ ([s.d.]), *op. cit.*, p. 12; e LAGO, Bia C. *Augusto Stahl: obra completa em Pernambuco e Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001, p. 140.

realizadas posteriormente, já no século XX, também assumiram um papel fundamental na pesquisa. Elas revelam, além de estruturas já demolidas, as transformações ocorridas ao longo do tempo, o que enriquece o estudo e a interpretação da amostra atual. Quando possível, as fotografias foram digitalizadas e classificadas de acordo com os seus logradouros, com o intuito de facilitar a consulta e a localização das edificações. Foram investigados os principais acervos institucionais, com o levantamento da maior quantidade possível de fotografias, mesmo quando o casario aparecia ao fundo da imagem, muitas vezes sem maiores detalhes. Destacaram-se, nesse âmbito, as séries referentes a inventários. Os arquivos sobre obras de manutenção e remodelação, muito extensos e com enorme potencial de aporte de dados, não foram devidamente explorados, em virtude das limitações inerentes à pesquisa doutoral.⁹¹ Nesse sentido, os acervos particulares tampouco foram examinados.

De acordo com a mencionada escassez de referências formais e cronológicas do casario são-joanense, recorreu-se à produção iconográfica – tanto de obras delineadas como de fotografias – de outros contextos, em que se sobressaiu a cidade do Rio de Janeiro. Foi encontrado um bom número de imagens coevas em material bibliográfico, com destaque para as publicações organizadas por Gilberto Ferrez. A pesquisa sobre a iconografia brasileira foi complementada ainda no acervo de instituições.

Ainda no contexto carioca, foram encontradas antigas fotografias, já do século XX, principalmente nos arquivos do IPHAN-RJ. Elas retratam exemplares arquitetônicos que hoje em dia se encontram deformados ou desaparecidos. A presença de epígrafes com anos de construção contribuiu decididamente para visualizar e situar cronologicamente a incidência de motivos exibidos nas fachadas.

No caso de Portugal, também foi realizada uma pesquisa iconográfica tanto na bibliografia como em acervos institucionais. Embora a produção tenha parecido menos representativa se comparada com a do Rio de Janeiro, tirou-se igualmente proveito das cenas com casario tradicional.

Outro material importante girou em torno da cartografia. Os mapas de época serviram para situar a localidade de São João del-Rei e sua respectiva Comarca no contexto dos caminhos e rotas comerciais dos séculos XVIII e XIX. Foi encontrado um bom número de exemplares em publicações especializadas, sendo também consultados alguns acervos institucionais, como o do Arquivo Público Mineiro.⁹²

Só foram localizadas duas plantas coevas de São João del-Rei com datas no final de nosso recorte cronológico, uma em pequena escala do ano de 1881 e outra mais detalhada de 1887.⁹³ Elas serviram, assim mesmo, de importantes marcos do traçado urbano da época. Para suprir parcialmente a lacuna, consideramos a planta elaborada por Geraldo Guimarães correspondente à Vila no século XVIII, a qual exhibe o arruamento, o nome dos logradouros e a localização dos principais edifícios e construções.⁹⁴

⁹¹ Há importantes acervos referentes a obras de construção em arquivos como os do IPHAN-RJ e do IPHAN-MG.

⁹² MORAES, Fernanda B. *A rede urbana das Minas coloniais: na urdidura do tempo e do espaço*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006; COSTA, Antônio G. *et al. Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

⁹³ APM: Topographical Sketch Plan of the S. João d'el Rei and Rio das Mortes Sections of the Gold Region in the Comarca of Rio das Mortes Province of Minas Geraes – Brazil, 1881. Fundo Presidência da Província. Notação: PP-008(04); IPHAN-RJ: ALVES, Hermillo; BRUNET, M. *Planta da Cidade de S. João d'el Rei, 1887*.

⁹⁴ GUIMARÃES, Geraldo. *São João del-Rei: Século XVIII - História sumária*. São João del-Rei: Segrac, 1996, p. 40-41.

Algumas fontes manuscritas também foram consultadas. No início, consideramos a possibilidade de analisar o rico acervo de inventários *post mortem* e dos Livros de Notas – no que respeita à transmissão de imóveis – relativos a São João del-Rei. No entanto, tais documentos apresentam, via de regra, apenas um breve qualificativo dos imóveis. Um exame prévio indicou a possibilidade de se obterem informações relativas a temas mais gerais sobre o partido das edificações, mas havia pouca contribuição em termos de detalhamento arquitetônico. Para os alcances delimitados em torno do aspecto exterior do casario, não haveria um aporte determinante para o nosso caso. Muito tempo seria dispendido e pouca informação arrolada, se comparado com outras fontes priorizadas na pesquisa. Isso não significa, no entanto, que sejam isentos de interesse. Pelo contrário, há trabalhos que têm usado esse tipo de fonte para a caracterização da arquitetura urbana.⁹⁵

Também consideramos importante, a princípio, pesquisar os agentes e instrumentos de caráter normativo. No período que nos tange, consultamos dois Códigos de Posturas correspondentes aos anos de 1830 e 1887.⁹⁶ Apesar de conterem dados valiosos para o entendimento de temas urbanos, pouca informação foi acrescentada sobre a configuração do casario, salvo questões gerais relativas à interface com as calçadas e ruas da povoação. Nesse sentido, a extensa documentação oficial da Câmara também se apresentou como uma importante fonte para os estudos urbanos da localidade, já havendo sido explorada por alguns trabalhos.⁹⁷ Contudo, não julgamos apropriado aprofundar-nos em sua investigação para atender aos recortes e objetivos da pesquisa.⁹⁸

Outra fonte manuscrita consultada foi a série de Décimas Urbanas lançadas entre os anos de 1826 e 1836, sendo selecionada para maior análise aquela correspondente ao ano de 1831.⁹⁹ Apesar da escassez de dados arquitetônicos, esses documentos se mostraram sumamente relevantes para o estudo do arruamento e da distribuição do casario na Vila. Contribuíram ainda como referência para a nomenclatura dos logradouros, a qual se modifica consideravelmente ao longo do tempo. Para acompanhar tal toponímica e com isso amenizar a confusão entre os nomes, partimos da Décima e sondamos outras relações de logradouros coetâneas e atuais para formar uma tabela comparativa, a qual se encontra explicada e arrolada no Apêndice 2.

⁹⁵ Destaca-se, a esse respeito, o trabalho de Ana Santos, que propõe uma reconstituição da casa do Rio de Janeiro oitocentista a partir de uma metodologia de interpretação calcada nas descrições textuais de avaliações de imóveis encontradas em inventários. Também Carlos Lemos sugere o potencial dos inventários para o estudo de componentes de programa, tipologia e elementos construtivos. Ver SANTOS (2005), *op. cit.*; LEMOS (1979), *op. cit.*, p. 18,70; e, ainda, LEMOS, Carlos A. C. *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 1992, p. 8, 23.

⁹⁶ BM-SJDR: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL REI. *Código de posturas municipais da Vila de São João del-Rei, aprovado pelo Conselho Geral da Província de Minas Gerais em 1º de fevereiro de 1830*. Livro ORD-132, folhas 121-150, 218-219; e CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Código de Posturas e Regimento Interno da Câmara de São João del-Rei, 1887* [edição fac-símile]. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. (org.). *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007, p. 99-252.

⁹⁷ Entre os estudos que fizeram largo uso da documentação da Câmara para abordagens urbanas, destacam-se: MALDOS (s/d), *op. cit.* e ALARCON, Taciana. *Colonização portuguesa em São João del-Rei: aspecto urbano*. Monografia (Pós Graduação em História de Minas Gerais séc. XVIII e XIX) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2005. Para uma prévia aproximação da documentação da Câmara arquivada na Biblioteca Municipal de São João del-Rei, ver SILVA, Cláudia R. *Senado da Câmara da vila de São João del-Rei: da administração colonial à pesquisa histórica*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

⁹⁸ Para uma abordagem sobre a legislação na arquitetura brasileira do século XIX, ver CAMPOS (1997), *op. cit.*, cap. 6 e LIMA (2001), *op. cit.*, cap. 2.

⁹⁹ IPHAN-SJDR: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Imposto da Décima, 1831*.

Tais foram os principais materiais e procedimentos empregados ao longo da pesquisa. Cabe agora esboçar como foram organizadas as partes que compõem o presente trabalho. O Capítulo 1 trata da localidade de São João del-Rei no século XVIII e, principalmente, no século XIX. Em uma primeira parte, aborda-se a inserção do núcleo urbano e da Comarca do Rio das Mortes nas relações espaciais e econômicas com o território brasileiro, com destaque para a região sudeste da América Portuguesa, a porção sul das Minas e a cidade portuária do Rio de Janeiro. Pretendemos mostrar com isso a especificidade desse recorte territorial no decorrer do Oitocentos e, ainda, o seu interesse para a historiografia. Sendo assim, apresentamos alguns de seus aspectos político-administrativos, geográficos, econômicos e culturais, chamando a atenção para as interfaces com o período da produção arquitetônica que nos tange.

Em um segundo momento, procedemos a uma abordagem sobre a formação urbana de São João del-Rei. Apesar da ênfase no Oitocentos, também são abordados o século anterior e a ocupação inicial do arraial em sua interface com o contexto ambiental e socioeconômico. Logra-se com isso acompanhar as mudanças ao longo do tempo, apesar das limitações das fontes disponíveis. A paulatina consolidação do tecido urbano é definida em grande medida por aspectos como arruamento, obras de infraestrutura e a dinâmica de ocupação dos terrenos e dos logradouros públicos. Também são considerados dados correlatos como aqueles referentes a demografia, comércio e ambiência urbana. Os fatores, agentes e formas de manifestação do casario são priorizados. Ressaltam-se, nesse sentido, as obras delineadas – desenhos, gravuras, aquarelas etc. – e as descrições de viajantes estrangeiros no século XIX, bem como as plantas urbanas e fotografias do final desta mesma centúria.

O Capítulo 2 se dedica à matriz setecentista do casario de São João del-Rei. Tal abordagem se justifica pela contextualização do objeto de pesquisa e, principalmente, pelo prolongamento do legado arquitetônico precedente até o século XIX. Apesar da carência de dados e do reduzido número de exemplares registrados ou remanescentes, é possível formar uma ideia dos partidos e motivos então praticados. A forma dos vãos – retos e em arco abatido – e outros aspectos formais e tipológicos das fachadas são explorados e situados no tempo quando possível. A aproximação baseada em fontes empíricas, iconográficas e bibliográficas, com consulta de referências tanto locais como de outros contextos luso-brasileiros, proporciona ainda um ensaio metodológico. Cabe fazer a ressalva de que o casario de um pleno século XVIII é considerado relativamente rústico para efeitos de comparação com a arquitetura da seguinte centúria que define o nosso recorte. Para uma devida caracterização da produção colonial, maiores esforços de investigação deveriam ser empreendidos nesse sentido e provavelmente outras fontes e contextos acessados.

Os dois seguintes capítulos representam o cerne de nosso trabalho, na medida em que tratam mais diretamente da caracterização do casario imperial. Opta-se por apresentar primeiramente os grupos de exemplares de São João del-Rei, com atenção tanto para as variantes arquitetônicas como para as incidências típicas. Em seguida são consideradas referências formais e cronológicas em sua interface com o contexto são-joanense.

O Capítulo 3 versa sobre edificações que paulatinamente se apropriaram de motivos de orientação classicista de forma precursora, com destaque para a regularidade das composições e para molduras como cimalkas, cunhais e sobrevergas nas fachadas. Identifica-se ainda um pequeno grupo de sobrados já com balcões metálicos, que, juntamente com os pares térreos, estariam inseridos na produção ao longo das três primeiras décadas do Oitocentos.

No Capítulo 4, as fachadas apresentam uma maior consolidação do sistema compositivo classicista. Apesar das dificuldades de classificação e agrupamento, abordam-se primeiramente exemplares arquitetônicos com motivos ainda sóbrios, sem maior rebuscamento, supostamente enquadrados nas décadas de 1830 e 1840. Em um momento seguinte, o casario expressa uma maior profusão de pormenores decorativos, incluindo as molduras, os estuques, as grades metálicas e as esquadrias. Chegamos assim até o terceiro quartel do século XIX, aproximadamente.

Por último, o Capítulo 5 assinala os rumos tomados pelo casario são-joanense ao longo das últimas décadas do Oitocentos. Cabe lembrar que a proposta de leitura tipológica, acompanhada de tentativa de inserção na linha do tempo, não pretende em absoluto definir nem tipos nem momentos estanques. Trata-se sobretudo de pautar as transformações para melhor compreender e situar essa peculiar arquitetura.

CAPÍTULO 1

São João del-Rei no século XIX

1.1. Inserção territorial e econômica

A localidade de São João del-Rei tem sua origem vinculada aos caminhos que ligavam São Paulo à região mineradora de Minas, onde a notícia de descoberta de ouro foi divulgada em finais do século XVII. Uma importante rota, logo conhecida por Caminho Velho, passava pelo vale do Rio Paraíba paulista e ingressava em território mineiro pela garganta do Embaú, na Serra da Mantiqueira. Mais adiante, após cruzar o Rio Grande, chegava-se à passagem do Rio das Mortes.¹⁰⁰

Essa passagem fora apossada pelo taubateano Tomé Portes del-Rei, que cobrava direitos de trânsito e supria os viandantes de víveres cultivados em suas roças. A um par de quilômetros antes da ponte do Rio das Mortes, por volta do ano de 1704, foi descoberto ouro de mina no sopé da Serra do Lenheiro. A ocorrência provocou um grande afluxo de pessoas e reforçou o caráter estratégico da região. Às margens do Córrego do Lenheiro surgiu um assentamento que, em meio a acirradas disputas entre paulistas e emboabas, se consolidou em arraial. No ano de 1713, este foi elevado à condição de Vila,¹⁰¹ a quarta da região mineira depois da criação, em 1711, das vilas de Vila Rica (Ouro Preto), Ribeirão do Carmo (Mariana) e Sabará. Quando as Minas foram subdivididas em comarcas no ano de 1714, São João del-Rei se tornou a cabeça da Comarca do Rio das Mortes, cujo vasto território se estendia para o sul até a Serra da Mantiqueira.¹⁰²

Cabe adiantar uma imagem da situação geográfica de São João del-Rei. Os mapas esquemáticos elaborados por Geraldo Guimarães sintetizam a rede viária que conectava a vila com diferentes regiões da Colônia (Fig. 1 e 2).

¹⁰⁰ Para informações sobre os primeiros povoadores não indígenas em território mineiro, com destaque para a descoberta do ouro, ver MORAES, Fernanda B. *A rede urbana das Minas coloniais: na urdidura do tempo e do espaço*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006, p. 181-189. Para as primitivas rotas de São Paulo para as Minas, ver MORAES (2006), *op. cit.*, p. 134-138; CRUZ, Cícero F. *Fazendas do sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010, p. 19-23. Para as primeiras bandeiras a passar na região de São João del-Rei, ver GUIMARÃES, Fábio N. *Fundação histórica de São João del-Rei*. São João del-Rei: São João del-Rei Artes Gráficas, 1961, reeditado em DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 13-16; GUIMARÃES, Geraldo. São João del-Rei até a guerra dos emboabas. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 68-71.

¹⁰¹ ‘Vila’ se define como uma povoação com envergadura situada entre cidade e aldeia, contando com juiz, senado da câmara e pelourinho. Para essas e outras definições como as de ‘termo’, ‘comarca’ e ‘capitania’, ver BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728, 8 v, p. 489. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Consulta: 27 abr. 2015.

¹⁰² MORAES (2006), *op. cit.*, p. 214, 253-257. No ano de 1709 foi criada a Capitania de São Paulo e Minas do Ouro, em detrimento territorial da Capitania do Rio de Janeiro; em 1720, criou-se a Capitania de Minas Gerais, separando-a da Capitania de São Paulo; ver MORAES (2006), *op. cit.*, p. 230, 234. Para os primeiros anos de povoação e fundação de São João del-Rei, ver GUIMARÃES, Fábio N. (1961), *op. cit.*; GUIMARÃES, Geraldo (2006), *op. cit.*

1. Mapa dos principais caminhos das Minas Gerais do século XVIII em relação a São João del-Rei. Fonte: GUIMARÃES (1996), p. 47

2. Mapa dos principais caminhos das Minas Gerais do século XVIII em relação a São João del-Rei (detalhe). Fonte: GUIMARÃES (1996), p. 47.

Os caminhos abertos beneficiaram sua vocação estratégica, a qual se manifestou desde os primórdios da ocupação tanto em termos dos caminhos e passagens, como da produção e comercialização de gêneros da agropecuária. Como se verá adiante, a localidade se firmaria como um importante ponto no escoamento de mercadorias para o porto carioca.¹⁰³

A descoberta do ouro nas Minas representou uma verdadeira revolução territorial e econômica na América Portuguesa. O grande afluxo de pessoas resultou, por um lado, em problemas de abastecimento e quadros de fome. Por outro lado, desenvolveu-se uma importante rede de caminhos e povoações no interior do sertão. A Coroa portuguesa empreendeu esforços significativos para isolar a região no sentido de regular a exploração aurífera e, ao mesmo tempo, garantir o fisco. Se os caminhos eram necessários para o escoamento da produção, também convinha controlá-los para evitar o contrabando e a sonegação de tributos. Nesse sentido, foram tomadas ao longo de todo o século XVIII medidas sucessivas de proibição de abertura de novas rotas de acesso.¹⁰⁴

Uma importante iniciativa foi dada na abertura do denominado Caminho Novo, cuja epopeia se estendeu por todo o primeiro quartel do século XVIII. Esta antiga picada indígena fazia uma ligação mais direta das Minas com a cidade portuária do Rio de Janeiro, que antes se conectava com o Caminho Velho através de um trecho marítimo até o porto de Parati e daí ao Vale do Paraíba paulista. A jornada foi drasticamente reduzida, e a capital carioca se beneficiou decididamente da nova rota, que em pouco tempo se tornaria um grande vetor de escoamento.¹⁰⁵

De fato, a abertura do Caminho Novo era mais um indício de que o Rio de Janeiro vinha, paulatinamente, assumindo um papel centralizador na estrutura administrativa e fiscal da Colônia. A capital carioca passou a ocupar uma posição privilegiada no comércio e no controle das fronteiras da capitania de Minas. Seu porto também centralizou parte significativa das importações de produtos europeus e de escravos, ao mesmo tempo em que servia de escoadouro e de ponto de exportação do ouro e outras mercadorias. Isso explica as investidas francesas em torno de 1710 e, mais adiante, no ano de 1763, a transferência da sede do governo-geral da Bahia para o Rio de Janeiro. Essa ocorrência política representou a culminação da importância econômica e geoestratégica que a cidade portuária vinha adquirindo, bem como o deslocamento do eixo de desenvolvimento para o sudeste da América portuguesa. Juntamente com os portos de Parati e Santos, e em benefício da rede de caminhos que se formava na região, o Rio de Janeiro assumiu um papel preponderante na articulação dos territórios da colônia.¹⁰⁶

O Caminho Novo encontrava-se com o Caminho Velho em ponto avançado, nas imediações da zona principal de mineração em torno de Vila Rica. Tal situação daria a entender que São João del-Rei teria perdido vantagem em termos de localização, na medida em que ficara de fora da rota principal para o Rio

¹⁰³ Decidimos usar os mapas esquemáticos de Geraldo Guimarães porque eles representam com maior especificidade a situação geográfica de São João del-Rei. Para mapas mais gerais sobre as principais vilas e caminhos das Minas coloniais, ver MORAES (2006), *op. cit.*, mapas II.16 e II.17.

¹⁰⁴ MORAES (2006), *op. cit.*, p. 154-155, 200, 203; LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979, p. 58.

¹⁰⁵ MORAES (2006), *op. cit.*, p. 204-213; VENÂNCIO, Renato P. Caminho Novo: a longa duração. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 21, p. 181-189, jul. 1999.

¹⁰⁶ MORAES (2006), *op. cit.*, p. 139, 205, 208.

de Janeiro. Ne entanto, as conjunturas apontam para o reforço da posição estratégica da localidade, que, ao conectar-se com o Caminho Novo por caminhos alternativos, consolidou-se como um importante ponto de referência no sul de Minas (ver Fig. 2). Nesse sentido, a descoberta de ouro em São João del-Rei teria ainda reforçado mais e mais o caráter estratégico do Caminho Novo.¹⁰⁷

Cabe mencionar ainda, no quadro das transformações da Capitania de Minas Gerais, as relações com as paragens mineradoras descobertas a oeste da Colônia ao longo do primeiro quartel do século XVIII. Embora sendo inicialmente colonizadas por paulistas, as regiões de Mato Grosso e Goiás se conectavam a Minas, na altura de Paracatu, pela chamada Picada de Goiás. Esta teria sido aberta a partir da década de 1730 e favorecido a ocupação dos sertões, apesar das dificuldades apresentadas pelo grande contingente indígena e quilombola. O caminho seguia de Paracatu para Vila Rica, mas havia uma ligação direta com São João del-Rei através de duas principais vertentes, uma mais oriental via Pitangui e outra alternativa com ramais passando por Bambuí e Araxá. Minas servia então de elo entre Goiás e Mato Grosso e o porto carioca, sendo a Comarca do Rio das Mortes uma importante região de passagem.¹⁰⁸

A posição estratégica de São João del-Rei fica assim sintetizada:

... a história sanjoanense muito deve a sua localização estratégica como centro convergente e irradiador de um movimento migratório incontestável, praticado através de vários caminhos, a meia distância entre os mais importantes centros econômicos, políticos e administrativos das Minas Gerais. Através da Picada de Goiás, do Caminho Velho e do Caminho Novo, São João ligava-se aos sertões do oeste, ao Vale do Paraíba, ao Planalto do Piratininga, à capital Ouro Preto e ao litoral do Rio de Janeiro.¹⁰⁹

A economia, por sua vez, também se diferenciava em relação às áreas mineradoras centrais. A região em torno do que viria a ser a porção sul da capitania de Minas já teria sido apontada, em finais do século XVII, como um foco potencial de desenvolvimento pecuário, no sentido de abastecer as áreas mineradoras e diminuir a dependência em relação aos currais da Bahia.¹¹⁰ Douglas Libby observa que seu povoamento durante o século XVIII teria ocorrido “em função de atividades produtivas que visavam ao abastecimento do importante mercado representado pelos núcleos mineradores”.¹¹¹ Tal fenômeno é ainda corroborado por Alcir Lenharo, que reforça o papel especializado da região na produção de gêneros de primeira necessidade para o abastecimento das Minas.¹¹² Finalmente, diferentes escritos de época

¹⁰⁷ MORAES (2006), *op. cit.*, p. 213-214. Para uma abordagem do Caminho Novo com referência à localidade de São João del-Rei, ver GUIMARÃES, Geraldo. O Caminho Novo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v.IV, 1986, p. 27-43.

¹⁰⁸ Para informações sobre a região centro-oeste da colônia e a Picada de Goiás até Minas, ver: MORAES (2006), p. 147-151; AMANTINO, Márcia. *O mundo das feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001, p. 207-208; MARTINS, Tarcísio J. *Quilombo do Campo Grande*. Contagem: Santa Clara, 2008, p. 120-129; RIBEIRO, Isaac C. *Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: os “Ribeiro da Silva”, fronteira, fortunas e fazendas - Minas Gerais, séculos XVIII e XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2014, p. 59-62; SANTOS, Márcia M. D. *et al.* *A capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda: informações fidedignas?*. Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, Ouro Preto, 2009, p. 20-22.

¹⁰⁹ GAIO SOBRINHO, Antônio. *História do comércio em São João del-Rei*. São João del-Rei: Sindicato do Comércio Varejista, 1997a, p. 33.

¹¹⁰ MORAES (2006), *op. cit.*, p. 204-205.

¹¹¹ LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 44.

¹¹² LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 73.

destacam, por volta do ano de 1780, a fertilidade da terra e a abundância de víveres na Comarca do Rio das Mortes.¹¹³

A vocação produtiva da região, desenvolvida na primeira metade do século XVIII, seria reforçada pelas transformações ocorridas com o declínio da mineração a partir de meados deste mesmo século. Neste momento de arrefecimento da produção aurífera, houve uma surpreendente manutenção da economia, a qual teria se acomodado às conjunturas através da diversificação de suas bases e do deslocamento de recursos para o setor de agricultura de subsistência.¹¹⁴ Números sobre o balanço positivo do mercado e a manutenção da população escrava até um avançado século XIX dão respaldo a essa hipótese. Nesse sentido, a região encabeçada por São João del-Rei teria se sobressaído:

... o Sul de Minas teve um desdobramento peculiar. De fato, esta região conheceu um reforço em sua estrutura econômica, já alicerçada na produção mercantil de gêneros de subsistência. Atividades de produção, portanto, que não se relacionavam com tendências de involução ou regressão econômica; pelo contrário, tratava-se de produção mercantil de gêneros de subsistência, mas voltadas para fora, em busca de mercados.¹¹⁵

Em finais do século XVIII, o movimento mercantil do Caminho Novo tendeu a se inverter: se antes circulavam gêneros de abastecimento oriundos do porto do Rio de Janeiro, agora o fluxo de mercadorias – destacadamente gado, porcos, toucinho e queijos – passava a se orientar para o mercado carioca. De fato, já era patente o deslocamento do eixo econômico das áreas mineradoras principais para a Comarca do Rio das Mortes, a qual contava com terras férteis e um comércio em franca expansão. O maior número de registros e guardas sob sua comandância, computados no ano de 1778, indicava o movimento mercantil em seus caminhos e fronteiras. Foram criadas cinco vilas na capitania de Minas, dentre as quais quatro na Comarca do Rio das Mortes, o que corroborava a concentração das disputas políticas e administrativas das Minas.¹¹⁶

Um mapa um pouco tardio da Comarca, elaborado no ano de 1809, é um dos poucos que apresentava a divisão dos termos das Vilas (Fig. 3).

¹¹³ Anônimo *apud* GAIO (1997), *op. cit.*, p. 18; GRAÇA FILHO, Afonso de A. *Fragmentos de memória: impressões sobre São João del-Rei*. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. (org.). *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007, p. 48.

¹¹⁴ LIBBY (1988), *op. cit.*, p. 22; GRAÇA FILHO, Afonso de A. *A princesa do oeste e o mito da decadência em Minas Gerais: São João del-Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002, p. 19-20.

¹¹⁵ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 73.

¹¹⁶ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 58-59; MORAES (2006), *op. cit.*, p. 276, 294. São as vilas e respectivas datas de criação, no final do século XVIII nas Minas: na Comarca do Rio das Mortes, São Bento do Tamanduá (1789, hoje Itapecerica), Queluz (1790, hoje Conselheiro Lafaiete), Barbacena (1791) e Campanha da Princesa da Beira (1798); na Comarca do Rio das Velhas, Paracatu do Príncipe (1798); ver MORAES (2006), *op. cit.*, p. 276. Para os recortes ocorridos no termo da vila de São João del-Rei, incluindo gráficos de desmembramento do território do Rio das Mortes, ver, ainda, GUIMARÃES, Geraldo. *São João del-Rei: século XVIII - História sumária*. São João del-Rei: Segrac, 1996, p. 44-45. Outro indício de importância política e econômica da região consta da procedência dos inconfidentes condenados em decorrência da Inconfidência Mineira, dos quais 15 de um total de 24 residiam na Comarca do Rio das Mortes; ver MORAES (2006), *op. cit.*, p. 280.

3. Mapa da região sul das Minas Gerais, ano de 1809, com destaque para os rios e principais vilas incluindo São João del-Rei. Fonte: COSTA *et al.* (2002); MORAES (2006), mapa IV.12.

Fica clara a fragmentação do território e as expressivas perdas sofridas no termo da vila de São João del-Rei, que ficara restrito à área entre os rios Grande e das Mortes. Contudo, sua referência como cabeça de comarca ainda permanecia.

A querela em torno da fundação da vila de Campanha da Princesa é sintomática nesse sentido. No mesmo ano de sua emancipação, em 1799, foi produzido um mapa da região abaixo do Rio Grande (Fig. 4).

4. Mapa de toda a extensão da Campanha da Princesa, Minas, ano de 1799. Fonte: COSTA *et al.* (2002).

Embora a nova Vila tenha uma situação central, São João del-Rei se destaca na parte superior do desenho como um polo irradiador de caminhos, sugerindo que ainda exercia um papel preponderante na região sul de Minas.¹¹⁷

Efetivamente, a Comarca do Rio das Mortes permaneceu praticamente com a mesma extensão territorial durante todo o século XVIII (Fig. 5 e 6).

5, 6. Diagramas da Comarca do Rio das Mortes no século XVIII: território da comarca inserido no atual estado de Minas Gerais e desmembramentos do termo de São João del-Rei ocasionados pela criação de vilas. Fonte: GUIMARÃES (1996), p. 43-44.

Os diagramas mostram, entretanto, a fragmentação ocasionada pelas novas vilas criadas e a significativa diminuição da área correspondente ao termo de São João del-Rei. A Vila se manteve assim mesmo como cabeça do território correspondente ao sul de Minas até o início do segundo quartel do século XIX.¹¹⁸

Entre as proibições e aberturas de picadas clandestinas, os caminhos que ligavam Minas ao Rio de Janeiro permaneceram praticamente os mesmos até o início do século XIX.¹¹⁹ Nessa época, no entanto,

¹¹⁷ Para as acirradas disputas políticas e econômicas da vila de Campanha, fundada em 1799, com a cabeça da Comarca do Rio das Mortes, ver FONSECA, Claudia D. Vila da Campanha da Princesa: a Corte, as Minas, a cidade e a memória. In: LIBBY, Douglas Cole (org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010, p. 182-191. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cem/Livro.pdf>. Consulta: 16 mar. 2015.

¹¹⁸ A comarca se define como uma extensão de território que encerra um certo número de vilas com seus termos e a jurisdição de um corregedor residente na vila-cabeça. Ver BLUTEAU (1728), *op. cit.*, p. 386-387.

ocorreu algo que impactaria enormemente as relações econômicas na Colônia e particularmente em sua região Sudeste. Tratava-se da vinda da Corte portuguesa para o Brasil no ano de 1808, em fuga das investidas napoleônicas contra Portugal. Para além da chegada de um significativo contingente populacional a exigir moradia para milhares de novos residentes e a modernização da cidade, o evento foi acompanhado da abertura dos portos às nações ditas amigas, destacadamente a Inglaterra, em um primeiro momento, seguido da França e outros países europeus. Isso significou a entrada de novos produtos e materiais advindos da Revolução Industrial, cujos países promotores buscavam expandir seus mercados consumidores.¹²⁰

Para as décadas que se seguiram, contamos novamente com o trabalho de Alcir Lenharo, que trata das relações comerciais entre o sul de Minas e o Rio de Janeiro entre os anos de 1808 e 1842. A primeira baliza temporal marca as intensas transformações decorrentes da chegada da Corte. Um efeito imediato se faria sentir na oferta de gêneros de primeira necessidade, atraídos pelo polo drenador representado pela capital da Colônia. Várias iniciativas para socorrer a cidade com mantimentos foram empreendidas, mas recorridas crises de abastecimento aconteceram. Nesse quadro crônico, foram tomadas medidas liberais para regular o fornecimento de mercadorias, as quais provinham mormente de áreas distantes através dos comércios de tropas e de cabotagem. Foi assim criada uma estrutura monopolista de intermediários e atravessadores, que favorecia a fixação de produtores mineiros e paulistas no mercado.¹²¹

A abertura dos portos favoreceu a entrada de estrangeiros no Brasil, sendo conhecida a afluência de viajantes no interior da colônia.¹²² As impressões deixadas por esses viajantes devem ser matizadas pela aproximação muitas vezes superficial ou de livre interpretação, mas mesmo assim são valiosas por representarem registros de primeira instância. O inglês John Mawe foi um dos primeiros a comentar sobre a vila de São João del-Rei, quando por ela passou no ano de 1809:

... é uma cidade importante, com cinco mil habitantes no mínimo. O terreno em torno é muito fértil e produz excelentes frutos... É a parte mais cultivada da comarca, da qual é celeiro; aí fabricam sofrível quantidade de queijo e toucinho muito mal preparado. Estes dois artigos são enviados ao Rio de Janeiro

¹¹⁹ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 58.

¹²⁰ MARINS, Paulo C. G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 147-150; RAMALHO, Maria L. P. *Da Beaux-Arts ao Bungalow: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989, p. 69-70; LEMOS, Carlos A. C. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1979, p. 103; SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981, p. 71.

¹²¹ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 41-55.

¹²² Para breves dados biográficos dos viajantes estrangeiros e as datas de visita a São João del-Rei, bem como uma advertência sobre possíveis distorções da realidade apresentadas nos relatos, ver GAIO SOBRINHO, Antônio. *Santos negros estrangeiros*. São João del-Rei: Edição do autor, 1997b, p. 129-153. Foram eles: John Mawe (1809), John Luccock (1818), Johan E. Pohl (1818), J. B. von Spix e K. F. von Martius (1818), Auguste de Saint-Hilaire (1819, 1822), Wilhelm L. von Eschwege (1821), Raimundo J. C. Matos (1823), Johann M. Rugendas (1824), Gregory I. Langsdorff (1824), Robert Walsh (1828), Carl Seidler (1830), Charles J. F. Bunbury (1835), Conde de Suzannet (1845), Jean F. Denis (?), A. L. Blackford (1861-1862), Richard F. Burton (1867) e Ina von Binzer (1881). O Conde de Suzannet não teria visitado São João del-Rei e reproduziu impressões colhidas no caminho para Ouro Preto, segundo Graça Filho (2007), *op. cit.*, p. 49.

e constituem um grande ramo de comércio. Daí mandam muitas aves, um pouco de cachaça, açúcar e café.¹²³

Aspectos como a relevância urbana e produtiva da vila, além de sua vocação mercantil, são aí sintetizados. O comércio se faz em nível intraprovincial e com o Rio de Janeiro, cidade com a qual mantém relações tanto de remessa como de recepção de mercadorias. Apesar de sintético, o relato de Mawe pontua temas essenciais para corroborar a inserção econômica de São João del-Rei nas últimas décadas do período colonial.

Outro importante esforço foi empreendido na abertura e reforma das vias de comunicação, especialmente no sentido de interligar o Rio de Janeiro com o sul de Minas, principal núcleo abastecedor do mercado carioca. O papel da capital como polo drenador de gêneros de subsistência e como centro exportador da colônia era assim reforçado. Destaca-se, nesse contexto, a criação da Junta de Comércio ainda no ano de 1808. A partir daí, caducaram as antigas proibições viárias e se aproveitaram as picadas alternativas que, anteriormente, haviam sofrido pesadas restrições das autoridades.¹²⁴

Duas das principais estradas abertas a partir da década de 1810, a do Comércio e a da Polícia, dirigiam-se para a Comarca mineira do Rio das Mortes. A primeira delas, também identificada como ‘estrada da Corte para São João del-Rei’, representava para os condutores da porção mais oriental do sul de Minas uma significativa redução de jornada em comparação com a estrada real para São Paulo. Ambas passavam nas imediações de Vassouras, em território fluminense, e alcançavam a fronteira mineira acima de Valença, no Rio Preto, onde foram instalados importantes registros.¹²⁵

Houve muitas dificuldades de manutenção dessas precárias estradas em um primeiro momento. Mesmo assim, elas registraram um vultoso movimento de tropas, rebanhos e porcas. Chama a atenção o levantamento realizado por Eschwege das exportações mineiras entre os anos de 1818-1819. Juntos, os registros do Rio Preto e do Presídio do Rio Preto, correspondentes às duas estradas abertas, computaram uma quantidade sensivelmente maior de gêneros de abastecimento interno da Colônia – toucinho, carne salgada, gado, porcos, queijos – se comparada com o registro do Caminho Novo. Este, por sua vez, sobressaía claramente nas exportações de algodão proveniente do norte da Província e também dos cultivos de açúcar e do incipiente café, todos destinados mormente à exportação. Cabe mencionar, todavia, que o Caminho Velho ainda concentrava uma parte significativa do fluxo de mercadorias do sul de Minas, especialmente da porção mais ocidental da Comarca do Rio das Mortes.¹²⁶

A função das vias abertas no primeiro quartel do século XIX transcendia a regularização do fluxo mercantil entre o sul mineiro e a Corte. Além de contribuírem com uma maior articulação no centro-sul da colônia, as novas estradas constituíram-se em importantes agentes de povoamento, valorização da terra e

¹²³ MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*: principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944, p. 257-258.

¹²⁴ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 58-60.

¹²⁵ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 60-61; TAUNAY, Afonso E. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939, v. 4, p. 386; TELLES, Pedro C. S. *História da engenharia no Brasil (séculos XVI a XIX)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1984, p. 163.

¹²⁶ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 60-64, 79, 81; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 38.

irradiação da economia cafeeira. O melhoramento dos caminhos representava uma oferta de terras acessíveis, que foram distribuídas em sesmarias majoritariamente aos grupos familiares detentores de vínculos com a aristocracia, muitas vezes em troca da prestação de serviços ao Estado. Tal foi o caso do Vale do Paraíba fluminense, cuja concentração fundiária nas mãos de poucos e grandes proprietários se desdobraria mais adiante nas enormes fazendas de café. Muitos deles eram inclusive provenientes da Comarca do Rio das Mortes, onde se haviam projetado economicamente através do comércio ou da mineração. Os futuros barões de Aiuruoca e de Itambé, ambos são-joanenses que se instalaram na região de Vassouras, são casos sintomáticos neste sentido.¹²⁷

A fixação no meio do caminho entre a Corte e o sul de Minas garantia, finalmente, a mediação das relações entre as zonas produtoras e o polo consumidor do Rio de Janeiro. De fato, muitos dos produtores e negociantes do sul de Minas detinham o controle também do transporte de tropas e se deslocavam até a capital portuária para realizar operações comerciais. Algumas empresas ligadas à produção de gêneros de abastecimento chegavam, inclusive, a se instalar ali com grande êxito. A tendência de descida e fixação de mineiros no mercado carioca teria se consolidado até meados do século XIX. Ao passo que se facilitava a intermediação, evitava-se o atravessador.¹²⁸ Vemos, assim, como teria sido instaurada uma estrutura logística que, tendo como base a Comarca do Rio das Mortes encabeçada pela vila de São João del-Rei, estendia sua rede de influências e controle do movimento mercantil.

O papel de São João del-Rei na intermediação do comércio regional pode ser sintetizado da seguinte forma:

O centro das exportações mineiras tinha sede na praça comercial de São João del-Rei, que, juntamente com Barbacena, constituíam os dois polos do comércio atacadista, servindo de verdadeiros entrepostos regionais. Situados na entrada das Gerais, centralizavam o fluxo das mercadorias de diferentes regiões, até mesmo de Goiás e Mato Grosso. São João del-Rei drenava a maior parte das exportações de subsistência mineira, ao passo que Barbacena concentrava principalmente as exportações de algodão.

Sede da Comarca do Rio das Mortes e com situação geográfica privilegiada, São João del-Rei era servida por diferentes canais de escoamento (estrada do Comércio, estrada da Polícia, Caminho Novo, que por sua variante chegava até Barbacena). (...) Os comerciantes de São João tinham acesso à produção de gado de Paracatu, onde seus ponteiros iam em busca do gado, reforçando deste modo as funções exportadoras da cidade. Mercados como o de Vila Rica, também recebiam seu gado e seus queijos, desempenhando [São] João uma função abastecedora também a nível regional.¹²⁹

Confirmam-se aqui: a manutenção de São João del-Rei como o principal centro econômico da região, para além da jurisdição da Comarca; a situação estratégica da localidade, servida pelos antigos caminhos – Picada de Goiás e Caminho Novo – e as novas estradas do Comércio e da Polícia; bem como a sua função de abastecimento também em nível regional e interno à província.¹³⁰

¹²⁷ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 61, 65, 66, 68, 71. O café nunca teria tido importância na região em torno de São João del-Rei, ficando restrito, nas Minas da segunda metade do século XIX, à região da Zona da Mata; ver GRAÇA FILHO (2007), *op. cit.*, p. 59.

¹²⁸ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 54, 75-76, 91, 94, 102, 104; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 81-83.

¹²⁹ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 90.

¹³⁰ Para um mapa de Minas Gerais a indicar as rotas comerciais interprovinciais e São João del-Rei como um dos principais entrepostos, na primeira metade do século XVIII, ver PAIVA, Clotilde A.; RODARTE, Mario M. S. Dinâmica demográfica e econômica (1830-1870). In: RESENDE, Maria E. L.; VILLALTA, Luiz C. (org.) *A Província de Minas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2013, v. 1, p. 287.

Um importante elemento da economia do sul de Minas e de São João del-Rei em particular era o manejo da pecuária através das invernadas, definidas como grandes fazendas estancieiras que dispunham de pastagens estratégicas para a engorda do gado no caminho para a Corte. A posição estratégica da região e as condições favoráveis de clima e solo garantiam alimento e descanso para os animais em trânsito. Os proprietários contavam muitas vezes com uma articulada rede de agentes que controlava o fluxo de reses desde sua compra aos criadores até o mercado consumidor concentrado no Rio de Janeiro. A ação monopolista dos invernistas-atravesadores abrangia uma área extensa tanto em Minas, especialmente na região de Paracatu, como em Goiás e Mato Grosso, tirando proveito ainda do regresso das tropas para o controle do comércio regional. Grandes negociantes chegavam inclusive a montar firmas na capital carioca, de modo a evitar intermediários e ampliar os lucros dos negócios. Auguste de Saint-Hilaire já observara aspectos do funcionamento do esquema por volta do ano de 1820.¹³¹

Outro aspecto importante da economia mineira era a busca pela autossuficiência. Mawe já chamara a atenção para a existência de uma produção têxtil praticada principalmente pela população feminina. Ao aprofundar o estudo das atividades manufatureiras nas Minas do século XIX, Douglas Libby encontra um setor com desenvolvimento vigoroso e peculiar, em paralelo e estreitamente relacionado à agropecuária predominante. A avultada entrada de produtos estrangeiros após a abertura dos portos em 1808 abalou a indústria artesanal e doméstica. Mesmo assim, as atividades de transformação, combinadas com a produção de gêneros de subsistência, teriam contribuído para suprir as necessidades de um autoconsumo e, com isso, criar independência em relação às importações. Esse quadro teria sido reforçado pela condição de isolamento geográfico de Minas, a par das dificuldades de transporte. Nesse mesmo sentido, Afonso Graça Filho enfatiza a autossuficiência da província e especialmente da Comarca do Rio das Mortes na acomodação econômica advinda do declínio da mineração, incluindo as atividades manufatureiras – destacadamente a têxtil, mas também a siderúrgica e a de artefatos de couro – juntamente com as agrárias e pastoris. A típica fazenda escravista, policultora e voltada para mercados contava com um alto grau de autonomia em nível dos insumos locais, o que, inclusive, lhe conferia uma maior resistência em momentos de crise econômica. Na Vila, os gastos com alimentação seriam ainda aliviados com o cultivo de quintais e chácaras.¹³²

Dada a escassez de registros oficiais, é difícil dimensionar a praça mercantil de São João del-Rei na época.¹³³ Contudo, os viajantes deixaram impressões que permitem formar uma ideia, ainda que vaga, do comércio na Vila. Como vimos, Mawe já notara uma considerável transação de produtos de subsistência no ano de 1809.¹³⁴ Cerca de uma década depois, a pequena povoação já contaria com um vultoso comércio

¹³¹ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 37, 54, 74-76, 99-101, 105-106; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 36, 39, 55, 58.

¹³² MAWE (1944), *op. cit.*, p. 258; LIBBY (1988), *op. cit.*, p. 15-16, 128, 347, 350-351; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 20, 36, 47, 175, 208-210; FRIZZERA, Jussara. São João del Rei: etapas de desenvolvimento. In: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *São João del-Rei: a região, a cidade, o patrimônio de história e arte*. Belo Horizonte: FJP, 1983, p. 24. Este artigo de Frizzera oferece uma síntese sobre a transformação econômica e urbana de São João del-Rei.

¹³³ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 60.

¹³⁴ MAWE (1944), *op. cit.*, p. 257-258.

reconhecido pelo grande número de lojas e pelo ativo movimento de tropas regulares.¹³⁵ Tanto Saint-Hilaire como Robert Walsh, pastor anglicano e desenhista inglês que passou em São João por volta de 1828, indicaram não só a prosperidade como a pujança da atividade produtiva e mercantil. Também o cientista alemão-russo Langsdorff, de passagem pela Vila em 1824, notou essas qualidades na economia.¹³⁶

Nenhum relato deixou de reparar na vocação comercial de São João del-Rei, que se tornara um importante destino na rota dos viajantes. Um exemplo pode ser dado no mapa publicado no diário de viagem de Walsh (Fig. 7).

7. Mapa de parte das províncias do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, com indicação de rota seguida pelo autor e viajante. Robert Walsh, 1829. Fonte: WALSH (1985), v. 2.

O reverendo inglês, motivado por uma amizade na vila de São José del-Rei (Tiradentes), vizinha de São João, rumou para a região pela estrada do Comércio ou da Polícia. De lá, utilizou o Caminho Velho para acessar Vila Rica – outrora eldorado e ainda capital da Província – e retornou ao Rio de Janeiro pelo Caminho Novo. A confluência indicada no itinerário destaca a importância estratégica da Comarca do Rio das Mortes e de sua vila-cabeça à época.

O fluxo mercantil intermediado por São João del-Rei também corria em sentido inverso, ou seja, a partir da importação e redistribuição de produtos advindos do Rio de Janeiro. Por volta do ano de 1818, muitos dos viajantes que passaram pela Vila observaram o comércio de mercadorias estrangeiras. Luccock

¹³⁵ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975, p. 312; POHL, Johann E. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976, p. 87; SPIX, Johann B.; MARTIUS, Carl F. P. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981, p. 194-195; RUGENDAS, Johann M. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976, p. 31.

¹³⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941; WALSH, Robert. *Notícias do Brasil: 1828-1829*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985, v. 2, p. 74; SILVA, Danuzio G. B. (org.) et al. *Os Diários de Langsdorff*. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997, p. 35. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/q5cc4>>. Acesso: 28 mai.2015.

notou a oferta de artigos ingleses na praça e a balança comercial favorável em relação ao Rio de Janeiro.¹³⁷ Spix e Martius, por sua vez, observaram “lojas fornecidas de todos os artigos de luxo e do comércio europeu”, sobretudo portugueses e ingleses, tais como tecidos, utensílios de ferro e bebidas finas.¹³⁸ Poucos anos depois, já na década de 1820, Rugendas mencionou outros produtos importados para a Província, tais como o azeite e, destacadamente, o sal.¹³⁹ Esta última seria, segundo Walsh, a principal mercadoria trazida dos caminhos cariocas, uma vez que era estritamente necessária à rendosa pecuária.¹⁴⁰

Nesse contexto, Ivan Vellasco chama a atenção para a circulação tanto material como cultural em torno de São João del-Rei:

A posição privilegiada da região, cortada pelas principais estradas que davam acesso ao centro da capitania, a tornava passagem obrigatória dos que se dirigiam ao território das Minas. Além das mercadorias trazidas nos lombos dos burros, os homens das tropas de regresso do Rio de Janeiro traziam novidades, jornais, ideias. A intensificação do movimento nas estradas acarretava a permanente circulação de notícias, e o comércio introduzia bens e produtos que assinalavam um novo estilo de vida.¹⁴¹

A situação estratégica e a prosperidade das atividades comerciais favoreciam, assim, o trânsito de informações e de bens de consumo, em consonância com os novos hábitos do século XIX.

Nesse contexto, cabe abrir um pequeno espaço, entre parênteses, sobre o trânsito e o consumo cultural em São João del-Rei. É novamente Ivan Vellasco quem tece uma síntese com base no apogeu da Vila em torno da década de 1830. A imprensa local passou por um período de glória com 12 periódicos em circulação, cujo conteúdo abordava assuntos diversos sobre política, história, civismo, literatura, teatro e cotidiano, a par dos acontecimentos na Corte carioca. A biblioteca foi inaugurada em 1827 e, um ano depois, Walsh comentava o surpreendente acervo de cerca de 1.000 volumes de obras em português, espanhol, francês e inglês; nessa “próspera e florescente cidade”, “todos os jornais publicados no Brasil são recebidos ali e colocados na sala de leitura”. Na mesma época, existiam uma escola pública de primeiras Letras e uma de Gramática Latina, além de outras tantas aulas particulares. As representações teatrais contavam com registros desde o século XVIII e, por volta de 1830, reclamava-se a construção de um novo teatro. A tradição artística setecentista se traduzia ainda em uma intensa atividade musical profana e sacra, sendo frequente a atuação de orquestras em eventos tanto cívicos como religiosos. Embora uma parte da atividade cultural ficasse restrita a um grupo social privilegiado, haveria um certo acesso ao conhecimento, às artes e às festas.¹⁴²

O comércio era, por sua vez, muito diversificado e pouco especializado nos ramos de negócios. Estes compreendiam principalmente molhados – gêneros líquidos, comestíveis e o que não se veste, tais como azeite, vinho, tintas, carne seca, pólvora e milho – e efeitos da terra, ou seja, mercadorias produzidas

¹³⁷ LUCOCK (1975), *op. cit.*, p. 312.

¹³⁸ SPIX e MARTIUS (1981), *op. cit.*, p. 194-195.

¹³⁹ RUGENDAS (1976), *op. cit.*, p. 31.

¹⁴⁰ WALSH (1985), *op. cit.*, p. 74.

¹⁴¹ VELLASCO, Ivan de A. *As sedução da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça – Minas Gerais, século 19*. Bauru/São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2004, p. 45.

¹⁴² VELLASCO (2004), *op. cit.*, p. 52-62; WALSH (1985), *op. cit.*, p. 78.

na própria região, tais como gêneros de alimentação e aguardente. Em menor escala eram comercializados também as fazendas e fazendas secas, que incluíam tecidos, artigos de vestuário, livros, instrumentos musicais, utensílios domésticos, peças em metal, louças, especiarias, objetos de armarinho etc. Enquanto as lojas e armazéns tinham grande porte e uma maior variedade de mercadorias, as pequenas vendas comerciavam, no geral, molhados e aguardente. Poderíamos incluir, ainda, as oficinas de prestação de serviços, em que predominavam, no ano de 1838, os sapateiros e alfaiates, seguidos dos ofícios de carpinteiro, ferreiro, pedreiro, ourives, carapina e seleiro.¹⁴³

Saint-Hilaire, por volta de 1820, coletou outras informações relevantes para a compreensão dos trâmites comerciais da cabeça de comarca:

Os comerciantes, muitos dos quais bem ricos, compram no Rio de Janeiro todos os objetos que podem ser consumidos no interior; os vendeiros das pequenas vilas da comarca de Rio das Mortes e das comarcas mais distantes têm certeza de encontrar numa mesma casa em São João, quase todos os artigo de que necessitam; enquanto que, se fossem ao Rio de Janeiro perderiam muito tempo, fariam despesas consideráveis e, menos conhecidos, não gozariam do mesmo crédito.¹⁴⁴

Além de reforçar a intermediação de São João del-Rei nas importações cariocas, aparece um outro importante elemento da estrutura econômica, a saber, a concessão de crédito. De forma mais enfática, o alemão Carl Seidler afirma, ao conhecer a Vila no ano de 1830, que “quase todos os moradores do interior devem aos negociantes de São João e por isso em muitos sentidos lhe são sujeitos.”¹⁴⁵ Com efeito, a análise dos inventários das maiores fortunas são-joanenses indica uma grande concentração do crédito pelos negociantes de grosso trato. Estes concediam empréstimos maiores a devedores selecionados e, comumente, pequenos valores a inúmeras pessoas, a par das mercadorias comercializadas em suas vendas e armazéns. As dívidas eram usualmente abatidas pela entrega da produção e de bens inventariados dos clientes-devedores, os quais ficavam à mercê deste sistema pouco monetarizado mas muito dinâmico. Dessa forma, São João del-Rei se tornava o centro financeiro e creditício para uma ampla região de Minas Gerais.¹⁴⁶

Até por volta do ano de 1830, a estrutura econômica mineira, polarizada no sul da Província, já redundava em uma destacada prosperidade, fato comprovado por alguns dados quantitativos. Mais de 88% das porcadas e 45% das tropas que chegavam ao Rio de Janeiro provinham de Minas Gerais, que, por sua vez absorvia mais de 48% dos escravos desembarcados no porto carioca. As vendas de tecidos de algodão mineiros tiveram um crescimento vertiginoso entre os anos de 1824 e 1830. Se no interstício censitário 1776-1821 a população declina na Comarca de Vila Rica, na do Rio das Mortes ela quase triplica. O registro do Presídio do Rio Preto, situado na Estrada da Polícia que conectava São João del-Rei à Corte, teve suas exportações de reses e toucinhos aumentadas em mais de 170% se comparado com os levantamentos de

¹⁴³ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 61-64; RESENDE, Edna M. *Entre a solidariedade e a violência: valores, comportamentos e a lei em São João del-Rei, 1840-1860*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 45.

¹⁴⁴ SAINT-HILAIRE (1941), *op. cit.*, p. 206.

¹⁴⁵ SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980, p. 302.

¹⁴⁶ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 72-80, 83; GRAÇA FILHO (2007), *op. cit.*, p. 61; LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 102.

Eschwege de uma década antes. Com efeito, a cabeça de comarca apresentou o seu melhor desempenho na lavoura de alimentos e na pecuária no período entre 1829 e 1836.¹⁴⁷

Contudo, alguns acontecimentos da época contribuíram para arrefecer o impressionante crescimento da região. A abertura da estrada do Picu a partir de 1822, que servia à porção mais ocidental do sul de Minas, proporcionou um acesso mais abreviado ao caminho que conectava São Paulo ao Rio de Janeiro. A nova rota teria contribuído para a formação de um corredor de exportação que evitava a intermediação imediata do comércio atacadista de São João del-Rei. Desviava-se uma parte considerável do movimento mercantil concentrado nas estradas da Polícia e do Comércio, que, no entanto, continuaram a receber constantes investimentos em melhorias. Em 1833, uma nova reorganização distrital nas Minas desmembrou a Comarca do Rio das Mortes, retirando-lhe vários termos, incluindo os de Barbacena e de Campanha. Tais ocorrências indicariam uma tendência à descentralização da força política e estratégica em torno de São João del-Rei, mas seu município sustentou uma situação econômica próspera durante as décadas de 1830 e 1840. Como temos visto, sua rede de influências transcendia as fronteiras tanto comarcais como provinciais.¹⁴⁸

Com a aproximação de meados do século XIX, a região de São João del-Rei ainda mantinha fortalecida a sua vocação agropastoril. Registros em relatórios provinciais e em dicionário geográfico indicaram o município como o mais abastado de Minas Gerais, de comércio vultoso e possuidor de excelentes pastagens e cultivos agrícolas. Tal prosperidade era em parte devida ao capital acumulado nos negócios interprovinciais ao longo da primeira metade do século XIX.¹⁴⁹

Entretanto, a partir de meados do século XIX novos elementos territoriais e econômicos entram em cena. O ano de 1850, marcado pela proibição do tráfico transatlântico de escravos, é indicado como um verdadeiro parte-águas na dinâmica demográfica e econômica do Brasil e particularmente de Minas, com repercussões paulatinas nos padrões urbanos e de construção civil.¹⁵⁰ O impacto atingiria certamente o município de São João del-Rei, cujo número de escravos à época passava da metade da população total.¹⁵¹

Com efeito, a década de 1850 representa um momento de arrefecimento do crescimento econômico da região polarizada pela cidade de São João del-Rei. O comércio de gado, uma de suas principais atividades comerciais, se viu afetado pelo rearranjo das companhias monopolizadoras do Rio de Janeiro. Apesar da permanência de mineiros e particularmente são-joanenses no mercado carioca, a nova intermediação de marchantes anulou a função dos antigos comissários e alterou a logística dos tradicionais centros criadores e fazendas estancieiras. Com a perda do espaço de invernadas para outras regiões e a consequente mudança da rota do comércio de gado em Minas Gerais, os ponteiros e negociantes são-

¹⁴⁷ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 38-39, 213.

¹⁴⁸ LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 61, 85-86, 88, 94; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 33. Contrariando as informações oferecidas por outros autores, Alcir Lenharo destaca, entre os anos de 1829 e 1832, um vultoso movimento mercantil no registro de Itaguahy, que atendia à região mais ocidental do sul de Minas, em detrimento dos registros do Rio Preto e do Presídio do Rio Preto; ver LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 83-85. Para a ideia de manutenção das redes sociais e comerciais para além das divisões jurídico-administrativas, ver, ainda, TEIXEIRA, Paula C. *Negócios de mineiros e cariocas: família, estratégias e redes mercantis no caso Gervásio Pereira Alvim (1850-1880)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009, p. 38.

¹⁴⁹ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 25, 36-38.

¹⁵⁰ LIBBY (1988), *op. cit.*, p. 61; REIS FILHO, Nestor G. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 146-149.

¹⁵¹ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 44.

joanenses se viram prejudicados. Dados sobre a diminuição da renda de importação de sal corroboram a transformação no setor, embora a crise fosse em parte neutralizada pelo comércio de outros gêneros e pelas redes de ligações interregionais envolvendo a pecuária. De fato, a intermediação no comércio de subsistência ainda era forte, mesmo quando a economia entrava em menor prosperidade.¹⁵²

O escrito de José A. Rodrigues publicado no ano de 1859 apresenta a situação ainda próspera do município e cidade de São João del-Rei, cuja economia ainda se baseava nos mesmos produtos agropecuários e no comércio. A descrição mostra o saldo favorável da relação entre a exportação e a importação mercantil, bem como a existência de terrenos férteis e produtivos. A conclusão do relatório, no entanto, mostra-se bastante desalentadora. As estradas de acesso estariam em lamentável estado de conservação e a agricultura caminhando a passos largos para um abismo. Um quadro melancólico de fome e descapitalização é indicado como tendência. Embora o interesse político no sentido de angariar fundos perante as autoridades provinciais deva ser considerado, as informações apresentadas mostram indícios de mudanças importantes na economia da região.¹⁵³

Nesse cenário, duas novas rotas de escoamento foram agenciadas em Minas, em detrimento da importância protagonizada por São João del-Rei. Por um lado, a estrada de rodagem União e Indústria, organizada a partir de meados da década de 1850, destacou-se como um importante dreno, ao tempo em que se anunciava a ascensão econômica da região da Zona da Mata. A moderna rodovia, juntamente com o desenvolvimento dos primeiros trechos ferroviários, motivaram o declínio comercial dos portos da Guanabara tradicionalmente utilizados por mineiros. Por outro lado, no final desta década passou a funcionar a estrada de Passa-Vinte, que ligava o sul de Minas – Lavras, Aiuruoca – com o litoral fluminense, tornando-se nas décadas seguintes um escoadouro de peso na região. Com a preferência pelos novos caminhos, São João del-Rei se viu afetada no controle que usualmente exercia sobre o mercado. Dados sobre o declínio do fluxo de gêneros de abastecimento nos registros mais diretamente relacionados com a cidade, destacadamente o do Presídio, refletem o prejuízo causado aos negociantes são-joanenses.¹⁵⁴

Os novos esquemas de comercialização de gado, somados às iniciativas de abertura e melhoramento de vias, fortaleceram a economia da região do sul de Minas abaixo do Rio Grande. Algumas das localidades aí situadas chegaram a pleitear, a meados da década de 1850, a reorganização administrativa, inclusive a separação de Minas Gerais. Apesar da resistência do governo provincial e do insucesso do projeto, os eventos resultaram, no ano de 1855, na redivisão do território mineiro em 18 comarcas. No ano de 1870 já seriam 24 o número de comarcas, sendo a do Rio das Mortes composta

¹⁵² LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 54; GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 58, 197-198, 213; RESTITUTTI, Cristiano C. *As fronteiras da província: rotas de comércio interprovincial, Minas Gerais 1839-1884*. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006, p. 241, 254-256.

¹⁵³ RODRIGUES, José A. *Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do Municipio da Cidade de S. João del-Rey*. São João del-Rei: Typographia da Gazeta Mineira, 1859, p. 23-27. Para dados biográficos sobre o autor, ver CINTRA, Sebastião O. *Efemérides de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982, v. 1, p. 272-273.

¹⁵⁴ RESTITUTTI (2006), *op. cit.*, p. 239, 240, 242, 246, 253, 261-262; TAUNAY (1939), *op. cit.*, p. 387. Para detalhes sobre a construção da rodovia União e Indústria, ver TELLES (1984), *op. cit.*, p. 168-175. Para um mapa de 1858 indicando os principais caminhos para Minas no território fluminense, ver NOVAES, Adriano. *Os caminhos antigos no território fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Cidade Viva, 2008, p. 60. Disponível em: <<http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/06/oscaminhosantigos.pdf>>. Acesso em: 11 de jul. 2012.

somente pelos termos de São João del-Rei, São José del-Rei (Tiradentes) e Oliveira. Finalmente, em 1891, a comarca ficaria reduzida ao seu próprio município, coincidindo com a nomenclatura da cidade.¹⁵⁵

A década de 1860 é reconhecida como um período difícil para a esfera econômica de São João del-Rei. A crise na estrutura produtiva se espelhou numa queda das exportações de subsistência e no recrudescimento do processo de acumulação de capitais gerados pelo setor mercantil. A desvalorização da terra, a baixa dos produtos regionais e a alta dos produtos importados causaram dificuldades para os fazendeiros e comerciantes da região. Tal situação teria sido motivada em parte pela concorrência de outras áreas produtoras e fornecedoras de Minas Gerais. Outro sintoma de decadência se apresentou no quadro na população escrava, que diminuiu na época em função de sua transferência para as áreas fluminenses cultivadoras do café.¹⁵⁶

A abalada situação econômica de São João del-Rei ficou representada em um mapa oficial da Diretoria de Obras Públicas da província, datado do ano de 1866 (Fig. 8).

8. Mapa das coletorias, recebedorias e seus extravios, linhas de correios e suas ramificações da província de Minas Gerais, 1866. Fonte: APM

Apesar de a posição estratégica da Vila ainda ser visível, nota-se uma maior saturação de símbolos no extremo sul da província e na Zona da Mata, em consonância com o agenciamento das novas estradas do Pícu e da União e Indústria. A coletoria do Rio Preto, outrora polarizadora de um importante fluxo mercantil, encontra-se desconectada das principais linhas de correios, as quais ainda rumam predominantemente para o Rio de Janeiro, embora a cidade de São Paulo também apareça com bastante destaque gráfico.

¹⁵⁵ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 33-34, 198-199; TEIXEIRA (2009), *op. cit.*, p. 38.

¹⁵⁶ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 44, 133, 185, 205-208.

As impressões sobre São João del-Rei e arredores, registradas pelo inglês Richard Burton em 1867, tampouco foram muito otimistas, apesar de ressaltarem a fertilidade dos terrenos, a produção agropastoril e o movimento mercantil tanto de exportação de produtos típicos como de importação de sal. O viajante mencionou uma renda municipal reduzida e a falta de investimentos na infraestrutura urbana. Notou nas ruas muitas casas para alugar e indícios de depreciação de propriedades. Chamou ainda a atenção para o declínio da mineração e da indústria têxtil.¹⁵⁷

A situação era de crise, mas não se pode confundir um momento de arrefecimento e transformações na economia com uma decadência generalizada. Em 1860, foi criada em São João del-Rei uma das primeiras casas bancárias de Minas Gerais a partir de capital mercantil ligado à economia de subsistência e à mineração da região. No ano seguinte, o município registrou a segunda maior arrecadação da província, só perdendo para a capital Ouro Preto. Em 1865, a cidade ainda seria mencionada como o principal centro comercial da província.¹⁵⁸ De fato, na década de 1870 a contração mercantil foi superada, houve uma retomada dos preços, o movimentado comércio ainda sustentava fortes vínculos com o mercado carioca e tanto os animais como a escravaria foram razoavelmente mantidos.¹⁵⁹

Entretanto, a situação tornou-se novamente crítica com a aproximação da abolição e com a descapitalização das fazendas escravistas na década de 1880. O preço dos escravos disparou, inversamente ao dos artigos típicos regionais, que sofreram uma queda acentuada. A crise econômica de São João del-Rei foi percebida na contínua perda da intermediação mercantil, na decadência do comércio na cidade, bem como no arrefecimento da agricultura. O capital acumulado no comércio e a manutenção do fluxo mercantil com o Rio de Janeiro não foram suficientes para sustentar a prosperidade na região. Os investimentos na indústria e a chegada de imigrantes, principalmente italianos, a partir de 1888 tampouco foram capazes de evitar o declínio econômico da segunda metade e, especialmente, das últimas décadas do século XIX.¹⁶⁰

Volumosos recursos foram ainda direcionados para a construção da ferrovia, cujo ramal proveniente do trecho principal que conectava o Rio de Janeiro a Minas Gerais, denominado Estrada de Ferro Oeste de Minas, chegou em São João del-Rei no ano de 1881. A rede ferroviária, no entanto, já se disseminava em diferentes partes do Império. Paradoxalmente, o que deveria beneficiar o fluxo mercantil da cidade, acabou por propiciar a outras regiões a facilidade de comunicação direta com o principais centros consumidores do sudeste brasileiro. Nesse sentido, perdeu-se importante espaço de intermediação no mercado tanto mineiro como interprovincial, apesar das melhorias no setor de transportes.¹⁶¹

¹⁵⁷ BURTON, Richard F. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976, p. 113, 123, 125. Richard Burton aproveita muitos dados do trabalho de José A. Rodrigues, publicado em 1859.

¹⁵⁸ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 40, 66; GRAÇA FILHO (2007), *op. cit.*, p. 50.

¹⁵⁹ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 128-129, 149, 208; TEIXEIRA (2009), *op. cit.*, p. 40. O relato de Aureliano Pimentel publicado em 1881 não apresenta maiores informações sobre a situação econômica e territorial da cidade, embora mencione dados gerais sobre a agropecuária, a indústria, estradas e o comércio de importação e exportação. Ver PIMENTEL, Aureliano P. C. *Apontamentos sobre o município de S. João d'El Rei*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1881.

¹⁶⁰ GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 149, 187, 191, 208, 229, 231; TEIXEIRA, Mariana E. *Ser italiano em São João del-Rei (1888-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011, p. 43.

¹⁶¹ GAIO SOBRINHO (1997a), *op. cit.*, p. 37; GRAÇA FILHO (2007), *op. cit.*, p. 50.

Se comparado com a primeira metade do século XIX, há de se reconhecer uma sensível contração da economia em torno de São João del-Rei. No geral, a segunda metade da centúria representou um período de dificuldade e transformação. O sistema agrário do município sofreu mudanças importantes com a desagregação das grandes fazendas e a difícil ampliação de terras cultiváveis. Houve um enfraquecimento gradual em diferentes setores, tais como o mercado de gado, a agricultura, a mineração e a manufatura têxtil, impactados com a produção de outras regiões como o Triângulo, o Sul e a Zona da Mata em Minas Gerais, além de novas áreas em províncias como as de São Paulo, Goiás e Rio Grande do Sul. As fortunas inventariadas dos principais fazendeiros são-joanenses mostram a acentuada desvalorização de seus bens e confirmam o ligeiro declínio das atividades econômicas. Finalmente, a primazia regional do setor creditício também se viu afetada diante da concorrência de novos estabelecimento financeiros fundados em Minas.¹⁶²

A perda de importância e a crise econômica do final do século XIX pode ser assim resumida:

... São João del-Rei não mais se mantinha como principal centro produtor e fornecedor de gêneros de subsistência dos mercados cariocas. A diversificação das fontes de oferta dos produtos de abastecimento... fez diminuir, paulatinamente, desde meados do século XIX, a força e o prestígio das áreas tradicionais, como no caso da região dos Campos das Vertentes. O desenvolvimento do café... e sua crescente importância na economia brasileira viriam alterar o sentido do fluxo populacional e comercial do Estado, criando novos centros urbanos a oeste e ao sul, fato que levaria São João del-Rei a uma posição marginal.¹⁶³

Como síntese esquemática da economia encabeçada por São João del-Rei durante o século XIX, podemos estabelecer a primeira metade da centúria como um período de crescimento. Apesar do declínio a partir de meados desse século, o terceiro quartel pode ainda se enquadrar numa situação de prosperidade. Já nas últimas décadas, observam-se maiores sintomas de decadência, apesar dos investimentos realizados a partir do capital anteriormente acumulado.

A dinâmica territorial se modifica a par das transformações econômicas. A Comarca do Rio das Mortes sustenta uma posição de destaque na primeira metade do século XIX, apesar da crescente concorrência de novas áreas produtivas tanto intra como extra provinciais. Se, por um lado, os recortes restringem a influência administrativa da sua vila-cabeça, por outro lado são mantidos muitos dos vínculos comerciais, financeiros e familiares na região. Com a maior ocupação do sudeste brasileiro e o desenvolvimento da infraestrutura de transportes a partir de meados do século XIX, São João del-Rei perde importância estratégica, ainda que a cidade continue a apresentar um crescimento urbano significativo.

¹⁶² GRAÇA FILHO (2002), *op. cit.*, p. 40, 45-47, 128, 130, 133, 199, 206-207, 231; LENHARO (1979), *op. cit.*, p. 137.

¹⁶³ FRIZZERA (1983), *op. cit.*, p. 25.

1.2. Formação urbana

O arraial: primeiros anos de formação

Já vimos que os primórdios do assentamento de São João del-Rei estavam vinculados aos antigos caminhos praticados pelos bandeirantes que vinham de São Paulo para a região das Minas. O porto do Rio das Mortes, localizado a um par de quilômetros do arraial, polarizara uma ocupação primitiva no sentido de explorar o fluxo do caminho e a cobrança dos direitos de passagem. O ouro encontrado no próprio Rio das Mortes e nas encostas vizinhas teria motivado a criação das duas futuras vilas da região, incluindo a de São José, atual Tiradentes, situada a cerca de oito quilômetros rio acima.

O diagrama elaborado por Geraldo Guimarães esboça os principais elementos em torno da fixação do arraial (Fig. 9).

9. Diagrama (original e modificado) do primeiro assentamento de São João del-Rei. Fonte: Geraldo Guimarães In: DANGELO (2006), p. 85.

Destacam-se o caminho que levava à região principal de mineração em torno de Vila Rica e o suporte natural da paisagem marcado pelos principais cursos d'água e pela serra.

O Caminho Velho, ou um de seus ramais, vinha margeando a Serra do Lenheiro, seguindo o fundo do vale formado entre regatos e córregos. Cabe adiantar um plano da região produzido no ano de 1881, para melhor perceber a topografia (Fig. 10).

10. Plano topográfico (original e detalhe) de São João del-Rei, 1881; O Córrego do Lenheiro foi aqui denominado Córrego da Praia. Título original: Topographical Sketch Plan of the S. João d'el Rei and Rio das Mortes Sections of the Gold Region in the Comarca of Rio das Mortes Province of Minas Geraes – Brazil, 1881. Fonte: APM.

Antes do estuário que anunciava o encontro com o Rio das Mortes, o vale se abria ligeiramente em um trecho onde desembocavam pequenos cursos d'água – córregos do Rio Acima e do Segredo – no hoje denominado Córrego do Lenheiro. Justamente nas imediações deste local, na encosta da Serra que descia até a margem esquerda do Córrego, foram descobertas importantes jazidas de ouro. Do outro lado do Córrego estendia-se uma pequena planície pontuada a sudeste pelo morro da Força ou do Bonfim, que logo se tornaria outro ponto de acesso ao povoado.¹⁶⁴ A figura mostra ainda, em sua extremidade direita, o esboço do arraial de Matosinhos.

A notícia de descoberta de ouro no sopé da Serra do Lenheiro e a consequente repartição das terras minerais remonta ao ano de 1704. O terreno teria sido primeiramente ocupado de forma semelhante ao típico arraial mineiro, por ranchos de garimpeiros – construções rústicas de paus roliços e cobertura de palha – junto às áreas de mineração. Teria sido dada a preferência por pontos elevados e protegidos das enxurradas. Outros dois elementos fundamentais se instalariam quase que concomitantemente: uma precária capela primitiva, polarizadora da vida social e situada em um ponto de referência do lugar; e a atividade comercial.¹⁶⁵

Cabe aqui destacar o conciso texto de Sylvio de Vasconcellos sobre a formação das antigas povoações de Minas Gerais, as quais, “em sua maioria, originaram-se de estradas, cujas margens,

¹⁶⁴ As referências de margem direita e esquerda do córrego são consideradas aqui a partir do sentido de descida do curso d'água. Sendo assim, sempre nos referiremos à margem esquerda como sendo aquela compreendida entre o Córrego do Lenheiro e a Serra homônima, sendo a margem direita o outro lado encabeçado pelo Morro da Força ou do Bonfim.

¹⁶⁵ OLIVEIRA, José A. História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento das suas minas, casos nêle acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. In: DANGELO (2006), *op. cit.*, p. 100-102; MATOL, José. Notícia que dá ao R. P. Diogo Soares, o sargento-mor José Matol sobre os descobrimentos do famoso Rio das Mortes. In: DANGELO (2006), *op. cit.*, p. 121; GUIMARÃES, Fábio N. *Ruas de São João del-Rei*. Contagem: FUMARC, 1994, p. 12; VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 121-123; VASCONCELLOS, Sylvio. A arquitetura colonial mineira. In: ÁVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 353-354, 359-360; FONSECA, Claudia D. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 93-94, jun.2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/39809>>. Acesso em: 01 Jun. 2015.

construídas, acabaram por transformá-las em ruas. (...) Ainda que o ouro tenha sido a causa remota e base econômica da criação dos aludidos povoados, é o comércio que os objetiva e alimenta.”¹⁶⁶ O autor continua a explicar a gênese dos arruamentos em função dos caminhos que ligavam às minerações, bem como sua configuração espontânea e longilínea motivada pela adaptação ao terreno e pelo crescimento orgânico dos traçados. Outra singularidade apontada nos arraiais mineiros, decorrente precisamente do peculiar processo de formação urbana, é a situação dos templos, comumente erguidos no centro de largos circundados por praças ou ruas, posicionando-se com frequência em pontos de bifurcação viária.¹⁶⁷

O caso de São João del-Rei não se afasta desse contexto. A gênese do arruamento do arraial que se formava pode ser assim sintetizada por Roberto Maldos:

O ouro, farto e de fácil exploração nas encostas da serra que cercavam a vila, orientou os caminhos entre a vila e as áreas de exploração. Da serra desciam caminhos em direção ao Córrego do Lenheiro, por cujas margens os viajantes exploradores se dirigiam em duas direções: na direção do Rio das Mortes, cujo porto servia de passagem para a sua travessia, e em outra direção para os lados do Rio das Mortes Pequeno, cujo caminho era citado como saída para São Paulo.¹⁶⁸

Os dois sentidos assinalados pela descida da serra e pela orientação do vale foram assim primordiais na formação do espaço urbano. A isso poderíamos agregar, por um lado, a polarização exercida pelas primeiras capelas. Por outro lado estendia-se, entre a área de mineração e o Córrego do Lenheiro, um terreno de topografia mais suave com melhores condições de assentamento. Desenhava-se, dessa forma, o tecido viário do arraial primitivo, com caminhos mais planos e longitudinais ao Córrego, para onde desembocavam outros que desciam a Serra.

O Século XVIII

Nos conflitos em torno da chamada Guerra dos Emboabas, ocorrida entre os anos de 1708 e 1710, a povoação teria sido completamente incendiada, incluindo a capela primitiva. Terminando a contenda, “o arraial se formou de novo e se povoou como dantes”, alcançando logo uma prosperidade econômica e certa densidade populacional, ainda que de forma precária.¹⁶⁹

Em 1713, o arraial foi elevado à condição de Vila, recebendo o nome de São João del-Rei. Não há maiores notícias sobre a formação urbana da época e os livros de aforamento e concessões de terras produzidos entre os anos de 1713 e 1723 foram perdidos.¹⁷⁰ No entanto, o auto de levantamento expressou, ao lançar o pelourinho junto à igreja no Morro da Força, a primeira intenção oficial em deslocar

¹⁶⁶ VASCONCELLOS, Sylvio. Formação das povoações de Minas Gerais. In: _____. *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959a, p. 4.

¹⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 5-6

¹⁶⁸ MALDOS, Roberto. *Formação urbana da cidade de São João del-Rei*. São João del-Rei: mimeo, s/d. O arquivo digital deste trabalho – completo, atualizado e sem numeração formal de páginas – foi-nos fornecido pelo próprio Roberto Maldos. Nos arquivos do IPHAN-MG há exemplar impresso com a data de 1997.

¹⁶⁹ OLIVEIRA (2006), *op. cit.*, p. 112-114.

¹⁷⁰ MALDOS (s/d), *op. cit.*

o povoado para o outro lado do córrego onde havia uma planície.¹⁷¹ No ano seguinte, em 1714, um bando¹⁷² ordenava taxativamente a mudança de lugar da povoação, sob ameaça de severas penas. Diversos documentos dos anos subsequentes reafirmavam a diretriz urbana, além de mencionarem o alinhamento e a retidão das novas ruas, bem como a condição das casas serem cobertas de telhas, tudo para um maior aformoseamento da Vila.¹⁷³ De fato, quando o Conde de Assumar a visitou em 1717, entrando nela pelo Morro da Força, notou-se um cenário ainda bastante primitivo, com um conjunto irregular de casas, predominantemente de palha, separadas umas das outras, junto às lavras de ouro; além disso, indicava-se reiteradamente a melhor conveniência da edificação no plano situado no outro lado do rio, onde se encontrava a igreja.¹⁷⁴ A estratégia de mudança estaria assinalada ainda pela presença da Casa de Fundição numa das vertentes que descia do mesmo Morro da Força, ao lado da qual seria instalada também a Casa da Intendência por ocasião da criação da Comarca do Rio das Mortes no ano de 1714.

Acontece que as determinações oficiais em Minas eram frequentemente desprezadas pelos moradores, que obedeciam a elas somente de forma esporádica e de acordo com as conveniências locais.¹⁷⁵ Não se sabe ao certo por que prevaleceu a permanência no lugar primitivo de São João del-Rei, presumivelmente motivada pela proximidade do ouro e da vida social em torno das confrarias e também das tavernas e lojas, as quais já somavam um número impressionante de 60 no ano de 1718.¹⁷⁶ Com efeito, a Casa da Câmara, representante do poder civil local, seria instalada em área elevada do assentamento, bem próximo às áreas de mineração, no sopé do monte que abrigaria a Capela das Mercês anos mais tarde.¹⁷⁷ Os templos construídos em época posterior à fundação da Vila também localizaram-se predominantemente no lado esquerdo do Córrego.¹⁷⁸

A posição alinhada de três das principais igrejas – Rosário, Matriz do Pilar e Carmo – teria definido a Rua Direita (Fig. 11).¹⁷⁹

¹⁷¹ *Apud* GUIMARÃES (1961), *op. cit.*, p. 45.

¹⁷² O termo 'bando' significa a proclamação pública de um decreto ou uma lei. Ver: BLUTEAU (1728), *op. cit.*, p. 31.

¹⁷³ MALDOS (s/d), *op. cit.*

¹⁷⁴ DIÁRIO da jornada que fez o Exmo. D. Pedro desde o Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo e desta até Minas, no ano de 1717. *Revista do SPHAN*, n. 3, 1939, p. 313. Para a ação oficial nos primeiros anos de criação da vila de São João del-Rei, ver, ainda CUNHA, Alexandre M. A evolução urbana de São João del-Rei. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. (org.). *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007a, p. 23-25.

¹⁷⁵ FONSECA (2012), *op. cit.*, p. 98-99.

¹⁷⁶ MALDOS (s/d), *op. cit.*

¹⁷⁷ Nos seis primeiros anos que seguiram à fundação da Vila, o Senado da Câmara realizou suas sessões em casas particulares de juizes, transferindo-se no ano de 1719 para o Largo da Câmara, onde permaneceu até 1849. Ver VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1959, p. 29.

¹⁷⁸ São as datas aproximadas das principais capelas e igrejas de São João del-Rei: Rosário, benta em 1719; Matriz do Pilar, iniciada em 1721; Carmo, benta em 1734; São Francisco, capela primitiva desde 1749, situada no lado direito do Córrego; e Mercês, igreja primitiva em 1751. Ver: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *São João del-Rei: a região, a cidade, o patrimônio de história e arte*. Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro, 1983, p. 35-36. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=47252#>>. Consulta: 3 dez. 2012.

¹⁷⁹ Optamos por manter o nome coetâneo dos logradouros ao longo do presente trabalho, mesmo quando a mudança toponímica causasse confusão em certos momentos. Ver Apêndice 2.

11. Diagrama (original e modificado) mostrando a formação do caminho tronco e da Rua Direita de São João del-Rei a partir das aglomerações em torno de templos. Fonte: MELLO (1985), p. 75.

O diagrama apresentado por Suzy de Mello sintetiza aquele esquema de formação urbana a partir de aglomerados habitacionais em torno de templos.¹⁸⁰ A orientação do vale marcava, ainda, os caminhos de chegada à Vila córrego acima, onde teria sido construída posteriormente a capela de Santo Antônio.¹⁸¹ Em direção a esse eixo ou caminho tronco, desciam as ruas secundárias e irregulares desde as encostas auríferas da serra, sendo a parte de trás da capela das Mercês uma importante área de mineração. A rua mais citada no primeiro Livro de Aforamento e Concessões de Terra, que compreendia os anos de 1724-1728, era a de São Miguel, juntamente com suas transversais e mais ou menos paralelas que formavam o principal eixo de acesso às jazidas.¹⁸²

Cabe avançar no tempo para visualizar o espaço urbano que se formava em São João del-Rei. A planta da vila elaborada por Geraldo Guimarães esboça a malha viária de São João del-Rei consolidada ao longo do século XVIII (Fig. 12).

¹⁸⁰ Ver: FONSECA (2012), *op. cit.*, p. 93-94; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 17.

¹⁸¹ Embora se aceite a Rua Santo Antônio como uma das mais antigas e que teria dado acesso à vila, Roberto Maldos (s/d) argumenta que a mesma só teria sido aberta após meados do século XVIII, sendo a Rua do Tejuco o antigo caminho vindo de São Paulo. Também Augusto Viegas só encontra a primeira denominação de Rua Santo Antônio por volta do ano de 1765, tendo como referência a construção da capela homônima (VIEGAS, 1959, *op. cit.*, p. 261).

¹⁸² MALDOS (s/d), *op. cit.*; ALARCON, Taciana. *Colonização portuguesa em São João del-Rei: aspecto urbano*. Monografia (Pós Graduação em História de Minas Gerais séc. XVIII e XIX) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2005, p. 10.

1 - Capela N. S. Mercês	10 - Capela N. S. Rosário	18 - Chafariz do Matola
2 - Capela N. S. Carmo	11 - Capela S. Caetano	19 - Capela N. S. Conceição
3 - Casa da Camara	12 - Ponte do Rosário	20 - Casa de Caldeira Brant
4 - Igreja Matriz N. S. Pilar	13 - Chafariz	21 - Ponte do Hospital
5 - Cadeia	14 - Casa de Bárbara Eliodora	22 - Casa da Intendência
6 - Capela N. S. Piedade	15 - Igreja São Francisco de Assis	23 - Igreja de S. Gonçalo
7 - Ponte Nova ou da Intendência	16 - Matriz N.S. Pilar (velha)	24 - Casa de Fundição
8 - Fonte João Congo	17 - Casa da Caridade (Santa Casa)	25 - Fonte da Biquinha
9 - Capela Santo Antônio		

12. Planta da vila de São João del-Rei no século XVIII (cores e posições de legendas modificadas). Fonte: GUIMARÃES in DANGELO (2006), p. 91.

Chama a atenção o contraste entre as duas margens do Córrego do Lenheiro, o qual era transposto por duas pontes: a do Rosário, que teria sido construída por volta do ano de 1719, nas proximidades da igreja homônima,¹⁸³ e a Nova, cerca de 400 metros abaixo. Elas davam início aos dois caminhos que se dirigiam ao Morro da Forca depois de passar por importantes largos: o de São Francisco e o da Intendência. Estes, por sua vez, se conectavam pela Rua de São Francisco, cuja continuidade rumava ao Porto Real depois de passar pelo morro do Matola.¹⁸⁴ Nesse lado da vila, em que predominavam chácaras de oficiais ligados à administração real, havia uma ocupação mais rarefeita e uma maior regularidade de traçado.¹⁸⁵

No lado esquerdo, que abrigou os primórdios da povoação, o tecido urbano já se tornara bastante mais adensado e irregular. O caminho tronco sobre a Rua Direita e as imediações da Rua São Miguel imprimiam as linhas sinuosas a acompanhar os declives e aclives do terreno. Superpunham-se a este traçado primitivo linhas mais retas a definir, destacadamente, o Largo da Câmara¹⁸⁶ prolongado até a traseira da Matriz, a rua de baixo da Direita denominada do Curral e, ainda, a rua que desembocava na ponte Nova, a caminho para a Intendência. Finalmente, travessas e becos interconectavam os logradouros.

O mapa da evolução urbana de São João del-Rei elaborado por Andre Dangelo e Vanessa Brasileiro corrobora a situação do traçado viário da vila no século XVIII, aqui sobreposto à cidade atual (Fig. 13).

¹⁸³ FRIZZERA (1983), *op. cit.*, p. 22.

¹⁸⁴ A Rua de São Francisco não teria o traçado retilíneo como esboçado na planta de Geraldo Guimarães, como mostra o respectivo detalhe na fotografia panorâmica de André Bello feita no início do século XX.

¹⁸⁵ MALDOS (s/d), *op. cit.*; ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 9.

¹⁸⁶ A nomenclatura de Largo ou de Praça da Câmara se confunde em nossas investigações, em parte motivada pela contiguidade entre dois espaços abertos. Para efeito do presente trabalho, consideraremos Largo da Câmara o espaço, próximo à forma de um retângulo, que se estende entre a traseira da Igreja Matriz e as escadarias da igreja das Mercês, e Praça da Câmara o espaço quadrangular contíguo delimitado entre o referido Largo e as três faces de quarteirões, hoje denominado Praça Barão de Itambé.

13. Mapa (original e detalhe simplificado e rotacionado para posicionamento do norte geográfico) da evolução urbana de São João del-Rei no século XVIII, sobre base atual. Fonte: DANGELO *et. al.* (2014), p. 216.

Destaca-se o caminho tronco – formado por Rua Santo Antônio, Rua Direita, Rua do Carmo, Rua da Cachaça, Prainha e Rua do Barro Vermelho¹⁸⁷ – que recebe outros tantos tortuosos que descem a serra. Contrapõe-se ao aglomerado, no outro lado do córrego, as escassas vias mais retílineas que levam às saídas do morro do Bonfim e do Porto Real.

Não sabemos ao certo como e em que momento se teria configurado o conjunto urbano de ruas sinuosas e casas alinhadas junto à testada dos lotes. As considerações de Claudia Fonseca sobre a formação dos espaços urbanos das Minas setecentistas ajudam a clarear o assunto. Tanto a espontaneidade orgânica – mas não aleatória – dos tecidos urbanos como a contiguidade e a uniformidade arquitetônica, típicas das povoações mineradoras, estariam motivadas pela ação ao mesmo tempo informal e regulada dos particulares que promoveram a substituição dos ranchos por construções menos precárias. Nesse contexto, a tradição secular dos moradores teria se manifestado anteriormente à tentativa de imposição dos ideais de retidão e correção preconizados pelo poder oficial. Com a instalação da estrutura administrativa e a maior presença do poder eclesiástico, novos atores entrariam em cena na regulação do espaço urbano.¹⁸⁸ Em todo caso, as condicionantes topográficas e hidrográficas, os caminhos de acesso ao povoado e à área de mineração, a polarização exercida pelos templos religiosos, bem como a pressão demográfica na ocupação das terras figuraram como fatores fundamentais deste fenômeno urbano.

No caso de São João del-Rei, informações mais precisas – ainda que fragmentadas e parciais –

¹⁸⁷ DANGELO, André *et. al.* *Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei - 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014, p. 24.

¹⁸⁸ FONSECA (2012), *op. cit.*

sobre sua formação urbana surgiram a partir de 1713 e 1714, com as novas condições de Vila e de cabeça de comarca. Segundo a síntese de Claudia Fonseca, os documentos oficiais de Minas da época abordavam aspectos urbanísticos tais como “a delimitação e a gestão dos rossios e dos chãos foreiros, o direito de utilização das nascentes, o sistema de adução d’água, a abertura, a regularização, a pavimentação e a conservação das ruas e praças, o financiamento e a construção de pontes e chafarizes.” Cabe lembrar que as intervenções de caráter urbanístico da Coroa teriam sido menos sistemáticas e explícitas na província mineira se comparadas com outras partes da América Portuguesa, uma vez que a atenção se concentrava mais no fisco e no controle social. A atuação de engenheiros nesse sentido também teria sido bastante escassa.¹⁸⁹

Já no ano de 1717, cartas e editais ordenavam a construção de ruas direitas ou menos irregulares e de casas alinhadas e cobertas de telhas. A concessão de terras urbanas estipulava ainda as dimensões tanto das testadas como dos quintais, não podendo estes ultrapassar oito braças. A obrigação imposta para se dar início às obras em determinado tempo, sob pena de terras tornarem-se devolutas, sugeriam tanto a valorização dos lotes e a preocupação com a expansão urbana, como o interesse da Câmara em cobrar os respectivos foros.¹⁹⁰

Fica subentendido, no trabalho de Roberto Maldos, que a área de ocupação inicial do povoado, situada entre o sopé da serra e o Córrego, já estaria com o arruamento mais ou menos consolidado até a década de 1720. A partir daí, intensificou-se a concessão de terras em ruas periféricas como Tejuco, Jogo da Bola, por detrás do Carmo, nova de Santo Antônio e as da região do Barro Vermelho. A intenção de desenvolvimento no outro lado do curso d’água permanecia, e houve notícias, ainda na primeira metade do século XVIII, de concessão de lotes no Morro da Força, nas imediações da Casa de Intendência e na borda direita da Praia, nome pelo qual sempre foram conhecidas as margens do Córrego.¹⁹¹ Cabe lembrar que as terras apossadas nem sempre contavam com registro oficial, pois o mesmo implicava uma indesejável cobrança de tributos. Ainda assim, os documentos camarários permitem formar uma ideia da dinâmica de ocupação fundiária.¹⁹²

Além das questões de concessão de terras, a Câmara dispendeu recursos consideráveis na manutenção da infraestrutura urbana ao longo de todo o século XVIII. O arruador, figura que surgiu logo nos primeiros anos da Vila, fiscalizava o cumprimento dos editais em tarefas tais como limitar a construção em áreas públicas, determinar a largura das vias, construir e reformar passeios, controlar as dimensões do lote urbano e o alinhamento das fachadas, bem como obrigar ao calçamento das testadas. O espaço urbano modificava-se de forma muito dinâmica, com frequentes ordens de abertura, correção e fechamento de ruas e becos. O controle administrativo visava principalmente à segurança e ao aformoseamento da Vila.¹⁹³

¹⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 90.

¹⁹⁰ ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 12, 16-17, 32.

¹⁹¹ Toda vez que mencionarmos o termo ‘praia’, estaremos nos referindo às margens ou às vias que margeiam o Córrego do Lenheiro.

¹⁹² MALDOS (s/d), *op. cit.*

¹⁹³ MALDOS (s/d), *op. cit.*; ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 13, 30.

Outro foco de atuação da Câmara era em matéria de condução e fornecimento de água. Por um lado, o escoamento pluvial deveria ser canalizado e os cursos d'água transpostos com segurança, o que demandava a construção e a manutenção de valas e pontes. Por outro lado, o uso para consumo doméstico também demandava um trabalho de captação e abastecimento de uma série de fontes localizadas na Vila e seus arredores. Estas se tornavam polos tanto de vida social como de concentração de construções civis, no sentido das vantagens de sua proximidade.¹⁹⁴ Alternativamente, os córregos poderiam também ser usados para atividades como a hidratação de animais e a lavagem de roupa, mas deve-se considerar os empecilhos causados pela água suja resultante da mineração e pela descarga do esgoto urbano realizada manualmente pelo derrame de recipientes.

A grande incidência desses registros de intervenção urbana na década de 1740 sugere que, em meados do século XVIII, a Vila se encontrava em pleno crescimento e com a parte central em processo de consolidação. Contamos com dois textos da época. O primeiro deles, a mais antiga descrição de São João del-Rei datada do ano de 1749, consta de pedido oficial de elevação à cidade. Apesar de se fazer necessário matizar o contexto político da petição, que tenderia a superestimar os temas descritos, a Vila estaria “bem assentada, e povoada com alguns edifícios nobres, e regulares ruas com bem ornados templos”.¹⁹⁵ O outro testemunho, escrito nestes mesmos anos, foi expresso por José Álvares de Oliveira, que participou pessoalmente do conflito em torno da Guerra dos Emboabas no primitivo arraial. A povoação teria na época 500 fogos,¹⁹⁶ três oratórios, quatro capelas – Mercês, São Caetano, Conceição e São Francisco – e as três igrejas da Rua Direita, a do Carmo, a do Rosário e a Matriz do Pilar, esta última com exterior imponente e interior ricamente ornado. Mencionou-se ainda a presença de duas pontes sobre o Córrego principal e de importantes edifícios públicos, a saber, a Casa da Câmara em seu respectivo largo, a Cadeia na Rua Direita e a infraestrutura jurídico-administrativa em torno da Casa Real da Intendência.¹⁹⁷

Outros documentos de correspondência oficial indicavam o declínio da exploração de ouro na vila. Assim mesmo, de acordo com Roberto Maldos, a segunda metade do século XVIII apresentou, apesar dos altos e baixos, um maior impulso no setor comercial. As licenças para o funcionamento de vendas na década de 1770 mostram um número vultoso e relativamente estável de estabelecimentos, os quais se concentravam principalmente nas ruas da Cachaça, do Tejuco, de São Miguel e Direita. Nesse sentido, também Taciana Alarcon supõe uma estabilização do crescimento do núcleo central e um maior enriquecimento em função do comércio, o qual repercutiria no investimento na construção e reformas de igrejas e casarões.¹⁹⁸

O empenho da Câmara na administração das obras públicas continuou presente nesta segunda

¹⁹⁴ MALDOS (s/d), *op. cit.*; ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 13, 24-25; GUIMARÃES (1994), *op. cit.*, p. 15.

¹⁹⁵ FRIZZERA (1983), *op. cit.*, p. 22; SÃO JOÃO DEL-REI. A Câmara de São João del-Rei a D. João V – Carta, 5 março 1749. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 4, 1899, p. 815.

¹⁹⁶ O termo ‘fogo’ corresponde a uma unidade habitacional ou familiar. Enquanto Bluteau (1728, *op. cit.*, p. 155) o associa ao número de famílias de uma vila, Corona e Lemos dizem ser sinônimo de fogão, de chaminé e, por extensão, de casa; ver CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972, p. 222.

¹⁹⁷ OLIVEIRA (2006), *op. cit.*, p. 117-119. O texto de Oliveira teria sido escrito entre os anos de 1750 e 1751; ver GRAÇA FILHO (2007), *op. cit.*, p. 52; GUIMARÃES (1961), *op. cit.*, p. 16.

¹⁹⁸ ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 9.

metade do século XVIII. O registro de termos e editais para o controle e a contratação de serviços de manutenção em matéria de águas, ruas, calçamentos e edificação seguiram frequentes e supostamente atuantes. Em torno do ano de 1780, destacaram-se ordens visando à regularização urbana, tais como aquelas relativas à demolição de casas para a uniformização viária, ao endireitamento de beco e calçada e à construção de cais entre as duas pontes do Córrego do Lenheiro. Mesmo em momentos de baixa de verbas e de rendimentos camarários, a Vila não cessaria seu processo de transformação urbana, utilizando-se de recursos tais como o ajuste na cobrança de impostos ou a obrigação de particulares com obras de ordem pública.¹⁹⁹

No que concerne à concessão de terras, houve, a partir da década de 1770, uma maior ocupação dos terrenos no entorno da Vila e nos caminhos de acesso aos povoados vizinhos. Esse cenário estava relacionado à fixação tanto de fazendas de produção agropastoril, quanto de chácaras suburbanas destinadas ao uso misto de abastecimento e moradia, tal como foi usual no bairro de Matosinhos. Também aproveitaram-se para o casario as antigas áreas de mineração, agora pouco ou nada produtivas, a exemplo dos terrenos atrás do Carmo, inclusive os do Barro Vermelho. Nesta época, as áreas que iam da Intendência até o largo de São Francisco e a Rua da Prata teriam uma grande circulação e novas ocupações de residências. Chamam a atenção os frequentes problemas de inundações, enxurradas e abastecimento de água nesta região, os quais poderiam ter contribuído para a resistência expressa pelos moradores com respeito à mudança para este lado da vila.²⁰⁰

A leitura dos documentos oficiais em torno de São João del-Rei indica que, no final do século XVIII, a povoação já ocupava as principais localidades que seriam adensadas na centúria seguinte.²⁰¹ A Vila recebeu, em torno do ano de 1780, elogios em relatos de funcionários régios, os quais destacaram seu terreno plano e agradável, suas ruas vistosas e algumas nobres edificações.²⁰² Assim mesmo, as construções ainda eram algo precárias: existia um único chafariz, as pontes ainda eram de madeira e as principais igrejas ou contavam com corpos primitivos, ou passavam por importantes obras.²⁰³ Em todo caso, com a informação mais diretamente disponível ao pesquisador, forma-se uma imagem algo parca sobre as condições urbanas e do conjunto arquitetônico da época. Se, por um lado, tem-se uma ideia das áreas de ocupação e do arruamento, por outro lado dificilmente se visualiza a configuração do casario no Setecentos.

¹⁹⁹ MALDOS (s/d), *op. cit.*; ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 28-29, 35.

²⁰⁰ MALDOS (s/d), *op. cit.*; GUIMARÃES (1994), *op. cit.*, p. 15.

²⁰¹ MALDOS (s/d), *op. cit.*

²⁰² ROCHA, José J. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995, p. 121; COELHO, José J. T. *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994, p. 79.

²⁰³ ALARCON (2005), *op. cit.*, p. 24; GRAÇA FILHO (2007), *op. cit.*, p. 53-54.

O século XIX

No início do século XIX, mais precisamente no ano de 1807, Diogo de Vasconcelos descreveu a situação da Vila dividida em duas partes pelo córrego – transposto pelas duas pontes já construídas em pedra – e notou a presença de bons edifícios e vários templos. São João del-Rei foi considerada pelo autor como a mais bela vila da capitania de Minas.²⁰⁴ O contraste com as ruas íngremes e casarios marcadamente descompassados de outros núcleos urbanos como o de Vila Rica teria favorecido a sua apreciação, embora apresentasse traços importantes da típica “irregularidade” mineira. Nesse sentido, a Vila são-joanense aproximava-se mais da imagem ideal preconizada pelas cartas régias, que valorizavam um arruamento plano e retilíneo, além de fachadas contínuas e uniformes.²⁰⁵ Além disso, já observamos anteriormente como sua estrutura econômica calcada no comércio e na produção agropastoril já se consolidara na segunda metade do século anterior. A Vila estaria mais ou menos preparada para receber as novas demandas surgidas com a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro.

Nas primeiras décadas do século XIX, algumas ruas e becos foram abertos em áreas mais periféricas como as do Pau do Angá, Barro Vermelho, Tejuco e em torno dos terrenos que viriam a sediar a Santa Casa da Misericórdia.²⁰⁶ Chama a atenção o alargamento realizado no caminho que vinha de São Paulo e chegava à ponte do Rosário e daí ao Rocio, denominado ‘Praça da Praia’ no mapa de Geraldo Guimarães. A construção do cais neste largo sugeria um uso intenso do lugar e a conexão com a Rua do Curral, logradouros estes que se tornariam importantes lugares de comércio e de descanso de tropas. Se no ano de 1771 a Rua do Curral – que provavelmente albergava extensos fundos de quintal dos sobrados situados em frente à Matriz – contava com somente 4 vendas, em 1854 se distribuíam nela 19 casas comerciais. De acordo com a Décima Urbana do ano de 1826, seus 75 imóveis eram bastante expressivos frente aos 97 da Rua Direita. Neste mesmo ano foi ainda feito ato de arrematação para ligar a expoente via comercial com o Largo do Carmo, através da abertura de uma rua então denominada Nova.²⁰⁷

A Câmara da Vila continuava a administrar diversas obras urbanas em matéria de concerto de ruas, becos, calçadas, pontes e fontes, além da construção e manutenção de edifícios oficiais ou de interesse público tais como matadouros e cemitérios. Nessa época, já se apresentariam problemas de deterioração de imóveis tanto públicos como privados a exigir constantes intervenções de remodelação. Na área central houve um exemplo de demolição de casas, fechamento de beco e o alargamento de via nas

²⁰⁴ VASCONCELOS, Diogo P. R. *Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994, p. 83.

²⁰⁵ FONSECA (2012), *op. cit.*, p. 97.

²⁰⁶ Para um mapa com uma antiga divisão e respectivos usos dos terrenos em torno da Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei, ver ALVARENGA, Luís M. *História da Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei (1783-1983)*. Belo Horizonte: Gráfica Formato, 2009, p. 405-406.

²⁰⁷ MALDOS (s/d), *op. cit.*; CAMPOS, Maria A. A. *A marcha da civilização: as vilas Oitocentistas de São João del-Rei e São José do Rio das Mortes – 1810-1844*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998, p. 107. Os dados de 1854 e da Décima Urbana de 1826 em: GRAÇA FILHO, Afonso A. O comércio e a cidade mineira Oitocentista de São João del-Rei. In: LIBBY, Douglas C. (org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010, p. 144-145. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cem/Livro.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015.

imediações da Cadeia e da igreja Matriz, ambas situadas em plena Rua Direita.²⁰⁸

Ao passar em São João del-Rei no ano de 1809, John Mawe concentrou seus comentários sobre a situação econômica da importante Vila, que nesta altura teria pelo menos 5 mil habitantes.²⁰⁹ A partir de 1818, entretanto, outros viajantes estrangeiros observaram algumas características do conjunto urbano. Neste mesmo ano, chegando pelo caminho do Morro do Bonfim, John Luccock observou os traços contrastantes da paisagem montanhosa e a acanhada povoação que se estendia ao longo do Córrego amplo e raso. Chamou-lhe a atenção, neste primeiro panorama, a visibilidade das ruas possibilitada pela baixa altura do casario, as duas pontes de pedra, os edifícios públicos e as casas particulares. Notou ainda que a Vila era compacta e de forma aproximadamente circular, dando a entender que, à época, havia uma considerável densidade construtiva na área de ocupação mais antiga. O negociante inglês teve como referência o seu país de origem e chegou a fazer uma equiparação explícita de situação e de porte com a localidade de Halifax no Yorkshire.²¹⁰

Ainda do alto do Morro do Bonfim, Luccock descreveu a paisagem urbana:

A mistura de numerosas igrejas com as casas, de telhas vermelhas e ainda não enegrecidas pelo fumo, de telhados não deformados pela intromissão de chaminés, de paredes feitas limpas e alvas pela aplicação de argamassa e caiação, do calçamento cor-de-cinza das ruas, das areias amarelentas do rio e do verde dos jardins, formava um quadro pitoresco e interessante.²¹¹

E continuou, ao penetrar na Vila:

... as ruas são estreitas, torcidas, longe de uniformes, e muito escorregadias, sendo pavimentadas com grandes lajes lisas e azuis, com um canal ao meio. O assento das casas é de tal forma irregular que elas dominam e devassam umas às outras, sendo as que mais alto se colocam escolhidas para sedes de repartições públicas ou para as residências particulares melhores.²¹²

O cenário seria, deveras, bastante diferente do contexto inglês, com seus lares construídos de tijolos aparentes, aquecidos por carvão e iluminados pelo céu cinzento característico do norte. As ruas aludidas, de configuração estreita e torcida, seriam menos aquelas principais – Direita, do Curral, da Intendência – e as do lado direito do Córrego, do que aquelas secundárias situadas nas entradas da Vila e em direção à encosta da serra. Em todo caso, para o viajante o casario se apresentou de forma irregular, com telhados provavelmente desconstruídos em função da topografia e da existência de sobrados. As casas já seriam inclusive numeradas, sendo o número 887 da última porta um indicativo da quantidade de imóveis ou fogos da vila.²¹³

Luccock se decepcionou com a dimensão da Vila, cuja população ascendia a cerca de 6 mil habitantes, e com o tão falado comércio, que se encontrava desmunido de um mercado público e era agenciado geralmente em casas acanhadas e escuras. Assim mesmo, ressaltou a opulência das igrejas e a

²⁰⁸ MALDOS (s/d), *op. cit.*

²⁰⁹ MAWE (1994), *op. cit.*, p. 257-258.

²¹⁰ LUCCOCK (1975), *op. cit.*, p. 301-304, 310.

²¹¹ *Idem, ibidem*, p. 301.

²¹² *Idem, ibidem*, p. 302.

²¹³ LUCCOCK (1975), *op. cit.*, p. 302. O número de fogos apontado por Luccock coincide aproximadamente com os 828 imóveis lançados na Décima Urbana do ano de 1826. Ver GRAÇA FILHO (2010), *op. cit.*, p. 145.

solidez de edifícios públicos como os da Câmara, da Cadeia, da Santa Casa e da Casa de Fundição. Chamaram-lhe a atenção, ainda, as fazendas e as casas com jardins disseminadas nos vales dos arredores da povoação, destinadas a chácaras de comerciantes ou a unidades produtivas de porte considerável.²¹⁴

Por volta do mesmo ano de 1818, passava por São João del-Rei o naturalista austríaco Johann Pohl. As impressões deixadas pelo viajante, mais breves e de recepção mais positiva que as de Luccock, reafirmam muitos dos aspectos da Vila, a qual

... figura entre as mais limpas e alegres que já encontrei no Brasil. Situada em clima suave, apresenta uma vista risonha com as suas 1.000 casas, na maioria de um só andar, limpamente caiadas e com pomares verdes... (...) As ruas são amplas e bem calçadas, mas um tanto desiguais por ser o terreno acidentado. O número de habitantes sobe a 7.000.²¹⁵

À diferença do negociante inglês, para Pohl, as ruas lhe pareceram amplas e bem cuidadas, apesar de irregulares. Coincidem, grosso modo, a apreciação da paisagem, a caracterização do casario predominantemente térreo e caiado de branco, bem como a dimensão populacional e o número de fogos. Além dos elementos urbanos mais visíveis – pontes, igrejas, edifícios públicos, comércio –, enfatizou ainda a presença de um cemitério nos arredores da Vila e, no Arraial de Matosinhos, para onde se tinha acesso por uma estrada carroçável, notou belas casas de campo com jardins pertencentes a são-joanenses abastados.²¹⁶

Ainda em 1818, a povoação foi visitada pelos naturalistas alemães Spix e Martius, os quais expressaram a mesma visão romântica da paisagem e das fazendas do vale, das pontes e do casario, bem como as condições em torno da prosperidade comercial, da urbanização e dos edifícios públicos e religiosos. Não há maiores novidades no relato, mas, por vez primeira neste contexto de viajantes estrangeiros, foi mencionado o contraste entre as duas partes da Vila, uma junto à Serra e a outra maior na planície do outro lado do córrego.²¹⁷

Entre os anos de 1818 e 1822, foi a vez de Saint-Hilaire visitar a localidade em diversas ocasiões. O botânico francês citou obras de outros estrangeiros – Mawe, Eschwege, Luccock, Spix e Martius – e teve como referência a paisagem romântica de seu país de origem, mas apresentou, contudo, aspectos de interesse sobre São João del-Rei. Em seu relato mais extenso, chegando pelo Rancho do Marçal situado do outro lado do Rio das Mortes, o autor se impressionou com a paisagem alegre do vale do Lenheiro e suas numerosas casas de campo ajardinadas. Ao se aproximar da povoação, apresentou uma das descrições mais precisas e ao mesmo tempo concisas da orografia e vegetação do entorno. Para ele, a Vila tinha uma forma de triângulo, com a ponta abaixo das montanhas e o lado maior paralelo ao vale.²¹⁸ Tal descrição coincide com a área delimitada entre o principal foco de mineração atrás da igreja das Mercês e as ruas Direita e do Curral, dispostas no sentido do Córrego.

²¹⁴ LUCCOCK (1975), *op. cit.*, p. 302-316.

²¹⁵ POHL (1976), *op. cit.*, p. 86-87.

²¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 86-88.

²¹⁷ SPIX e MARTIUS (1981), *op. cit.*, p. 194-195.

²¹⁸ SAINT-HILAIRE (1941), *op. cit.*, p. 200-203.

Saint-Hilaire seguiu comentando sobre as duas partes desiguais da Vila, as pontes de pedra, as igrejas e os principais edifícios públicos, chamando-lhe a atenção a ausência de chafariz comunitário e a existência de duas praças, a de São Francisco e a do Largo da Câmara.²¹⁹ Em matéria de urbanização, notou ruas calçadas e muito largas. As casas pareceram-lhe bonitas e bem cuidadas, sendo um grande número delas assobradadas. A situação geral, incrementada pelo grande número de lojas bem sortidas, permitiu-lhe a conclusão de que “não somente esta vila não tem esse ar de tristeza e abandono, peculiar a quase todas as desta província; não somente não se veem, a cada passo, casas abandonadas caindo em ruínas, mas ainda tudo aí parece vivo e animado”.²²⁰ Corrobora-se, assim, a prosperidade econômica, espelhada ainda no bom estado do casario.

Ao longo desses anos, também teriam visitado São João del-Rei o engenheiro e mineralogista alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege, que teria passado na Vila em 1821, e o português Raimundo José da Cunha Matos que, depois de conhecer a localidade em 1823, publicaria uma importante obra por volta do ano de 1837. O material ao qual tivemos acesso, entretanto, não apresenta informações novas sobre a situação urbana.²²¹

Um par de anos mais tarde, precisamente em 1824, passava pela Vila a expedição científica liderada pelo russo Georg Heinrich Langsdorff. Em seu diário de viagens, registrou dados isentos de maiores novidades, ainda que sensíveis para as características do entorno da povoação e do clima. Quando mencionou uma população entre 24 e 25 mil habitantes distribuídas em 4.200 lareiras, estaria se referindo provavelmente ao termo da Vila, não propriamente à povoação.²²² Este dado se aproxima ao número de 22 mil pessoas apontado anteriormente por Saint-Hilaire ao referir-se ao contingente populacional do termo de São João del-Rei.²²³

Encontrava-se, ainda, nesta comitiva, o desenhista e pintor alemão Johann Moritz Rugendas, que logo depois seguiria uma viagem independente. Seu relato coincide, no geral, com as informações dos viajantes anteriores, mas uma de suas aquarelas do vale do Lenheiro constitui a primeira representação gráfica da Vila até hoje conhecida. (Fig. 14)

²¹⁹ Saint-Hilaire menciona uma das duas praças como sendo pequena, irregular e “onde fica a casa do ouvidor e que está, por assim dizer, fora da vila”. O autor diferencia a casa do ouvidor da casa da intendência, o que nos faz supor um equívoco. Entendemos que se fazia referência ao Largo da Câmara e que a Casa da Câmara tenha sido confundida com a tal casa do ouvidor, o qual teria como residência oficial a Casa de Intendência. Ver: SAINT-HILAIRE (1941), *op. cit.*, p. 203-204.

²²⁰ SAINT-HILAIRE (1941), *op. cit.*, p. 205.

²²¹ Ver: GAIO (1997b), *op. cit.*, p. 137-138; ESCHWEGE, Wilhelm L. *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979, p. 31; MATOS, Raimundo J. C. *Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981, v. 1, p. 114-116.

²²² SILVA (1997), *op. cit.*, p. 30-40.

²²³ SAINT-HILAIRE (1941), *op. cit.*, p. 199.

14. Vista (completa e detalhe) da vila de São João del-Rei e arredores, com destaque para as igrejas do Carmo (1), do Rosário (2) e da Matriz (3). Autor: Johann Moritz Rugendas, 1824. Fonte: Atitude Cultura, 2005 (cartaz).

A vista foi retratada desde a margem direita do Córrego do Lenheiro, no caminho para Matosinhos e o Porto Real. Chama a atenção a largura generosa do leito do córrego e o contraste entre os maciços escarpados da serra e as planícies férteis do vale. A aquarela foi bastante fiel às impressões escritas dos viajantes anteriores e do próprio desenhista, que destaca, ainda, algumas igrejas ricas e belas, além da brancura e limpeza das casas tanto urbanas como suburbanas.²²⁴ Apesar do ângulo de visão, que esconde parcialmente a margem construída direita do Córrego, fica evidente a diferença entre as duas partes da vila. Pelo lado esquerdo, figura uma maior densidade construtiva e a presença de duas igrejas, a do Carmo (1) e a do Rosário (2). Pelo direito, sobressai uma grande construção com torreão central e a vegetação em meio à edificações confirma a maior presença de chácaras.

O casario urbano representado na aquarela, entretanto, se exhibe de forma bastante esquemática. As construções são apenas sugeridas com traços rápidos que indicam, contudo, as sequências de telhados de quatro e, principalmente, de duas águas. Alexandre Mendes Cunha compartilha desta opinião sobre o esquematismo e observa um resumo dos conjuntos construtivos e inclusive da vegetação. Discordamos, assim mesmo, da conclusão deste autor sobre a identificação de uma das duas igrejas do núcleo primitivo da Vila. Não resta dúvida sobre o par de torres pertencerem à igreja do Carmo com corpo volteado para a Rua Direita. Porém, Cunha afirma ser a outra igreja a da Matriz, tendo principalmente como base a

²²⁴ RUGENDAS (1976), *op. cit.*, p. 30.

afirmação de Luccock sobre a existência de torre única na mesma.²²⁵ Ora, o dito templo encontra-se no final do conjunto urbano e com sua fachada orientada em direção à igreja do Carmo ou à Rua Direita. Em suas proximidades, o casario apresenta uma inflexão bastante característica do Rocio junto à Ponte do Rosário, que permite inclusive a visualização do corpo da igreja e sua torre única. Tudo leva a crer que seria esta a igreja do Rosário, não a Matriz. Esta, por sua vez, estaria representada em seu devido lugar, em plena Rua Direita, entre as igrejas do Carmo e a do Rosário, com seu enorme volume e nave lateral, ainda que em posição ambígua e sem qualquer torre visível (3). Terá Luccock se confundido na denominação das igrejas? Dos viajantes anteriores, tanto o próprio Luccock quanto Saint-Hilaire observaram a aparência externa ordinária da Matriz, se bem que Pohl generalizou a presença de torres para todas as igrejas.²²⁶ Ou terá Rugendas omitido o detalhe da torre? Cabe lembrar que a igreja Matriz sofreu importantes acréscimos e a obra de uma nova fachada entre os anos de 1820 e 1852.²²⁷ Nesse sentido, há ainda a possibilidade de, na época do desenho aquarelado, inexisterem torres no templo.

No ano de 1827, apareceu publicada uma correspondência anônima, comum para o período, ao redator do jornal local intitulado *O Astro de Minas*, em que se reclamava sobre o estado da Vila. As ruas e estradas de acesso estariam em mal estado de conservação, bem como o edifício da Cadeia. Apontava-se ainda a falta de chafarizes e de matadouro adequado.²²⁸ Um par de semanas mais tarde, em outro número do jornal, um colaborador concorda com a reclamação, reforçando a letargia e negligência dos administradores do município.²²⁹ A resposta vem em seguida, com outra nota anônima, desta vez discordante, a alegar terem sido tomadas medidas para acudir às obras de primeira necessidade.²³⁰ Nesta querela de época, ficou sugerido o estado mais ou menos precário da infraestrutura urbana e pública, bem como a suposta resposta por parte da administração municipal.

Em 1828, era a vez de Robert Walsh passar por São João del-Rei. O reverendo irlandês incluiu em sua publicação de 1830 uma litogravura com uma vista da Vila. (Fig. 15)

²²⁵ LUCCOCK (1975), *op. cit.*, p. 303; CUNHA, Alexandre M. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Gerais ao começo do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, jun. 2007b, p. 128-130.

²²⁶ LUCCOCK (1975), *op. cit.*, p. 303; SAINT-HILAIRE (1941), *op. cit.*, p. 203; POHL (1976), *op. cit.*, p. 86-87.

²²⁷ ALVARENGA, Luís M. *Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar - São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil*. Juiz de Fora: Sociedade Propagadora Esdeva, 1971, p. 16.

²²⁸ *O Astro de Minas*, n. 4, 27 novembro de 1827, p. 3.

²²⁹ *O Astro de Minas*, n. 9, 8 dezembro de 1827.

²³⁰ *O Astro de Minas*, n. 11, 13 dezembro de 1827, p. 2-3.

15. Litogravura de vista de São João del-Rei, publicada no livro de Robert Walsh em 1830. Fonte: WALSH (1985), v. 2.

O ângulo de visada mais próximo fica evidenciado pela edificação com torreão central situada na entrada da povoação. Tem-se assim uma melhor perspectiva do casario, com densidade destacada no lado esquerdo do Córrego. Do lado direito, também observam-se consideráveis construções em tamanho e número, sugerindo uma ocupação já consolidada em torno do que seria o largo das casas da Intendência e de Fundição. A ponte Nova, depois denominada da Cadeia, sobressai na ligação entre os dois lados da Vila, enquanto a ponte do Rosário, mais acima do curso d'água, se oculta atrás das construções. Na parte primitiva, novamente divisam-se torres de dois templos, o destacado volume da igreja do Carmo e, ao fundo da Rua Direita, a torre única do que seria a igreja do Rosário. Nessa ocasião, não se percebem indícios da igreja da Matriz, o que poderia corroborar a hipótese de falta de torres no templo. Se comparado com a aquarela de Rugendas, visualiza-se uma maior dimensão urbana. O casario também se apresenta de forma esquematizada, embora se esboce a composição das aberturas nas fachadas. Parece estranha a intenção de representar as casas separadamente como volumes independentes, não condizente com a tipologia comum da época. Nesse sentido, também fica exagerada a quantidade de empenas visíveis. Acreditamos que tais aspectos tenham se distanciado da realidade, talvez por influência de outras referências do desenhista ou do gravador estrangeiro. De acordo com a tradição construtiva luso-brasileira, o casario se apresentaria com uma maior frequência de casas geminadas, sendo os telhados, quando muito, recortados ou escalonados devido a diferenças de níveis e presença de sobrados, sendo raramente separados uns dos outros como sugerido na litografia.

Mesmo assim, a contribuição de Walsh mostra-se inestimável. Ele é inclusive um dos primeiros autores a arriscar uma síntese do arruamento, que

... se compõe de várias ruas íngremes, que seguem pelas ladeiras acima e são cortadas por outras, mais planas, paralelas ao rio. As ruas são pavimentadas com pedras arredondadas e geralmente têm de cada lado uma calçada em plano mais elevado, feita de lajes. A maioria das casas se compõe de lojas de aparência bem cuidada e cheias de mercadorias... (...) Tudo isso dava a impressão de ser ali uma próspera e florescente cidade.²³¹

Novos dados sobre a construção de ruas e calçadas foram arrolados. Ficou ainda patente a prosperidade de uma Vila que teria, naquela altura, uma população ao redor de sete mil habitantes. Tal impressão seria ainda corroborada dois anos mais tarde por outro viajante, o alemão Carl Seidler, que no ano de 1830 destacou São João del-Rei como a maior e mais rica povoação da região.²³²

Por esta época, entre os anos de 1829 e 1830, foram elaboradas para São João del-Rei as primeiras Posturas Municipais de que se tem notícia.²³³ Elas teriam sido motivadas pela iniciativa imperial expressa no Regimento das Câmaras Municipais do Império publicadas em 1828, que dava diretrizes para a construção e manutenção em matéria de equipamento urbano e edificação. De fato, a partir deste ano, as decisões administrativas e verbas dos municípios brasileiros ficavam atreladas à sua respectiva província e esta, por sua vez, se reportava ao centro de poder imperial.²³⁴ O documento são-joanense, no entanto, apresenta escassa informação urbana e quase nenhuma de cunho arquitetônico, mas cabe destacar alguns pontos. Em suas disposições gerais, observa-se a denominação de ‘praça’ para os largos situados no interior das povoações. É, entretanto, no título sobre o asseio das povoações que se prestam maiores informações de interesse. No capítulo sobre o alinhamento, a Câmara afirma que fará levantar, com urgência, planos segundo os quais serão formadas as ruas, praças e edifícios da Vila; enquanto isso, “será o alinhamento feito como até o presente”. Não sabemos até que ponto o alinhamento estava definido em outros documentos camarários prévios, mas não temos notícias de maior formalidade e tais planos jamais teriam sido executados até um avançado século XIX. O capítulo segue definindo as competências do alinhador – não mais arruador – na fiscalização das edificações e arruamentos, bem como as condições de aforamento ou arrendamento de terrenos e os prazos para começo e finalização das respectivas obras. Nos capítulos seguintes sobre limpeza e obras públicas, os moradores ficam ainda obrigados a conservar as testadas dos quintais e casas e proibidos de ocupar, obstruir ou escavar as ruas e praças. Finalmente, no capítulo concernente à salubridade, define-se o Cemitério Geral, localizado atrás da cadeia situada na Rua Direita, como lugar único para enterramento.

Ainda por volta do ano de 1830, aparece uma série de três pares de livros de lançamento da Décima Urbana entre os anos de 1826 e 1836. Escolhemos para uma maior análise a do ano de 1831, por estar em melhor estado de conservação e por se situar em ponto intermediário da série.²³⁵ Constan em

²³¹ WALSH (1985), *op. cit.*, p. 74.

²³² SEIDLER (1980), *op. cit.*, p. 302.

²³³ CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. Código de posturas municipais da Vila de São João del-Rei, aprovado pelo Conselho Geral da Província de Minas Gerais em 1º de fevereiro de 1830. Biblioteca Municipal Batista Caetano D’Almeida, São João del-Rei, livro ORD-132, folhas 121-150, 218-219. Tais posturas foram publicadas ainda em GAIO SOBRINHO, Antônio. *Fontes históricas de São João del-Rei*. São João del-Rei: UFSJ, 2013, p. 13-37

²³⁴ CAMPOS (1998), *op. cit.*, p. 102, 120-121; MARINS (2006), *op. cit.*, p. 248.

²³⁵ CÂMARA DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Imposto da Décima, 1831*. IPHAN-SJDR. Agradecemos a Cleide Oliveira pela transcrição e à Profa. Christianni Cardoso Morais pela correção.

tais códigos os lançamentos dos impostos dos prédios urbanos da Vila. Os imóveis são listados de acordo com o logradouro (ruas, largos, becos etc.) e o lado – direito ou esquerdo – de referência. Indica-se, ainda, o nome do proprietário ou morador, o estado do imóvel (alugado, inabitável, demolido, em obras etc.) e o valor do imposto da Décima Urbana. Sendo assim, não se apresentam informações espaciais de caráter urbano ou arquitetônico, salvo a localização na Vila e a posição relativa no logradouro.²³⁶ Contudo, pode-se ainda ter uma boa ideia do arruamento existente à época, bem como do número de imóveis total e de cada logradouro. Cabe lembrar da dificuldade em se seguir a nomenclatura dos logradouros. Nesse sentido, realizamos uma tabela no intuito de organizar as informações a partir de roles do século XIX (Apêndice 2).

Observa-se que a Décima não incluiu os logradouros mais periféricos do núcleo urbano, sendo os limites do mesmo mais ou menos definidos pelo Pau do Angá e a Rua da Conceição a nordeste, a Rua do Tejuco a sudoeste e a área detrás da igreja de São Francisco a sudeste.²³⁷ Em torno dessas bordas urbanas, destacadamente em direção às encostas da Serra que outrora produzira bastante ouro, havia uma maior incidência de casas “inabitáveis”. Estas somaram um número significativo de cerca de 120 de um total de 772 imóveis arrolados, o que representa cerca de 15%. Mas as ruas principais permaneciam bastante ocupadas, havendo somente quatro casas inabitáveis nas ruas Direita²³⁸ e do Curral, as quais contavam com um número total aproximado de casas – 64 e 67 respectivamente – e por volta de 6% de unidades inabitáveis. A Rua da Prata, por sua vez, tinha todas as suas 21 moradas habitadas, estando apenas uma em obra. Curiosamente, a Rua da Intendência, importante vetor de ligação entre as duas partes da Vila, juntamente com a Praça da Intendência, apresentaram uma soma surpreendente de 13 imóveis de um total de 39 (pouco mais de 33%) sem condições de habitação, fato este que deverá ser verificado em futuras investigações. Em todo caso, a Décima Urbana serve de importante referência para se compreenderem aspectos da dinâmica urbana de São João del-Rei.

Outro viajante, desta vez o naturalista inglês Charles Bunbury, passava pela Vila no ano de 1835. Como era comum neste tipo de relato, foi feita uma comparação com a capital da província: “é uma cidade menor que Ouro Preto, porém mais limpa e melhor construída, as ruas mais largas, mais regulares e melhor calçadas e as casas de um aspecto bem mais moderno.”²³⁹ Embora tais paralelos feitos por estrangeiros devam ser matizados, como atenta Alexandre Cunha,²⁴⁰ sugere-se uma maior prosperidade para São João del-Rei. Nesse sentido, fica difícil imaginar o que quis dizer Bunbury ao se referir a uma arquitetura mais arrojada, uma vez que não desenvolveu o assunto em seu sucinto relato.

²³⁶ Na Décima Urbana de localidades como a de São Paulo, maiores informações sobre o uso e a escala das edificações, juntamente com a disponibilidade de plantas urbanas coevas, permitem realizar uma maior espacialização. Ver BUENO, Beatriz P. S. Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 59-97, jan.-jun. 2005.

²³⁷ A cobrança da Décima acarretava, inclusive, a insatisfação de particulares, fato sugerido pela notícia de desaparecimento de um maço respectivo da casa do tesoureiro no ano de 1827. Ver *O Astro de Minas*, n. 13, 18 dezembro de 1827, p. 4.

²³⁸ A Rua Direita se referia apenas ao trecho entre o Largo do Carmo e a Matriz, a partir de onde passava a ser denominada Rua do Rosário até a igreja homônima, para onde se abria formando um largo. No entanto, para efeitos de presente capítulo, estamos considerando como Rua Direita todo o trecho entre o Largo do Carmo e a igreja do Rosário. Frequentemente, denominaremos Largo do Rosário o trecho aberto que se estende na frente da igreja homônima.

²³⁹ BUNBURY, Charles J. F. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981, p. 96.

²⁴⁰ CUNHA (2007b), *op. cit.*, p. 126.

Dois anos mais tarde, em 1837, publicava-se o livro de Raimundo José da Cunha Matos contendo dados históricos e geográficos de Minas Gerais. Não sabemos ao certo as fontes consultadas e se as informações coincidiam à época da publicação, lembrando que o autor teria passado em São João del-Rei em 1823.²⁴¹ A curta descrição ressalta alguns aspectos da história da Vila e uma descrição das condições urbanas e dos edifícios públicos. Haveria então 4.939 almas distribuídas em 891 fogos.²⁴²

De fato, os números relativos à população e ao número de fogos em São João del-Rei oscilam consideravelmente. Em 1838, ano de elevação da Vila a cidade, a lista nominativa mostrava a existência de 4.033 habitantes, excluídos os escravos, em 1.202 fogos. Dois anos mais tarde, o contingente total seria de 5.723 indivíduos, segundo mapa de população da cidade. No geral, os números de caráter oficial são mais acanhados do que os apresentados pelas estimativas dos viajantes estrangeiros, que entre 1818 e 1835 indicaram uma população de seis a sete mil almas. Com efeito, este período teria sido caracterizado por uma relativa estagnação econômica na região. Uma característica distintiva era a grande proporção de pessoas brancas se comparado com outras partes da província, indicada tanto por relatos da época como por estudos demográficos. Entre as razões desse fenômeno, figuram as menores escravarias das áreas urbanas, a vocação mercantil e pecuarista da região – que dispensava em certa medida o braço escravo – e a pronunciada migração europeia para a Comarca do Rio das Mortes, com destaque para os colonos lusos que tradicionalmente se dedicavam ao ramo do comércio. Além disso, a população livre da vila e cidade de São João del-Rei tinha como peculiaridade a grande presença e até a predominância de mulheres sobre o contingente masculino. O mesmo não pode ser dito sobre os cativos, dada a desproporção favorável aos homens causada pelas condições do tráfico.²⁴³

Em 1839, aparece uma outra vista da agora cidade de São João del-Rei (Fig. 16).²⁴⁴

²⁴¹ GAIO (1997b), *op. cit.*, p. 138.

²⁴² MATOS (1981), *op. cit.*, p. 115-116, 121.

²⁴³ BRÜGGER, Silvia M. J. *Minas patriarcal: família e sociedade* (São João del-Rei - séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007, p. 39-42, 107, 120; CAMPOS (1998), *op. cit.*, p. 88; FRIZZERA (1983), *op. cit.*, p. 23; CUNHA (2007b), *op. cit.*, p. 143.

²⁴⁴ Esta vista atribuída a Ernesto Hasenclever foi encontrada aleatoriamente em arquivos digitais circulantes na cidade de São João del-Rei. No entanto, há notícia de um exemplar, com a data de 1849, quiçá equivocada, em álbum montado por Antonio Guerra e doado por este, em 1959, ao Museu Tomé Portes del-Rei, o qual não pudemos localizar; ver LIMA, Maria T. G. A. *A narrativa memorialística dos álbuns de Antonio Guerra*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012, p. 25. Há ainda um panorama de Ouro Preto de arte análoga, atribuído ao mesmo viajante comercial Hasenclever e datado de 1839, referenciado em documento ao qual não tivemos acesso, a saber, *Álbum comemorativo do centenário da firma Hasenclever & Cia.* – Rio, 1830-1930; ver VASCONCELLOS, Sylvio de. Vistas de Ouro Preto. In: _____. *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959b, p. 55.

16. Vista de São João del-Rei, 1839. Autor: Ernesto Hasenclever. Fonte: desconhecida.

Há escassas referências sobre a obra, mas o ano encontra-se registrado na parte inferior da figura. Se comparado com a vista anterior retratada por Walsh dez anos antes (ver Fig. 15), o ponto de vista se situa um pouco mais abaixo do terreno, fato comprovado pela interferência do torreão central da casa em primeiro plano, assim como pela falta de visualização do Córrego sob as pontes. Notam-se ainda outras diferenças no conjunto urbano. Nesta ocasião, a igreja Matriz aparece em posição condizente, com suas duas torres e frontão triangular, enquanto a igreja do Rosário conserva tanto a sua situação no final da Rua Direita como a sua torre única. Aparece também como novidade uma nova torre, supostamente da igreja das Mercês, no sopé da serra. Apesar de se apresentarem os mesmos problemas de simplificação de traços e de individualização das casas, percebe-se a distribuição do casario, sendo difícil, no entanto, identificar edificações e ruas particulares. No geral, observa-se um ligeiro incremento na densidade construtiva, mais significativo se comparado com a vista de Rugendas datada de 1824 (ver Fig. 14). Parece um pouco exagerado o espaço vazio entre a igreja da Matriz e a do Rosário, como se o trecho da Rua Direita, então denominado Rua do Rosário, não contasse com construções. Certamente trata-se de uma supervalorização dos quintais que subiam até a Rua das Flores, ou de uma simples distorção da perspectiva, pois os lotes junto à Rua Direita seriam há muito ocupados, ainda que por casas predominantemente térreas.

Cabe considerar, neste momento, uma outra vista de São João del-Rei publicada no ano de 1846 (Fig. 17).

17. Vista de São João del-Rei, 1846. Autor: Cholet, S. Fonte: BN-BR

Trata-se, neste caso, de uma típica vista romântico-pitoresca, provavelmente elaborada a partir de outros desenhos originais. Nesse sentido, Sylvio de Vasconcellos, em seu trabalho sobre vistas Oitocentistas de Ouro Preto, chama a atenção para as representações produzidas na ausência do cenário natural, que teriam resultado em interpretações posteriores equívocas, especialmente em relação aos pormenores arquitetônicos.²⁴⁵ A gravura são-joanense exagera, pois, na dramaticidade da cena e na escala entre os edifícios, especialmente na proporção do que seria a igreja do Carmo, cujo corpo escalonado e forma das torres sugerem a inspiração na litogravura do livro de Walsh publicado em 1830 (ver Fig. 15). O casario, por sua vez, encontra-se muito resumido e concentrado, além de mostrar em seu interior uma vegetação inexistente nas outras representações. As casas encontram-se ainda mais individualizadas, sendo difícil uma leitura de conjuntos arquitetônicos ou logradouros. Finalmente, figuram torres aleatórias e estranhas embarcações nas águas de um córrego pouco profundo à época, sem portanto condições de navegação. Cremos não valer a pena considerar esta vista com maior profundidade, dada a falta de correspondência com o que seria a realidade da cidade.

Voltemos uma vez mais a Roberto Maldos para frisar alguns aspectos urbanos do segundo quartel do século XIX. O tema do abastecimento de água continuou merecendo muita atenção pela Câmara são-joanense. Foram construídos vários chafarizes que, além de atenderem à demanda de água, reforçavam a referência urbana e a sociabilidade do lugar em que se localizavam, geralmente em largos ou praças. Entre

²⁴⁵ VASCONCELLOS (1959b), *op. cit.*, p. 50.

os anos de 1824 e 1842 foram tomadas providências para instalação e melhoria de chafarizes em importantes locais públicos como o Largo de São Francisco, o Rocio, a Praça da Intendência e o Largo da Câmara. Paralelamente, eram protegidos os caminhos das águas com condutos, encanamentos e caixas d'água.²⁴⁶

Temas urbanos diversos foram também explorados por Maria Campos, que focou o estudo da localidade de São João del-Rei entre os anos de 1810 e 1844. Para a autora, as tendências de ocupação da Vila no século XVIII se prolongaram até o século XIX, com a predominância de ruas tortuosas e adensadas com o uso tanto habitacional como comercial no lado esquerdo. Os pontos de referência urbana, que atraíam tanto as edificações como a vida social, continuavam a girar em torno das igrejas e dos largos, sendo as principais ruas comerciais – Direita, Curral, Intendência – os lugares privilegiados da elite mercantil.²⁴⁷

No lado direito do Córrego seguia existindo, em contraste, uma maior retidão viária e casas arejadas com jardins e pomares. Era considerada uma zona nobre com elegantes sobrados residenciais habitados por uma elite burocrata. Destacavam-se as obras em torno da Santa Casa da Misericórdia, bem como a atividade profissional e cultural na Rua da Prata. Esta se tornara intransitável no ano de 1844 por ocasião de inundação causada por água de encanamento. A maior nobreza do logradouro não garantia assim a isenção de problemas relacionados à precariedade de urbanização.²⁴⁸

Criou-se, ainda neste lado da povoação, uma nova centralidade com a construção da Casa de Câmara e Cadeia, motivada pelo deterioro e a falta de adequação da antiga cadeia situada na Rua Direita. A iniciativa foi dada no ano de 1829, mas a obra só foi concluída até o ano de 1853, devido à sua magnitude e às dificuldades de obtenção de verbas.²⁴⁹ Um novo impulso ao projeto foi dado com a extinção da Casa da Intendência em 1833, que funcionara como símbolo de poder por quase um século. De fato, o novo edifício público, situado na esquina da Rua da Intendência com a beira do Córrego do Lenheiro, em frente à Ponte Nova, valorizou este importante lugar de referência urbana. Em seu entorno, os terrenos vazios, antes configurados como fundos de quintais, passaram a ser gradualmente ocupados. As margens do córrego, outrora consideradas área de serviço nos fundos da Vila, começaram a receber uma nova atenção em termos de urbanização.²⁵⁰

Resulta interessante o trabalho de Afonso Graça Filho sobre a espacialização do comércio são-joanense em torno do segundo quartel do século XIX. Ao cruzar dados de documentos como a Décima Urbana, inventários *post mortem* e listas oficiais de estabelecimentos de negócios, confirma-se o centro comercial em torno das ruas Direita, do Curral e da Intendência, as quais contavam com grande número de sobrados e armazéns anexos. Enquanto as ruas periféricas do núcleo urbano – tais como a da Cachaça, do Carmo, São Miguel e o final da Rua do Curral – davam abrigo ao comércio miúdo e a tavernas, a Rua Direita

²⁴⁶ MALDOS (s/d), *op. cit.*; CAMPOS (1998), *op. cit.*, p. 103-109.

²⁴⁷ CAMPOS (1998), *op. cit.*, p. 86-87, 91-92, 111.

²⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 87, 95-98, 105.

²⁴⁹ Para uma detalhada trajetória da construção da Casa de Câmara e Cadeia de São João del-Rei, ver MOURÃO, Francisco. *Tradições de São João d'El-Rei*. São João del-Rei: Typ. Commercial, 1924, p. 17-77.

²⁵⁰ CAMPOS (1998), *op. cit.*, p. 87, 95-98, 101-104, 114-118.

concentrava as residências das famílias mais afortunadas. Também na Rua da Intendência moravam pessoas importantes, tais como políticos e ricos negociantes. Essa espécie de “geografia” mercantil mostra a aproximação espacial da elite do alto comércio na área nobre da cidade, garantida ainda pelos laços familiares e de sociabilidade.²⁵¹

Quando passamos ao terceiro quartel do século XIX, as informações sobre a formação urbana de São João del-Rei tornam-se bastante escassas. No entanto, com a transcrição de trechos dos livros manuscritos da Câmara, publicados em dois trabalhos de Antônio Gaio Sobrinho, temos algumas notícias da década de 1850. Em um relatório do ano de 1855, que dá resposta a uma ordem provincial para a tomada de medidas higiênicas em função da epidemia de cólera que assolava o Rio de Janeiro, proibiu-se o enterramento no Cemitério Geral próximo à Matriz, ordenou-se a remoção do matadouro para os arrabaldes da cidade, reconheceu-se a necessidade de canalização de vala fétida existente na planície do lado direito do Córrego e, finalmente, recomendou-se a caiação interna e externa dos edifícios. Alguns anos mais tarde, em 1859, um edital ordenou aos detentores de prédios urbanos “puxar à frente de alinhamento as testadas e fundos de suas propriedades, que não estiverem niveladas segundo o plano geral das ruas e praças”.²⁵² No geral, percebe-se um contraste entre a formalidade dessas informações oficiais e a informalidade dos mecanismos de planejamento e execução. Mesmo assim, observa-se uma preocupação com aspectos de índole tanto higiênica como estética na tentativa de organização do espaço urbano.

A respeito desses anos, cabe mencionar o trabalho de Edna Resende, que, embora focado na construção da norma jurídica frente aos homens livres, revela aspectos sobre o espaço urbano de São João del-Rei no período entre os anos de 1840 e 1860. Ao analisar a ocupação dos habitantes, parece à autora que a construção civil adquiriu um vulto considerável na época. Uma estrutura social mais aberta oferecia a oportunidade de inserção econômica e laboral, com destaque para atividades artesanais como as dos carpinteiros e pedreiros, que eram praticadas predominantemente por homens “de cor”. A autora verifica, ainda, um distanciamento entre as normas reguladoras e os princípios norteadores da vida cotidiana. Nesse sentido, as ruas, vendas, casas de negócio e tavernas da cidade tornavam-se lugares de lazer e encontro, mas também de tensão social entre comerciantes, artífices, jornaleiros, empregados domésticos e desocupados, entre outros.²⁵³

Ainda em 1859, foi publicado o trabalho de José Antônio Rodrigues sobre São João del-Rei. Não há muita novidade em relação ao que já foi escrito, mas convém destacar alguns pontos além daqueles usuais sobre a história, a paisagem, o comércio e os principais edifícios públicos e religiosos. A cidade teria nesta época 24 ruas calçadas, 10 praças, três chafarizes e 1.600 casas bem construídas e asseadas, sendo 80 delas de sobrado. Chama a atenção, na população de 8.500 habitantes, o surpreendente número majoritário de mulheres tanto livres como escravas, bem como a presença de 50 residentes estrangeiros de

²⁵¹ GRAÇA FILHO (2010), *op. cit.*

²⁵² GAIO SOBRINHO (2013), *op. cit.*, p. 81-84; GAIO SOBRINHO, Antônio. *São João del-Rei através de documentos*. São João del-Rei: UFSJ, 2010, p. 222-223.

²⁵³ RESENDE (2008), *op. cit.*, p. 49-58.

diversas nações. A descrição transcorre de forma mais ou menos imparcial, ora destacando qualidades, ora apontando limitações e problemas. Assim mesmo, destaca melancolicamente a insuficiência dos recursos da municipalidade, fazendo apelo às autoridades provinciais.²⁵⁴ Cabe lembrar a necessidade de se matizar o contexto político desses apontamentos. Vemos, pois, que, em 1861, o município só perdia em arrecadação fiscal para a capital Ouro Preto; alguns anos mais tarde, em 1865, estatísticas econômicas indicavam São João del-Rei como a principal cidade comercial de Minas Gerais.²⁵⁵

Um ano depois de passar pela cidade em 1867, o inglês Richard Burton publicou um texto com dados inspirados no trabalho de José Antônio Rodrigues, mas com impressões próprias dignas de um diplomata acostumado com padrões burgueses de cultura urbana e social. Como de praxe, observou a vista pitoresca de uma cidadezinha “estendida como um lençol branco em uma encosta severa e irregular”, pontuada por casas altas e uma dúzia de templos maciços e desgraciosos. Para o viajante, a Rua da Prata era a melhor da cidade, apesar do passeio alto e do atroz calçamento que dificultavam a locomoção. Isso explica por que não haveria veículo algum de roda, sendo as pessoas ainda carregadas em liteiras sobre mulas. Apesar do bom abastecimento de água, das sólidas pontes e de importantes trechos de cais empedrados, o leito enlameado do córrego carecia de alargamento e limpeza além de ter suas margens repletas de mendigos aos sábados.²⁵⁶

Por volta de 1870, aparece uma vista parcial da cidade atribuída a Venâncio José do Espírito Santo²⁵⁷ (Fig. 18).

18. Vista (completa e detalhe) do lado esquerdo da cidade de São João del-Rei, a partir de pintura em fundo de oratório do acervo do Museu de Arte Sacra de São João del-Rei. Autor e data: Venâncio José do Espírito Santo, por volta de 1870, segundo a fonte. Fonte: DANGELO (2006), p. 126.

²⁵⁴ RODRIGUES (1859) *op. cit.*

²⁵⁵ GRAÇA FILHO (2010), *op. cit.*, p. 142.

²⁵⁶ BURTON (1976), *op. cit.*, p. 106-129.

²⁵⁷ Trata-se de pintura em fundo de oratório pertencente ao acervo do Museu de Arte Sacra de São João del-Rei. A reprodução aqui utilizada, bem como as denominações de data aproximada e autoria, foram retiradas de DANGELO (2006), *op. cit.*, p. 126.

Não conhecemos ao certo o ponto de visada, mas as colinas em primeiro plano e o ângulo das edificações sugerem os morros ao sul do núcleo urbano, quiçá desde o Guarda-Mor ou o Bonfim. Exibe-se somente o lado esquerdo em relação ao Córrego, com o casario da Rua Direita estendido entre as igrejas do Rosário e Carmo, que, por sua vez, se situam nas extremidades da paisagem construída. Apenas se insinuam algumas casas da Rua do Curral e da Rua da Intendência, que desce para o Córrego em posição perpendicular, à direita da figura. O sentido da Rua Direita encontra-se ressaltado, ainda, pela ocultação topográfica da parte de baixo do casario junto ao córrego e pela desvirtuação da parte de trás da cidade junto à serra, causada tanto pelo tratamento pictórico como pela obstrução das copas das árvores. Nota-se uma considerável densidade e a presença de um bom número de sobrados. Tem-se ainda uma leitura da volumetria das edificações, com o predomínio de telhados de duas águas, bem como da proporção dos vãos nas fachadas. A vista mais próxima, se comparada com as representações anteriores, proporciona uma melhor visualização das características do casario em seu conjunto e unidades habitacionais.

No ano de 1877 foi publicado no periódico local *O Arauto de Minas* uma descrição de São João del-Rei. Com menos detalhes e com apreciações mais positivas do que a de Rodrigues de 1859, tocou os aspectos usuais destas abordagens de cunho político ou oficial. Sendo assim, a considerada primeira cidade da Província contava com um ribeiro guarnecido de soberbos cais, diversas instituições públicas e privadas, além de edificações limpas, sólidas e de apurado gosto. O grande número de ruas arroladas refletiu uma maior consolidação da cidade em suas bordas e nas margens do Córrego. O autor utilizou de dados estatísticos para destacar números surpreendentemente superiores de 2.120 casas habitadas – havendo somente 20 delas desabitadas – e de 238 residentes estrangeiros. Nessa contagem, a população teria diminuído para 8.110 habitantes.²⁵⁸

Alguns anos mais tarde, em 1881, divulgou-se mais um trabalho sobre São João del-Rei por motivo da inauguração da EFOM – Estrada de Ferro Oeste de Minas. O texto cobriu aspectos diversos do município e respectiva cidade, abordando temas em matéria de geografia, história e economia. Chamou-se a atenção para a diferença entre as duas margens do Córrego, com ruas mal alinhadas e casas com hortas no Bairro da Matriz, em contraste com as ruas retas e residências arejadas com pomares na outra margem. O número estipulado de casas e sobrados coincidiu com os arrolados em 1859 por Rodrigues, mas foram agregados qualificativos como a boa construção, o uso geral de assoalhos e vidraças, a presença de bonitos palacetes, bem como a ausência de casas em ruínas. Já haveria à época um total de 33 ruas – cujos nomes não foram mencionados –, 11 fontes e 9 chafarizes, além de diversas pontes de madeira e novos trechos de cais.²⁵⁹

Na mesma ocasião da chegada da estrada de ferro, acompanhava a comitiva do Imperador a alemã Ina von Binzer. Seu humor ácido, entretanto, permitiu-lhe apenas uma apreciação negativa das feições urbanas e costumes do acanhado lugarejo mineiro, cuja população fora estimada em apenas 700

²⁵⁸ RESENDE, Severiano. A cidade de S. João d'el Rei. *O Arauto de Minas*, anno 1, n. 4 de 31 de março / n. 6 de 14 de abril, 1877.

²⁵⁹ PIMENTEL (1881), *op. cit.*, p. 12-21.

habitantes. Calçamentos irregulares, casas frias, igrejas de mau gosto e uma iluminação deficiente – “tudo tão horrivelmente simples” – transformaram a estada da preceptora em um verdadeiro sacrifício.²⁶⁰

Ainda com referência ao ano de 1881, foi elaborado um plano topográfico da região de São João del-Rei, já mostrado anteriormente na Figura 10. O detalhe do tecido urbano da cidade é bastante esquemático, mas permite observar alguns aspectos de interesse (Fig. 19).

19. Detalhe do plano topográfico de São João del-Rei, 1881; ver Figura 10. Fonte: APM

O linha férrea aparece delineada em cor vermelha ao longo da margem direita do Córrego do Lenheiro, vindo do arraial de Matosinhos. Neste sentido, sugere-se uma intervenção nos terrenos situados abaixo das ruas da Santa Casa e do Matola. Ainda nesse lado da cidade, observa-se uma maior definição das vias, notadamente aquelas orientadas para o Córrego, as quais, anteriormente, seriam caracterizadas como becos de servidão. Do lado esquerdo da cidade, fica difícil fazer um seguimento fiel do arruamento, dada a imprecisão do desenho. A Rua Direita aparece bastante deformada, com obstruções quiçá exageradas de pontas de quarteirões e sem representação da igreja da Matriz. Destaca-se, no entanto, o crescimento das bordas urbanas ao longo do vale, tanto a ponte pelas ruas Tejuco e Santo Antônio, como a nascente em direção ao Pau do Angá e o Barro Vermelho. Algumas vias existentes à época não aparecem representadas em sua integridade, com destaque para aquelas situadas ao sopé da serra, a exemplo das ruas das Flores, da Laje e Jogo da Bola. Assim mesmo, tem-se uma ideia da ocupação e do traçado urbano da cidade.

²⁶⁰ BINZER, Ina. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 39-46.

Ainda na década de 1880, foi produzida uma planta mais formal e de escala mais adequada do conjunto urbano (Fig. 20).²⁶¹

20. Planta da cidade de São João del-Rei, 1887; norte geográfico dirigido para baixo da figura (círculo opaco devido a reflexo causado na reprodução). Autores: Hermillo Alves e M. Brunet. Fonte: IPHAN-RJ.

Corrobora-se a tendência de ocupação em direção às margens do Córrego e no sopé do Morro do Bonfim, bem como a presença de novas ruas perpendiculares ao vale. Enquanto o lado esquerdo, de ocupação mais densa e antiga, mantém a sua configuração, no lado direito nota-se um maior movimento de fragmentação dos quarteirões tradicionalmente ocupados por chácaras. Dessa forma contrastam, nas duas partes da cidade, um crescimento linear e periférico com outro centrado em sua própria área de ocupação. As curvas de nível permitem uma leitura mais precisa da interface entre a topografia e o traçado urbano. A maior definição das vias e dos principais templos e largos delineiam o espaço urbano com um destacado grau de fidelidade. A planta representa a culminação da cidade no período imperial, já sob os auspícios das novidades trazidas pelo transporte ferroviário.

A esta época, foram ainda feitas fotografias de São João del-Rei, as quais, no entanto, carecem de datas precisas do ano de realização. Assim mesmo, elas permitem visualizar cenas que revelam aspectos urbanos de formação da cidade. Destaca-se, nesse contexto, uma tomada mais geral desde a entrada da Vila, nas imediações do morro do Matola (Fig. 21).

²⁶¹ A grande maioria das reproduções realizadas no IPHAN-RJ conta com manchas derivadas dos reflexos causados pelas pastas de arquivamento das obras.

21. Vista geral (completa e detalhe) da cidade de São João del-Rei. Data provável: 1880-1890. Fonte: APM.

Essa vista panorâmica teria sido produzida por volta do ano de 1880.²⁶² Entretanto, há importantes indícios de que ela possa ser anterior a esta referência cronológica, levando-se em conta a inexistência de construções na margem direita do Córrego, abaixo da Casa de Câmara e Cadeia. Por um lado, as manchas de edificação do plano topográfico de 1881 indicam a ocupação da área situada nos fundos do antigo Hospital da Misericórdia (ver Fig. 10). Por outro lado, uma outra antiga fotografia, de por volta do ano de 1880, mostra a presença de muros e até de uma construção no mesmo local.²⁶³ Sendo assim, poder-se-ia supor uma data em plena década de 1870 ou até mesmo anterior.

Em todo caso, a imagem aproximada mostra a Igreja do Carmo no extremo direito e o final da Rua da Intendência, antes de chegar no largo homônimo, no extremo esquerdo. É possível visualizar as quatro igrejas principais – Matriz, Carmo, Rosário e Mercês – da parte mais adensada da cidade e o casario estendido entre elas. Nesse trecho, não houve aparentes e vultosas modificações de escala e densidade construtiva desde aquelas vistas de 1839 e de cerca de 1870 (ver Fig. 16 e 18). Assim mesmo, percebe-se uma maior ocupação tanto nas ruas periféricas do sopé da serra – notadamente as ruas da Laje e das Flores – quanto nas margens do Córrego que, anteriormente, teriam se configurado principalmente por fundos de quintais. Nota-se, finalmente, nas imediações da Casa de Câmara e Cadeia e do antigo Largo da Intendência, a presença de imponentes casarões.

Outra tomada fotográfica da época, feita do morro do Guarda-Mor, mostra mais de perto o trecho sudoeste da cidade em torno da ponte e da igreja do Rosário (Fig. 22).

²⁶² DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 189.

²⁶³ Ver: DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 26, 199. A fonte desta fotografia é indicada como sendo o Arquivo Público Mineiro, mas não pudemos localizá-la no respectivo catálogo.

22. Vista geral do trecho sudoeste da cidade de São João del-Rei. Data provável: por volta de 1880, segundo DANGELO *et al.* (2014), p. 201. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG129/3/02.

Uma linha divisória na imagem indica a emenda de tomadas fotográficas e sugere a possível realização de uma vista panorâmica englobando a cidade. Entretanto, não conhecemos outras partes que comporiam a cena. Em termos cronológicos, a torre da Igreja do Rosário serve de referência por ter sofrido transformações ao longo do tempo. Ela se ausenta na imagem em consideração, mas sua antiga configuração seria a de um elemento independente do corpo da edificação, em seu lado esquerdo, como pode ser notado nos desenhos de Rugendas e Walsh (ver Fig. 14 e 15).²⁶⁴ Curiosamente, naquela pintura datada de por volta de 1870, a torre única da Igreja do Rosário aparece truncada em uma das águas do telhado, o que implicaria uma posição centralizada na fachada (ver Fig. 18). Para nós, essa pintura de fundo de oratório ou encontra-se com o desenho equivocado, ou seria datada de um momento posterior, já na virada ou no início do século XX, quando já havia realmente uma torre centralizada no frontispício da igreja.²⁶⁵ Sendo assim, parece razoável a data sugerida de por volta de 1880, de acordo inclusive com a fotografia geral da cidade com data estimada entre 1880 e 1890 (ver Fig. 21). Em todo caso, uma pesquisa mais detalhada nos arquivos da Irmandade do Rosário e em periódicos da época certamente contribuiriam para esclarecer a questão.

Voltando à imagem, pode-se perceber que a Rua Santo Antônio aparece bastante consolidada, com grandes sobrados a deitar quintais para o Córrego. A existência de muros com vegetação, pertencentes às casas situadas no Largo do Rosário, também é observada depois da ponte. O casario se

²⁶⁴ ALVARENGA, Luís M. *Igrejas de São João del-Rei*. Petrópolis: Vozes, 1963, p. 57.

²⁶⁵ Ver fotografia pertencente ao Arquivo Público Mineiro em: APM, Vista geral da cidade de São João del-Rei (MG), 1900-1910 (data provável), autor: Raimundo Alves Pinto, notação NCS-152(02); e DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 192.

apresenta, no geral, com os típicos telhados em duas águas e aberturas ritmadas nas fachadas, à exceção das construções em esquinas e das tacaniças dos solares e dos segmentos no interior dos terrenos. Do outro lado do Córrego, em contraste, nota-se a falta de cais e um grande descampado. Este só é interrompido pela Rua da Prata, em cuja esquina jaz uma casa térrea que apenas se apresenta.

De fato, o lado direito da cidade dificilmente apareceu retratado, somente em atenção à igreja de São Francisco e às margens do córrego. Uma fotografia teria sido tomada desde o Morro do Guarda-Mor em direção ao templo (Fig. 23)

23. Vista da igreja de São Francisco e arredores em São João del-Rei, sem data. Fonte: MR-SJDR.

Não sabemos se esta fotografia comporia uma possível panorâmica com a cena anterior (ver Fig. 22). Em todo caso, observa-se que o adro da igreja, com inscrição em pedra do ano de 1874, ainda não havia sido construído, o que leva a supor uma data anterior.²⁶⁶ A abundante massa vegetativa e muros extensos indicavam a existência de áreas livres de construção, embora o casario se fizesse presente tanto no largo em frente à igreja como na porção superior da rua lateral à mesma, outrora denominada Rua do Meio ou da Independência.

Em outra fotografia da época, a margem esquerda do córrego se definia pelo aqueduto que alimentava um chafariz no Largo do Tamandaré (Fig. 24).

²⁶⁶ Credita-se tal observação a Maria de Fátima L. Vasconcelos, servidora do Museu Regional de São João del-Rei/IBRAM. Para uma fotografia com a inscrição do ano de 1874 no adro da Igreja de São Francisco, ver QUEIROZ, Maria G. S. (coord.). *São João del-Rei*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010, p. 65.

24. Vista do Córrego do Lenheiro e adjacências, São João del-Rei, 1880-1890 (data provável). Fonte: APM.

Este lugar, também conhecido como o antigo Rocio, se definia também pelo casario formado por unidades tanto térreas como assobradadas. Sobressaía-se ainda o enorme casarão de três andares, outrora pertencente ao Comendador João Antônio da Silva Mourão. Nas imediações da ponte que aparecia ao fundo da cena, também se destacavam grandes construções como a Casa de Câmara e Cadeia, no lado direito do córrego. Este, por sua vez, encontrava-se desprovido de cais e albergava solares, o que demonstra uma menor urbanização e uma ocupação mais rarefeita, de acordo com as informações sobre a cidade até agora apresentadas.²⁶⁷

O casario urbano podia ser melhor observado em uma antiga vista da Rua Direita (Fig. 25).

²⁶⁷ Cerca de uma década mais tarde, uma outra fotografia desde um ângulo análogo mostra este trecho da margem direita do córrego já urbanizado com cais, calçada, rua e inclusive com postes de energia elétrica. Ver DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 35.

25. Vista da Rua Direita, São João del-Rei. Data provável: por volta de 1880, segundo DANGELO *et al.* (2014), p. 210. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG131/1/04.

As pessoas se acumulavam em frente ao adro da Igreja Matriz do Pilar, lugar privilegiado que polarizava grandes sobrados geminados. Ao fundo da rua, notava-se um trecho de casas térreas que, entretanto, se interrompia por outro grupo de sobrados que denunciava o Largo do Carmo. Com uma de suas torres delineada contra o céu, a respectiva igreja marcava sua presença no fundo da perspectiva. Nesta área nobre da cidade, o calçamento parecia bem cuidado e contava com inclinação para escoamento de água e passeio lateral diferenciado com grandes lajes de pedra.

As fotografias mais antigas da cidade, supostamente datadas das últimas décadas do século XIX, não são muito abundantes. Elas oferecem, assim mesmo, uma visão mais detalhada de aspectos urbanos da cidade como um todo e do casario em particular. Alguns anos mais tarde, aparecem novos registros fotográficos que ajudam a apreciar o estado e as transformações ocorridas na cidade. Nesse sentido, vale a pena adiantar algumas cenas, a começar pelo par de fotos antigas de São João del-Rei datado do início do século XX. Trata-se de duas vistas em sequência do lado antigo da cidade, com o Córrego do Lenheiro em primeiro plano (Fig. 26 e 27).²⁶⁸

²⁶⁸ Para uma reprodução com as duas fotos emendadas, ver DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 33.

26. Vista da cidade com Córrego do Lenheiro em primeiro plano e igreja da Matriz ao fundo, São João del-Rei. Data: [19--]. Fonte: BN-BR.

27. Vista da cidade com Córrego do Lenheiro em primeiro plano e Igreja do Carmo ao fundo, São João del-Rei. Data: [19--]. Fonte: BN-BR.

As tomadas abrangem o trecho situado, grosso modo, entre a Rua Direita e o leito do córrego, tendo-se como referências as igrejas da Matriz na primeira foto e do Carmo na segunda. A alta palmeira, bem como o largo muro branco com aberturas, atuam como elementos de conexão entre as duas imagens. Chama a atenção a presença ainda bastante considerável de quintais arborizados descendo da Rua do Curral, com os fundos dando para o curso d'água. Percebe-se, assim mesmo, a ocupação da testada dos terrenos com casas, seja elas de moradia ou de serviço, com destaque para a área mais acima, em direção à Ponte da Cadeia. Já havia inclusive um sobrado, ainda que pequeno e de detalhes arquitetônicos simples. Observam-se, finalmente, as margens do córrego configuradas em grande medida com pendentes de terreno bruto. O que parecia ser a ponta de um cais apenas se insinuava no canto esquerdo da primeira foto, descendo da ponte. As imagens deixam a impressão de uma área em transformação, a par da tendência de consolidação urbana verificada na área a partir da chegada da estrada de ferro, cuja estação se situava justamente do outro lado do córrego.

Há ainda outra cena, de espetacular abrangência e resolução, que convém adiantar, uma vez que será frequentemente referenciada. Na década de 1910, foram publicados dois álbuns profusamente ilustrados, em que se destacava a atuação do fotógrafo André Bello (1879-1941).²⁶⁹ Por volta destes anos, Bello produziu uma tomada panorâmica que constituiu um extraordinário registro da paisagem urbana de São João del-Rei (Fig. 28)

²⁶⁹ BRAGA, Tancredo (org.). *Album da cidade de São João d'El-Rei*. Rio de Janeiro: s/ed., 1913; CAPRI, Roberto; BELLO, André (org.). *S. João d'el-Rey, Minas*. São Paulo: Pocaí & Comp., s/d [1918]. Para a obra de André Bello, incluindo a sua abordagem sobre a cidade de São João del-Rei, ver RIBEIRO. Rúbia S. L. *As fotografias de André Bello (1879-1941): imagens da modernidade em São João del-Rei*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

28. Vista panorâmica e trecho central da cidade de São João del-Rei. Autor: André Bello. Data: entre 1906 e 1918. Fonte: desconhecida.

A panorâmica é comumente atribuída como sendo do início do século XX, mas vale a pena explorar essa referência cronológica. Mais uma vez, a igreja do Rosário e publicações da época ajudam a estimar o momento de sua realização. A torre única, centralizada no frontispício, aparece em fotografia da primeira década do século XX²⁷⁰ e, por último, no álbum organizado por Tancredo Braga no ano de 1913.²⁷¹ Já em outro álbum do ano de 1918, em que participa o próprio André Bello, a mesma igreja já se mostra isenta de torre. Sendo assim, a referida torre compôs a igreja pelo menos desde os primeiros anos do século XX até o ano de 1913, sendo demolida entre este mesmo ano e 1918, salvo a possibilidade de alguma data equivocada ou a publicação tardia de fotografia nos álbuns.²⁷² Apesar da carência de dados biográficos sobre o fotógrafo, sabemos que ele teria chegado ao Brasil em 1900 e se estabelecido em São João del-Rei em 1906.²⁷³ Sendo assim, a panorâmica da cidade estaria datada entre os anos de 1906 e 1917.²⁷⁴

A fotografia foi tomada do morro do Guarda-Mor e incluiu o intervalo entre a capela do Bonfim e a distante entrada da cidade córrego acima. O lado direito, antes pouco mostrado, apareceu em primeiro plano, com destaque para a Rua da Prata e a Igreja de São Francisco. As outras igrejas principais – Matriz, Carmo, Rosário e Mercês – também eram vistas, bem como o Rocio, o Largo da Intendência e as filas de casas ao longo do córrego. A panorâmica oferecia ainda uma visualização, com certo detalhe, do casario geral da cidade. Embora sua data fuja do recorte cronológico de nosso objeto histórico, ela permite observar o estado da formação urbana e arquitetônica em um momento subsequente e bastante anterior à perspectiva atual.

Nesse sentido, transformações importantes são identificadas em relação às primeiras fotografias da cidade. Recordemos aquela tomada realizada também desde o morro do Guarda-Mor, supostamente por volta de 1880 (ver Fig. 22), e contrastemo-la com um trecho da panorâmica de André Bello (Fig. 29).

²⁷⁰ APM, *op. cit.*, NCS-152(02); DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 192.

²⁷¹ BRAGA (1913), *op. cit.*

²⁷² Com o período estimado entre os anos de 1913 e 1918, corrobora-se a informação sobre a demolição da torre da Igreja do Rosário em princípios do século XX, como se afirma em ALVARENGA (1963), *op. cit.*, p. 57.

²⁷³ RIBEIRO (2006), *op. cit.*, p. 64-65.

²⁷⁴ Para nós, dificilmente a panorâmica seria datada do mesmo ano de 1918, como sugerem DANGELO *et al.* (2014, *op. cit.*, encarte), pois neste ano aparece a Igreja sem torre na publicação do álbum (CAPRI e BELLO, 1918, *op. cit.*), salvo a possibilidade remota de rápida demolição e reconstrução, seguidas de fotografia, edição e impressão do álbum dentro de um mesmo ano.

29. Trecho sudoeste da cidade de São João del-Rei, a partir de tomada panorâmica. Autor: André Bello. Data: entre 1906 e 1918. Fonte: desconhecida. Ver vista completa em Figura 28.

As três ou quatro décadas que supostamente separam as cenas não impuseram maiores modificações no casario geral da cidade.²⁷⁵ Às margens do córrego, entretanto, a existência de fundos de quintais motivou o surgimento de novas construções. Tal fenômeno era evidente no trecho da Rua do Tijuco, mas também observável na descida para o Rocio, depois da ponte. Também saltavam à vista as duas novas casas construídas no início da Rua da Prata com cumeeira perpendicular à testada. A margem direita do córrego mostrava, inclusive, indícios de maior urbanização como muros e vias, apesar da obstrução da grande massa vegetal em primeiro plano. De fato, o adensamento construtivo da área central se incrementou mais neste lado da cidade, uma vez que o lado esquerdo, de ocupação antiga e tradicional, já se encontrava mais consolidado. Em todo caso, observa-se um movimento de valorização das margens do córrego, outrora consideradas área de serviço e despejo.²⁷⁶

Nesse sentido, cabe destacar um outro detalhe, mais de fundo, da panorâmica de Bello. Trata-se de uma vista do largo que se abre junto ao córrego, abaixo da Ponte da Cadeia, na altura da estação da estrada de ferro (Fig. 30).

²⁷⁵ Cabe lembrar a informação de que a torre central única da Igreja do Rosário poderia ter sido demolida em princípios do século XX, o que levaria a uma diferença de somente uma ou duas décadas entre as fotografias consideradas; ver ALVARENGA (1963), *op. cit.*, p. 57. As palmeiras da vista de André Bello, invisíveis na fotografia anterior, também poderiam contribuir para estimar o tempo passado entre as duas cenas.

²⁷⁶ DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 25.

30. Vista do largo abaixo da Ponte da Cadeia (hoje Av. Tancredo Neves), a partir de detalhe da tomada panorâmica, São João del-Rei. Autor: André Bello. Data: entre 1906 e 1918. Fonte: desconhecida. Ver vista completa em Figura 28.

A nitidez da imagem diminui bastante com a aproximação, mas é possível observar, por um lado, o maior adensamento construtivo e, por outro lado, um maior trabalho de urbanização das margens do córrego. Resulta algo impactante a comparação com a mesma cena de alguns anos antes, em que ainda se distinguem bons trechos de quintais vegetados e o leito irregular do curso d'água (ver Fig. 26 e 27).²⁷⁷ Confirma-se, dessa forma, a significativa transformação urbana pela qual passava a cidade durante o início do século XX.

Nossa abordagem da formação urbana de São João del-Rei permitiu acompanhar as transformações da cidade ao longo do tempo, apesar da limitação das fontes disponíveis. Durante este processo, tivemos ainda a oportunidade de observar questões relativas à ocupação dos logradouros e seu respectivo casario. Cabe, a partir daqui, examinar a arquitetura urbana produzida no decorrer do século XIX, que por sua vez remete à matriz colonial.

²⁷⁷ Cabe mencionar, nesse sentido, a datação daquelas fotografias de “por volta de 1880” atribuída por DANGELO *et al.* (2014), diferentemente da referência cronológica fornecida pelo catálogo da BN-BR, a saber, “[19--]” (ver Fig. 26 e 27). Ao compará-las com outra fotografia antiga, pertencente ao APM e datada de 1880-1890 (ver Fig. 24), não chegamos a maiores conclusões devido ao ocultamento de trechos de casario por vegetação. Realmente, as transformações entre o suposto início do século XX e a foto de Bello parecem algo exageradas para tão pouco tempo, mas ainda não dispomos de informações ou documentos para arriscar uma outra interpretação. Ver DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 33, 35, 197.

CAPÍTULO 2

A matriz setecentista

Ao focar o estudo do casario são-joanense entre as décadas de 1810 e 1880, importa considerar a produção precedente. Por um lado, a falta de referências cronológicas precisas obriga a uma certa flexibilidade do período delimitado. Por outro lado, a tradição arquitetônica se transmite no tempo, seja através da transformação seja através do uso duradouro de motivos, elementos e tipos. O caso de São João del-Rei nos parece peculiar no sentido de sua posição dúbia, interiorizada em um sertão de difícil acesso, mas ao mesmo tempo conectada a importantes focos de irradiação cultural, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro. Tal situação sugere como hipótese o prolongamento de referências construtivas do século XVIII ou do período colonial no sistema produtivo inserido em nosso recorte cronológico.

Algumas referências sucintas a este fenômeno de permanência e transformação são encontradas em trabalhos sobre a arquitetura tanto portuguesa como brasileira. Em um estudo sobre o casario oitocentista da Ilha Terceira nos Açores, João Vieira Caldas chama a atenção para o fato de as habitações recorrerem “a modelos formais elaborados no século XVIII e provavelmente utilizados sem interrupção”, se limitando “a dar continuidade à variedade tipológica pré-existente”.²⁷⁸ Eduardo Pires de Oliveira, por sua vez, sugere, ao explorar as relações entre a arquitetura do norte de Portugal com a de Minas Gerais no século XVIII, a permanência de valores tradicionais na produção artística e a importância de seu estudo para a compreensão do contexto estilístico.²⁷⁹ Também Carlos Lemos observa na arquitetura luso-brasileira, incluindo as construções civis, uma inércia conservadora ou resistência a novidades que, no ecletismo do século XIX, teria promovido a aposição de ornamentos sobre paredes de arcabouços tradicionais.²⁸⁰ Já no âmbito exclusivo do Brasil, no caso de residências paulistas situadas em regiões de interface com Minas Gerais, Luís Saia também identifica fenômenos arquitetônicos iniciando-se no final do século XVIII e adentrando-se profundamente na centúria seguinte.²⁸¹ Embora todas essas abordagens careçam de maiores explanações, têm em comum a indicação da transcendência temporal da cultura arquitetônica luso-brasileira entre os dois séculos em consideração.

Alinhada com a visão de Carlos Lemos sobre o ecletismo da arquitetura do século XIX, destaca-se ainda a opinião de Sylvio de Vasconcellos sobre a fidelidade à boa tradição luso-brasileira de edificação, a qual teria resistido àquelas intervenções oitocentistas restritas majoritariamente, segundo o autor, a detalhes e elementos decorativos. Ao generalizar a situação para Minas, afirma que

... as inovações não eclipsaram de todo a tradição, tanto por motivo de estar a região mais afastada dos centros de irradiação das novas doutrinas, como também, porque, já por esta época, uma pronunciada decadência econômica não permitiria de fato consideráveis desenvolvimentos ou alterações profundas na grande maioria de suas povoações.²⁸²

²⁷⁸ CALDAS, João V. A arquitectura do Ramo Grande. In: BRUNO, Jorge A. P. (coord.). *Terceira, Praia da Vitória: inventário do património imóvel dos Açores*. Instituto Açoriano de Cultura, 2004, p. 44-45.

²⁷⁹ OLIVEIRA, Eduardo P. Entre Douro e Minho e Minas Gerais no século XVIII: relações artísticas. In: *Riscar, em Braga, no século XVIII e outros ensaios*. Braga: APPACDM, 2001, p. 163.

²⁸⁰ LEMOS, Carlos A. C. No Brasil, a coexistência do maneirismo e do barroco até o advento do neoclássico histórico. In: ÁVILA, Affonso. (org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 234-237.

²⁸¹ SAIA, Luís. *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 167.

²⁸² VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 195.

E continua:

Em Ouro Preto, as características peculiares ao século XIX... não determinariam de fato maiores modificações na fisionomia da cidade.

Nem mesmo o estuque ou as pinturas decorativas, tão comuns em S. João del-Rei e Diamantina, se repetem em Ouro Preto, a não ser em casos isolados...²⁸³

O autor associa a ideia de prolongamento entre os séculos XVIII e XIX ao quadro econômico de Minas, que, na época do escrito, ainda era aceito como decadente e isolado no interior do sertão. Quiçá consciente da peculiaridade de outras localidades mineiras, incluindo São João del-Rei, aponta ainda a diferenciação dos detalhes decorativos apostos às fachadas. Não deixa claro, no entanto, em que medida as distintas regiões mineiras apresentariam nuances arquitetônicas dignas de maiores estudos.

É justamente no caso de São João del-Rei que aparece uma referência mais evidente sobre a questão. Ao abordar a evolução do núcleo urbano, Alexandre Cunha nota no casario “o homogêneo da permanência de elementos gerais da arquitetura colonial por grande parte do século XIX”. E continua:

A homogeneidade... deve-se em particular à permanência da vitalidade econômica do núcleo (mais a duração do que a intensidade/velocidade), fazendo com que os hiatos desse espaço construído no Dezoito fossem progressivamente preenchidos e integrados em feições construtivas que testemunham antes o prolongamento do século XVIII que rupturas substantivas do XIX, o que só se ensaia nas duas últimas décadas do século.²⁸⁴

Fica assim sugerida uma produção arquitetônica no século XIX em estreita consonância com a arquitetura do século anterior. O autor justifica a necessidade de se revisar o século XVIII ou o período colonial como precedente fundamental da formação da cidade imperial. Sendo assim, destaca empiricamente a manutenção do estado geral do estilo arquitetônico e o contexto econômico peculiar.²⁸⁵ Se este último aspecto já pudemos explorar no capítulo anterior, aquele outro sobre as permanências e transformações do casario entre os séculos XVIII e XIX merece agora uma maior atenção. Nesse sentido, cabe abordar primeiramente a arquitetura de matriz colonial produzida em São João del-Rei.

²⁸³ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 195-196. Cremos ser razoável considerar os parâmetros da arquitetura de Vila Rica como análogos àquela produzida em outras regiões de Minas Gerais, ainda que grosso modo. Dessa forma, estaremos assumindo uma generalização das características arquitetônicas para a localidade de São João del-Rei, que se encontrava a uma distância relativamente próxima de Vila Rica no século XVIII.

²⁸⁴ CUNHA, Alexandre M. A evolução urbana de São João del-Rei. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais/Arquivo Público Mineiro, 2007a, p. 22-23.

²⁸⁵ A situação geográfica estratégica de São João del-Rei bem como a arquitetura da primeira metade do século XIX produzida com base na linguagem da antiga arquitetura setecentista também são mencionados em DANGELO, André G. D. *et al. Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei – 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014, p. 66.

2.1. Vãos retos

São muito raros os exemplares arquitetônicos remanescentes com tipologia referida aos primeiros tempos de existência da vila de São João del-Rei, sendo também escassos os registros de casos já extintos. Ainda assim, suas principais características podem ser assim sintetizadas:

A arquitetura de ocupação do território, nos primeiros 50 anos após a elevação da vila em 1713, caracteriza-se pela rusticidade de composição e acabamentos, com vãos assimétricos e utilização de “cachorros” como solução de beiral, além dos pés-direitos baixos e a opção única pela pureza de linguagem com caiação nas alvenarias e poucas opções de cores pigmentadas nas esquadrias.²⁸⁶

Esse tipo arquitetônico com raízes no século XVIII identifica-se nas casas térreas simples despojadas de motivos decorativos e sem maior sofisticação nos acabamentos arquitetônicos. Segundo Suzy de Mello, “as fachadas... organizavam-se com grande simplicidade, com porta e janela – esta situada a meia altura das paredes, fechada com folha única e com forma sempre quadrada”.²⁸⁷

Já não restam exemplares são-joanenses com essas características primitivas, mas ainda há remanescentes que remetem a uma antiga tipologia colonial. Um primeiro grupo de casas, com beiral em cachorrada, se situa principalmente na Rua Santo Antônio, mas também na Rua da Cruz (Fig. 31).^{288 289}

31. Casas térreas na Rua da Cruz (Praça Dr. Paulo Teixeira n. 21-29). São João del-Rei, 2010.

²⁸⁶ DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 52.

²⁸⁷ MELLO, Suzy. *Barroco mineiro*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 97.

²⁸⁸ Tais casas se situam atualmente no Largo da Cruz, que não existia até o ano de 1914, quando foi demolido quarteirão para formação de praça. Ver: CINTRA, Sebastião O. Nomenclatura de ruas de São João del-Rei. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. VI, 1988, p. 21.

²⁸⁹ Todas as fotografias sem indicação da fonte são de autoria do pesquisador.

Nos exemplos aqui apresentados, as principais modificações do partido supostamente da época referem-se à pintura colorida nas paredes das fachadas, ao sistema de fechamento dos vãos e ao uso de calhas no beiral introduzidas somente na segunda metade do século XIX.

Há um consenso sobre o fato de as casas terem sido comumente pintadas de branco no período colonial, sendo a cal a tintura mais usada em Minas Gerais. A pintura colorida, encorpada com cola animal ou óleos vegetais, seria usada para proteger as peças de madeira, ou seja, os marcos e escuros das envasaduras e os cachorros no caso das fachadas. As cores predominantes eram primárias e carregadas, obtidas através da extração de pigmentos em tons de amarelo, azul, vermelho e verde. Os caixilhos dos vidros seriam sempre pintados em branco, enquanto os elementos de ferro em cor preta.²⁹⁰

As janelas estariam tradicionalmente guarnecidas de escuros compostos de tábuas sobrepostas ou encaixadas,²⁹¹ com folha única em janelas pequenas e, mais tarde, com o aumento dos vãos, com duas folhas abrindo à francesa. Tais escuros seriam semelhantes aos que, na atualidade, comumente permanecem atrás dos planos de guilhotina. Estes, por sua vez, se vulgarizariam na América portuguesa a partir de fins do século XVIII.²⁹² Em Portugal, teriam sido levados anteriormente pelos ingleses, especialmente ao norte do país e ao Porto, nos começos desta mesma centúria.²⁹³ Resulta curiosa a notícia de existência de quadros de guilhotina em Minas Gerais com vedação de urupemas ou treliças,²⁹⁴ os quais tenham quiçá antecedido o uso do vidro.

O uso de janelas de guilhotina supõe o acompanhamento de peças de vidro. Em Minas, as vidraças foram primeiramente aplicadas a partir de meados do século XVIII em edifícios de maior importância, tais como nos óculos e nas janelas altas e fixas de igrejas. Só posteriormente, em fins daquela centúria, passariam a ser empregadas em residências de caráter mais nobre. Isso era devido, em parte, ao custo elevado e às dificuldades de aquisição e transporte do vidro, tendo-se em vista a indústria precária e a acomodação de peças de reduzido tamanho – em torno de 20 x 30 centímetros – na carga das sacolejantes tropas de muares. Como alternativa, seriam ainda usadas, no lugar do vidro, lâminas de mica ou malacacheta, destacadamente nas localidades próximas a Goiás, de onde provinham.²⁹⁵

O emprego de peças de vidro no casario corrente, no entanto, parece haver-se tornado comum somente em um bem adentrado século XIX.²⁹⁶ Em 1817, o vidro ainda seria considerado um dos mais

²⁹⁰ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 160-161, 175; VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: UFMG, 1979, p. 177-178; VASCONCELLOS, Sylvio. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais. *Topos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jul.-dez. 1999, p. 151-153; SMITH, Robert C. *Arquitetura civil no período colonial*. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 157, 179.

²⁹¹ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 156, 178.

²⁹² CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972, p. 252; SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981, p. 32.

²⁹³ OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando. *Arquitetura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 331; SMITH (1975), *op. cit.*, p. 175.

²⁹⁴ MENEZES, Ivo P. *Vãos na arquitetura tradicional mineira*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UMG, 1964, p. 64-67.

²⁹⁵ MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 20, 66, 69-72, 74; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 120, 127, 158-160; TOLEDO, Benedito L. *Esplendor do barroco luso-brasileiro*. Cotia: Ateliê, 2012, p. 291-292; CORONA e LEMOS (1972), *op. cit.*, p. 320-321. A primeira fábrica de vidro no Brasil foi instalada em Salvador no ano de 1810. Em Portugal, de onde provinham os vidros, foi estabelecida uma fábrica de vidraças por D. João V no início do século XVIII e, mais tarde, em 1769, teve início a fundação de outra fábrica na Marinha Grande. Ver: SMITH (1975), *op. cit.*, p. 175.

²⁹⁶ CORONA e LEMOS (1972), *op. cit.*, p. 285.

custosos materiais do interior do Brasil.²⁹⁷ No sertão das Minas, por volta do ano de 1820, diferentes viajantes – Pohl, Cadcleugh, Saint-Hilaire – observaram a profusão de vidraças em núcleos urbanos mais importantes como Vila Rica e Vila do Príncipe, enquanto em localidades menores elas ainda seriam bastante raras.²⁹⁸ Em São João del-Rei, somente Luccock nota, ao passar pela Vila no ano de 1818, a presença de vidro restrita às sedes de repartições públicas e às residências particulares melhores.²⁹⁹

No Rio de Janeiro, havia no ano de 1799 várias lojas de vidros.³⁰⁰ Porém, ainda tardariam bons anos para a sua generalização na arquitetura civil. Por volta do final da década de 1810, as janelas envidraçadas já seriam comuns na cidade, embora raras em casas térreas.³⁰¹ Em São Paulo, o vidro, a par das aberturas em guilhotina, estaria em falta no ano de 1811 e só apareceria nas janelas domiciliares com o advento do café a partir do segundo quartel do século XIX.³⁰² Em Vassouras, moderna cidade fluminense do início da era cafeeira, o viajante inglês Bunbury chama a atenção, em 1835, para “algumas boas casas, com vidraças, o que é digno de nota por sua raridade no país”.³⁰³ No Recife do ano de 1809, a maioria das casas ainda não contava com vidraças.³⁰⁴ Mais adiante, na década de 1840, o uso do vidro estaria generalizado nos sobrados recifenses mais abastados, mas seria ainda raro nas casas térreas.³⁰⁵

Em Portugal, até a segunda metade do século XVIII, as peças de vidro também só eram acessíveis em casos de edificações nobres. Sendo assim, a arquitetura popular, à época, era destituída de vidraças.³⁰⁶ Tal noção pode ser estendida ao princípio do século XIX, quando um viajante descreve, em contraste com as áreas reconstruídas depois do terremoto, as casas dos bairros antigos de Lisboa como “... *old, irregular, without any external beauty, having very small windows, most of which are unglazed* ...”.³⁰⁷ Tais referências podem ajudar a estimar o momento em que elementos construtivos teriam chegado ao Brasil, primeiro ao Rio de Janeiro e depois a São João del-Rei.

Apesar da ausência de parâmetros cronológicos, resulta interessante observar o diagrama elaborado por José W. Rodrigues sobre a transformação das janelas das residências brasileiras (Fig. 32).

²⁹⁷ Spix e Martius *apud* VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 127.

²⁹⁸ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 120; MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 69-71.

²⁹⁹ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975, p. 302.

³⁰⁰ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 172.

³⁰¹ SANTOS (1981), *op. cit.*, p. 32, 48; MARINS, Paulo C. G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 213-214, 240.

³⁰² LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989a, p. 12, 28.

³⁰³ BUNBURY, Charles J. F. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981, p. 102.

³⁰⁴ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 176; MARINS (2001), *op. cit.*, p. 203.

³⁰⁵ VAUTHIER, L. L. Casas de residência no Brasil. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 62.

³⁰⁶ CARITA, Helder. *Bairro Alto, tipologias e modos arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p. 157. cremos ser razoável considerar a arquitetura corrente do Bairro Alto como análoga a outras produzidas em diferentes bairros lisboetas, ainda que grosso modo. Dessa forma, estaremos assumindo uma generalização das características arquitetônicas para a cidade de Lisboa.

³⁰⁷ [CARRERE, Joseph-Barthélemy-François, 1740-1802] (anônimo). *A picture of Lisbon, taken on the spot: being a description moral, civil, political, physical and religious, of that capital...*. London: printed for Henry Colburn, 1809, p. 12-13. Autor segundo catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal.

32. Transformação da janela primária das residências brasileiras. Fonte: RODRIGUES (1975), p. 298.

Uma janela primária, quadrangular e com escuros, representa o tronco comum da árvore. O caso são-joanense coincide, no geral, com a ramificação indicada pela letra B na Figura, em especial aquela que corresponde a uma janela de guilhotina com cercadura ainda quadrangular. Veremos adiante e no capítulo seguinte que as vergas de arco abatido são incorporadas nos vãos, os quais posteriormente recebem sobrevergas e são rasgados em portas-janelas e guarnecidos por balcões.

À parte o fechamento das janelas, no entanto, a composição dos vãos nas fachadas da Rua da Cruz e de outras casas são-joanenses congêneres corresponde a uma tipologia comum ao século XVIII. As portas e janelas retangulares e de reduzido tamanho foram com o tempo aumentando suas dimensões, o mesmo podendo ser dito para os pés-direitos, antes mais baixos. Nesse sentido, as fachadas da Figura 31 se encontrariam em um estágio mais ou menos intermediário entre os pequenos vãos quadrados e as grandes aberturas se aproximando dos frechais. Em todo caso, ainda há a predominância de cheios sobre vazios,

embora a casa rosada à esquerda³⁰⁸ já conte com vãos mais próximos uns dos outros. Somente a partir do final do Setecentos os vãos passariam a prevalecer sobre os cheios.³⁰⁹

A dimensão das casas varia de pequenas unidades de porta e janela, até exemplares maiores com porta geralmente lateral e várias janelas. Seria pouco comum, no século XVIII, composições com simetria, excetuando-se as casas nobres; nas casas menores mais modestas, a entrada ficaria quase sempre de um lado da fachada, dando-se preferência para o agenciamento de longos corredores laterais na planta.³¹⁰

Nos casos da Rua da Cruz, o caimento da via implica um desnível entre as duas casas, o qual se evidencia de duas formas. Por um lado, os típicos telhados de duas águas e telhas cerâmicas de capa e canal – ‘de bica’ ou ‘de canudo’ em Portugal – apresentam uma discreta quebra na cumeeira. Por outro lado, os alicerces, visíveis pela cor diferenciada e pelo volume deslocado em relação à parede de fundo da fachada, acusam a diferença da altura dos pisos no interior das residências. Estes, por sua vez, não se elevam consideravelmente em relação à calçada, sendo acessados por uma soleira de pedra ou, como nos casos aqui ilustrados, por pequenas escadas de entrada.

Na casa rosada à esquerda, parece exagerada a distância entre o alto dos vãos e o frechal. Tal espaço de parede está desproporcionado na composição da fachada e termina por repercutir no alteamento do beiral e, conseqüentemente, da cumeeira. De fato, o par de casas ilustrado já sofreu importantes modificações ao longo do tempo, como se pode perceber em uma fotografia do ano de 1952 (Fig. 33).

33. Vista de casas no Largo da Cruz, São João del-Rei. Ano de 1952. Fonte: IPHAN-MG.

³⁰⁸ Sempre que nos referirmos ao lado esquerdo ou direito das edificações, estaremos assumindo a perspectiva ou ponto de referência do próprio objeto com a sua frente para a rua, salvo nos momentos em que estivermos nos referindo à figura ou à imagem, como é aqui o caso.

³⁰⁹ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 177, 191; MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 11-12.

³¹⁰ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 163-164; VAUTHIER (1975), *op. cit.*, p. 62. Curiosamente, nos primeiros ranchos de arraiais mineiros, as entradas ocupariam uma posição central nas fachadas e, só depois, com a multiplicação dos vãos e o a agenciamento de pequenas janelas, as portas se deslocariam para a lateral; ver MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 10-11; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 179. Em Portugal, há notícia de presença de simetria em fachadas de edifícios multifamiliares protopombalinos, ou seja, por volta do terceiro quartel do século XVIII; ver BARREIROS, Maria H. Prédios de rendimento entre o joanino e o tardopombalino. In: *Património arquitectónico: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: SCML, 2010. vol. II, tomo 1, p. 25.

Surpreendentemente, a casa hoje rosada já comportou uma fachada inteiramente eclética, que foge à esquerda da cena. Neste caso, nem mesmo a marcação dos vãos foi conservada. A edificação, que comporta a cruz adossada, sofreu por sua vez uma intervenção menos radical. Assim mesmo, a antiga entrada foi transformada em janela, enquanto um vão lateral foi rasgado em porta. Embora o alinhamento vertical da envasadura tenha se mantido, a nova composição eliminou a centralidade e reforçou o tradicional acesso lateral. Em todo caso, não é possível estimar em que momento histórico teria sido definida a composição simétrica de vãos do estado anterior. A foto antiga mostra ainda que a porta central contava com soco de pedra, motivo que, em Portugal, só apareceu nos edifícios da segunda metade do século XVIII.³¹¹

Temos observado o fechamento dos vãos através de escuros e folhas de guilhotina. Entretanto, cabe mencionar ainda o emprego das rótulas, definidas como grades compostas de tiras de madeira entrecruzadas, de uso comum em diferentes regiões da América portuguesa.³¹² Elas raramente comparecem no casario são-joanense atual, apresentando-se às vezes em folhas instaladas atrás das vidraças. Conta-se mesmo assim com um registro de seu uso em uma casa térrea outrora situada na Rua do Carmo (Fig. 34).

34. Casa térrea na Rua do Carmo, São João del-Rei. Data: 1960. Fonte: LFSV.

Note-se que as folhas abrem à francesa e não com dobradiças na parte superior como era comum na época. Tal detalhe atesta ou uma peculiaridade regional ou, mais provavelmente, uma remodelação posterior. Mesmo assim, a ancestralidade da construção se expressa também no pé-direito diminuto, na falta de padronização do desenho e distribuição de vãos, bem como nos rústicos beirais com caibros aparentes.

³¹¹ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 144.

³¹² Para a definição de 'rótula', ver CORONA e LEMOS (1972), *op. cit.*, p. 415; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 178; VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 126-127. Para um estudo aprofundado do uso das rótulas no Brasil, ver MARINS (2006), *op. cit.*

De fato, um dos motivos que mais diferencia o grupo de edificações em consideração são as cachorradas, nome dado às séries de peças de madeira à mostra e em balanço (Fig. 35).

35. Desenho de cachorrada (completo e detalhe) para o caso da Igreja do Rosário, Santa Rita Durão, Minas Gerais. Fonte: RODRIGUES (1975), p. 292.

O desenho de José Wasth Rodrigues corresponde a uma igreja mineira, mas pode ser generalizado para o casario. Os cachorros comparecem na sequência dos frechais, a sustentar um forro de tábuas ou guarda-pós, que, por sua vez, recebem o peso das telhas. Nesse exemplo ilustrado, os caibros contam com seção média e recorte simples nas pontas, mas também eram comuns os acabamentos recortados e em peito de pomba. O robusto frechal em projeção ao lado da cachorrada é um motivo pouco usual no casario são-joanense, ainda que reconhecível principalmente em fachadas de maiores dimensões

A grande maioria dos cachorros à mostra em São João del-Rei é de comprimento regular e seção reduzida. Peças mais robustas, de dimensões mais antigas,³¹³ são bastante raras, havendo alguns casos na Rua Santo Antônio. É ainda comum o agenciamento de guarda-pós a sustentar as fiadas de telhas. O uso da cachorrada remete aos ranchos dos primitivos arraiais mineiros construídos com paus roliços.³¹⁴ Com a paulatina edificação de casas mais duradouras e o uso de telhas nas coberturas, as peças de madeira passariam por um redimensionamento e um maior trabalho de carpintaria. No caso de São Paulo, que supomos mais ou menos generalizável para o âmbito do sudeste da América portuguesa, os grandes beirais foram sendo encolhidos ao longo do período colonial.³¹⁵

Em Portugal, a cachorrada não conta com um uso extensivo e frequentemente reveste-se de tábuas de madeira a ocultá-la. Assim mesmo, é encontrada ocasionalmente em diferentes lugares do país. Seu uso no casario popular da região das Beiras seria bastante comum, de acordo com o desenho de pormenores de beirais apresentado no livro clássico intitulado *Arquitectura Popular em Portugal* (Fig. 36).

³¹³ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 177.

³¹⁴ VASCONCELLOS, Sylvio. A arquitetura colonial mineira. In: ÁVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 354.

³¹⁵ REIS FILHO, Nestor G. (coord.). *São Paulo: vila cidade metrópole*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004, p. 91.

36. Pormenores de beirais em cachorrada encontrados na região das Beiras, Portugal. Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), v. 1, p. 286.

Nesses casos, tanto o desenho como a dimensão do balanço se assemelham aos pares são-joanenses, apesar da diferença no uso da alvenaria de pedra como suporte. Com efeito, Raul Lino, importante estudioso da casa luso-brasileira, reconhece a referência da arquitetura beiroa na arquitetura tradicional de Minas Gerais, mais especificamente na de Ouro Preto.³¹⁶

Em nosso trabalho de campo, também encontramos, mais ao norte na cidade de Guimarães, cachorradas em antigos sobrados de tipologia seiscentista (Fig. 37 e 38).³¹⁷

37. Detalhe de sobrados seiscentistas na Rua de Camões n. 97-99. Guimarães, Portugal, 2014.

38. Detalhe de sobrado. Guimarães, Portugal, 2014.

Tanto nos exemplos de edificações mais nobres da Rua de Camões com três andares e primorosa carpintaria nos balcões, guarda-corpos e molduras de vãos, quanto em sobrados mais simples em ruas

³¹⁶ Ver VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 173.

³¹⁷ Ver OLIVEIRA e GALHANO (1994), *op. cit.*, p. 336; FERNANDES, Eduardo; JORGE, Filipe. *Guia de arquitectura de Guimarães*. Lisboa: Argumentum, 2011, p. 21; SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. *Arquitetura popular em Portugal*. Lisboa: SNA, 1961, p. 85.

periféricas, cachorros trabalhados se projetam pronunciadamente sobre balcões. Cabe observar que, em ambos casos, as grades com delgados perfis de ferro e as esquadrias das portas com grandes peças de vidro não correspondem cronologicamente ao partido geral das fachadas.

Já em localidades de maior envergadura, os caibros à mostra são bastante mais curtos, como aqueles encontrados na antiga arquitetura urbana de Lisboa.³¹⁸ Também identificamos alguns exemplos no bairro da Ribeira, na cidade do Porto (Fig. 39).

39. Detalhe de edificação no bairro da Ribeira. Porto, Portugal, 2014.

Nesses casos, é comum o acabamento em peito de pomba e o uso de tábuas de suporte tanto no guarda-pó como no arremate do frechal. Chamam ainda a atenção, na figura ilustrada, as molduras dos vãos retos com janelas de guilhotina envidraçadas, bem como a discreta marcação de cunhal em relevo.

De regresso a São João del-Rei, destaca-se a casa de esquina situada na Rua Santo Antônio, atrás da Igreja do Rosário (Fig. 40 e 41).

³¹⁸ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 178-179.

40, 41. Casas térreas na Rua Santo Antônio n. 3-5. São João del-Rei, 2011.

A ausência de calha permite ver com clareza a cachorrada formada por caibros delgados e com pontas em peito de pomba. A maior proximidade entre as aberturas seria fruto do fenômeno de aumento da proporção dos vãos nas fachadas ao longo do período colonial. Também a presença de bandeiras fixas com peças de vidro nas portas estaria acompanhando as transformações do uso de materiais, a par das vidraças nas janelas. No caso das cimbalhas sobre as vergas, que ora aparecem e desaparecem em ambas as casas, serão abordadas adiante com a devida atenção.

Entretanto, uma outra novidade que se percebe na cena são as venezianas no fechamento das janelas. O uso das paletas de madeira paralelas na esquadria só teria o seu uso difundido a partir do início do século XIX.³¹⁹ Há inclusive a documentação de um curioso exemplar de veneziana primitiva em Minas, formada por peças basculantes.³²⁰ Na iconografia, a aparição mais antiga do mecanismo de ventilação foi retratada por Debret por volta do ano de 1817 em uma janela do Rio de Janeiro.³²¹ Também Rugendas teria desenhado venezianas na parte inferior das janelas cariocas um pouco mais tarde, por volta de 1835.³²² Na década de 1840, o engenheiro francês L. L. Vauthier (1815-1901) apontou a sua aplicação em casas térreas do Recife.³²³ Fora estas referências, não dispomos de maiores informações sobre o uso das venezianas ao longo do século XIX.

³¹⁹ CORONA e LEMOS (1972), *op. cit.*, p. 285, 469; RODRIGUES, José W. A casa de moradia no Brasil antigo. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: 1975, p. 307.

³²⁰ MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 74-77.

³²¹ BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. *Debret e o Brasil: obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008, p. 123. Em sua análise da iconografia da arquitetura carioca, Paulo Marins considera as venezianas raras até a década de 1830; chama a atenção, ainda, para o uso equivocado do termo por viajantes estrangeiros, que estariam se referindo melhor às rótulas; ver: MARINS (2001), *op. cit.*, p. 226.

³²² RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 307.

³²³ VAUTHIER (1975), *op. cit.*, p. 62-63.

As fachadas do par de residências são-joanenses da Rua Santo Antônio passaram por modificações notáveis em tempos passados (Fig. 42).

42. Casas térreas (foto e detalhe) na Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Sem data. Fonte: MR-SJDR.

Na casa de esquina, os marcos dos vãos foram mantidos, mas tanto as janelas como as portas abriam-se anteriormente à francesa e comportavam discretas sobrevergas. Já a residência ao lado teve a posição de sua porta trocada nas laterais da fachada. As guilhotinas tinham um desenho diferente com três colunas de vidros e venezianas. A curiosa sobreverga triangular cuja diferença de tonalidade em relação às molduras dos vãos sugeria o uso de massa em relevo foi eliminada posteriormente. O mesmo foi feito com os lambrequins que ocultavam o acabamento dos beirais. Cabe observar que, excetuando-se as finas sobrevergas que remanescem na atualidade, o quadro geral indica a intenção de retomada de uma tipologia colonial na medida em que os motivos com referência ao século XIX são retirados da cena.

A Rua Santo Antônio comportava em outros de seus trechos várias dessas casas de tipologia predominantemente setecentista. O conjunto nas proximidades da Igreja do Rosário conta com fachadas de maiores dimensões (Fig. 43 e 44).

43. Vista da Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Sem data, supostamente por volta da década de 1950. Fonte: MR-SJDR.

44. Vista da Rua Santo Antônio. São João del-Rei, 2015.

Chama a atenção, na casa à esquerda da cena, a longa cachorrada com peças robustas e com um pronunciado balanço, a mesma que, na foto mais moderna, parece ter sofrido um encurtamento, fruto de uma provável reforma. A forma quadrangular dos vãos, entretanto, se conservou em grande medida, bem como as folhas em guilhotina.

Já no casario mais distante da igreja, no caminho de entrada para a cidade, as unidades apresentam menores dimensões e maior simplicidade nos detalhes construtivos (Fig. 45 e 46).

45. Casas térreas à Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Ano de 1954. Fonte: MR-SJDR.

46. Casas térreas à Rua Santo Antônio. São João del-Rei, 2015.

Em ambas as imagens, entretanto, predominam as fachadas contínuas com envasadura reta, não havendo entretanto um padrão único na distribuição dos vãos que, no geral, ou formam simetria com porta central ou partido com entrada lateral. Em todo caso, o casario remanescente condiz com as ações de tombamento realizadas nas décadas de 1930 e 1940, quando, além da região central da cidade em torno das principais igrejas e largos, foi incluído o longo trecho representado pela Rua Santo Antônio.³²⁴

³²⁴ Para informações sobre o tombamento de São João del-Rei, ver PEREIRA, Honório N. *Permanências e transformações nas cidades-monumento: teatro social e jogos de poder* (São João del-Rei, 1937-1967). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009; TAVARES, Denis P. *O tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de São João del-Rei: negociação e conflito entre projetos de apropriação e uso do patrimônio cultural* (1938-1967). Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Também de raízes coloniais é o acabamento do beiral em beira-seveira, em ocasiões chamado também de algeroz, definido por “camadas de telhas que, embutidas nas alvenarias das paredes, se projetam sucessivamente”.³²⁵ Não há referências cronológicas precisas, mas o seu uso no caso de Minas Gerais é equiparado ao da cachorrada, salvo nos primeiros anos de criação dos arraiais, quando ainda não se contava com telhas cerâmicas nas construções.³²⁶ A beira-seveira teria se manifestado em diferentes partes do Brasil, mas a localidade de São João del-Rei é indicada como um importante foco.³²⁷ Deveras, encontra-se ainda na atualidade uma significativa presença dos beirais com telhas escalonadas na cidade, inclusive em composições que remetem ao século XVIII.

A beira-seveira são-joanense é quase sempre constituída de duas fiadas embutidas e uma outra de arremate no prolongamento do telhado. Ela é encontrada em diferentes partes da cidade, a exemplo das duas casas térreas situadas no Largo do Rosário, na continuação da Rua Direita (Fig. 47).

47. Casas térreas ao Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 34-40). São João del-Rei, 2012.

Nesses casos, o beiral com telhas escalonadas encontra-se conjugado com os vãos retos guarnecidos de bandeiras fixas nas portas e de folhas de guilhotina nas janelas. Já a composição da envasadura, segundo os registros disponíveis, foi mantida em um caso e modificado em outro. Uma fotografia bastante antiga, datada de ao redor do ano de 1880, mostra este conjunto desde um difícil ângulo (Fig. 48).

³²⁵ ÁVILA, Affonso *et al.* *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. São Paulo: Melhoramentos, 1980, p. 26.

³²⁶ VASCONCELLOS (1997), *op. cit.*, p. 354. André Dangelo *et al.* (2014, p. 55) associam, sem maiores explicações, o surgimento da beira-seveira ao início do século XIX, tendo como base a arquitetura de São João del-Rei.

³²⁷ RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 295, 314; RODRIGUES, José W. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 186; ÁVILA *et al.* (1980), *op. cit.*, p. 19; MELLO (1985), *op. cit.*, p. 259.

48. Casas térreas no Largo do Rosário (foto e detalhe). São João del-Rei. Feita por volta de 1880, segundo a fonte. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 56.

49. Casas térreas no Largo do Rosário. São João del-Rei. Feita por volta da década de 1950. Fonte: MR-SJDR.

Assim mesmo, pode-se observar a simetria da casa ao lado do passo de pedra, cujo cunhal sobressaltado oculta a suposta primeira janela. A seguinte casa sugere uma configuração semelhante, com porta central entre duas janelas, a mesma que se manteve até pelo menos a década de 1950 (Fig. 49). Não é possível conhecer o número e posição dos vãos no século XVIII e primeira metade do XIX. Se nossas fontes e deduções estiverem corretas, podemos supor, no entanto, não só intensas modificações ao longo do tempo como também a tendência para os partidos simétricos no decorrer do século XIX. Também intuimos um movimento de correção “colonializante” com o agenciamento de portas laterais durante o século XX, a par dos procedimentos realizados pelos órgãos de preservação no exemplo de Ouro Preto.³²⁸ Tal hipótese, entretanto, carece de maiores averiguações, que fogem ao escopo do presente trabalho.

Na pesquisa realizada em solo português, não encontramos muitas referências análogas às casas térreas guarneçadas de beirais em beira-seveira. Isso ocorreu, provavelmente, por termos dado preferência a ambiências urbanas e a localidades de maior envergadura. Os exemplares mais parecidos foram encontrados precisamente em cidades de médio porte ou em áreas nos arrabaldes de antigas cidades. No Algarve, a casa típica de porta e janela mostra, em sua simplicidade, uma relação com os pares são-joanenses (Fig. 50 e 51).

³²⁸ Ver MOTTA, Lia. A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 22, 1987, p. 108-122.

50. Casa térrea de esquina em Tavira. Portugal, 2014.

51. Estudo de cores em elevação de casa térrea típica de Faro, Portugal. Fonte: PINTO (1997), p. 84.

Coincidem a água do telhado a cair para a rua, o reduzido pé-direito e os vãos retos guarnecidos tradicionalmente por folhas de guilhotina. A beira-seveira também corresponde, mas nos casos portugueses é mais comum o agenciamento de somente uma fiada de telhas embutidas, sendo também usual a linha de telhas a descansar diretamente sobre as paredes. Outro detalhe comum é o soco de pedra nas ombreiras das portas, presente nas casas tanto de Tavira como da esquina da Rua Santo Antônio em São João del-Rei. Se no caso brasileiro ele parece responder à proteção da umidade ascendente nas peças de madeira, no português, onde não há acabamento em madeira, o mesmo estaria servindo melhor à proteção mecânica das molduras rebocadas.

Também nos Açores há notícias de casas urbanas de composição elementar e relativa simplicidade de acabamentos arquitetônicos (Fig. 52 e 53).

52. Casas térreas (foto e detalhe) na Rua Serpa Pinto. Praia da Vitória, Açores. Fonte: CALDAS (2000), p. 241.

53. Casas térreas em Angra do Heroísmo, Açores. Fonte: CALDAS (2000), p. 242.

Coincidem novamente os beirais simples com telhas à mostra, a composição da envasadura retangular, o embasamento de cor diferenciada na fachada bem como o agenciamento de guilhotinas e bandeiras fixas

nas portas. Embora os recortes nas molduras dos vãos e as esquadrias modernas ofereçam algum contraste, o quadro geral remete à imagem do casario são-joanense correspondente.

É importante considerar, ainda no contexto português, a arquitetura popular de pequenas localidades ou de zonas rurais. Há registro de casas térreas, de diferentes regiões de Portugal, em que se observam analogias com seus pares brasileiros (Fig. 54 e 55).

54. Casas térreas (foto e detalhe), arredores de Santarém, Portugal. Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), v. 2, p. 105.

55. Casa térrea na ilha de Santa Maria, Açores. Fonte: CALDAS (2000), p. 64.

A semelhança é bastante visível no partido volumétrico definido por telhados com caimento frontal e no regime de aberturas emolduradas. Nesses casos de maior liberdade de implantação predomina a ordenação simétrica de vãos nas fachadas. Curiosamente, mesmo em ambientes rurais ou suburbanos, opta-se em ocasiões por laterais cegas, a exemplo de casas em situações mais adensadas. A casa da ilha de Santa Maria, nos Açores, exhibe ainda vidraças tanto nas guilhotinas das janelas como na bandeira fixa da porta de entrada.

As casas térreas foram, por motivos construtivos e econômicos, as primeiras a serem construídas nas vilas mineiras e brasileiras no geral. Com o passar do tempo, começaram a ser edificados sobrados, seja como extensão vertical de casas existentes seja como substituição das mesmas. Eles teriam surgido, ainda, como novas construções em espaços vazios, ou no lugar de antigos quintais ou em áreas de expansão urbana. Tal fenômeno de verticalização foi fruto de fatores como o adensamento construtivo, o enriquecimento dos moradores, a simbolização de *status* social e o aproveitamento do desnível dos lotes. Os sobrados nem sempre estariam atendendo à ampliação da moradia em si, mas ao abrigo das dependências anexas de serviço ou comércio.³²⁹

No caso de São João del-Rei, o crescimento vertical das construções teria ocorrido lentamente ao longo da segunda metade do século XVIII.³³⁰ Muitos dos sobrados remanescentes com ascendência setecentista apresentam andares térreos com janelas de parapeito a indicar o uso residencial. Tal fato pode

³²⁹ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 140-142; VASCONCELLOS (1997), *op. cit.*, p. 355-356; REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 109; MELLO (1985), *op. cit.*, p. 98; TELLES, Augusto C. S. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FAE, 1985, p. 235.

³³⁰ DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 54.

ser em parte devido a remodelações ou à localização em logradouros periféricos à área central. Neles são percebidos componentes arquitetônicos e esquemas volumétricos comuns, determinados pelos telhados de duas águas a cair para a frente alinhada com a testada da rua. As janelas retangulares com fechamento em folhas de guilhotina se repetem nos andares superiores arrematados por beirais em cachorrada. No caso do antigo casarão situado na esquina da dita praça da Muxinga, ainda se percebe a predominância dos cheios sobre os vãos (Fig. 56).

56. Sobrado na Muxinga. São João del-Rei, 2012.

Nota-se, ainda, a pintura diferenciada das peças de madeira dos cunhais e o acesso por diferentes níveis como resposta à pronunciada inclinação do terreno. A entrada ao pavimento térreo se coloca em posição lateral e a envasadura mantém o alinhamento tanto vertical como horizontal. Sugere-se inclusive a marcação de simetria através das janelas centrais.

De fato, a maior simetria em casas brasileiras é, segundo Robert Smith, fenômeno típico do século XVIII motivado pelos preceitos renascentistas via Portugal. Com a adoção do vestíbulo central, a disposição simétrica do exterior passaria a se generalizar, destacadamente em edificações de caráter mais nobre.³³¹ Nesse sentido, Reis Filho indica, em seu estudo sobre a cidade de São Paulo, a segunda metade desta mesma centúria como um momento de maior preocupação com o ordenamento geométrico das fachadas. O advento dos sobrados teria acarretado uma busca pela simetria e pelo alinhamento vertical entre as aberturas.³³² Finalmente, também Sylvio de Vasconcellos vê nos grandes sobrados nobres um momento de destaque na transformação do casario mineiro, sendo o vestíbulo central de distribuição um indício do emprego da simetria.³³³

Desde a nossa perspectiva, não se conservaram grandes sobrados nobres do Setecentos em São João del-Rei. Mais adiante veremos alguns exemplos com modificações já inseridas no século XIX. No momento, contamos todavia com registros fotográficos de antigos sobrados que foram demolidos com o

³³¹ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 163.

³³² REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 91.

³³³ VASCONCELLOS (1997), *op. cit.*, p. 356.

passar do tempo. Um deles, de feições que remetem ao Setecentos, se situava na esquina da Rua Jogo da Bola com a Praça da Prainha (Fig. 57).

57. Sobrado situado na esquina da Rua Jogo da Bola com a Praça da Prainha. São João del-Rei. Sem data. Fonte desconhecida.

Neste caso, a fachada principal contava com janelas de peitoril no andar superior mais aproximadas umas das outras, sem alinhamento com os vãos de baixo. Tal esquema pode ser fruto da existência de casa térrea com características mais antigas, que teria sofrido posteriormente a adição de um andar mais moderno e mais leve.³³⁴ Na fachada lateral, em contraste, havia um predomínio dos cheios e uma correspondência dos vãos. De todas as formas, a maior regularidade no andar de cima sugeria a ampliação da casa térrea.

De fato, muitos dos sobrados com linhas sóbrias e carentes de ornamentação, hoje existentes em São João del-Rei, são construções relativamente novas. O fenômeno de construção de edificações modernas com aspecto setecentista pode ser comprovado com a sua ausência ou modificação em fotografias antigas. No caso do sobrado situado na rua Santo Antônio, que hoje alberga as instalações da centenária Orquestra Ribeiro Bastos, o terreno vazio na década de 1940 mostra que a construção foi totalmente edificada à imagem de uma arquitetura colonial (Fig. 58 e 59).

³³⁴ Ver VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 185; DANGELO *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 54.

58, 59. Terreno vazio e respectivo sobrado atual na Rua Santo Antônio n. 54. São João del-Rei. Foto antiga do ano de 1948. Fonte: IPHAN-MG.

60, 61. Sobrado anterior e atual na Rua das Mônicas (Rua Santa Teresa n. 63). São João del-Rei. Foto antiga do ano de 1955. Fonte: MR-SJDR.

A sua ausência pode ser observada também na Figura 43, cuja foto da mesma época permite ver o terreno no fundo da perspectiva da rua. Em outro caso, na Rua das Mônicas, existia ainda na década de 1950 um sobrado com vãos retos algo desalinhados sobre a parede predominante (Fig. 60 e 61). A relativa antiguidade do edifício se corroborava, ainda, pelas janelas superiores fechadas por escuros, pela cachorrada mais robusta e pelo reduzido pé-direito. A janela do andar térreo, sem enquadramento de madeira, foi claramente fruto de uma intervenção mais recente. O novo sobrado atual recriou certas características setecentistas, mas não aproveitou praticamente nada da estrutura anterior. Tanto a organização dos vãos como a altura da edificação indicam uma extensiva transformação da tipologia pré-existente.

Já o conjunto de um sobrado e uma casa térrea situado na Praça da Câmara parece ter sofrido intervenções menos importantes, embora significativas, ao longo do tempo (Fig. 62).

62. Sobrado e casa térrea na Praça da Câmara (Praça Barão de Itambé n. 164-176). São João del-Rei, 2010.

Ainda no ano de 1778 é mencionada a presença de um sobrado no Largo da Casa da Câmara, mas não sabemos se confere com a edificação em questão.³³⁵ Ele é atualmente o único sobrado do espaço que se

³³⁵ CINTRA, Sebastião O. *Efemérides de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982, v. 1, p. 139.

estende desde a traseira da Igreja da Matriz até a praça em questão, mas fica difícil qualquer afirmação mais precisa a respeito. Em todo caso, ele era visível, com longo telhado deitado para o quintal, naquela panorâmica da década de 1880 (ver Fig. 22). Mais adiante, no terceiro quartel do século XX, as edificações aparecem retratadas em diferentes tomadas.³³⁶ Na primeira foto da sequência, datada do ano de 1956, ambos beirais contavam com beira-seveira (Fig. 63).

63. Conjunto de sobrado e casa térrea situado na Praça da Câmara (foto e detalhe). São João del-Rei. Ano de 1956. Fonte: MR-SJDR.

64. Conjunto de sobrado e casa térrea situado na Praça da Câmara (foto e detalhe). São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

65. Conjunto de sobrado e casa térrea situado na Praça da Câmara (foto e detalhe). São João del-Rei. Ano de 1960. Fonte: MR-SJDR.

66. Conjunto de sobrado e casa térrea situado na Praça da Câmara (foto e detalhe). São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

Fora isso, a casa térrea já apresentava os motivos gerais que permaneceriam no tempo, ou seja, a sequência de vãos retos com porta lateral e janelas de guilhotina. O sobrado, entretanto, teve como

³³⁶ Para a estipulação da sequência cronológica das quatro fotos antigas, utilizamos, além das duas datas de referência, o grau de crescimento das mudas de árvore plantadas na praça, as marcas de obras e de bolor no sobrado, o barrado de cor diferenciada da casa térrea e, finalmente, o estado atual das edificações. Mesmo assim, não temos segurança sobre a ordem estabelecida. Consideramos possível, por exemplo, que as mudas de plantas tenham sido postas e retiradas em dado momento e que, portanto, as janelas de guilhotina do sobrado viessem em primeiro lugar na sequência.

novidade, na seguinte cena, o aparecimento de uma segunda porta na lateral (Fig. 64). Isso se deu como provável resposta a um acesso independente para o pavimento superior cujas janelas passaram a albergar guilhotinas. Poucos anos depois, em 1960, percebem-se notáveis modificações no mesmo sobrado: os vãos laterais trocaram de posição, embora a porta central tenha sido mantida; as janelas perderam as guilhotinas e ganharam esquadrias abrindo à francesa; e as telhas do beiral foram substituídas por cachorros (Fig. 65). A configuração do sobrado se conservou na seguinte fotografia, salvo quiçá o acabamento das janelas superiores de difícil visualização (Fig. 66). A casa térrea, porém, teve suas pinturas modificadas e a beira-seveira substituída pela cachorrada. Em relação ao estado atual, tem-se como novidade de maior monta somente a recolocação de guilhotinas no sobrado, retomando assim um estado precedente. Chama a atenção a quantidade de modificações sofridas em tão pouco tempo, com destaque para o caso do sobrado. Mesmo assim, consideramos que o conjunto atual guarda relações mais ou menos fieis com a tipologia em caracterização.

Há ainda edificações que parecem se situar em um momento cronológico mais recente, dados alguns aspectos modernos apresentados em suas composições. Tal é o caso de um sobrado, com dimensões reduzidas e implantado entre medianeiras, que já existiu na Rua do Carmo (Fig. 67).

67. Sobrado, hoje inexistente, situado na Rua do Carmo. São João del-Rei. Sem data. Fonte: IPHAN-MG.

Chama a atenção o pronunciado beiral em cachorrada e os vãos retos. A entrada se faz tradicionalmente pela lateral da fachada, que exhibe um ritmo regular e alinhado de aberturas. O pé-direito, ainda relativamente baixo, pode ser observado pela exposição da viga intermediária denominada madre. Apesar de deteriorado, o estado da construção ainda permitia ver a vedação em adobe. No entanto, há dois aspectos que conferem certa modernidade à construção. Por um lado, os vãos esguios encontram-se bastante aproximados uns dos outros, no sentido de abrir o interior para o ambiente externo. Por outro

lado, percebe-se o desprendimento das tábuas de madeira dos marcos dos vãos. Trata-se de artifício praticado a partir da segunda metade do século XIX; antes disso, o enquadramento era, segundo a tradição, sempre conformado por peças de madeira maciças.³³⁷ Mesmo assim, e em consideração à tendência de reformas ao longo do tempo, a composição geral da edificação remete a características comuns ao Setecentos.

Em Portugal, chamam a atenção, pela analogia de motivos com os pares são-joanenses, alguns sobrados do norte do país (Fig. 68 a 70).

68, 69. Sobrado com primeiro pavimento modificado para agenciamento de loja. Braga, Portugal, 2014.

70. Sobrado de esquina situado na Rua São João Novo. Porto, Portugal, 2014.

Tanto no caso de Braga como no do Porto, a situação urbana densa motiva o agenciamento de vários andares e de fachadas esguias, bem como a acomodação de lojas no andar térreo. Nos pavimentos superiores, os vãos retos encontram-se regularmente distribuídos e fechados por janelas de guilhotina. Coincidem também os beirais em cachorrada, seja com peças à mostra, seja com guarda-pós a esconder parcialmente ou em sua totalidade os caibros. Vestígios do uso da pedra, tão comum à arquitetura portuense e minhota, se manifestam no enquadramento de vãos e nos cunhais. No caso do sobrado de esquina, a madeira comparece com peças estreitas na parte superior do cunhal e no marco das janelas, o que é raro nas edificações urbanas da região.

Quando consideramos, no entanto, os beirais em beira-seveira ou aqueles em que a fileira de telhas descansa diretamente sobre a fachada, as edificações se multiplicam desde as Beiras (*e.g.* Coimbra) e o Ribatejo (*e.g.* Tomar), passando pelo Alentejo (*e.g.* Portalegre, Estremoz), até chegar ao Algarve (*e.g.* Faro) e aos Açores (Fig. 71 e 72).

³³⁷ VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 101.

71. Sobrado, Av. Dr.
Cândido Madureira, n. 31-
33. Tomar, Portugal, 2014.

72. Sobrado em Angra do Heroísmo. Açores, Portugal, 2014.

Os exemplos variam, no geral, entre dois e três pavimentos e compartilham as mesmas características básicas de fachada. As cercaduras dos vãos são geralmente de pedra e, às vezes, de massa, principalmente ao sul do país. Em alguns casos, nota-se uma maior liberdade no posicionamento da envasadura, sem uma maior correspondência ou alinhamento das aberturas. Em outras ocasiões, os vãos encontram-se rigorosamente alinhados. Os pés-direitos, entretanto, sempre se apresentam com alturas reduzidas se comparado com os exemplos são-joanenses, fato devido, quiçá e dentre outros fatores, à pesada estrutura de alvenaria de pedra e ao clima mais frio.

Ainda em Portugal, cabe considerar a arquitetura popular de povoados de pequena magnitude. Assim como no caso das casas térreas, havia – ou ainda há – exemplos de sobrados em diferentes latitudes que remetiam àquelas edificações simples com paredes caiadas e vãos retangulares. Ao percorrer novamente o livro *Arquitetura popular em Portugal*, chamam a atenção dois exemplos situados na região de Braga. O primeiro deles, em Tebosa, se assemelhava a um casarão de caráter rural com entrada lateral e porão habitável (Fig. 73).

73. Casa assobradada. Tebosa, Braga, Portugal (foto e detalhe). Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), v. 1, p. 26.

74. Casa assobradada. Pedralva, Braga, Portugal. Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), v. 1, p. 26.

Embora a fiada de telhas descansasse diretamente na parede, o beiral era bastante simples e despojado de detalhes. Os vãos não contavam com molduras ressaltadas, mas suas dimensões, sua proporção na alvenaria e as folhas de guilhotina remetiam ao tipo em consideração.

Já o outro sobrado, localizado em Pedralva, exibiu um pronunciado beiral com cachorros trabalhados (Fig. 74). A falta de regularidade, expressa nos vãos desalinhados e na parede ondulada, indicavam a espontaneidade da construção. Apesar dos detalhes em pedra no andar térreo, o enquadramento das janelas, fechadas tanto em guilhotinas como em escuros, aparentavam ser de madeira pintada, em contraste com as paredes caiadas. Em ambos os casos bracarenses, a aparência geral e vários dos motivos arquitetônicos se alinhavam com a composição setecentista encontrada na cidade brasileira de São João del-Rei.

Antes de encerrar o tema dos antigos vãos retos, cabe mencionar algumas edificações são-joanenses que, por sua singularidade, não se agrupam facilmente com outros exemplares arquitetônicos. Mesmo assim, a sua filiação e as novidades que apresentam motivam-nos a considerá-las neste momento. A primeira delas é o sobrado conhecido popularmente como “a casa mais antiga da cidade” (Fig. 75 e 76).³³⁸

³³⁸ Para informações sobre a dita casa mais antiga, incluindo caracterização e modificações arquitetônicas ao longo do tempo, ver GUIMARÃES, Maria L. M.; FERREIRA, José A. A casa mais antiga, atual sede do Instituto Histórico: breves apontamentos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. 9, 2000, p. 18-21.

75. Sobrado na Rua das Mônicas. São João del-Rei. Sem data. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG132/1/04.

76. Sobrado na Rua das Mônicas (Rua Santa Teresa n. 127), conhecido como "a casa mais antiga da cidade". São João del-Rei, 2015.

Seu diferencial consiste no balcão de madeira que cobre a extensão da fachada principal, que pode ser observado tanto em uma foto antiga como no estado atual. O guarda-corpo, antes de pau a pique, foi substituído por peças simples de madeira, enquanto que os esteios com falsas mísulas recurvadas e o beiral em cachorrada se mantiveram. A beira-seveira também comparece nas fachadas laterais bem como as janelas de peitoril com fechamento em guilhotina. Os motivos arquitetônicos e a prevalência dos cheios sobre os vazios de fato remetem a uma tipologia antiga, apesar de o alinhamento entre os vãos e a simetria frontal terem enfraquecido com a transformação de uma janela em porta no andar térreo.³³⁹

Neste contexto, destaca-se, a modo de analogia e descendência, a presença de varandas em habitações de pequenas localidades ao norte de Portugal (Fig. 77 e 78).

³³⁹ Para DANGELO *et al.* (2014, *op. cit.*, p. 49), a casa representa "a transição de uma arquitetura rural de origem paulista para uma adaptação urbana na cidade em formação."

77. Habitações com varanda.
Monção, Portugal (foto e detalhe).
Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS
ARQUITECTOS (1961), v. 1, p. 83.

78. Habitações com varanda.
Fermil de Basto, Portugal
(foto e detalhe). Fonte:
SINDICATO NACIONAL DOS
ARQUITECTOS (1961), v. 1, p.
82.

A relação com o caso são-joanense se evidencia não só pelo uso de varandas, sustentadas por peças de madeira e protegidas ora por tabiques, ora por sarrafos verticais seriados. Também coincide o sistema construtivo com telhados e beirais em cachorrada bem como o predomínio das alvenarias caiadas de branco em contraste com os vãos retos.

Outra casa de feição singular em São João del-Rei foi construída na Rua São Miguel, aquela que levava às minas de ouro no sopé da serra (Fig. 79 e 80).

79. Meio-sobrado situado na Rua São Miguel. São João del-Rei. Sem data. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG132/1/02.

80. Meio-sobrado situado na Rua São Miguel (Rua Resende Costa n. 88). São João del-Rei, 2010.

Sua condição é a de um meio-sobrado, com a janela superior da fachada a indicar um cômodo de reduzido pé-direito, provavelmente situado no desvão do telhado.³⁴⁰ Temos a impressão de que a verga se aproveita da proximidade do beiral em cachorrada e coincide com o frechal. Devido à exígua largura da fachada, os vãos do andar térreo se justapõem e compartilham a ombreira.³⁴¹ A fotografia antiga mostra ainda o uso de treliças na parte superior da porta, um raro caso de registro do elemento de vedação no casario são-joanense.³⁴² A bandeira fixa com fasquias em diagonal e a sobreverga são elementos posteriormente apostos, que serão abordados em seu devido momento.

Já houve, entretanto, um outro exemplo de janela geminada com porta na Rua Santo Antônio (Fig. 81 e 82).

³⁴⁰ Há um croqui de casa paulista, atribuída ao período colonial, a indicar abertura superior denominada 'janela falsa' semelhante ao caso são-joanense. Não há, entretanto, qualquer explicação do croqui ou do elemento ressaltado. Ver REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 104.

³⁴¹ Para a manifestação de vãos geminados na arquitetura tradicional mineira, tendo por motivo a economia de material, ver MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 19-21.

³⁴² Essa fotografia é anterior ao ano de 1948, de acordo com outra foto desta mesma data a indicar uma edificação vizinha mais moderna à direita do meio-sobrado; ver IPHAN-MG, São João del-Rei, Arquivo permanente. Cabe mencionar ainda uma outra fotografia do ano de 1960 a mostrar o meio-sobrado em obras; ver LFSV, cód. 0199.02354, disponível em internet.

81. Casa térrea com vão geminado na Rua Santo Antônio. São João del-Rei. Ano de 1954. Fonte: MR-SJDR.

82. Casa térrea na Rua Santo Antônio n. 26. São João del-Rei, 2015.

Os vãos retos e os robustos cachorros com pontas trabalhadas mostram indícios da matriz colonial na fachada. No estado atual, a janela se desprendeu da entrada e os vãos mudaram de posição, enquanto a cachorrada perdeu projeção e teve seus caibros afinados.

Uma outra casa bastante peculiar na cidade encontra-se na Rua do Curral (Fig. 83 e 84).

83. Sobrado na Rua do Curral. São João del-Rei. Sem data. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG132/1/04.

84. Sobrado na Rua do Curral (Rua Marechal Deodoro, n. 265-269). São João del-Rei, 2012.

Embora predominem os motivos até então abordados, figura como novidade o alteamento de um pavimento assobradado de menores dimensões, centralizado na fachada simétrica e com telhado arrematado em tacaniça. Uma fotografia antiga mostra ter havido poucas transformações desde meados do século XX, as quais ficaram restritas basicamente às esquadrias – antes abrindo à francesa nas janelas superiores e com bandeira envidraçada em uma das portas – e à eliminação de marca de cunhal com cor

diferenciada.³⁴³ Note-se que os vãos do pavimento térreo encontram-se praticamente justapostos, a par das possibilidades tecnológicas e do desejo de exposição comercial ao público.

O caso análogo existente na Rua Santo Antônio é fruto de construção da segunda metade do século XX, fato confirmado pela ausência da edificação em fotos antigas (Fig. 85 e 86).³⁴⁴

85. Perfil da Rua Santo Antônio sem qualquer sobrado. André Bello, início do século XX (detalhe). Fonte: Desconhecida. Ver imagem completa em Figura 28.

86. Sobrado moderno situado na Rua Santo Antônio n. 400. São João del-Rei, 2015.

Realmente causa estranheza a construção de um sobrado com linhas apuradas em um trecho da cidade em que predominavam casas térreas simples e despojadas. Assim mesmo, o embasamento em pedra, as proporções da fachada e os acabamentos arquitetônicos são convincentes em uma primeira visada. Quiçá tenha inclusive se inspirado em seu congênere da Rua do Curral, pesem as vergas curvas e a vocação residencial. Em todo caso, a sua manifestação é indício de que se trata de um tipo comum à arquitetura colonial.

De fato, encontramos várias aparições de sobrados com composição semelhante em diferentes cenas iconográficas das primeiras décadas do século XIX. Vale a pena avançar um pouco no tempo para verificar a manifestação deste esquema tipológico. O mais antigo registro de nossa amostra, datado do ano de 1816, consta da residência própria que Debret retratou no bairro do Catumbi, nos arrabaldes do Rio de Janeiro (Fig. 87).³⁴⁵

³⁴³ Ver, ainda, outra fotografia, do ano de 1948, em QUEIROZ, Maria G. S. (coord.). *São João del-Rei*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010, p. 33.

³⁴⁴ A ausência do sobrado pode também ser verificada no fundo de pelo menos duas outras fotografias da Rua Santo Antônio datadas dos anos de 1961 e 1962. Ver MR-SJDR.

³⁴⁵ “O bairro Catumbi, no início do século XIX, era ainda um arrabalde do Rio de Janeiro de boas residências e chácaras”; ver BANDEIRA e LAGO (2008), *op. cit.*, p. 119.

87. Casa provisória de Debret no Catumbi, Rio de Janeiro, 1816. Autor: Jean-Baptiste Debret. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 120.

A casa apresenta, à semelhança dos casos são-joanenses, segmento assobradado e centralizado na fachada simétrica. Também coincidem a distribuição de vãos e detalhes como o do friso a marcar a transição entre os pavimentos. Entretanto, o caso carioca mostra uma maior modernidade no agenciamento de beirais em cimalha, cunhais marcados com pilastras e vergas em arco abatido.

Em uma outra aquarela da época, desta vez elaborada pelo austríaco Thomas Ender (1793-1875),³⁴⁶ aparece uma edificação do mesmo tipo (Fig. 88).

³⁴⁶ O pintor-viajante austríaco Thomas Ender esteve de passagem no Brasil entre os anos de 1817 e 1818. Para uma síntese biográfica, ver RIBEIRO, Monike G. Thomas Ender. In: 19&20. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_te.htm. Consulta em: 7 jan. 2014.

88. Casario na Rua do Piolho, Rio de Janeiro, 1817-1818 (completo e detalhe). Autor: Thomas Ender. Fonte: FERREZ [s.d.]a, p. 129.

As semelhanças com a casa de Debret no Catumbi são evidentes: quatro vãos térreos com mais dois alteados no pavimento superior simetricamente disposto; vergas em arco abatido; cimalhas a sustentar os beirais; e pilastras nos cunhais.

Alguns anos mais tarde, por volta de 1825, eram flagrados sobrados de três andares a exibirem o esquema análogo de partido volumétrico e composição de fachadas. No caso da vista da região central do Rio de Janeiro, retratada pelo botânico inglês William Burchell (1781-1863),³⁴⁷ o segundo pavimento, situado entre o térreo e o trecho lateralmente recuado, encontra-se já guarnecido de sacada corrida (Fig. 89).

³⁴⁷ Para informações sobre a estada no Brasil, obra e biografia do botânico inglês William Burchell, ver FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William Burchell, 1825/1829*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.

89. Detalhe de panorama da área central do Rio de Janeiro, 1825-1829 (completo e detalhe). Autor: William Burchell. Fonte: FERREZ (1981), p. 36.

90. Casario no Campo de Santana, Rio de Janeiro, c.1825-1826 (completo e detalhe). Autor: Charles Landseer. Fonte: MACHADO (1972), p. 82.

O mesmo não acontece com a edificação de dimensão e altura semelhante que comparece na vista do Campo de Santana desenhada pelo artista também inglês Charles Landseer (1799-1879),³⁴⁸ a qual conta somente com janelas de peitoril e cunhais em bossagem (Fig. 90). Apesar de apresentarem alguns traços de maior modernidade que não comparecem em exemplos anteriores, fica patente uma correspondência tipológica que indica a circulação de modelos entre as regiões do Sudeste brasileiro, sendo o a capital carioca um importante centro de referência.

³⁴⁸ O inglês Charles Landseer esteve de passagem pelo Brasil entre os anos de 1825 e 1826. Para informações sobre sua obra e biografia, ver MACHADO, Cândido G. P. *Landseer*. São Paulo: Lanzara, 1972, p. 144-153.

2.2. Arco abatido

Quando avançamos na caracterização arquitetônica e na linha cronológica do século XVIII, começam a entrar em cena os vãos com vergas de arco abatido.³⁴⁹ Não há como negar a sua grande presença no casario de São João del-Rei. Seu surgimento na arquitetura oficial de Minas Gerais é atribuído por Sylvio de Vasconcellos ao Palácio dos Governadores em Ouro Preto, projetado por Alpoim. O Palácio teria sido edificado entre 1740 e 1750 – ou entre 1730 e 1740 como apontado em trecho mais à frente do texto de Vasconcellos – e, a partir daí, incentivado o emprego do arco abatido na arquitetura geral da cidade.³⁵⁰ Apoiando-se neste mesmo autor, Cícero Cruz concorda com a difusão dos arcos abatidos a partir do projeto de Alpoim e da construção do Palácio dos Governadores entre 1735 e 1738; a partir de então, “esse tipo de verga tornou-se um modismo e foi reproduzido na arquitetura civil”.³⁵¹ Tais datas coincidem aproximadamente com o aparecimento das primeiras vergas de arco abatido tanto no Rio de Janeiro, na ocasião das reformas do Paço empreendidas pelo mesmo Alpoim até 1743,³⁵² como em São Paulo, surgidas entre 1740 e 1750 em edifícios institucionais.³⁵³

Para nós, o uso da verga curva no casario corrente não deve ser considerado como um reflexo óbvio e imediato. Devemos lembrar possíveis fatores como a inércia da tradição, que implicaria a passagem de certo intervalo de tempo para a apropriação da novidade. Há de se considerar ainda a tendência de incorporação de referências primeiramente nas edificações de caráter mais nobre e nas igrejas,³⁵⁴ só mais tarde alcançando as casas ordinárias. Nesse sentido, as vergas curvas do segundo quartel do século XVIII teriam tardado algumas décadas para se disseminarem na paisagem arquitetônica. Com efeito, os primeiros sobrados civis com vergas alteadas teriam sido construídos por volta da década de 1780 em São Paulo.³⁵⁵ Também Corona e Lemos atribuem a generalização deste fenômeno para a arquitetura brasileira da segunda metade do século XVIII, mesmo aceitando a importância dos projetos de Alpoim em Minas.³⁵⁶

Cabe lembrar, ainda, que o aparecimento do arco abatido não significa necessariamente a substituição das vergas retas. Seja por um instinto conservador, seja pela maior simplicidade construtiva e

³⁴⁹ A verga abatida também se denomina alteada, arqueada ou em arco de círculo. Em Portugal, é comum a nomenclatura ‘verga curva’, enquanto o termo ‘abatido’ seria usado somente para os casos de três centros com arco central aberto e laterais recurvadas.

³⁵⁰ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 28-31, 180; cabe notar uma confusão entre as datas e edifícios construídos, o Palácio dos Governadores e a Casa de Câmara e Cadeia, ambos projetados por Alpoim.

³⁵¹ CRUZ, Cícero F. *Fazendas do sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010, p. 50.

³⁵² MARINS (2001), *op. cit.*, p. 153.

³⁵³ REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 91, 98.

³⁵⁴ MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 12, 22.

³⁵⁵ REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 91, 98, 104.

³⁵⁶ CORONA e LEMOS (1972), *op. cit.*, p. 281, 285; LEMOS, Carlos A. C. Uma nova proposta de abordagem da história da arquitetura brasileira. *Arquitextos*, 141.00, ano 12, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4214>>. Consulta em: 11 set. 2013; LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 28.

econômica, as peças horizontais provavelmente continuaram a ser praticadas em alguma escala.³⁵⁷ Com efeito, Robert Smith afirma que “os quadros retangulares de portas e janelas continuaram a ser empregados em vários prédios modestos até o fim do período colonial”.³⁵⁸ Contudo, é bastante razoável aceitar o uso crescente das vergas alteadas ao longo da segunda metade do século XVIII e primeiras décadas da seguinte centúria.

Encontramos poucas referências a respeito, mas supomos que o emprego de vergas abatidas respondam também a motivos de cunho tecnológico. Sabe-se que elas estiveram embutidas nas antigas alvenarias da arquitetura luso-brasileira como arcos de descarga, havendo inúmeros casos remanescentes de ruínas que evidenciam este artifício.³⁵⁹ Tais arcos, comumente construídos em tijolos ou lajotas dispostas radialmente, contribuem para aliviar o peso sobre os vãos. O seu aproveitamento como as próprias vergas parece, assim, responder a uma lógica estrutural.

Fatores ambientais também podem ter concorrido para o aparecimento deste novo elemento arquitetônico. Por um lado, seu desenho com moldura alteada contribui para uma maior captação de luz natural, se comparado com a verga reta.³⁶⁰ Por outro lado, a água das intempéries, ao escorrer nas paredes e se acumular sobre os vãos, tende a escorrer para as laterais, favorecendo o escoamento, a mais rápida secagem e, por conseguinte, a maior conservação das peças de madeira.

Além de razões técnicas, supomos ainda a difusão do arco abatido por motivos culturais ou estéticos. Embora o escopo de nosso trabalho não permita aprofundar nas origens da verga alteada, cabe destacar a sua presença em antigos tratados de arquitetura como o do influente Vignola³⁶¹ (Fig. 91 e 92).

91. Arco abatido em composição do tratado de Vignola. Fonte: VIGNOLA (1787), estampa 78.

92. Arco abatido em composição do tratado de Vignola. Fonte: VIGNOLA (1787), estampa 80.

As estampas correspondem a portadas ornamentadas com profusão de motivos clássicos, comparecendo o vão com arremate superior em arco abatido. Roberto Lima já demonstrou, com um amplo trabalho

³⁵⁷ Na arquitetura vernácula de Portugal, as portas de linhas retas continuam a ser praticadas comumente até o século XIX sem qualquer alteração de largura de pedra ou desenho; ver CARITA (1994), *op. cit.*, p. 144-145.

³⁵⁸ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 167.

³⁵⁹ VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 100. Para um desenho ilustrativa do arco de descarga ver KATINSKY, Júlio R. Sistemas construtivos coloniais. In: VARGAS, Milton (org.). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994, p. 83.

³⁶⁰ Tal observação de aproveitamento de luz natural através do agenciamento de vergas de arco abatido também é feita por CARITA (1994), *op. cit.*, p. 161.

³⁶¹ Ver estampas 77-80 e 82 em VIGNOLA, Giacomo B. *Regras das cinco ordens de architectura, segundo os principios de Vignhola*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1787.

empírico, a influência dos tratados, especialmente o de Vignola, na antiga arquitetura luso-brasileira.³⁶² Nesse sentido, o elemento arqueado teria sido apropriado pela arquitetura produzida no âmbito da América portuguesa do século XVIII, chegando assim aos vãos do casario mineiro.

A abordagem da arquitetura portuguesa permite ampliar a noção do uso dos arcos abatidos, com destaque para a produção corrente. Apesar da falta de trabalhos específicos sobre o tema, encontramos algumas referências bibliográficas e empíricas para consideração. Em Lisboa, Pereira e Buarque associam ao século XVII um exemplo de fachada urbana com vergas arqueadas³⁶³ (Fig. 93).

93. Vista geral e detalhe de balcão de edifício situado na Travessa do Olival a Santos n. 4-14. Lisboa, Portugal, 2014.

Os autores não justificam o marco cronológico, mas supomos a referência com base na relativa simplicidade do trabalho de cantaria dos três andares inferiores, incluindo o semienterrado na parte baixa do terreno. No caso das pesadas guarnições de ferro cilíndrico e peça horizontal intermediária dos balcões, também não sabemos se correspondem àquele século ou já ao seguinte. Elas desfrutam inclusive de uma relativa modernidade, definida pela sua continuidade na amarração de pares de vãos. No caso do dobre na esquina, trata-se de intervenção visivelmente oriunda da adição do andar de cima em data posterior, mas que manteve o desenho tanto dos vãos como das guarnições. Tal fato se comprova ainda pelo aspecto mais recente das molduras de pedra e pela interrupção do cunhal em pedra. Embora permaneçam dúvidas quanto à datação e à transformação ao longo do tempo, trata-se de um exemplo antigo de uso do arco abatido em um edifício multifamiliar ordinário, situado em uma área de expansão de Lisboa ao longo da desembocadura do Rio Tejo.

Uma outra dúvida refere-se à edificação situada na Rua da Bica Duarte Belo, atribuída por Maria R. Pinto como sendo do início do século XVIII (Fig. 94 e 95).³⁶⁴

³⁶² LIMA, Roberto P. T. *Modelos portugueses e arquitetura brasileira*. Campinas: [s.n.], 2001.

³⁶³ PEREIRA, Nuno T.; BUARQUE, Irene. *Prédios e vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995, p. 68-69.

³⁶⁴ PINTO, Maria G. F. R. *A habitação corrente da época pré-industrial em Lisboa: o caso do Bairro da Bica*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013, p. 129.

94, 95. Vista da fachada frontal e detalhe de janela de edifício na Rua da Bica Duarte Belo n. 61-63. Lisboa, Portugal, 2014.

O esquema da planta e da composição de vãos encontra-se inserido na tipologia joanina identificada por outro trabalho da autora em colaboração.³⁶⁵ No entanto, as grades dos balcões do terceiro pavimento, com desenho estilo rococó, parecem remeter mais bem a meados ou à segunda metade do Setecentos. Presume-se que a presença deste estilo de grade nos alçados oficiais de reconstrução da Baixa Pombalina, de finais da década de 1750, teriam representado, senão uma novidade, pelo menos a manifestação de um elemento moderno para a época.³⁶⁶ Ainda que os perfis metálicos possam ser fruto de posteriores remodelações envolvendo a transformação de janelas de peitoril para janelas de sacada, como era comum já na primeira metade do século XVIII³⁶⁷, podem servir de indício da época de construção de toda a fachada. Cabe destacar ainda a estrita regularidade e simetria formada entre os vãos, só abaladas pela necessidade de acesso lateral para os apartamentos superiores. O arremate no topo do edifício, com cornija seguida de platibanda lisa e baixa, é com muita probabilidade uma intervenção posterior em substituição a algum beiral acimalhado.

Em todo caso, João V. Caldas *et al.* identificam uma tipologia joanina de prédios de rendimento lisboetas que se prolonga até o terceiro quartel do século XVIII.³⁶⁸ Embora a maioria dos exemplos conte com vãos retos, sobressai um tipo mais erudito de fachada que manifesta não só um maior trabalho de cantaria mas também uma maior regularidade na disposição dos vãos. Nos dois casos apresentados – o da

³⁶⁵ CALDAS, João V. *et al.* O prédio de rendimento joanino. *Cadernos do Arquivo Municipal*. 2ª série, n. 1, jan.-jun. 2014, p. 131-156.

³⁶⁶ Embora os desenhos oficiais da reconstrução pombalina de Lisboa contem com exemplos de grades em estilo rococó (VIEGAS, Inês M. (coord.). *Cartulário pombalino*. Lisboa: Arquivo Municipal, 1999, p. 31, 39, 43), José-Augusto França sugere que os modelos em balaustrada de ferro teriam substituído os “entrelaços decorativos” que, no entanto, teriam subsistido em alguns casos. Ver FRANÇA, José-Augusto. *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1981, p. 55. Se assim for, as grades em estilo rococó já seriam empregadas em momento anterior a meados do século XVIII.

³⁶⁷ CALDAS *et al.* (2014), *op. cit.*, p. 155.

³⁶⁸ CALDAS *et al.* (2014), *op. cit.*

Rua da Bica Duarte Belo aqui ilustrado e outro atualmente em reforma na Calçada de Santana³⁶⁹ –, figuram o uso de verga com arco abatido e entradas destacadas no centro de composições simétricas. Outro caso em Lisboa, ainda anterior ao terremoto, é a denominada ‘casa das varandas’ situada na Rua dos Bacalhoiros,³⁷⁰ cujos vãos dos dois primeiros andares e a regularidade da fachada reafirmam a correspondência cronológica e tipológica do tipo proposto.

Cabe ressaltar, ainda no contexto de Portugal, o uso do arco abatido na reconstrução ocasionada pelo terremoto do ano de 1755 (Fig. 96).

96. Projeto de fachada pombalina depois do terremoto do ano de 1755. Lisboa, Portugal (completo e detalhe).
Fonte: VIEGAS (1999), prospecto 67.

Ele comparece frequentemente nos desenhos da Baixa de Lisboa, seja para destacar entradas a rés-do-chão, seja em filas de janelas no último pavimento, onde se apresentam quase sempre com as vergas encostadas em frisos ou cimalkhas de arremate.³⁷¹ Nesses riscos, acompanhados de perto pelo Marquês de Pombal, janelas de arco abatido isoladas nas fachadas são empregadas somente em raros casos. Seu contorno se apresenta da forma mais simples, com vergas contínuas e sem qualquer recorte ou ressaltos nas cercaduras, em consonância com a simplicidade construtiva demandada pela situação. Ainda assim, é de se imaginar que sua presença na diretiva programática da reconstrução tenha contribuído para difundir o modelo entre as construções mais correntes. Cabe destacar também a regularidade no alinhamento dos vãos e a simetria das fachadas dos blocos laterais no exemplo ilustrado, tendo como eixo central a sequência marcada pela grande porta de acesso e a mansarda.

³⁶⁹ Para informações sobre o prédio situado na Calçada de Santana, n. 136-150, ver ROSADO, Ana C. *A habitação característica do Antigo Regime na encosta de Santana: tipologias e modos de habitar*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013, v. 1, p. 59; v. 2, p. 165-169. Não pudemos observar as condições do prédio *in loco*, dado o seu estado atual em obra e o respectivo recobrimento por tapumes.

³⁷⁰ Ver PEREIRA e BUARQUE (1995), *op. cit.*, p. 70-71.

³⁷¹ Para os desenhos oficiais da reconstrução pombalina, ver VIEGAS (1999), *op. cit.* Para uma descrição das respectivas fachadas, ver FRANÇA (1981), *op. cit.*, p. 39-40.

Também no caso das residências urbanas do norte de Portugal, afirmam Ernesto Oliveira e Fernando Galhano ser o arco abatido característico do século XVIII.³⁷² O uso mais difundido da pedra na região se observa na profusão de detalhes nas fachadas, incluindo o prolongamento das ombreiras dos vãos (Fig. 97 e 98).

97. Desenho de fachada de edifício do Porto, Portugal. Fonte: OLIVEIRA e GALHANO (1994), p. 348.

98. Edifício com detalhes em pedra situado na Rua Dr. Barbosa de Castro n. 43. Porto, Portugal, 2014.

De pedra também são as cornijas dos beirais e o conjunto das mísulas com sacadas corridas, as quais se encontram usualmente guarnecidas de grades de ferro em estilo rococó, comuns na segunda metade do século XVIII. Chamam a atenção as pequenas peças de vidro e as folhas de guilhotina nas esquadrias, bem como os azulejos posteriormente afixados no caso fotografado. O peso das estruturas se alivia com a grande proporção de vãos definida pela exígua largura dos lotes e pela necessidade de captação de luz natural. Nesse sentido, a aparência se afasta um pouco dos exemplos coetâneos de São João del-Rei, apesar da presença dos arcos abatidos.

Há, pois, importantes indícios sobre o surgimento da verga curva no século XVIII.³⁷³ No entanto, Helder Carita corrobora o fato de ter sido introduzida primeiramente na arquitetura erudita e só depois, lentamente, haver-se difundido para a arquitetura vernácula.³⁷⁴ Nesse sentido, encontramos em nosso trabalho de campo uma referência de data em uma casa assobradada da localidade portuguesa de Óbidos em cuja fachada se encontram peças de cantaria com a inscrição 'anno 1751' (Fig. 99).

³⁷² OLIVEIRA e GALHANO (1994), *op. cit.*, p. 325, 331.

³⁷³ Para a manifestação pré-pombalina do arco abatido, ver ainda BARREIROS (2010), *op. cit.*, p. 24; e FERNANDES, Francisco B. *Transformação e permanência na habitação portuguesa: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP, 1999, p. 145.

³⁷⁴ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 145.

99. Vista de fachada e detalhe com a inscrição 'anno 1751' em edificação de Óbidos. Portugal, 2014.

A diferença de coloração entre as cercaduras dos dois vãos sugere a construção cronologicamente descompassada entre os dois pavimentos. A janela superior também conta com as ombreiras mais escuras que a verga e o peitoril. Mesmo assim, a correspondência de coloração e pátina do arco abatido com as cartelas quadrilobadas faz-nos crer na referência de data. Também se assemelha entre esses elementos o acabamento em uma fina moldura arredondada, a modo de cornija. Nos arremates da fachada, porém, os detalhes em massa do cunhal e do beiral não se equiparam ao tipo brasileiro em consideração neste momento.

Destaca-se na casa de Óbidos um sutil detalhe no arco abatido, análogo ao que encontraremos adiante em edificação de Cascais (ver Fig. 137). O arco se alteia muito ligeiramente, constituindo quase um segmento reto em seu trecho central. Outras vergas abatidas de Portugal aqui ilustradas contam com um arco mais alteado e a curva melhor definida (ver Fig. 95, 98). Estas, curiosamente, encontram-se em cidades maiores, ao contrário dos arcos mais achatados de localidades de menor magnitude. Entretanto, o reduzido número de casos de nossa amostra não permite fazer maiores constatações nesse sentido.

Supõe-se que as primeiras vergas alteadas teriam um desenho mais simples, com o arco terminando diretamente no topo das ombreiras. Este modelo, entretanto, é raríssimo em São João del-Rei, sendo conhecido somente um caso na Rua do Curral, já com sobrevergas.³⁷⁵ Estas, por sua vez, seriam detalhes criados ou colocados posteriormente nos vãos do casario, como se verá adiante.

No caso da verga achatada, encontrada em cidades portuguesas menores, não identificamos nenhum caso correspondente no casario são-joanense. Cabe destacar, entretanto, a sua presença singular nas janelas frontais da Igreja do Rosário (Fig. 100 e 101).

³⁷⁵ O endereço atual é Rua Marechal Deodoro, n. 260.

100, 101. Igreja do Rosário: vista da fachada frontal e detalhe de arco abatido. São João del-Rei, 2012.

Sua pedra e aspecto correspondem à da portada da igreja, que conta com a inscrição do ano de 1753 e arco abatido comum. A data praticamente coincide com a cartela do sobrado de Óbidos. Haveria uma relação entre o peculiar desenho de verga e o meio do século XVIII? Não contamos com maiores subsídios para arriscar uma resposta. Em todo caso, os detalhes – esquadrias, grades, sobrevergas, estuques – da janela frontal da igreja do Rosário correspondem a um momento histórico posterior, que será tratado nos seguintes capítulos.

Mais acordes com a tipologia em discussão são as janelas das fachadas laterais da mesma Igreja do Rosário (Fig. 102 e 103).

102, 103. Igreja do Rosário: vista da fachada lateral esquerda e detalhe de janela. São João del-Rei, 2015.

Elas encontram-se combinadas com beirais em beira-seveira. Chama a atenção o ressaltado das extremidades das vergas e os peitoris diferenciados em pedra. Mesmo assim, o desenho das molduras e o fechamento em guilhotina correspondem ao tipo em caracterização.

As vergas de arco abatido do casario são-joanense se apresentam geralmente com pequenos segmentos horizontais em suas extremidades, os quais se apoiam e fazem a transição para as peças laterais dos vãos. O desenho é comumente associado à ‘canga de boi’, ou seja, à trave de madeira usada na atrelagem de antigos carros de tração animal.³⁷⁶ Há uma quantidade reduzida de casas que apresentam a combinação deste tipo de verga com os beirais em cachorrada. Uma delas encontra-se na antiga Ruas das Flores (Fig. 104).

104. Vista da fachada e detalhe da janela de casa na Rua das Flores (R. Maestro Batista Lopes n. 148). São João del-Rei, 2012.

As extremidades dos arcos abatidos, neste e em vários outros casos, ultrapassam suavemente o limite das ombreiras, formando um pequeno ressalto lateral. Chama a atenção o raro exemplo de treliças no casario são-joanense, aqui inseridas em planos de guilhotina. No caso da porta almofadada, trata-se de motivo moderno, já que as mesmas eram usadas somente em edificações mais nobres como igrejas, prédios públicos e casarões abastados, sendo pouco provável o seu emprego em edificações térreas situadas em ruas periféricas. Seu uso no século XVIII estaria associado ainda a uma única folha de abertura, não a duas folhas como se apresenta na situação atual. Em todo caso, os detalhes arquitetônicos e a composição da fachada remetem a um tipo correspondente à época do uso das vergas alteadas.

Outro exemplo de arco abatido consta atualmente em casa situada na Rua Santo Antônio, em seu trecho atrás da igreja do Rosário (Fig. 105 e 106).

³⁷⁶ REIS FILHO, (2004), *op. cit.*, p. 104.

105. Casas térreas na Rua Santo Antônio, São João del-Rei (reprodução ligeiramente desfocada). Ano de 1955. Fonte: MR-SJDR.

106. Casa térrea na Rua Santo Antônio n. 13. São João del-Rei, 2011.

Neste caso, entretanto, a fachada foi modificada, como se percebe na antiga fotografia que mostra os vãos retos. Não só se altearam as vergas, mas também se deformaram as proporções e a posição das aberturas, que se tornaram mais esbeltas. O beiral com seus cachorros foram assim mesmo mantidos. Nos perguntamos por que uma reforma optaria por alterar o desenho da verga em uma vizinhança marcada pelas linhas retas. Uma pesquisa mais ampla poderia indicar a presença dos arcos abatidos no imaginário da população e nas diretrizes dos órgãos de preservação responsáveis.

Em todo caso, percebe-se neste grupo de casas térreas a predominância de fachadas caracterizadas pela composição de porta central e uma janela de cada lado. Tal indício indicaria a tendência do emprego de um partido simétrico concomitantemente com o maior uso do arco abatido. Todavia, o pequeno número da amostra e as intensas transformações arquitetônicas ao longo do tempo não permitem maiores constatações pelo momento. Inclusive, quando Sylvio de Vasconcellos apresenta estudos compositivos de fachadas antigas de Vila Rica, o esquema com entrada centralizada dificilmente comparece (Fig. 107).

107. Diagrama de composições de fachadas da arquitetura residencial de Vila Rica, Minas Gerais. Fonte: VASCONCELLOS (1977), p. 176.

A simetria só se apresenta em partidos com janela ladeada por portas ou em sobrados mais sofisticados. Embora o autor não faça referência explícita ao diagrama no texto, supomos serem elevações típicas do casario. Então nos perguntamos por que se ausenta aquela composição são-joanense comum com porta central e janelas laterais. A resposta fica no ar, mas temos algumas hipóteses. Sendo Vila Rica de terreno consideravelmente mais acidentado, o caimento das ruas dificultaria o agenciamento de acessos centralizados. Ou, mais provavelmente, evitou-se a representação da simetria por considerá-la fenômeno mais característico do século XIX, como já apontamos anteriormente.³⁷⁷

O esquema de Vasconcellos sugere ainda que janelas superiores, quando de peitoril, seriam predominantemente retangulares. As vergas curvas de sobrados, por sua vez, aparecem associadas com balcões individuais, os quais se encontram desalinhados com os vãos do andar térreo. Tudo indica que nesses esboços de elevação os andares superiores teriam sido construídos como adendos de casas já anteriormente existentes.

O esquema que associa verga curva com balcão será discutido posteriormente para o caso de São João del-Rei. Cabe abordar agora o acréscimo posterior de pavimentos ainda com janelas de peitoril. O sobrado localizado ao lado da igreja das Mercês é, neste sentido, um caso típico (Fig. 108 e 109).

³⁷⁷ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 163-164.

108. Sobrado ao lado da Igreja das Mercês, São João del-Rei. Sem data.
Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG137/1/02.

109. Sobrado ao lado da Igreja das Mercês. São João del-Rei, 2015.

Ele aparece em outras fotografias antigas, inclusive do século XIX, com a mesma composição de vãos na fachada (ver Fig. 21 e 22). Motivos como o pé-direito baixo e o beiral em cachorrada concorrem para a caracterização colonial.³⁷⁸ As cores modernas do estado atual não são suficientes para desvirtuar a ancestralidade da edificação. Em contraste com os reduzidos vãos retos e fechados com escuros do andar térreo, abre-se uma série de amplas janelas de peitoril com arremate superior em arco abatido e fechamento em guilhotina. Apesar da relativa regularidade dos vãos em cada pavimento – janela ladeada por portas embaixo e sequência de aberturas em cima –, não existe qualquer correspondência de alinhamento vertical. Trata-se, a nosso ver, de uma transformação de casa térrea em sobrado, com a atualização de elementos arquitetônicos em voga na época da intervenção.

Outros sobrados com arcos abatidos parecem ter sofrido mais modificações ao longo do tempo. Tal é o caso daquele situado na Rua Santo Antônio ao lado de um outro grande sobrado (Fig. 111 e 112).

³⁷⁸ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 184.

110. Sobrados parcialmente vistos na Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Sem data, por volta das últimas décadas do século XIX. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG129/3/02. Ver foto completa na Figura 22.

111. Sobrado na Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Ano de 1954. Fonte: MR-SJDR. Ver foto completa na Figura 81.

112. Sobrado na Rua Santo Antônio n. 30. São João del-Rei, 2015.

Uma foto muito antiga do século XIX mostra somente o seu telhado, à direita do andar superior de um outro sobrado (Fig. 110). Percebe-se, pois, que sua altura já foi sensivelmente mais baixa, tendo provavelmente se configurado como uma casa térrea à época. Infelizmente não dispomos de imagem coetânea que mostre a fachada. Seu alteamento teria acontecido provavelmente no final do século XIX ou início da centúria seguinte, pois o telhado já se encontrava quase aparelhado com seu vizinho na panorâmica de André Bello datada entre 1906 e 1918 (ver Fig. 29). Em outra foto antiga da rua, feita no ano de 1954, o sobrado aparece com detalhes em cimalha distribuídos na porção superior da fachada – sobrevergas, moldura corrida e sustentação do beiral –, os quais conferem uma proporção adequada à sua tipologia. Quando se retiram posteriormente estas cornijas, o espaço de alvenaria entre a verga de cima e o beiral fica exagerado, criando um descompasso que compromete o esquema compositivo. Com efeito, Vasconcellos afirma terem sido as cimalhas abaixo dos beirais um dispositivo que amenizava a verticalidade das fachadas.³⁷⁹ A nova configuração se esforça para recuperar uma imagem antiga através da cachorrada, da ausência de motivos decorativos, das guilhotinas e até mesmo do desalinhamento vertical dos vãos. O resultado, entretanto, mais denuncia um procedimento algo forçado de restauração do que o reconhecimento dos processos de transformação da arquitetura.

Não restam muitas edificações no casario são-joanense a exibirem arcos abatidos simples e combinados com cachorradas. Quando consideramos as beira-seveiras, no entanto, os exemplos se multiplicam consideravelmente. Isso se deve, quiçá e entre outros fatores, à maior deterioração das peças de madeira, se comparadas com as telhas superpostas. Outra ideia seria a maior antiguidade do uso dos caibros, anterior à existência de telhas, e a maior disponibilidade inicial da madeira para a construção civil.

³⁷⁹ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 188.

De fato observa-se, por um lado, a maior incidência dos cachorros nas vias mais antigas de acesso à cidade, tais como a Rua Santo Antônio, e as que subiam para as minas de ouro serra acima. A presença da beira-seveira nas ruas mais nobres – Rua Direita, Rua da Intendência – sugerem o maior apreço do acabamento de beiral, seja por razões econômicas, sociais ou simbólicas. Mesmo assim, estabelecer uma relação cronológica para efeitos de nossa pesquisa nos parece questionável e inadequado. As telhas passaram a ser mencionadas logo da elevação da Vila e foram usadas largamente em edificações antigas de Portugal. Isso significa que poderiam ter sido empregadas nos beirais, senão prontamente, ainda na primeira metade do século XVIII, data distante e apenas com vestígios arquitetônicos na atualidade.

Em nossa amostra são-joanense comparece um número significativo de casas térreas a combinar arcos abatidos e beira-seveiras. Um exemplo de esquina, que aparenta ter sofrido poucas transformações ao longo do tempo, se situa também na Rua Santo Antônio (Fig. 113).

113. Casa com vergas em arco abatido e beira-seveira na Rua Santo Antônio n. 112-118. São João del-Rei, 2015.

As duas moradas compartilham o mesmo telhado e detalhes arquitetônicos. É dada a preferência para a rua principal de acesso à Vila no sentido de disposição das portas de entrada, as quais se encontram ladeadas cada qual por uma janela de guilhotina. Dessa forma, a simetria se faz bastante presente na fachada frontal, enquanto a lateral apresenta apenas um ritmo constante de aberturas. A composição simétrica, a grande dimensão combinada com a reduzida proximidade dos vãos bem como a suave marcação de relevos em massa no cunhal e no friso superior apontam para uma situação mais avançada no tempo, se comparadas com as edificações mostradas até agora.

A disposição e a proporção dos vãos nas fachadas setecentistas é um tema importante, mas de difícil precisão cronológica. Em seu estudo do casario de Vila Rica, Vasconcellos chama a atenção para processos de transformação dos espaços de alvenaria em relação às aberturas, cada vez mais numerosas e

altas com o passar do tempo. O espaçamento entre os vãos tenderia a diminuir até que, em fins do século XVIII, as aberturas passassem a prevalecer fortemente sobre os cheios da fachada.³⁸⁰

Outra casa são-joanense que supostamente conservava feições arquitetônicas antigas foi retratada em plena Rua Direita em data desconhecida, provavelmente a meados do século XX (Fig. 114).³⁸¹

114. Casa com vergas em arco abatido e beira-seveira na Rua Direita, São João del-Rei. Sem data. Fonte: IPHAN-MG.

115. Detalhe de fundo de antiga fotografia da Rua Direita, São João del-Rei. Sem data. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG131/1/04. Para a foto completa ver Figura 25.

Em seu lugar há atualmente uma casa de escala análoga mas de fachada totalmente reconstruída com entrada de garagem e vãos retos.³⁸² Tal fato é comprovado pelo ressalto da antiga edificação em relação ao sobrado vizinho, hoje inexistente. É curioso observar, em uma foto ainda mais antiga da Rua Direita, o alinhamento entre as casas, apesar da falta de nitidez da imagem (Fig. 115). Fica difícil compreender a causa do ressalto e da ausência de empena lateral, acusada pelo contorno da beira-seveira na esquina. Pode ser que a casa já tivesse a sua fachada faceada com um antigo alinhamento geral, e que as novas construções tenham sido feitas com um recuo. Em todo caso, chamam a atenção elementos como a pronunciada projeção do beiral, o baldrame sobressaltado e a composição de vãos regulares com janelas de guilhotina e porta lateral. A relativa ancestralidade fica ainda sugerida pelo adobe exposto no pequeno trecho sem reboco, na parte de baixo da extremidade direita da fachada. Se comparada com a casa de beira-seveira da Rua Santo Antônio, nota-se uma menor largura das peças que enquadram as aberturas. Este pode ser um outro indício de situação cronológica, mas por ora não dispomos de maiores recursos para estabelecer uma relação.

Mais à frente, na Rua Direita, já no Largo do Rosário, encontra-se um conjunto de três casas térreas com arcos abatidos desprovidos de sobrevergas, beirais com telhas superpostas e um regular espaçamento entre vãos (Fig. 116).

³⁸⁰ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 179, 191.

³⁸¹ Ver ainda outra fotografia antiga de diferente ângulo, também sem data, em: QUEIROZ (2010), *op. cit.*, p. 28.

³⁸² O endereço atual é Rua Getúlio Vargas n. 178.

116. Casas com vergas em arco abatido e beira-seveira no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 53-71) . São João del-Rei, 2015.

Apesar da modernização das esquadrias e do alteamento de telhados, consideramos que ainda é possível uma associação à tipologia colonial. A observação de fotografias anteriores ajuda a identificar algumas transformações sofridas no tempo. A mais antiga, de por volta do ano de 1910, mostra as duas casas da direita (Fig. 117).

117. Casas térreas no Largo do Rosário, São João del-Rei (foto e detalhe). Sem data, por volta de 1910 segundo a fonte. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 195.

118. Casas térreas no Largo do Rosário, São João del-Rei (foto e detalhe). Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR

A estranha janela de largura descompassada da casa do meio já existia à época, enquanto a sua vizinha contava com os seus três vãos rasgados até o chão como portas de um estabelecimento comercial. Em uma cena posterior, duas destas portas se transformaram em janelas de peitoril com folhas de guilhotina (Fig. 118). A casa ao lado teve somente as esquadrias modificadas, enquanto sua vizinha apareceu com as feições que conserva na atualidade.

Em uma seguinte tomada, a casa que teve seus vãos modificados sofreu uma importante remodelação (Fig. 119).

119. Casa térrea em remodelação no Largo do Rosário, São João del-Rei (foto e detalhe). Cerca do ano de 1989. Fonte: IPHAN-MG.

120. Detalhe de fachada de casa em restauração no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 53). São João del-Rei, 2015.

Embora tenham-se mantido a beira-seveira e o desenho das vergas, a alvenaria e os quadros estruturais antigos foram substituídos por traves de concreto armado e tijolos cozidos. Isso não aconteceu com a primeira casa formada por duas unidades residenciais e ritmada por cercaduras pintadas em cor amarela (Fig. 120). Em uma intervenção recente, foi conservada a sua alvenaria de adobe com base de pedra, bem como as peças de madeira que estruturam os vãos.

No caso de Portugal, casas térreas com arcos abatidos e porta central eram mais facilmente encontradas em localidades de menor envergadura ou em paragens mais afastadas dos grandes núcleos urbanos. Um exemplo, com o típico telhado de duas águas e beirais de telhas apoiadas, podia ser encontrado em Santarém (Fig. 121).

121. Loja rural, Santarém, Portugal. Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), v. 2, p. 93.

122. Detalhe de porta de casa. Benfica, Portugal. Fonte: SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS (1961), v. 2, p. 21.

As vergas se configuravam com o esquema mais simples de segmentos de arco contínuos. Nesse caso de loja, a porta de entrada contava com uma largura generosa por razões comerciais. Assim mesmo, as janelas de dimensões médias deixavam visível uma significativa parte da alvenaria caiada. Chamava a atenção, ainda, a simetria na composição da fachada, bem como os cunhais e os altos barrados em relevo.

A outra fotografia da arquitetura popular portuguesa mostrava um detalhe da porta de uma residência em Benfica (Fig. 122). Nesta ocasião, o arco abatido tinha suas extremidades em horizontal. O quadro contínuo, sem interrupção na soleira, sugeria o uso de pedra como material, como era usual na arquitetura lusa. Tinha-se ainda a oportunidade de se observar o detalhe de um típico beiral com telhas superpostas, havendo somente uma fiada embutida.

Outros casos de casas térreas de porta central entre duas janelas podem ainda ser encontrados na Ilha Terceira dos Açores. A maioria são habitações correntes, mas há também o caso das despensas usadas como apoio das celebrações dos chamados impérios, pequenas capelas usualmente dedicadas ao Divino (Fig. 123).³⁸³

³⁸³ Para a definição das despensas dos impérios e sobre as pequenas casas de janela/porta/janela encontradas na ilha Terceira, ver CALDAS (2000), *op. cit.*, p. 213, 241.

123. Despensa de império,
Ilha Terceira. Açores,
Portugal, 2014.

Tais construções, despojadas de maiores ornamentos aplicados, compartilham uma semelhança singular com alguns de seus pares térreos são-joanenses. Coincidem não só o desenho, o tamanho e o sistema de fechamento dos vãos em guilhotina, como também a proporção entre a envasadura e as paredes alvas das fachadas. Neste caso, o acabamento dos beirais é feito com a fiada de telhas descansada diretamente na alvenaria. O corpo livre da edificação parece motivar a marcação dos cunhais nas esquinas.

Cabe agora abordar um tema que comparece tanto em casas térreas como em sobrados. Trata-se daqueles cômodos que sobressaem dos telhados em forma das chamadas águas-furtadas, camarinhas ou trapeiras. Ainda que elas não sejam comuns na arquitetura remanescente de São João del-Rei, há indícios de sua presença no antigo casario. Uma vez mais na foto de André Bello do início do século XX, aparece uma sequência de três nas águas traseiras dos telhados correspondentes aos sobrados em frente à Igreja da Matriz, na Rua Direita (Fig. 124).

124. Águas-furtadas em telhados
de sobrados situados na Rua
Direita, São João del-Rei. Autor e
data: André Bello, início do
século XX. Fonte: desconhecida.
Ver fotografia completa na
Figura 28.

Tais águas-furtadas são bastante semelhantes entre si, tanto no desenho como na situação recuada em relação à fachada. A falta de definição ótica da imagem não permite, entretanto, uma apreciação dos detalhes arquitetônicos.

Hoje em dia, restam em evidência somente dois exemplos de águas-furtadas, ambos inseridos em casas térreas e com arcos abatidos encimados por sobrevergas. Como estas podem ter sido apostas em momento posterior, optamos por abordar o tema da água-furtada, cujo aparecimento remonta ao século XVIII, ainda nas tipologias coloniais. O primeiro deles encontra-se na Rua da Prata em casa com porta lateral mais duas janelas. (Fig. 125 e 126).

125. Casa com água-furtada na Rua da Prata, São João del-Rei. Sem data.
Fonte: MR-SJDR.

126. Casa com água-furtada na Rua da Prata (Rua Padre José Maria Xavier n. 86). São João del-Rei, 2012.

A fotografia antiga mostra que sua estrutura foi provavelmente conservada e o desenho do telhado mantido. As folhas de abrir à francesa, entretanto, foram substituídas por guilhotinas. O vão reto e a cachorrada não correspondem à parte da baixo da fachada, construída com arcos abatidos e beira-seveira. Respalda-se, neste sentido, o princípio de uso de materiais e sistemas construtivos mais leves e frágeis, tais como a madeira e o tabique. Também chama a atenção a simetria em relação ao corpo da casa, estando a água-furtada alinhada com a janela central do pavimento térreo.

O outro exemplo de água-furtada encontra-se na Rua do Carmo em uma casa com duas unidades habitacionais (Fig. 127).

128. Corte de casa com água-furtada na Rua do Carmo, São João del-Rei. Ano de 1948. Fonte: IPHAN-MG.

127. Casa com água-furtada na Rua do Carmo n. 62-64. São João del-Rei, 2014.

Sua posição central reforça a simetria definida entre os vãos da fachada. Assim mesmo, resulta curiosa a sua projeção sobre as duas portas, uma vez que o pavimento superior pertence somente a uma das moradas. Os vãos permanecem em seu lugar de acordo com fotos antigas do século XX, mas pode ter havido transformações em momentos anteriores. Em todo caso, a água-furtada conta com um par de janelas frontais e uma outra de cada lado a sugerir um cômodo bastante amplo. Novamente, utiliza-se a cachorrada em contraposição à beira-seveira. Nesta ocasião, entretanto, as vergas arqueadas sugerem uma menor precariedade, embora se encontrem simplificadas pela ausência de sobrevergas. De fato, seu paramento frontal mais delgado encontra-se apoiado sobre a grossa parede do andar térreo, como observável no desenho em corte (Fig. 128). O perfil indica ainda a sua significativa dimensão e a sua independência do telhado geral da casa, sugerindo melhor uma situação de torreão ou mirante. Cabe observar, nesse sentido, o desenho relativamente moderno da tesoura de sustentação do telhado, que leva a supor uma remodelação ao longo do tempo.

As águas-furtadas são bastante comuns na arquitetura urbana tradicional luso-brasileira. Os desenhos apresentados por Oliveira e Galhano, referentes aos telhados com tacaniças da cidade do Porto, correspondem a seus pares brasileiros inseridos usualmente em telhados de duas águas (Fig. 129).

129. Desenhos de águas-furtadas do casario do Porto, Portugal. Fonte: OLIVEIRA e GALHANO (1994), p. 353.

Elas decorrem da ampliação das moradias, no sentido de aproveitamento do desvão do telhado e de captação de luz natural. É comum que essas estruturas superiores contem com uma construção mais precária, respondendo quiçá a uma diminuição do peso para sua sustentação.³⁸⁴

Em Portugal, elas teriam surgido na primeira metade do século XVIII, de forma simples e de reduzida escala, como elementos quase apostos à estrutura existente. Na segunda metade daquele século, já estariam integradas no desenho geral das fachadas.³⁸⁵ Cabe destacar ainda a sua presença na arquitetura dita pombalina, correspondente ao programa oficial de reconstrução desenvolvido após o terremoto de 1755 (Fig. 130).

130. Projeto de fachada pombalina depois do terremoto do ano de 1755 (completo e detalhe). Lisboa, Portugal. Fonte: VIEGAS (1999), prospecto 15.

131. Detalhe de edifícios com águas-furtadas na Baixa. Lisboa, Portugal, 2014.

As águas-furtadas se apresentam de forma regular, em sequências que acompanham os vãos (ver também Fig. 96). No detalhe do prédio hoje existente na Baixa de Lisboa encontra-se um exemplo inserido em uma fachada original e outro, mais acima, praticado sobre um pavimento posteriormente edificado (Fig. 131). Ao contrário dos detalhes em pedra ou massa do restante do prédio, elas são usualmente construídas com cornijas e beirais em madeira. A sua face frontal reduzida ao contorno de uma abertura remete melhor à mansarda, o que explica, em outros exemplos, sua disposição seriada em telhados quebrados com dupla inclinação (ver Fig. 96). Mesmo assim, o seu emprego na ocasião certamente contribuiu para difundir o motivo entre a arquitetura geral produzida em Portugal.

³⁸⁴ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 147-148; OLIVEIRA e GALHANO (1994), *op. cit.*, p. 353-355. Para um interessante estudo da gênese de pavimentos superiores em casas térreas, incluindo arremates em águas-furtadas, ver OLIVEIRA e GALHANO (1994), *op. cit.*, p. 248-253.

³⁸⁵ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 175.

Em nosso trabalho de campo em território português, praticamente não encontramos águas-furtadas em edificações térreas. Tampouco encontramos numerosas estruturas antigas remontando claramente ao século XVIII, com exceção dos inúmeros exemplos da Baixa lisboeta e arredores. Isso ocorreu talvez devido à relativa precariedade construtiva das camarinhas, que favorece o deterioro com o tempo, e ao sucessivo acréscimo de pavimentos nas edificações, que implicam seu desaparecimento. Aquelas com volutas laterais decorativas, dispostas no alinhamento das fachadas ou com cobertura de duas águas e empena aparente foram excluídas pela falta de semelhança com as são-joanenses ou por corresponderem a uma tipologia já de um bem adentrado século XIX.

Um exemplo de casa térrea com água-furtada foi retratado em Póvoa de Varzim, no norte do país (Fig. 132).

132. Casa térrea com água-furtada. Póvoa de Varzim, Portugal. Fonte: OLIVEIRA e GALHANO (1994), foto 203.

133. Sobrado situado na Rua da Estrela. Lisboa, Portugal, 2014.

Chama a atenção a grande escala e o uso de sistema construtivo mais precário. Neste caso, as paredes laterais são construídas com revestimento em telhas de capa e canal, provavelmente como medida de proteção contra intempéries.

Em outro exemplo, num sobrado lisboeta situado na Rua da Estrela, percebe-se o tabique à mostra nas laterais descascadas (Fig. 133). Em contraste, as frontarias encontram-se edificadas com sobras laterais e pesadas alvenarias de pedra, provavelmente apoiadas na parede da fachada. Ao contrário das edificações da reconstrução da Baixa, em que predominam as cornijas em madeira, as mesmas já se encontram aqui feitas em massa. As janelas retas e com fechamento em guilhotina, no entanto, coincidem.

Cabe observar que, em ambos os casos, tanto em Póvoa de Varzim como em Lisboa, as janelas retas das águas-furtadas encontram-se inseridas em fachadas com vergas de arco abatido. Também em Angra do Heroísmo encontramos um razoável número de águas-furtadas, a maioria em grandes sobrados com dois pavimentos, janelas retas e balcões. Elas mantêm, assim mesmo, algumas características típicas

como disposição simétrica na fachada, janelas frontais únicas de verga horizontal e telhados de três águas. As suas enormes dimensões e os detalhes que as acompanham, entretanto, se afastam dos pares são-joanenses.

Vimos que casas térreas de São João del-Rei, dotadas de arcos abatidos simples e beirais em beira-seveira e despojadas de maiores elementos aplicados nas fachadas, ainda são encontradas tanto em registros como no casario remanescente. Entretanto, no caso de sobrados análogos, com janelas de peitoril, praticamente inexistem exemplos a serem estudados. Há mesmo assim notícia de uma edificação, demolida por volta do ano de 1980, que se situava na Rua da Intendência, esquina com Rua São Francisco (Fig. 134 e 135).³⁸⁶

134. Sobrado na Rua da Intendência esquina com Rua São Francisco, São João del-Rei. Sem data. Fonte desconhecida.

135. Sobrado em demolição na Rua da Intendência esquina com Rua São Francisco, São João del-Rei. Sem data. Fonte desconhecida.

O pé-direito sensivelmente mais alto que o daqueles sobrados com cachorrada (ver Fig. 56, 62 e 109), bem como a repetição do número de vãos no andar superior, acusam uma relativa modernidade do sobrado. Mesmo assim, chama a atenção a falta de alinhamento vertical entre alguns vãos. Tal descompasso indica possíveis fatores tais como o aproveitamento de partes de uma casa térrea pré-existente, a resposta a divisões do espaço interno e a falta – ou a presença – de intenção formal. Veremos adiante que, com o avançar do tempo, os vãos dos sobrados passarão a apresentar um alinhamento mais rigoroso. Assim como na casa térrea da Rua Santo Antônio (ver Fig. 113), um cunhal na esquina e uma faixa abaixo do beiral são construídos em relevo na fachada. Também coincidem o uso de pedra no baldrame e nas bases das ombreiras das portas.

Um outro sobrado, também inexistente na atualidade, se encontrava na Rua da Misericórdia (Fig. 136).

³⁸⁶ A Figura 135 foi publicada em DANGELO *et al.* (2014, p. 137), onde se aponta a época da demolição do sobrado, bem como a fonte da imagem correspondente ao particular Arquivo Cesar Reis.

136. Sobrado hoje inexistente situado na Rua da Misericórdia, São João del-Rei (foto e detalhe). Sem data, anterior a 1956. Fonte: MR-SJDR.

Neste caso, nos encontramos com uma edificação provavelmente residencial, dado o regime de aberturas no andar térreo com porta lateral e janelas de peitoril. Novamente comparecem o cunhal e bandas em relevo – aqui presentes tanto abaixo do beiral como na linha divisória dos pavimentos – e uma base diferenciada aparentemente de pedra. A composição das aberturas na fachada, entretanto, mostra uma estrita regularidade tanto no alinhamento de vãos como nos interstícios de parede. Os caixilhos foram modernizados, mas a cercadura dos vãos conta com desenho e espessura bastante semelhantes ao seu par da Rua São Francisco.

O regularidade compositiva do sobrado da Rua da Misericórdia remete à tendência que Sylvio de Vasconcellos observa no casario de Vila Rica em torno da segunda metade do século XVIII:

A harmonia do conjunto se acentua ainda na correspondência dos vãos, abrindo-se os superiores exatamente sobre o inferiores, ou distribuindo-se todos eles segundo eixos verticais simétricos, cheios sobre vazios ou vice-versa, regra só excepcionalmente desprezada, em geral, por imposição de alterações procedidas nas fachadas para indispensáveis adaptações a lojas, oficinas ou garagens...³⁸⁷

Corroborar-se, dessa forma, a manifestação de um partido mais sofisticado, se comparado com aqueles das primeiras décadas de formação das vilas mineiras.

Sobrados com tipologia mais antiga, marcada com beirais simples, janelas de peitoril e arcos abatidos, também são relativamente raros em Portugal, pelo menos no que respeita a nossa amostra. As cercaduras dos vãos, como de costume, continuam a ser construídas em cantaria, como o exemplo de sobrado em Cascais (Fig. 137).

³⁸⁷ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 186.

137. Sobrado em Cascais, Portugal, 2014.

Apesar da modernidade das esquadrias, observam-se aspectos como o alinhamento dos vãos e a proporção dos mesmos em relação à fachada. A verga abatida corresponde àquele modelo achatado que identificamos anteriormente. Parece que o uso da pedra implica uma maior largura das peças da envasadura, se comparado com as construídas em madeira. Em todo caso, a simplicidade dos detalhes e as paredes pintadas em cor branca contribuem para a sua associação com os pares são-joanenses. Estes, por sua vez, contam com pés-direitos mais generosos.

Em Angra do Heroísmo, nos Açores, encontramos outros exemplos de sobrados com características gerais semelhantes. Um deles, em avançado estado de deterioração, conta com uma longa fachada (Fig. 138 e 139).

138, 139. Vista geral da fachada e detalhe de vão com beiral e cunhal em sobrado. Angra do Heroísmo, Açores, Portugal, 2014.

Neste caso, há predomínio dos cheios, embora os vãos se aproximem bastante na extremidade direita da fachada. Coincidem com os pares são-joanenses o alinhamento das aberturas, as esquadrias em guilhotina e as vergas em arco abatido. Estas dispõem inclusive de segmentos centrais a modo de aduelas, evidenciados pelo sulco entre as peças de cantaria. As rachaduras no cunhal indicam o uso de pedra sem reboco. Fica assim mesmo difícil intuir se haveria diferença de acabamento em relação à alvenaria geral da fachada, seja através de revestimento de massa, seja através de pintura. Em todo caso, o pé-direito é de altura relativamente reduzida, como se pode averiguar na maior parte do casario urbano da Ilha Terceira.³⁸⁸

Também no caso de outro sobrado em Angra de Heroísmo, os escuros das portas e as janelas de guilhotina, inseridos em vãos alinhados e regularmente espaçados, contribuem para a conservação de uma imagem antiga (Fig. 140).

³⁸⁸ Para medidas aproximadas dos pés-direitos das casas urbanas de Angra do Heroísmo ver OLIVEIRA, Carlos S. *et al.* (ed.). *10 anos após o sismo dos Açores de 1 de Janeiro de 1980*: monografia: aspectos técnico-científicos. [Ponta Delgada]: Governo Regional do Açores; Terceira: Secretaria Regional da Habitação e Obras Públicas; [Lisboa]: LNEC, 1992, p. 369.

140. Sobrado em Angra do Heroísmo. Açores, Portugal, 2014.

O balcão central, com sacada aparentemente de concreto armado e pesadas grades de ferro fundido, não corresponde com o restante da fachada e pode ter sido fruto de adição posterior ou opção arquitetônica na reconstrução ocasionada pelo sismo do ano de 1980. De fato, o material original das envasaduras antes da catástrofe seria predominantemente a pedra, só eventualmente a madeira.³⁸⁹ No caso aqui ilustrado, a pintura das molduras dos vãos, em contraste com as paredes alvas, faz aumentar ainda mais a semelhança com as construções são-joanenses. Estas, no entanto, teriam o pé-direito ligeiramente mais alto e ainda não contariam com sacadas.

Tal seria a nossa leitura do uso do arco abatido na arquitetura de matriz colonial ou setecentista de São João del-Rei. Como pudemos ver, a relativa carência de informações publicadas obrigou-nos a lançar mão de um corpo empírico fundado no casario remanescente e em fotografias antigas da localidade. Nesse sentido, o contexto português contribuiu para ampliar e enriquecer as referências.

O reduzido número de exemplos de matriz colonial, registrados ou ainda existentes em São João del-Rei, não nos permite realizar cruzamentos e confrontações de dados mais complexos no sentido de identificar padrões tipológicos em maior detalhe. Ainda assim, consideramos que, com o material disponível, foi possível realizar uma aproximação dos partidos e motivos praticados. Com esse repertório em mente, presume-se que a produção arquitetônica imperial será melhor compreendida tanto do prolongamento da tradição como da introdução de novos preceitos.

³⁸⁹ OLIVEIRA *et al.* (1992), *op. cit.*, p. 360.

CAPÍTULO 3

Motivos classicistas precursores

3.1. Cimalhas, cunhais, sobrevergas e outros relevos

Os motivos de orientação clássica permearam a arquitetura produzida em Minas durante o século XVIII, apesar da precariedade das construções nos primeiros tempos de ocupação do território. As edificações remanescentes da segunda metade do Setecentos indicam uma maior apropriação do vocabulário clássico, seja pela maior consolidação das estruturas sociais e núcleos urbanos mineiros, seja pela mais acentuada circulação da cultura arquitetônica classicista tanto na Europa como em suas colônias.³⁹⁰ Nesse sentido, Robert Smith nota a continuidade de uma peculiar tradição renascentista praticada em Portugal e em sua colônia brasileira, com destaque para a arquitetura civil.³⁹¹ Também Carlos Lemos observa a persistência de um maneirismo – residual, a modo de um protoneoclássico pombalino – praticado entre os engenheiros militares na América Portuguesa do século XVIII e início da centúria seguinte.³⁹² Finalmente, Vasconcellos tece um comentário sobre a permanência, na produção do Setecentos mineiro, de preceitos arquitetônicos inspirados no Renascimento. Os respectivos motivos, definidos em termos tanto decorativos como de partido, seriam evidentes em monumentos, mas também perceptíveis nas residências.³⁹³

Grande parte do acervo arquitetônico mencionado por essas fontes, entretanto, corresponde usualmente a tipologias oficiais ou religiosas, tais como casas capitulares, residências oficiais, casas da intendência, casas de câmara e cadeia e igrejas. Destacam-se, ainda, grandes casarões nobres que, por disponibilidade de recursos, contavam com uma arquitetura mais requintada. Tais tipos de edificações encontram-se melhor preservadas e documentadas, sendo portanto mais estudadas e divulgadas. No caso de Minas, cabe ressaltar que elas se situam principalmente em localidades com algum tipo de relevância político-administrativa, tais como a capital Ouro Preto, a sede episcopal de Mariana e Diamantina, a outrora cabeça do distrito dos diamantes.

O casario urbano mais comum, contudo, encontra-se bastante menos registrado e explorado. Tal carência científica parece estar motivada por fatores como a intensa transformação arquitetônica com o tempo, no sentido de se adaptar a necessidades conjunturais, e à falta de referências cronológicas de construções e intervenções. Sendo assim, torna-se difícil saber como e quando os motivos clássicos, em voga na arquitetura de caráter mais nobre e institucional, teriam sido apropriados pela arquitetura corrente.

³⁹⁰ Para um panorama da arquitetura mineira produzida em torno da segunda metade do século XVIII, ver TELLES, Augusto C. S. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FAE, 1985, p. 218-268; SOUZA, Wladimir A. (coord.). *Guia de bens tombados*: Minas Gerais. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1984. Para a circulação da cultura arquitetônica na Europa em torno do século XVIII, ver: PATETTA, Luciano. *L'architettura dell'Ecclettismo: fonti, teorie, modelli 1750-1900*. Milano: Gabriele Mazzotta, 1975.

³⁹¹ SMITH, Robert C. Arquitetura civil no período colonial. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, especialmente p. 167, 189-190.

³⁹² LEMOS, Carlos A. C. No Brasil, a coexistência do maneirismo e do barroco até o advento do neoclássico histórico. In: ÁVILA, Affonso. (org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 233-242.

³⁹³ VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 191-192.

No caso de São João del-Rei, temos visto que praticamente inexistem edificações civis de maior vulto com tipologia claramente inserida na produção do Setecentos. Inclusive as igrejas, em sua maior parte e proporção, foram terminadas em finais do século XVIII ou já no início da centúria seguinte, havendo outras que avançaram ainda mais no tempo a transformação de sua arquitetura até o estado atual. A escassez de parâmetros setecentistas, por um lado, empobrece o repertório e as possibilidades de associação tipológica e temporal. Por outro lado, forma-se uma nova referência que, já relacionada com a virada para o século XIX, clama pela interpretação de suas peculiaridades.

A arquitetura são-joanense, nesse sentido, se afasta um pouco das edificações remanescentes de Minas situadas na segunda metade do século XVIII, com destaque para as de caráter mais nobre ou oficial. Como veremos adiante, os detalhes em cantaria são bastante restritos e a decoração, no geral, mais despojada. Os motivos clássicos, entretanto, vão paulatinamente sendo introduzidos, a par de outras inovações arquitetônicas.

Manifestação no casario são-joanense

Um importante motivo de orientação clássica que apareceu no casario de São João del-Rei foi a cornija ou cimalha. Elas foram agenciadas no topo das fachadas, sob os beirais, e nas sobrevergas dos vãos. Juntamente a elas, a marcação de pilastras e cunhais passou a ser mais praticada. Supomos que esses elementos – beiral em cimalha, sobrevergas e cunhais – formavam um sistema que, em uma situação ideal, seria aplicado no conjunto da edificação.

Destaca-se no casario são-joanense um par de fachadas térreas que, por sua composição e pormenores, teria incorporado esses motivos clássicos de forma pioneira. A primeira corresponde a uma casa nobre com a extensa frente a definir um lado da Praça da Câmara (Fig. 141).

141. Casa térrea na Praça da Câmara (Praça Barão de Itambé n. 17). São João del-Rei, 2015.

Há uma confusão nas fontes documentais e interpretações no que respeita ao uso da edificação, sendo apontada como residência oficial no período colonial e morada do Barão de Itambé no século XIX. Façamos pois uma ressalva antes de proceder à leitura da fachada.

Durante o século XVIII, a Casa da Intendência estaria situada no outeiro do respectivo largo, vizinha à Casa de Fundição, no lado direito do córrego (ver mapa em Fig. 12). Já a Câmara estaria localizada no largo atrás da Igreja Matriz, onde atualmente se encontra o Hospital das Mercês.³⁹⁴ Já vimos que o Largo das Mercês, nome com referência à igreja homônima, era – e ainda é – contíguo à Praça da Câmara.

John Luccock, por sua vez, se referia provavelmente à instância de administração da Vila – mais tarde instância municipal – ao denominar a Câmara, abrigada em uma casa grande e com dois pavimentos, como sendo a sede do governo. Naquele momento mencionou, em local junto à suposta Câmara, “repartições públicas que formam um dos lados de uma praça por acabar, ficando-lhes fronteiras algumas casas singelas e sólidas e, bem no centro, a força das execuções públicas...”.³⁹⁵ Tudo leva a crer que se tratava da praça onde se encontrava o pelourinho e, atualmente, a casa térrea em questão. Dita praça faria parte e se confundiria com o Largo da Câmara por se situar em lugar ambíguo, justaposto ao largo que se estende entre a Igreja Matriz e o pé das escadarias da Igreja das Mercês. Mais adiante em seu relato, Luccock afirmava ainda que “a mina única que deu origem à vila... fica situada dentro da cidade, muito próximo da casa do Governador”.³⁹⁶ Confirma-se, dessa forma, a referência ao complexo situado no Largo da Câmara, não sendo possível concluir, no entanto, se era abordada a Casa de Câmara em si ou a casa térrea em questão, que, segundo o viajante inglês, também albergaria repartições públicas.

Por volta da mesma época, Saint-Hilaire menciona uma praça pequena e irregular “por assim dizer, fora da vila”, onde ficaria a casa do ouvidor. Trata-se, desde nosso ponto de vista, do Largo da Intendência, pois este encontrava-se do lado direito do córrego, portanto fora do núcleo em torno da Rua Direita. Saint-Hilaire afirmava, ainda, ser possível ver, desde a Casa da Intendência, toda a vila e inclusive o vale do Córrego do Lenheiro, o que só seria possível desde o outeiro do Largo da Intendência, dificilmente desde o Largo ou a Praça da Câmara.³⁹⁷

Alguns anos mais tarde, Robert Walsh confirmava que o ouvidor da vila “residia na sede do governo, situada num belo outeiro à entrada da cidade”, enquanto “a casa de fundição... ficava instalada... no próprio prédio da residência governamental”.³⁹⁸ O viajante se referia, assim como Saint-Hilaire, ao Largo da Intendência.

³⁹⁴ OLIVEIRA, José A. História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento das suas minas, casos nêle acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 118; VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1959, p. 29; GUIMARÃES, Geraldo. *São João del-Rei: século XVIII - história sumária*. São João del-Rei: Segrac, 1996, p. 40-41. Para informações sobre a história da ocupação do outeiro da Casa da Intendência onde atualmente se encontra a Escola Maria Teresa, salvo dado questionável sobre a época de construção desta mesma escola, ver FERREIRA, José A. História de um imóvel. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, n. 11, 2005, p. 146-154.

³⁹⁵ LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975, p. 303.

³⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 306.

³⁹⁷ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo et al.: Companhia Editora Nacional, 1941, p. 204.

³⁹⁸ WALSH, Robert. *Notícias do Brasil: 1828-1829*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985, v. 2, p. 76.

Com base nestas informações, questiona-se o dado divulgado pelos estudos da Fundação João Pinheiro, sobre que a casa térrea em questão servira de Intendência na época colonial.³⁹⁹ Nesse mesmo sentido, também haveria de se revisar a legenda sobre uma foto da edificação constante no atlas elaborado por Augusto Telles.⁴⁰⁰ Mesmo assim, há indícios de que a casa poderia ter albergado alguma repartição administrativa ou, talvez, residência oficial.

Há ainda notícias de que o casarão em questão teria sido construído por Francisco José Teixeira (1780-1866), não se sabe quando ao certo. Este personagem era um grande minerador e um abastado comerciante da Vila, tendo exercido também cargos políticos e atividades bancárias. Casou-se no ano de 1802, em algum momento posterior se transferiu para Vassouras, no Rio de Janeiro, e foi agraciado com o título de Barão de Itambé em 1846.⁴⁰¹ Se estas informações forem corretas, o nome da atual praça confere com a morada do barão. Supomos ainda uma idade adulta e uma situação social e econômica madura para a edificação de sua residência. Mesmo assim, fica difícil estipular em que momento do século XIX isso teria ocorrido.

Em todo caso, a casa de feições nobres aqui ilustrada se estende com sua longa fachada térrea sobre a aqui denominada Praça da Câmara. Ela se situa na esquina onde se encontra um passo, ao lado do qual sobe uma rua em direção ao morro das Mercês. A topografia motiva assim a posição elevada do piso em relação ao largo, de forma a proporcionar acessos de nível na parte de cima do terreno. O corpo solto, sem edificações de porte em suas medianeiras, permite o agenciamento de cunhais no trecho superior das esquinas e de telhado com quatro águas. Uma fotografia antiga mostra que a casa sofreu poucas modificações durante boa parte do século XX (Fig. 142).

142. Casa térrea na Praça da Câmara, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG130/3/06.

³⁹⁹ FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Circuito do ouro - Campo das Vertentes: Atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais*. vol. 2. Belo Horizonte, 1981, p.252-253; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *São João del-Rei: a região, a cidade, o patrimônio de história e arte*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1983, p. 38.

⁴⁰⁰ TELLES (1985), *op. cit.*, p. 246.

⁴⁰¹ CINTRA, Sebastião O. *Efemérides de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982, v. 2, p. 369-370.

A pintura diferenciada em trechos da parede indicava a existência de três unidades habitacionais na casa, com prováveis entradas alternativas pelos lados do terreno. As esquadrias em guilhotina ainda não contavam com a parte inferior resguardada por venezianas. Fora isso, permaneceram os principais elementos construtivos que caracterizam a fachada.

A casa é destacada por Robert Smith como um caso típico de composição do século XVIII, caracterizada por uma maior variedade de ornamentação, pela portada central e pela simetria na distribuição dos vãos.⁴⁰² Com razão, as janelas encontram-se regularmente espaçadas e formam uma série horizontal na extensão da fachada. O descompasso entre o seu alinhamento superior e a verga da porta de entrada, em posição mais baixa sobre a via pública, motiva o agenciamento de uma falsa sobreverga no centro da composição (Fig. 143).

143, 144. Portada e respectivo detalhe superior de casa térrea situada na Praça da Câmara. São João del-Rei, 2015.

Ela coroa o alto de um portal decorativo, construído predominantemente em massa, que emoldura o vão de acesso. O portal descansa em bases de pedra, as quais recebem pilastras com toros⁴⁰³ seguidos de socos em relevo. A porta, por sua vez, conta com moldura de madeira pintada e ressaltada em suas bordas, exibindo ainda delicados detalhes pendurados nas laterais. Suas folhas com abertura à francesa e almofadas em relevo imitam as do passo vizinho. Destacam-se, na portada, uma falsa verga encimalhada e, acima dela, ânforas dispostas sobre volutas na projeção de cada uma das duas pilastras (Fig. 144). Observa-se, assim, o uso marcante de temas compositivos e elementos do vocabulário clássico, aqui matizado em sua fase barroca.

As pilastras se apresentam também nas extremidades da fachada (Fig. 145).

⁴⁰² SMITH (1975), *op. cit.*, p. 163.

⁴⁰³ Define-se 'toro' como "moldura circular na base das colunas", segundo CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972, p. 454.

145, 146. Detalhes do corpo (lateral direita da fachada) e do topo de cunhal (lateral esquerda) de casa térrea situada na Praça da Câmara. São João del-Rei, 2015.

Elas se configuram nesse caso como cunhais, uma vez que as estruturas contíguas – passo de um lado e portão de outro –, de altura mais baixa, deixam livres as quinas superiores. O corpo destes cunhais de massa contam apenas com cor diferenciada e ressaltos em relação à parede de fundo, sem qualquer outro relevo ou ornamentação, inclusive no encontro com a calçada. No arremate com o beiral, entretanto, forma-se uma cimalha a modo de capitel (Fig. 146). Ela se configura por cordão inferior, forma côncava terminada em trecho reto ou lacrimal e, finalmente, estrias e ressaltos em peito de pomba. Seu perfil se prolonga no beiral, formando uma cimalha contínua debaixo da linha de telhas, que contrasta com a parede branca. Nota-se, ainda, o acabamento de um dos beirais laterais em beira-seveira.

Ao lado do portal central existe uma placa afixada com dados sobre a casa (Fig. 147).

147. Detalhe de placa informativa fixada na fachada da casa térrea na Praça da Câmara. São João del-Rei, 2015.

Não conhecemos a autoria do texto inscrito, mas supomos a ação de órgão de preservação tal como o IPHAN. A casa teria sido construída pelo Barão de Itambé (Francisco José Teixeira, 1780-1866), influente negociante que se fixou posteriormente em Vassouras, juntamente com sua numerosa família.⁴⁰⁴ A

⁴⁰⁴ CINTRA (1982), *op. cit.*, v. 2, p. 369-370.

estimativa de data de construção da edificação como o início do século XIX nos parece bastante razoável, de acordo com os motivos de orientação clássica nela agenciados.

Vejamos uma outra edificação térrea que, por sua configuração, condiz com o par da Praça da Câmara. Trata-se, no entanto, de casa mais comum, inserida no casario geminado do Largo do Rosário (Fig. 148).

148. Casa térrea no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 50). São João del-Rei, 2011.

Em aproveitamento de estrutura anterior ou em respeito à tradicional planta com corredor lateral, não comparece a porta central a marcar simetria, embora os vãos tenham uma distribuição regular na fachada. Também nesse caso há um barrado com relevo e cor diferenciada a marcar um embasamento com duas gateiras ou aberturas de ventilação do porão. Sendo assim, o piso principal encontra-se elevado em relação à calçada e acessado por um pequeno lance de escada.

A partir de fotografias antigas, pode-se perceber que a casa não sofreu maiores modificações ao longo do tempo. Na imagem de por volta de 1880, os principais elementos de composição já se apresentavam (Fig. 149).

149. Casa térrea no Largo do Rosário, São João del-Rei. Data: por volta de 1880, segundo a fonte. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 56. Ver foto completa em Fig. 48.

150. Casa térrea no Largo do Rosário, São João del-Rei. Data: por volta da década de 1950. Fonte: MR-SJDR. Ver foto completa em Fig. 49.

Apesar da difícil visualização, parece que os respiradouros do porão não existiam à época. Na foto com maior nitidez, feita provavelmente a meados do século XX, percebe-se com maior detalhe a conservação atual do esquema geral e dos pormenores da fachada (Fig. 150). Neste momento, a cor escura da alvenaria se confundia com a das cercaduras dos vãos, ao mesmo tempo que conferia maior contraste aos relevos da fachada e esquadrias pintados em tom claro.

Vejamos com maior atenção os detalhes classicistas e comparemo-los com os da casa da Praça da Câmara. No caso do Largo do Rosário, a largura reduzida da fachada e a contiguidade com as edificações vizinhas, bem como a relativa simplicidade da construção, redundam na falta de qualquer marcação de relevo nas laterais. Há, mesmo assim, uma semelhança notável no desenho da cimalha de arremate do beiral (Fig. 151).

151. Detalhe de cimalha em beiral de casa térrea no Largo do Rosário. São João del-Rei, 2015.

De forma análoga a seu par nobre (ver Fig. 146), forma-se a partir da parede um perfil com cordão seguido de elemento côncavo, trecho plano com recorte em 90 graus, estrias e, finalmente, ressalto em peito de pomba sob as telhas. Se, por um lado, a coincidência não é suficiente para comprovar a apropriação de motivos arquitetônicos no casario corrente a partir da inspiração em edifícios mais nobres, dado o número reduzido da amostra, por outro lado sugere a circulação de padrões em uma época comum.

No caso das janelas, as analogias são menos marcantes, apesar dos esquemas formais corresponderem (Fig. 152 e 153).

152. Detalhe de janela de casa térrea nobre na Praça da Câmara (Praça Barão de Itambé). São João del-Rei, 2015.

153. Detalhe de janela de casa térrea no Largo do Rosário. São João del-Rei, 2011.

No casarão da Praça da Câmara, as molduras são ligeiramente mais largas e as esquadrias foram modificadas com novo recorte de vidros – que inclusive variam nas diferentes folhas de guilhotina – e com o agenciamento de venezianas na parte inferior. As sobrevergas, por sua vez, são mais pronunciadas e contam com recortes mais suaves que o seu par do Largo do Rosário, ainda que contem com a mesma sucessão de relevos – cordão, concavidade e peito de pomba –, em consonância com as cimalthas sob os beirais. Tanto a largura da envasadura como o desenho das sobrevergas indicam uma maior antiguidade no vão da casa nobre.⁴⁰⁵ As pequenas arandelas que comparecem em ambas janelas são elementos relativamente modernos, pois no início do século XIX haveria apenas unidades de maiores dimensões,

⁴⁰⁵ A largura mais estreita dos quadros das portas portuguesas é indicada como fenômeno da segunda metade do século XIX; ver: CARITA, Helder. *Bairro Alto, tipologias e modos arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p. 145.

alimentadas por combustível, provavelmente situadas em locais estratégicos tais como esquinas de grandes cidades como a do Rio de Janeiro.⁴⁰⁶

Os motivos classicistas passam a comparecer também em casas de envasadura reta. Um exemplo relativamente simples, com fachada e pé-direito reduzidos, encontra-se na Rua da Cruz (Fig. 154).

154, 155. Casa térrea (fachada e detalhe superior) na Rua da Cruz (Praça Dr. Paulo Teixeira n. 13). São João del-Rei, 2015.

A composição corresponde a um partido de porta lateral e vãos de tamanho médio e regularmente espaçado, ligeiramente distante das tipologias comuns a um pleno século XVIII, que tenderiam para janelas quadradas e com distribuição menos estrita nas fachadas (ver Fig. 107). Da mesma forma que na casa térrea do Largo do Rosário, ausenta-se qualquer marcação lateral em relevo e a base encontra-se ressaltada com pintura. No caso da Rua da Cruz, entretanto, a diferença de altura entre a calçada e o piso da morada é vencida por um degrau a modo de soleira, havendo ainda socos de pedra na porta. Sobressaem-se as molduras no topo dos vãos (Fig. 155). A cimalha sob o beiral é relativamente discreta e apresenta um perfil com concavidade, trecho em ângulo reto e outros recortes na parte superior. Também as sobrevergas são menos salientes que seus pares arqueados, mas mostram uma elegante projeção lateral e uma sequência de relevos análoga: concavidade, peito de pomba e topo estriado. Sendo assim, a casa mantém semelhanças no agenciamento de detalhes construtivos com os outros dois exemplos de casas térreas apresentados anteriormente, apesar da diferença de abastança, escala das edificações e forma das cercaduras.

Com base nos exemplos até aqui ilustrados, vemos que o sistema classicista de cimalha, cunhal e sobreverga dificilmente aparece integrado no casario são-joanense. Isso é devido, por um lado, às

⁴⁰⁶ Um exemplo em detalhe de uma engenhoca de iluminação pública, em aquarela de Debret do ano de 1826, pode ser encontrado em BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. *Debret e o Brasil: obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008, p. 159. Mais adiante, na ilustração de um sobrado desenhado por Landseer, aparecerá outra representação da engenhoca; ver MACHADO, Cândido G. P. *Landseer*. São Paulo: Lanzara, 1972, p. 73.

dimensões reduzidas e à contiguidade das fachadas, que limitam a profusão de motivos decorativos. Por outro lado, os motivos são muitas vezes introduzidos separadamente nas composições, conjugados com outros elementos que, por existência prévia ou por tradição, permanecem lado a lado com as novidades. Destacam-se, nesse contexto, os beirais de telhas sobrepostas conjugados com janelas encimadas por sobrevergas em arco abatido. Em uma passagem por nossa amostra do acervo remanescente, selecionamos seis casas térreas que aparentam conservar em alguma medida as antigas feições arquitetônicas. Elas situam-se em ruas principais da antiga Vila, ou seja, a Direita, a do Curral e a da Prata.⁴⁰⁷ Curiosamente, nenhuma delas apresenta, de acordo com fotografias antigas, porta central a definir uma referência de simetria na fachada. Predominam, assim, as entradas laterais ou as intermediárias nos casos com quatro vãos. O primeiro par de exemplos vizinhos encontra-se na Rua do Curral (Fig. 156).

156, 157. Casas térreas na Rua do Curral (Rua Marechal Deodoro, n. 254 e 260) e detalhe de vão com sobreverga (n. 254). São João del-Rei, 2013.

Os revestimentos nos barrados e a pintura amarelada de uma das casas desvirtuam um pouco a cena por se tratar de elementos sem relação com a tipologia da época. As esquadrias foram todas modernizadas em ambas as edificações. Mesmo assim, é possível abstrair tais modificações e visualizar somente as paredes contínuas, interrompidas pelos vãos e resguardadas pela beira-seveira. Uma foto antiga da rua mostra, com bastante dificuldade, o deslocamento da porta da casa branca, antes situada no lugar de uma das janelas laterais.⁴⁰⁸ Seus vãos encontram-se encimados por raros exemplos de vergas abatidas sem abas horizontais

⁴⁰⁷ Além das quatro casas aqui ilustradas, contam-se também neste grupo outras duas edificações térreas, sendo uma na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 203) e uma na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 53).

⁴⁰⁸ Ver fotografia datada do ano de 1961 da Rua do Curral, com indicação do número 260 ao fundo da cena, em Conjunto urbano de São João del-Rei, MR-SJDR.

a modo de ‘canga de boi’.⁴⁰⁹ Além disso, a sobreverga é mais delgada do que a maioria de seus pares. A casa amarela, por sua vez, conta com a típica moldura em cornija destacada sobre cada verga (Fig. 157). Repete-se, neste caso, o perfil com a sequência de cordão, concavidade e peito de pomba projetados para frente e para os lados, bastante semelhantes àquele do casarão térreo da Praça da Câmara (ver Fig. 152).

O outro par de casas deste grupo conta com sutis variações. Vejamos o caso com porta lateral e duas janelas no lado direito da Igreja do Rosário (Fig. 158)

158, 159. Casa térrea no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 117). São João del-Rei, 2015.

A fachada encontra-se enquadrada por sutis faixas em relevo, tanto no arremate superior sob a beiraseira, como nas laterais. De acordo com os motivos classicistas em voga na época, esses detalhes fazem uma alusão às cimalhas e cunhais. Nesse sentido, as pilastras exibem inclusive uma espécie de capitel primitivo, sugerido no retângulo formado nos encontros com o friso que sublinha o beiral. A fachada conta ainda com base simples de pedra, que se prolonga como um barrado só interrompido pelos ressaltos dos socos das ombreiras.

A sobreverga também apresenta uma diferença em relação aos exemplos anteriormente ilustrados, apesar de manter o mesmo desenho em ‘canga de boi’ e a projeção típica (Fig. 159). No entanto, seu perfil tem um maior número de relevos que, ao se adensarem, deixam em menor evidência os elementos côncavos e em peito de pomba.

Uma foto antiga mostra que não houve maiores modificações na fachada desde meados do século XX (Fig. 160).

⁴⁰⁹ Sylvio de Vasconcellos menciona, com base em casa nobre de Vila Rica, que os arcos abatidos sem terminações horizontais sobre as ombreiras estariam inseridos em tipologia já do século XIX, no âmbito das apropriações do neoclassicismo. Sugere neles inclusive uma transição para as vergas de arco pleno. Ver: VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 194-195.

160. Casa térrea no Largo do Rosário, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

Tem-se a impressão de que os vãos eram mais largos, mas fica difícil averiguar com precisão. Em todo caso, as faixas ornamentais periféricas encontravam-se destacadas em cor clara. Chama a atenção o prolongamento das ombreiras das janelas até o piso e os intervalos de alvenaria na base de pedra. O espaço rebocado abaixo das janelas apresentava inclusive uma diferença de tonalidade em relação à parede mofada da fachada, indicando uma confecção mais recente. Cabe lembrar que o trecho viário onde se localiza a casa correspondia à entrada desta parte da Vila pela Rua da Prata ou a do Tejuco. Sendo assim, parece razoável imaginar a existência de um estabelecimento comercial com três portas em épocas passadas. Observa-se ainda que as esquadrias das guilhotinas foram substituídas por um novo ritmo, corte e textura de vidros. O menor número de colunas de vidros – três no lugar de quatro – respaldaria a hipótese de encurtamento posterior do vão. Mesmo assim, os escuros foram mantidos e o aspecto geral remete a uma tipologia antiga.

Também na Rua da Prata há exemplos que compõem este grupo de motivos classicistas ainda despojados, em combinação com beirais de telhas sobrepostas. Na sequência de fachadas contínuas encontra-se a casa de fundo vermelho e molduras pintadas em cor cinza (Fig. 161 e 162).

161, 162. Casa térrea e detalhe com casa vizinha na Rua da Prata (Rua Padre José Maria Xavier n. 19). São João del-Rei, 2015.

A descontinuidade da cumeeira indica uma possível existência anterior de duas moradas de porta e janela cada uma, ou mesmo a expansão da metade esquerda da casa. De forma semelhante ao exemplo anterior na lateral da Igreja do Rosário, apenas se insinuam cimalkhas e pilastras com capitéis. A comparação com a sobreverga vizinha exibe duas variantes, uma com maior balanço e melhor definição das curvas, e outra mais encolhida sobre o vão e mais frisada. Uma foto antiga mostra que não houve transformações substantivas nos últimos tempos (Fig. 163).

163. Casa térrea na Rua da Prata, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

À época, as esquadrias já se encontravam modernizadas com esbeltas peças de vidro e esquadrias com abertura à francesa. O barrado se alteava até a linha onde termina o soco da porta, servindo de base contínua das pilastras. O mesmo não acontecia com a casa vizinha, cujo barrado alto e chapiscado era estranho para uma tipologia antiga.

Cabe recordar, nesse contexto, a casa da Rua do Carmo, abordada anteriormente devido à presença de águas furtadas (ver Fig. 127). Coincidem, em seu pavimento principal, praticamente todos os motivos de composição até aqui destacados. O deterioro de certos segmentos da fachada mostra, entretanto, alguns aspectos construtivos de interesse (Fig. 164).

164. Detalhe superior de fachada de casa na Rua do Carmo n. 62-64. São João del-Rei, 2014. Ver fachada completa em Figura 127.

A faixa em relevo sob a beira-seveira conta com uma falha de reboco que deixa à mostra um trecho de adobes. A coincidência entre o elemento decorativo e a fiada de blocos sugere uma contemporaneidade construtiva entre eles. Como o uso do adobe não tem uma datação precisa, não se avança na periodização da fachada.⁴¹⁰ Também há de se considerar a possibilidade de uma intervenção posterior ter-se aproveitado da fila de blocos de terra para moldar a faixa de massa. A fotografia mostra ainda uma extremidade da sobreverga com o reboco caído. Temos, assim, a oportunidade de observar a presença de peça de barro cozido engastada na alvenaria, a sustentar a massa em relevo que desenha o perfil da moldura.

As sobrevergas também aparecem conjugadas com beirais em cachorrada. A relativa antiguidade desse acabamento construtivo sugeriria uma adição posterior das molduras sobre os vãos. Mas devemos considerar a possibilidade de os cachorros terem continuado a ser praticados por continuidade da tradição, mesmo na época em que as cimalthas estivessem mais em voga. Curiosamente, em nossa amostra são-joanense não encontramos maiores exemplos de casa térrea a combinar sobrevergas de arco abatido com cachorrada. Quando consideramos os vãos retos, entretanto, os casos se multiplicam consideravelmente. Nesse sentido, cremos ser válida a mesma hipótese dos beirais, ou seja, a ideia de que os vãos retos

⁴¹⁰ O adobe, paralelepípedo de barro cru seco ao sol, é mencionado na arquitetura colonial mineira e de Vila Rica; ele teria surgido em momento posterior às alvenarias mais simples de pau-a-pique; ver VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 153, 177; VASCONCELLOS, Sylvio. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: UFMG, 1979, p. 30, 50. O material foi muito utilizado na região de São João del-Rei, sendo mais frequente no decorrer do século XIX; ver: DANGELO, André G. D. et al. *Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei – 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014, p. 47.

também passaram a receber sobrevergas, seja por adição posterior em partidos antigos, seja pelo prolongamento dos costumes arquitetônicos. Para Robert Smith, a verga reta com discreta cimalha é uma característica dos primórdios do século XVIII. O autor mostra, inclusive, um exemplo de sobrado mineiro com beiral de caibros à mostra.⁴¹¹ Mas, então, por que as casas de feições mais antigas geralmente não apresentam sobrevergas? Estariam elas presentes somente em raros casos de edificações mais abastadas? Cabe lembrar, em todo caso, que as vergas retas passam a ser novamente praticadas no século XIX. Ao fazer referência ao fim do período colonial, o próprio Robert Smith relaciona este fato com a simplificação motivada pelos preceitos neoclássicos.⁴¹² Isso não significa, entretanto, que as vergas curvas tenham caído em desuso. Pelo menos até meados do Oitocentos, elas seriam ainda praticadas, provavelmente em convivência com seu par retilíneo.⁴¹³

A sequência de casas térreas na Rua Santo Antônio exemplifica a inserção dessas molduras (Fig. 165).

165, 166. Casas térreas e detalhe de parte superior das fachadas da Rua Santo Antônio n. 17, 33 e 45. São João del-Rei, 2015.

Este conjunto arquitetônico aparenta ter sofrido poucas modificações de partido, cuja antiguidade se atesta não só pelos cachorros à vista, mas também pelo considerável espaçamento entre os vãos, o tamanho relativamente reduzido dos mesmos, além da farta largura de suas cercaduras (ver foto antiga em Fig. 43). As sobrevergas são mais discretas que as dos pares arqueados, mas se pronunciam igualmente para a frente e para as laterais da envasadura. Isso talvez se explique em parte pelo uso da madeira que constitui o material da sobreverga avermelhada, mas também são comuns os exemplos em massa como o caso da outra pintada em amarelo (Fig. 166). O perfil mais usado consiste em uma concavidade seguida de peito de pomba, com estreitos frisos entremeados. A coincidência de tal esquema com o das cimalthas e

⁴¹¹ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 167.

⁴¹² SMITH (1975), *op. cit.*, p. 169.

⁴¹³ No caso paulistano, a verga abatida teria permanecido em uso até meados do século XIX. Ver: REIS FILHO, Nestor G. (coord.). *São Paulo: vila cidade metrópole*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004, p. 133.

sobrevergas em arco abatido dá certo respaldo à manifestação cronologicamente concomitante desses motivos classicistas. Mas o aspecto antigo das fachadas faz supor, neste casos de vãos retos, uma adição posterior das sobrevergas. Parece pouco provável novas construções em torno do primeiro quartel do século XIX nesse lugar, dada inclusive a situação urbana atrás da igreja do Rosário, em uma rua antiga e de ocupação há muito consolidada.

Vergas retas com cornijas também aparecem conjugadas com a beira-seveira em um significativo número de casos. Os exemplos de cimalkas aparentemente feitas em massa são no geral toscos e carentes de detalhes, não parecendo corresponder a tipologias coetâneas. Já as de madeira costumam apresentar perfis bastante esbeltos e com melhor definição de linhas e curvas. Tal incidência é curiosa, porque as sobrevergas dos arcos abatidos, quase sempre construídas em massa, contam muitas vezes com detalhes complexos e bem executados. Sendo assim, a falta de correspondência, nos casos retos, com a tipologia antiga não é devida à limitação técnica em si, embora a qualificação da mão de obra pudesse interferir nesse sentido. Em todo caso, os exemplos construídos em madeira costumam seguir o desenho tradicional.

Um exemplo com beira-seveira encontra-se no Largo do Rosário, na lateral direita da igreja (Fig. 167).

167, 168. Casa térreas no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 127-131) e detalhe de topo das fachadas. São João del-Rei, 2015.

A composição da fachada segue um partido com porta lateral e vãos regularmente espaçados, inseridos em parede lisa. Este se interrompe somente pelo moderno barrado chapiscado, que se prolonga da base ressaltada até a altura das janelas. A casa vizinha, de feições semelhantes, se difere pela extensão das ombreiras das janelas até os socos de pedra e pelas esquadrias renovadas. No topo de sua fachada, marca-se um suave ressalto na alvenaria, de modo a definir uma faixa sob o beiral. O detalhe das sobrevergas mostra diferenças tanto de tamanho como de perfil (Fig. 168). A de cor amarelada, no lado direito da figura, tem uma maior altura e projeção, além de perfil enriquecido por cordão de base e recorte horizontal no setor intermediário. A outra, de cor branca, por sua vez, conta com menores dimensões e contornos

mais suaves. Em ambos os casos, entretanto, segue-se o esquema geral de concavidade seguida de peito de pomba.

Outro exemplo de casa térrea com beira-seveira e vãos retos decorados situa-se na Rua do Bonfim (Fig. 169 e 170).

169, 170. Casa térrea na Rua do Bonfim (R. Ribeiro Bastos n. 136). São João del-Rei, 2013 e 2015.

A composição geral é semelhante à do exemplo anterior sito ao Largo do Rosário (ver Fig. 167), tanto na distribuição e forma dos vãos, como nos detalhes do barrado e socos da base. O diferencial consiste nas faixas periféricas que emolduram a fachada tanto no topo como nas laterais. De forma análoga aos seus pares de vergas arqueadas anteriormente ilustrados (ver Fig. 141, 158 e 161), intenciona-se a marcação de pilastras e frisos, ou de cunhais e cimalthas. Embora tais relevos sejam de fácil remoção ou adição e, portanto, poderiam ter sido agenciados em diferentes momentos da história, estamos supondo que representem um novo modo arquitetônico, diferente daquele encontrado em um pleno século XVIII. A incidência em vários casos, com frequente correspondência de pormenores decorativos e de esquemas compositivos, dão respaldo à formação de grupos tipológicos. Cabe mencionar que, nesse caso específico da Rua do Bonfim, o detalhe superior da junção das molduras é algo tosco, com equívoco provavelmente ocasionado por uma intervenção remodeladora. Como temos visto, o corpo da pilastra deveria terminar na base do friso, podendo, quando muito, indicar um relevo para sugerir um capitel. O prolongamento da pilastra até a beira-seveira mostra o desconhecimento da linguagem classicista então praticada.

Vejamos como se manifestam os motivos de orientação clássica considerados precursores nos poucos sobrados que remanescem na cidade de São João del-Rei. Pelo momento, estamos considerando somente aqueles isentos de balcões, tema que será tratado adiante. Supõe-se, pois, que os sobrados mais antigos contariam com composições mais simples, sem maiores rebuscamentos. Curiosamente, não encontramos nenhum exemplar remanescente dotado de cimaltha sob o beiral, salvo algum sobrado que, mesmo sem comprovação documental, aparenta ter sofrido transformações por demais substantivas.⁴¹⁴ Isso talvez ocorra pela maior intervenção construtiva ocasionada pela transformação de um beiral antigo

⁴¹⁴ Ver sobrado situado na Rua São Miguel (Rua Tenente Gentil Palhares n. 211), São João del-Rei.

em cimalha, enquanto pilastras e sobrevergas podem ser mais facilmente agregadas ou removidas. Também importa lembrar que os sobrados não seriam tão numerosos nas primeiras décadas do Oitocentos, sendo predominantes as casas de um só pavimento.

Cabe recordar, entretanto, a fotografia antiga do sobrado sito à Rua Santo Antônio, que se encontra atualmente renovado (ver Fig. 81 e 111). Apesar da falta de nitidez da imagem, observa-se um caso raro de aplicação do sistema de motivos classicistas. A fachada encontra-se emoldurada por: barrado até a altura das janelas, incluindo o relevo do baldrame; pilastras laterais sem maiores detalhes de base ou capitel; e cimalha sublinhada por moldura a delimitar uma faixa de parede. Destacam-se ainda as sobrevergas dos arcos abatidos do pavimento superior, de perfil saliente e aparentemente análogo ao desenho considerado típico. Esse caso é um indício de que poderiam existir em São João del-Rei outros sobrados com um regime compositivo semelhante, que teriam sido modificados em tempos posteriores. Em todo caso, temos que nos contentar pelo momento com os beirais isentos de cimalkas.

No acervo são-joanense atual há um trio de exemplos a exhibir a combinação de detalhes classicistas com beirais em cachorrada. O primeiro deles encontra-se na Rua da Cachaça e caracteriza-se por vãos térreos comerciais encimados por janelas de peitoril regularmente espaçadas, todos a exhibir arco abatido com respectiva sobreverga em massa (Fig. 171).

171. Sobrado na Rua da Cachaça (Rua Marechal Bittencourt n. 15-19) e respectivo detalhe de sobreverga. São João del-Rei, 2014.

172. Sobrado na Rua da Cachaça (detalhe e foto completa), São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

Uma fotografia antiga de meados do século XX mostra que não houve desde então maiores modificações (Fig. 172). Os cachorros estão ocultos por tábuas de madeira a modo de um beiral forrado, caso raro na cidade. Tal recurso pode até ser interpretado no sentido do agenciamento de uma roupagem para dissimulação do elemento arcaico e regularização do topo da fachada. A parede encontra-se livre de qualquer relevo, salvo a faixa do conjunto de socos e embasamento em pedra, além do moderno barrado em chapisco. Sendo assim, a ornamentação se restringe às sobrevergas, que na ocasião se apresentam com ressalto mais sutil, a par da reduzida largura das cercaduras dos vãos. Assim mesmo, o perfil segue o desenho típico com trechos em concavidade e peito de pomba, entremeados por pequenos ressaltos.

O segundo sobrado, situado na Rua Santo Antônio, se diferencia do primeiro pelo seu uso contemporâneo estritamente residencial, evidenciado pelas janelas de peitoril no andar térreo (Fig. 173 e 174).

173, 174. Sobrado na Rua Santo Antônio n. 42 (fachada inteira e detalhe superior). São João del-Rei, 2015.

Toda a extensão da fachada encontra-se regularmente ritmada pelos vãos de guilhotina e emoldurada por faixas periféricas, a saber: base de pedra, pilastras laterais e faixa a modo de frechal a sustentar a cachorrada. Por primeira vez, em nossa amostra, ressalta-se sutilmente na projeção das pilastras uma base no encontro com o alicerce de pedra. As sobrevergas são relativamente discretas e apresentam o perfil típico. Entretanto, fotografias antigas mostram ter havido importantes transformações na fachada. Já vimos uma primeira aparição do sobrado naquela antiga foto supostamente datada do último quartel do século XIX (ver Fig. 22). Apesar da falta de nitidez, observa-se nas janelas de peitoril as esquadrias abrindo à

francesa e vergas desprovidas de ornamentação. A ausência de sobrevergas se confirma na panorâmica de André Bello do início do Novecentos, que mostra ainda o novo agenciamento de folhas de guilhotina nas janelas superiores (Fig. 175).

175. Sobrado parcialmente visto na Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Data: entre 1906 e 1918. Autor: André Bello. Fonte: desconhecida. Ver foto geral na Figura 29.

176. Sobrado na Rua Santo Antônio, São João del-Rei (foto e detalhes). Ano de 1948. Fonte: IPHAN-MG.

A meados do século XX, outra foto exhibe o sobrado com novas modificações (Fig. 176). O telhado ainda deixava a estrutura e as telhas laterais à mostra, e o beiral parecia ter uma projeção mais acentuada. Naquele momento, entretanto, já havia desaparecido o típico desvio da água frontal no encontro com a fachada. Este detalhe, sugerido na panorâmica de Bello, era possibilitado pelo contrafeito, importante detalhe da arquitetura tradicional.⁴¹⁵ As molduras em relevo se manifestavam na periferia da parede e, adicionalmente, em uma larga faixa situada na altura do piso do segundo pavimento.⁴¹⁶ Os dois primeiros vãos térreos da cena eram então rasgados até o chão, podendo configurar-se como lojas ou acessos a diferentes unidades habitacionais da edificação. Nesse sentido, observava-se ainda uma entrada lateral no andar superior, incomum para uma tipologia urbana da época. Saltavam à vista, no detalhe dos vãos, as sobrevergas, as quais pareciam mais salientes se comparadas com as do estado atual do sobrado. Estas não correspondem, portanto, à primeira metade do século XIX ou época anterior, tendo em vista a sua ausência em imagens antigas. Sugere-se, assim, uma maior precocidade no uso das sobrevergas menos ressaltadas, sendo, no entanto, irresponsável, pelo momento, fazer qualquer asseveração nesse sentido.

O terceiro e último sobrado que combina cachorrada com sobrevergas conta com uma peculiaridade na forma dos vãos (Fig. 177).

⁴¹⁵ Para diferentes detalhes de contrafeito, ver VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 145.

⁴¹⁶ Segundo Robert Smith, essas faixas de separação entre os andares eram, juntamente com as cimalthas corridas sob os beirais, verdadeiros axiomas da arquitetura da América portuguesa. Ver SMITH (1975), *op. cit.*, p. 165.

177. Sobrado no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 89-95), vista geral e detalhe superior. São João del-Rei, 2015.

Trata-se do agenciamento de janelas retangulares no pavimento superior, em contraste com os arcos abatidos no térreo. O esquema indica um momento em que, supostamente, as vergas retas estariam em voga, em detrimento daquelas arqueadas. Tal fenômeno, entretanto se prolonga em boa parte do século XIX, sendo, portanto, difícil qualquer afirmação precisa a respeito, sem contar a possibilidade de futuras e aleatórias modificações na edificação. Nas fotos mais antigas, o sobrado é mostrado somente de costas, o que garante a presença de dois pavimentos pelo menos desde o terceiro quartel do Oitocentos. Em uma foto mais recente de meados do século XX ele aparece sem alterações muito profundas (Fig. 178).

178. Sobrado no Largo do Rosário, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

Mesmo assim, nota-se um movimento de “colonialização” em relação ao estado atual, já observado anteriormente em outros casos. Nesse sentido, as esquadrias dos vãos térreos, antes abrindo à francesa e com grandes peças de vidro, foram substituídas por portas com escuros e janela de guilhotina. Os lambrequins que escondiam a cachorrada foram retirados e a calha que descia em boa parte da fachada foi parcialmente ocultada, enquanto o barrado escuro e chapiscado foi suavizado. Em todo caso, as cercaduras e a parede lisa se mantiveram. Como provável proteção das intempéries, as vergas abatidas foram protegidas por rufos que interferiram pouco em termos volumétricos. Já as janelas do pavimento superior mantiveram as sobrevergas de perfil classicista típico, sem muita proeminência, congruentes com aqueles encontrados na Rua Santo Antônio (ver Fig. 166).

Quando consideramos os sobrados com beirais em beira-seveira, os exemplos novamente se multiplicam, a par do ocorrido nas casas térreas. No caso das vergas retas, destaca-se um trio ao longo da Rua Direita, todos com seis vãos encimados por sobrevergas e desprovidos de maiores atavios ornamentais.⁴¹⁷ Cabe ilustrar somente um deles, aquele situado quase em frente à Igreja Matriz (Fig. 179 e 180).

179, 180. Sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 38), vista da fachada e detalhe superior. São João del-Rei, 2012 e 2015.

Sua relativa modernidade se expressa nos grandes vãos alinhados e proporcionalmente distribuídos na fachada. A base com revestimento de lajotas de pedra é seguramente fruto de intervenção recente. O beiral conta com uma estranha irregularidade em uma de suas extremidades, com encurtamento das telhas embutidas resultante de uma provável reforma. Destaca-se sobre cada vão uma sobreverga de dimensões médias, nem muito discreta nem muito proeminente. Seu perfil se diferencia por uma base estriada à qual segue a sequência de concavidade, peito de pomba e, finalmente, um ressaltado de topo. O sobrado

⁴¹⁷ Os endereços dos outros dois sobrados não ilustrados são Rua Getúlio Vargas, n. 82 e 105.

comparece em fotos bastante antigas, em que são notadas modificações em comparação com o estado atual. Naquela cena oitocentista da Rua Direita (ver Fig. 25), a edificação pode ser observada desde um difícil ângulo (Fig. 181).

181. Sobrado da Rua Direita, São João del-Rei. Data provável: por volta de 1880, segundo DANGELO *et al.* (2014), p. 210. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG131/1/04. Ver imagem completa em Figura 25.

182. Sobrado da Rua Direita, São João del-Rei. Data provável: 1916, segundo anotação na foto. Fonte: desconhecida.

Percebe-se, no entanto, que os vãos térreos já se configuraram como portas, fato condizente com a importância comercial da rua à época. A fachada não contava com qualquer relevo, salvo o embasamento provavelmente de pedra marcado pelos socos. As sobrevergas, por sua vez, já apresentavam um corpo com dimensões análogas às atuais.

Outra foto, de algumas décadas mais tarde, mostra o sobrado com um pouco mais de detalhe (Fig. 182). Naquele momento, dois dos vãos térreos já haviam sido transformados em janelas de peitoril, permanecendo uma porta lateral de acesso com largura mais reduzida. Sendo assim, a base foi regularizada em uma faixa contínua.⁴¹⁸ As antigas guilhotinas foram substituídas por modernas esquadrias com bandeira fixa e folhas com grandes peças de vidro e venezianas abrindo à francesa. As sobrevergas, por sua vez, mantiveram a sua proporção. Não conseguimos interpretar as faixas escuras debaixo do beiral, pois suas linhas ora se prolongam como uma sombra contínua sobre a fachada da casa vizinha, ora se formam com tom mais suave abaixo, causando, em ambos casos, certa confusão na leitura.

⁴¹⁸ Em outro sobrado da Rua Direita (R. Getúlio Vargas, n. 82), as ombreiras dos vãos e respectivos socos foram mantidos na transformação de portas em janelas de peitoril. O mesmo fenômeno já pôde ser observado na casa térrea do Largo do Rosário mostrada na Fig. 158.

Em todo caso, o estado atual do sobrado em frente à Matriz tem duas faixas horizontais na fachada, uma no topo sob o beiral e uma no setor intermediário entre os dois pavimentos. Trata-se de adições posteriores, juntamente com o revestimento de pedra na base da edificação. As guilhotinas foram retomadas, mas as venezianas permaneceram em suas partes inferiores. Sendo assim, mantém-se, no aspecto geral, uma suposta tipologia antiga, apesar da modificação de detalhes. Cabe observar que as próprias sobrevergas, que se distinguem como motivos classicistas na fachada, podem ter sido fruto de adição posterior situada entre o momento de construção dos vãos – ou do sobrado inteiro – e a foto, de por volta de 1880. No futuro, com informações históricas e arquitetônicas mais precisas, quiçá seja possível realizar maiores averiguações.

Quando o assunto é beira-seveira combinada com vergas de arco abatido e respectivas sobrevergas, encontramos dois sobrados na Rua Santo Antônio. Eles aparecem quase juntos na tomada de André Bello, datada entre 1906 e 1918 (Fig. 183).

183. Detalhe de vista panorâmica com sobrados na Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Autor: André Bello. Data: entre 1906 e 1918. Fonte: desconhecida. Ver foto completa na Figura 28.

O sobrado à esquerda na cena encontra-se com uma de suas janelas truncadas por falha na fotografia, provavelmente causada pela junção de partes para formar a panorâmica. Apesar da baixa resolução da imagem, observa-se, em ambos os edifícios, a ausência de sobrevergas sobre os vãos. Tal asseveração só seria equivocada se a cor branca das mesmas se confundisse com a parede. Em dado caso, o relevo típico do detalhe ocasionaria sombras e uma possível visualização de tom contrastado, ausente na imagem. Se nossa leitura estiver correta, tais molduras teriam sido adicionadas em torno do segundo quartel do século XX, como veremos em seguida. Fora esse importante detalhe, a composição da envasadura na fachada se mantém até os dias de hoje.

O primeiro caso de sobrado se distingue por apresentar janelas retas no andar térreo e arqueadas no pavimento superior (Fig. 184 e 185).

184, 185. Sobrado da Rua Santo Antônio n. 164 (vista geral e detalhe superior). São João del-Rei, 2015.

Tal esquema poderia sugerir uma adição posterior de andar, uma vez que os vãos retos se manifestaram em primeiro lugar no século XVIII. A predominância de cheios sobre os vazados na fachada, com um generoso espaçamento entre as aberturas, daria respaldo para uma tipologia mais antiga embaixo e uma mais moderna e alinhada em cima. Entretanto, há sempre a possibilidade de modernização dos vãos e, ainda, de uma construção inteiramente nova a definir intencionalmente uma ordem diferente em casa pavimento. Somente estudos mais aprofundados com prospecções poderiam, quiçá, ajudar a esclarecer o assunto. Também chama a atenção o acesso pelo lado, possibilitado pela existência de área livre adjacente. Dá-se lugar, assim, a uma fachada lateral com vãos alinhados a definirem um eixo de simetria. As paredes não apresentam qualquer elemento em relevo, salvo a base chapiscada e pintada em duas diferentes faixas. A sobreverga é do tipo menos ressaltado, correspondente àquelas de um outro sobrado na mesma Rua Santo Antônio, que então intuímos ser de aplicação mais recente (ver Fig. 174). O seu aparecimento aqui e a sua ausência no início do século XX dão respaldo para tal hipótese.

Em uma outra foto de meados do século XX, as molduras sobre a verga aparentam inclusive contar com uma outra configuração (Fig. 186).⁴¹⁹

⁴¹⁹ Identificamos nos arquivos do IPHAN-MG e, principalmente, do MR-SJDR, uma série de fotos supostamente feita pelo engenheiro Artur Arcuri quando de sua atuação na instituição entre as décadas de 1940 e 1950. As fotos são identificadas pelos textos escritos em seus versos ou em papéis que as acompanham, pelas molduras picotadas e, ainda, pelas reduzidas dimensões. Quando não datadas, atribuímos a sua data a 'meados do século XX'. Para uma breve menção a fotos do engenheiro, ver MALDOS, Roberto. Histórico urbano das ruas de São João del-Rei. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v.XII, 2007, p. 361.

186. Sobrado da Rua Santo Antônio (atual n. 164), São João del-Rei. Data desconhecida, supostamente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

Elas se alteiam mais pronunciadamente, exibindo uma expressiva concavidade, não encontrada no estado atual. Também comparecem faixas em cor clara, quiçá em relevo, tanto na face frontal do cumhal voltada para a rua como sob os beirais. Estes detalhes não são percebidos na imagem pouco nítida de Bello e tampouco se apresentam na atualidade. Torna-se curioso observar que o partido caracterizado por altas sobrevergas abatidas conjugadas com relevos sutis a representar pilastras laterais e frisos superiores, encontrados em várias casas térreas (ver Fig. 141, 158 e 161), não corresponde a um motivo de época no caso deste sobrado. Entretanto, pode ser que sua feição de meados do século XX tenha sido inspirada em outras edificações da cidade e que, depois, tais motivos tenham sido retirados ou desvirtuados. A coincidência de procedimentos realizados no sobrado da mesma rua com beiral em cachorrada indica um padrão de intervenção (ver Fig. 112). Os fatores que teriam incidido na transformação atual – tais como busca por um suposto original, “colonialização”, opção de construtores ou de técnicos patrimoniais – fogem do escopo do presente trabalho. Cremos, assim mesmo, que poderiam ser melhor elucidados com uma maior pesquisa sobre os processos de obras arquivados no IPHAN.

Já vimos que o outro sobrado, que aparece com o pavimento superior alteado por detrás dos telhados na panorâmica de Bello, também carecia de sobrevergas. Nesse caso, entretanto, a adição de salientes molduras típicas sobre os vãos foi mantida até a atualidade, pelo menos no que respeita a outra foto antiga de data desconhecida (Fig. 187 e 188).

187. Sobrado da Rua Santo Antônio n. 132-136. São João del-Rei, 2015.

188. Sobrado da Rua Santo Antônio, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

Também foram aparentemente conservados os vãos, a base de pedra escalonada e pontuada pelos socos das portas com seus escuros, bem como o frechal à vista no topo da fachada. Permaneceram ainda, desde a panorâmica do início do século XX, as guilhotinas e a lateral visível do telhado. Não há qualquer indício de pilastra, e a faixa sob o beiral responde a uma questão mais técnica, sem necessária relação decorativa, como acontece naquele sobrado de linhas setecentistas ao lado da Igreja das Mercês (ver Fig. 109). Sendo assim, o edifício em questão estaria isento dos motivos classicistas que temos identificado, salvo as sobrevergas posteriormente inseridas.

Esse estudo dos sobrados são-joanenses que teriam recebido de forma pioneira os motivos classicistas típicos do casario – regularidade de vãos, pilastras, sobrevergas e outros relevos – causou bastante confusão na tentativa de uma leitura tipológica. Além da limitação do número de casos, percebe-se uma intensa mudança construtiva ao longo do tempo, em que elementos arquitetônicos alternam entre a manifestação e o desaparecimento. Deixar a amostra se expressar nos parece uma atitude correta, no sentido de observar a realidade dos fenômenos de transformação. Contudo, há ocasiões em que se geram frustrações quanto à identificação de possíveis padrões formais e sua inserção cronológica. Consideramos, mesmo assim, que se estabeleceram importantes relações tanto com as imagens antigas quanto com os congêneres térreos.

Até este momento, ficou sugerida alguma distinção cronológica de acordo com a maior ou menor presença de relevos decorativos nas fachadas ou com o tipo de perfil das molduras. Nesse sentido, a

amostra apresenta outras variações em detalhe que parecem situar-se em momento posterior. Ainda na esteira dos acabamentos de telhados em beira-seveira, destaca uma extensa casa térrea, que hoje se configura com várias unidades de morada, situada na esquina da Rua da Prata com o Largo de São Francisco (Fig. 189).

189. Casa térrea situada na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier) esquina com o Largo de São Francisco (Praça Frei Orlando). São João del-Rei, 2012.

A composição das fachadas acompanha seus pares situados na mesma Rua da Prata e no Largo do Rosário, ilustrados anteriormente (ver Fig. 158 e 161). Repetem-se os vãos regularmente distribuídos e com altas sobrevergas em arco abatido, além de faixas em relevo no topo, na base e nas laterais. A situação em esquina, entretanto, parece ter motivado um maior trabalho nos cunhais (Fig. 190).

190, 191. Detalhes da esquina da fachada e de uma sobreverga da casa térrea situada na Rua da Prata, esquina com o Largo de São Francisco. São João del-Rei, 2012.

Configura-se desde o piso uma base alta, seguida de uma moldura em massa formada por dois toros escalonados. Um outro sinal de relativa modernidade pode ser observado nos detalhes das sobrevergas (Fig. 191). Diferentemente do desenho típico até agora predominante em seus congêneres de tamanho semelhante, o perfil se apresenta de forma mais complexa, com um maior número de relevos alternando entre concavidades, frisos e peitos de pomba. Sendo assim, dois detalhes inéditos em nossa amostra – as bases dos cunhais e os perfis das sobrevergas – concorrem para uma sutil nuance arquitetônica que sugere um momento temporal mais à frente na linha cronológica.

Cabe lembrar que esta casa de esquina aparece em fotos muito antigas, como aquela que mostra a Igreja de São Francisco sem o adro construído (Fig. 192).

192. Casa térrea situada na Rua da Prata esquina com o Largo de São Francisco, São João del-Rei. Data provável: 1890-1900 (segundo a fonte) ou antes de 1874 (de acordo com inscrição no adro da igreja). Fonte: APM.

Já comentamos que a data impressa na pedra do adro, com o numeral 1874, indica uma tomada fotográfica feita em momento anterior a este ano. As pedras empilhadas em frente à igreja sugerem inclusive uma proximidade temporal, tal como o início da década de 1870. Acreditamos, pois, que a data provável indicada pela fonte como sendo o período entre 1890 e 1900 poderia ser reconsiderada. Em todo caso, a fachada da Rua da Prata aparece com o mesmo regime de distribuição de vãos e de detalhes em relevo, apesar da inexistência de porta centralizada à época. Não é possível ver com nitidez os detalhes, mas as sobrevergas aparentavam ter o mesmo regime de recortes que permanece na atualidade. Em outras fotos antigas dos arquivos do IPHAN e do Museu Regional de São João del-Rei também não se percebem maiores alterações, o que leva a crer em um notável grau de preservação do exterior da casa.

O uso da sobreverga, no entanto, não é obrigatório, principalmente em se tratando de casas mais modestas. Sendo assim, podem comparecer outros motivos classicistas individuais ou conjugados, tais como alguns exemplos de beirais sustentados por cimalkas diferenciadas. No caso da Rua Jogo da Bola, um conjunto de três casas térreas exibe fachadas simples de porta e janela e envasadura reta (Fig. 193 e 194).

193, 194. Casas térreas da Rua Jogo da Bola (Rua João Mourão n. 98-104-106), vista de fachadas e detalhe superior. São João del-Rei, 2015.

Aqui não há molduras sobre os vãos, mas em compensação apresentam-se pilastras em relevo em duas junções de fachadas. Trata-se de elementos pouco rebuscados, mas já com base e uma espécie de capitel simplificado no arremate com a cimalha. Esta, por sua vez, tem um perfil delimitado por uma faixa, à qual segue uma série de ressaltos com estrias, peitos de pomba e recorte a 90 graus. Se comparado com os exemplos anteriores, nota-se uma maior complexidade e estratificação no desenho, a par de uma mais acentuada presença de detalhes, ainda que simples, nas pilastras. Cabe mencionar o aparecimento dessas casas em uma antiga fotografia datada do ano de 1948 (Fig. 195).

195. Conjunto de casas térreas na Rua Jogo da Bola (R. João Mourão n. 98-104-106), São João del-Rei. Data: ano de 1948. Fonte: IPHAN-MG.

Nela percebe-se que não houve maiores alterações de fachada desde então. O conjunto se estendia com cimalha comum até uma casa ao lado, a qual se encontrava parcialmente demolida com duas janelas restantes e exibe atualmente uma fachada totalmente renovada.

Outro caso de variação de detalhe que sugere um momento cronológico posterior é encontrado no arremate superior das fachadas. Um exemplo pode ser observado em uma casa térrea da Rua da Prata (Fig. 196 e 197).

196, 197. Casa térrea na Rua da Prata (Rua Padre José Maria Xavier n. 132), vista de fachada e detalhe superior. São João del-Rei, 2015.

O partido segue uma tipologia tradicional com vãos de arco abatido e sobrevergas regularmente distribuídos, além de relevos em massa na base, pilastras laterais e topo da fachada. Figura como novidade o cordão ou moldura contínua posicionada abaixo da cimalha do beiral. Este elemento arremata lateralmente em cornijas que compõem os capiteis das pilastras, formando parte do sistema de relevos que enquadra a fachada. A faixa de alvenaria delimitada abaixo da cimalha ainda se mantém lisa, na cor da parede. Chama a atenção, ainda, a busca por uma simetria expressa no regular espaçamento entre os vãos e no agenciamento de entrada centralizada na composição. Embora necessitemos de mais casos para estabelecer um padrão, sugere-se uma correspondência entre o partido simétrico e o esquema supostamente mais moderno da decoração.

Outro exemplo semelhante, inserido em casa mais simples de porta e janela e vãos retos, pode ser encontrado na Rua São Roque (Fig. 198).

198. Casa térrea na Rua São Roque (R. José Mourão n. 52), vista da fachada e detalhe superior. São João del-Rei, 2014.

O esquema se repete no prolongamento das cornijas das pilastras ao longo da fachada. As molduras, incluindo a cimalha sob o beiral, contam com perfis bastante acidentados, incluindo frisos e trechos em peito de pomba e em 90 graus. Se comparadas com os detalhes em massa das primeiras cimalkas aqui ilustradas (ver Fig. 146 e 151), percebe-se nitidamente uma maior complexidade ornamental.

Um último caso de variação de motivo de orientação classicista é encontrado nas sobrevergas de duas edificações são-joanenses, uma térrea e outra em sobrado. A primeira delas encontra-se no Largo do Rosário, no lado esquerdo da igreja homônima (Fig. 199 e 200).

199, 200. Casa térrea no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 112). São João del-Rei, 2012 e 2015.

À primeira vista, encontraríamos uma fachada análoga à daquela casa térrea vizinha com altas cimalthas, porta lateral e duas janelas (ver Fig. 148). Porém, uma fotografia antiga mostra que a moldura sob o beiral já apresentou anteriormente uma altura mais reduzida (Fig. 201).

201. Casa térrea no Largo do Rosário, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

Com efeito, o perfil atual conta com uma sequência de ressaltos atípica. Interessa ressaltar, entretanto, o detalhe do arremate no alto dos vãos, cuja configuração coincide nos dois momentos retratados (ver Fig. 200 e 201). O perfil da sobreverga encontra-se bastante mais estriado com sulcos e frisos do que a maioria dos exemplos até agora vistos, não apresentando nem a concavidade nem o peito de pomba típicos. Chama a atenção a sua inflexão nas extremidades laterais, de modo a formar um dente escalonado. Imprime-se movimento no detalhe, como se a moldura quisesse se destacar de seu lugar sobre a verga. As ombreiras, por sua vez, acompanham esse detalhe ao se encorpam com a sequência de duas inflexões curvas antes de arrematarem com a sobreverga. Tais motivos empregados nas molduras dão um efeito de reverberação, que remetem ao vocabulário barroco.

Um detalhe muito semelhante é encontrado em um sobrado situado na antiga Rua São Miguel, hoje no Largo da Cruz (Fig. 202 e 203).

202, 203. Sobrado (fachada e detalhe superior de vão) na Rua São Miguel (Praça Dr. Paulo Teixeira n. 144). São João del-Rei, 2014 e 2015.

Sua fachada se destaca pela regularidade e o considerável tamanho de vãos aproximados entre si. Não se apresentam, mesmo assim, maiores relevos na parede, salvo um discreto friso sob a beira-seveira e uma faixa na base com cor diferenciada. Interessa, entretanto, ressaltar as sobrevergas construídas em madeira. Seus arremates laterais seguem os mesmos movimentos daquelas presentes na casa térrea do Largo do Rosário, apesar de contar com um perfil menos recortado e mais próximo do típico. Sendo assim, a moldura se estratifica em suas terminações laterais, expressando um ressalto que contribui para a sua liberação da cercadura. A dinâmica de estratificação se acentua pela interrupção do cordão inferior, em descompasso com o restante do perfil. Também coincidem os detalhes escalonados nas bordas externas das ombreiras, que acompanham o movimento de reverberação da quina superior do vão. No geral, esses pormenores do alto dos vãos se apresentam com uma maior complexidade formal e construtiva se comparados com os modelos anteriores mais comuns.

Nas quinas superiores das cercaduras dos vãos percebem-se linhas de junção das peças de madeira debaixo da pintura. De fato, trata-se de adição recente, como se pode notar em uma foto anterior mas não muito antiga, já a cores (Fig. 204).

204. Sobrado na Rua São Miguel (Largo da Cruz), vista da fachada e respectivo detalhe superior, São João del-Rei. Data desconhecida. Fonte: IPHAN-MG.

Apesar da falta de nitidez, presume-se a ausência de qualquer relevo nas ombreiras, que fazem um encontro de topo com as sobrevergas. Estas, por sua vez, pareciam não contar com escalonamento lateral. Sendo assim, supõe-se que tais molduras tenham sido refeitas, naquela ou em uma outra obra, com um novo desenho.

Como conhecemos somente o caso análogo da edificação térrea do Largo do Rosário antes ilustrado (ver Fig. 199 a 201), cabe destacar um possível modelo no templo homônimo em frente. A portada da Igreja do Rosário, com inscrição a indicar os meados do século XVIII, exhibe um surpreendente detalhe na base de seu frontão (Fig. 205).

205. Vista geral da portada e detalhe de cimalha da Igreja do Rosário. São João del-Rei, 2015.

Trata-se das laterais da portentosa moldura situada entre o quadro da porta e o paramento decorativo. Elas se estratificam em um tramo rebaixado, fazendo ressaltar a parte frontal e criando movimento no arremate com a parede. Apesar da configuração retilínea do elemento, a forma de seus acabamentos é análoga à de seus pares civis com verga abatida. Fica sugerida, mais uma vez, a apropriação pelo casario de detalhes presentes na arquitetura religiosa, que teria incorporado primeiramente as novidades arquitetônicas. Assim mesmo, fica difícil estimar os momentos em que esta suposta transferência teria acontecido.

Os motivos de orientação classicista até aqui estudados mostram tanto padrões típicos como variações que dificultam classificações precisas. As transformações da arquitetura ocorridas ao longo do tempo expressam dinâmicas tipológicas mas, ao mesmo tempo, confundem a leitura sobre elas. É possível, entretanto, formar um quadro interpretativo sobre o casario. Nesse sentido, cabe agora apontar algumas referências cronológicas e formais, com vistas a estabelecer relações com a arquitetura são-joanense.

Referências formais e cronológicas

O trecho do texto de Sylvio de Vasconcellos que trata das fachadas urbanas transita entre tipologias térreas e sobrados, entre casas nobres e outras mais comuns, além de citar referências cronológicas em todo o percurso da segunda metade do século XVIII. Em um primeiro momento, menciona o início da substituição dos cachorros por cimalkas a partir de meados do Setecentos. Em uma seguinte parte do texto, o autor passa a referir-se, ainda que de forma confusa, aos finais do século XVIII, quando então anuncia, com base em edifícios oficiais e religiosos, um novo estilo sucessor do Barroco.⁴²⁰

Nesse quadro de transição entre o Barroco e um novo estilo ligado ao Neoclassicismo ou Ecletismo, que parece prolongar-se pelo menos até o início do século XIX, Vasconcellos menciona a construção de casas nobres de aspecto severo:

Pilastras nos cunhais... , grandes cimalkas de alvenaria e massa ou ainda de madeira... , maciças paredes com seus portais de pedra, caracterizam estes graves sobrados construídos pela incipiente aristocracia de Vila Rica.

As composições são amarradas, sem linhas dominantes, simétricas, estáticas, e as portas principais, maiores e mais apuradas, funcionam como ponto de convergência do conjunto.⁴²¹

Sendo assim, o tom compositivo ainda era o de fachadas maciças, adornos sóbrios e despojados, além de regularidade na distribuição de vãos. As cimalkas e pilastras em relevo seriam raramente construídas em pedra, restringindo-se este material a pormenores como a base e a parte superior dos cunhais. Quando de massa ou de madeira, esses detalhes buscariam, com o artifício do desenho e da pintura, a aparência da cantaria. O autor sugere ainda a persistência dos arcos abatidos nas vergas. Entretanto, não se oferecem

⁴²⁰ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 183-192.

⁴²¹ *Idem, ibidem*, p. 193.

maiores pistas sobre o que estaria acontecendo no casario mais comum de Vila Rica, embora se aceite a apropriação de motivos presentes em edifícios nobres e institucionais na arquitetura residencial.⁴²²

Tal esquema tipológico remete bastante ao casarão térreo situado na Praça da Câmara de São João del-Rei anteriormente estudado (ver Fig. 141 a 146). Nele contrasta a regularidade e a simetria da composição com o aspecto ainda pesado da fachada. Os detalhes predominantemente em massa – cunhais, cimalkas, sobrevergas – buscam representar, em sua simplicidade, motivos clássicos em relevo, com destaque para a portada centralizada. A data estimada do início do século XIX também coincide, grosso modo, com a das casas abastadas de Vila Rica.

Há ainda esparsas referências de motivos clássicos no casario tradicional paulista. Ao aludir à época do personagem João da Costa Ferreira, que chegou a São Paulo no ano de 1788 e lá faleceu em 1822,⁴²³ Carlos Lemos destaca ornatos singelos como as sobrevergas em “peito de pomba” sobre as envasaduras recurvadas, além das cimalkas de madeira pintada sob os beirais.⁴²⁴ Reis Filho, por sua vez, também chama a atenção, dentro de um quadro de transformações ocorridas entre as duas últimas décadas do século XVIII e o início da centúria seguinte, para as molduras dispostas sobre as vergas de arco abatido.⁴²⁵

Vasconcellos mostra ainda diferentes perfis de cimalkas (Fig. 206).

No caso das casas urbanas térreas, predominariam as cimalkas de alvenaria e massa com desenho simples, em forma de peito de pomba (perfil 1) ou escócias de estuque (perfil 2). Já nos sobrados, o material mais comumente usado era a madeira, já que moldava mais facilmente as arestas, faixas, filetes e lacrimais

⁴²² VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 192-194.

⁴²³ Para dados sobre a biografia e obra do brigadeiro português João da Costa Ferreira (1750-1822), ver BUENO, Beatriz P. S. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. *Anais do Museu Paulista* [online]. 2009, v. 17, n. 2, p. 148-149.

⁴²⁴ LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989a, p. 28-29.

⁴²⁵ REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 104.

acentuados em luz e sombra (perfis 3 e 4). Haveria ainda outros tipos de cimalkas com cordão inferior, escócia e arremate em lacrimal (perfil 5) ou topo arredondado (perfil 6).⁴²⁶

Curiosamente, os perfis de cimalkas encontrados em São João del-Rei não correspondem precisamente aos de Vila Rica. Encontramos variações que, de forma geral, tendem a combinar os diferentes elementos – frisos, escócias, trecho com recorte em 90 graus, peitos de pomba – em composições híbridas. Cabe lembrar que os acabamentos são-joanenses são predominantemente feitos em massa, uma técnica relativamente mais maleável se comparada com a pedra e inclusive a madeira. Vasconcellos não descreve com precisão os motivos nem faz alusão direta aos desenhos, sendo difícil estabelecer referências cronológicas mais precisas. Os dois perfis de número 5 e 6 aparentam, pelo tipo de contorno, uma confecção em massa. Os respectivos cordões inferiores se apresentam dentro do conjunto das cimalkas, como acontece nos dois primeiros casos são-joanenses neste capítulo ilustrados (ver Fig. 146 e 151).

Entretanto, uma referência de cordão ou moldura destacada da cimalka, na projeção de elemento semelhante nas pilastras laterais, é mostrado no caso português. Cabe lembrar que as relações com Portugal estavam em voga, seja pela sua condição ainda de metrópole, seja pela chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808. Vejamos, pois, alguns antecedentes e referências do além-mar. Quem nos dá notícia é mais uma vez Helder Carita, que afirma que a maioria dos edifícios vernáculos dos séculos XVI e XVII contava bom beiral sustentado por beira-seveira ou cimalka de alvenaria. As versões mais sofisticadas estariam muitas vezes inspiradas em casas nobres e comumente construídas com molduras de pedra lavrada.⁴²⁷ O autor apresenta exemplos de cimalkas típicas do Bairro Alto de Lisboa (Fig. 207).

207. Detalhes e perfis de cimalkas em edificações do Bairro Alto de Lisboa, Portugal. Fonte: CARITA (1994), p. 178.

⁴²⁶ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 183, 187-189.

⁴²⁷ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 179.

O primeiro conjunto corresponde a perfis construídos em alvenaria e massa, portanto com ressaltos mais espaçados e contornos menos definidos, de acordo com a técnica construtiva. Já o segundo exemplo lisboeta, feito provavelmente em cantaria, conta com uma maior complexidade de recortes. Em ambos os casos, sustentam-se beirais de telhas em capa e canal com diferentes graus de balanço, destacando-se ainda o arremate de telha recurvada para cima em uma das pontas.

Observa-se uma destacada semelhança com um dos perfis típicos mostrados para Vila Rica, nomeadamente o de número 4 (ver Fig. 206). Nesse sentido, Vasconcellos afirma que os cunhais e outros relevos tais como abas e cordões também eram usualmente combinados com a cimalha, resultando inclusive em ressaltos e em temas decorativos contínuos.⁴²⁸ Já vimos que os pares de São João del-Rei apresentam pequenas variações e não correspondem precisamente aos modelos da antiga capital mineira ou de Portugal. Mas o elemento construtivo e os desenhos dos relevos coincidem no geral, fazendo crer não só em uma aplicação programática do sistema clássico, mas também em uma circulação de referências. O segundo exemplo de cunhal lisboeta conta com aquela moldura que define o capitel quadrangular da pilastra e se prolonga como um cordão no topo da fachada. Não é possível distinguir com clareza o material no caso português e tampouco há maiores referências cronológicas. Em todo caso, o esquema formal se assemelha bastante com os dois exemplos são-joanenses correspondentes, ficando delimitada aquela faixa entre a cimalha e o cordão ou moldura no topo da fachada (ver Fig. 197 e 198). No contexto são-joanense, entretanto, as molduras contam com perfis ligeiramente mais complexos, com uma maior frequência de relevos, sugerindo quicá um maior avanço no tempo.

Carita aborda também os cunhais da arquitetura urbana de Lisboa. Eles funcionariam, em um primeiro momento, como elementos estruturantes de amarração das extremidades das edificações, sempre construídos com blocos de pedra. O autor faz uma distinção entre a arquitetura vernácula, em que predominariam linhas elementares, e a arquitetura erudita, com um maior trabalho plástico no agenciamento de molduras, bases e cimalkas. Com o uso das estruturas de gaiola no período pombalino, os cunhais de pedra perderiam a função estrutural para os esteios de madeira e se tornariam elementos decorativos, ainda que se mantivesse o capeamento pétreo. No caso da arquitetura ordinária, os mesmos passariam a ser destacados como relevos na alvenaria. Uma vez reforçada a função decorativa, eles sofreriam, no Romantismo ou século XIX, maiores variações como curvas e chanfros nas esquinas.⁴²⁹

Os exemplos são-joanenses que vimos até agora corresponderiam no geral com versões vernáculas, despojadas de maiores atavios construtivos e decorativos. Mesmo em edificações com maiores recursos, definidas supostamente por fatores como escala e localização nobre no núcleo urbano, as pilastras apenas ficam sugeridas com discretos relevos em massa ou capitéis no arremate com a cimalha. Os exemplos dignos de consideração, por sua possível correspondência a uma tipologia de época, são entretanto raros, sendo difícil estabelecer maiores padrões. Cabe lembrar que a persistência de beirais em beira-seveira e

⁴²⁸ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 188.

⁴²⁹ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 140-143.

em cachorrada também parece contribuir para a diminuição da riqueza de molduras, uma vez que restringem a aplicação do sistema classicista.

Outro motivo que a arquitetura portuguesa inspira é a sobreverga, a qual seria tradicionalmente lavrada em cantaria, em consonância com as molduras dos vãos. Um primeiro modelo, mais simples, é bastante comum nas casas urbanas Setecentistas do norte português, especialmente na cidade do Porto (Fig. 208).⁴³⁰

208. Desenho de verga em cantaria típica de casas urbanas do Porto, Portugal. Fonte: OLIVEIRA e GALHANO (1994), p. 324.

O desenho típico mostrado por Oliveira e Galhano mostra o arremate superior das vergas abatidas com pequenos frisos boleados. O relevo se projeta, tanto para a frente do quadro como para as laterais, em dois níveis de ressalto. Cabe lembrar, neste contexto, os exemplos de sobrados tanto lisboetas como portuenses anteriormente ilustrados, com o mesmo detalhe no topo dos arcos abatidos (ver Fig. 95 e 98).

No casario de São João del-Rei, as sobrevergas são construídas predominantemente em massa, havendo ainda exemplos em madeira, nunca em cantaria. Em outras localidades mineiras, entretanto, a pedra pode figurar como o material de todo o vão, incluindo as cimalthas de arremate superior. Há um caso registrado deste pormenor na arquitetura supostamente civil da localidade de Mateus Leme, Minas Gerais (Fig. 209).⁴³¹

⁴³⁰ OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando. *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 324-325.

⁴³¹ VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 32 e capa do livro.

209. Detalhe de vão em cantaria encontrado em Mateus Leme, Minas Gerais. Fonte: VASCONCELLOS (1979), p. 32.

Não dispomos de maiores informações sobre esta janela e a edificação que a abriga. Percebem-se, mesmo assim, detalhes bastante semelhantes aos pares portugueses no emparelhamento da cantaria e, em especial, na sobreverga ressaltada. Sugere-se, dessa forma, o amplo trânsito do modelo luso na colônia brasileira. A fotografia deste caso mineiro mostra ainda, apesar da falta de nitidez, a conjugação com o que seria uma cimalha no arremate do beiral. Pelo contraste de tonalidade com o marco do vão, presumiríamos o uso de madeira com pintura. Se for assim, indica-se a conjugação das cornijas das sobrevergas com beirais em cimalha, apesar da diferença de material.

Essas discretas sobrevergas arqueadas, típicas do século XVIII, teriam, desde nosso ponto de vista, antecedido aquelas mais salientes, as quais se apresentam primeiramente em edificações mais nobres ou monumentais. Já vimos inclusive a sua manifestação no contexto são-joanense, nomeadamente no topo das janelas frontais da Igreja do Rosário, datadas possivelmente de meados do século XVIII (ver Fig. 101). Também nesse caso as semelhanças com os exemplos civis tanto brasileiros como portugueses se mostram evidentes, apesar da maior simplificação do desenho e do achatamento do arco. Sendo assim, o perfil novamente se configura com uma concavidade seguida de ressaltos projetados para frente e para as laterais. De fato, essas proeminentes sobrevergas de cantaria, inseridas sobre arcos abatidos do tipo ‘canga de boi’, são encontradas em diferentes igrejas das Minas setecentistas e, inclusive, em edificações civis de caráter oficial, tais como casas de governadores e de câmara e cadeia.⁴³² A partir de finais daquele século ou início do Oitocentos, elas passariam a ser gradualmente empregadas no casario, primeiro nas casas mais abastadas e logo nas mais comuns, sendo construídas usualmente em madeira ou em massa. Sendo assim,

⁴³² Ver, por exemplo, igrejas do Rosário e de São Francisco em Ouro Preto e a do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas. Robert Smith tece um interessante comentário sobre o uso das salientes sobrevergas em arco abatido, que teriam sido praticadas em Portugal por influência italiana e trazidas à América portuguesa pelos engenheiros militares em meados do século XVIII; a versão em ‘canga de boi’ teria se difundido no terceiro quartel do Setecentos; ver SMITH (1975), *op. cit.*, p. 167-168. Cabe lembrar, entretanto, que os engenheiros militares no Brasil-colônia eram geralmente responsáveis, no âmbito civil, pela construção de edifícios oficiais, sendo o casario comum riscado e executado por mestres pedreiros e mestres carpinteiros; ver: BUENO, Beatriz P. S. *Desenho e designio: o Brasil dos engenheiro militares (1500-1822)*. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 2011, p. 265.

a correspondência formal respalda a ideia de que a arquitetura ordinária se inspiraria nas edificações mais nobres e monumentais.⁴³³

No norte de Portugal, a sobreverga de pedra e com relevo pronunciado é pouco comum na arquitetura urbana ordinária, pelo menos no que diz respeito à nossa amostra. Mesmo assim, aparecem em um par de sobrados de Braga (Fig. 210).

210, 211. Edificação e detalhe de sobrevergas pronunciadas sobre arcos abatidos em sobrado de Braga. Portugal, 2014.

Fica difícil arriscar uma datação precisa deste sobrado aqui ilustrado, mas supomos algo em torno do primeiro quartel do século XIX. Isso é devido aos detalhes de cantaria menos rebuscados se comparados com aqueles do século anterior, com destaque para as mísulas de sustentação do balcão corrido e as pilastras laterais com base e capitel simplificados. Também o desenho e a técnica das grades do guarda-corpo, bem como os aventais dos vãos superiores, constituem motivos relacionados com o Oitocentos. A interrupção das pilastras na cimalha de arremate do terceiro andar indica a adição posterior do último pavimento, fato evidenciado ainda pela diferença de linguagem.⁴³⁴ Os azulejos na fachada e as esquadrias também são motivos relativamente modernos.

Em todo caso, interessa destacar na edificação bracarense as proeminentes sobrevergas de cantaria que coroam os vãos atrás do balcão (Fig. 211). Se nossa estimativa cronológica estiver correta, poderíamos supor o emprego deste motivo classicista no casario mais comum por volta das duas primeiras décadas do século XIX, a par de seus congêneres brasileiros. Neste exemplo português, as molduras

⁴³³ Para a noção de manifestação pioneira de motivos arquitetônicos em edificações nobres e institucionais, antes da apropriação pelo casario, ver LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 101-102; LEMOS (1997), *op. cit.*, p. 234; SILVA, Geraldo G. Arquitetura eclética em Pernambuco. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 181; SOUSA, Alberto. *Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame*. São Paulo: Pini, 1994, p. 110; e ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a, p. 32.

⁴³⁴ Para a adição de pavimentos modernos a partir da interrupção dos cunhais, ver CARITA (1994), *op. cit.*, p. 141.

alteadas se justapõem umas às outras para formar um elemento contínuo que perpassa toda a fachada. O perfil se caracteriza por uma sequência de concavidade seguida de pequenos recortes arrematados em um friso boleado. O balanço da estrutura também se sente nas laterais, de forma a ultrapassar as ombreiras. O desenho é claramente associável ao daquelas sobrevergas de massa encontradas em São João del-Rei (ver, por exemplo, Fig. 152 e 153), apesar das diferenças de material e de técnica construtiva. Corrobora-se, desse modo, a circulação de referências através do Atlântico, bem como a ideia de imitação da cantaria com outras técnicas alternativas.

Aproveitando a abordagem da arquitetura portuguesa, vejamos alguns exemplos de edificações que, pela manifestação de motivos classicistas semelhantes, se relacionam aos pares são-joanenses. No grupo dos exemplos térreos, destaca-se uma velha casa na cidade de Faro com envasadura de pedra e detalhes em massa, típicos da arquitetura do Algarve (Fig. 212).

212. Casa térrea em Faro. Portugal, 2014.

Os vãos retos encontram-se regularmente distribuídos, com porta lateral, em toda a largura da fachada. Chamam nossa atenção a cimalha simples, com poucos recortes, sob o beiral, e as faixas a definir pilastra lateral – ausente em um dos lados – e base somente interrompida pelos socos da porta. Todos esses motivos são encontrados de forma análoga em edificações são-joanenses anteriormente ilustradas. As principais diferenças desse exemplo português se identificam, principalmente, no uso da cantaria na envasadura e na maior proporção dos cheios sobre os vazios na alvenaria.⁴³⁵

Outro exemplo térreo é dado no par de casas situada na área antiga da cidade de Aveiro, conhecida por albergar antigas moradias mais simples de pescadores (Fig. 213).

⁴³⁵ Para outros exemplos de edificações vernáculas de Portugal a exibir motivos simples de orientação classicista, ver SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: SNA, 1961, v. 2, p. 26, 31, 85, 170, 177, 191.

213. Par de casas térreas em Aveiro.
Portugal, 2014.

O partido se difere pela composição de porta e janela em um caso e de entrada central com fachada simétrica no outro. Elas compartilham, mesmo assim, as molduras na base, nas cimalhas sob o beiral e nas pilastras laterais e intermediária. Diferentemente dos seus congêneres são-joanenses com telhados de duas águas e telhas de capa e canal, aqui as coberturas contam com tacaniças frontais e modernas telhas francesas. Mas a composição geral e os relevos remetem bastante àquela tipologia simples de vãos retangulares encontrada, por exemplo, na Rua da Cruz e na Rua Jogo da Bola (ver Fig. 154 e 193). A envasadura da casa portuguesa de menores dimensões conta com recortes retos que recordam aqueles movimentos no alto das ombreiras de duas edificações de São João del-Rei (ver Fig. 200 e 203).

Em outro par de casas térreas, agora na cidade de Angra do Heroísmo nos Açores, as fachadas se apresentam com características idênticas de partido simétrico com porta central (Fig. 214).

214, 215. Par de casas térreas em Angra do Heroísmo. Açores, Portugal, 2014.

A regularidade na distribuição dos vãos, a predominância da massa como material de acabamento, as grades em ferro fundido, as gateiras de respiração dos sótãos e inclusive as esquadrias indicam, provavelmente, um momento mais avançado no século XIX. Mesmo assim, chamam a atenção os detalhes superiores da fachada (Fig. 215). Tanto a cimalha sob o beiral como a sobreverga reta mostram a sequência de concavidade, peito de pomba e arremate superior em perfil reto, usualmente praticada em molduras são-joanenses.

Também encontramos em Portugal casas térreas com vãos de arco abatido. Na mesma cidade de Angra de Heroísmo, há uma casa com estes vãos, combinados a cunhais estreitos e contrastados com o branco da alvenaria em cada uma de suas esquinas (Fig. 216).

216, 217. Casa térrea de esquina (vista geral e detalhe superior) em Angra do Heroísmo. Açores, Portugal, 2014.

As molduras simples da envasadura, das pilastras e da base da fachada só encontram um maior rebuscamento nas cimalhas, que assim mesmo apresentam um perfil desenhado somente com uma concavidade seguida de elegante peito de pomba (Fig. 217). As dimensões e o desenho dessas molduras em cor escura sugerem o uso da pedra, material tradicional na construção civil da Ilha Terceira. Também bastante usual é o beiral que conjuga uma cimalha relativamente discreta com uma beira-seveira de somente uma fiada de telhas embutidas.

Em outra casa térrea portuguesa com vergas alteadas, agora na capital do Alentejo, a fachada se diferencia pela simetria e pelo uso da massa em suas molduras (Fig. 218).

218. Casa térrea em Évora. Portugal, 2014.

Sua situação fora das muralhas antigas de Évora e solta no terreno cria certa desconfiança sobre a sua antiguidade, mas merece ainda assim a nossa atenção. A aparência é bastante sóbria e despojada, com vãos de molduras lisas e predominância dos cheios. Mesmo assim, o cunhal mais largo e melhor definido na base e no encontro com a cimalha lembra alguns casos são-joanenses, como aqueles da Praça da Câmara e do Largo de São Francisco (ver Fig. 141 e 189).

Quando passamos aos sobrados portugueses, os casos se multiplicam consideravelmente. A seleção fica difícil, mas vale a pena ilustrar alguns exemplos. Cabe lembrar que em nossa amostra de São João del-Rei não foram identificados sobrados remanescentes ainda simples, sem balcões, a exhibir cimalhas sob os beirais. No contexto luso, esses motivos estão quase sempre presentes. Em compensação, as sobrevergas são bastante raras. Mesmo assim, podemos mostrá-las, na versão reta, inseridas em uma edificação com três pavimentos situada na cidade de Braga (Fig. 219).

219. Sobrado em Braga. Portugal, 2014.

As cercaduras dos vãos são de cantaria, como de costume, e sustentam, nos dois andares de baixo, largas vergas com respectivas sobrevergas. Tanto a saliência como o desenho do perfil das molduras – composto de recorte reto seguido de peito de pomba e friso superior – não se igualam a seus pares são-joanenses, mas se equivalem em termos gerais de composição. A pilastra lateral é contudo simples, sem maiores relevos, com a exceção de uma pedra atravessada no extremo superior, que sugere um capitel de sustentação da cimalha. Esta, por sua vez, também se apresenta de forma pouca rebuscada, com peito de pomba arrematado por recorte reto. De modo geral, a distribuição dos vãos nos andares superiores e a relativa simplificação dos detalhes, encontrados também em outras regiões de Portugal, remetem a sobrados são-joanenses na linha daquele situado em frente à Igreja Matriz (ver Fig. 179).

Cabe lembrar a marcante presença de altas sobrevergas retas na arquitetura portuguesa desde pelo menos o século XVII, destacadamente em edificações mais nobres como sobrados burgueses, palacetes urbanos e solares. Nesse sentido, Carita apresenta exemplos tanto de portais maneiristas decorados, como de janelas rasgadas com balcões.⁴³⁶ O livro *Solares Portugueses* também mostra grandes solares nobres, dos séculos XVII e XVIII, a exhibir no topo de vãos retos as cimalkas de perfil simples, sempre de cantaria.⁴³⁷ Tais motivos, entretanto, se distinguem das discretas sobrevergas retas de São João del-Rei, embora possam ter importância na transformação arquitetônica ao longo da história que derivou em novas configurações em contexto brasileiro, como sugerido por Robert Smith.⁴³⁸

Em outros casos, destacadamente na Ilha Terceira dos Açores, comparecem vergas de arco abatido, mas ainda isentas de sobrevergas (Fig. 220).

⁴³⁶ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 148-149.

⁴³⁷ AZEVEDO, Carlos. *Solares portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969, estampas 41, 43, 73, 127 e respectivos textos explicativos.

⁴³⁸ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 167.

220. Sobrados e respectivo detalhe superior, Angra do Heroísmo. Açores, Portugal, 2014.

As pilastras se apresentam usualmente com molduras simples indo de encontro direto com discretas cimalhas sob os beirais. Suas bases, entretanto, costumam se diferenciar em proeminência e em recortes, como no caso aqui ilustrado. Em comparação com os pares são-joanenses, o pé-direito é mais baixo, como acontece na maioria dos sobrados portugueses. Mesmo assim, coincidem o enquadramento da fachada com molduras, o alinhamento dos vãos de arco abatido, as guilhotinas e, inclusive, a beira-seveira, aqui conjugada com cimalha.

Um último exemplo de sobrado português encontra-se nos arredores de Lisboa, na freguesia do Lumiar (Fig. 221).

221, 222. Sobrado e respectivo detalhe superior, freguesia do Lumiar. Lisboa, Portugal, 2014.

Ele foge um pouco do casario tipicamente urbano por seu grande tamanho e pela ausência de vizinhos justapostos, sugerindo uma situação mais próxima das chácaras. Apesar de as duas portas de um andar térreo ou subterrâneo se encontrarem aleatoriamente posicionadas, indicando uma possível intervenção posterior, a fenestração se distribui regularmente com pequenas variações de intervalo entre os vãos. As janelas com cercadura de cantaria correspondem àquele desenho típico com arco abatido, discreta sobreverga boleada e fechamento em guilhotina (Fig. 222). Também de pedra são as outras molduras da fachada, com exceção da cimalha de alvenaria e massa que corre sob o beiral. O cunhal apresenta feições mais rebuscadas, se comparadas com as dos outros exemplos até agora vistos. A aproximação da imagem é pouco nítida, mas percebem-se os pronunciados relevos no arremate com o beiral. No geral, a edificação remete bastante àquela casa térrea são-joanense da Praça da Câmara, a primeira que mostramos neste capítulo, apesar da diferença de escala. Chama ainda a atenção, no sobrado do Lumiar, as marcações que correm horizontalmente ao longo da extensa fachada até arrematar nos cunhais. Com o reduzido pé-direito, o cordão que delimita uma espécie de capitel no cunhal aproveita para amarrar as janelas superiores na altura das sobrevergas. Já nos setores intermediários, é uma faixa que percorre a parede nas projeções dos pisos interiores do casarão. Já vimos que tais molduras de marcação são comuns em São João del-Rei, mesmo quando inseridas com relevos de massa em edificações mais modestas tanto térreas quanto assobradadas.

A incursão pela arquitetura portuguesa resulta interessante pelas associações com os pares são-joanenses. Embora não se avance muito em termos de referências cronológicas, é possível ampliar o repertório e discutir os motivos arquitetônicos para, assim, relacionar parâmetros tipológicos, sempre visando a uma maior compreensão do casario brasileiro em pauta. Nesse sentido, a iconografia coetânea pode contribuir ainda com obras datadas. Essa produção documental e artística foi fomentada pela abertura dos portos em 1808, que proporcionou uma maior afluência de estrangeiros na América

portuguesa durante as primeiras décadas do século XIX. Alguns deles foram responsáveis pela produção de obras iconográficas inestimáveis, com destaque para a cidade do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, destaca-se a atuação do comerciante inglês Richard Bate (1775-1856).⁴³⁹ Suas aquarelas retratam diversos cenários urbanos da capital carioca, sendo em muitos deles a arquitetura civil o tema central de interesse. Em uma das cenas, datada do mesmo ano de 1808, é representado com maior sorte de detalhes arquitetônicos um trecho de casario comum do Rio de Janeiro (Fig. 223).

223. Casas na Rua Mata-cavalos, Rio de Janeiro. Data: ano de 1808. Autor: Richard Bate. Fonte: FERREZ (1965).

Apesar da densidade construtiva indicada pelas meias paredes, tratava-se de um trecho que fazia a ligação entre o centro e os arrabaldes da cidade. A relativa simplicidade e a escala de parte de sua arquitetura levam-nos a crer em um casario mais ou menos corrente, pouco nobre. As três casas contavam com vergas em arco abatido, de acordo com sua vigência. O fechamento dos vãos com treliças e rótulas, entretanto, começara a sofrer proibições à época.⁴⁴⁰ Embora a casa térrea da direita se mostrasse com beira-seveira, a cimalha predominava sob os beirais desta cena. No trecho de sobrado, que apenas aparece no canto da figura, constava uma pilastra no extremo da fachada, a modo de um cunhal. Ela apresentava um desenho simples, com detalhes ressaltados apenas em sua base e topo. Juntamente com a cimalha do beiral, conferia ao conjunto da fachada um classicismo austero, dada a simplicidade dos detalhes. Outro sinal de relativa modernidade no sobrado eram as vidraças em quadros de guilhotina e a pigmentação diferenciada tanto da parede como da envasadura, em contraste com as treliças, escuros, paredes caiadas e marcos de cores clássicas – verde e azul – das casas térreas vizinhas.

Desde nosso ponto de vista, a arquitetura carioca apresentada por Bate é bastante semelhante àquela praticada em São João del-Rei. Os esquemas de beirais, incluindo a beira-seveira, e de marcação de pilastras, bem como a forma e a disposição dos vãos nas fachadas, coincidem nos aspectos gerais. Uma diferença é percebida na altura reduzida dos pés-direitos no caso carioca. Não sabemos, no entanto, se isso

⁴³⁹ Para dados sobre Richard Bate, ver texto introdutório de livro sobre a sua obra: FERREZ, Gilberto. *Aquarelas de Richard Bate: o Rio de Janeiro de 1808-1848*. Rio de Janeiro: Galeria Brasileira, 1965, p. 6-14.

⁴⁴⁰ MARINS, Paulo C. G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

é devido a uma maior proximidade aos modelos portugueses ou a uma simples distorção do desenho. Chama a atenção, ainda, a ausência de sobrevergas nestes exemplares do Rio de Janeiro. Poderíamos inferir que o elemento ainda não seria usual à época? Ou seria uma resposta à pedra que, tradicionalmente emoldurando os vãos, dispensaria o uso destes detalhes?

Vejamos outras cenas depois de passados alguns anos. Já tivemos a oportunidade de observar a casa de Debret no bairro carioca do Catumbi, aquarelada no ano de 1816 (ver Fig. 87). Nela são notados vários dos motivos clássicos em uma composição regular e simétrica, com destaque para as cimalkas sob os beirais e a marcação de pilastras a modo de cunhais. A correspondência de cor entre esses elementos e a parede de fundo sugere o uso de massa em relevo. As molduras dos vãos, por sua vez, apresentam uma leve diferenciação de tonalidade que, talvez, poderiam indicar o emprego de um material diferente como a pedra. De fato, as guarnições da arquitetura civil do Rio de Janeiro no período colonial seriam usualmente construídas de pedra, mesmo material das sobrevergas encontradas especialmente em edificações nobres.⁴⁴¹ Mas, na representação de Debret, os arcos abatidos ainda não contam com sobrevergas, apesar da relativa modernidade da edificação.

Aparece então uma outra representação do casario carioca do mesmo autor, supostamente aquarelada por volta do ano de 1817 (Fig. 224).

224. Casario e respectivo detalhe de casa térrea, Rio de Janeiro. Data: c. 1816-1818 segundo a fonte. Autor: Jean-Baptiste Debret. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 123.

Não há referência sobre o lugar da cena, mas presume-se tratar de área pelo menos próxima à região central da cidade do Rio de Janeiro, dadas a densidade do casario e a presença de um grande templo ao fundo. Os dois sobrados não serão abordados agora, pois contam com tipologia peculiar em um caso e com balcões no outro caso. Interessa observar a casa térrea entre eles, formada por duas unidades habitacionais de porta e janela. Uma espécie de mirante brota de trás da casa com uma estranha perspectiva. O partido da fachada é muito similar àquele com cimalka, vãos de arco abatido e fechamento em treliça da aquarela de Bate (ver Fig. 223), salvo a altura do piso interior que aqui encontra-se elevado

⁴⁴¹ SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981, p. 31.

em relação à calçada. A composição do par de casas retratado por Debret é, no geral, simples, mas encontram-se inseridos outros motivos de inspiração classicista. Um traço duplo na parte de cima da verga da porta fechada sugere uma sobreverga de pouca altura, apesar de falta de definição da imagem. Também podem ser observados os ornamentos pendurados a modo de capitéis no alto de cada lateral da fachada, chamados de medalhões ou lágrimas no contexto português.⁴⁴² A frequência com que habitam as cenas do aquarelista francês nos parece algo exagerada, pois raramente aparecem em obras iconográficas de outros artistas da época, pelo menos no que respeita à nossa amostra. Também não conhecemos nenhum exemplo figurado em fotografias antigas ou no acervo arquitetônico remanescente da capital carioca. Sendo assim, acreditamos na existência desses medalhões no casario, mas talvez com uma incidência menor do que a sugerida por Debret. Eles serão reconsiderados mais adiante, no âmbito de uma maior difusão decorativa na arquitetura.

Nesses mesmos anos, sobressaem-se ainda as aquarelas de Thomas Ender. Já tivemos a oportunidade de ver o casario carioca da Rua do Piolho ao abordar o partido de sobrado com corpo central alteado (ver Fig. 88). Trata-se de vista da atual Rua da Carioca, que representava um eixo de expansão da cidade para o oeste, rumo ao Campo de Santana.⁴⁴³ As edificações de um dos lados da rua mostram o uso de motivos arquitetônicos em uma série de casas térreas (Fig. 225).

225. Detalhe de casario da Rua do Piolho (atual Rua da Carioca), com destaque para as casas térreas, Rio de Janeiro. Data: 1817-1818. Autor: Thomas Ender. Fonte: FERREZ [s.d.], p. 129. Ver obra completa e outro detalhe em Figura 88.

Apesar da simplicidade de traços, a representação de sobrevergas fica evidente em primeiro plano, através das curvas desenhadas acima das molduras dos vãos. As respectivas pinceladas se ausentam no pavimento

⁴⁴² Estes 'medalhões' ou 'lágrimas', construídos geralmente em massa, são muito comuns no Algarve, Portugal. Ver PINTO, Conceição (coord.). *Manual de reabilitação do património de Faro*. Faro: Câmara Municipal, 1997, p. 52-53.

⁴⁴³ Ver mapa da cidade do Rio de Janeiro do ano de 1808 (1812) em REIS FILHO, Nestor G. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: EdUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 176.

superior do sobrado que segue e nas casas térreas subsequentes. Entretanto, elas voltam a figurar na sequência, em outras casas de um andar situadas na altura dos cavalos da cena. A alternância dos traços indica que não se trata de simplificação na medida do afastamento do ponto de observação. Confirma-se, pois, a presença de sobrevergas na maioria dos casos. As unidades térreas não deixam em evidência outros detalhes em relevo como seriam pilastras ou frisos, sendo impossível distinguir o acabamento dos beirais. De acordo com a tipologia vigente, entretanto, presume-se que estes estariam sustentados por cimalkas mais simples, não tão altas como a que se observa no sobrado.

Considerando as aquarelas de Bate e as de Debret e Ender, separadas em cerca de oito anos, nota-se um certo incremento de motivos nas fachadas, com destaque para as sobrevergas e os pequenos detalhes nos capitéis de pilastras. Mesmo assim, parece-nos difícil chegar a maiores conclusões, dados fatores como o esquematismo dos desenhos, a interpretação por trás das representações, a exiguidade do intervalo temporal, além da restrita amostragem. Parece-nos arriscado asseverar, por exemplo, que as sobrevergas teriam passado a ser empregadas no casario comum a partir da época da chegada da Corte, embora tal conclusão pudesse ser tirada com base no universo aqui ilustrado. Em todo caso, parece-nos razoável afirmar que tais motivos de orientação clássica passaram a ser cada vez mais praticados no decorrer das duas primeiras décadas do século XIX, no caso da arquitetura urbana da capital carioca. Contudo, saber quando e como estariam sendo empregados no sertão das Minas torna-se tarefa árdua, seja pela falta de iconografia correspondente, seja pela carência de estudos a respeito e de referências cronológicas.

Debret continuou em cena na iconografia carioca pelo menos até 1831, ano em que retornou à França. Aparece uma aquarela datada de 1821 que se destaca pela riqueza de detalhes arquitetônicos retratados em uma cena urbana (Fig. 226).

226. Aquarela com porta de loja e janela residencial, Rio de Janeiro. Data: ano de 1821. Autor: Jean-Baptiste Debret. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 198.

Vemos aqui dois tipos de arco abatido. As linhas de divisão das cercaduras dos vãos indicam peças de pedra, enquanto a cor diferenciada das sobrevergas sugere uma pintura ou um material diferente que poderia ser a massa ou a madeira. A verga da porta da loja corresponde ao modelo 'canga de boi', encimado por uma moldura simples, com escassos recortes, definida aparentemente pelo modelo típico com concavidade e peito de pomba. Já a sobreverga arqueada da janela, sem inflexão nas extremidades, encontra-se mais estriada, apresentando contudo uma sequência semelhante de relevos. A pilastra da respectiva casa tem relevo simples e uma base diferenciada somente por tom mais escuro, em consonância com um barrado que se prolonga na fachada. Os medalhões ornamentados indicam provavelmente um arremate superior de cunhais com cimalhas de casas térreas. Eles aparecem com bastante destaque, sugerindo motivos pitorescos. Ao pé da pilastra, descansa um cão exótico sem pelos no corpo e com penacho na cabeça. Ele participa aleatoriamente da cena, cumprindo apenas a função de direcionamento visual para o homem da janela. De forma mais ou menos análoga, supomos que os medalhões não fossem tão comuns no cenário do Rio de Janeiro como se sugere. Eles podem ter sido quiçá inseridos no desenho de forma deliberada, sem necessária correspondência com uma cena real. Afinal de contas, a formação classicista e parisiense de Debret possivelmente extrapolava o ambiente rude da capital carioca, clamando por deixar marcas modernas em suas aquarelas. Trata-se, em todo caso, de uma interpretação de nossa parte, que aguarda por maiores investigações.

Na esteira das aquarelas de Debret, figura uma outra cena carioca, datada do ano de 1826, com diferentes detalhes arquitetônicos em casas térreas (Fig. 227).

227. Aquarela com casas térreas, Rio de Janeiro. Data: ano de 1826. Autor: Jean-Baptiste Debret. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 160.

Os estabelecimentos de venda de produtos e o movimento da praia ao fundo insinuam um lugar de intenso comércio. A tipologia térrea das construções e o relativo despojamento da arquitetura – notado, por exemplo, na ausência de sobrevergas – sugerem um ambiente mais comum, pouco nobre. Todas as quatro casas de esquina contam assim mesmo com cimalthas sob os beirais, o que significa uma consolidação deste motivo classicista. Chama a atenção a predominância da verga reta, apesar de um dos casos contar com arco abatido. O exemplo à direita da cena exibe ainda um cunhal em cor diferenciada. O arremate superior da pilastra delimita um capitel retangular que, por sua vez, define cordões que se prolongam horizontalmente no alto da fachada. Este esquema compositivo aparece em outra cena de Debret⁴⁴⁴ e também no casario tanto de Portugal (ver Fig. 207 e 222) como de São João del-Rei (ver Fig. 196 e 198).

Em uma outra obra coeva do aquarelista francês, é retratada novamente uma casa térrea. Trata-se, nesta ocasião, da moradia de uma “família de posses médias”, segundo o próprio Debret (Fig. 228).⁴⁴⁵

228. Casa térrea, Rio de Janeiro. Data: c. 1820-1825 segundo a fonte. Autor: Jean-Baptiste Debret. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 169.

229. Casa térrea na Praia Formosa, Rio de Janeiro. Data: 1826. Autor: William Burchell. Fonte: FERREZ (1981), p. 58.

Desde nosso ponto de vista, este exemplo arquitetônico se aproxima bastante de um outro retratado coetaneamente por William Burchell em uma praia da mesma capital carioca (Fig. 229). Coincidem o regime de distribuição de vãos, todos em arco abatido, os cunhais apilastrados, as cimalthas sob o beiral e

⁴⁴⁴ Ver, por exemplo, casa térrea em aquarela de Debret intitulada ‘Talha de lenha’ em BANDEIRA e LAGO (2008), *op. cit.*, p. 240.

⁴⁴⁵ Debret *apud* BANDEIRA e LAGO (2008), *op. cit.*, p. 169.

inclusive detalhes menores como cartelas afixadas nas fachadas e as telhas com pontas arrebitadas nas extremidades dos telhados. As diferenças se apresentam nas estreitas sobrevergas, no medalhão e nos fechamentos em veneziana de Debret, ausentes em Burchell. Na Praia Formosa, entretanto, a cimalha se desenha com maior nitidez em seu perfil, formado aparentemente por cordão inferior a delimitar uma faixa seguida de uma pronunciada escócia. Destaca-se também, no cunhal, uma base com relevos acompanhada pelo barrado, tudo em cor diferenciada da parede. Este detalhe do cunhal encontra-se ocultado por personagens na primeira cena, impossibilitando a sua averiguação. Cabe ressaltar que essas casas sugerem um certo afastamento do casario urbano, devido à inexistência de vizinhos justapostos. Mas esquinas livres também se apresentam comumente em cenários urbanos, como já vimos inclusive em casos tanto são-joanenses como portugueses (ver Fig. 189 e 216). Sendo assim, os motivos arquitetônicos são em todo caso válidos para comparação.

Em uma outra representação de casario, na mesma Rua Mata-Cavalos retratada por Bate um par de décadas antes (ver Fig. 223), Burchell volta a desenhar outras casas térreas de interesse (Fig. 230).

230. Desenho da Rua Mata-Cavalos (atual Riachuelo), Rio de Janeiro. Vista completa e dois detalhes ampliados. Data: ano de 1825. Autor: William Burchell. Fonte: FERREZ (1981), p. 50.

Os imóveis variam de edificações geminadas a casarões com quintais laterais, o que indica, quiçá, uma área em expansão e, portanto, de arquitetura relativamente moderna. À esquerda da cena, destaca-se uma

grande entrada com socos sobressaídos e arco abatido adornado com aduela e sobreverga. Segue na cena, após o muro da propriedade, uma casa térrea com entrada lateral e três janelas de peitoril. O topo da fachada conta com faixas delimitadas por cordões e cimalha arrematada sob o beiral, compondo um conjunto decorativo bastante largo. Por primeira vez em nossa amostra tanto iconográfica quanto empírica, excluindo os inúmeros exemplos de Debret, aparecem medalhões pendurados nas laterais. Eles parecem insinuar pilastras que, entretanto, não se configuram. Estas tampouco comparecem na outra casa do extremo direito da figura, mesmo quando alberga uma elegante cimalha com cordão inferior e pronunciada concavidade seguida de recortes. De fato, não há um padrão único no agenciamento de cunhais e pilastras na arquitetura da época, podendo elas comparecerem ou não nas fachadas do casario comum. Mesmo assim, percebe-se uma maior motivação quando da presença de esquinas, como veremos a seguir.

Nesses mesmos anos de meados da década de 1820, aparecem ainda casas térreas cariocas desenhadas por Charles Landseer. Naquela vista do Campo de Santana já mostrada (ver Fig. 90), a primeira edificação do casario encontra-se parcialmente ilustrada (Fig. 231).

231. Detalhe de casa térrea no Campo de Santana, Rio de Janeiro. Data: c. 1825-1826. Autor: Charles Landseer. Fonte: MACHADO (1972), p. 82. Ver obra completa em Figura 90.

232. Desenho da Rua São Jorge, Rio de Janeiro, (completo e detalhe). Data: c. 1825-1826. Autor: Charles Landseer. Fonte: MACHADO (1972), p. 73.

A fachada resulta muito familiar se comparada com seus pares de São João del-Rei, tanto na distribuição e proporção dos vãos como nos detalhes de esteios aparentes debaixo das janelas, largas sobrevergas e pilastras laterais. Estas contam inclusive com uma marcação em faixa na altura dos peitoris, quiçá indicando um topo de base. O beiral se distingue por uma alta cimalha, pouco comum mas presente no contexto mineiro, em que usualmente são substituídas por beiras-seveiras.

Em um outro desenho de Landseer, que retrata a Rua São Jorge também no Rio de Janeiro, os detalhes podem ser melhor apreciados em duas casas térreas com vergas em arcos abatidos (Fig. 232). A que se mostra em primeiro plano exibe uma elegante cimalha com cordão inferior seguido de pronunciada concavidade e outros recortes arrematados sob as telhas, muito semelhante àquela desenhada por Burchell (ver Fig. 230). Ela se estende até o cunhal que, por sua vez, exibe uma base alta e ressaltada. A casa que segue, também de esquina, conta com um cunhal de desenho semelhante. Os recortes do capitel, entretanto, não se prolongam todos na cimalha, a qual conta com um corpo mais liso, delimitado apenas por um cordão inferior. Nesta casa as sobrevergas estão presentes e se projetam com um perfil que remete bastante a seus congêneres são-joanenses. Estes, por sua vez, se diferenciam pelo uso mais comum dos relevos na parte inferior das fachadas, tanto nos alicerces como nos socos das portas. Tais detalhes se apresentam nos casos do Rio de Janeiro, mas com uma menor frequência, fato motivado, em parte, pelo uso de pedra nos marcos e a consequente falta de necessidade de proteção das ombreiras das portas contra a umidade. Em todo caso, nestas casas cariocas de esquina os motivos de orientação classicista encontram-se bastante consolidados, aproximando-se mais de um sistema integrado de elementos, molduras e proporções que, pouco a pouco, ia transformando a arquitetura colonial.

Antes de focarmos nos sobrados retratados na iconografia, cabe abordar uma última casa térrea. Desta vez trata-se da morada do próprio William Burchell em sua estada em São Paulo, na então Rua do Acu retratada no ano de 1827 (Fig. 233).⁴⁴⁶

233. Casa térrea na Rua do Acu, São Paulo (obra completa e detalhe). Data: ano de 1827. Autor: William Burchell. Fonte: FERREZ (1981), p. 104.

⁴⁴⁶ FERREZ, Gilberto. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William Burchell, 1825/1829*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981, p. 104.

Por primeira vez em nossa amostra, aparecem sobrevergas em vãos retos, mesmo que discretas e de perfil abaulado. Também chama a atenção a composição simétrica com porta central e as discretas faixas laterais, a modo de pilastras, que se viram em barrado na base da fachada. Os longos beirais revestidos com tábuas em saia e camisa parecem se configurar como um artifício que, escondendo os tradicionais caibros à mostra e regularizando-os em faixas horizontais, busca se aproximar da linguagem classicista em voga. Um caso de cachorrada forrada também foi encontrado em São João del-Rei e nos causou uma interpretação semelhante de modernização do detalhe de beiral (ver Fig. 171).

No Capítulo 2, na ocasião da abordagem de andares alteados e lateralmente recuados, mostramos alguns sobrados inseridos nesta mesma época. Aquele retratado por Debret em 1816 e o outro por Ender um par de anos depois compartilhavam um regime muito semelhante de composição geral e de elementos apostos às fachadas (ver Fig 87 e 88). Muitos dos motivos classicistas já observados em casas térreas – cimalkas sob os beirais, pilastras laterais, capitéis simplificados – compareciam em composições simétricas e regulares. Em um ou no outro caso, aparecia ou ficava sugerida uma faixa horizontal intermediária e sobrevergas de arco abatido. Tais motivos continuaram vigentes no casario do Campo de Santana desenhado por Landseer alguns anos mais tarde, nomeadamente nos sobrados de até três pavimentos (ver Fig. 90). Estes tinham como novidade adicional os cunhais superiores marcados em bossagem e um barrado a definir a base da edificação.

Ao revisar nossa amostra iconográfica, percebe-se a grande presença de sobrados. Entretanto, muitos deles já contam com balcões, tema que será abordado a seguir, no item seguinte. Pelo momento, estamos focando somente naqueles considerados simples, com janelas de peitoril nos andares superiores. No Rio de Janeiro, eles são encontrados principalmente em áreas de arrabalde ou periféricas no centro da cidade, em lugares menos consolidados ou no contexto de uma expansão urbana. Tal é o exemplo de uma casa nobre desenhada por Ender nos anos de sua estada no Brasil entre 1817 e 1818 (Fig. 234).⁴⁴⁷

⁴⁴⁷ Este conjunto arquitetônico também foi retratado pelo tenente inglês Henry Chamberlain na mesma época, entre os anos de 1819 e 1820. O desenho, mais esquemático, deixa perceber com maior evidência a presença de sobrevergas nos vãos. Ver CHAMBERLAIN, Henry. *Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820*. Rio de Janeiro/São Paulo: Kosmos, 1943, p. 84.

234. Casa nobre em Mata-Porcos com sobrado anexo, Rio de Janeiro. Vista completa e detalhe da edificação. Data: 1817-1818. Autor: Thomas Ender. Fonte: FERREZ (1976a), p. 102.

Gilberto Ferrez destaca este solar em estilo luso-brasileiro e de linhas sóbrias, localizado em Mata-Porcos.⁴⁴⁸ Para nós, interessa observar também o sobrado anexo de escala mais reduzida. A linguagem arquitetônica é mesmo assim comum, diferenciando-se somente os cunhais em bossagem no casarão, que apenas são sugeridos com pilastra lisa na casa menor. Esta se assemelha bastante com aqueles sobrados da Rua Santo Antônio em São João del-Rei, tanto na composição regular de vãos de arco abatido como, em alguns casos, na marcação de relevos sobre as vergas, na base, na lateral e no setor intermediário das fachadas (ver Fig. 176, 186 e 187). Esses elementos decorativos são, no caso mineiro, mais sutis, apresentando-se normalmente em regime parcial. Também os acabamentos de beiral não coincidem, pois ainda se encontram agenciados em beira-seveira ou, com menor frequência, em cachorrada. As cimalthas só aparecerão mais adiante, em edificações mais sofisticadas. Entretanto, vimos que elas comparecem em alguns exemplos de casas térreas.

Há, finalmente, dois sobrados mais na iconografia carioca coeva. Novamente, trata-se de detalhes de precisos desenhos de Burchell e Landseer, realizados praticamente no mesmo ano. Mesmo entrando em contraste com casas térreas mais pobres, nesta ocasião são retratados sobrados aparentemente mais ordinários do casario, um na Praia Formosa e outro em rua próxima do centro da cidade (Fig. 235 e 236).

⁴⁴⁸ FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles, 1976a, p. 102.

235. Sobrado no casario da Praia Formosa, Rio de Janeiro. Vista completa e detalhe. Data: ano de 1826. Autor: William Burchell. Fonte: FERREZ (1981), p. 52.

236. Sobrado na Rua São Jorge, Rio de Janeiro. Data: c. 1825-1826. Autor: Charles Landseer. Fonte: MACHADO (1972), p. 73. Ver obra completa em Figura 232.

Eles se assemelham bastante entre si tanto na composição das fachadas como no agenciamento dos detalhes, salvo o pavimento térreo, que aparece com vãos retos simples em um caso e sem qualquer abertura no outro. Em ambas situações, uma série de cinco janelas de peitoril, com vergas de arco abatido e isentas de sobrevergas, se distribui regularmente no andar superior. Os demais relevos, construídos provavelmente em massa, se definem na faixa horizontal intermediária, no cunhal e nas cimalthas sob os beirais. Nos cantos superiores das fachadas, são sugeridos capitéis com a delimitação de retângulos lisos. Os cordões inferiores se prolongam horizontalmente e configuram faixas abaixo das cimalthas. Estas, por sua vez, contam com aquele perfil típico de concavidade pronunciada seguida de recortes superiores, mais nítido no caso da Rua São Jorge.

Já vimos que sobrados como esses não foram encontrados em São João del-Rei. Os ilustrados até aqui ainda têm telhas sobrepostas ou cachorrada nos beirais e apenas sugerem relevos lisos nos limites laterais, topos ou bases das fachadas, só aparecendo mais tarde as faixas intermediárias. Entretanto, conta-se quase sempre com sobrevergas nos vãos, mas há de se recordar a maior facilidade de se aplicar esta e outras molduras superficiais ao longo do tempo. Veremos adiante que, quando os sobrados são-joanenses

se apresentam com cimalthas sob os beirais, eles já se encontram enquadrados em composições mais sofisticadas. Antes disso, entretanto, eles apresentam balcões ainda conjugados com beirais tradicionais.

3.2. Sobrados com balcões

Na esteira da introdução paulatina de motivos de orientação classicista no casario são-joanense figuram sobrados com janelas rasgadas atrás de balcões. Algumas dessas sacadas aparecem de forma pioneira em nossa amostra. Nesses exemplares, os relevos de fachada, com destaque para as pilastras e cunhais, ainda são relativamente discretos e continuam conjugados majoritariamente com beirais de telhas sobrepostas. Um número reduzido, mas assim mesmo significativo, de quatro edificações, formam um pequeno grupo tipológico.

Quatro casos são-joanenses

Começemos pelo grande sobrado, atualmente dividido em dois imóveis, situado em frente à Igreja Matriz (Fig. 237).

237. Sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 46-52). São João del-Rei, 2013.

Os vãos encontram-se alinhados e regularmente distribuídos na fachada, sem, no entanto, coincidirem com o eixo de simetria. Eles se aproximam bastante entre si, mas ainda são mantidas as sobrevergas e os balcões individuais.

Fotos antigas do sobrado mostram não ter havido maiores modificações durante o século XX (Fig. 238 e 239).

238. Vista parcial de sobrado na Rua Direita, São João del-Rei. Data provável: 1916, segundo anotação na foto. Fonte: desconhecia. Ver foto completa em Fig. 182.

239. Vista parcial de sobrado na Rua Direita (foto completa e detalhe), São João del-Rei. Data: desconhecia. Fonte: IPHAN-MG.

A composição geral da fachada e os detalhes arquitetônicos foram em boa medida conservados. Houve alguma alteração de cor da pintura e de regime de fechamento dos vãos, salvo as bandeiras fixas que se mantiveram. Outras fotografias antigas, muitas vezes tomadas de difíceis ângulos de visada, revelam ainda uma constante transformação de janelas em portas e vice-versa. Tais ocorrências, no entanto, não ocasionaram maior descaracterização do sobrado.

A fachada exibe pilastras a modo de cunhais em cada uma de suas extremidades. Os respectivos relevos em massa desaparecem em alguns trechos, mas ficam de toda forma sugeridos os perfis. Seu topo liso se detém abaixo da faixa de mesmo acabamento que sublinha a extensão do beiral, a par de outros exemplos de decoração singela anteriormente vistos (ver Fig. 127, 158 e 161). A pilastra conta, entretanto, com dois trechos em cantaria. Na parte inferior, uma base de pedra esverdeada se apoia no alicerce amarelado (Fig. 240).

240, 241. Detalhes em cantaria da base e do setor intermediário das pilastras do sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 46-52). São João del-Rei, 2015.

A peça principal lisa é arrematada superiormente por um plinto seguido de toro, de um pequeno ressalto recuado e, finalmente, de uma concavidade. Mais acima, na altura da divisão entre os pavimentos, outro trecho com o mesmo tipo de pedra se apresenta com uma sequência análoga de motivos (Fig. 241). A base, neste caso, se configura como um retângulo almofadado que, por sua vez, se prolonga na faixa correspondente às sacadas construídas com o mesmo material pétreo.

A primeira faixa delimitada na base do cunhal se projeta ao longo da fachada. Apesar das transformações ocorridas nos vãos térreos, as ombreiras foram sempre mantidas a descansar sobre socos de pedra, os quais se prolongam estranhamente até a altura do peitoril na metade do sobrado com molduras verdes. Não sabemos por que as vergas de arco abatido deste pavimento não contam com sobrevergas, já que o esquema da composição estaria inserido em época com o pleno emprego destas molduras. Isso talvez seja indício de acréscimo do pavimento superior, mas não podemos fazer maiores afirmações a respeito. Os fechamentos dos vãos seguem assim mesmo um padrão tradicional, com folhas de guilhotina nas janelas e portas com escuros ora almofadados, ora em pranchas encalhadas. No geral, a edificação manteve preservada a sua aparência no decorrer do século XX.

Os balcões e respectivos vãos mostram outros motivos arquitetônicos de interesse para nosso estudo (Fig. 242).

242. Detalhe de balcões de sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 46-52), São João del-Rei, 2013.

As ombreiras das portas descansam sobre socos de pedra com sulco retangular e de pontas arredondadas. Comparecem nesse andar superior as sobrevergas de envergadura média, nem tão altas como algumas (ver Fig. 152, 157 e 162), nem tão diminutas como outras (ver Fig. 171, 174 e 185). Os perfis seguem, entretanto, a sequência usual de cordão inferior, concavidade pronunciada, peito de pomba e arremate reto. As folhas das portas, abrindo à francesa, exibem três diferentes trechos com vidro em cima, venezianas no meio e planos cegos embaixo. As duas metades do sobrado se diferenciam assim mesmo em alguns pormenores, nomeadamente nas guardas de ferro do balcão e nas bandeiras fixas das portas.

Essa variação de detalhes parece corresponder a um momento anterior no caso dos vãos pintados em cor verde, à direita da figura. Supomos isso devido à maior simplicidade dos detalhes, tanto nos recortes do vidro como nos contornos das grades de ferro. Estas correspondem a um padrão, sem referências cronológicas, apresentado por José W. Rodrigues (Fig. 243).

243. Desenho de grade de ferro forjado e respectiva sacada. Praça 15 de novembro n. 34, Rio de Janeiro. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 233.

Trata-se de guarnição atribuída a uma edificação da Praça 15 de Novembro na cidade do Rio de Janeiro, idêntica ao caso do sobrado são-joanense.⁴⁴⁹ Nela figuram as mesmas faixas superior e inferior com arabescos inscritos. O corpo combina hastes retorcidas, pequenas peças em forma de C e perfis terminados em espiral a imitar volutas clássicas. Também coincidem a espessura e o corpo em baixo relevo da pedra da sacada.

Nos vãos com cercaduras pintadas em cor vermelha, chama a atenção a bandeira fixa com pinázios arqueados. Os trechos de círculo formam uma trama bastante intrincada, com complexos desenhos de corte de vidro. Trata-se, desde nosso ponto de vista, de um motivo mais avançado no tempo, se comparado com o restante do sobrado e com os vãos da outra metade. As grades respaldam esta hipótese cronológica, pois também apresentam um desenho diferente com motivo central e arabescos a imitar ramagens. Nelas já figuram pequenas peças de ferro fundido, sendo uma na forma de cabeça de leão a ocupar o centro da composição e as outras como estrelas dispostas em meio a espirais ao longo das faixas inferiores e superiores. Teremos a oportunidade de situar melhor esses motivos mais à frente do texto.

Defronte encontra-se a Igreja Matriz de São João del-Rei, a qual conta com fachadas laterais estreitamente relacionadas com a do sobrado em questão. Os cunhais das esquinas posteriores apresentam cada qual uma configuração diferente. As fotografias antigas feitas no ano de 1950 e os detalhes atuais demonstram a preservação ao longo do tempo. Na lateral direita, o corpo principal em massa arremata na beira-seveira com a usual marcação de faixa a modo de capitel (Fig. 244).

⁴⁴⁹ Rodrigues indica na legenda a casa do arco dos Teles na Praça 15, a qual conta, entretanto, com pesadas grades de ferro remetidas ao século XVIII. Não sabemos se equivocou-se o autor na legenda, ou se estaria quicá se referindo a outro trecho da edificação. Ver RODRIGUES, José W. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 232-233; CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a, p. 61.

244. Fachada lateral direita e respectivo detalhe de cunhal. Igreja Matriz, São João del-Rei. Data: ano de 1950, 2015. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG137/2/02.

245. Fachada lateral esquerda e respectivo detalhe de cunhal. Igreja Matriz, São João del-Rei. Data: ano de 1950, 2015. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG137/2/02.

A base, toda de pedra, apresenta a sequência também típica de corpo liso, plinto e toro em arremate. O cunhal da fachada esquerda apresenta algumas variações, a começar pelo beiral em cimalha (Fig. 245). Debaixo deste, mantém-se uma faixa que se prolonga nas paredes, mas o relevo é sustentado por uma pronunciada moldura pétrea. Também a base é mais trabalhada e apresenta como motivos adicionais um ressalto correspondente ao alicerce e um diminuto detalhe côncavo no arremate com o corpo emassado e pintado. O esquema geral e os detalhes, em uma e outra esquina, vão de encontro às pilastras do sobrado em frente à Matriz. Como veremos adiante, os motivos virão inclusive a repetir-se, com nuances, em outras edificações são-joanenses.

Os trechos principais das fachadas laterais da Matriz se parecem com frentes de sobrados, tanto nas proporções gerais como nos detalhes da beira-seveira, dos vãos e dos balcões (Fig. 246).

246, 247. Fachada lateral e detalhe de balcão da Igreja Matriz. São João del-Rei, 2015.

Neste caso, entretanto, os vãos encontram-se mais espaçados entre si, se comparados com outras fachadas supostamente coetâneas. Os vãos térreos têm molduras reentrantes, análogas às encontradas na porta central do casarão da Praça da Câmara (ver Fig. 144). As janelas rasgadas e protegidas com guardas se assemelham muito com as do sobrado em frente à igreja (Fig. 247). Coincidem, de muito perto, as proporções gerais da envasadura e do balcão, bem como os detalhes da sacada almofadada, das pinhas sobre os parapeitos, das sobrevergas e, ainda, das esquadrias com vidros quadrados e bandeiras de fasquias diagonais. O desenho das grades é diferente, mais simples, mas apresentam a mesma técnica construtiva de fitas de ferro forjado. A proximidade entre a igreja e o sobrado sugere a apropriação de motivos arquitetônicos com base em modelos existentes, sendo comum o surgimento das novidades primeiramente em edificações oficiais ou institucionais. Cabe lembrar que a Igreja Matriz sofreu uma importante ampliação de seu comprimento e a fatura de uma nova fachada entre os anos de 1820 e 1852.⁴⁵⁰ Tal referência cronológica, se correta, é bastante útil para poder situar os motivos arquitetônicos então em voga.

Veremos que alguns padrões arquitetônicos se repetem em outros sobrados são-joanenses. Posteriormente, buscaremos situá-los no tempo e relacioná-los com outros exemplos luso-brasileiros. Cabe, entretanto, continuar com a caracterização deste grupo de sobrados com balcões.

O seguinte exemplar se localiza na Rua da Prata, quase em frente ao Largo de São Francisco (Fig. 248).

⁴⁵⁰ ALVARENGA, Luís de M. *Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar - São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil*. Juiz de Fora: Sociedade Propagadora Esdeva, 1971, p. 16.

248. Sobrado à Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 174). São João del-Rei, 2012.

Sua construção é atribuída ao século XIX, sendo conhecido por haver pertencido ao Barão de São João del-Rei.⁴⁵¹ Suas laterais encontram-se livres de construções contíguas, havendo pois fachadas laterais com janelas de peitoril. A face frontal exhibe novamente uma série de vãos alinhados e regularmente distribuídos, salvo uma maior proximidade do cunhal no extremo direito. O número ímpar balcões e uma única porta central de acesso marcam, nesta ocasião, um eixo de simetria.

Uma fotografia do ano de 1957 mostra o sobrado com feições semelhantes às do estado atual (Fig. 249).

⁴⁵¹ Para sucintos dados históricos e descrição do sobrado, ver FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO (1981), *op. cit.*, p. 243-244; SÃO JOÃO DEL-REI. *Guia de bens edificados de São João del-Rei: projeto Conhecer para Preservar 2008/2010*. São João del-Rei: Secretaria de Cultura e Turismo, 2010, p. 38-40; PM-SJDR: Ficha de inventário de bens imóveis – estruturas arquitetônicas: 34ª Superintendência Regional de Ensino, Rua Padre José Maria Xavier n. 174, 2011; pasta intitulada 'Projeto – São João del-Rei – sede – sobrado da Delegacia Fiscal', 1981, IEPHA-MG.

249. Sobrado à Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 174), São João del-Rei. Data: ano de 1957. Fonte: IPHAN-MG.

Percebem-se modificações substanciais somente no andar térreo, na pintura de algumas folhas de guilhotina e na existência de duas portas de acesso a indicar a divisão em duas unidades habitacionais. Fora isso, as características se mantiveram, pelo menos no que respeita à segunda metade do século XX. Cabe mencionar que o sobrado já contou com uma ala traseira que abrigava os serviços domésticos, a qual foi demolida na ocasião da construção do atual conservatório de música.⁴⁵² O telhado foi então retificado em quatro águas, permanecendo a fachada frontal sem alterações aparentes.

O cunhal é, em suas linhas gerais, semelhante aos do sobrado em frente à Matriz, apresentando entretanto diferenças nos detalhes. O corpo de alvenaria e massa, neste caso, se prolonga até a beiraseira, formando aquele retângulo que temos interpretado em outras edificações como uma sugestão de capitel (ver Fig. 158 e 162). O desenho de fachada, realizado na ocasião de desenvolvimento de projeto de recuperação da então Delegacia Fiscal do Estado de Minas Gerais, não apresenta este singelo detalhe, indo as pilastras de encontro direto com o beiral (Fig. 250).⁴⁵³

⁴⁵² SÃO JOÃO DEL-REI (2010), *op. cit.*, p. 39. A traseira do sobrado com a ala de serviço pode ser observada na panorâmica de André Bello datada entre os anos de 1906 e 1917; ver Fig. 28.

⁴⁵³ Ver, nos arquivos do IEPHA-MG, pasta intitulada 'Projeto – São João del-Rei – sede – sobrado da Delegacia Fiscal', datado do ano de 1981.

250. Desenho da fachada frontal e detalhe do cunhal do sobrado da Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 174), São João del-Rei. Data: ano de 1981. Fonte: IEPHA-MG.

As fotografias antigas não permitem observar com precisão estas linhas. Contudo, podem-se ter como base outras edificações são-joanenses até aqui vistas para supor a delimitação do retângulo superior na projeção da faixa que corre sob o beiral. Em todo caso, molduras de massa também são agenciadas na base da fachada. A parte baixa dos cunhais conta com um alto segmento liso, encimado por moldura composta de toro e concavidade, análoga à do seu par da Rua Direita. (Fig. 251).

251, 252. Detalhes da base e do setor intermediário do cunhal do sobrado na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 174). São João del-Rei, 2015.

Já no setor intermediário, as peças estreitas e pintadas em cor amarela não são compatíveis com as pedras esverdeadas das sacadas, apesar de coincidirem os trechos abaulados (Fig. 252).

Vejamos agora os detalhes das janelas rasgadas com balcões (Fig. 253 e 254).

253, 254. Desenho e vista de vão superior com balcão do sobrado na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 174), São João del-Rei. Ano: 1981, 2012. Fonte do desenho: IEPHA-MG. Ver desenho completo em Figura 250.

A cercadura de arco abatido descansa sobre socos lisos e pintados na mesma cor avermelhada. As sobrevergas, de envergadura média, contam com cordões de base mais proeminentes e estriados. Mesmo assim, seguem a sequência típica de concavidade, peito de pomba e trecho reto no topo. As folhas da porta contam com trecho inferior de tábuas e o restante em vidraça quadriculada. A bandeira, por sua vez, possui desenho com semicírculos e raios regularmente dispostos, enquanto o espaço remanescente entre o vidro e a verga é ocupado por ornatos em forma de flor. Este desenho de bandeira, recorrente tanto em São João del-Rei como em outros contextos luso-brasileiros, serão melhor abordados no capítulo seguinte.

A grade do balcão tem um padrão muito semelhante àquele da metade esquerda do sobrado em frente à Matriz. O trecho central é idêntico, mas aqui há somente uma faixa inferior ritmada por peças constituídas de espirais duplas volteadas. Este detalhe faz-nos remeter ao capitel das pilastras jônicas com suas volutas, o que é compatível com a circulação e uso dos motivos classicistas à época. Destaca-se, finalmente, a sacada de pedra com bordas arredondadas.

Uma outra edificação de nossa amostra se sobressai por sua escala e pela situação urbana. Trata-se do sobrado de três andares situado na esquina da Rua da Intendência com a beira do Córrego do Lenheiro, em frente à Ponte Nova (Fig. 255).

255. Sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 122-132), em frente à Ponte Nova (da Cadeia). São João del-Rei, 2012.

O último pavimento encontra-se recuado na esquina e nas extremidades opostas das fachadas, de forma a dispor um segmento alteado para cada via. Liberam-se assim trechos de telhado com beira-seveira em diferentes níveis da cobertura, havendo sempre um coruchéu de pedra – a maioria deles atualmente com a cabeça quebrada – sobre cada esquina. Todos os vãos com arcos abatidos encontram-se regularmente espaçados entre si, mas o alinhamento é rompido no terceiro pavimento devido à diminuição da largura das respectivas janelas de peitoril. Na reentrância volumétrica acima da esquina figura ainda um vão reto de adição posterior.

Em uma fotografia antiga, supostamente feita no ano de 1889, o sobrado ainda abrigava o Grande Hotel (Fig. 256).

256. Sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 122-132), em frente à Ponte Nova (da Cadeia), São João del-Rei. Ano: 1889, segundo anotação. Fonte: APM.

O edifício se prolongava com um outro bloco ao longo do córrego, depois demolido. Nesta mesma fachada, os vãos térreos remanescentes correspondiam a janelas de peitoril, hoje em dia rasgadas quase até o chão para exibir vitrines. Fora isso, conservou-se o aspecto arquitetônico geral até a atualidade.

O cunhal, aqui construído em alvenaria e massa, apresenta algumas novidades em relação aos exemplos de sobrados com balcão até agora vistos. Os ressaltos da base correspondem aos do sobrado em frente à Matriz (Fig. 257).

257, 258. Detalhes da base e do setor intermediário do cunhal do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 122-132), em frente à Ponte Nova (da Cadeia). São João del-Rei, 2015 e 2012.

Também coincidem os perfis superiores em toro. No antigo hotel, entretanto, não há uma concavidade no arremate final, senão um discreto cordão recuado. Uma peça com bordas arredondadas também é agenciada no setor intermediário do cunhal (Fig. 258). Mas, ao contrário dos outros casos, ela não se apresenta na altura das sacadas, posicionando-se um pouco mais acima, sem referência de alinhamento com qualquer elemento da fachada. Fica configurada mais bem uma base elevada, apesar da desvirtuação dos relevos. Na fotografia antiga, uma faixa mais fina servia de sustentação e amarrava as sacadas. Na configuração atual, a faixa está mais larga e corre na altura do soco liso das portas atrás dos balcões. Já notamos anteriormente a correspondência de bases de pilastras com socos, em andares térreos, resultando em composições harmônicas (ver Fig. 158 e 165). No caso do grande sobrado de esquina, entretanto, este alinhamento nos pareceu, senão estranho, pelo menos incomum no âmbito do casario são-joanense. Com efeito, a foto antiga sugere uma composição bastante mais condizente com a tipologia em questão.

Os detalhes dos balcões e respectivos vãos podem ser observados tanto na cena atual como na fotografia do ano de 1889 (Fig. 259 e 260).

259. Detalhe de vãos superiores com balcões do sobrado na Rua da Intendência, em frente à Ponte Nova (da Cadeia), São João del-Rei. Data: ano de 1889, segundo anotação. Fonte: APM. Ver foto completa em Fig. 256.

260. Detalhe de vão superior com balcão de sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 122-132), em frente à Ponte Nova (da Cadeia). São João del-Rei, 2012.

As molduras das portas tem aqui uma largura menor se comparada com as dos exemplares anteriores. A foto antiga mostra, quiçá, uma largura mais avantajada, mas fica difícil a verificação devido ao ângulo da tomada e à falta de nitidez da imagem. Se isso fosse certo, tanto as cercaduras como as sobrevergas teriam sofrido reconstruções até a atualidade. Em todo caso, as sobrevergas parecem manter as suas dimensões e

o perfil com concavidade seguida de peito de pomba. As folhas das portas permaneceram com a mesma aparência, mas as bandeiras foram modificadas. A foto antiga exhibe pinázios arqueados inscritos em um semicírculo e não raios retos ligados diretamente à verga como no estado atual.

Já as grades dos balcões contam com um desenho de padrão singular, sem qualquer correspondência direta na arquitetura luso-brasileira por nós conhecida. Ele chamou a atenção de José W. Rodrigues, que o incluiu em suas séries de guarnições (Fig. 261).

261. Desenho de grade de ferro forjado de sobrado da Rua da Intendência, em frente à Ponte Nova (da Cadeia), São João del-Rei. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 235.

Os contornos formando trevos no setor central do quadro são sensivelmente peculiares. Já as peças verticais retorcidas e os trechos arqueados e em espiral são encontrados, de forma mais ou menos associável, nos dois exemplos de sobrados anteriormente abordados. Sendo assim, trata-se, desde nosso ponto de vista, de padrões coetâneos. Também coincidem, no caso do sobrado da Rua da Prata, as sacadas com recorte arredondado e ressaltos recuados. A foto antiga sugere a conservação do balcão desde aquele então, salvo as pinhas sobre as esquinas dos parapeitos que desapareceram na atualidade. Os suportes de ferro para iluminação, apenas visualizáveis na imagem do hotel, também se ausentam na situação atual.

Há ainda outro exemplar arquitetônico que se enquadra neste grupo de sobrados com balcões. Trata-se do casarão popularmente denominado Solar dos Neves, situado no Largo do Rosário, junto à igreja homônima (Fig. 262).

262. Sobrado no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 98), São João del-Rei, 2012.

A composição da fachada se define novamente por vãos alinhados e regularmente espaçados entre si. O número par de balcões implica a ausência de definição de elemento no eixo de simetria. Apesar da contiguidade característica do casario, o terreno conta com um espaço vazio junto ao lado esquerdo do sobrado. Um detalhe de uma fotografia antiga, do início do século XX, mostra a ausência de qualquer cobertura ou construção na lateral da edificação, cuja fachada encontrava-se então pintada em cor escura (Fig. 263).

263. Vista geral da cidade e respectivo detalhe de sobrado no Largo do Rosário, São João del-Rei. Autor: Raimundo Alves Pinto. Data provável: 1900-1910. Fonte: APM.

Percebem-se ainda, na imagem, aquelas massas vegetativas que, desde os desenhos panorâmicos do século XIX, se destacavam entre a fila de casas do Largo do Rosário e a Rua das Flores (ver Fig. 14 e 16). Sendo assim, haveria provavelmente uma passagem que, ladeando o solar, conectava a rua com o quintal. Depois, seria construído um alpendre lateral e, mais tarde, por volta do ano de 1960, um anexo modernista

no alinhamento com a calçada.⁴⁵⁴ Atualmente, há construído um anexo recuado de linguagem arquitetônica condizente com a casa principal.

Os relevos da fachada tampouco se afastam daqueles encontrados nos outros sobrados com balcões já vistos. Eles se apresentam com as típicas faixas sob o beiral e o conjunto de alicerce encimado por barrado em massa e socos de pedra correspondentes às portas. O cunhal conta, em ambos os lados, com dois trechos decorados e a marcação usual de pilastra. A base exhibe uma espécie de sapata e corpo principal em pedra amarelada, seguido de topo em pedra esverdeada com novo plinto, toro e, finalmente, concavidade recuada no arremate superior (Fig. 264).

264, 265. Detalhes da cantaria do cunhal (base e setor intermediário) do sobrado no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 98). São João del-Rei, 2012, 2015.

No setor intermediário da pilastra, figura um nova base sustentada por moldura de pedra com concavidade e topo reto, oculta por uma trepadeira no caso da esquina (Fig. 265). O corpo desta base, apenas ressaltado em massa, é arrematado com uma concavidade simples que faz a transição para a parte mais estreita da pilastra, que finalmente vai de encontro com a beira-seveira.

Os vãos atrás dos balcões, de proporções esbeltas, são mais estreitos e compridos, se comparados com outros sobrados deste grupo (Fig. 266).

⁴⁵⁴ NEVES, Jorge A. A Rua Direita, seus moradores e arredores no meu tempo de infância e juventude: memórias são-joanenses. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. XII, 2007, p. 319. Uma impactante fotografia de 1960 com o anexo modernista pode ser encontrada no acervo do MR-SJDR e, ainda, em PALHARES, Gentil; CHRISTÓFARO, Paulo. *De Thomé Portes a Tancredo Neves: roteiro turístico de São João del Rei*. Juiz de Fora: Lar Católico, 1963, p. 62.

266. Detalhe de balcão e respectivo vão de sobrado no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 98), São João del-Rei, 2012.

As sobrevergas são salientes e pouco recortadas, com perfil típico – cordão inferior, concavidade e peito de pomba – semelhante ao encontrado, por exemplo, na Praça da Câmara (ver Fig. 152). As esquadrias e os balcões também contam com motivos de aparência tradicional, tais como a bandeira trabalhada, pequenos vidros quadrados e grades em ferro forjado. Eles passaram, entretanto, por importantes transformações, como se observa em fotografias antigas (Fig. 267).⁴⁵⁵

⁴⁵⁵ Além da imagem aqui mostrada, as antigas características do sobrado podem também ser observadas ao fundo da fotografia do Solar da família Lustosa, do acervo do APM, notação MM-282.

267. Vista parcial do Largo do Rosário e detalhe do sobrado (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 98), São João del-Rei. Data: sem data, provavelmente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

Apesar do ângulo difícil e da falta de nitidez desta fotografia de meados do século XX, é possível observar as bandeiras fixas e os caixilhos com grandes peças de vidro retangulares, diferentes das existentes hoje em dia. As sacadas, por sua vez, eram bastante rasas, com guardas quase entaladas entre as portas. Tal motivo ainda não havia comparecido em nossa amostra, o que indica a sua relativa modernidade. As sacadas talvez fossem construídas com a mesma pedra da moldura que marca o setor intermediário do cunhal. Não é possível identificar o desenho das grades, mas distinguem-se linhas, faixas e sombras a sugerir um padrão mais retilíneo, sem as curvas atuais. Com efeito, um antigo morador, membro da família Neves, afirma em suas memórias: “Lembro-me que originalmente a casa tinha uma varanda lateral com quatro bolas francesas... e as grades e os balanços das sacadas eram mais simples.”⁴⁵⁶ A descrição, condizente com a antiga fotografia a mostrar varanda lateral, confirma a relativa modernidade dos balcões. O padrão atual das grades, com ramagens e círculos centralizados por cabeça de leão, é muito semelhante àquele da metade direita do sobrado em frente à Matriz. Sendo assim, teria havido uma provável inspiração em modelos existentes na cidade para a confecção do novo exemplar.

Esses sobrados com balcões, que supomos pioneiros na história arquitetônica sugerida por nossa amostra, mostram vários elementos comuns em suas composições de fachada. Eles compartilham muitas daquelas propriedades apontadas por Sylvio de Vasconcellos, como as relativas aos adornos sóbrios, à regularidade na distribuição dos vãos e às vergas de arco abatido. É curioso notar a presença de refinados detalhes de cantaria nos cunhais. Seu exame minucioso indica a existência de padrões comuns nas proporções e nas sequências de relevos, mas ainda é difícil realizar qualquer correspondência cronológica,

⁴⁵⁶ NEVES (2007), *op. cit.*, p. 319.

com vistas a possíveis datações dos edifícios. Adiante veremos que o uso desses pormenores se prolonga sem alterações significativas até o terceiro quartel do século XIX, mesmo quando aparecem sutis novidades nos perfis, geralmente mais complexos quanto mais se avança no tempo.

Os relativamente sofisticados detalhes em cantaria contrastam, em todo caso, com os tradicionais beirais com telhas sobrepostas. Se estes eram sobrados mais abastados, com maiores condições de investimento em pormenores arquitetônicos, por que manteriam as beiras-seveiras? Seriam estas ainda vigentes à época, ou teriam os sobrados se aproveitado de antigos telhados quando da modernização de suas fachadas? Ficamos tentados a definir um corte cronológico de acordo com os acabamentos dos beirais, mas já sugerimos em várias ocasiões a permanência de motivos tradicionais ao longo do tempo, em convivência com outros modernos. Mas todos os acabamentos de topo destes sobrados são em beira-seveira. Seriam eles, então, de construção anterior àquelas antigas casas térreas com cimalkhas? (ver Fig. 148, 154 e 196) Ainda não somos capazes de arriscar uma resposta. Os balcões e caixilhos poderiam ajudar a balizar a cronologia dos sobrados, mas tais elementos são de fácil agenciamento e substituição em reformas. Sendo assim, vejamos outras referências formais e temporais para buscar uma maior aproximação à problemática.

Referências formais e cronológicas

Já vimos que os cunhais são-joanenses construídos predominantemente em massa correspondem a versões vernáculas portuguesas. Helder Carita apresenta, entretanto, alguns perfis de cunhais supostamente típicos encontrados em Lisboa (Fig. 268).

268. Perspectivas e respectivos perfis de cunhais em edificações do Bairro Alto de Lisboa, Portugal (perspectiva do cunhal n. 3 com falha gráfica piorada na reprodução). Fonte: CARITA (1994), p. 142-143.

Eles são todos construídos de pedra, de acordo com a tradição urbana lusa. Não temos certeza se eles mantêm a mesma relação de escala entre si e os tamanhos dos perfis não correspondem com precisão às perspectivas. Os desenhos mostram, assim mesmo, diferentes variantes dos séculos XVI ou XVII (1), XVIII (2 e 3) e pombalino (4). Chamam a atenção os detalhes das bases e os sobressaltos tanto intermediários como nos topos. Eles encontram-se representados aqui sem os arremates superiores das cimalthas que sustentam as telhas.

Nos primeiros sobrados com balcões são-joanenses, as bases dos cunhais se assemelham bastante com a do perfil lisboeta de número 2, correspondente ao século XVIII. Coincidem as proporções gerais e o topo marcado por plinto seguido de toro. Nos casos brasileiros, é ainda comum um arremate final com trecho côncavo, bem como uma outra faixa de marcação junto ao piso, ausentes no caso português. Mesmo assim, o perfil de número 3 sugere a concavidade na transição para o corpo do cunhal – ausente na representação em corte – e o de número 4 apresenta um ressalto em sua parte mais baixa.

Os sobrados são-joanenses mostraram trechos intermediários no cunhal ou pilastra em todos os casos. Estes detalhes também são bastante comuns nos casos portugueses, os quais apresentam usualmente faixas lisas – como no perfil 4 – ou com retângulos em baixo relevo – como no perfil 1 –, que se prolongam nas fachadas na altura das sacadas. Os exemplos brasileiros se diferenciam, entretanto, por disporem, no mesmo setor intermediário, de bases inteiras erguidas com pedestal de corpo liso e arremate superior, com alternância de uso de pedra e massa. Estes pedestais intermédios dos cunhais,

correspondentes no geral à faixa de marcação das sacadas, possuem às vezes superfície lisa ou retângulo e baixo relevo como nos casos lusos (ver, ainda, Fig. 222), mas também se diversificam com molduras trabalhadas (ver Fig. 241, 252, 258 e 265). Nos topos dos cunhais e pilastras são-joanenses, vimos não haver maiores detalhes, salvo algum retângulo marcado em massa. Isso é devido, quiçá, à relativa simplicidade do alto das fachadas, ressaltadas quando muito por uma faixa debaixo das beiras-seveiras. Nos perfis lusos, também se configuram faixas no topo dos cunhais de pedra, as quais se definem usualmente por cordões debaixo das cimalthas.

O outro motivo arquitetônico que se destaca neste grupo de edificações são-joanenses é o balcão a proteger janelas rasgadas. Já tivemos a oportunidade de ver casos de sobrados despojados de sacadas, tanto aqueles de tipologia mais antiga de um pleno século XVIII como outros com motivos classicistas já aplicados em suas fachadas. É no âmbito deste último conjunto que os abastados balcões são-joanenses se manifestam de forma precursora. Os casos aparentemente mais antigos, entretanto, já encontram-se guarnecidos com grades em fitas de ferro forjado. Cabe abordar, mesmo assim, aqueles de tipologia cronologicamente anterior, usualmente praticados em Portugal e na América portuguesa no geral e em Minas particularmente. Tal exercício nos ajudará a situar a produção são-joanense.

Não sabemos ao certo quando passariam a praticar-se as portas-janelas protegidas por balcões no contexto brasileiro. Robert Smith chama a atenção para a falta de estudos sobre a sua evolução nos edifícios coloniais, situação que quiçá se mantenha até a atualidade. Teria sido no século XVIII que as antigas varandas passariam a ser substituídas por sacadas individuais a resguardar portas abrindo à francesa no andar de cima dos sobrados.⁴⁵⁷

Em Portugal, as notícias de janelas de sacada remetem ao século XV, não podendo, no entanto, ser generalizado o seu uso na arquitetura comum.⁴⁵⁸ No norte do país, já vimos exemplos de balcões com peças de madeira torneada inseridos em tipologia seiscentista (ver Fig. 37). Se consideramos, no entanto, o casario mais corrente, interessa destacar a verificação, em Lisboa, do emprego mais sistemático e geral das sacadas a partir da primeira metade do século XVIII.⁴⁵⁹ Sendo assim, as referências cronológicas na metrópole e em sua colônia americana se aproximam, grosso modo, no Setecentos, sendo o início do século seguinte um momento de maior difusão no casario ordinário. Outro ponto de contato se estabelece no sistema construtivo das sacadas, que sugere os modelos mais antigos de barrotes de madeira prolongados do soalho, posteriormente substituídos por soleiras de pedra.⁴⁶⁰

Há basicamente dois tipos de guarnição de balcão mais comuns na antiga arquitetura luso-brasileira. O primeiro deles seria de ferro forjado, a começar pelos de perfil quadrado simples usualmente chamados de 'varão e nó'. Em Portugal, eles ainda são observados em antigas edificações de tradição seiscentista.⁴⁶¹ Há notícia de que também seriam usados em edifícios públicos da Bahia ainda no século

⁴⁵⁷ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 176; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 148.

⁴⁵⁸ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 155.

⁴⁵⁹ CALDAS, João V. et al. O prédio de rendimento joanino. *Cadernos do Arquivo Municipal*. 2ª série, n. 1, jan.-jun. 2014, p. 155.

⁴⁶⁰ CALDAS et al. (2014), *op. cit.*, p. 155; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 186.

⁴⁶¹ BARREIROS, Maria H. Prédios de rendimento entre o joanino e o tardopombalino. In: *Património arquitectónico: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: SCML, 2010. vol. II, tomo 1, p. 18.

XVII, apesar da difusão das sacadas individuais ter acontecido somente na centúria seguinte.⁴⁶² As grades de ferro passam então a ser executadas com maior esmero, com barra de ferro intermediária e varas de seção circular regularmente espaçadas com ruelas. Esses perfis se dispõem, ocasionalmente, em troncos de cone ou em balaústres, como no caso da arquitetura oficial pombalina desenvolvida após o terremoto de 1755. Tal padrão já é mais comum na colônia brasileira, pelo menos no que respeita às edificações mais nobres ou oficiais, a par das transformações ocorridas na metrópole portuguesa durante o século XVIII.⁴⁶³ Principalmente em terras portuguesas destacam-se, ainda no Setecentos, variantes do perfil quadrado com desenhos curvos no norte do país, provavelmente por uma maior influência da Inglaterra, e os padrões em estilo rococó presentes inclusive nas elevações da reconstrução pombalina de Lisboa (ver Fig. 94 e respectiva nota de rodapé). Estas últimas, de inspiração francesa, também teriam sido largamente usadas, com versões predominantemente simétricas, em edifícios públicos e particulares de importância na América portuguesa.⁴⁶⁴

O outro tipo de guarda dos balcões tradicionais da arquitetura luso-brasileira, persistente até o início do século XIX, era feito de madeira. Havia aqueles compostos de rótulas, com ou sem trechos em almofadas, que podiam se altear e se fechar em muxarabis. As reixas podiam ainda ser aplicadas atrás de perfis torneados, os quais apareciam comumente sozinhos, com disposição de peças inspirada naqueles executados em ferro. Os balaústres poderiam ser ainda compostos de tábuas recortadas, mais baratos e de mais fácil execução.⁴⁶⁵

No âmbito de São João del-Rei, não remanesce qualquer exemplo de guardas em ‘varão e nó’ ou com balaustradas de ferro ou madeira. Eles foram substituídos com o tempo ou quiçá nem tenham existido, dado o contexto cultural e econômico da Vila. Cabe lembrar que as primeiras descrições da cidade, no século XVIII e início do XIX, não mencionam a presença de sobrados no casario, salvo algum exemplar de cunho oficial. Há, entretanto, casos de falsa balaustrada com peças recortadas em tábuas. Já vimos que a dita ‘casa mais antiga da cidade’ foi agenciada em reforma do século XX (ver Fig. 75 e 76). Mas há também outros exemplos inseridos em varandas traseiras de edificações com tipologia setecentista, sendo conhecidos o da dita Casa de Bárbara Heliodora situada no Largo de São Francisco e o de uma casa da Rua Santo Antônio.⁴⁶⁶

Surgiram então as grades em fitas de ferro forjado com desenhos de inspiração neoclassicista. Elas predominaram nos balcões da arquitetura luso-brasileira na primeira metade do século XIX. Em Portugal,

⁴⁶² SMITH (1975), *op. cit.*, p. 176.

⁴⁶³ Ver descrição e exemplos de guardas deste tipo em RODRIGUES, José W. A casa de moradia no Brasil antigo. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: 1975, p. 308; RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 268-269; SANTOS (1981), *op. cit.*, p. 31; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 190.

⁴⁶⁴ SMITH (1975), *op. cit.*, p. 176. Ver exemplos de desenhos em RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 302; RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 290-291, 318-319.

⁴⁶⁵ REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 104, 106; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 186-187; VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 105; MENEZES, Ivo P. *Vãos na arquitetura tradicional mineira*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UMG, 1964, p. 89; RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 305; SMITH (1975), *op. cit.*, p. 176. Para uma aproximação aos muxarabis brasileiros, incluindo a circulação da cultura mourisca via Portugal, ver MARINS (2001), *op. cit.*; PINTO, Estevão. Muxarabis e balcões. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 47-85.

⁴⁶⁶ Trata-se da casa com fachada térrea situada na Rua Santo Antônio n. 33. Sua varanda traseira é visível na antiga foto de c. 1880 e na panorâmica de André Bello. Ver Fig. 22 e 29.

seu emprego teria se difundido um pouco antes, a partir de finais do Setecentos. Carita tece um interessante comentário sobre a passagem do modelo pombalino para os hábitos construtivos populares, em que a arquitetura vai sofrendo suaves modificações na incorporação das novidades estéticas. Estas variações se observam mais claramente, segundo o autor, nos delicados desenhos das grades das sacadas, devido a seu caráter decorativo.⁴⁶⁷

Na América portuguesa, essas grades mais leves, com fitas de ferro forjado a desenhar motivos de inspiração neoclassicista, seriam quiçá existentes a finais do século XVIII. Entretanto, elas só teriam se divulgado um pouco mais tarde, no início do Oitocentos. A abertura dos portos no ano de 1808 teria atuado de forma fundamental na chegada desses produtos de ferro de origem inglesa, juntamente com a maior difusão das peças de vidro. Estas, por sua vez, passaram a ocupar paulatinamente as portas e respectivas bandeiras atrás dos balcões. Medidas oficiais como a proibição das rótulas, promovidas a partir do ano de 1809, também fomentaram o uso das grades. Mesmo com a inundação de produtos estrangeiros e a pressão legal, as guardas metálicas ainda tardariam bons anos para a sua generalização no casario do Rio de Janeiro e ainda mais tempo passaria para que chegassem ao interior do território brasileiro. Em São Paulo, por exemplo, os novos padrões arquitetônicos, que incluíam guardas de ferro, só começaram a ser adotados por volta de 1820, no caso de importantes sobrados do centro da capital paulista. Cabe lembrar que a sua introdução ocorria não só em novos edifícios, mas principalmente em reformas que alteavam pavimentos, substituíam armações de madeira ou rasgavam janelas de peitoril.⁴⁶⁸

Alguns autores esboçam a composição destas grades típicas da arquitetura luso-brasileira da primeira metade do século XIX. José W. Rodrigues apresenta, ainda, uma série de desenhos de exemplos brasileiros agrupados por similaridade, sendo poucos os casos datados. Nossa pesquisa em Portugal, entretanto, permitiu-nos identificar empiricamente uma série de grades com inscrições de anos. A iconografia portuguesa também forneceu algumas referências cronológicas a respeito. Sendo assim, selecionamos alguns desenhos de Rodrigues que parecem corresponder, grosso modo, às três primeiras décadas do século XIX (Fig. 269).

⁴⁶⁷ CARITA (1994), *op. cit.*, p. 127-129.

⁴⁶⁸ RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 308; MARINS (2001), *op. cit.*; REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 107-109; MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 90; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 190.

269. Exemplos de grades de ferro forjado:
antiga Faculdade de Medicina no Rio de
Janeiro; Rua do Catete n. 109, Rio de Janeiro;
Sé de São Paulo. Fonte: RODRIGUES (1979), p.
229, 233.

A armação dessas grades compõe-se de esteios laterais, no caso de balcões isolados, e outros intermediários nos casos corridos. Os quadros descansam sobre peças bojudas ou esféricas de ferro que fazem a transição para a sacada. É comum o uso de uma peça mais robusta no topo, onde geralmente se apoiam parapeitos de madeira. As tiras de ferro têm usualmente seção de 15x5 milímetros. Maiores detalhes são descritos ainda por Vasconcellos:

... prefere-se o ferro laminado, de seção quadrada ou em fita, fazendo-se as uniões com luvas de chumbo ou braçadeiras no próprio laminado, não se desprezando, todavia, os rebites.

Variam as composições destas grades mas obedecem, em geral, a um partido uniforme. Faixas estreitas, tabelas, limitam superior e inferiormente ou mesmo circundam um painel central, preenchidas por pequenas volutas, SS, ondulações ou gregas. O painel arma-se em desenhos mais amplos, ainda em unidades sucessivas, retângulos de cabeças arredondadas, etc...⁴⁶⁹

O termo 'SS' se refere provavelmente às volutas estilizadas, com duas espirais volteadas em sentido contrário.⁴⁷⁰ As ligações em rebite são largamente utilizadas.

Desenhos similares a estes ainda não comparecem nos considerados primeiros balcões de São João del-Rei. Dos três tipos presentes na amostra, destaca-se como padrão mais antigo aquele com peças verticais retorcidas, intercaladas por perfis com volutas nos extremos. Eles foram encontrados em duas ocasiões e voltarão a figurar posteriormente. Também sugerimos que aquele outro com motivos em folha de trevo pertenciam à mesma linhagem, dada a similar complexidade de contornos com volutas volteadas e ferros retorcidos. Rodrigues mostra em seus desenhos uma série destes tipos de grades (Fig. 270).

⁴⁶⁹ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 190.

⁴⁷⁰ MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 90; RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 308; VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 190; VASCONCELLOS (1979), *op. cit.*, p. 105-107.

270. Exemplos de grades de ferro forjado: antiga Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro; Rua do Catete n. 109, Rio de Janeiro; Sé de São Paulo; Ouro Preto; Praça 15 de novembro n. 34, Rio de Janeiro. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 229, 233.

O último da fila já havíamos mostrado como sendo idêntico ao do sobrado em frente à Matriz. Infelizmente, não há qualquer anotação cronológica, embora sejam apontados alguns endereços ou localidades de referência.⁴⁷¹

Esta família de grades é bastante comum também em Portugal. Carita mostra alguns exemplos no Bairro Alto de Lisboa, como o da Rua Atalaia (Fig. 271 e 272).

271, 272. Vista e corte de vão rasgado com balcão, Rua Atalaia n. 185-187, Lisboa. Fonte: CARITA (1994), p. 158.

Não tivemos a oportunidade de conferir a edificação em que se insere este balcão, mas chama a atenção a presença da verga de arco abatido e as folhas das portas com caixilhos na frente e escuros atrás. No balcão, as faixas superiores aparecem recheadas por peças de espirais volteadas em sentidos contrários ou ‘SS’ e com ‘CC’ invertidos. No meio do padrão, figuram as peças típicas de ferros retorcidos e de segmentos retos com espirais nas pontas.

⁴⁷¹ RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 232.

Em nosso trabalho de campo, encontramos inúmeros exemplos desses tipos de grades, com destaque para a cidade de Lisboa (Fig. 273 e 274).

273, 274. Detalhe de balcões: Rua Luz Soriano, esquina com Travessa dos Fieis de Deus, Bairro Alto; Bairro Alto. Lisboa, Portugal, 2015.

Os contornos se repetem no geral, com pequenas variações nos detalhes. Tampouco encontramos maiores referências cronológicas e quase sempre estavam inseridos em edificações correntes, sem maiores características diferenciais que as situassem melhor no tempo. Ao contrário do exemplo com arco abatido apresentado por Carita, os vãos correspondentes contam quase sempre com vergas retas.⁴⁷² Já as sacadas têm com muita frequência o topo reto, havendo exemplos com corpo em baixo relevo e, principalmente, lisos.

A falta de maiores referências cronológicas leva-nos a estabelecer algumas relações além dos balcões. Chama-nos a atenção um portão de entrada de uma propriedade situada na freguesia lisboeta do Lumiar, com o numeral a indicar o ano de 1816 (Fig. 275).

⁴⁷² Carita apresenta desenhos e fotografias de outros balcões com grades semelhantes, inseridos porém em vãos de verga reta; ver CARITA (1994), *op. cit.*, p. 154-155.

275. Portão com inscrição do ano de 1816 na freguesia do Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, esquina com Av. Rainha Dona Leonor. Lisboa, Portugal, 2015.

A grade conta, em seu corpo principal, que se abre à francesa, com aquelas peças verticalmente dispostas com trecho reto e espirais nas extremidades. Não há ferros retorcidos, mas figuram na parte superior da estrutura detalhes em gregas, perfis em 'C' com pontas enroladas e outras espirais. Sendo assim, manifestam-se motivos inseridos dentro do grupo de grades em discussão, combinados com aqueles de inspiração neoclássica comuns nas três primeiras décadas do século XIX. Para nós, tal correspondência é indício de manifestação coetânea entre eles.

Os ferros retorcidos também fazem parte desta coexistência de motivos, como se pode ver em uma antiga grade lisboeta (Fig. 276 e 277).

276, 277. Edifício e respectivo detalhe de balcão à Rua Pena Monteiro, esquina com Calçada do Picadeiro, freguesia do Lumiar. Lisboa, 2014.

Estamos novamente na freguesia do Lumiar, em uma antiga área de expansão ao norte de Lisboa. Apesar da platibanda, que supomos de adição posterior, o balcão encontra-se inserido em uma fachada

temporalmente condizente, em que se destacam temas como a regularidade de vãos de arco abatido e as molduras em massa nos cunhais, na altura das sacadas e nas cimbalhas de topo. Interessa, no entanto, observar as grades com ferros retorcidos em meio a uma composição regular de motivos típicos do classicismo das primeiras décadas do Oitocentos.

O padrão dessas grades do Lumiar leva-nos ainda a uma representação de uma cena de Lisboa datada do ano de 1826, em que aparecem balcões esboçados (Fig. 278).

278. Aquarela de cena urbana de Lisboa e respectivo detalhe de balcões. Autor: A.P.D.G. Data: ano de 1826. Fonte: A. P. D. G. (1826), p. 285.

Esta é uma rara imagem coetânea em que aparecem detalhes construtivos, ainda que somente sugeridos em linhas rápidas.⁴⁷³ Apesar dos cunhais em pedra aparente, a edificação não se afasta daquela do Lumiar, sendo notáveis os vãos com vergas arqueadas e os reduzidos pés-direitos. As grades detêm um padrão com elipses e letras 'C', muito semelhante ao primeiro exemplo carioca desenhado por Rodrigues, já mostrado anteriormente (ver Fig. 269). Ele também compartilha propriedades com o par do Lumiar de ferros retorcidos. Sugere-se, assim, mais uma analogia formal e temporal entre o grupo de grades presentes em São João del-Rei e aquele com motivos de inspiração neoclássica ainda isentos de qualquer peça de ferro fundido.

Cabe abordar uma última referência sobre estas grades da primeira metade do século XIX. Elas aparecem nos balcões da fachada traseira do edifício da antiga Academia Militar, no Rio de Janeiro (Fig. 279 e 280).

⁴⁷³ Para informações sobre o livro e seu contexto de produção, em que se encontram publicadas esta e outras aquarelas, ver introdução feita pelo próprio autor de origem inglesa em: A. P. D. G. *Sketches of Portuguese Life, manners, costume, and character: illustrated by twenty coloured plates*. London: printed for Geo. B. Whittaker: printed by R. Gilbert, St. Johnas Square, 1826, p. v-xi. Disponível em: <http://purl.pt/14638>. Consulta: 7 mar. 2015.

279, 280. Vista geral da fachada traseira e respectivo detalhe de balcão do edifício da antiga Academia Militar, hoje Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

A data de construção é bastante confusa devido aos diferentes projetos e fases de execução. O edifício teria sido muito modificado com o tempo, principalmente na volumetria e na fachada frontal.⁴⁷⁴ Entretanto, supomos que os dois andares inferiores da parte traseira correspondam ao período situado entre o projeto de 1826 e a construção até o ano de 1835. Sendo as grades elementos construtivos que provavelmente se alocam em um momento no final da obra, cremos ser a referência da década de 1830 adequada para situar os padrões desenhados em ferro. Isso para um exemplar arquitetônico de cunho oficial situado em plena capital imperial, que supõe o emprego de elementos modernos em sua arquitetura. Parece-nos improvável o uso de motivos tradicionais nesse tipo de edificação, mas tampouco podemos descartar tal possibilidade. Sempre haverá, ainda, a probabilidade de transformações ao longo do tempo, o que poderia incluir a troca de motivos tais como grades de ferro e fasquias. O nosso trabalho mostrou até agora uma grande dinâmica nas transformações da arquitetura são-joanense e cremos ser o conceito válido para outras localidades.

Mesmo com estas referências formais e cronológicas, fica difícil definir com precisão o momento em que o padrão de grades em discussão estaria sendo usado no contexto luso-brasileiro. Sugere-se que eles não tardariam a surgir depois dos primeiros exemplares em fita de ferro forjado e que seriam anteriores àqueles com pequenas peças de ferro fundido. Sendo assim, poderíamos situar hipoteticamente e grosso modo o seu tempo em torno do período entre 1810 e 1840. Saber quando teriam chegado ao

⁴⁷⁴ CZAJKOWSKI (2000a), *op. cit.*, p. 67; SANTOS (1981), *op. cit.*, p. 56; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. *Reflexos das luzes na terra do sol: sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência, 1808-1831*. São Paulo: ProEditores, 2000b, p. 327-328.

interior das Minas e especificamente a São João del-Rei torna-se tarefa ainda mais árdua.⁴⁷⁵ Entretanto, com as referências apresentadas já somos capazes de formar uma ideia sobre o assunto.

Na esteira das transformações tipológicas das grades de ferro dos balcões, surgem a partir da década de 1840, em Portugal, pequenas peças de ferro fundido inscritas em composições neoclassicistas. Essas estrelas e rosetas passam a habitar os modelos mais comuns com quadros em série. Até então, o ferro fundido só aparecera de forma pontual, geralmente no centro de composições, sendo conhecidas as versões mais típicas da segunda metade do século XVIII, aquelas profusa e sinuosamente desenhadas e as outras com sóbrios motivos geométricos encontradas na cidade do Porto. Já no âmbito de um avançado Oitocentos, dois balcões vizinhos de Lisboa ilustram a introdução desses motivos nas grades portuguesas (Fig. 281 e 282).

281. Detalhe de grade do ano de 1838 na Rua Nova da Trindade n. 20. Lisboa, 2014.

282. Detalhe de grade do ano de 1840 na Rua Nova da Trindade n. 18. Lisboa, 2014.

Ambos os edifícios em que se inserem são bastante ricos e modernos em detalhes, sugerindo um padrão nobre ou, pelo menos, de alta burguesia. As inscrições dos anos de construção nas próprias guardas metálicas garantem a veracidade destas referências cronológicas. A primeira das grades, datada do ano de 1838, apresenta perfis com trechos retorcidos e volutas estilizadas, nada de ferro fundido. Este aparece na

⁴⁷⁵ Há notícias de fundições de ferro caseiras em Minas ainda no século XVIII, com destaque para a produção de ferragens, pregos e instrumentos de trabalho. À época, muito se transportava em lombos de muare. Uma das primeiras fundições industriais regulares teria surgido em torno do ano de 1811 pela iniciativa do barão Eschwege. A ela seguiriam muitas outras nas décadas seguintes. Não dispomos, entretanto, de informações mais específicas sobre a produção de peças para compor grades de balcões. Ver VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 119-120; LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 134-140.

outra grade com referência de data de 1840,⁴⁷⁶ nas flores que acompanham as séries de volutas e gregas inscritas. Sendo assim, na década de 1850 estas pequenas peças de ferro fundido estarão largamente disseminadas na arquitetura urbana lisboeta, com destaque para aquelas a desenhar flor com um par de pontas de lança.⁴⁷⁷

No contexto brasileiro, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, há dois exemplos com referências cronológicas apresentados nos desenhos de Rodrigues (Fig. 283).

283. Exemplos de grades cariocas com referências de ano de construção: Av. Presidente Vargas, n. 1132-1183, ano de 1842; Rua Senador Pompeu n. 180, ano de 1854. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 229, 233.

Não há maiores novidades quanto aos desenhos, salvo a maior complexidade ou saturação se comparados com aqueles mais antigos (ver Fig. 269). Se as datas estiverem corretas, observa-se a ausência de peças de ferro fundido naquele do ano de 1842, em contraste com a sua presença 12 anos mais tarde, em 1854.

Também encontramos um par de exemplos remanescentes na capital carioca com noções de época de construção. Trata-se, neste caso, de balcões de duas laterais de igrejas, os quais se apresentam com padrão semelhante ao encontrado na arquitetura civil. Na Igreja de São José, construída entre 1808 e 1842, supomos que as grades tenham sido colocadas mais ao final da obra, por se tratar de estrutura de acabamento (Fig. 284).

⁴⁷⁶ Neste caso, a inscrição de ano encontra-se na bandeira fixa da porta principal de entrada ao edifício, cujo padrão não corresponde exatamente ao das grades das sacadas. Mesmo assim, consideramos o ano de 1840 válido, mesmo no caso em que possa existir diferença de um par de anos entre a fixação das grades da porta principal e dos balcões.

⁴⁷⁷ Conhecemos pelo menos três casos datados de grades lisboetas com este padrão tipológico: uma com data inscrita do ano de 1852, no caminho entre Belém e o Cais do Sodré; outra, de 1855, na Calçada de São Vicente n. 68; e uma última, de 1859, na Rua Presidente Arriaga n. 60.

284. Balcão lateral da Igreja de São José, construída entre 1808 e 1842. Rio de Janeiro, 2012.

285. Balcão lateral da Igreja de Nossa Senhora do Terço; reforma empreendida no ano de 1843. Rio de Janeiro, 2012.

O padrão, marcado por séries de motivos geometrizados e volutas estilizadas, não conta com qualquer detalhe em ferro fundido. Já no balcão da Igreja de Nossa Senhora do Terço, reformada no ano de 1843, já encontramos aquelas típicas estrelas inscritas entre as séries de desenhos (Fig. 285).⁴⁷⁸ Se tais motivos comparecem em uma edificação religiosa na década de 1840, parece razoável aceitar a sua difusão para o casario a partir do decênio seguinte. Sendo assim, as datas coincidem, grosso modo, com os registros cariocas desenhados e, também, com os exemplos portugueses.

Concordamos com Ivo Menezes e José W. Rodrigues sobre o aparecimento mais tardio dos desenhos simétricos em relação a eixos verticais, frequentemente inspirados em ramagens e com rosetas, vasos, liras, setas cruzadas ou inscrições nos centros das composições.⁴⁷⁹ Rodrigues mostra ainda seis exemplos cariocas, paulistas e mineiros de desenhos inseridos nesta família de grades (Fig. 286).

⁴⁷⁸ As referências de datas de construção e reforma destas igrejas cariocas foram coletadas em CZAJKOWSKI (2000a), *op. cit.*, p. 63, 69.

⁴⁷⁹ MENEZES (1964), *op. cit.*, p. 90; RODRIGUES (1975), *op. cit.*, p. 308.

286. Grades de ferro forjado com desenhos ou inscrições centrais, além de pequenas peças de ferro fundido: Diamantina, Minas Gerais; Rua da Misericórdia n. 10, Rio de Janeiro (inscrição do ano de 1849). Fonte: RODRIGUES (1979), p. 239.

Conjugado com estes esquemas, aparecem pequenas peças de ferro fundido nas composições, geralmente em forma de estrela ou flor estilizada. Também aparecem detalhes em espirais retas e arredondadas, a lembrar as gregas e volutas clássicas. O partido central define ainda eixos de simetria. Nossa amostra da arquitetura portuguesa mostra-nos a ausência ou raridade destes tipos de padrões. Já vimos que as diminutas peças de ferro fundido só passaram a compor sistematicamente as grades em torno da década de 1840 ou 1850. Esta referência cronológica nos parece razoável para situar esta família de grades, sendo condizente com a inscrição do ano de 1849 do exemplar carioca aqui ilustrado.

Os dois exemplos são-joanenses com cabeça de leão centralizada, até agora vistos, se associam desde nosso ponto de vista a este grupo de grades (ver Fig. 242 e 266). Coincidem, na composição geral, o motivo centralizado e destacado com círculos, as longas peças curvas inspiradas em ramagens, bem como as faixas laterais, superior e inferior com espirais inscritas. Outros detalhes como caracóis retos, pequenas estrelas de ferro fundido e rebites de ligação também são comuns. No caso de São João del-Rei, entretanto, cabe considerar um possível atraso no emprego destas grades, dadas a dificuldade de acesso e a distância da capital carioca. Parece-nos razoável imaginar que o seu uso poderia remeter ao momento a partir da década de 1850 ou 1860.

Nessa incursão pelos balcões luso-brasileiros, tivemos a oportunidade de observar ainda as sacadas de pedra. Nos casos portugueses, parece-nos que aquelas mais elaboradas, com acabamentos ressaltados em cornija ou com corpo em baixo relevo, remetem a tipologias mais antigas. Elas são muito comuns no norte do país, mas também se apresentam em outras paragens como Coimbra, Tomar e Angra do Heroísmo. Já no sul do território continental, no Algarve, percebe-se a maior predominância das sacadas acabadas em pedra de topo liso. Elas são, de fato, comuns em diferentes regiões, destacadamente em edifícios correntes ou naqueles que se enquadram em esquemas compositivos mais modernos a partir do segundo quartel do século XIX. No geral, esses perfis são mais estreitos que aqueles encontrados em São João del-Rei, salvo o exemplo modernizado do Solar dos Neves (ver Fig. 266). Nesse sentido, o desenho do detalhe lisboeta da Rua da Atalaia, apresentado por Carita, corresponderia novamente a uma exceção, dada a largura excessiva da pedra em balanço (ver Fig. 271). Já os perfis com bordas arredondadas são pouquíssimo comuns em Portugal, pelo menos no que respeita a nossa amostra. Trata-se, provavelmente,

de peculiaridade brasileira. Veremos mais balcões adiante e poderemos, com isso, ampliar o repertório arquitetônico e analítico.

Cabe agora estudar algumas edificações de Portugal que se assemelham com o grupo de sobrados são-joanenses com balcões precursores. O primeiro par de exemplos mostra relevos e detalhes de pedra aplicados em fachadas de composição regular. Eles encontram-se no Bairro Alto de Lisboa e em uma praça de Setúbal, cidade litorânea ao sul da capital lusitana (Fig. 287 e 288).

287. Edifício e detalhe de parte baixa do cunhal, Bairro Alto. Lisboa, Portugal, 2014.

288. Edifício e detalhe de parte baixa do cunhal. Setúbal, Portugal, 2014.

Estas edificações compartilham algumas qualidades arquitetônicas entre si e com os seus pares são-joanenses, apesar das diferenças no número de pavimentos, no uso de cimalthas sob os beirais e no maior emprego da pedra em cercaduras e cunhais. Coincidem os vãos com arco abatido, regularmente distribuídos nas fachadas, os balcões individuais resguardados por grades de ferro forjado, além dos barrados e socos junto às calçadas. Os cunhais contam com base mais alta em um caso e mais baixa em outro, de forma análoga aos sobrados de São João del-Rei. Equiparam-se também os desenhos com trecho liso, plinto ligeiramente recuado, toro e, finalmente, pequena moldura recuada no arremate superior. No caso de Setúbal, o corpo do cunhal conta ainda com peça intermediária retangular e em baixo relevo, que marca a faixa horizontal e as sacadas ao longo da fachada.

É entretanto em pequenas localidades portuguesas do Alentejo que encontramos sobrados mais parecidos com os pares são-joanenses. Em Viana do Alentejo, sobressai um casarão de esquina em plena Praça da República (Fig. 289).⁴⁸⁰

⁴⁸⁰ Para uma outra edificação de interesse em Viana do Alentejo, com características arquitetônicas análogas, ver sobrado na Rua Cândido dos Reis, esquina com Rua do Relógio.

289. Sobrado na Praça da República. Viana do Alentejo, Portugal, 2014.

290. Sobrado em Vidigueira. Portugal, 2014.

A pouco mais de 30 quilômetros dali, na localidade de Vidigueira, encontra-se outro sobrado de características semelhantes (Fig. 290). Em ambos os casos, os pés-direitos são de alturas análogas e figuram balcões regularmente espaçados no andar superior. Esse espaço entre os vãos é mais generoso se comparado com os pares brasileiros. A irregularidade e a falta de alinhamento da fenestração térrea fazem supor a existência de antigas casas de um só pavimento. No exemplar em Vidigueira, as típicas cercaduras de pedra setecentistas, com arcos abatidos encimados por pequenas molduras boleadas, se alinham parcialmente com as aberturas de cima. A marcação de cunhais e pilastras contrasta, pelas diferenças de cor e relevo, com as paredes caiadas. Suas bases apresentam corpos lisos, sem maiores ressaltos, sendo um dos topos arrematado com toro e concavidade. Somente no caso de esquina há uma moldura retangular simples, na altura dos balcões, que se prolonga em faixa na extensão da fachada (Fig. 291 e 292).

291. Detalhe de balcão de sobrado na Praça da República. Viana do Alentejo, Portugal, 2014.

292. Detalhe de balcão de sobrado em Vidigueira. Portugal, 2014.

Na parte alta, finalmente, os cunhais se arrematam em cornijas, sendo uma delas antecedida por cordão a definir um retângulo a modo de base ou capitel. No caso da cimalha de Viana do Alentejo, o perfil remete bastante ao casarão térreo são-joanense da Praça da Câmara (ver Fig. 146). Vimos, no entanto, que os primeiros sobrados com balcões de São João del-Rei são isentos desse elemento, pois conservaram as beiras-seveiras nos beirais.

Os detalhes dos balcões alentejanos mostram similitudes e diferenças em relação aos pares são-joanenses. Coincidem, no geral, a proporção dos vãos e balcões bem como as pronunciadas sobrevergas em massa e forma de ‘canga de boi’. Estas contam com perfil e envergadura variados. Uma delas encontra-se inclusive destacada da correspondente verga, de modo a se conectar, através de uma moldura contínua, com o cordão da pilastra e com as sobrevergas vizinhas. As grades estão construídas em fitas de ferro forjado, mas apresentam diferentes padrões tanto entre si como em relação aos casos brasileiros. Enquanto uma mostra desenho com peças curvas e motivo central a definir um eixo de simetria, associado à segunda metade do século XVIII,⁴⁸¹ a outra exhibe formas mais simples e seriadas dentro do repertório neoclassicista vigente nas primeiras décadas do século XIX. As respectivas sacadas, provavelmente de pedra pintada, apresentam pronunciadas molduras escalonadas a modo de cornijas, inexistentes no contexto de São João del-Rei. As esquadrias das portas contam com caixilhos simples e grandes peças de vidro,

⁴⁸¹ Ver desenhos semelhantes associados ao século XVIII nos casos das localidades brasileiras do Recife e de São Luís do Maranhão bem como do Bairro Alto de Lisboa, respectivamente, em RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 290-291, 318-319; CARITA (1994), *op. cit.*, p. 158-159, 164.

incluindo as bandeiras fixas. Tal esquema é mais condizente com a inserção nos vãos e respectivos balcões, uma vez que pinázios desenhados só começaram a ser empregados na arquitetura corrente a partir do segundo quartel do século XIX. Em todo caso, o aspecto geral e alguns detalhes destes sobrados alentejanos se assemelham bastante aos casos são-joanenses, sugerindo não só uma circulação de referências culturais como também a manifestação coetânea de tipos arquitetônicos.

Cabe mostrar, como últimos exemplos de arquitetura portuguesa análoga, algumas edificações de Angra do Heroísmo, nos Açores (Fig. 293 e 294).

293. Sobrados na Rua de São João n. 11-15-17. Angra do Heroísmo, Açores, 2014.

294. Sobrado na Rua do Salinas n. 15-17-19. Angra do Heroísmo, Açores, 2014.

Apesar do reduzido pé-direito e da predominância de três andares e de balcões corridos, o espaçamento entre os vãos e os detalhes de vergas e sobrevergas em arco abatido, bem como a marcação de pilastras laterais, os aproximam bastante dos sobrados de São João del-Rei. Nos sobrados praticamente geminados de três andares, destacam-se a regularidade, a proximidade e o desenho dos vãos encimados por sobreverga pronunciada nos pisos superiores. De forma semelhante ao sobrado em frente à Igreja Matriz são-joanense, as vergas dos vãos térreos são isentas de sobrevergas. No outro casarão, somente de dois andares, se repete a série de vãos rasgados, embora as envasaduras do térreo não acompanhem o mesmo alinhamento. Neste caso, a pilastra descansa sobre uma base simples com corpo liso e detalhe de topo. De forma semelhante à de seus pares alentejanos, os beirais açorianos se sustentam por cimbalhas, quase nunca pela fila de telhas superpostas. Assim mesmo, a composição geral da fachada e o detalhe dos vãos remetem bastante à tipologia brasileira.

A comparação com os modelos portugueses mostra uma dualidade entre a falta de correspondência exata nos detalhes por um lado e uma associação bastante evidente por outro lado. Parece-nos, novamente, que a circulação de referências é significativa, mas passa por importantes filtros e adaptações até atingir o interior das Minas. Tem-se como resultado composições usualmente híbridas, em que se combinam e mesclam elementos em novas variantes, ainda que de forma sutil.

Vejamos agora o que nos informa a iconografia da cidade do Rio de Janeiro sobre os sobrados com balcões das primeiras décadas do século XIX. Uma aquarela de Richard Bate do ano de 1809 mostra o lado norte da Rua Ouvidor, situada em uma importante área comercial do centro da capital carioca (Fig. 295).

295. Lado norte da Rua do Ouvidor. Rio de Janeiro, 1809. Autor: Richard Bate. Fonte: FERREZ, 1965.

Fica difícil avaliar nesta cena a existência e as feições de pormenores arquitetônicos devido ao esquematismo do desenho. As faixas debaixo dos beirais, com buzínates de escoamento de água pluvial lateralmente engastados, talvez representem cimalkas. O esquema seria análogo ao do sobrado da localidade portuguesa de Vidigueira que acabamos de mostrar. Mas, no caso carioca, não há maiores sinais de outros relevos de fachada como seriam pilastras e cunhais. Chama ainda a atenção a predominância de vãos com vergas retas, com destaque para os terceiros andares que, com bastante probabilidade, teriam sido os mais recentemente construídos. As folhas dos vãos contam com divisões que sugerem mais a presença de almofadas do que vidro. A ausência de bandeiras fixas dá respaldo à ideia de falta de vidraças. Os balcões também sugerem estruturas compactas, sem maior transparência. Trata-se, provavelmente, de guardas com peças de madeira e treliças. Se essas suposições forem corretas, vemos uma arquitetura corrente ainda calcada nos padrões setecentistas, ainda não plenamente atingida pelas inovações a partir do ano de 1808.

Uma década mais tarde, aparece uma cena de Debret que já intuimos situar-se em área próxima ao centro do Rio de Janeiro (ver Fig. 224). O pequeno sobrado chama a atenção por sua relativa modernidade (Fig. 296).

296. Detalhe de sobrado, Rio de Janeiro. Data: c.1816-1818, segundo a fonte. Autor: Jean-Baptiste Debret. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p.123. Ver obra completa em Fig, 224.

Os vãos se distribuem regularmente em uma fachada com relevos no barrado, nas pilastras laterais e na cimalha sob o beiral. A faixa intermediária entre os pavimentos não coincide com as sacadas, fato atípico nas regiões estudadas e quiçá estranho para a arquitetura civil. Os balcões dispõem de guardas a sugerir perfis metálicos, diferentes da balaustrada da porta de entrada. As molduras debaixo das pedras em balanço de onde saem buzínates de escoamento de água são motivos bastante avançados para a época. Modernos também são as venezianas na janela térrea e os capitéis com detalhes pendurados. Note-se que os vãos contam com verga abatida simples, sem arremates laterais em ‘canga de boi’, e com ressaltadas sobrevergas. Tais molduras apresentam-se com cor diferenciada em relação às cercaduras provavelmente de pedra, o que sugere o uso de massa em sua construção. Apesar da diferença de escala e de sofisticação de alguns detalhes em massa, o sobrado conta com alguns motivos arquitetônicos análogos aos pares são-joanenses, com destaque para a proporção das sobrevergas e a relação entre cheios e vazios da fachada. As molduras da base e da lateral também coincidem grosso modo, mas há de se lembrar que os sobrados de São João del-Rei ainda não dispunham de cimalhas sob os beirais.

Por estes mesmos anos destaca-se, naquela mesma cena da Rua do Piolho retratada por Ender, um sobrado de maiores dimensões (Fig. 297).

297. Detalhe de sobrado na Rua do Piolho, Rio de Janeiro. Ano: 1817-1818. Autor: Thomas Ender. Fonte: FERREZ [s.d.], p.129. Ver obra completa em Fig. 88.

Apesar da irregularidade dos vãos no andar térreo, como resultado de uma possível expansão da casa para cima, as portas rasgadas com balcões encontram-se regularmente distribuídas na extensão da fachada. Os cunhais apresentam uma configuração bastante típica, com o mesmo esquema de base – corpo liso alto seguido de plinto e toro –, de marcação na altura das sacadas e, finalmente, de arremate com a cimalha no topo. Os balcões, pouco pronunciados, contam seguramente com hastes de ferro forjado em padrões curvos seriados. Os vidros já comparecem nas respectivas portas com peças de considerável tamanho. Chamam a atenção os elementos arqueados sobre cada vão do andar superior. Eles são algo delgados, e os toldos recolhidos ocultam a junção com a envasadura. Fica difícil compreender com precisão este detalhe, mas parece-nos indicar a presença de sobrevergas.

Um par de anos mais tarde, entre 1819 e 1820, Chamberlain retrata uma cena carioca com casario ao fundo (Fig. 298).

298. Cena urbana com casario ao fundo, Rio de Janeiro. Ano: 1819-1820. Autor: Henry Chamberlain. Fonte: CHAMBERLAIN (1943), p. 166.

Ao descrevê-la, o autor menciona a parte larga da Rua Direita, o que nos parece condizente com a densidade e escala construtivas.⁴⁸² Apesar do esquematismo do desenho, a composição geral e alguns detalhes arquitetônicos podem ser percebidos. O alinhamento dos vãos, os cunhais e as cimbalhas parecem generalizar-se na cena, apesar das pequenas janelas no alto do sobrado à direita. Nele percebem-se sobrevergas sobre os arcos abatidos e, como novidade, balcões corridos com delicados vergalhões de pontas espiraladas. Peças curvas, seguramente em fitas de ferro forjado, também são percebidas no sobrado de vãos retos. O vidro e os quadros em guilhotina já encontram-se disseminados no casario, apesar da manutenção dos escuros e guardas de treliças no sobrado do meio. Chama a atenção ainda a ausência de bandeiras fixas no alto das portas com balcões. Para nós, trata-se de omissão do desenhista, pois elas geralmente acompanhavam as folhas envidraçadas. Nesse sentido, cabe notar a composição bizarra da última fila de vãos da edificação da esquerda. A composição dúbia deixa dúvida quanto à existência ou de janelas de peitoril com guardas de ferro e folhas de guilhotina, ou de balcões com buzínates de escoamento a resguardarem vãos rasgados até o piso. Embora as imprecisões da obra não comprometam a observação de importantes motivos e detalhes, ocorre um certo receio com respeito à sua veracidade.

Uma última cena da iconografia carioca mostra o Largo da Lapa desenhado por Burchell no ano de 1826 (Fig. 299).

⁴⁸² CHAMBERLAIN (1943), *op. cit.*, p. 165.

299. Detalhe de casario no Largo da Lapa, Rio de Janeiro. Ano: 1826. Autor: William Burchell. Fonte: FERREZ (1981), p. 49.

Há dois conjuntos de interesse: os dois sobrados de três andares que aparecem em primeiro plano à direita da figura; e os três sobrados de dois pavimentos em segundo plano, também defronte ao largo. Ao apresentar esta obra, Ferrez nota no casario a predominância dos telhados de quatro águas, a exígua proximidade dos vãos e as sacadas corridas ao longo das fachadas.⁴⁸³ Constam mesmo assim vários balcões individuais, alguns com molduras recuadas a sustentarem as sacadas. As guardas mostram traços e uma transparência típicos das leves grades de ferro forjado, incluindo os respectivos suportes para iluminação. No grande sobrado de esquina, com três pavimentos, pode-se perceber o cunhal com bases de pilastras – moldura ou pedestal seguido de setor liso e elemento de arremate – em cada um dos dois setores intermediários na altura dos balcões. Este esquema é encontrado em dois dos sobrados são-joanenses discutidos. Nesse grande sobrado da cena e em seu vizinho há ainda claros indícios de presença de sobrevergas arqueadas. Percebem-se também, em alguns dos vãos do casario, bandeiras fixas com peças quadradas de vidro, sendo provavelmente curvas somente as faces encostadas às vergas. Destaca-se finalmente em um dos sobrados menores um grande vão centralizado no andar térreo a reforçar a simetria

⁴⁸³ FERREZ (1981), *op. cit.*, p. 49.

da fachada. Esta excepcional vista do casario urbano do Rio de Janeiro, em traços confiantes como os de Burchell, constitui uma importante referência formal e cronológica para o estudo dos motivos arquitetônicos da época.

No acervo arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro remanesce um sobrado localizado na Praça de República (Fig. 300).

300. Sobrado na Praça da República n. 197. Antiga Casa Histórica de Deodoro, hoje Instituto de História e Geografia Militar do Brasil. Rio de Janeiro, 2012.

A edificação sustenta o nome popular de Casa Histórica de Deodoro e abriga atualmente o Instituto de História e Geografia Militar do Brasil. Não dispomos de maiores informações, mas supomos um sobrado de arquitetura mais ou menos corrente inserido no início do século XIX. Ele se assemelha bastante àqueles sobrados de dois pavimentos do Largo da Lapa mostrados por Burchell, salvo o telhado em duas águas, um maior afastamento entre as aberturas e uma menor regularidade na distribuição dos vãos térreos. Mantém-se, assim mesmo, o mesmo espaçamento entre os vãos superiores que se encontram resguardados por sacada corrida com grades de padrão simples, já com fitas de ferro forjado. Apesar da cimalha no topo da fachada, não se apresenta qualquer outra moldura nas laterais ou sobre os vãos. Sendo assim, a composição mostra uma certa modernidade no agenciamento de alguns motivos – cimalkas, balcão, grades – mas encontra-se ainda limitada em relação a apliques de ornamentos e à organização dos vãos na fachada.

Uma vez exploradas algumas referências formais e cronológicas, com destaque para os contextos de Portugal e do Rio de Janeiro, cabe reconsiderar o grupo dos quatro sobrados de São João del-Rei. A distância das Minas para o porto carioca ainda era considerável à época, mas a nobreza dos sobrados são-joanenses compensa parcialmente esse isolamento. Percebe-se então a introdução de motivos classicistas e de balcões, apesar da relativa precariedade dos meios. Chama a atenção a persistência de elementos tradicionais como a beira-seveira, em um momento em que as cimalkas já estariam largamente

disseminadas nos casarios urbanos tanto cariocas como portugueses. As telhas sobrepostas sob os beirais não parecem responder a uma limitação tecnológica, uma vez que detalhes como as sobrevergas, de fatura semelhante, já se encontravam supostamente empregados na arquitetura. Não nos parece tampouco que elas se apresentem como resquícios de reformas modernizadoras, pois são improváveis tantas modificações substanciais – abertura de vãos, agenciamento de cunhais e sacadas de pedra – acompanhadas da manutenção de beirais. Tampouco faria sentido a falta de circulação de modelos, tendo em vista justamente os outros motivos classicistas que comparecem nas fachadas. Trata-se, desde nosso ponto de vista, de uma peculiaridade calcada em um continuísmo da tradição.

A quadra de sobrados são-joanenses não se apresenta com uma absoluta integridade, tanto no compartilhamento de características como na composição de cada uma das edificações. Por um lado, há variações consideráveis em quesitos tais como a interface volumétrica com a via, o número de vãos, o espaçamento entre eles, além dos detalhes de molduras e relevos das fachadas. Por outro lado, notamos alguns motivos que não combinavam cronologicamente com a tipologia dominante, com destaque para as grades com pequenas peças de ferro fundido e as bandeiras com pinázios desenhados. Esses equipamentos arquitetônicos são de fácil locação, podendo ter sido agenciados ou trocados em remodelações posteriores. Apesar dessas limitações, esses sobrados são-joanenses continuam a constituir, desde nosso ponto de vista, um grupo tipológico. Esperamos ter colocado isso em evidência na descrição de características comuns e na relação com as diversas referências formais e cronológicas apresentadas.

É bastante difícil delimitar com precisão o período temporal correspondente a esses quatro sobrados de São João del-Rei. Temos a intuição, inclusive, de que eles não se afastam cronologicamente dos grupos de casas térreas e sobrados isentos de balcões estudados na primeira parte do presente capítulo. É razoável imaginar uma diferença de requinte arquitetônico entre ricos sobrados e casas menos abastadas. Estas, entretanto, já apresentavam uma significativa profusão de motivos classicistas, mesmo que só sugeridos em molduras e relevos. Os detalhes superiores dos vãos, com arcos abatidos encimados por sobrevergas salientes, bem como o encontro das pilastras com as beiras-seveiras, são bastante comuns a esses grupos. Em algumas dessas casas nobres – que sempre recebem uma maior atenção dos estudos e encontram-se melhor documentadas –, coincidem grosso modo as informações constantes em placas afixadas provavelmente por organizações ligadas à preservação do patrimônio. Referimo-nos àquela já mostrada para o casarão térreo da Praça da Câmara, com referência do início do século XIX (ver Fig. 147), e às outras duas afixadas nos sobrados com balcões (Fig. 301 e 302).

301. Placa informativa afixada em fachada do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 122-132). São João del-Rei, 2015.

302. Placa informativa afixada em fachada do sobrado no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 98). São João del-Rei, 2012.

Uma delas menciona o início do Oitocentos, enquanto a outra faz uma relação um tanto vaga à mesma centúria. Os únicos dados comuns são a noção geral do século e, em dois casos, incluindo o do casarão térreo, o início do mesmo. Mas esse princípio de século é impreciso e acreditamos que o período da arquitetura em exame possa se estender um pouco mais, pelo menos até a década de 1820 ou de 1830, considerando o contexto peculiar do interior das Minas. Lembramos, mais uma vez, da fachada lateral da Igreja Matriz, supostamente construída depois do ano de 1820.⁴⁸⁴ Se esta referência for correta, estaríamos falando melhor de um período situado em torno de um segundo quartel do Oitocentos. Em todo caso, a atribuição mais segura, pelo momento, é a apresentada na ficha de inventário do sobrado da Rua da Prata, ou seja, a primeira metade do século XIX.⁴⁸⁵

Vejamos o que acontece com o casario são-joanense no seguinte capítulo. Com isso poderemos reconsiderar mais uma vez as balizas cronológicas que nos tangem.

⁴⁸⁴ ALVARENGA (1971), *op. cit.*, p. 16.

⁴⁸⁵ Ver: Ficha de inventário de bens imóveis – estruturas arquitetônicas: 34^a Superintendência Regional de Ensino, Rua Padre José Maria Xavier n. 174; fonte: PM-SJDR.

CAPÍTULO 4

Consolidação e profusão de motivos classicistas

No capítulo anterior, objetivamos mostrar a manifestação de motivos classicistas no casario são-joanense. As fachadas já apresentaram composições regulares, com vãos alinhados e aproximados e detalhes trabalhados nos relevos, vãos e balcões. Apesar da relativa modernidade, notou-se a permanência de elementos tradicionais, evidente no caso dos beirais em beira-seveira.

O momento seguinte de nossa história tipológica da arquitetura de São João del-Rei dá continuidade à consolidação de motivos de orientação clássica. Como veremos a seguir, há uma maior profusão de pormenores decorativos nos cunhais e entablamentos sob os beirais acimalhados, geralmente construídos em massa, bem como nas grades dos balcões e nas esquadrias das bandeiras fixas. Em nossa amostra figuram casas térreas, mas destacam-se especialmente os sobrados, alguns deles bastante abastados. Torna-se bastante difícil, entretanto, a classificação dos exemplares em grupos, sendo ainda mais confusa a tentativa de ordenação cronológica. Isso acontece, como temos verificado, devido à eminente transformação dos edifícios ao longo do tempo, principalmente no que respeita a componentes de mais fácil deterioração, substituição ou simplesmente adição. Além disso, temos sugerido também a ausência de uma introdução linear de motivos na arquitetura, havendo possíveis descompassos temporais e inclusive recriações. Finalmente, figura a escassez de estudos publicados sobre o assunto. Sendo assim, as referências de época de construção de algumas edificações nem sempre podem ser tomadas como balizas seguras, sendo necessário considerar as contingências históricas.

Apesar dessas dificuldades e limitações, identificamos uma diferença nas casas de acordo com o maior ou menor grau de rebuscamento e profusão dos motivos construtivos e decorativos, o que nos levou à distinção de dois grandes grupos.

4.1. Consolidação do sistema classicista

O primeiro grupo dá continuidade à consolidação do sistema classicista. Alguns exemplares arquitetônicos contam com motivos relativamente sóbrios, já claramente enquadrados em um sistema de composição. Vejamos um primeiro sobrado localizado ao lado da Igreja Matriz, em plena Rua Direita (Fig. 303).

303. Sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 73-79-83). São João del-Rei, 2013.

Devemos abstrair a platibanda, pois a mesma é de construção posterior. Os vãos encontram-se distribuídos regularmente, sem qualquer distorção de alinhamento ou de distância entre si e com as extremidades das fachadas. A face frontal encontra-se emoldurada pelo esquema definido por alicerce e socos de pedra na base, pilastras laterais e entablamento. A situação ao lado da igreja, ladeada por um beco e com recuo do adro, possibilita a liberação do corpo do cunhal neste lado da edificação.

O sobrado aparece sem platibanda naquela antiga fotografia supostamente feita por volta da década de 1880 (Fig. 304).

305. Vista do sobrado à Rua Direita, São João del-Rei. Data: desconhecida. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 67.

304. Vista do sobrado na Rua Direita, São João del-Rei. Data provável: por volta de 1880, segundo DANGELO *et al.* (2014). Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG131/1/04. Ver foto completa em Fig. 25.

Observa-se uma considerável permanência das feições gerais do edifício, salvo as janelas de guilhotina que foram substituídas por folhas abrindo à francesa, a pintura marmorizada no corpo do cunhal e outros detalhes menores como as pinhas sobre o parapeito dos balcões, hoje desaparecidas. Em uma seguinte foto antiga, sem referência cronológica, a platibanda já figurava com vasos distribuídos em seu topo (Fig. 305). A existência de uma janela de peitoril no andar térreo contrastava com as portas comerciais recheadas por sacos de produtos empilhados. Fora isso, não se notam maiores modificações arquitetônicas.

Os corpos dos cunhais encontram-se atualmente lisos e pintados, mas ainda é possível notar o relevo dos retângulos de cantos arredondados que se encontravam expostos no século XIX, em uma provável imitação de modelos construídos em pedra. Há molduras e relevos nos três setores do cunhal. A base, com corpo liso, pedestal e arremate em toro, não se diferencia daquelas dos sobrados com balcões mostradas no capítulo anterior (Fig. 306).

306, 307. Detalhes inferior e intermediário de cunhal do sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 73-79-83). São João del-Rei, 2015.

Já o setor intermediário se apresenta com uma proeminente moldura trabalhada (Fig. 307). Ela se assemelha, no geral, à do Solar dos Neves (ver Fig. 265), com uma sequência de cordão inferior, concavidade, peito de pomba e arremate reto, havendo ainda um trecho liso ressaltado no corpo da pilastra. No outro extremo da fachada, este conjunto é feito de pedra aparente, o que demonstra a sua provável pintura no caso do cunhal de esquina. Cabe ressaltar a falta de alinhamento com a pedra da sacada.

Já o topo do cunhal se apresenta com importantes novidades, se comparado com os sobrados com balcões anteriormente vistos (Fig. 308).

308. Detalhe superior de cunhal do sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 73-79-83). São João del-Rei, 2015.

Os retângulos, que apenas eram sugeridos, com leves relevos, são agora delimitados por pronunciadas molduras. A ideia de capitel fica melhor evidenciada com a franja de base conformada por uma série de elementos que se assemelham a folhas ou motivos cordiformes clássicos.⁴⁸⁶ Acima do retângulo, que se prolonga em faixa nas fachadas, brota a cimalha com grande perfil côncavo seguido de lacrimal, outras molduras e um peito de pomba no arremate de topo. Tais relevos são mais trabalhados ou complexos do que aqueles encontrados anteriormente em casas térreas (ver Fig. 146, 151, 155 e 197).

Os balcões com respectivas janelas rasgadas também apresentam variações em relação aos exemplos já vistos (Fig. 309).

309, 310. Balcão e detalhe de cartela de sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 73-79-83). São João del-Rei, 2011.

Mas os vãos se assemelham bastante aos do sobrado do Barão de São João del-Rei na Rua da Prata (ver Fig. 254), coincidindo o desenho das sobrevergas, as folhas de abertura com vidros quadrados em cima e madeira pintada em baixo, além das bandeiras fixas com meios círculos de raios concêntricos e detalhes florais nas quinas. Diferencia-se somente a largura da envasadura, aqui mais delgada e com ripa justaposta na transição para as esquadrias. Os balcões, entretanto, exibem uma espessa sacada de topo liso, inédita até o momento. Na parte esquerda do sobrado, com os vãos pintados em cor vermelha, há ainda duas faixas justapostas em pedra que fazem a ligação entre as sacadas e entre os socos das portas. Também as

⁴⁸⁶ Para a definição de termos e respectivos desenhos esquemáticos de motivos clássicos da arte e da arquitetura greco-romana, incluídos os motivos cordiformes, ver DUCHER, Robert. *Características dos estilos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 18-33; SUMMERSON, John. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 127-140; KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 9-14.

grades mostram um novo padrão em que predominam as fitas de ferro forjado tanto nas faixas periféricas como no corpo do quadro, sendo agenciadas com mescla de elementos curvos e retilíneos. As séries encontram-se entremeadas, ainda, por pequenos círculos com estrelas de ferro fundido. Como veremos adiante, trata-se de esquema empregado na arquitetura luso-brasileira, provavelmente a partir da década de 1840.

Chama a atenção, finalmente, a cartela afixada no alto e centro da fachada frontal do sobrado (Fig. 310). O arranjo com folhagens, cachos de uva e volutas conta com numeral inscrito que indicaria uma provável referência de ano. Debret sugere que tal artifício seria comum no Rio de Janeiro desde pelo menos a década de 1820 (ver Fig. 228). A princípio, considerávamos a possibilidade de indicação da época de construção do sobrado, mas o ornamento não figura na foto antiga do século XIX (ver Fig. 25). Na outra fotografia antiga aqui apresentada, a cartela já aparece na cena com platibanda. Sendo assim, a fixação corresponde, com bastante probabilidade, à época da remodelação em que foi incluída a mureta acima da cimalha.⁴⁸⁷ Em todo caso, o numeral encontra-se em grande parte mutilado pelo condutor metálico que desce rente à parede.

Um outro sobrado com motivos de orientação clássica já consolidados encontra-se na Rua São Francisco, aquela que ligava o largo homônimo com o Largo da Intendência, no lado direito da povoação (Fig. 311).

311. Sobrado na Rua São Francisco (R. Balbino da Cunha n. 190). São João del-Rei, 2012.

⁴⁸⁷ A platibanda deste sobrado já existia em fotografia publicada em álbum do ano de 1913. Ver BRAGA, Tancredo (org.). *Album da cidade de São João d'El-Rei*. Rio de Janeiro: s/ed., 1913.

Não há maiores dados históricos sobre a edificação, a qual teria pertencido ao embaixador Gastão da Cunha, descendente de família portuguesa de Braga que se fixou e se casou em São João del-Rei no ano de 1830.⁴⁸⁸ O casarão se destaca pela considerável preservação de seu partido, tanto na composição geral como no agenciamento dos detalhes. As poucas fotos antigas por nós conhecidas não apresentam qualquer alteração visível da fachada composta por quatro filas de vãos regularmente espaçados.⁴⁸⁹

O sistema clássico encontra-se aplicado com sofisticados cunhais, alta cimalha no arremate com o beiral e, ainda, com embasamento marcado em ressalto e cor diferenciada no alicerce. A edificação contígua mais baixa, em seu lado esquerdo, permite a liberação do cunhal em sua parte superior. Este conta com o corpo liso e peças supostamente de cantaria em seus três setores (Fig. 312, 313 e 314).

312, 313, 314. Detalhes intermediário, inferior e superior de cunhal do sobrado na Rua São Francisco (R. Balbino da Cunha n. 190). São João del-Rei, 2012.

Na parte baixa, forma-se uma base com corpo alto pintado de cor cinza na projeção do alicerce, seguido de plinto, toro e, finalmente, moldura recuada com terminação na altura do soco da porta, tudo em pedra. O elemento intermediário, alinhado com as sacadas, contém retângulo inscrito e é sustentado por molduras escalonadas; o ressalto em massa acima do conjunto parece atender à proteção contra o acúmulo de água de chuva e sujeira, posteriormente colocado. Há uma semelhança com o detalhe do sobrado em frente à Matriz (ver Fig. 241), mas aqui se apresenta um maior rebuscamento nos relevos. A parte superior do cunhal, por sua vez, é arrematada por um capitel com volutas estilizadas nas laterais, detalhe floral no meio

⁴⁸⁸ DANGELO, André G. D. *O embaixador Gastão da Cunha e São João del-Rei: algumas notas biográficas* [manuscrito], c. 2013.

⁴⁸⁹ Temos conhecimento de duas fotos antigas do sobrado, ver IPHAN-RJ, Série Inventário, São João del-Rei; IPHAN-MG, Arquivo permanente, São João del-Rei; MR-SJDR, Conjunto urbano de São João del-Rei.

e topo reto. Ele serve de sustentação para uma faixa emoldurada e de corpo liso que antecede a cimalha. Esta, finalmente, se desenvolve com uma sequência de dois peitos de pomba entremeados por um lacrimal, tudo pintado de cor cinza, em contraste com o branco da alvenaria e o azul dos cunhais e da envasadura.

Os vãos apresentam-se todos com vergas em arco abatido e respectivas sobrevergas. No andar térreo, a porta lateral tem fechamento com escuro de uma folha formado por tábuas engastadas, enquanto as janelas se abrem à francesa e contam com guilhotinas na face externa. O detalhe dos vãos superiores mostra com maior nitidez a largura mediana da cercadura (Fig. 315).

315. Balcão de sobrado da Rua São Francisco (R. Balbino da Cunha n. 190). São João del-Rei, 2012.

As sobrevergas também têm envergadura média e perfil conformado pela típica sequência de cordão inferior, concavidade, peito de pomba e arremate reto. Elas são um pouco mais estriadas e menos protuberantes que aquelas encontradas em algumas edificações são-joanenses mais antigas (ver, por exemplo, Fig. 152 e 157). As folhas das portas condizem com as das janelas, com trecho superior de vidros quadrados e inferior de madeira pintada, sem venezianas. A bandeira, por sua vez, apresenta um padrão com pinázios arqueados e entrecruzados, de maneira a formar ogivas. As curvas da esquadria e da verga resultam em um complexo corte de vidros.

Na grade do balcão figura um padrão praticamente idêntico ao do sobrado anterior situado ao lado da Igreja Matriz, com pequenas variações somente em detalhes das faixas periféricas. Espirais, juntamente com peças retorcidas, também compõem os suportes de iluminação afixados em cada uma das ombreiras. A sacada almofadada, semelhante àquelas do sobrado em frente à Matriz, tem o seu quadro ressaltado

com pintura em cor amarela. Finalmente, um buzinode metálico, engastado embaixo, entre a pedra e a parede, escoia a água de chuva captada no balcão.

Passemos agora a um dos antigos sobrados situado nos chamados Quatro Cantos, ou seja, na esquina da Rua da Intendência com a Rua do Curral (Fig. 316).

316. Sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 61) esquina com Rua do Curral. São João del-Rei, 2015.

Não se apresentam maiores novidades arquitetônicas em relação aos exemplos até agora vistos. Combinam-se vários dos motivos já encontrados no casario são-joanense. Como de costume neste grupo, os vãos se distribuem regularmente na fachada principal da Rua da Intendência, com uma variação de espaçamento na outra fachada que, no entanto, não perturba a simetria. De forma semelhante ao sobrado em frente à Matriz, os vãos térreos são isentos de sobrevergas. Eles encontram-se aqui muito próximos dos balcões e não contam com os tradicionais socos no encontro com as calçadas.

Já o cunhal se destaca pelos relevos construídos em massa. Sua base, com proporções semelhantes à da traseira direita da Igreja Matriz (ver Fig. 244), conta com a sequência típica de ressaltos, sendo, no entanto, mais achatada do que o usual (Fig. 317).

317, 318. Detalhes inferior e superior de cunhal do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 61), esquina com Rua do Curral. São João del-Rei, 2013, 2015.

A cimalha de topo é praticamente idêntica à do sobrado com platibanda situado ao lado da Matriz (ver Fig. 308) (Fig. 318). A franja com motivos cordiformes também coincide, mas aqui ela se desloca um pouco mais para baixo, apoiada em uma moldura. No espaço remanescente, desenha-se um delicado motivo fitomórfico em alto relevo. O esquema se repete também nas duas pilastras de cada extremo das fachadas.

O detalhe do setor intermediário do cunhal pode ser observado juntamente com os balcões (Fig. 319).

319, 320. Detalhe de balcão junto ao cunhal e do suporte para iluminação do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 61), esquina com Rua do Curral. São João del-Rei, 2012.

Uma faixa duplamente sulcada, sem maiores relevos, se prolonga nas fachadas na altura das sacadas. Sulcos de pintura e linguagem semelhantes são agenciados também na metade inferior do corpo do cunhal. A janela rasgada apresenta as cercaduras e sobrevergas de arco abatido tradicionais. Aparece por primeira vez em nossa amostra o desenho de bandeira com meios-círculos concêntricos e arcos entremeados, de padrão um pouco mais simples se comparado com aquele da parte direita do sobrado em frente à Igreja Matriz (ver Fig. 242). Já o balcão combina a mesma grade presente nos dois sobrados anteriores e a sacada boleada. O modelo dos suportes de iluminação é o mesmo do sobrado da Rua São Francisco, com espirais contracurvadas e pino retorcido (Fig. 320).

Fotografias antigas deste sobrado dos Quatro Cantos mostram a manutenção geral das fachadas, mas também algumas modificações em detalhes (Fig. 321).

321. Antiga vista da Rua da Intendência (R. Artur Bernardes) e detalhe de sobrado, São João del-Rei. Data: desconhecida. Fonte: MR-SJDR.

As esquadrias dos vãos eram então alinhadas com a face externa da parede. Uma moldura mais fina pintada de branco, na largura de uma ripa, fazia a transição, de forma análoga aos vãos daquele sobrado ao lado da Matriz e outros tantos já mostrados (ver Fig. 309). O estado atual, com o fechamento recuado em relação às molduras, semelhante ao dos balcões remodelados do Solar dos Neves, parece não corresponder ao padrão da época. A foto antiga mostra também a presença de buzínates debaixo das sacadas, hoje desaparecidos, e o agenciamento externo dos condutores de água pluvial, atualmente embutidos nas fachadas. Os ornatos fixados no alto do cunhal também foram alterados. Anteriormente, o desenho fitomórfico se situava no interior do retângulo delimitado por molduras, tendo como base motivos

cordiformes de contornos bem acabados e bastante fiéis aos modelos clássicos.⁴⁹⁰ Os estuques foram deslocados para baixo e refeitos com formas mais toscas no caso da franja e com espessura mais reduzida no caso dos ramos. Essa intervenção se mostrará mais relevante no seguinte grupo arquitetônico, quando os frisos debaixo das cimalkhas – ou das persistentes beiras-seveiras – receberão desenhos seriados. Sendo assim, o deslocamento da folhagem do sobrado dos Quatro Cantos distorce o esquema compositivo.

Até o momento, percebe-se no conjunto de motivos uma falta de linearidade, salvo alguma confusão causada pela ordenação proposta pelo pesquisador. Entretanto, a circularidade e a reincidência no emprego de elementos indicam a sua convivência espontânea e, quiçá, coeva. Vejamos agora dois outros sobrados que se sobressaem pela escala e pela sofisticação de suas fachadas.

O primeiro deles, popularmente denominado Solar da Baronesa, situa-se no Largo do Carmo, esquina com a Rua Direita (Fig. 322).

322. Sobrado ao Largo do Carmo (R. Sebastião Sete n. 155) esquina com Rua Direita, São João del-Rei, 2010.

Gaio Sobrinho tece um histórico sobre o imóvel, incluindo os seus diversos proprietários e os usos que albergou durante o tempo. Supõe que o casarão teria sido construído entre os anos de 1810 e 1824, com base em sua aparição no desenho de Rugendas.⁴⁹¹ De fato, figura na aquarela do viajante alemão uma volumosa edificação em frente à Igreja do Carmo (ver Fig. 14). Já vimos que o esquematismo da cena não permite identificar maiores detalhes na arquitetura, apresentando inclusive distorções no casario. O bloco retangular do suposto Solar da Baronesa aparece isolado, isento de aberturas e com telhado de quatro águas, sem indícios do terceiro andar alteado que o distingue. Teria havido um sobrado mais simples, de

⁴⁹⁰ Para um desenho do capitel, na configuração anterior correspondente à fotografia antiga, ver: RODRIGUES, José W. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 187.

⁴⁹¹ GAIO SOBRINHO, Antônio. *São João del-Rei: 300 anos de histórias*. São João del-Rei: edição do autor, 2006, p. 39-42.

dois pavimentos, que posteriormente teria sido ampliado e remodelado? Ou à época ele ainda não teria sido construído e o bloco corresponderia a outro ou outros sobrados com frente para a Rua Direita? Quiçá Gaio Sobrinho tenha razão na estimativa cronológica da construção, mas a época parece ligeiramente precoce para as características que a edificação apresenta na atualidade.

Sigamos entretanto com o estudo do sobrado. O número ímpar de vãos superiores – 11 na fachada principal e cinco na lateral esquerda – e a sua distribuição regular não ocasionam em marcação evidente de qualquer eixo de simetria. O óculo, que possivelmente indicava a entrada principal ao sobrado, não se situa a meia distância das laterais. O terceiro andar alteado também encontra-se ligeiramente deslocado do meio da edificação. Sua linguagem mais primitiva, com duas janelas de peitoril e beirais em beira-seveira, corresponde ao conceito de elementos mais simples ou precários empregados nas águas-furtadas e camarinhas. Ao lado dele, há ainda um volume recuado com paredes recobertas de telhas. Destacam-se também uma sacada corrida que abraça as fachadas e os vãos térreos diferenciados com vergas de arco pleno, situados em um nível mais baixo da calçada. Ambos os motivos ainda não haviam comparecido até agora em nossa amostra, representando pois um novidade para a época. Como veremos adiante, suporíamos uma intervenção posterior no caso dos semicírculos.

A edificação se prolonga à sua direita, na parte baixa do terreno, com um bloco térreo (Fig. 323).

323. Bloco térreo do sobrado ao Largo do Carmo (R. Sebastião Sete n. 155), São João del-Rei, 2012.

Dá-se continuidade à sequência de vãos de bandeira semi-circular da fachada principal, mantendo-se a mesma linguagem dos acabamentos de beiral e detalhes dos cunhais. Estes, entretanto, têm o corpo principal excepcionalmente construído de pedra, em contraste com a massa presente no cunhal da outra esquina. Percebe-se ao fundo a empena do bloco principal do sobrado a exibir janelas de peitoril com folhas de guilhotina.

As numerosas fotografias antigas mostram não ter havido maiores modificações no sobrado ao longo do século XX. A mais antiga de que temos notícia foi publicada no álbum organizado por Tancredo Braga em 1913, época em que o sobrado abrigava uma fábrica de calçados (Fig. 324).

324. Vista parcial da fachada frontal do sobrado ao Largo do Carmo (R. Sebastião Sete n. 155), São João del-Rei. Data: anterior ao ano de 1914. Fonte: BRAGA (1913).

Os arcos plenos continham bandeiras envidraçadas, hoje substituídas por grades de ferro na frente e grandes vidros atrás. Figurava uma janela de peitoril no andar térreo, depois rasgada como os vãos vizinhos. Estes ainda contavam com folhas de madeira almofadadas, isentas de vidraças ou venezianas na frente. Em outras fotos antigas, a fachada da Rua Direita aparecia com janelas de peitoril no nível térreo, as quais se encontram hoje em dia transformadas em portas.⁴⁹² Nesse sentido, também os vãos de arco pleno sofreram alterações. Finalmente, não se observava à época qualquer gateira de respiração do porão, hoje existentes. Fora isso, o aspecto geral da edificação e grande parte dos detalhes permaneceram mais ou menos conservados até a atualidade.

Os cunhais e a cimalha sob o beiral contam com sofisticados detalhes construtivos e ornamentos. A base da edificação apresenta duas faixas diferenciadas de cantaria, sendo amarelada no alicerce e esverdeada na altura dos socos das portas (Fig. 325 e 326).

⁴⁹² Ver Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ; Arquivo permanente, São João del-Rei, IPHAN-MG.

325, 326. Parte inferior de cunhais do sobrado ao Largo do Carmo (R. Sebastião Sete n. 155), São João del-Rei, 2015.

Elas conformam pedestais escalonados na base dos cunhais, que dispõem ainda de corpo liso – reparado com massa no caso da esquina com a Rua Direita – e arremate superior trabalhado.

O setor intermediário do cunhal principal encontra-se engastado pelo balcão corrido (Fig. 327).

327, 328. Detalhe superior do sobrado ao Largo do Carmo (R. Sebastião Sete n. 155), esquina com Rua Direita. São João del-Rei, 2012. Desenho de estuques na parte superior do cunhal; fonte: RODRIGUES (1979), p. 187.

Este engaste parece motivar o agenciamento de uma moldura embaixo da sacada – aparentemente de massa na esquina de cima e de pedra na de baixo –, além de um alto pedestal de pedra acima desta. A partir daqui, o cunhal se desenvolve em massa, a começar pelo corpo marcado por figuras geométricas – quadrados de quinas arredondadas – em baixo relevo (Fig. 328). Acima, figura um notável capitel, que José W. Rodrigues qualifica de “excelente exemplar de arte primária”.⁴⁹³ Uma pequena moldura de base sustenta um desenho em alto-relevo de difícil descrição, em que se misturam contornos geométricos com outros aparentemente fitomórficos ou orgânicos, em todo caso mantendo uma relação de simetria dentro do quadro. Na altura da faixa que sublinha a cimalha do beiral, inscreve-se, no respectivo retângulo, agora sim uma flor com folhagens laterais. O conjunto sustenta uma pronunciada cornija com frisos entremeados por um lacrimal intermediário e em peito de pomba mais acima. Trata-se de um coroamento sensivelmente mais complexo se comparado com os exemplos até agora vistos.

As janelas rasgadas do pavimento superior não apresentam qualquer novidade em relação aos exemplos já vistos. Elas eram muito parecidas com as do sobrado dos Quatro Cantos antes de aquelas serem remodeladas, incluindo o perfil das sobrevergas, o alinhamento das vidraças com a face externa dos vãos e o padrão da bandeira com pinázios de meias-circunferências concêntricas e trechos de arcos. Já os suportes de iluminação são mais sofisticados; uma armação com detalhes espiralados e retorcidos se ancora não só nas paredes mas também em esteios que descem até a sacada, junto à grade do balcão. Esta, por sua vez, apresenta um desenho típico já visto em outros sobrados são-joanenses, sendo praticamente idêntico àquele encontrado no exemplo da Rua da Prata, em frente ao Largo de São Francisco (ver Fig. 254). Sua ornamentação é mais rarefeita e seriada, talvez devido ao comprimento da longa sacada corrida. Finalmente, pinhas supostamente metálicas são ainda afixadas sobre o parapeito de madeira, nas esquinas e em outros pontos estratégicos do balcão.

O outro grande e sofisticado sobrado deste grupo é popularmente conhecido por Solar dos Lustosa. Nele também comparece uma sacada corrida que abrange toda a extensão de sua fachada frontal (Fig. 329).

⁴⁹³ RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 186.

329. Sobrado ao Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 54-70). São João del-Rei, 2013.

A vizinhança imediata com casas térreas implica laterais cegas, mas, em compensação, na liberação da parte superior dos cunhais. A fachada se destaca, mais uma vez, pela regularidade na distribuição dos vãos e pelos detalhes classicistas nas laterais, topo e embasamento. Nessa ocasião, entretanto, aparece por vez primeira em nossa amostra a divisão tripartida com o agenciamento de duas pilastras intermediárias. Elas formam, juntamente com os vãos centrais, incluindo a porta térrea de maiores dimensões, um conjunto de marcação da simetria.

A ficha de inventário municipal, baseada em entrevista com herdeiro e em referências bibliográficas, fornece algumas informações históricas sobre o imóvel.⁴⁹⁴ O andar térreo já teria abrigado uma importante casa comercial durante o século XIX. O sobrado teria começado a ser construído por casal oriundo de poderosas famílias de negociantes de São João del-Rei no início do Oitocentos,⁴⁹⁵ mais precisamente pelo Coronel Sabino de Almeida Magalhães (1793-1871). Ora, parece-nos que o dito personagem seria ainda muito jovem para o empreendimento à época indicada. O histórico da ficha mostra ainda que o genro do coronel teria sido o responsável por uma importante reforma da pequena casa herdada, que então se transformara em casarão a partir de uma ampliação da parte da frente. Se assim fosse, a construção do sobrado atual, remontada à geração posterior à do coronel, se aproximaria bem mais da década de 1840 ou da seguinte, considerando as médias de idade de casamento e alguns anos mais para geração de prole.⁴⁹⁶ Se isso fosse verdade, estaríamos, mais uma vez, diante de uma tentativa de “colonialização” da arquitetura, desta vez através de uma leitura forçada e imprecisa para enquadramento

⁴⁹⁴ PM-SJDR: Ficha de inventário de bens imóveis – estruturas arquitetônicas: Solar dos Lustosa, Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 54-70-70A, 2011.

⁴⁹⁵ Tal informação cronológica é corroborada também em GAIO SOBRINHO, Antônio. *Visita à colonial cidade de São João del-Rei*. São João del-Rei: FUNREI, 2001, p. 24.

⁴⁹⁶ Para as médias de idades de noivos e noivas livres e “brancos” de São João del-Rei, no período 1750-1850, ver tabela em: BRÜGGER, Silvia M. J. *Minas patriarcal: família e sociedade* (São João del-Rei - séculos XVIII e XIX). São Paulo: Annablume, 2007, p. 97.

cronológico. De todas as formas, a falta de maiores dados e as informações contraditórias não permitem maiores conclusões. Sendo assim, sigamos com o estudo arquitetônico da edificação.

A fachada do sobrado se manteve em grande medida preservada ao longo do século XX. Ela aparece, desde um difícil ângulo, naquela fotografia do final do Oitocentos (Fig. 330).

330. Sobrado ao Largo do Rosário, São João del-Rei. Data: por volta de 1880, segundo a fonte. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 56. Ver foto completa em Figura 48.

331. Solar da família Lustosa ao Largo do Rosário, São João del-Rei. Data: desconhecida. Autor: Foto Brasil. Fonte: APM.

Nela percebe-se um telhado com uma água lateral e trecho de empena aparente que, no entanto, não interferia na fachada frontal. São observadas as várias pilastras e molduras, a sequência de vãos e o balcão corrido que remanescem na atualidade. Em outra fotografia, também sem data precisa, o sobrado era mostrado em detalhe e sem modificações aparentes (Fig. 331). É digno de nota o beiral da fachada lateral em cachorrada e os vãos térreos com paramentos a transformar antigas portas comerciais em janelas de peitoril.

Os detalhes construtivos e ornamentais não apresentam maiores novidades em relação aos sobrados até agora vistos, mas o seu conjunto mostra uma destacada aplicação do sistema de motivos classicistas. A base da fachada foi bastante modificada com o agenciamento da calçada e a transformação dos vãos, mas ainda se percebe o alicerce corrido em pedra, somente interrompido pelas soleiras e pelos ressaltos nas bases das pilastras (Fig. 332).

332, 333. Parte inferior e intermediária de pilastras do sobrado ao Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 54-70). São João del-Rei, 2015.

Uma outra faixa acima, também de pedra, define os socos das portas e uma linha intermediária no meio dos pedestais. Estes contam ainda com um outro tramo liso, seguido de plinto, toro e, finalmente, relevo côncavo no arremate, tudo de pedra.

Os cunhais encontram-se divididos em duas partes devido ao balcão, de forma semelhante ao Solar da Baronesa. No desenho, em baixo relevo, também comparecem os retângulos com quinas arredondadas, mas aqui eles são contínuos, sem subdivisões, e se destacam com a pintura periférica em amarelo e azul. No setor intermediário, uma elaborada moldura de pedra, com vários relevos côncavos, convexos e retilíneos, sustenta a sacada de pedra amarelada em contraste (Fig. 333). Acima, um novo pedestal de pedra esverdeada embasa a metade superior do cunhal. As diferentes cores de pedra parecem ser de uso intencional, na medida em que configuram elementos e padrões que se repetem. No entanto, podem também ter sido resultado de intervenções posteriores.

No topo dos cunhais, surge um novo conjunto de molduras a sugerir um capitel, construído em massa (Fig. 334).

334. Parte superior do meio cunhal do sobrado no Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 54-70). São João del-Rei, 2015.

Sua quina no lado esquerdo do sobrado, com o reboco caído, mostra o uso de ladrilhos cerâmicos e ripas de madeira na estrutura interna. Vem logo acima a típica faixa, aqui pintada em cor azul, que delimita um retângulo e percorre toda a fachada. Finalmente, desabrocha a cimalha com aquele padrão tradicional e relativamente simples, muito semelhante ao do casarão térreo da Praça da Câmara (ver Fig. 146), constituído de grande concavidade, lacrimal reto e peito de pomba debaixo das telhas.

Vejamos em maior detalhe os vãos superiores atrás do balcão corrido (Fig. 335).

335. Vão superior com balcão corrido do sobrado do Largo do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 54-70). São João del-Rei, 2012.

As cercaduras, de considerável largura, descansam suas ombreiras em socos de pedra corrida, análogos aos da base da edificação. As folhas e bandeiras fixas se encaixam diretamente no quadro, ligeiramente recuadas e sem ripa de intermediação. O vão se parece bastante àqueles do sobrado do Barão de São João del-Rei na Rua da Prata, inclusive o desenho das bandeiras com raios concêntricos e ornatos laterais em forma de flor (ver Fig. 254). As sobrevergas, de saliência mediana, se assemelham ao perfil geral dos sobrados com balcões até agora vistos. Já as grades apresentam uma novidade no panorama arquitetônico são-joanense. O desenho seriado lembra aquele do balcão do Solar da Baronesa, sendo bastante próximo ao encontrado no sobrado em frente à Matriz (ver Fig. 242 e 327). No caso dos Lustosa, entretanto, há mais espirais e os ferros retorcidos se ausentam. Destacam-se as flores de ferro fundido inscritas em círculos situados no setor intermediário, que já vimos terem sido praticadas na arquitetura urbana portuguesa – com indícios também no caso carioca – somente a partir da década de 1840. No eixo de simetria do sobrado, é agenciado ainda um motivo central e diferenciado na grade. Trata-se de um vaso com ramos saindo de seu interior, inscrito em figura ovalada, com grandes meias estrelas de cada lado. O espaço restante do quadro é preenchido com formas geométricas que lembram gregas clássicas. Apesar da peculiaridade, o desenho nos leva àquela outra família de padrões com motivos centralizados, que intuímos situar-se cronologicamente em torno da década de 1840 (ver Fig. 286).

Adiante retornaremos a este tema para melhor precisar tais referências formais e cronológicas. Cabe, por ora, mostrar as grades do portão principal de acesso ao Cemitério do Carmo, que conta com inscrição a indicar o ano de 1836 (Fig. 336).

336, 337. Vista do portão metálico e respectivo detalhe do Cemitério do Carmo situadi no largo homônimo. São João del-Rei, 2012.

Coincidem, de forma bastante análoga à do balcão do Solar dos Lustosa, os motivos inscritos no centro do quadro inferior do portão do cemitério (Fig. 337). Referimo-nos à estrela de seis pontas inscrita em figura oval, que no sobrado encontra-se partida ao meio. Equiparam-se também as formas geométricas ao redor da elipse. Outros motivos secundários, tais como pequenos círculos e espirais, comparecem em ambas as grades, embora em situações diferentes. Para nós, não resta dúvida sobre a sua proximidade tipológica e, consequentemente, cronológica. Se lembrarmos mais uma vez que, de forma geral, as novidades se manifestam primeiramente nas edificações institucionais, parece razoável imaginar o emprego do padrão no Solar um pouco mais tarde, talvez alguns anos depois. Novamente, somos levados para um momento histórico por volta da década de 1840.

Em todo caso, o Solar dos Lustosa não nos parece distante dos sobrados mostrados neste capítulo. Os detalhes mostram um maior rebuscamento em alguns momentos, mas o tom geral é o de uma sobriedade classicista. A maior sofisticação da composição geral da fachada e de pormenores arquitetônicos condiz com os recursos financeiros e culturais acessíveis às famílias responsáveis pela construção deste abastado casarão.

Motivos classicistas agenciados em sistemas mais completos são melhor identificados em sobrados, com destaque para aqueles de maiores dimensões e rebuscamento nos pormenores. Entretanto, eles são também encontrados em edificações menos abastadas de São João del-Rei, ainda que de forma mais dispersa ou simples. No Largo da Câmara, atrás da Igreja Matriz, encontram-se duas casas térreas vizinhas com vãos retos e beirais em beira-seveira (Fig. 338).

338. Casas térreas no Largo da Câmara atrás da Matriz (R. Padre Lourival Salvo Rios n. 23-35). São João del-Rei, 2012.

É sempre difícil afirmar com veemência, mas supomos tratar-se de antigas estruturas arquitetônicas que sofreram intervenções no tempo. O importante lugar da Vila, atrás da igreja principal e próximo à Casa de Câmara, bem como alguns elementos tais como a beira-seveira e os vãos retos, dão certo respaldo a esta suposição. Entretanto, veremos mais adiante que precisamente as telhas sobrepostas e as vergas horizontais voltarão a figurar no casario de meados do século XIX. Sendo assim, cabe pelo momento contentar-nos com as dúvidas.

Esse par de casas térreas aparece em fotos antigas do Oitocentos com pouca nitidez e sem maiores alterações de regime de aberturas.⁴⁹⁷ Em outra fotografia do início do século XX, é possível notar algumas das molduras e sombras dos adornos que permanecem até a atualidade (Fig. 339).⁴⁹⁸

⁴⁹⁷ DANGELO, André G. D. et al. *Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei – 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014, p. 51. A casa mais abaixo no Largo aparece nesta cena de por volta de 1880 sem o reboco, com a alvenaria aparente, mantendo-se assim mesmo as molduras laterais e inferiores, quiçá também as superiores.

⁴⁹⁸ Existe um outro exemplar digital desta fotografia sem referência de data ou fonte; entretanto, ele conta com uma legenda tipografada que sugere a sua publicação em materiais tais como folhetos, álbuns ou cartões postais. As casas térreas em questão também aparecem em outra vista do Largo da Câmara feita em momento anterior ao ano de 1913, com destaque para duas altas palmeiras no meio do espaço aberto do largo; ver BRAGA (1913), *op. cit.*

339. Vista do Largo da Câmara e detalhe de duas casas térreas, São João del-Rei. Data: por volta do ano de 1910, segundo a fonte. Autor: desconhecido. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 194.

Na casa mais acima no largo, havia sobrevergas sobre cada vão reto, os quais se fechavam com folhas de guilhotina. Na outra casa de porta centralizada, esta se destacava por uma bandeira fixa com pinázios cruzados em diagonal, condizente com a linguagem arquitetônica do grupo de edificações em estudo. No geral, as fachadas foram supostamente preservadas até os dias de hoje, embora seja difícil visualizar os elementos decorativos com maior detalhe. A calçada, entretanto, foi rebaixada e retificada, causando um embasamento mais pronunciado.

A casa mais abaixo no largo conta com marcação de simetria através de porta central e banda superior em bico. A moldura em massa ressaltada e cor amarela percorre a periferia da fachada para sugerir base, pilastras laterais e friso de baixo das telhas. O baldrame encontra-se escalonado em diferentes níveis, a par dos relevos dos pedestais encontrados em sobrados. Chama a atenção, ainda, a pequena cimalha pintada em cor diferenciada, posicionada como um capitel entre as pilastras e a faixa de topo (Fig. 340).

340. Detalhe do topo das fachadas das casas térreas no Largo da Câmara atrás da Matriz (R. Padre Lourival Salvo Rios n. 23-35), São João del-Rei, 2012.

Desde nosso ponto de vista, tem-se a intenção de aplicação do sistema clássico, apesar da ausência de cimalhas no beiral e sobre as vergas.

A outra casa conta com a tradicional porta lateral, mas os vãos encontram-se regularmente distribuídos ao longo da fachada. Há uma faixa abaixo do beiral e, segundo a foto antiga, também havia uma na base. Não aparecem pilastras laterais, mas são agenciados, em compensação, dois elementos em alto-relevo, a modo de capitéis, em cada lado da fachada. Eles se posicionam acima das ombreiras extremas a sustentar os frisos que, possivelmente, escondem baldrames. A situação peculiar talvez esteja relacionada à fixação do ornato no esteio da estrutura da alvenaria. A filiação classicista é evidente nas curiosas volutas e na fina moldura de topo. Vemos, assim, em ambas as casas, um emprego mais simplório do vocabulário ornamental coetâneo em condições de recursos mais escassos.

Há ainda um outro caso que se enquadra nesse grupo de edificações que incorporaram motivos classicistas já consolidados. Trata-se de casa térrea situada na Rua da Independência, na lateral direita da Igreja de São Francisco (Fig. 341).

341. Casa térrea na Rua da Independência (R. José Bastos n. 51). São João del-Rei, 2012.

Neste caso, conta-se com um quintal ao lado que permite o acesso pela lateral e o desprendimento de um cunhal na quina superior do bloco construído. Uma fotografia antiga, feita na ocasião de um evento religioso na igreja, mostra a casa em um pequeno detalhe de fundo (Fig. 342).

342. Vista da Igreja de São Francisco e detalhe de casa ao fundo, São João del-Rei. Data e fonte: desconhecidos.

A composição geral das fachadas e os ornamentos, que aparecem em forte contraste com a parede clara, foram aparentemente conservados, salvo os octógonos dos corpos das pilastras, simplificados no estado atual.

Novamente encontramos a beira-seveira e vãos retos regularmente distribuídos na fachada simétrica. Destacam-se as pilastras com base de pedestal liso e toro no topo, tudo construído em massa. Os baixos-relevos, com formas octogonais encurvadas, levam-nos diretamente ao caso do Solar da Baronesa

(ver Fig. 328), principalmente se consideramos o estado anterior indicado na foto antiga. No alto, forma-se um capitel com relevos estriados na base, motivo central contracurvado e fina moldura reta de topo (Fig. 343).

343. Detalhe superior de casa térrea na Rua da Independência (R. José Bastos n. 51). São João del-Rei, 2012.

Na transição com as telhas embutidas, há ainda um trecho de pilastra recuado. Por primeira vez em nossa amostra, o friso que sublinha o beiral encontra-se decorado, ainda que sutilmente. Um baixo-relevo se estende na faixa e configura, no eixo de simetria da fachada, um quadrado com delicada flor inscrita. A manifestação desse detalhe anuncia um novo grupo de edificações são-joanenses, em que os motivos ornamentais comparecem com maior profusão nos cunhais, pilastras e frisos do casario.

4.2. Profusão ornamental

Há nos Quatro Cantos um outro sobrado que incorpora motivos ornamentais e outros detalhes arquitetônicos diferenciados (Fig. 344).

344. Sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 64) esquina com Rua do Curral. São João del-Rei, 2010.

De forma semelhante à do sobrado em frente (ver Fig. 316), a fachada principal se volta para a Rua da Intendência. Neste caso, entretanto, a fachada secundária na Rua do Curral ou do Comércio conta com janelas de peitoril no andar superior, embora mantenha portas comerciais no térreo. Os vãos com balcões encontram-se regularmente distribuídos, sem no entanto realçar a marcação do eixo de simetria. Novamente encontramos-nos com um sistema classicista bastante consolidado, com destaque para o tratamento das grandes cimalkas sob os beirais e os cunhais decorados.

A base do cunhal é, analogamente à do seu vizinho, mais achatada do que o usual (Fig. 345).

345, 346. Detalhes inferior e intermediário de cunhal do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 64), esquina com Rua do Curral. São João del-Rei, 2013.

As falhas e os testes de percussão sugerem o uso da pedra, mas a grossa camada de massa com pintura não permite conclusões mais precisas. Ao pedestal, que se posiciona na altura dos barrados e dos socos das portas térreas, seguem um plinto e um toro como de praxe. No corpo do cunhal aparece um círculo inscrito em quadrado sulcados na massa. Eles atuam como uma espécie de base secundária do cunhal. Este conta, em sua metade de baixo, com interior rebaixado e um par de retângulos de quinas arredondadas, já vistos em nossa amostra. No setor intermediário, aparece um retângulo reentrante na altura das sacadas, esquema presente em outros sobrados anteriormente estudados (ver Fig. 241 e 312). Nos Quatro Cantos, entretanto, eles estão bem definidos com relevos e são supostamente construídos em massa. A metade de cima do cunhal não conta com quadros rebaixados (Fig. 346). O corpo é percorrido por cordões em alto relevo que desenham esquinas retas e motivos de inspiração fitomórfica nos extremos. No meio, forma-se um padrão diferenciado com contornos geométricos e uma espécie de estrela ao centro.

No arremate superior do cunhal, forma-se uma sequência análoga àquela encontrada em outros sobrados deste capítulo, ou seja, capitel decorado seguido de retângulo e cimalha de perfil típico (Fig. 347 e 348).

347, 348. Detalhe superior de cunhal do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 64) esquina com Rua do Curral. São João del-Rei, 2015. Fonte do desenho: RODRIGUES (1979), p. 187.

As proporções e a presença de ornatos são especialmente semelhantes às do sobrado em frente. Aqui, porém, o estreito capitel se apresenta com um desenho bastante mais rebuscado, composto de motivo floral ladeado por volutas e rocalhas estilizadas. No retângulo acima, pontua-se novamente o centro da composição com uma delicada flor em estuque. Nesta altura, parte-se um friso limitado por grossos cordões ao longo da fachada, a sublinhar a pronunciada cimalha.

Vejamos mais de perto os balcões e respectivos vãos superiores, a começar por cenas passadas. O sobrado aparece em duas fotografias feitas em torno da década de 1910 sem maiores modificações aparentes, salvo a da bandeira fixa dos vãos superiores e uma faixa que corria na fachada lateral na altura dos balcões.⁴⁹⁹ Cabe lembrar que o sobrado sofreu um incêndio ou demolição parcial entre os anos de 1956 e 1961, como pode ser observado em fotografias da época (Fig. 349 e 350).

⁴⁹⁹ Ver BRAGA (1913), *op. cit.*; CAPRI, Roberto; BELLO, André (org.). *S. João d'el-Rey, Minas*. São Paulo: Pocai & Comp., s/d [1918].

349, 350. Vistas do sobrado parcialmente destruído na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 64), São João del-Rei. Data: desconhecida, supostamente entre os anos de 1956 e 1961. Fonte: MR-SJDR.

As esquadrias da fachada frontal foram consumidas e a parte de trás, situada na divisa da fachada lateral com o vizinho, teve a parte assobradada mutilada. Mesmo assim, foram conservados a estrutura principal do telhado e praticamente todos os detalhes das fachadas, incluindo as cercaduras, os balcões e os relevos em estuque. Outras fotografias antigas mostram que o desenho dos pinázios das bandeiras fixas, antes da destruição da década de 1950, era outro (Fig. 351).

351. Detalhe da bandeira fixa em antiga fotografia do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 64), São João del-Rei. Data: desconhecida, supostamente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

Dois semicírculos concêntricos delimitavam áreas com diferentes padrões: um leque partindo do centro, seguido de contornos ogivais na faixa curva externa. A aparência final remetia a um motivo floral.

Isso explica porque as bandeiras fixas atuais contam com um desenho atípico, com raios concêntricos indo de encontro ao arco abatido (Fig. 352).

352. Detalhe de balcão do sobrado na Rua da Intendência (R. Artur Bernardes n. 64). São João del-Rei, 2015.

Já as folhas das janelas rasgadas seguiram o desenho usual com vidros quadrados em cima e madeira pintada embaixo. Também foram mantidas as sobrevergas de envergadura e perfil típicos. As sacadas lisas são conectadas por faixas em relevo de mesma espessura, as quais se encontram encimadas por novas molduras com retângulos pintados. As grades do balcão, por sua vez, apresentam aquele padrão com cabeça de leão e ramagens em composição centralizada, já encontrado em um dos lados do sobrado em frente à Igreja Matriz e no balcão remodelado do Solar dos Neves (ver Fig. 242 e 266). Nesta ocasião, no entanto, esse tipo de grade encontra-se tipologicamente melhor situado em relação à fachada que o abriga. Já identificamos padrões de linguagem semelhante inseridos na década de 1840 ou 1850 no caso da capital carioca e voltaremos a abordá-los no mesmo contexto. Se nossa leitura estiver correta, este sobrado poderia ser datado em torno de meados do século XIX. Tal estimativa cronológica, ligeiramente posterior à dos sobrados até agora vistos neste capítulo, é condizente, ainda, com um maior rebuscamento nos desenhos não só das grades, mas também dos cunhais, dos frisos entre os balcões e das bandeiras fixas.

Segue então em nossa amostra um enorme sobrado situado no Rocio (Fig. 353).

353. Sobrado no antigo Rocio, depois Largo do Tamandaré (Praça Severiano de Resende), esquinas com Rua do Comércio e rua da praia, São João del-Rei, 2012.

A edificação fora construída pelo Comendador João Antônio da Silva Mourão (1806-1886) até o ano de 1859, segundo antiga inscrição na fachada hoje desaparecida.⁵⁰⁰ Ela ocupa todo o lado da praça, com até três pavimentos na esquina com a Rua do Comércio e configuração térrea no outro lado, às margens do córrego. O esquema geral exterior, entretanto, não apresenta maiores novidades, comparecendo a mesma sequência regular de vãos de arco abatido e o enquadramento com cunhais decorados e cimbras no topo. A variação volumétrica, ocasionada pelo escalonamento da fachada da Rua do Comércio, já havia aparecido no caso do sobrado do antigo Grande Hotel, em frente à Ponte Nova (ver Fig. 255). Chama a atenção o detalhe do balcão diferenciado no centro da fachada principal, o qual abrange duas janelas rasgadas e define um elemento de marcação de simetria na composição.

O sobrado aparece em fotografias bastante antigas do século XIX e outras do início do século XX, incluindo a panorâmica de André Bello (ver Fig. 24 e 28).⁵⁰¹ Apesar da falta de nitidez causada pelas distâncias das tomadas, não são notadas maiores modificações arquitetônicas. Uma foto relativamente mais moderna, anterior ao ano de 1946, mostra a fachada frontal do sobrado com maior detalhe (Fig. 354).

⁵⁰⁰ FLÔRES, Ralf J. C. *São João del-Rei: tensões e conflitos na articulação entre o passado e o progresso*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007, p. 144-146.

⁵⁰¹ Ver, ainda, fotografia do Córrego do Lenheiro tomada provavelmente entre os anos de 1900 e 1910 em: APM, notação NCS-152(01).

354. Vista frontal e detalhe superior da fachada do sobrado no antigo Rocio, depois Largo do Tamandaré (Praça Severiano de Resende), São João del-Rei. Data: desconhecida, anterior ao ano de 1946. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG133/2/03.

Não se observam alterações significativas, salvo alguns detalhes de estuque no alto da fachada que já não existem na atualidade. Trata-se dos altos-relevos em rocalha, situados em cima de dois vãos espelhados e da cartela ricamente decorada a indicar o numeral '1859' no centro.

Esse sobrado, que abriga atualmente o Museu Regional de São João del-Rei, passou por um momento bastante conturbado em meados do século XX. Ele foi parcialmente demolido por volta do ano de 1946 e recuperado pelo IPHAN nos anos seguintes (Fig. 355).

355. Sobrado parcialmente demolido situado no antigo Rocio, depois Largo do Tamandaré (Praça Severiano de Resende), São João del-Rei. Data: desconhecida, por volta do ano de 1946. Fonte: IPHAN-RJ, caixa MG133/2/03.

Esta e outras fotografias da época mostram que os telhados foram removidos, bem como as cimbalhas do bloco principal com três pavimentos. A vedação das envasaduras e as grades metálicas dos balcões tampouco aparecem nas fotos. Assim mesmo, grande parte das cercaduras dos vãos externos e dos

estuques apostos às fachadas sobreviveram à destruição. No geral, o aspecto exterior da edificação foi em boa medida conservado ou recuperado.⁵⁰²

O cunhal do sobrado conta atualmente com base, detalhes de topo e corpo dividido em três trechos separados por retângulos reentrantes, correspondentes a cada andar (Fig. 356).

356, 357, 358, 359. Cunhal e respectivos detalhes do sobrado no antigo Rocío, depois Largo do Tamandaré (Praça Severiano de Resende). São João del-Rei, 2012.

O pedestal tem o desenho típico já encontrado em vários sobrados são-joanenses, com destaque para o Solar dos Neves no Largo do Rosário (ver Fig. 264). Uma peça estreita, na altura do alicerce, sustenta o alto corpo liso seguido de plinto, toro e discreta moldura côncava no arremate superior (Fig. 357). Nesse ponto,

⁵⁰² Para informações sobre o processo de demolição e restauro do sobrado que abriga atualmente o Museu Regional de São João del-Rei, incluindo discussão sobre a falta de recuperação de estuques nas fachadas, ver FLÔRES (2007), *op. cit.*, p. 144-179 e seguintes; PEREIRA, Honório N. *Permanências e transformações nas cidades-monumento: teatro social e jogos de poder* (São João del-Rei, 1937-1967). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 182-185.

não existe correspondência com o barrado que percorre a fachada na altura dos socos das portas, que se esconde atrás do pedestal. Acima da base de pedra segue o primeiro trecho do corpo do cunhal, com interior rebaixado e estucado com cordão duplo, cartela com rocalha vazada ao centro e ainda desenhos simétricos com flores e folhas nos extremos. No tramo correspondente ao setor intermediário da fachada repete-se o cordão duplo e segue-se a mesma organização de elementos (Fig. 358). Aqui, porém, não há moldura periférica e as figuras desenhadas variam com motivo floral no centro e ramagens assimétricas nos arremates. No último trecho, o cunhal volta a mostrar um rebaixamento e arranjos como no andar térreo (Fig. 359). No entanto, os cordões de amarre, de perfil único, apenas pontuam o centro da composição com uma laço simples. Se comparado com o sobrado anterior dos Quatro Cantos, observa-se a presença de linhas mais sinuosas ou orgânicas, além de um maior rebuscamento nos detalhes.

O topo do cunhal pode ser observado juntamente com um vão superior da ponta da fachada da Rua do Comércio e nos desenhos de José W. Rodrigues (Fig. 360 e 361).

360, 361. Detalhe de parte superior do cunhal e balcão na fachada da Rua do Comércio, acompanhado de desenhos do topo do cunhal com respectivos motivos do friso do sobrado situado no antigo Rocío. São João del-Rei, 2012. Fonte dos desenhos: RODRIGUES (1979), p. 189.

Um capitel se desabrocha com folhas de acanto, volutas partindo de motivo centralizado e uma cimalha no arremate superior, a lembrar a ordem compósita clássica. Acima, um motivo fitomórfico acompanha a simetria e se posiciona no meio do retângulo, de forma análoga à do Solar da Baronesa (ver Fig. 328). Aqui, entretanto, o friso correspondente que corre debaixo da cimalha é decorado com uma série alternada de duas figuras, uma com folhagens e outra com rocalhas. Já a cimalha em si, conta com perfil praticamente

idêntico aos dos sobrados anteriormente vistos, os dois dos Quatro Cantos e o Solar dos Lustosa, com pronunciada concavidade seguida de moldura reta e peito de pomba.

Na altura das sacadas, forma-se uma faixa dupla que amarra os cunhais e os balcões. A parte de baixo corresponde aos simples retângulos inscritos, como no caso anterior e no do sobrado em frente à Matriz. Na de cima, porém, figura um padrão com elaboradas rocalhas (Fig. 362).

362, 363. Detalhe de rocalhas de friso intermediário e de parte superior de vãos. Sobrado situado no antigo Rocio, São João del-Rei. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 189.

As duas bandas correspondem respectivamente à pedra de topo liso da sacada e ao soco da janela rasgada. Esta, por sua vez, apresenta uma cercadura mais estreita do que a maioria dos casos até aqui vistos. As sobrevergas, no entanto, apresentam um desenho próximo ao típico, sem muita saliência (Fig. 363). Acima delas, nos vãos que compõem o pavimento intermediário da fachada frontal, são agenciados estuques ricamente trabalhados em rocalha, com inscrição ao centro. Destacam-se ainda as bandeiras fixas, desenhadas com um complexo arranjo de pinázios curvos a formar um motivo floral, tudo inscrito em semicírculo como correção do arco abatido da verga. Já as folhas das janelas rasgadas contam com a configuração usual de vidros quadrados em cima e madeira pintada na parte inferior. Reaparecem, finalmente, as grades metálicas com motivo centralizado em cabeça de leão, folhagens estilizadas e pequenas estrelas de ferro fundido, cujo emprego temos identificado com a época em torno da década de 1850, sendo portanto condizente com o ano de referência antes inscrito na fachada.

O trecho térreo do complexo do sobrado, situado na esquina com a rua que beira o Córrego do Lenheiro, apresenta configuração análoga à do bloco principal (Fig. 364).

364. Trecho térreo do complexo do sobrado situado no antigo Rocio, (Praça Severiano de Resende), esquina com rua da praia, São João del-Rei, 2012.

Repetem-se a base pétrea, os vãos, a cimalha no beiral e o cunhal. Este conta com corpo ricamente ornamentado, mas ausentam-se os detalhes de topo, ou seja, o capitel e o friso decorado. Imprime-se com isso um ar mais sóbrio, ainda que claramente inserido na tipologia correspondente.

Nota-se neste rico sobrado são-joanense uma profusão de detalhes ornamentais bastante mais acentuada se comparada com a dos exemplares anteriores. Ela ocorre numa maior aplicação de elementos – com destaque para os cunhais, os frisos e os apliques sobre os vãos – e nos tipos de desenhos. Até agora, predominavam motivos mais sóbrios e geometrizados. No Rocio, as ramagens e rocalhas conferem um tom mais orgânico no regime decorativo. O mesmo pode ser dito em relação às bandeiras fixas e às grades metálicas, dotadas de contornos rebuscados. Vemos aqui o sistema classicista amplamente aplicado em sua sintaxe regional, com destaque para a peculiaridade dos estuques. Mesmo assim, a composição geral guarda relações com uma tipologia do início do século XIX, ainda inscrita no período colonial. Referimo-nos à regularidade de vãos de arco abatido e balcões individuais e à permanência dos beirais: um arcabouço de um colonial maduro, salpicado por motivos classicistas comuns ao vocabulário do Ecletismo de viés neoclássico.⁵⁰³

Destaca-se, entretanto, um outro sobrado, de dimensões mais reduzidas mas também imponente e profuso em detalhes arquitetônicos, situado na Rua da Prata (Fig. 365).

⁵⁰³ Também Carlos Lemos vê, no ecletismo do século XIX, ornamentações simplesmente apostas às paredes dos arcabouços convencionais; ver LEMOS, Carlos A. C. No Brasil, a coexistência do maneirismo e do barroco até o advento do neoclássico histórico. In: ÁVILA, Affonso. (org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 237. Também Sylvio de Vasconcellos vê o prenúncio do Ecletismo em composições ainda dotadas de claras reminiscências barrocas, no caso de casas nobres do início do século XIX; ver VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 194-195.

365. Sobrado na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 118-132). São João del-Rei, 2015.

366. Sobrado na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 118-132), São João del-Rei. Data: anterior ao ano de 1914. Fonte: BRAGA (1913).

A composição da fachada não apresenta maiores novidades com seus vãos bastante aproximados lado a lado, regularmente espaçados e de grandes dimensões. A distância entre os vãos e a cimalha indica generosos pés-direitos em ambos os andares. As quatro janelas rasgadas intermediárias estão amarradas por uma sacada corrida, mantendo-se as das laterais com balcões individuais. O esquema coincide em grande medida com o grande sobrado do Rocio, apesar da diferença de escala e de espaçamento entre os vãos.

Uma fotografia antiga, publicada no ano de 1913, mostra o sobrado sem maiores alterações inclusive no regime ornamental (Fig. 366). A única transformação visível consta da mudança de posição de uma das portas. Sendo assim, a fachada conta com um notável grau de preservação, pelo menos no que se refere ao século XX.⁵⁰⁴

Como usual nesse grupo de edificações, a base encontra-se assentada em um alicerce de pedra, sobre o qual corre um barrado na altura dos socos das portas. As extremidades e o topo da fachada – os cunhais e a cimalha respectivamente – se destacam pela riqueza de detalhes e ornamentos arquitetônicos. A base das pilastras apresenta a sequência completa de elementos: pedestal com base estreita e corpo liso, seguido de plinto, toro e moldura côncava em arremate (Fig. 367).

⁵⁰⁴ O interior do sobrado tem sido, no entanto, drasticamente modificado, incluindo o agenciamento de laje de concreto armado entre os pavimentos. O sobrado já abrigou um grupo escolar nas primeiras décadas do século XX e, a partir do ano de 1966, passou a sediar as instalações do Mosteiro São José, ocasião em que teria sido largamente reconstruído. Ver CINTRA, Sebastião O. *Efemérides de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982, v. 1, p. 45, 206, 218.

367, 368, 369. Detalhes inferior, superior e de topo do cunhal do sobrado na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 118-132). São João del-Rei, 2015, 2012, 2015.

Segue-se a metade inferior do cunhal, dotada de moldura saliente e rocalha no meio. Na faixa intermediária, posiciona-se o típico retângulo reentrante, que continua fazendo a ligação com a sacada adjacente, sendo os socos correspondentes ligados ao cunhal por outra faixa justaposta. Ambas são isentas de qualquer relevo decorativo. O corpo superior do cunhal, por sua vez, encontra-se bastante ornamentado com estuques (Fig. 368). Além das rocalhas com motivo compacto no centro e a imitar ramos nas extremidades, os cordões se entrelaçam dupla e graciosamente no caminho entre as figuras. Na sequência, desabrocha um capitel ricamente ornamentado com rocalhas, volutas, motivo fitomórfico centralizado e, no arremate superior, cornija curva (Fig. 369). Segue acima o retângulo com nova rocalha estampada, na altura do friso emoldurado que percorre a fachada. Ele apresenta um padrão de arabescos intercalado por outro tipo de rocalha, o qual se posiciona no rumo de cada arco abatido. Surge então a cimalha do beiral, com a sequência usual de pronunciada concavidade seguida de lacrimal reto e peito de pomba. No geral, os tipos de acabamento e os motivos ornamentais se assemelham bastante com os do sobrado do Rocio, o que nos faz supor uma circulação de referências na cidade e uma proximidade cronológica entre eles.

Os vãos também se parecem bastante entre si, coincidindo a largura e o desenho das cercaduras, das sobrevergas e inclusive das pedras das sacadas (Fig. 370).

370. Detalhe de vão superior do sobrado na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 118-132). São João del-Rei, 2012.

As folhas das janelas rasgadas também são parecidas. Porém, a bandeira fixa do sobrado da Rua da Prata apresenta um padrão diferenciado, com fasquias curvas e entrecruzadas, inscritas em semicírculo. A grade metálica dos balcões também representa uma novidade em nossa amostra. Figuram, além de arabescos e pequenas peças de ferro fundido entremeadas, bastões verticais no corpo principal e detalhes em X na faixa inferior. Veremos adiante que estes motivos só aparecem nas capitais litorâneas luso-brasileiras a partir da década de 1850 ou 1860, um pouco depois dos modelos com cabeça de leão em ferro fundido. Nesse sentido, supõe-se para este sobrado uma cronologia posterior em relação ao grande sobrado do Rocio com data de referência do ano de 1859.

Um padrão de grades metálicas análogo é encontrado em outro sobrado de dimensões ainda mais reduzidas, também disposto de balcão corrido e situado em plena Rua Direita (Fig. 371).

371. Sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 96-100), São João del-Rei, 2012.

372. Vista e detalhe do sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 96-100), São João del-Rei. Data: desconhecida, anterior ao ano de 1957. Fonte: IBGE.

Chama a atenção a proximidade lateral entre os vãos, que quase se tocam uns nos outros.⁵⁰⁵ Com isso, as sobrevergas se agenciam em elemento único e contínuo a ondular sobre as vergas de arco abatido. A beiraseira se destaca bastante na fachada, mas fotografias antigas mostram que ela foi construída posteriormente, em um avançado século XX.⁵⁰⁶ Até então, o topo da fachada era acabado em cimalha (Fig. 372). Esta e outras imagens antigas, incluindo aquela que retrata a rua em pleno século XIX (ver Fig. 25), mostram como o crescimento vertical das edificações vizinhas mutilaram os ornatos adossados até a completa retirada dos mesmos e da cornija debaixo das telhas.⁵⁰⁷ Não encontramos motivo para explicar a renovação da fachada com as telhas embutidas, em época e trecho da cidade supostamente protegidos por órgãos de gestão patrimonial. Em todo caso, o restante da fachada se manteve aparentemente sem maiores transformações, salvo o fechamento de portas térreas em janelas de peitoril.⁵⁰⁸

⁵⁰⁵ É comumente aceito o fenômeno de aproximação dos vãos ao longo do século XIX, com as ombreiras quase se tocando a partir de meados da centúria. Ver, por exemplo COSTA, Lúcio. Documentação necessária. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 97.

⁵⁰⁶ Há uma fotografia já em cores que mostra o sobrado ainda com detalhes classicistas no topo da fachada. Ver Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ.

⁵⁰⁷ Ver fotografias em Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ; Arquivo permanente, São João del-Rei, IPHAN-MG; Conjunto urbano de São João del-Rei, MR-SJDR.

⁵⁰⁸ Como era de se esperar em uma rua nobre e de vocação comercial, o pavimento térreo aparece com todos os seus vãos rasgados até o chão em fotografia feita até o ano de 1913. Ver BRAGA (1913), *op. cit.*

Uma vista mais próxima permite observar com maior detalhe os antigos e remanescentes motivos de orientação classicista do sobrado (Fig. 373).

373. Vista superior do sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 96-100), São João del-Rei. Data: desconhecida, posterior ao ano de 1957. Fonte: MR-SJDR.

Apesar da falta de espaço lateral na fachada, foram colocados capitéis em dois níveis, em seu lugar usual debaixo da cimalha e também na sustentação da sacada. Tratava-se de trecho de corpo de pilastra com moldura periférica e preenchimento de estrias ou caneluras, motivo inédito em nossa amostra. Os capitéis eram decorados com motivos dispostos no eixo de simetria, com destaque para uma pequena concha no topo, além de volutas e folhas de acanto salientes nas laterais. Acima deles, no alto da fachada, figuravam peças retangulares conectadas entre si por faixa emoldurada. Esse friso fazia parte do conjunto da cimalha, que se desenvolvia de forma típica com grande concavidade seguida de lacrimal reto e peito de pomba.

O detalhe dos vãos atuais mostra ligeiras modificações nas sobrevergas (Fig. 374).

374. Detalhe de vão superior de sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 96-100), São João del-Rei, 2015.

Os contornos mais suaves nas curvas demonstram que elas foram provavelmente reconstruídas. As cercaduras permaneceram bastante estreitas, mas uma nova moldura foi agregada junto a sua borda interna. Os caixilhos, entretanto, conservaram o peculiar desenho com segmentos contracurvados a cruzar entre si, formando um elegante padrão com terminações pontiagudas. Chama a atenção o seu emprego não só na bandeira fixa, mas também em grande parte das folhas. Destacam-se, por último, as grades metálicas que descansam na sacada corrida de topo liso. Encontramo-nos novamente com bastões no corpo central e perfis cruzados em X nas duas faixas laterais. No rumo de cada intervalo entre vãos, marcando uma série simétrica, aparecem ainda contornos em forma de lira. Apesar da ausência de figuras em ferro fundido, esta grade mantém um parentesco com a do sobrado anteriormente mostrado na Rua da Prata. O mesmo pode ser dito para a combinação de pinázios em ambas bandeiras fixas. Estaríamos supondo, assim, uma referência cronológica em torno da década de 1860, podendo se prolongar ao decênio seguinte. Outros aspectos de modernidade – proximidade de vãos com cercadura delgada, sacada corrida, motivos classicistas consolidados – dão certo respaldo a esta hipótese temporal.

Vejamos como os motivos arquitetônicos, especialmente aqueles de orientação classicista, aparecem em edificações térreas. No lote que já abrigou a antiga cadeia de São João del-Rei remanesce uma casa com certa profusão de detalhes em estuque (Fig. 375).

375. Fachada de casa térrea da Rua do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 8), São João del-Rei, 2013.

Cabe ressaltar que o cárcere funcionou no local até o ano de 1853, quando os presidiários foram finalmente transferidos para a nova Casa de Câmara e Cadeia.⁵⁰⁹ De acordo com a tipologia que temos identificado, parece-nos razoável imaginar que a casa tenha então sofrido uma reapropriação e consequente remodelação nos anos seguintes.

O vocabulário arquitetônico é bastante semelhante ao das outras edificações mais recentemente estudadas. Coincidem os vãos de cercadura estreita, regularmente distribuídos ao longo da fachada e encimados por pronunciadas sobrevergas. Apesar da janela centralizada, não se observam esforços para marcação de eixo de simetria, sendo os acessos agenciados por portas situadas nos extremos da fachada. Destacam-se, entretanto, o enquadramento lateral e superior com pilastras e frisos decorados, além de cimalha sob o beiral.

Em uma fotografia antiga de meados do século XX, a casa aparece com uma das torres da Igreja do Rosário ao fundo (Fig. 376).

⁵⁰⁹ VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1959, p. 31; DIÁRIO DE MINAS. São João del-Rei ganha museu sacro. *Diário de Minas*, Caderno Turismo, julho de 1984, in: IPHAN-MG: Arquivo permanente, São João del-Rei.

376. Vista geral e detalhe da casa térrea na Rua do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 8), São João del-Rei. Data: desconhecida, supostamente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

No geral, não se percebem maiores diferenças em relação ao estado atual, salvo a presença de duas portas a mais no lugar de janelas de peitoril. Os estuques do friso e das pilastras, em cor clara, apareciam mais contrastados com os fundos escuros.

No decurso dos anos de 1983 e 1984, a casa passou por remodelações para acomodar o Museu de Arte Sacra, existente até os dias de hoje. Antes da intervenção, as esquadrias já se abriam à francesa e a porta do extremo esquerdo da fachada havia sido transformada em janela. O restante dos detalhes e elementos arquitetônicos permaneciam aparentemente como dantes. Terminada a obra do museu, os fechamentos dos vãos adquiriram feições antigas com guilhotinas nas janelas e escuros nas portas laterais.⁵¹⁰ Desde então, houve ainda mais modificações. Os peitoris das janelas, antes de madeira, foram substituídos por peças de pedra e os socos das portas desapareceram. As sobrevergas, por sua vez, foram provavelmente reconstruídas, pois apresentam atualmente um acabamento menos definido e um perfil sutilmente diferente do anterior.

Mesmo assim, os detalhes em estuque dos cunhais e friso foram em grande medida preservados (Fig. 377 e 378).

⁵¹⁰ Ver fotografias em: Arquivo permanente, São João del-Rei, IPHAN-MG; Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ.

377, 378. Detalhe da fachada e desenhos (integrados) de estuques de casa térrea na Rua do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 8). São João del-Rei, 2012. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 187.

À base retangular simples e de massa, segue o corpo do cunhal com interior rebaixado e cordão a amarrar motivo central em rocalha e ramagens nos extremos. Acima, desabrocha um capitel praticamente idêntico ao do antigo sobrado localizado na Rua Direita, visto recentemente (ver Fig. 373). No retângulo reentrante localizado acima do capitel, na altura do friso, inscreve-se novo motivo fitomórfico, ausente na representação de José W. Rodrigues. A composição e os temas decorativos se assemelham bastante com os dos cunhais do grande sobrado do Rocio, variando apenas os detalhes de desenhos e o grau de complexidade menor, no caso da casa térrea. Esta conta com um friso estucado por um padrão contínuo de folhagens espiraladas e losangos pontiagudos com flor inscrita. No rumo de cada intervalo de vão, comparece na sequência uma figura simétrica com círculo floral e folhas laterais, de modo a pontuar o ritmo da fachada. A cimalha do beiral também apresenta um perfil particular, vindo primeiramente, no lugar de uma típica concavidade ou escócia, um pronunciado peito de pomba, para então dar seguimento a um relevo reto e, finalmente, um segundo peito de pomba de menores dimensões.

Cabe lembrar que este desenho do corpo da pilastra aparece de forma idêntica na parte superior dos cunhais da torre sineira da Igreja das Mercês (Fig. 379 e 380).

379, 380, 381, 382. Igreja das Mercês com detalhe da parte superior do cunhal da torre sineira e inscrições na fachada. São João del-Rei, 2014, 2015, 2015, 2015.

Também coincidem as bases lisas e o agenciamento de capitéis decorados. Estes contêm volutas e motivos fitomórficos em ambos os casos, mas resultam em composições diferenciadas. As cimbalhas também não têm a mesma sequência de elementos, embora contem com friso seguido de cornija. A fachada frontal apresenta ainda outros motivos classicistas desenhados em massa nos cunhais, frontão e parte superior e inferior dos vãos, sem no entanto evidenciar relações diretas com o casario. Infelizmente não dispomos de informações históricas detalhadas sobre a construção do templo. Uma capela, existente desde meados do século XVIII, teria sido remodelada por volta do ano de 1808.⁵¹¹ Em 1859, José A. Rodrigues afirmava que o frontispício era de obra nova e que a torre de pedra, já com sinos instalados, estaria ainda inacabada.⁵¹² Cabe ressaltar que na mesma torre, acima da seteira na face frontal, acha-se inscrição com o ano de 1827 (Fig. 381). Esta data talvez corresponda a um momento inicial da obra, quando a estrutura ou o primeiro trecho da torre fora construído. Já o numeral a indicar o ano de 1853, inscrito acima da porta principal do templo, coincide mais ou menos com a descrição de Rodrigues (Fig. 382). Embora não seja possível supor com precisão o momento de construção dos cunhais superiores da torre sineira, fica sugerido um período

⁵¹¹ OLIVEIRA, José A. História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento das suas minas, casos nêle acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 118; FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Circuito do ouro - Campo das Vertentes*: atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1981, v. 2, p. 211-212; CINTRA (1982), *op. cit.*, v. 2, p. 402.

⁵¹² RODRIGUES, José A. *Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do Municipio da Cidade de S. João del-Rey*. São João del-Rei: Typographia da Gazeta Mineira, 1859, p. 10.

em torno da década de 1850 ou 1860, o qual se equipara grosso modo com as noções cronológicas supostas para o casario em questão.

Até agora, neste grupo de edificações com frisos e cunhais ornamentados, constaram casos em que o sistema classicista se aplica amplamente, incluindo as cimalkhas sob os beirais. No entanto, a beiraseveira persiste no casario. Em um primeiro exemplo, as telhas sobrepostas ainda se combinam com vergas de arco abatido. Trata-se de casa já demolida, construída no prolongamento da Rua da Intendência, hoje em dia denominada Rua João Salustiano, que, posteriormente ao século XVIII, conectava o antigo largo homônimo com o Morro do Bonfim (Fig. 383).

383. Casa na Rua João Salustiano, São João del-Rei. Data: desconhecida, década de 1940 segundo ALVARENGA (2009), p. 410. Fonte: DANGELO *et al.* (2014), p. 78.

384. Detalhe de cunhal da casa na Rua João Salustiano, São João del-Rei. Ano: 1960. Fonte: LFSV.

A casa pertencia ao Padre José Pedro da Costa Guimarães e teria abrigado um educandário. A sua composição e seus detalhes são apontados como compatíveis à arquitetura produzida em meados do século XIX, a exemplo do grande sobrado do Rocio.⁵¹³

O andar térreo encontrava-se dividido em duas partes por uma pilastra decorada, a qual se repetia nos extremos das fachadas, inclusive no cunhal que fazia esquina com um beco. Os vãos se distribuíam regularmente entre si, sendo sugeridas várias relações de simetria na organização da fachada. A camarinha, ou pequeno pavimento alteado, se posicionava no meio da metade direita da casa, sem qualquer moldura agregada e com beirais em cachorrada.

Destacava-se a decoração do cunhal e das pilastras com base de retângulo em baixo-relevo e de cantos arredondados (Fig. 384). O corpo mantinha a mesma moldura de contorno, mas era desenhado com o já típico cordão periférico a amarrar motivos florais no centro e nas extremidades. Aqui, o topo se

⁵¹³ ALVARENGA, Luís M. *História da Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei (1783-1983)*. Belo Horizonte: Gráfica Formato, 2009, p. 410.

apresentava sem capitel, com aquele retângulo liso na altura do friso que sublinhava o beiral, já vistos extensamente em edificações que incorporaram temas classicistas de forma pioneira supostamente nas primeiras décadas do século XIX. Na base da fachada, um barrado em relevo corria sem coincidir com a linha dos socos das portas. Os vãos, por sua vez, contavam com pronunciadas sobrevergas dotadas de muitos relevos, de perfil mais estriado se comparado com o de seus pares mais antigos. Ele lembrava aquele da casa térrea situada na esquina da Rua da Prata com o Largo de São Francisco, que outrora consideramos modernos em seu contexto (ver Fig. 190 e 191).

Na esteira dos exemplos desaparecidos, cabe lembrar um outro desenho em detalhe de casa térrea já demolida na época da publicação de José W. Rodrigues (Fig. 385).⁵¹⁴

385. Detalhe do alto da fachada de casa térrea demolida. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 187.

Não dispomos de maiores informações sobre a edificação que teria abrigado esse esquema. Figuram novamente a beira-seveira combinada com variados relevos e ornatos em estuque. A semelhança com o grande sobrado do Rocio é notável, tanto no corpo da pilastra como no motivo floral do friso. Chama-nos a atenção a folhagem pendurada debaixo do retângulo de quinas arredondadas. Até agora em nossa amostra, os estuques estiveram praticamente restritos às molduras usuais dos cunhais, pilastras e frisos. Este discreto detalhe de certa forma se liberta destes substratos, extrapolando os seus limites. Ao sustentá-lo, a parede de fundo passa a fazer parte do suporte decorativo das fachadas. Isso já havia acontecido acima dos vãos do grande sobrado do Rocio, mas nessa ocasião o detalhe parece mais espontâneo ou fortuito. Como veremos no próximo capítulo, uma maior difusão decorativa nas fachadas será uma das tendências que caracterizará o casario produzido em torno do último quartel do século XIX. Nesse sentido, a delicada ramagem anuncia um fenômeno arquitetônico prestes a se consolidar.

⁵¹⁴ RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 186-187.

Os abastados sobrados vistos até agora neste capítulo apresentaram-se todos com vergas de arco abatido e beirais em cimalha. Ao abordar algumas casas térreas, entretanto, voltaram a aparecer os vãos retos combinados com telhas embutidas. É sabido que as cercaduras quadrangulares voltaram a habitar a arquitetura do século XIX, não se sabe exatamente quando no caso de São João del-Rei. Também vimos, na esteira do prolongamento do uso de motivos tradicionais, a persistência das beira-seveiras no arremate superior das fachadas. Neste sentido, destaca-se em nossa amostra um sobrado com frente para a Rua São Roque, popularmente denominado Solar dos Viegas, situado em terreno atrás da Igreja Matriz (Fig. 386).

386. Sobrado da Rua São Roque (R. José Mourão n. 77, esquina com Travessa Monsenhor Gustavo Carvalho). São João del-Rei, 2010.

Nesse caso, aparece na fachada uma cartela com inscrição a indicar o ano de 1855. A implantação atual, com grande afastamento e jardim frontal, provavelmente não condiz com o partido de meados do Oitocentos. O atual proprietário da casa afirma, em entrevista realizada com o pesquisador no mês de março de 2013, que a rua passaria tradicionalmente rente à testada da construção, tempos atrás. Tal informação pareceria razoável, uma vez que a Décima Urbana de 1831 só menciona o lado direito da Rua São Roque⁵¹⁵, tendo provavelmente como referência a subida desde a Rua Direita até a Praça da Câmara. Mas no lado esquerdo da mesma Rua São Roque, supomos, estariam os quintais das casas com frentes voltadas para o Largo da Casa da Câmara, aquele que se estende atrás da Matriz. Ora, há notícias, do ano de 1806, de compra de uma casa situada na Rua da Câmara, com quintal e portão para a Rua São Roque, confrontando-se com casas da Confraria de Nossa Senhora do Terço.⁵¹⁶ É possível que se tratasse do mesmo terreno em questão. Nesse sentido, o jardim frontal da atual edificação corresponderia aos quintais daquela antiga casa, posteriormente reconstruída ou reformada em um suntuoso sobrado. No caso das casas que seguem do mesmo lado esquerdo da Rua São Roque acima, os quintais teriam sido desmembrados e transformados em lotes. Tal seria a nossa hipótese para explicar este afastamento atípico para a época, em contraste com outras edificações relativamente modernas construídas no alinhamento com a calçada.

Uma fotografia antiga do sobrado mostra algumas modificações ao longo do tempo (Fig. 387).

⁵¹⁵ IPHAN-SJDR: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Imposto da Décima, 1831*.

⁵¹⁶ CINTRA (1982), *op. cit.*, p. 138.

387. Vista e respectivo detalhe do sobrado na Rua São Roque (R. José Mourão n. 77), São João del-Rei. Data: desconhecida, supostamente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

Já houve um pequeno alpendre ladeado por escadas no meio da fachada principal, depois demolido. A fachada lateral, isenta de pilastras intermediárias, tinha poucos vãos regularmente espaçados entre si. Outras fotografias antigas mostram que o cunhal não contava com base sofisticada, havendo no máximo um par de variações na sequência de relevos.⁵¹⁷ Na interseção com a faixa de marcação do piso superior, na altura das sacadas, estampava-se o típico retângulo reentrante. Acima desta marca, na fachada principal, dispunha-se ainda de uma outra faixa com motivos estampados em alto-relevo, iguais àqueles encontrados no friso debaixo do beiral. Não havia suportes para luminárias à época nem buzínos debaixo dos balcões.

Entre os anos de 1987 e 1989, houve uma importante intervenção, que removeu o alpendre frontal e uma parte dos estuques, incluindo aqueles situados entre as sacadas. Foi ainda adicionada uma janela alta na lateral do sobrado.⁵¹⁸

A fachada frontal se apresenta atualmente livre do alpendre e com a mesma distribuição de aberturas (Fig. 388).

⁵¹⁷ Ver Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ; Arquivo permanente, São João del-Rei, IPHAN-MG.

⁵¹⁸ Ver fotografias no Arquivo permanente, São João del-Rei, IPHAN-MG.

388. Fachada frontal de sobrado na Rua São Roque (R. José Mourão n. 77). São João del-Rei, 2010.

À primeira vista, os vãos parecem estar alinhados e regularmente distribuídos, mas isso não acontece de forma estrita. Nota-se um espaço de parede ligeiramente maior no extremo direito da fachada, bem como um sutil desalinhamento vertical em dois conjuntos de ombreiras, o correspondente à entrada principal e o que segue à sua direita. Isso talvez seja indício de aproveitamento de alvenaria e, portanto, de remodelação de edificação já existente. Nesse sentido, o aparecimento da beira-seveira num momento em que as cimalthas estariam em voga, também poderia indicar o seu reaproveitamento na intervenção realizada em meados do século XIX. Em todo caso, a regularidade da composição e a simetria definida pelas aberturas centralizadas dominam o aspecto geral da fachada.

Na esteira da consolidação e da maior profusão dos motivos classicistas, ornatos em estuque são agenciados nos cunhais e no topo da fachada. Já vimos que as bases de pilastras, construídas em pedra, não compareciam em cenas retratadas anteriormente; no entanto, elas já existiam no ano de 2001 e continuam com a mesma configuração na atualidade (Fig. 389).⁵¹⁹

⁵¹⁹ Em parecer para tombamento municipal do Solar dos Viegas, há fotos que revelam as bases de pilastras, bem como informações históricas sobre seus antigos moradores. Ver CMPPC-SJDR: Tombamento voluntário do imóvel situado na Rua José Mourão n. 77, processo n. 018/2000, autoria de José Antônio de Ávila Sacramento, 2001.

389, 390. Detalhes inferior e superior de cunhal do sobrado situado na Rua São Roque (R. José Mourão n. 77). São João del-Rei, 2015, 2014.

391. Detalhes de balcão do sobrado da Rua São Roque (R. José Mourão n. 77). São João del-Rei, 2010.

Com efeito, os blocos de pedra utilizados no pedestal e a sequência de relevos no cunhal não correspondem aos modelos vistos até agora. Na fachada lateral foi agregada uma pilastra intermediária e refeitos os estuques mutilados na reforma da década de 1980. A fachada frontal, entretanto, foi conservada, sem recuperação dos detalhes antes situados entre as sacadas. Os corpos do cunhal e da pilastra lateral encontram-se divididos em duas partes por um retângulo reentrante na altura das sacadas. No trecho inferior, um cordão termina em folhagens simples. Já o superior conta com desenhos mais rebuscados, também em alto relevo (Fig. 390). Um cordão periférico duplo amarra motivos em rocalha no centro e nas extremidades da composição. Acima, no retângulo definido sob as telhas, estampa-se, a modo de capitel, uma nova figura em rocalha. Esta se repete regularmente ao longo da moldura que sublinha o beiral, formando um friso decorado no topo da fachada.

Vejamos com maior detalhe a janela rasgada central (Fig. 391). A relativa novidade do vão reto não dispensa o esquema geral com socos de pedra, sobrevergas de perfil típico e as bandeiras trabalhadas. Estas apresentam um padrão com pequena estrela inscrita em círculo no meio e subdivisões verticais com trechos alternando linhas retas e curvas. As folhas das portas apresentam a configuração usual com vidros quadrados em cima e madeira pintada embaixo. Nesse caso, porém, as esquadrias encontram-se ligeiramente recuadas em relação às bordas da cercadura, através da colocação de ripas incorporadas às

ombreiras. Destaca-se, em disposição simétrica no alto deste vão central, um coroamento em estuque com elaboradas rocalhas em algo relevo. Ele se incorpora ao friso sob o beiral e indica o ano da intervenção arquitetônica.

As grades apresentam aquele padrão encontrado frequentemente em sobrados são-joanenses da primeira metade do século XIX. Ele é praticamente idêntico ao do Solar da Baronesa no Largo do Carmo, salvo uma sutil diferença na curvatura das espirais.⁵²⁰ Os balcões em pedra de topo liso, por sua vez, são de pedra amarelada, em contraste com a cor cinza dos socos das janelas rasgadas. Debaixo delas foram recentemente colocados buzínates com terminação em forma de flor.

Um sobrado menos abastado, situado em plena Rua Direita, também apresenta alguns elementos arquitetônicos que sugerem uma relação coetânea com as edificações mais profusamente decoradas (Fig. 392).

392, 393. Fachada e detalhe de balcão de sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 93-97). São João del-Rei, 2012.

⁵²⁰ Segundo o atual proprietário do imóvel, durante a restauração empreendida a partir do ano de 2003 algumas grades de ferro foram refeitas com base nas originais existentes.

Sua situação urbana sugere a existência de uma estrutura prévia e uma remodelação, mas é difícil verificar tal hipótese. Ele raramente aparece em fotos antigas desde um ângulo que permita a apreciação de seus detalhes. Em todo caso, as feições atuais não são tipologicamente discrepantes e, portanto, merecem atenção. A fachada conta com três sequências de vãos retangulares e regularmente distribuídos. A simetria é acentuada pelo rebuscado ornato em rocalha disposto no alto da janela rasgada central. A largura reduzida da fachada e a proporção de aberturas sobre a parede motivam a ausência de pilastras laterais. Conta-se, mesmo assim, com discreto friso na altura das sacadas e no barrado que corre na projeção dos socos das portas. Elas contrastam fortemente com as pesadas sobrevergas, inéditas em nossa amostra. O balanço do beiral em uma das laterais indica o aproveitamento do frechal para agenciamento do friso. Este conta com desenho em alto-relevo definido por cordão periférico que se entrelaça no meio da faixa em intervalos regulares.

O detalhe dos vãos superiores mostra uma cercadura estreita, de acordo com a tendência da época (Fig. 393). A bandeira fixa, com suas subdivisões verticais e um motivo centralizado, lembra a do Solar dos Viegas na Rua São Roque (ver Fig. 391). Entretanto, o desenho é aqui mais saturado, com feixes em diagonal e peça quadrada no meio com cantos arredondados e pinázios entrecruzados. A grade do balcão tem padrão com série de gregas nas faixas superior e inferior. O miolo, com retângulos de quinas arredondadas e pequenas estrelas de ferro fundido no meio, remonta aos modelos empregados na arquitetura luso-brasileira a partir da década de 1840. O recuo lateral da grade em relação à sacada é, entretanto, atípico. Seria este um indício de disparidade entre o elemento metálico e a pedra espessa e de topo liso? Ou teria sido uma opção do construtor? Em todo caso, boa parte dos motivos dessa fachada nos remete à tipologia em torno da década de 1850 que estamos a identificar.

Vão retos com beira-seveira e adornos em estuque também comparecem em casas térreas, como no caso da Rua do Bonfim (Fig. 394).

394, 395. Fachada e detalhe de casa térrea na Rua do Bonfim (R. Ribeiro Bastos n. 54). São João del-Rei, 2013, 2012.

Não dispomos de fotografias antigas que mostrem esta fachada com maior variedade de detalhes, salvo uma possível vista que mostraremos em seguida.⁵²¹ Os vãos aparecem bastante aproximados uns dos outros, com reduzido espaço de parede entre eles. Não há marcação de simetria e o desnível talvez tenha motivado o acesso por um vão intermediário, nem no canto nem no meio da fachada. A inclinação é corrigida por um embasamento de pedra delimitado por uma moldura em relevo. As cercaduras apresentam envergaduras médias, assim como as sobrevergas. Estas contam entretanto com um perfil bastante acidentado por pequenas concavidades, peças convexas e estrias. Destacam-se, entretanto, os estuques em alto relevo nas laterais e debaixo das telhas embutidas (Fig. 395). O corpo das pilastras é isento de molduras periféricas e não apresenta maiores novidades nos cordões duplos e na amarração de figuras fitomórficas. Depois de uma discreta moldura no topo, estampa-se um capitel de desenho peculiar com vaso central e outros contornos simétricos a sugerir ramagens, flores e volutas. Acima dele, já na altura do friso, aparece um novo motivo simétrico e de linhas orgânicas, sem maior definição figurativa. Ele alterna com uma espécie de arabesco, também simétrico, ao longo da fachada.

⁵²¹ Na mais nítida fotografia antiga, feita no ano de 1950 desde a torre da Igreja de São Francisco, a silhueta da casa aparece com a mesma organização atual de vãos. A falta de sombra nos cunhais não permite maiores conclusões, pois era comum na época o uso de pintura branca sobre os estuques de modo a dissimulá-los. Ver Arquivo corrente, São João del-Rei, IPHAN-MG.

Tivemos dúvida na apreciação da fachada desta casa, principalmente no referente aos estuques. Os altos-relevos encontram-se chapados em suas superfícies, sem o arredondamento característico de outros casos análogos. O detalhe da moldura na base do capitel, sem contornos precisos e em desacordo com o corpo da pilastra, também causou-nos estranheza. Encontramos então uma fotografia antiga, sem maiores referências de logradouro ou data, que supomos conferir com a da casa em questão (Fig. 396).

396, O. Vista e detalhe de casa térrea supostamente na Rua do Bonfim (R. Ribeiro Bastos n. 54), São João del-Rei. Autor e data: desconhecidos. Fonte: Arquivo Luiz Antônio Ferreira in São João del-Rei Transparente.

Se esta suposição for correta, a fachada já passou por importantes modificações desde então. A forma e o número de vãos teriam se alterado, com a mudança de posição da porta de acesso, antes na lateral, e a substituição das sobrevergas, antes mais finas. As janelas se fechavam em guilhotinas e o alicerce se recobria de massa. Havia um friso no topo da parede, mas na foto não se percebem relevos que, entretanto, poderiam estar recobertos por tinta. O detalhe das pilastras também mostra um padrão diferente, com moldura periférica no corpo e arremate no alto com um detalhe de motivos fitomórficos e florais pendentes. O capitel também não coincide, pois apresentava um vulto de contornos mais orgânicos, sem o achatamento do estado atual. A falta de definição da imagem não permite comparar os desenhos com maior precisão. Em todo caso, trata-se de uma reconstrução com uma boa dose de recriação dos motivos decorativos e arquitetônicos.

Ainda nesta família de beira-seveiras e vãos retos, figura uma outra casa térrea situada na travessa entre a Rua São Roque e a Rua da Cruz (Fig. 397 e 398).

397, 398. Fachada e detalhe de casa térrea na travessa entre a Rua São Roque e a Rua da Cruz (R. Vigário Amâncio n. 36). São João del-Rei, 2015.

A fachada conta com uma pequena inscrição a indicar o ano de 1858. Resultam curiosas algumas semelhanças gerais com a casa anterior da subida para o Bonfim, como são o embasamento de pedra delimitado por moldura, as cores vermelha e amarela contra o branco da parede, além do friso decorado. Neste caso, entretanto, as sobrevergas diminutas e com a base ultrapassando o limite das ombreiras causam certa estranheza e sugerem uma remodelação. As pilastras lembram aquelas casas térreas do capítulo anterior, com base e corpo apenas ressaltados no alicerce e na massa, indo de encontro com as telhas embutidas no topo. Entre elas destaca-se um friso marcado regularmente por quadros com motivo fitomórfico simetricamente inscrito. O esquema sugere o uso de molde, a modo de um carimbo, mas a falta de correspondência precisa entre os desenhos inibe essa hipótese. Existe também a possibilidade de as sucessivas pinturas ao longo do tempo terem distorcido os contornos.

Há ainda alguns casos em que a ornamentação parece ter sido mais claramente adicionada sobre arcabouços existentes. O sobrado situado atrás da Igreja do Rosário é neste sentido peculiar, pois apresenta ornamentos em estuque no alto de uma fachada de tipologia mais antiga (Fig. 399).

399, 400. Vista e detalhe de sobrado atrás da Igreja do Rosário (R. Ribeiro Silva n. 190). São João del-Rei, 2012, 2015.

A proporção de cheios em relação aos vãos, bem como a falta de alinhamento destes e a ausência de sobrevergas, sugerem um partido mais próximo ao Setecentos. A posição estratégica da edificação, na entrada do núcleo urbano pelo Tijuco ou Ponte do Rosário, também dão respaldo à sua antiguidade. O sobrado aparece em fotografias bastante antigas, incluindo aquela do século XIX e a panorâmica de André Bello, sem maiores modificações em sua fachada mais estreita (ver Fig. 22 e 29). A distância do ponto de tomada, entretanto, não permite observar os detalhes no topo da fachada. Em outras fotografias mais recentes, de meados do século XX, já é possível observar os relevos dos ornatos, embora estejam dissimulados por pintura branca.⁵²² Observa-se, ainda, que o conjunto da base – constituído por alicerce, barrado, socos das portas e pedestal do cunhal – se mostrava com pedra aparente, sem o chapisco existente na atualidade. Fora isso e alguma transformação de janela em porta, as fachadas se mantiveram sem maiores alterações.

Os ornatos aplicados se restringem ao cimo da fachada (Fig. 400). No alto dos cunhais figuram capitéis com motivos fitomórficos e volutas simetricamente dispostos. Acima das molduras que os separam do friso, aparecem grandes rosetas centralizadas nas peças retangulares. Neste mesmo nível, ao longo das faixas que sublinham a beira-seveira, são finalmente dispostos pequenos motivos florais em um ritmo regular.

Em um outro caso, a introdução de ornatos de estuque teria ocorrido em um par de edificações relativamente mais modernas, já dotadas de motivos classicistas simples. Trata-se daquele conjunto de casas térreas da Rua da Prata, que já tivemos a oportunidade de estudar parcialmente (ver Fig. 161). Duas delas mantêm as características gerais de fachada – composição de vãos com arco abatido e sobreverga, beira-seveira, relevos em massa na base, laterais e friso –, mas recebem ornamentos nas pilastras e na faixa debaixo do beiral (Fig. 401 e 402).

⁵²² Ver fotografias em: Conjunto urbano de São João del-Rei, MR-SJDR; Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ.

401, 402. Casas térreas na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 29-35). São João del-Rei, 2012.

A de cor cinza conta com porta central e ornatos inéditos com cabeça de anjo em cada um dos dois intervalos entre vãos. No entanto, fotografias antigas de meados do século XX mostram a inexistência dos ornatos angélicos e um acesso lateral.⁵²³ Fora isso, ambas as moradas mantiveram, desde então, o seu aspecto arquitetônico sem maiores alterações. Em uma das divisas com o vizinho, é agenciada uma pilastra com corpo marcado por retângulo em alto relevo e capitel ricamente desenhado (Fig. 403).

403, 404. Desenho de parte superior de pilastra com friso e detalhe de junção entre as duas moradas de casas na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 29-35). São João del-Rei, 2012. Fonte do desenho: RODRIGUES (1979), p. 187.

Os temas com volutas e motivos fitomórficos não apresentam maiores novidades, embora contem com matizes que quase nunca se repetem. Já o vaso central, com buquê de flores que desabrocha no retângulo delimitado debaixo das telhas embutidas, é inédito em nossa amostra. No friso correspondente, estampam-se formas em arabesco ao longo do topo de duas moradas (Fig. 404). Esta série sofre uma

⁵²³ Ver fotografias em: Conjunto urbano de São João del-Rei, MR-SJDR; Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ.

variação no eixo de simetria de cada um dos vãos, onde apresentam um motivo de dimensões análogas mas com contornos em rocalhas.

Nesse mesmo conjunto da Rua da Prata, temos ainda outro exemplo de adição ornamental. No caso da larga fachada na esquina com a praia, entretanto, o cunhal foi agenciado em uma intervenção mais recente (Fig. 405).

405. Casa térrea na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 7) esquina com a praia. São João del-Rei, 2012.

A casa aparece parcialmente e sem muita nitidez, com janelas de guilhotina e cunhal aparentemente simples, naquela foto antiga do século XIX e na panorâmica de André Bello (ver Fig. 22 e 29). Em outras fotografias de meados do século XX, as esquadrias encontram-se modernizadas com folhas abrindo à francesa. Nota-se com maior clareza, naquele momento, o corpo liso do cunhal e o arremate superior com cornija simples, sem maior rebuscamento. O relevo em massa que hoje comparece no cunhal foi colocado entre o ano de 1965, quando se cogitava construir mais um andar sobre a casa, e 1987, quando da realização de projeto de reabilitação da casa para o atual Memorial Tancredo Neves. Nesse ínterim, também se realojaram as guilhotinas e foram agenciadas bandeiras fixas com pinázios desenhados, em consonância tipológica com os estuques (Fig. 406).

406. Vista da fachada e detalhe da bandeira fixa de casa térrea na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 7), São João del-Rei. Ano: 1987. Fonte: IPHAN-MG.

Em seu estado atual, recuperou-se o perfil predominante das casas que seguem na Rua da Prata, supostamente colonial ou das primeiras décadas do século XIX. Uma balaustrada junto à fachada para a praia e os pinázios desenhados foram removidos. Entretanto, o cunhal decorado foi mantido. Percebe-se, pois, uma confusão de introdução e retirada de motivos arquitetônicos na casa, tendo-se como resultado a permanência de um desenho reinventado no corpo do cunhal.⁵²⁴

Antes de terminar este grupo com relativa profusão ornamental, cabe ilustrar um último exemplo de edificação. Trata-se de sobrado peculiar, hoje desaparecido, que existiu no lado ímpar da antiga Rua do Comércio, próximo aos Quatro Cantos. Ele aparece retratado em um desenho publicitário e em um par de fotos antigas de meados do século XX (Fig. 407 e 408).⁵²⁵

⁵²⁴ Para o acompanhamento das transformações da casa ao longo do século XX, ver projetos e fotografias em: Arquivo permanente, São João del-Rei, IPHAN-MG; Conjunto urbano de São João del-Rei, MR-SJDR; Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ. Existe a possibilidade de o desenho do cunhal estar coberto de massa ou tinta nas fotografias antigas, mas não identificamos nenhum indício nesse sentido.

⁵²⁵ Há ainda uma outra fotografia em que aparece o sobrado em: Conjunto urbano de São João del-Rei, MR-SJDR; Série Inventário, São João del-Rei, IPHAN-RJ.

407. Desenho de sobrado à Rua do Comércio (R. Marechal Deodoro), São João del-Rei. Fonte: CAPRI e BELLO, s/d [1918].

408. Vista da fachada de sobrado na Rua do Comércio (R. Marechal Deodoro), São João del-Rei. Data: desconhecida, provavelmente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

As imagens não são muito nítidas, sendo difícil observar detalhes menores. Assim mesmo, é possível fazer uma leitura da fachada e de alguns elementos que a compõem. O sistema classicista encontra-se bastante consolidado nas pilastras e no conjunto de friso com cimalhas no topo. Adicionalmente, são colocados pequenos frontões triangulares sobre cada janela rasgada do andar superior. A verga reta, encimada por pronunciadas sobrevergas no térreo, não deixa qualquer dúvida sobre a sua inserção no esquema compositivo. Ao mesmo tempo que proliferam os motivos adossados na fachadas, os mesmos se tornam mais sóbrios e formais se comparados com os relevos orgânicos até agora vistos. No entanto, as bandeiras em “teia de aranha” e as grades do balcão corrido, com rebuscadas curvas, ainda exibem padrões condizentes com os de seus pares, ainda que diferenciados. Desde o nosso ponto de vista, este sobrado encontra-se tipológico e cronologicamente situado em um momento posterior à sequência de edificações vistas até agora, quiçá em torno da década de 1870. Ele estaria a poucos passos da platibanda e de um maior agenciamento decorativo nas fachadas. É uma pena não haver pares semelhantes para poder reforçar essas hipóteses.

O estudo do casario com maior profusão de motivos classicistas mostra um tipo comum de arquitetura. Mesmo assim, chama a atenção a diversidade das manifestações, com destaque para os estuques ornamentais. A variedade de desenhos sugere uma produção artesanal e criativa ou, pelo menos, uma diversificação de modelos consultados. As composições de fachadas não apresentam maiores novidades em relação ao grupo anterior mostrado na primeira parte deste capítulo. No entanto, em ambos casos vemos um classicismo mais consolidado não só na definição de cunhais, entablamentos e cimalhas sob os beirais, mas também na marcação de trechos e eixos de simetria nas fachadas. Outros detalhes, tais

como a maior proximidade das sequências de vãos, as cercaduras mais estreitas e o uso mais comum dos balcões corridos, também se mostraram com uma suave diferença. Apesar da carência de parâmetros cronológicos mais precisos, supomos uma correspondência entre as tipologias dos dois grupos e dois momentos temporais subsequentes, ou seja, um primeiro por volta das décadas de 1830 e 1840 e um segundo ao redor dos decênios de 1850 e 1860. Cabe, no entanto, ampliar as referências formais e cronológicas com vistas ao aperfeiçoamento de nossa leitura.

4.3. Referências formais e cronológicas

No capítulo anterior, quando foram abordados os motivos classicistas considerados precursores no casario são-joanense, tivemos a oportunidade de explorar algumas referências de molduras, cimalkas e beirais em suas formas mais elementares. Neste capítulo, no entanto, tais elementos se consolidaram em composições mais sistêmicas, relativamente mais elaboradas e com detalhes mais sofisticados. Apesar da maior aplicação do programa classicista – que inclui regularidade, simetria, pilastras, cimalkas e outras molduras –, vimos ainda a persistência de motivos arquitetônicos tradicionais. Além disso, a introdução espontânea de estilemas e figuras, com destaque para os desenhos em estuque, resultaram em composições atípicas, que indicam um peculiar matiz regional. Quais seriam as possíveis referências que teriam orientado essas interpretações? Pergunta ampla que, no escopo do presente trabalho, tem sido atendida com base em fontes bibliográficas, iconográficas e, destacadamente, empíricas.

Quando Sylvio de Vasconcellos anuncia uma transição entre o Barroco e o Ecletismo calcado no Neoclássico, situada em torno da virada entre os séculos XVIII e XIX, chama a atenção para alguns aspectos arquitetônicos. Um pouco mais tarde, segundo o autor, as suaves marcações de cunhais, muitas vezes pintadas para realce estético e proteção, se estenderiam para o paramento das paredes. Nesse momento, cita edificações oficiais de Vila Rica, com base em manuscritos e desenhos referidos à década de 1830. Seguindo com o exemplo de casas nobres construídas no início do Oitocentos, destaca ainda os “belos cunhais sugerindo colunas em meio resalto” e “cimalkas de complexo perfil, principalmente nas esquinas”.⁵²⁶

Um pouco mais adiante, no último trecho de seu livro, Vasconcellos faz uma grande generalização para a arquitetura do século XIX. Nesse ínterim, menciona os estuques e pinturas decorativas nos revestimentos externos das edificações, enfatizando inclusive o caso de São João del-Rei. Uma nota de pé de página indica o Alentejo português como uma possível fonte destas gravações sobre as argamassas. Enfatiza ainda o aumento dos pés-direitos, a volta do emprego da verga reta e, finalmente, os caixilhos de vidro das bandeiras fixas. Estas teriam padrões variados de curvas entrecruzadas, losangos, figuras florais e radiais inscritas em semicírculos.⁵²⁷

Também Robert Smith generaliza bastante a sua abordagem da arquitetura colonial, com base em edificações nobres. No final da parte de seu texto que trata dos exteriores da arquitetura, quando parece se referir ao final do período colonial, o autor ressalta a mistura de formas estilísticas da arte setecentista portuguesa. No âmbito das apropriações do rococó e do neoclássico, menciona a volta das vergas retas e a proliferação decorativa nas fachadas, fazendo referência à arquitetura do norte de Portugal e à atuação de estucadores associados à escola italiana sediada em Lisboa. A casa do Padre José Pedro em São João del-Rei (ver Fig. 383 e 384) é elencada como exemplo raro de tratamento de cunhais com fustes enriquecidos por

⁵²⁶ VASCONCELLOS (1977), *op. cit.*, p. 194.

⁵²⁷ *Idem, ibidem*, p. 195-199.

arabescos. Um último comentário é ainda feito sobre as cornijas amplas dos beirais, às vezes compostas de grande número de molduras. Em Minas, elas seriam constituídas por várias fiadas de tijolos escalonados ou, então, por sarrafos emboçados para formar concavidades.⁵²⁸

Já vimos, em vários desenhos de José W. Rodrigues, o seu interesse pela arquitetura civil Oitocentista no geral e são-joanense em particular. Ao abordar as peculiaridades de cidades mineiras, menciona para São João del-Rei as “casas enfeitadas com ornatos em barroco ou Rococó em relevo, nos frisos, cunhais e capitéis”. Chama a atenção para a presença de pintura em cores variadas nesses elementos, as quais não podemos identificar nas fotografias antigas, em preto e branco. Nesse contexto, destaca ainda as beira-seveiras, dando a entender, inclusive pelo exemplo ilustrado, a sua convivência com os estuques.⁵²⁹ Em outra publicação, o autor volta a dar ênfase para os capitéis floridos, os ornatos rococós e as ramagens, ressaltando as interpretações imprevistas e algumas composições confusas e sumárias. É curioso notar a sua admiração pelas telhas embutidas, em detrimento das cimalthas, talvez porque estas seriam mais dominantes em outras paragens de arquitetura remanescente antiga. Ao apresentar detalhes ornamentais do grande sobrado do Rocio, datado de 1859, sugere a sua atuação como modelo para outras casas da cidade.⁵³⁰ Isso parece ter sido inevitável, mas, por outro lado, há indícios de composições e ornatos, igualmente profusos e inéditos, em uso durante os anos anteriores.

Muitos dos temas e motivos tratados por Vasconcellos, Smith e Rodrigues coincidem com nossa amostra, mas faz-se necessário ampliar as referências formais e, destacadamente, cronológicas. Nossa pesquisa se centrou mais na região sudeste do Brasil, com destaque para a capital carioca e sua conexão com Portugal. Neste momento, entretanto, cabe fazer referência, ainda que sucinta, a uma importante cidade litorânea mais ao norte, nomeadamente o Recife. Há notícia da chegada de 105 artistas mecânicos e operários alemães no ano 1839, que teriam contribuído com um novo sistema de moldes e símplies nas obras de ornamentação, incluindo cimalthas, cercaduras e sobrevergas. Nas posturas municipais elaboradas entre 1839 e 1840, apontava-se a necessidade de fornecimento de um molde de perfil para a execução das cimalthas, com vistas a proporcionar uma maior regularidade nos frontispícios. Também desta época seria a introdução do estuque, bem como as maiores dimensões das portas e janelas. Fica sugerida, ainda, uma variedade de formas e estilos na arquitetura, principalmente nas casas suburbanas.⁵³¹

⁵²⁸ SMITH, Robert C. *Arquitetura civil no período colonial*. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 169-171. No tema da volta das vergas retas, Ivo Menezes menciona a arquitetura comercial e industrial carioca de c. 1815, que coincide com a noção cronológica de Robert Smith; ver MENEZES, Ivo P. *Vãos na arquitetura tradicional mineira*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UMG, 1964, p. 22. Em Vassouras, vila erigida no ano de 1833, as vergas das casas também já eram usualmente retas; ver TELLES, Augusto C. S. *Vassouras – estudo da construção residencial urbana*. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 207, 217. Em São João del-Rei, entretanto, temos visto que a ‘canga de boi’ persistiu no casario, só havendo referências cronológicas de vergas retas a partir da década de 1850.

⁵²⁹ RODRIGUES, José W. *A casa de moradia no Brasil antigo*. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: 1975, p. 314.

⁵³⁰ RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 186-189.

⁵³¹ FREYRE, Gilberto. Introdução a ‘Casas de residência no Brasil, de L. L. Vauthier’. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 9-11; CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972, p. 148. A província de São Paulo também abrigou um importante contingente de trabalhadores alemães entre as décadas de 1820 e 1850, que teria atuado no setor da construção civil. Entretanto, não se conhecem informações mais precisas sobre a sua atuação na arquitetura. Ver BALDIN, Adriane F. A. *A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 5, 12-13, 130-131.

Ainda no contexto recifense, destaca-se a atuação do engenheiro francês L. L. Vauthier, que residiu na capital pernambucana entre os anos de 1840 e 1846. Sua abordagem trata principalmente do casario urbano tradicional, com ênfase para os aspectos de distribuição dos espaços em planta e do sistema construtivo. Em raras ocasiões, se demora nas feições exteriores, como no caso das chácaras de arrabaldes dotadas de pilastras, ornamentos bizarros, composições mais fantasistas e cores vivas. Quando exemplifica um sobrado urbano modernizado, ilustra uma elevação sem qualquer comentário ou análise (Fig. 409).⁵³²

409. Fachada de sobrado no Recife, completa e detalhe. Fonte: VAUTHIER (1943).

Os vãos, com verga em arco abatido do tipo ‘canga de boi’, encontram-se bastante aproximados entre si e regularmente distribuídos na fachada. A porta de entrada, com verga mais baixa e decorada com aduela, se diferencia no centro da composição para marcar um eixo de simetria. No pavimento superior corre uma sacada metálica desenhada por uma série de padrões curvos e espiralados, seguramente compostos por fitas de ferro forjado. As janelas rasgadas, por sua vez, contam com as usuais folhas abrindo à francesa e com pequenas peças quadradas de vidro. Já as bandeiras têm desenho mais rebuscado, com semicírculo embaixo e segmentos – não sabemos se retos ou curvos – ligando-se à cercadura. Chama a atenção a ausência de sobrevergas, fato motivado, quiçá, pelos uso da pedra no enquadramento dos vãos. Finalmente, a fachada é arrematada no topo com linhas ou faixa que sugerem uma cimalha não muito pronunciada e, talvez, até mesmo um friso. Lamentavelmente, excluem-se as extremidades da edificação, onde poderiam existir pilastras. Estas, segundo o engenheiro, seriam raras na cidade, mas pela modernidade desta composição suporíamos o seu agenciamento. Em todo caso, a tipologia remete à de vários sobrados são-joanenses, seja aqueles do capítulo anterior que supostamente receberam motivos

⁵³² VAUTHIER, L. L. Casas de residência no Brasil. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 39-40, 71-72.

classicistas de forma pioneira, seja os outros com maior consolidação compositiva mas ainda dotados de uma relativa sobriedade no regime ornamental. As noções cronológicas mais ou menos coincidem, ainda que devam ser consideradas a peculiaridade regional e a situação litorânea mais conectada no caso do Recife.

No caso da cidade de São Paulo, não encontramos maiores informações sobre a arquitetura civil em torno do segundo quartel do século XIX. Para Lemos, a técnica construtiva rude baseada na taipa de pilão e o repertório pobre de materiais disponíveis limitavam as aplicações nas fachadas a molduras tímidas e a pilastras pouco salientes esculpidas nos emboços. As possibilidades decorativas dos interiores, que incluíam cimalhas e portas embandeiradas, já se haviam esgotado ao máximo.⁵³³

Nesse âmbito, não podemos deixar de lembrar das duas séries fotográficas de Militão de Azevedo (1837-1905), datadas dos anos de 1862 e 1887. Apesar de extensamente mencionadas na historiografia, não conhecemos estudos arquitetônicos que as explorem com a merecida demora. Os seus cortes cronológicos não nos atendem no presente momento e fica-nos a impressão de que São Paulo já se encontrava com uma arquitetura sensivelmente mais avançada, a par dos maiores centros urbanos do litoral, se comparada com a de São João del-Rei. Mesmo assim, observam-se potenciais exemplos de edificações que, em dada ocasião, poderiam enriquecer o nosso estudo.⁵³⁴

O trabalho de Eudes Campos também é louvável sob vários aspectos, mas pouco se dedica à caracterização dos aspectos exteriores do casario imperial. O autor mostra, entretanto, o desenho de uma fachada urbana da capital paulista datada do ano de 1850 (Fig. 410).

⁵³³ LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989a, p. 35.

⁵³⁴ FONTES, Alice A de B. (coord.). *São Paulo em três tempos: álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887-1914)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982. Para edificações possivelmente situadas no segundo quartel do século XIX, ver, por exemplo, fotografias: 3B, 5B, 4B, 21C (1862); 2C, 11C (1887).

410. Fachada de sobrado urbano da cidade de São Paulo com ano de referência de 1850. Autor: Vânia Lewkovicz. Ano: 1995. Fonte: CAMPOS (1997), 115.

O andar térreo não apresenta maiores novidades com suas janelas de guilhotina e vergas de arco abatido, embora a porta central marque um eixo de simetria. As pilastras laterais se ausentam, mas compõem o barrado na base da fachada e a cimbalha sob o beiral. Já os vãos superiores mostram uma maior modernidade, sugerindo inclusive uma possível adição construtiva sobre casa térrea existente. Os balcões são individuais e guarnecidos por grades supostamente de desenho simples e com peças verticais. As janelas rasgadas, por sua vez, contam com aberturas dotadas de grandes peças de vidro ou almofadas de madeira, além de verga reta a definir bandeira fixa com pinázios arqueados. Finalmente, sobrevergas triangulares coroam o alto de cada um dos vãos. Este último motivo, a modo de pequenos frontões, só figura no casario de São João del-Rei cerca de um par de décadas mais tarde, assim como os bastões de ferro fundido sugeridos nas grades. Parece haver, dessa forma, uma disparidade temporal entre os casarios paulistano e são-joanense. Este, como temos visto, mantém-se preso a certos motivos tradicionais como são o arco abatido e a beira-seveira, embora apresentem ornatos peculiares.

Ainda no estado de São Paulo, cabe mostrar um raro detalhe arquitetônico na iconografia praticada fora da capital. Trata-se de cena do casario de Campinas, retratado por Burchell em uma de suas excursões do ano de 1827 (Fig. 411).

411. Vista de uma rua de S. Carlos (Campinas) e detalhe de casario e de topo de cunhal. Autor: William Burchell. Ano: 1827. Fonte: FERREZ (1981), p. 109.

As casas térreas à direita da figura mostram elementos classicistas amplamente aplicados nas sobrevergas, cunhais e forros das cachorradas. O primeiro cunhal já exhibe um interessante detalhe de topo com moldura saliente e faixa que se prolonga na fachada. É, entretanto, no alto do segundo cunhal que aparece, apesar da falta de nitidez da imagem, um motivo inédito em nossa amostra iconográfica. Os desenhos decorativos se inserem dentro de três campos quadrangulares em sequência: a duas linhas cruzadas, embaixo, segue um motivo difícil de reconhecer e, finalmente, uma flor na altura do friso. Esses detalhes, construídos provavelmente em madeira pintada e afixados sobre a taipa de pilão, foram encontrados de forma semelhante nos apliques de estuque ou de pedra de São João del-Rei, com destaque para as edificações mais simples ou que receberam pontualmente os motivos decorativos (ver Fig. 340, 343 e 400).

Uma outra região que merece atenção neste âmbito cronológico é o Vale do Paraíba, tanto em sua porção fluminense como paulista. Muitos de seus núcleos urbanos floresceram ou se desenvolveram com a maior produção do café no século XIX, sendo Minas Gerais e especialmente São João del-Rei apontadas comumente como paragens desde onde migraram importantes negociantes e fazendeiros da época.⁵³⁵ A maior proximidade desta área cafeeira com o litoral e com cidades importantes, como o Rio de Janeiro, Santos e São Paulo, ocasionou uma maior apropriação de novidades arquitetônicas em voga.

Destaca-se, nesse ínterim, o trabalho realizado por Augusto Telles sobre a vila fluminense de Vassouras, erigida no Caminho da Polícia no ano de 1833 por iniciativa de fazendeiros da região. Ao discorrer sobre o partido em alçado das residências, o autor assume a falta de conhecimento sobre as datas das construções e, conseqüentemente, a dificuldade de uma classificação por ordem cronológica. O desenvolvimento da vila vassourense em uma fase de transição da arquitetura e da cultura brasileira, situada entre um colonial português e um neoclássico mais bem francês, explicaria a falta de unidade no tratamento plástico e detalhes.⁵³⁶ Apesar da considerável confusão gerada por sucessivas distinções e

⁵³⁵ TELLES (1975), *op. cit.*, p. 217; LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 187, 191.

⁵³⁶ TELLES (1975), *op. cit.*, p. 205, 210.

agrupamentos – simples/requintado, térreo/sobrado, antigo/recente – sem uma guia adequada de figuras, pode-se distinguir a caracterização do casario em dois conjuntos.⁵³⁷

O primeiro seria constituído por edificações mais simples, especialmente por aquelas das primeiras décadas de formação da Vila. As sequências de casas térreas são típicas deste grupo, em que predominam a horizontalidade dos beirais em cimalthas de madeira e o ritmo uniforme de portas e janelas de vergas e sobrevergas retas. Os cunhais, revestidos de madeira ou já em forma de pilastras em alto-relevo, ainda são discretos na marcação do final das casas. Estariam incluídos ainda, neste conjunto, os sobrados, desde os mais simples com aspecto pesado devido aos cheios dominantes sobre os vazios, até os mais elaborados, com balcão de ferro trabalhado ao longo da fachada.⁵³⁸

O outro grupo estaria formado por edificações construídas até meados do século XIX. Percebe-se aqui, com maior intensidade, a presença de estilemas classicizantes (Fig. 412).

412. Desenhos de casas térreas e sobrado de Vassouras com respectivos endereços. Fonte: TELLES (1968).

As fachadas se tornam mais decoradas com cunhais dotados de bases e capitéis ressaltados, entablamentos com friso e dentículos, além de cimalthas trabalhadas. Os vãos tornam-se menos espaçados entre si e passam a predominar sobre os cheios das paredes. As bandeiras ou partes superiores das guilhotinas apresentam desenhos caprichosos e variados, com composições curvas e radiais. A relação com os seus pares são-joanenses fica assim expressada:

Essas construções apresentam uma franca filiação às congêneres mineiras, principalmente às de São João del-Rei, de onde provêm... grande parte dos fundadores de Vassouras, e de onde se originaram os cunhais e as pilastras decoradas, tão difundidas nas construções vassourenses, tanto nas mais modestas (em madeira), ... quanto nas mais requintadas (em estuque ou em cantaria).⁵³⁹

Uma importante diferença se faria sentir na substituição das ‘cangas de boi’ por vergas retas e por ocasionais arcos plenos nas portas centrais. Quando retas, estariam frequentemente encimadas por sobrevergas de madeira.⁵⁴⁰ No geral, os pares vassourenses parecem mais sóbrios e formais na aplicação dos relevos e estuques classicistas, aparecendo os frisos com tríglifos e as séries de dentículos, ambos ausentes no casario supostamente coetâneo de São João del-Rei. Capitéis engenhosos e desenhos

⁵³⁷ Para uma síntese simplificada de dois grandes grupos de edificações, mais clara de se entender, ver TELLES, Augusto C. S. *O Vale do Paraíba e a arquitetura do café*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006, p.73-74.

⁵³⁸ TELLES (1975), *op. cit.*, p. 206-207, 215-217.

⁵³⁹ Idem, *ibidem*, p. 217.

⁵⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 207, 214, 217.

orgânicos a imitar ramos e flores raramente comparecem nas fachadas de Vassouras. Parece-nos que há uma maior proximidade aos cânones do Neoclassicismo, se comparado com a situação de São João del-Rei mais interiorizada e, portanto, mais propícia a variações ou resistências regionalistas.

Os desenhos de pinázios apresentados por Telles também merecem atenção (Fig. 413).

413. Desenhos de esquadrias de Vassouras. Fonte: TELLES (1968).

Eles aparecem muitas vezes agenciados em uma das folhas das janelas de guilhotina de casas térreas e estão quase sempre inseridos em vergas horizontais. Os padrões aqui selecionados, seja com raios concêntricos, curvas entrecruzadas ou motivo floral, mostram semelhanças claras com os pares são-joanenses. Estes, à diferença, sempre se inserem em janelas rasgadas de sobrados com balcões e, muito comumente, sob o resguardo de vergas de arco abatido.

No setor paulista do Vale do Paraíba, sobressai o trabalho de Carlos Lemos, que ressalta a apropriação, pelo velho partido de taipa de pilão, das novidades trazidas pelo neoclássico. As edificações maiores teriam seus frontispícios divididos em painéis e balcões a agrupar janelas rasgadas. Uma espécie de carimbo, sugere o autor, se faria na marcação de eixo de simetria com uma porta de verga recurvada no centro da fachada, em contraste com as demais janelas usualmente retas. Os beirais seriam forrados à guisa de cimalthas e as vidraças desenhadas com caprichosos pinázios.⁵⁴¹

Nesse contexto, destaca-se o casario de duas localidades melhor documentadas. Uma delas, São Luís do Paraitinga, já teve a atenção de alguns estudos que, no entanto, não apresentaram referências cronológicas mais específicas sobre a arquitetura.⁵⁴² Já Bananal, mais conectada com a capital carioca, foi menos pesquisada, mas, por outro lado, conta com edificações mais precisamente datadas. A povoação foi elevada a vila no ano de 1832 e tirou proveito da facilidade de escoamento proporcionada pela

⁵⁴¹ LEMOS (1999), *op. cit.*, p. 197-198.

⁵⁴² SAIA, Luís; TRINDADE, Jaelson B. *São Luís do Paraitinga*. São Paulo: CONDEPHAAT, 1977; CONDEPHAAT: Estudo de preservação e tombamento do Núcleo Histórico de São Luiz do Paraitinga. Processo n. 22066, 1982; LEMOS (1999), *op. cit.*, p. 184.

proximidade do mar. Já na década de 1850, Bananal se sobressaía como o maior produtor de café de todo o Império.⁵⁴³

Chama a atenção um documento oficial produzido no ano de 1833, em que o arruador de Bananal dita algumas regras para a arquitetura dos edifícios civis da Vila. Nele eram definidos os módulos de medida das fachadas e a regularidade dos alinhamentos e dos espaços de alvenaria em relação aos vãos. Tudo entremeado por referências explícitas às ordens clássicas compósita, coríntia e toscana, com destaque para o uso da sóbria ordem dórica nos sobrados. Resulta curiosa a omissão da ordem jônica, também pouco comum no casario são-joanense até agora visto.⁵⁴⁴

Merecem destaque dois enormes solares urbanos pertencentes a barões de café enriquecidos na região, localizados nas duas praças principais da Vila. O primeiro, situado em frente à igreja matriz, teria sido construído em 1847 a pedido do comendador Luciano José de Almeida (Fig. 414).

414. Vista e detalhe superior de sobrado do comendador Luciano José de Almeida, situado na Praça Pedro Ramos n. 45, Bananal. Fonte: IPHAN em São Paulo, in: LEMOS (1999), p. 191.

A bateria de vãos retos é interrompida, no centro do andar térreo, por uma alta porta de arco abatido – de terminações simples, sem ‘canga de boi’ – que marca a simetria da fachada. As molduras se apresentam nas sobrevergas, nas sóbrias pilastras laterais e no forro com dentículos sob o beiral. Chama a atenção,

⁵⁴³ Sobre Bananal e sua arquitetura, ver CONDEPHAAT: Solicita o tombamento do “núcleo central urbano” do município de Bananal, processo n. 17256, 1970; CONDEPHAAT. *Bananal* [folheto]. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1980a; ROCHA FILHO, Gustavo N. *Bananal*: levantamento sistemático destinado a inventariar bens culturais do Estado de São Paulo. São Paulo: Condephaat, 2005.

⁵⁴⁴ SPHAN - Arquivo Ga. DR., Vila do Bananal 15 de setembro de 1833, in: ANDRADE, Antonio L. D. *Vale do Paraíba: sistemas construtivos*. 1984. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984, nota de rodapé n. 70.

ainda, o friso com retângulos de cantos arredondados em baixo relevo e pequenas flores inscritas. Este detalhe se posiciona no vedo entre os vãos superiores e a cimalha, na altura do capitel das pilastras. Diferentemente de seus pares são-joanenses, em que o friso se limita a uma estreita faixa acima do capitel, no caso de Bananal observa-se uma maior tendência para a ornamentação da fachada. Já as grades do balcão apresentam, de acordo com o ano de construção do sobrado, aquele padrão típico com retângulos terminados em semicírculos, espirais e pequenas estrelas de ferro fundido, empregado na arquitetura luso-brasileira a partir da década de 1840 e bastante comuns na arquitetura de São João del-Rei.

O outro grande sobrado bananalense pertenceu a Manuel de Aguiar Vallim e encontrava-se em construção no ano de 1854.⁵⁴⁵ Sua fachada mostra um partido bastante sofisticado, com o frontispício repartido em três trechos delimitados por pilastras salientes e dotadas de sóbrias molduras na base, na altura das sacadas e no arremate com o beiral (Fig. 415).

415. Fachada do sobrado situado na Praça Rubião Junior n. 27, Bananal. Fonte: CONDEPHAAT, in: FABRÍCIO JR. (1980).

A cimalha, neste caso, conta com uma projeção bastante pronunciada e sugere a ausência de cachorros. Três grandes portas com bandeira em arco pleno se destacam no meio da composição, a reforçar o eixo de simetria. Os trechos de balcão corrido acompanham as divisões dos espaços interiores, sem no entanto interromper a simetria. O esquema nos leva diretamente ao Solar dos Lustosa em São João del-Rei, que também apresenta a fachada tripartida, pilastras com decoração mais ou menos sóbria, balcão corrido e, inclusive, porta de entrada diferenciada em posição central (ver Fig. 329). Mas o sobrado Aguiar Vallim mostra traços de maior modernidade no agenciamento de vãos retos, de grandes peças de vidro nas janelas rasgadas e de bandeira fixa com semicírculo inscrito por somente dois arcos simetricamente dispostos (Fig. 416).

⁵⁴⁵ Para informações sobre o sobrado Aguiar Vallim, ver FABRÍCIO JR., José R. *Estudo do palacete Aguiar Vallim, Bananal*. São Paulo: FAU/USP, 1980; LEMOS (1999), *op. cit.*, p. 190.

416. Vista interna de janela rasgada e respectivo detalhe da grade do balcão, sobrado situado na Praça Pedro Ramos n. 45, Bananal. Autor: José Saia Neto. Fonte: CONDEPHAAT, in: FABRÍCIO JR. (1980).

As grades dos balcões, por sua vez, apresentam, além de rosáceas de ferro fundido e detalhes em espiral, uma trama de ferros cruzados com pequenas peças nas junções. Alguns desses detalhes são encontrados em edifícios coetâneos situados em plena capital carioca, o que demonstra a modernidade relativa deste enorme sobrado.⁵⁴⁶ De forma semelhante à do caso de Vassouras, nota-se uma maior apropriação das novidades emanadas da capital carioca, se comparado com o panorama arquitetônico são-joanense.

Chegamos então à capital carioca, onde encontraremos um bom número de referências formais acompanhadas de noções cronológicas. Já vimos, no capítulo anterior, uma significativa quantidade de cenas iconográficas a mostrarem motivos classicistas ainda sóbrios, pouco rebuscados. Na ocasião, apareceram em diversas aquarelas de Debret e em casa térrea retratada por Burchell aqueles medalhões pendurados no alto de pilastras (ver, por exemplo, Fig. 226, 228 e 230). Embora tal motivo represente uma aplicação menos convencional de ornamentos apostos às fachadas, não encontramos correspondência muito clara em São João del-Rei. Somente em um caso, também térreo, apareceu uma espécie de capitel estilizado, mesmo assim com desenho peculiar e assentado no prolongamento de ombreiras de janelas (ver Fig. 340).⁵⁴⁷

Ainda com Debret, aparece um sobrado palaciano com composição e detalhes muito modernos para a época (Fig. 417).

⁵⁴⁶ Ver, por exemplo: os detalhes das grades dos balcões do atual Palácio do Itamaraty, projetado e construído entre os anos de 1851 e 1854, além de outros modelos desenhados por José W. Rodrigues (1979, p. 235) e igualmente datados supostamente pela década de 1850; e as bandeiras do antigo palacete do comendador Cornélio dos Santos (Rua do Catete n. 6), datado do ano de 1862.

⁵⁴⁷ Esses medalhões pendurados aparecem, ainda, no alto do cunhal de um sobrado retratado por Hildebrandt ao redor do ano de 1844. Ver FERREZ, Gilberto. *The Brazil of Eduard Hildebrandt*. Rio de Janeiro: Record, [s.d.], p. 38.

417. Cena com sobrado nobre, Rio de Janeiro. Autor: Jean-Baptiste Debret. Data: c. 1817-1818, segundo a fonte. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 122.

Não sabemos se a data estipulada por Bandeira e Lago – c. 1817-1818 – foi baseada na cartela afixada no alto do bloco que aparece em primeiro plano na figura, a indicar um numeral com os três primeiros dígitos legíveis e o quarto dúbio, se aproximando de um sete.⁵⁴⁸ Embora a tipologia nos pareça muito avançada para a época, devemos a princípio acreditar nessa referência cronológica. Ficaríamos mais tranquilos se a data correspondesse ao final da estada de Debret no Rio de Janeiro ou, pelos menos, a uma plena década de 1820. Mas trata-se de inquietudes que carecem, pelo momento, de maiores averiguações. Em todo caso, cabe ressaltar a situação urbana com amplos espaços abertos em torno da igreja e na vizinhança do próprio palacete, a qual remete quiçá a uma área fora do centro mais denso da cidade. Nesse tipo de contexto, e ainda mais naqueles suburbanos ou de arrabalde, a arquitetura se mostrava geralmente com uma maior desenvoltura estética e estilística.

Grande parte dos motivos até agora ilustrados no casario de São João del-Rei já se encontra esboçada neste sobrado carioca. Os cunhais não apresentam relevos nas bases, mas contam com marcação intermediária na altura de um friso que amarra as sacadas, além de topo com elaborado capitel. A cimalha debaixo do beiral encontra-se sublinhada por uma franja e exhibe uma cartela decorada no centro. O pequeno cunhal da camarinha tem corpo desenhado com contornos que sugerem temas fitomórficos. Tal motivo remete diretamente aos ornatos de estuque de pilastras são-joanenses, os quais apresentam, entretanto, cordões periféricos e detalhes somente no centro e extremidades das superfícies. Coincide também a decoração orgânica acima dos arcos abatidos, análoga àquela encontrada nos vãos superiores do grande sobrado do Rocío.

⁵⁴⁸ BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. *Debret e o Brasil: obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008, p. 122.

As janelas rasgadas do solar carioca estão dispostas com um considerável espaçamento entre si. Elas estão encimadas por sobrevergas de arco abatido isento de abas laterais e ainda não apresentam bandeiras fixas. Os balcões têm sacada de topo reentrante e grades aparentemente de fitas de ferro forjado com padrão de complexidade média, destacando-se ainda as pinhas a encimar as esquinas. Mesmo assim, o sobrado é comparativamente bastante moderno para a época, pois apresenta motivos a par da arquitetura são-joanense praticada até meados do século XIX. No geral, sua tipologia representa uma verdadeira vanguarda para a data estipulada de sua suposta documentação.

Ainda na iconografia carioca, destacam-se na mesma época algumas cenas de interiores arquitetônicos, que supomos apresentarem novidades incorporadas mais tarde no exterior das edificações. O salão de recepção da casa nobre do Conde von Eltz foi retratado por Ender entre os anos de 1818 e 1819 (Fig. 418).⁵⁴⁹

418. Vista e detalhe do cunhal da sala de recepção do palácio do Conde von Eltz, Rio de Janeiro. Autor: Thomas Ender. Data: 1817-1818. Fonte: MACEDO (1991).

Chamam a atenção a simetria do espaço, o barrado, as cimalthas sublinhadas com friso liso e colorido, além das esquinas. Estas encontram-se arrematadas por verdadeiros cunhais invertidos com: base na altura do barrado com figura geométrica inscrita; corpo emoldurado e recheado por desenhos orgânicos; e topo com espaço vazio a sugerir capitel, seguido de contínuos relevos na junção com as cimalthas. Trata-se de motivos amplamente encontrados no casario são-joanense, com temas classicistas consolidados e profusamente desenvolvidos.

⁵⁴⁹ Este imenso e sofisticado solar foi retratado em outras cenas interiores e também em seu exterior por Ender. Ver FERREZ, Gilberto. *O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].

Alguns detalhes também aparecem em edificações mais simples da arquitetura luso-brasileira. Em uma casa carioca burguesa, retratada em publicação do ano de 1826, uma faixa com motivos organicamente desenhados percorre o topo das paredes e as molduras do vão de uma sala de estar (Fig. 419).

419. Cena de festa em sala de estar, Rio de Janeiro. Fonte: A. P. D. G. (1826).

420. Cena de interior doméstico, Ponte de Lima, Portugal. Fonte: KINSEY (1828), p. 271.

Em outra cena doméstica, desta vez na localidade portuguesa de Ponte de Lima, um interior com ocupação mais informal também apresenta uma faixa sobriamente decorada na junção com o teto, além de figuras geométricas riscadas nas paredes (Fig. 420). Como temos visto em nosso estudo do casario, esses frisos se mostram bastante frequentes no alto das fachadas, seja com simples bandas lisas, seja com superfícies decoradas.

Ainda da década de 1820, aparecem mais duas cenas de interiores aquareladas por Debret. A primeira delas, feita no ano de 1822, mostra uma fábrica de moagem de cana (Fig. 421).

421. Cômodo com engenho de cana e detalhe da bandeira da porta. Autor: Jean-Baptiste Debret. Ano: 1822. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 229.

Não dispomos de dados de localização da edificação correspondente, mas o espaço avarandado ao fundo sugere um contexto mais rural ou de arrabalde. Interessa ressaltar, entretanto, o alto das portas, com ombreiras terminadas em molduras a sugerir capitel e as vergas apontadas com segmentos contracurvados. A bandeira fixa conta com arcos entrecruzados a formar pontas em ogiva, padrão similar àquele encontrado no preservado sobrado são-joanense situado na Rua São Francisco, supostamente

inserido em tipologia da década de 1840, aproximadamente (ver Fig. 315). Já a verga do vão carioca se apresenta com uma figura apontada bastante exótica, sem maiores correspondências com a arquitetura brasileira da época, incluindo Minas Gerais e São João del-Rei.⁵⁵⁰

A outra cena interior, feita um ano mais tarde, também é de Debret. Trata-se de botica, com destaque para os detalhes do mostruário (Fig. 422).

422. Interior de botica e detalhe da bandeira envidraçada. Autor: Jean-Baptiste Debret. Ano: 1823. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 192.

Uma vidraça se desenha com um padrão de pinázios semelhante ao da cena anterior, com arcos entrecruzados a formar encontros ogivais. Neste caso, entretanto, eles se inscrevem em um semicírculo, figura mais associada aos motivos de índole classicista. Este esquema é bastante comum nas bandeiras fixas da arquitetura imperial brasileira, mesmo quando as vergas são arqueadas ou retas. O espaço remanescente entre a vidraça da botica e a prateleira superior é preenchido com desenhos orgânicos a sugerir volutas, ramos e flores. Tal padrão se repete em outro paramento situado no centro do mostruário, abaixo do oratório. Não só a gravação ornamental de superfícies, mas também a marcação de simetria e a distribuição regular dos elementos no espaço são motivos típicos das fachadas são-joanenses ilustradas neste capítulo.

A iconografia produzida em torno do segundo quartel do século XIX não contribui, surpreendentemente, com maiores temas para nosso estudo. Não sabemos o porquê da escassez de obras delineadas apresentada em nossa amostra, que contrasta fortemente com a vasta produção anterior de autores como Ender, Burchell, Landseer e Debret. Há de se considerar que o casario já passou por

⁵⁵⁰ Se a verga provém de vocabulário gótico – salvo a possibilidade de filiação também árabe ou manuelina –, cabe lembrar os croquis feitos no ano de 1823 pelo alemão Carl Wilhelm von Thiermin, em que mostra sua própria residência suburbana com vergas ogivais; ver: FERREZ, Gilberto. *O “sketch book” de Carlos Guilherme von Thiermin*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1982, p. 23, 44. Não sabemos se as vergas triangulares, presentes na arquitetura Oitocentista de Minas e inclusive de São João del-Rei, ainda que com reduzida incidência, podem ser associadas a esta tendência formal; ver exemplos de casas são-joanenses na Fig. 42 e em LFSV, cód. 0200.02370. Em todo caso, Sylvio de Vasconcellos chama a atenção para a peculiaridade de Minas na apropriação de goticismos, com base principalmente na pintura artística e na planta hexagonal de igrejas; ver VASCONCELLOS, Sylvio. “Goticismos” mineiros. In: _____. *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959a, p. 25-30. Em outro de seus textos, associa os pinázios cruzados das bandeiras fixas dos vãos com o léxico gótico; ver VASCONCELLOS, Sylvio. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais. *Topos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jul.-dez. 1999, p. 159.

transformações importantes, ainda que sutis, nas primeiras décadas do Oitocentos. Nos decênios seguintes, as mudanças se operam, em uma importante medida, a nível de detalhes. Sendo assim, muitas obras retratadas desde pontos de vista distantes não ilustram os pormenores das edificações. Em todo caso, caberia, futuramente, ampliar as referências iconográficas nesse sentido.⁵⁵¹

Entretanto, a cidade do Rio de Janeiro apresenta um acervo remanescente e documentado que contribui significativamente para o nosso trabalho. Há um par de sobrados ainda existentes que oferece amplos elementos para comparação com o casario são-joanense. O primeiro deles, situado na atual Rua Barão de São Félix, conta com a data do ano de 1837 inscrita em cartela (Fig. 423 e 424).

423, 424. Sobrado e respectiva cartela na Rua Barão de São Félix n. 94, Rio de Janeiro, 2013. Fonte do desenho: RODRIGUES (1979), p. 247.

Sua situação de esquina permite o prolongamento de uma fachada lateral com um terceiro pavimento alteado. Neste lado do sobrado, as janelas de peitoril com verga de arco abatido seguem algum ritmo e distribuição proporcional, mas não apresentam uma ordem muito estrita. A fachada frontal, por sua vez, conta, no andar superior, com uma série de quatro vãos regularmente espaçados. O pavimento térreo, pintado em cor amarela, sofreu modificações importantes com a instalação de largas portas comerciais modernas. Ali existiam portas de verga reta no mesmo alinhamento das do sobrado, segundo descrição do ano de 1938 e respectivas fotografias.⁵⁵² Curiosamente, indica-se, na ficha descritiva do IPHAN, de autoria atribuída a Paulo Thedim Barreto, a data de referência de 1877, sem menção da inscrição na fachada; trata-se, possivelmente, de um erro de datilografia.

⁵⁵¹ Nossa amostra iconográfica foi coletada com base principalmente em bibliografia e em arquivos mais acessíveis. Para outras referências a obras delineadas com casario, ver MARINS, Paulo C. G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.

⁵⁵² IPHAN-RJ, Rua Barão de São Felix n. 94, caixa: RJ231/1/03.

Há fortes indícios – descontinuidade de motivos, aparência diferenciada – de que o trecho superior do cunhal de esquina tenha sido mutilado em intervenções posteriores.⁵⁵³ No outro extremo da fachada frontal, há uma interferência da edificação vizinha, mas mesmo assim distingue-se o corpo estriado da pilastra (Fig. 425 e 426).

425, 426, 427. Detalhe da fachada frontal e respectivos ornatos em estuque e da grade do balcão, sobrado na Rua Barão de São Félix n. 94. Rio de Janeiro, 2013. Fonte dos desenhos: RODRIGUES (1979), p. 219, 235.

No topo desta, desenha-se um conjunto composto de moldura ressaltada e retângulo com flor inscrita. Nesta altura, corre na fachada um friso com gregas e, acima, uma trabalhada cimalha com dentículos. Estes motivos inspirados no vocabulário ornamental da antiguidade clássica aparecem aqui com uma marcada formalidade, se comparados com os seus pares de São João del-Rei. Dentículos, gregas ou caneluras jamais são encontrados nos exemplares são-joanenses até agora estudados. Outra diferença consiste no friso debaixo da cimalha, que geralmente se posiciona acima de um elemento a modo de capitel.

As vergas dos vãos superiores do sobrado carioca são de arco abatido simples, sem abas laterais, assim como as sobrevergas de reduzida envergadura. Estas são construídas em massa, em contraste com as cercaduras de pedra. As esquadrias mostram um modelo muito comum de bandeira fixa com curvas entrecruzadas inscritas em semicírculo, idêntico àqueles encontrados tanto em Vassouras como no sobrado são-joanense da Rua Prata, já inserido em tipologia do terceiro quartel do Oitocentos (ver Fig. 370 e 413). No Rio de Janeiro, no entanto, a base da bandeira é denticulada, e a peça de madeira no centro do

⁵⁵³ A suposta intervenção pode ter sido motivada, por exemplo, pelo código de posturas da cidade do Rio de Janeiro do ano de 1892, que estipulava, entre outras coisas, a proibição de arestas vivas nas esquinas, devendo estas ser chanfradas ou arredondadas. Ver ALCÂNTARA, Dora M. S. (coord.). *Rio de Janeiro, Praça XV, imediações*. SPHAN/Pró-Memória: Rio de Janeiro, c. 1986, p. 27.

semicírculo conta com estrias desenhadas, o que reforça o regime decorativo do conjunto. Já as folhas das janelas rasgadas contam com as usuais peças pequenas de vidro em cima e madeira pintada embaixo, embora sejam agenciadas venezianas no setor intermediário.

O balcão corrido, com sacada lisa e sustentada por moldura em massa, também é relativamente moderno, ainda que o padrão correspondente já comparecesse em cenas iconográficas anteriores do casario carioca, como aquela retratada por Burchell (ver Fig. 299). A grade apresenta um desenho com espirais curvas e retas, grandes retângulos de extremidade arredondadas, além de gregas na faixa inferior. O padrão confere com um exemplo desenhado por José W. Rodrigues (Fig. 427). Note-se que em meio aos contornos não há peças de ferro fundido. Estas são encontradas, entretanto, nos suportes de iluminação. Teriam estes sido instalados em momento posterior à construção do balcão? Ou o modelo das grades já corresponderia ao tempo em que já se praticavam as pequenas estrelas de ferro fundido, já sugerido em torno da década de 1840? Retornaremos ao tema em breve, no seguinte sobrado.

Nos cunhais da fachada lateral, podem ser observados alguns detalhes adicionais. Na divisa com o vizinho, a mesma configuração da fachada frontal exhibe aqui, entretanto, uma base que parte do friso intermediário ressaltado (Fig. 428).

428, 429. Detalhes de cunhais na fachada lateral do sobrado na Rua Barão de São Félix n. 94. Rio de Janeiro, 2013.

Segue ao pedestal liso uma série de molduras escalonadas, as quais arrematam o fuste sulcado na altura do peitoril da janela adjacente. Esta mantém o padrão de pinázios na metade superior da guilhotina. Já o cunhal do pavimento alteado apresenta algumas variações importantes (Fig. 429). Sobre a base lisa e sublinhada com franja, segue um corpo com retângulo em baixo-relevo, muito comum nos pares são-joanenses. Finalmente, estampa-se, no arremate com o friso, uma estrela de cinco pontas em lugar da flor.

O sobrado da Rua Barão de São Félix, com data de construção em torno do ano de 1837, serve de referência para uma outra edificação carioca remanescente. Nessa ocasião, um bloco de três pavimentos ocupa toda a extensão da testada da Rua Gonçalves Ledo, fazendo esquinas com a Rua Luís de Camões e a Praça Tiradentes (Fig. 430).

430, 431. Vista geral e detalhe superior de cunhal do sobrado à Rua Gonçalves Ledo n. 5-11, Rio de Janeiro, 2012.

Neste caso, não há referência cronológica precisa sobre uma possível data de construção. Diversos autores já buscaram estimar a época em que estaria inserido o exemplar, desde um forçado enquadramento no colonial das primeiras décadas do século XIX até uma noção geral englobando a primeira metade desta mesma centúria.⁵⁵⁴ Desde nosso ponto de vista, a melhor aproximação é feita por Chico Mendes *et al.*, que relacionam o sobrado com o assentamento da população burguesa nos arredores do centro do Rio de Janeiro na década de 1840.⁵⁵⁵

O partido geral se assemelha bastante com o do sobrado anterior, seja na composição da fachada com todos os vãos alinhados e alguns muito próximos situados atrás dos balcões corridos, seja no

⁵⁵⁴ CZAJKOWSKI, Jorge. (org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a, p. 71; IPHAN-RJ: Lúcio Costa, proposta de tombamento de prédio da Rua Gonçalves Ledo, 1 de setembro de 1978, caixa RJ015/2/02. Há ainda a noção cronológica de meados do século XIX, atribuída a Paulo Thedim Barreto; ver IPHAN-RJ: Histórico e descrição do bem – Rua da Constituição n. 2, ano de 1938, caixa RJ240/3/06.

⁵⁵⁵ MENDES, Chico *et al.* *Arquitetura no Brasil: de Dom João VI a Deodoro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011, p. 155.

agenciamento de relevos decorativos nos cunhais e entablamentos. De acordo com foto antiga, o pavimento térreo foi remodelado com a abertura de grandes vãos para o comércio.⁵⁵⁶ Anteriormente havia portas com o mesmo alinhamento e desenho das encontradas nos andares superiores. Ao sugerir o tombamento do que seria o último exemplar intacto do gênero, Lucio Costa assim se expressa:

A construção conserva ainda a estruturação arquitetônica tradicional, inclusive cercaduras de pedra com vergas de segmento de arco e beiral corrido, mas já apresenta tratamento de pormenores e perfilaturas de inspiração neoclássica, como tríglifos no friso, dentículos na cornija e caneluras no terço superior dos cunhais, e preserva na caixilharia das vidraças os delicados cordões formando gracioso desenho típico, bem como sacadas de pedra de topo refendido e com serralheria da época, além de calhas e condutores originais.⁵⁵⁷

As semelhanças com o outro sobrado carioca de 1837 ficam evidentes nos detalhes dos cunhais, havendo diferenças somente nos tríglifos em lugar de gregas e no maior número de estrias do fuste (Fig. 431). A conservação das esquinas, neste caso, permite observar ainda a base dos cunhais, compostas de pedestal liso seguido de plinto, toro e pequena moldura côncava, análoga à de seus pares são-joanenses.

O detalhe dos vãos com balcões individuais mostra tanto detalhes repetidos como algumas novidades (Fig. 432).

432. Vista geral e detalhe superior de cunhal do sobrado na Rua Gonçalves Ledo n. 5-11. Rio de Janeiro, 2012.

⁵⁵⁶ IPHAN-RJ: Série inventário, Rio de Janeiro, caixa RJ240/3/06.

⁵⁵⁷ IPHAN-RJ: Lúcio Costa (1978), *op. cit.*

Coincidem a cercadura de pedra – aqui pintada – com arco abatido e discreta sobreverga em massa, além das sacadas de topo reentrante e decoradas por molduras de sustentação. Chama a atenção o grande pano de vidro na esquadria, não sendo possível pelo momento avaliar a sua coerência cronológica com o restante da edificação. A bandeira fixa conta com um desenho peculiar, ainda não encontrado em nossa amostra, mas com arcos e curvas familiares formando padrão ligeiramente mais complexo. Notam-se, por último, as grades do balcão, com fitas de ferro fundido e contornos geométricos, com destaque para os retângulos de lados arredondados inscritos uns nos outros. No centro de cada série figuram as pequenas estrelas de ferro fundido, que temos considerado como típicas do momento em torno da década de 1840.

A comparação entre os dois sobrados – o da Rua Barão de São Félix e o da Rua Gonçalves Ledo – mostra uma clara correspondência tipológica. As variações de detalhes não provocam qualquer incompatibilidade; pelo contrário, parecem reforçar o parentesco. Se o primeiro conta com o ano de referência de 1837, que supomos confiável, o segundo estaria inserido, provavelmente, na década de 1830 ou 1840.

Esse par de sobrados remanescentes do Rio de Janeiro define uma referência em nosso estudo, pois eles mostram em detalhe importantes traços arquitetônicos vigentes na época. Já vimos que São João del-Rei era uma povoação relativamente pequena e interiorizada no território brasileiro. As diferenças de escala e de situação geográfica e cultural, entretanto, não implicavam um total isolamento; pelo contrário, havia um intenso contato entre os dois núcleos urbanos. Apesar do descompasso temporal na manifestação das novidades, os exemplares cariocas em torno da década de 1830 contribuem para situar e afinar a leitura tipológica e cronológica do casario são-joanense. Cabe salientar que o regime ornamental dos casos cariocas dispõe de uma maior formalidade clássica, principalmente na aplicação dos estuques de cunhais e topos das fachadas. No caso são-joanense, esses relevos se apresentam com formas mais simplificadas em um primeiro momento, para depois adquirirem uma maior profusão decorativa, com capitéis peculiares e motivos florais e fitomórficos. Como temos visto, quase nunca aparecem séries de caneluras, dentículos, gregas ou tríglifos. Percebe-se também a maior permanência de motivos tradicionais, tais como as beira-seveiras e as vergas em ‘canga de boi’ encimadas por proeminentes sobrevergas.

Vejamos outros exemplos cariocas para ampliar nossas referências. Muitos foram demolidos ou remodelados ao longo do tempo, mas há fotografias antigas que permitem visualizar suas características. O primeiro deles, situado na Rua da Constituição, provavelmente sofreu acréscimos nas laterais de seu terceiro pavimento e importantes modificações nos vãos térreos (Fig. 433).

433, 434. Detalhe intermediário da fachada, vista geral e detalhe do balcão do sobrado na Rua da Constituição n. 54-58, Rio de Janeiro. Autor: Photo Eric Hess. Data: desconhecida. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ240/3/06.

Entretanto, o trecho central de sua fachada, com numeral afixado a indicar o ano de 1841, manteve-se supostamente preservado (Fig. 434). Surgem aqui novidades consideráveis. Aparece por vez primeira em nossa amostra a verga reta nos andares superiores e a de arco pleno no térreo de uso comercial. As janelas rasgadas estavam guarnecidas por bandeira com semicírculo e pinázios curvos a sugerir forma em flor. Também é inédita a faixa ornamental adossada à fachada, situada entre os vãos do segundo pavimento e a sacada acima. Esse elemento com motivos florais e fitomórficos inscritos em formas geométricas, aparentemente estucados, representa a difusão de ornato pela fachada, para além do usual espaço contido nos cunhais e nos arremates superiores.

Apesar da falta de nitidez da imagem, percebe-se no topo do trecho central mais antigo um friso decorado com espirais de mesma linguagem. Não sabemos se o respectivo capitel, decorado com proeminentes folhas de acanto, era parte da edificação primeira ou fruto da remodelação neorrenascentista. Chamam a atenção, finalmente, as grades dos balcões, com mescla de espirais, retângulos arredondados e pequenas peças de ferro fundido. Tal padrão é parente daquele do sobrado carioca anterior e análogo àqueles encontrados em São João del-Rei (ver Fig. 309, 315, 319 e 432). Note-se que a verga reta só reaparece no casario são-joanense no caso do Solar dos Viegas supostamente datado de 1855, se considerarmos somente os exemplares com referência cronológica explícita. Ou seja, cerca de 15 anos depois de sua manifestação em um sobrado burguês da cidade do Rio de Janeiro.

Alguns anos mais tarde, ainda na década de 1840, aparecem documentadas mais duas edificações na Rua do Lavradio. A primeira delas contava com inscrição de cartela do ano de 1844 e aparentava ter sofrido menos modificações ao longo do tempo (Fig. 435).

435, 436. Vista geral e detalhe de janela rasgada com balcão do sobrado na Rua do Lavradio n. 79-81, Rio de Janeiro. Autor: Photo Eric Hess. Data: desconhecida. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ251/2/11.

Não se apresentavam maiores novidades ao longo de seus três pavimentos de vãos alinhados. Uma grande entrada com largura para carros, o balcão duplo no terceiro andar e, ainda, a água furtada no telhado reforçavam o eixo de simetria da composição. Voltaram a figurar, neste caso, os arcos abatidos, indicando, pois, um momento de coexistência com as vergas retas. Os relevos em massa eram mais simples, com barrado e faixa intermediária lisos, além de acabamento superior – molduras, friso liso, espécie de capitel simplificado e cimbalha – de linhas sóbrias, sem desenhos adossados. Destaca-se, por vez primeira em nossa

amostra de referência, a grade do balcão com cabeça de leão central, envolto por ramagens estilizadas (Fig. 436). O padrão era praticamente idêntico àquele encontrado em alguns sobrados são-joanenses, incluindo aquele localizado no Rocio, com data de construção em torno do ano de 1859. A diferença de quase 15 anos entre o sobrado burguês carioca e o nobre solar mineiro indica uma noção temporal de descompasso das novidades entre os dois contextos. Note-se que o intervalo coincide com aquele suposto para as vergas retas.

Colado neste sobrado, aparecia um edifício geminado, também de três pavimentos e com inscrição de fachada a indicar o ano de 1846 (Fig. 437).

437, 438, 439. Vista geral e detalhes do friso e do alto de um vão, sobrado na Rua do Lavradio n. 77, Rio de Janeiro. Autor da foto: Photo Eric Hess. Ano: desconhecido. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ251/2/11. Fonte dos desenhos: RODRIGUES (1979), p. 219, 223.

A cartela encontrava-se no meio do friso, o qual estava decorado com volutas retas e ramificadas a enredar flores, havendo ainda um florão no arremate lateral (Fig. 438). Os arcos plenos se consolidavam em toda a fachada, tanto na arcada comercial do térreo, como nas janelas rasgadas atrás dos balcões. O detalhe dos vãos mostrava o esmerado trabalho realizado nas vergas de cantaria e nos cordões das bandeiras fixas (Fig. 439). Destacavam-se, ainda, os motivos decorativos adossados na projeção das envasaduras do segundo piso, encaixados entre o semicírculo dos vãos e as sacadas. Sua moldura continha desenhos análogos ao do friso. Finalmente, cabe notar o padrão das grades, muito similar àqueles com motivo central de ferro fundido e ramificações em fita, havendo aqui, no entanto, o contorno de um vaso no lugar da cabeça de leão.⁵⁵⁸ Uma vez mais, observa-se no decorrer desses anos a maior difusão de ornatos nas fachadas.

⁵⁵⁸ Para um desenho muito parecido de grade de ferro situada na antiga cidade de São Paulo, ver RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 239.

Esses arcos plenos nos levam de volta ao contexto são-joanense, mais precisamente aos vãos térreos do Solar da Baronesa (ver Fig. 322 e 323). Tendo-se em vista o momento em que as vergas semicirculares aparecem em edificações burguesas da capital carioca e algum descompasso na transmissão de novidades, parece-nos pouco provável a sua correspondência com a tipologia geral do solar. Se fosse assim, por que ocupariam somente um trecho da fachada principal e o bloco secundário? Salvo possíveis interpretações equivocadas do pesquisador ou a remota possibilidade de intenção plástica acompanhada de uma forte conexão cultural com o porto carioca, cremos serem aqueles arcos plenos frutos de uma intervenção posterior.

Já os painéis decorados, situados sobre os arcos plenos do sobrado geminado do Rio de Janeiro, não encontram ampla correspondência com os pares de São João del-Rei até agora vistos. Entretanto, a presença da decoração em estuque, aplicada na alvenaria acima de vãos, pode ser verificada em vários casos são-joanenses. Ela aparece geralmente como motivos em rocalha, sem molduras de contenção, mais associados a um rococó do que a um neoclássico (ver Fig. 363, 391 e 393). Trata-se provavelmente de mais uma peculiaridade regional calcada em padrões tradicionais.⁵⁵⁹

Cabe abordar um último par de construções cariocas geminadas, ainda existentes na atualidade. Desta vez, trata-se de sobrados mais simples, de somente dois pavimentos, situados nas apertadas ruas comerciais nas proximidades da Praça XV, nomeadamente na Rua do Ouvidor (Fig. 440).

440, 441. Sobrados geminados e respectivo detalhe superior na Rua do Ouvidor n. 25-29. Rio de Janeiro, 2012.

⁵⁵⁹ Ainda que não entre no escopo de nosso trabalho, caberia investigar, futuramente, a apropriação pelo casario de ornamentos presentes no interior de edificações religiosas tais como igrejas, capelas e passos.

Inscrições nas fachadas indicam o ano de 1851, o que parece condizente com as feições arquitetônicas. O lado esquerdo do sobrado de cor vermelha foi bastante modificado, mas o restante do conjunto parece corresponder a uma tipologia da época. Não aparecem maiores novidades isoladas nesse par de sobrados, estando o interesse mais na sua condição remanescente e na maior simplicidade de sua composição. Assim mesmo, nota-se a permanência do beiral arrematado em cimalha, dos balcões corridos e de detalhes classicistas em alto-relevo, como frisos, cornijas com denticulos e segmentos de capitel nas laterais (Fig. 441). Os arcos plenos que se preservaram nos vãos inferiores estão justapostos e atendem ao comércio.⁵⁶⁰ Já os vãos retos superiores apresentam bandeiras fixas com somente dois arcos concêntricos inseridos em semicírculo, de desenho bastante mais simples se comparado com as pétalas lanceoladas precedentes. As grades de ferro dos balcões, por sua vez, têm um padrão muito semelhante àquele do ano de 1841 documentado na mesma cidade, com suas séries de espirais, gregas e retângulos apontados (ver Fig. 434). Aqui, entretanto, são adicionadas as pequenas estrelas de ferro fundido, indicando, pois, o seu maior avanço no tempo. No geral, vemos nestes sobrados um regime de ornamentação mais austero em comparação com os exemplos cariocas anteriores, o que não impede o amplo comparecimento de elementos típicos. Embora não haja pontos de contato formal muito evidentes com os pares são-joanenses coetâneos, a manifestação datada dos motivos arquitetônicos contribui para situar aquela produção.

Na década de 1850, aparece ainda na cidade do Rio de Janeiro exemplos de grades de balcões com padrão que inclui bastões metálicos. No casario remanescente, destacam-se aquelas de um sobrado situado na Rua da Constituição, com cartela na fachada a indicar o ano de 1854 (Fig. 442 e 443).

442, 443. Detalhe de grade de sobrado na Rua da Constituição n. 22. Rio de Janeiro, 2013.

444, 445. Desenhos de grades ao Largo Duque de Caxias n.6 (ano de 1857) e na Rua da Lapa n. 46 (ano de 1875), Rio de Janeiro. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 229.

⁵⁶⁰ Ao consultar a iconografia antiga, Dora Alcântara afirma terem existido anteriormente casas térreas no lugar desses sobrados. Com base no argumento de desproporção entre os pavimentos, indica a probabilidade de acréscimo de andar superior. Em dado caso, as elegantes arcadas seriam de data anterior à da inscrição na fachada. Tal hipótese não nos parece plenamente convincente, sendo a coincidência nos dois sobrados um indício. Parece-nos pouco o tempo corrido entre a introdução de grandes vãos de arco pleno em uma edificação térrea e a construção de um novo pavimento. Finalmente, opinamos que, tipologicamente falando, não há discordância entre os andares inferior e superior, apesar da diferença entre a forma das vergas. Ver ALCÂNTARA (c. 1986), *op. cit.*, p. 111.

Como veremos no capítulo seguinte, as características arquitetônicas conferem com a data de referência, incluindo o aparecimento de peças em bastão. A guarda metálica contém ainda pequenas estrelas de ferro fundido, praticadas nas duas décadas anteriores, além de elaborados desenhos em forma de lira. Esses elementos levam-nos diretamente ao sobrado são-joanense da Rua Direita com sobrevergas contínuas a ondular na fachada, cujas grades apresentam semelhantes contornos que lembram o instrumento musical (ver Fig. 374). Os padrões coincidem também com o caso do sobrado na Rua da Prata, que dispõe de bastões e pequenas peças de ferro fundido entre arabescos, além de faixas inferiores preenchidas com fitas cruzadas (ver Fig. 370). Esses desenhos em X são encontrados em outras grades cariocas reunidas por José W. Rodrigues em séries análogas com semelhantes bastões, pequenas peças de ferro fundido, arabescos e contornos geométricos, o que indica uma correspondência cronológica e tipológica entre elas.⁵⁶¹

Também coincidem com as grades do sobrado da Rua Direita em São João del-Rei os bastões e as faixas preenchidas com retângulos de cantos arredondados presentes em outro exemplo carioca datado do ano de 1857 (Fig. 444). Reforça-se, dessa forma, o uso destes tipos padrão na década de 1850 e a sua manifestação mais tardia em Minas, cerca de um ou dois decênios mais tarde. Um terceiro exemplo carioca, datado do ano de 1875, mostra, por um lado, o emprego de terminações em arabesco também encontradas no mesmo par são-joanense (Fig. 445). Por outro lado, ilustra a permanência dos bastões conjugados com contornos de fita de ferro forjado até a década de 1870, quando começariam a praticar-se os perfis inteiramente confeccionados em ferro fundido.

Antes de deixar o Rio de Janeiro, cabe um comentário sobre as bandeiras fixas com cordões desenhados no alto dos vãos. Em nossa amostra carioca com referências cronológicas, elas aparecem no sobrado datado de 1837 e seu congênere supostamente coevo. Nesses casos, os desenhos são relativamente simples, compostos de pinázios arqueados inscritos em semicírculos, ainda sob arcos abatidos. Tais padrões correspondem a uma boa parte dos sobrados de São João del-Rei, que só passam a apresentar desenho retangular diferenciado no Solar dos Viegas datado do ano de 1855 e contornos lembrando flores na grande edificação do Rocio de 1859 (ver Fig. 363 e 391). No Rio de Janeiro, uma série de bandeiras datadas mostram a manifestação de motivos florais um pouco antes, como já tivemos a oportunidade de observar (Fig. 446).

⁵⁶¹ RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 228-231.

446. Diversos desenhos de bandeiras com referência de data, Rio de Janeiro. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 223, 241

Mas eles não se assemelham muito com os pares são-joanenses, mesmo considerando aqueles relativamente mais modernos, inseridos em bandeiras retangulares (ver Fig. 391 e 393). Adiante teremos a oportunidade de alimentar a discussão com exemplos portugueses.

O contexto de Portugal também figura como potencial fonte de apropriação da cultura arquitetônica. Já vimos que alguns detalhes nas pedras talhadas dos cunhais, tais como retângulos reentrantes ou seções arredondadas no pedestal, remontam aos séculos XVII e XVIII (ver Fig. 268).⁵⁶² A partir da época que supomos em torno da primeira metade do Oitocentos, esses relevos aparecem com detalhes adicionais, mesmo que ainda contidos, nas cimalthas e nos corpos e capitéis das pilastras. Cabe lembrar que as referências bibliográficas para a arquitetura da época tornam-se bastante escassas, quase não havendo estudos especializados sobre a arquitetura urbana oitocentista em Portugal. Sendo assim, nossos esforços se dirigem para a identificação empírica de edificações remanescentes.

Neste ínterim, destacam-se sobrados urbanos do norte do país, como o exemplo encontrado na Rua das Flores da cidade do Porto (Fig. 447).

⁵⁶² CARITA, Helder. *Bairro Alto, tipologias e modos arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal, 1994, p. 142-143.

447. Vista da fachada e respectivo detalhe superior de sobrado na Rua das Flores n. 60-64, Porto. Portugal, 2014.

O setor térreo é mais irregular, mas uma maior ordem se faz sentir no restante da fachada, dotada de vãos alinhados e resguardados por balcões individuais, além de enquadramento com pilastras laterais e cimalha no topo. O detalhe superior mostra uma pilastra com painéis sulcados e retângulos intermediários de mesma linguagem. Deles partem frisos incrustados no reboco da parede a conectar as sacadas ao longo da fachada. No topo, forma-se uma sequência de pronunciadas molduras e, acima dela, um novo retângulo almofadado que antecede a cimalha do beiral. Tanto a composição geral como os detalhes em cantaria remetem diretamente aos congêneres são-joanenses, salvo a maior proporção de alvenaria em relação aos vãos, os pés-direitos mais reduzidos e a predominância das vergas retas do caso portuense.

Um outro exemplo de sobrado com detalhes em cantaria encontra-se na cidade de Guimarães (Fig. 448).

448. Vista geral e respectivo detalhe superior de sobrado em Guimarães. Portugal, 2014.

Repete-se a regularidade dos vãos superiores em contraste com o térreo, mas neste caso de somente dois andares um balcão corrido engloba janelas rasgadas bastante aproximadas entre si. O corpo do cunhal é simples, sem maiores detalhes, mas em seu topo sobressaem proeminentes molduras em cantaria. Ressaltos e retângulos lisos se alternam para formar uma espécie de capitel que arremata a cimalha munida de lacrimal intermediário. Chama a atenção, ainda, a presença de três fiadas de telhas embutidas na projeção do beiral, bem como as sobrevergas retas de considerável envergadura.

Sendo assim, parece-nos haver correspondência de alguns elementos formais e da escala dos detalhes – com destaque para o topo das pilastras e as sobrevergas – com vários dos sobrados com beirais acimalhados de São João del-Rei. Estes apresentam o acabamento predominantemente em massa, salvo as bases, que são usualmente construídas em pedra. Nesse sentido, cabe deslocar-nos para a porção mais ao sul do território de Portugal.

O tema dos relevos em estuque nos leva mais diretamente ao Alentejo e, em menor grau, também ao Algarve. Encontramos na localidade alentejana de Estremoz uma boa sequência de cunhais decorados em sobrados de diferentes tamanhos, como o exemplo de três pavimentos que segue (Fig. 449).

449. Vista geral e respectivo detalhe superior de sobrado em Estremoz. Portugal, 2014.

Há uma forte tendência para fachadas simétricas, com elementos diferenciados como balcões e vãos a marcar um eixo centralizado. Nesse caso, sobressai um cunhal com trecho inferior de cantaria e superior de massa. Sua base conta com corpo liso seguido de toro e pequena moldura côncava. No setor intermediário aparece novamente o retângulo reentrante na altura do friso que conecta as sacadas, além de trecho liso a modo de pedestal acima. O topo do cunhal tem um capitel abaulado com estranha figura inscrita, ao qual seguem novas molduras e superfície retangular. Finalmente, se desabrocha a cimalha na sequência de grande concavidade, lacrimal e peito de pomba.

Vejamos como boa parte destas características se repetem em outro abastado sobrado estremocense de somente dois pavimentos (Fig. 450 e 451).

450, 451. Vista geral e respectivo detalhe superior de sobrado em Estremoz. Portugal, 2014.

Nesta oportunidade, o eixo de simetria encontra-se marcado por uma grande porta de arco pleno e um trabalhado balcão metálico acima. O barrado se nivela com a base simples da pilastra, a qual conta ainda com suave marcação intermediária correspondente a um friso que corre na fachada. No topo, em contraste, se desenvolve uma elaborada ornamentação em estuque, que inclui trechos com flor inscrita em molduras retas e abauladas, além de trecho liso na altura de um friso que sublinha a cimalha. Esta, por sua vez, conta com a mesma sequência de relevos do grande sobrado anterior. Note-se que muitos dos sobrados de São João del-Rei têm cimalhas sob o beiral com a mesma concavidade pronunciada, seguida de lacrimal e peito de pomba. Destacam-se ainda, em ambos sobrados estremocenses, as janelas de peitoril com fechamento em guilhotina. Suas vergas de base reta se alteiam para formar áreas ornamentadas com florões e cartelas no meio, encimadas ainda por molduras que simulam frontões. Nos pares são-joanenses, o conjunto de vergas abatidas e respectivas sobrevergas persistem, mas elas passam a receber decoração em sua parte superior, de forma análoga aos casos de Estremoz.

O esquema compositivo das fachadas e o regime ornamental de vergas, balcões e cunhais são encontrados em diferentes edificações de Estremoz e de outras localidades do Alentejo (Fig. 452 a 454).

452, 453, 454. Vista de pequeno sobrado e detalhe superior de fachada em Estremoz; detalhe de trecho superior de pilastra em Viana do Alentejo. Portugal, 2014.

Mostra-se sempre comum a vontade de alinhamento geral de vãos e de marcação de simetria, bem como o emprego de cimbalhas e capitéis decorados com trechos oblongos, saliências escalonadas e motivos florais ou geométricos centralizados. Também é frequente o agenciamento de molduras em baixo-relevo ao longo do corpo dos cunhais, arrematadas por adornos fitomórficos que pendem e por contornos convexos ou contracurvados. Às vezes há, na altura do primeiro piso ou sacada, alguma marcação de retângulo reentrante ou folhagem boleada. Em um par de casos, os cunhais se interrompem a meia altura com medalhões, motivo este encontrado com bastante frequência mais ao sul, nas cidade algarvias de Faro e de Tavira, muitas vezes configurados com rebuscados medalhões.⁵⁶³ Nos exemplos estremocenses, os frisos do entablamento encontram-se marcados, mas é comum a ausência de ornamentação, salvo alguns casos de tríglifos e flores seriadas. Cabe ressaltar as grades de balcões com classicismos mais apurados e, às vezes, entremeados com peças de ferro fundido. Tais indícios nos levam a crer numa manifestação situada em plena primeira metade do século XIX. A analogia com os pares de São João del-Rei é patente em grande parte dos motivos apontados, sugerindo uma ampla circulação de referências no contexto luso-brasileiro.

O esquema de composição de fachadas e os elementos decorativos em estuque se manifestam de forma semelhante em Évora (Fig. 455 a 457).

⁵⁶³ Para exemplos de 'medalhões' ou 'lacrimalis' na cidade de Faro, ver PINTO, Conceição (coord.). *Manual de reabilitação do património de Faro*. Faro: Câmara Municipal, 1997, especialmente p. 52-53.

455, 456, 457. Detalhes de pilastras e frisos decorados em Évora. Portugal, 2014.

Na capital alentejana, entretanto, os capitéis encontram-se geralmente mais lisos, ainda que possam aparecer pontuados por alguma flor, tríglifo ou jarro estilizado. Destaca-se a decoração superficial ao longo dos frisos, no geral padrões fitomórficos pintados regularmente entre os cunhais, sem maior relevo.⁵⁶⁴ Esses desenhos de inspiração classicista, incluindo aqueles de jarros, tríglifos e rosetas, também habitam as molduras dos vãos, seja nos aventais que se estendem abaixo dos peitoris, seja nas sobrevergas que se alteiam para formar ornamentadas almofadas. Já as grades dos balcões, frequentemente corridos e sem a presença de ferro fundido, mantêm a predominância de motivos neoclassicistas, análogos aos encontrados no contexto brasileiro.

Já na outra localidade alentejana de Portalegre, a situação se inverte: os frisos praticamente se ausentam e, em compensação, os capitéis se desabrocham em variadas composições com volutas, ramagens e outros motivos clássicos estilizados (Fig. 458 a 461).

⁵⁶⁴ Esses relevos de friso de Évora são provavelmente esgrafitos, definidos em uma “técnica mural baseada na sobreposição sucessiva de diferentes camadas de argamassa e cal, com cores diferentes”; para maiores informações sobre esta antiga técnica reutilizada na arquitetura urbana alentejana dos séculos XVIII e XIX, ver SALEMA, Sofia. A salvaguarda das superfícies arquitetónicas: exemplo dos esgrafitos em Évora. *Actas do 3º ENCORE – Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*. Lisboa: LNEC, 2003, p. 193-200; e, ainda, CORONA e LEMOS (1972), *op. cit.*, p. 197-198. Cabe mencionar que tal técnica não corresponde precisamente à dos pares decorativos de São João del-Rei, cujos relevos sobre planos lisos sugerem outro tipo de estuque.

458, 459, 460, 461. Vista de sobrado e detalhes de outras edificações em Portalegre. Portugal, 2014.

Em alguns dos cunhais, o corpo se desenha com ressaltos de lateral frisada ou moldura com penduricalho inscrito. No caso dos vãos, há variados contornos tanto em sobrevergas como em aventais, acompanhados de detalhes em motivos florais, rocalhas, cornijas e molduras. Chama a atenção a presença de exemplos ainda talhados em pedra, bem como de grades com curvas simétricas ou padrões neoclassicistas primitivos. Esses elementos podem quiçá remeter-se às primeiras décadas do Oitocentos ou, como já estimamos, se estender até meados do século XIX. Em todo caso, em Portalegre encontramos um conjunto de motivos ornamentais que se aproxima um pouco mais daquele grupo de edifícios são-joanenses com rebuscados desenhos classicistas em cunhais e frisos.

Deixando o Alentejo, não identificamos, em nossa breve visita a Portugal, grupos arquitetônicos de maiores relações com os pares brasileiros. No entanto, há um caso algo isolado em Setúbal que merece atenção. Trata-se de um grande sobrado de esquina, com três pavimentos mais trecho central alteado, a exibir uma fachada com ritmo regular de vãos (Fig. 462).

462, 463. Vista geral e respectivo detalhe superior de sobrado em Setúbal, Portugal, 2014.

A simetria encontra-se reforçada pelos balcões corridos e individuais nos andares superiores. O pavimento térreo parece ter sido bastante modificado com o tempo, apesar de certa correspondência de formas e ritmos. O regime ornamental de molduras e relevos na fachada, com destaque para os cunhais, alcança um notável grau de sofisticação (Fig. 463). Praticamente todos os motivos classicistas até agora vistos encontram-se aplicados no sobrado. Pilastras completas – com pedestal, corpo de formas geométricas inscritas e capitel estilizado com retângulo de lados convexos seguidos de molduras ressaltadas e franjas – se instalam em cada trecho da parte superior da fachada principal. Pares de molduras intermediárias e friso liso a sublinhar cimalhas recortadas fazem a amarração horizontal. Até mesmo os medalhões aparecem pendurados em cada um dos lados do balcão corrido. Inesperadamente, voltam a constar vergas de arco abatido com um padrão próximo àquele comum no Setecentos (ver Fig. 95, 98 e 208). Há ainda bandeiras fixas com dois tipos de desenhos, um com complexo desenho geométrico e motivo central nos balcões individuais do segundo andar e, nos andares superiores, outro mais usual com cordões arqueados. Seguindo a diferenciação das bandeiras, sobressaem-se, finalmente, dois padrões de grades metálicas, um peculiar com hexágonos e círculos entremeados com pequenas peças de ferro fundido, e outro a exibir motivos neoclassicistas em fitas de ferro forjado. O esquema compositivo e ornamental remete, desde o nosso ponto de vista, ao momento em torno do segundo quartel do século XIX. A analogia com o casario coetâneo de São João del-Rei – considerando algum tempo de descompasso se comparada a localidade litorânea e próxima à capital portuguesa com o interior das Minas – é plausível em praticamente todos os motivos aqui ressaltados, a despeito das inevitáveis variações e peculiaridades próprias de cada situação.

No estudo das fachadas portuguesas enquadradas em torno do segundo quartel do Oitocentos, destacam-se as bandeiras desenhadas com feixes concêntricos, arcos entrecruzados e, ainda, com motivos

florais e geométricos. Por se tratar de delgadas estruturas de madeira que, portanto, passam por uma maior manutenção, remodelação e até mesmo substituição ao longo do tempo, torna-se mais difícil avaliar o momento de sua introdução no casario.

Chama-nos a atenção, nas bandeiras fixas da arquitetura urbana de Lisboa, a presença de um mesmo padrão de desenho em duas edificações coevas, dos anos de 1824 e 1826, de acordo com inscrições nas fachadas (Fig. 464 e 465).

464, 465, 466. Vistas de janelas rasgadas com bandeiras fixas, com datas de referência dos anos de 1824, 1826 e 1842. Lisboa, Portugal, 2014.

A princípio, parecera cedo demais para que já comparecesse este motivo decorativo na década de 1820, mas a concordância desses casos datados merece comentário. Note-se que outros aspectos como cercaduras retas, folhas com pequenas peças de vidro e os detalhes neoclassicistas das grades dos balcões combinam entre si e com a época de referência. No segundo caso, a faixa superior das grades conta com um padrão análogo ao dos pinázios, sugerindo assim uma relação adicional. Cabe lembrar as duas vidraças desenhadas por Debret em torno do ano de 1822 (ver Fig. 421 e 422). Apesar dos desenhos distintos causados pela inserção em vergas diferenciadas, o movimento dos arcos entrecruzados a formar pontas ogivais coincide. Reforça-se, assim, a possibilidade de manifestação desses tipos de bandeiras fixas a partir da terceira década do século XIX.

O terceiro exemplo de balcão lisboeta contaria com cronologia posterior, sugerida pelo numeral 1842 inscrito no portão de entrada na propriedade (Fig. 466). As peças de pedra da cercadura do vão e da sacada se parecem com as dos exemplos precedentes, mas as grades contam com padrão algo simples, já esboçado naquela cena iconográfica do ano de 1826 (ver Fig. 278). O desenho da bandeira também é ligeiramente menos complexo, ainda que apresente semelhantes arcos entrecruzados. Neste caso, a referência cronológica se aproxima mais da manifestação no contexto carioca, com ênfase naquele sobrado datado do ano de 1837, com padrão de pinázios familiares (ver Fig. 425). Notem-se, finalmente, as grandes peças de vidro nas esquadrias deste terceiro caso de vão português. Não sabemos, entretanto, se há correspondência com a data estimada na entrada do terreno do imóvel abandonado, ou seja, o início da

década de 1840. Mesmo assim, cabe lembrar a manifestação coetânea deste mesmo elemento de vidro no sobrado carioca situado na Rua Gonçalves Ledo (ver Fig. 432).

O norte de Portugal destaca-se pela riqueza dos motivos desenhados nas vidraças do alto dos vãos. Ernesto Oliveira e Eduardo Galhano os associam com um vago século XIX ou, ainda, a um “estilo pós-georgiano” que os ingleses teriam feito circular a partir da década de 1830.⁵⁶⁵ Esses autores mostram vários desenhos típicos e peculiares de bandeiras fixas da cidade do Porto (Fig. 467).

467. Diversos desenhos de bandeiras fixas de casas do Porto, Portugal; números 1 e 2 muito comuns, número 5 frequente. Fonte: OLIVEIRA e GALHANO (1994), p. 330.

Os modelos de número 1 e 2 seriam muito vulgares, o de número 5 frequente e os outros corresponderiam a casos mais específicos. Note-se que os dois mais comuns são os que melhor correspondem àqueles encontrados em São João del-Rei. Se o primeiro com arcos concêntricos é praticamente idêntico, fora a sua inserção em arco abatido no lugar de verga reta, o segundo remete a alguns dos padrões são-joanenses com arcos entrecruzados (ver Fig. 370 e 374). Já os outros, principalmente aqueles com motivos florais inscritos, encontram melhor correspondência com os do Rio de Janeiro. Nesses casos do Porto, a referência cronológica corresponde mais aproximadamente à de seus pares cariocas.

Uma outra referência às bandeiras desenhadas pode ser feita com base em uma gravura da Rua dos Ingleses na cidade do Porto, retratada no ano de 1834 (Fig. 468).

⁵⁶⁵ OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando. *Arquitetura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p. 331.

468. Vista da Rua Nova dos Ingleses, Porto. Autor: Joseph J. Forrester. Ano: 1834. Fonte: AMP.

Esta vista de um casario que se supõe moderno para a época mostra a grande predominância de vidros quadrados no alto dos vãos. Apesar da falta de nitidez da imagem, pode-se, entretanto, distinguir o detalhe dos vãos de arco abatido de um edifício intermediário, à esquerda, na cena. Neste caso, a bandeira fixa exibe um padrão com raios concêntricos. Sua manifestação nesse contexto indica uma situação pioneira, em contraste com os vidros quadrangulares até então praticados. Ainda não se apresenta qualquer indício de outros tipos de contornos com cordões arqueados ou tema floral. Sugere-se, dessa forma, a precocidade deste modelo e uma referência cronológica de sua inserção no casario português. Chama ainda a atenção a ausência de grades de balcões com motivos neoclássicos intrincados, prevalecendo aqueles mais arejados, com grandes elipses e padrões arqueados, típicos da região.

A experiência empírica das localidades do norte do país português mostra uma grande presença das bandeiras com cordões desenhados. Os dois padrões indicados anteriormente como mais comuns estão ilustrados em dois exemplos de balcões portuenses (Fig. 469 e 470).

469, 470, 471. Vistas de janelas rasgadas com bandeiras fixas; os dois primeiros no Porto, o outro em Braga, Portugal, 2014.

No caso concêntrico, aqui só há quatro raios, à diferença dos cinco supostamente usuais.⁵⁶⁶ Já o outro é praticamente idêntico ao desenho apresentado por Oliveira e Galhano. Note-se que o primeiro balcão conta com grades de motivos geométricos – elipses, gregas – e volutas estilizadas, ligeiramente menos complexos do que o segundo. Isso é mais um indício da maior antiguidade do padrão radial de pinázios, já sugerida na gravura da Rua dos Ingleses feita no ano de 1834. No caso de São João del-Rei, ficou bastante explícita a sua manifestação precursora, só mais tarde aparecendo os cordões arqueados e entrecruzados. Os quadros das bandeiras portuguesas se diferenciam ainda pelo perfil de base, quando comumente exibem detalhes esculpidos na forma de denticulos ou folhagens. Tal esquema é encontrado no contexto carioca, mas não no mineiro.

O terceiro exemplo português de balcão situa-se na cidade de Braga (Fig. 471). De forma análoga à dos pares de São João del-Rei, a bandeira encontra-se inserida em um arco abatido. Seu padrão se assemelha aos de sobrados são-joanenses relativamente mais modernos, os quais apresentam bastões nas grades metálicas a indicar o período em torno da década de 1860 (ver Fig. 370 e 374). No caso português, entretanto, a grade conta com antigos contornos simples em fita. Note-se que os três balcões do norte de Portugal mostram o mesmo acabamento na pedra da sacada, o que poderia ser entendido como indício de manifestação coetânea entre eles. Coincide também uma tendência para o uso de azulejos nas fachadas, usualmente associado a meados do século XIX.

Tais seriam as referências formais e cronológicas encontradas nos contextos brasileiro e português. Cabe ressaltar que as relações arquitetônicas dificilmente se mostram de forma direta, sendo raros os casos de coincidência plena com os pares de São João del-Rei, mesmo se considerando os contextos

⁵⁶⁶ Para exemplos de balcão com esquema semelhante de grades e esquadrias das janelas rasgadas, ver antiga fotografia do casario do Porto feita na década de 1850 pelo fotógrafo inglês Hugh Owen, em: MUSEU DO CHIADO (org.). *Frederick William Flower: um pioneiro da fotografia portuguesa*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94; Milão: Electa, 1994, p. 51.

cultural e geograficamente mais próximos. A realização desses paralelos, entretanto, mostrou-se extremamente enriquecedora para uma maior compreensão do casario são-joanense. Nesse ínterim, foram identificados tanto possíveis apropriações de modelos luso-brasileiros circulantes, como balizas temporais para melhor situar motivos arquitetônicos.

No presente capítulo, foram focadas as tipologias com motivos classicistas consolidados, que logo se derivaram em composições profusamente decoradas. Embora tenha sido difícil estabelecer referências temporais precisas, chegou-se grosso modo até o terceiro quartel do século XIX. Cabe, em seguida, averiguar para onde caminhou o casario são-joanense na época em que a chegada da ferrovia se anunciava.

CAPÍTULO 5

Tendências arquitetônicas no último quartel do Oitocentos

No capítulo anterior, a amostra do casario são-joanense, combinada com referências diversas, permitiu uma leitura tipológica mais ou menos coerente com a linha do tempo. Entretanto, surgem em seguida edificações que sugerem outras tendências formais ou estilísticas. Ainda que seja possível agrupá-las em conjuntos, torna-se mais difícil situá-las cronologicamente ou em sequência. Por um lado, os exemplos externos a São João del-Rei continuam a servir de parâmetro. Por outro lado, tornam-se mais difíceis de precisar os anos ou décadas de provável construção das estruturas arquitetônicas são-joanenses. Isso acontece, em parte, pela inexistência de numerals inscritos nas fachadas e pela carência de edificações de maior porte ou mais abastadas que, no geral, investem mais em detalhes arquitetônicos e merecem maior atenção de estudos. Tal quadro coincide, grosso modo, com o arrefecimento da economia regional a partir de meados do século XIX, com especial ênfase nas últimas décadas desta centúria. Cabe lembrar, neste íterim, a chegada da estrada de ferro no ano de 1881. Tal data é importante inclusive para a delimitação de nosso recorte, mas preferimos tomá-la como um parâmetro mais ou menos tênue. Entendemos que os novos produtos e a bagagem cultural trazidos com o trem demorariam alguns anos para serem efetivamente apropriados pelo casario.

No último grupo de edifícios com profusão de ornamentos identificamos uma tipologia em prática até pelos menos a década de 1860, havendo indícios de um prolongamento até a década seguinte. Nosso trabalho aponta, por um lado, para a existência de momentos de superposição formal e cronológica, em que subsistem tanto motivos diversos em uma mesma fachada quanto diferentes edifícios com configurações variadas. Por outro lado, composições com características comuns sugerem padrões em uso nas épocas de referência e levam à formação de grupos. Com base nessas relações arquitetônicas, estamos supondo a manifestação de novas tendências em momento situado em torno do último quartel do Oitocentos.

A leitura de tais tendências arquitetônicas, praticamente isentas de referências cronológicas locais, ocasiona certas discrepâncias em relação a um primeiro esforço de ordenação. Por um lado, a presença concomitante de estilemas, não só dentro de grupos mas também em uma mesma edificação, causou certa confusão nas tentativas de enquadramento tipológico. Por outro lado, a manifestação de motivos análogos em outros contextos, com ênfase para a cidade do Rio de Janeiro, indicou uma ordem temporal sem correspondência plena com nossa hipótese empírica inicial. O arco pleno constitui um exemplo, pois aparecia de forma pioneira dentre as novidades que elencamos no casario carioca na década de 1840. Tal motivo só se manifestava em edificações relativamente modernas de São João del-Rei, aparentemente em momento posterior a outras que já apresentavam platibanda. Que ordem manter, a da nossa hipótese intuitiva e empírica ou a do porto carioca? Para o caso do casario são-joanense que nos concerne, optamos por não estabelecer maior hierarquia cronológica em um primeiro momento, para depois reconsiderar tais questões temporais.

A abordagem do presente capítulo se concentra em três motivos arquitetônicos que se destacam no cenário urbano, a saber, os arcos plenos, as platibandas e as pestanas. Entretanto, a arquitetura civil brasileira à época – com destaque para o contexto paulista – passava por transformações importantes em

todos os seus aspectos, incluindo a composição das fachadas. Ao longo da década de 1850, o tijolo começou a ser usado na construção da alvenaria das casas, o que favoreceu não só uma maior liberdade no agenciamento dos vãos, como também a fixação de elementos decorativos. Os sistemas de transporte e de comunicação passaram por uma verdadeira revolução, iniciando pela cidade do Rio de Janeiro e difundindo-se pelo Império. A ferrovia chegou à cidade de São Paulo no ano de 1867, o que proporcionou uma maior comunicação com o litoral e o exterior e a chegada mais facilitada de produtos e de tecnologia.⁵⁶⁷

Na arquitetura, os vãos passaram a ser abertos em grandes dimensões, e as janelas se aproximaram, favorecendo assim a maior iluminação e ventilação dos cômodos interiores. Passaram também a ser praticados os porões e as varandas elevadas, com os benefícios de isolamento do solo úmido e de elevação das partes privativas das casas. Outra característica marcante da época era o começo da substituição dos beirais pelas platibandas.⁵⁶⁸ No entanto, a prática dos beirais ainda era prevista nas medidas regularizadoras das posturas de municípios do interior paulista na década de 1860. As normas prezavam pela uniformidade e pela simetria no alinhamento das casas, no dimensionamento das fachadas e na abertura e espaçamento dos vãos.⁵⁶⁹

No decorrer da década de 1870, a linguagem classicizante tendeu a se disseminar pela arquitetura. Com o desenvolvimento dos transportes e o maior enriquecimento da capital paulista, novos materiais e ornamentos enriqueceram fachadas tanto antigas como novas com platibandas, pilastras, cimalhas, frisos, régulas, consolos e azulejos. Imprimiu-se com isso uma nova ordem compositiva e estética no cenário urbano.⁵⁷⁰

Na São Paulo da década de 1880, foram acentuados o requinte de acabamentos e a composição controlada por cânones de tratadistas. O efeito na arquitetura mais ordinária e residencial pareceu se concretizar no código de posturas de 1886, que uniformizava os frontispícios, proibia a cumeeira perpendicular à calçada e regulamentava a profundidade das saliências nas fachadas. Passavam a ser comuns as casas ladeadas por entradas laterais.⁵⁷¹

No final do século XIX, os componentes das fachadas urbanas do interior paulista se consolidavam com a presença de elementos da tradição clássica tais como pilastras, capitéis, cimalhas, platibandas e bossagens. Acentuava-se, ainda, o caráter mural das fachadas através da prevalência de linhas retas, do equilíbrio entre cheios e vazios e do ritmo compassado das aberturas. Também da época era o uso

⁵⁶⁷ LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989a, p. 35, 53; RAMALHO, Maria L. P. *Da Beaux-Arts ao Bungalow: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FAU-USP, 1989, p. 174; SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981, p. 49.

⁵⁶⁸ LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 50-53.

⁵⁶⁹ LIMA, Roberto P. T. *Modelos portugueses e arquitetura brasileira*. Campinas: [s.n.], 2001, p. 42-45.

⁵⁷⁰ LIMA (2001), *op. cit.*, p. 62, 124, 155; LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 95; RAMALHO (1989), *op. cit.*, p. 174-176.

⁵⁷¹ LEMOS, Carlos A. C. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 79-81; LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 95.

sistemático das venezianas nas esquadrias das janelas, anteriormente aplicadas só em casas muito ricas e com peças importadas da Europa.⁵⁷²

Tal seria o esboço das transformações do casario urbano da segunda metade do século XIX. A maior disponibilidade de fontes faz-nos concentrar na região de São Paulo, com destaque para a capital. No caso do Rio de Janeiro, há importantes informações sobre a caracterização da arquitetura, mas falta uma maior determinação de referências cronológicas que pautem mais precisamente a manifestação dos motivos.⁵⁷³ Em todo caso, este panorama serve de base para a nossa abordagem do casario são-joanense que se segue.

⁵⁷² LIMA (2001), *op. cit.*, p. 57-59; LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 186.

⁵⁷³ SANTOS (1981), *op. cit.*, p. 53-54, 67-68.

5.1. Arcos plenos

Uma das tendências que se manifesta no casario imperial de São João del-Rei diz respeito ao aparecimento dos vãos em arco pleno. Já observamos que o estilema, comum em fachadas cariocas a partir da década de 1840 e em portas centrais de edificações em paragens como a do Vale do Paraíba, não se consolidou amplamente em terras são-joanenses. De forma bastante isolada e sem maiores referências cronológicas, vimos o seu aparecimento precoce em um setor do Solar da Baronesa, que supomos de adição posterior (ver Fig. 322 e 323). Fora este caso, o casario são-joanense não apresenta maiores exemplos de uso dos semicírculos em edificações construídas em um pleno século XIX.⁵⁷⁴

Mesmo assim, remanescem algumas edificações, todas térreas, que podem ser enquadradas em torno do último quartel do Oitocentos. Um primeiro caso encontra-se na continuação da Rua da Intendência, na subida para o Morro do Bonfim (Fig. 472 e 473).

472, 473. Vista geral e detalhe da fachada frontal de casa térrea na atual Rua João Salustiano n. 155. São João del-Rei, 2013.

Sua inserção livre de construções vizinhas e a presença de grandes quintais sugerem uma chácara, de acordo com a vocação deste setor da cidade. A esquina define fachadas com os usuais vãos regularmente

⁵⁷⁴ O grande arco pleno na entrada do atual edifício da companhia municipal de água (DAMAE) era ausente em fotografia publicada no ano de 1913; ver BRAGA, Tancredo (org.). *Album da cidade de São João d'El-Rei*. Rio de Janeiro: s/ed., 1913. Há também o caso da porta de acesso a um sobrado da Rua Direita, demolido na década de 1970, vizinho àquele em frente à Igreja Matriz. Sua inserção em fachada decorada, entretanto, sugere certa modernidade, quiçá referida aos tempos da virada entre os séculos XIX e XX, lembrando ainda que fotos muito antigas, como aquela feita em torno da década de 1880, indicam a sua ausência (ver Fig. 25).

distribuídos, base com barrados em ressaltado e friso no topo da parede. O cunhal, por sua vez, segue uma tendência decorativa mais sóbria e com motivos geométricos, com destaque para os retângulos de cantos arredondados. A ideia de divisão clássica em base, corpo e inclusive capitel, sugerido pela figura em cruz, se mantém. Embora predomine o acabamento em massa, as cercaduras dos vãos, já com a largura reduzida, conservam o uso da madeira. As folhas das janelas se abrem à francesa e dispõem de venezianas em seu trecho inferior. Sobreessaem, finalmente, os arcos plenos com estreitas aduelas intermediárias, sem sobrevergas. Note-se que os pinázios das bandeiras ainda se desenhavam com segmentos de arcos entrecruzados, o que denota uma filiação com os seus pares predecessores. Já a cachorrada dos beirais surpreende pela falta de correspondência com a tipologia da casa, não sendo possível qualquer averiguação sobre o seu motivo. Não nos causaria qualquer espanto uma futura notícia sobre a anterior existência de uma cimalha, depois “colonializada” por paus à vista.

A seguinte casa, de fachada relativamente estreita, encontra-se inserida no conjunto urbano mais denso da antiga Rua do Rosário, na lateral da igreja homônima (Fig. 474).

474, 475. Vista da fachada e detalhe de casa térrea na Rua do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 132). São João del-Rei, 2013.

Comparecem novamente os elementos básicos da composição classicista. O agenciamento de uma entrada lateral se explica pelo aproveitamento do espaço interior em relação à reduzida largura do terreno. A cimalha do beiral conta com um perfil bastante recortado, incomum no casario são-joanense, além de estar sublinhada por um conjunto de friso com moldura que se replica no topo da pilastra (Fig. 475). Apesar da mutilação ocasionada pela construção vizinha, nota-se o capitel com um desenho relativamente simples e bastante peculiar, com segmento de topo reto e voluta lateral a delimitar uma área com triângulos inscritos. O corpo das pilastras também encontra-se danificado por intervenções diversas, incluindo aquelas

relativas à instalação de equipamento elétrico e de iluminação. Mostra assim mesmo uma tríade de estrias verticais que, no entanto, não chegam a formar caneluras em suas formas clássicas. Diferentemente do exemplo anterior na subida para o Bonfim, aqui os vãos encontram-se enquadrados por molduras construídas em massa, fato inédito em nossa amostra. O semicírculo dos vãos se destaca por um perfil pronunciadamente sulcado, que, por sua vez, se apoia em um conjunto de frisos escalonados na transição com as ombreiras. Nele inscrevem-se bandeiras divididas regularmente por dois raios concêntricos. Abaixo, repete-se o desenho das folhas das janelas, com pequenos vidros retangulares e venezianas na parte inferior. Os caixilhos encontram-se recuados em relação à envasadura, não mais nivelados como acontecia usualmente até o momento.

Essa edificação mantém claras relações tipológicas com uma outra casa situada em plena Rua Direita (Fig. 476).

476, 477. Vista frontal e detalhe de casa térrea na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 154). São João del-Rei, 2011, 2012.

Coincidem o regime regular de vãos de arco pleno distribuídos na fachada e o seu enquadramento com pilastras laterais e cimalha sob o beiral. Aqui se apresentam, entretanto, importantes novidades arquitetônicas, a começar pela implantação com afastamentos laterais e respectivas entradas ao nível da calçada. A edificação se mantém com um pavimento, mas este se eleva com o agenciamento de um porão de considerável altura. O revestimento descascado em trechos abaixo da sacada corrida mostra o uso de

tijolos de barro cozido na alvenaria.⁵⁷⁵

A base dos cunhais se eleva ao nível da sacada corrida. Seus ressaltos em massa já não seguem a sequência de contornos que predominou na arquitetura são-joanense dos três primeiros quartéis do século XIX (Fig. 477). O corpo apresenta sulcos também incomuns, formados por faixas em baixo relevo. O topo do cunhal exibe detalhes pouco rebuscados, apesar da presença de capitel com volutas. Uma moldura pronunciada seguida de retângulo se prolonga na fachada e define um friso, como usual em muitos de seus pares predecessores. A cimalha no arremate do beiral conta com dois peitos de pomba em projeção. As cercaduras, por sua vez, estão construídas em massa, assim como as molduras a modo de sobrevergas que acompanham os arcos plenos. As bandeiras fixas contam com dois segmentos de arcos concêntricos, bastante comuns na arquitetura imperial brasileira. As folhas das janelas rasgadas não possuem aqui venezianas, ainda que se repitam os vidros retangulares. Cabe destacar, finalmente, as grades dos balcões individuais, com suas faixas inferior e superior preenchidas por peças cruzadas e o miolo com série de bastões e peças circulares. Note-se que o ferro fundido só comparece pontualmente nas pequenas estrelas, típicas em seus antecedentes.

Outras novidades se apresentam em uma casa térrea inserida no casario da Rua da Prata (Fig. 478).

478, 479. Vista frontal e detalhe de casa térrea na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 113), São João del-Rei, 2013.

⁵⁷⁵ Em reforma empreendida entre os anos de 2015 e 2016, observou-se a presença de tijolos de barro cozido em toda a extensão da fachada.

Aparece, por primeira vez em nossa amostra, uma platibanda que provavelmente condiz com a época de construção do restante da fachada. Os segmentos de pilastra laterais, ainda que desprovidos de pintura colorida, reforçam tal correspondência. A cimalha corrida permanece como resquício do esquema compositivo anterior com beiral, “já sem função..., pela força do hábito e meio sem jeito” segundo Lucio Costa.⁵⁷⁶ Chama a atenção a marca de simetria com a posição centralizada da porta de entrada, também diferenciada por uma bandeira metálica e pelas almofadas nas folhas de madeira. Uma estreita sobreverga amarra todos os vãos entre si e com as laterais (Fig. 479). O detalhe lembra o daquele sobrado da Rua Direita, com ondulação causada pela união das molduras acima dos arcos abatidos (ver Fig. 374). Na fachada menos apertada da Rua da Prata, entretanto, o ornato parece mais intencional em sua disposição. Detalhes decorativos adicionais também são percebidos nas pilastras, que apresentam diversos níveis de molduras tanto no corpo principal como nos arremates inferior e superior. Notam-se, finalmente, discretos orifícios de ventilação do porão no rumo de cada uma das janelas. Embora possam ter sido feitos em momento posterior, o aparecimento dessas gateiras condiz com a arquitetura praticada na época. O mesmo pode ser considerado para as telhas planas ditas francesas ou “de Marselha”, que protegem o alto da platibanda e da cimalha.⁵⁷⁷

Em um seguinte momento deste capítulo, enfocaremos as platibandas de forma mais demorada. Este importante elemento de caracterização da arquitetura do século XIX também comparece em outros dois exemplares são-joanenses com arcos plenos. O primeiro deles é a casa de consideráveis dimensões situada no Largo de São Francisco, na esquina com a rua homônima (Fig. 480).

⁵⁷⁶ COSTA, Lúcio. Documentação necessária. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 95-97.

⁵⁷⁷ Não dispomos de informações precisas sobre a época do aparecimento das telhas francesas, planas ou “de Marselha” na arquitetura brasileira. Carlos Lemos as associa com o uso do tijolo cozido nas alvenarias e com os novos materiais de acabamento importados pela sociedade paulistana enriquecida pelo café, provavelmente após a chegada da ferrovia no ano de 1867; há notícias de produção dessas telhas em São Paulo em torno do ano de 1890, em olaria dirigida por franceses; ver LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 36, 50, 54.

480, 481, 482. Vista geral e detalhes de casa no Largo de São Francisco (Praça Frei Orlando n. 145). São João del-Rei, 2014.

Nesse caso, a simetria da fachada encontra-se reforçada por uma inflexão arqueada do topo da platibanda e um respectivo estuque com motivos fitomórficos. Chama a atenção, ainda, o cunhal com base de pedra, relevos retilíneos sem maior rebuscamento e o vaso decorativo no topo (Fig. 481).

Uma fotografia bastante antiga, anterior e tomada praticamente do mesmo lugar da panorâmica de André Bello datada entre 1906 e 1917, mostra a edificação sem maiores alterações (Fig. 483).

483. Vista geral da cidade com Rua da Prata em primeiro plano; detalhe de casa no Largo de São Francisco, São João del-Rei. Autor e data: desconhecidos, supostamente anterior ao ano de 1917. Fonte: MR-SJDR.

Apesar da falta de nitidez da imagem, percebe-se que a platibanda contava com mais um elemento de arremate superior a sugerir um frontão triangular. Em dado caso, reforçava-se o esquema decorativo classicista e a ênfase no eixo de simetria.

A edificação atual mostra a consolidação do piso elevado e dos pequenos orifícios de respiração do porão. Os vãos, por sua vez, apresentam outras novidades de interesse. Resulta curioso o redundante fechamento da parte inferior das janelas rasgadas, com grades de bastão antecedidas por paramento de alvenaria (Fig. 482). Não sabemos se o esquema foi assim construído ou se a grade ou o paramento foram adicionados posteriormente. Em todo caso, as almofadas com retângulos de quinas arredondadas e losango central aparecem por primeira vez em nossa amostra. Esses relevos representam, desde nosso ponto de vista, motivos puramente decorativos prestes a se libertar da grade e ocupar a parede da fachada.

Um último exemplar arquitetônico de São João del-Rei, retratado na Rua da Prata, também contava com arcos plenos e platibanda (Fig. 484).

484. Vista (completa e detalhe) de casa na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 80), São João del-Rei. Autor e data: desconhecidos. Fonte: IPHAN-MG.

485, 486. Detalhe da fachada de casa na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 80), São João del-Rei. Autor e data da foto: desconhecidos. Fontes: MR-SJDR; RODRIGUES (1979), p. 189.

Esta também era encimada por elementos decorativos – neste caso coruchéus apontados – e desenhada com motivos fitomórficos no centro. Aparecem, ainda, almofadas em relevo a acompanhar as linhas retas e curvas do paramento. Abaixo da cimalha que sublinhava a platibanda corria uma faixa lisa que infletia junto às pilastras, motivo puramente ornamental e aleatório que jamais havia comparecido em nossa amostra. Chegando aos vãos, uma nova moldura contínua, desta vez frisada, voltava a conectar as sobrevergas em massa (Fig. 485 e 486). Ela era enriquecida por aduelas lisas e por vasos com ramos nos intervalos horizontais entre os arcos. Nesta altura da fachada, destacavam-se ainda as bandeiras fixas com cordões lembrando motivo floral, inéditos em São João del-Rei. José W. Rodrigues sugere nesse conjunto de

detalhes a persistência daquela linguagem ornamental típica dos sobrados do capítulo anterior.⁵⁷⁸ Mas a forma e a situação em que se inseriam na fachada fogem dos padrões já vistos, representando um procedimento compositivo que promove uma maior disseminação decorativa.

Cabe mencionar que esta casa encontra-se com a envasadura modificada na atualidade (Fig. 487).

487. Casa na Rua da Prata (R. Padre José Maria Xavier n. 80). São João del-Rei, 2014.

Mais uma vez, nota-se uma “colonialização” do respectivo setor da fachada, com o agenciamento de vãos retos e folhas de guilhotina. Embora o uso dos pequenos vidros quadrados tenha se prolongado no tempo, veremos adiante que, no contexto de capitais do sudeste brasileiro, havia uma forte tendência para o aumento das peças de vidro e para o agenciamento de venezianas e de folhas abrindo à francesa a partir de meados do século XIX. Tal era o esquema antes da intervenção nesta casa da Rua da Prata. Em todo caso, a parte superior da fachada manteve-se inalterada, deixando em evidência o descompasso tipológico com a parte inferior.

Essas são, entre as poucas que remanescem em São João del-Rei, algumas das edificações com arcos plenos supostamente inseridas no Oitocentos. Se comparadas com os exemplares do capítulo anterior, observa-se a manutenção de vários esquemas compositivos, com destaque para os temas de enquadramento e distribuição de vãos nas fachadas. Mas já não comparece aquela diversidade de figuras orgânicas estucadas principalmente em frisos e cunhais. Por um lado, há a tendência para uma maior sobriedade e retificação no regime ornamental. Nesse sentido, nota-se uma filiação mais formal com a estética neoclassicista, fato exacerbado pela paulatina substituição dos beirais e arcos abatidos pelas novidades das platibandas e arcos plenos. Por outro lado, as molduras apresentam uma maior e mais

⁵⁷⁸ RODRIGUES, José W. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979, p. 188. O desenho de Rodrigues, referente a uma casa na rua que vai à Igreja de São Francisco, não corresponde exatamente à fotografia, com uma diferença importante no tocante à esquadria das janelas. Assim mesmo, estamos considerando tratar-se da mesma edificação. Talvez o desenho tenha sido refeito com base em croquis realizados *in loco*. Pela característica e aparência dos elementos, parece-nos improvável uma remodelação posterior ao desenho e retratada na fotografia.

acidentada variação nas sequências de relevos. Estas, juntamente com almofadas e vasos ramificados, passam a habitar mais livremente as paredes, proporcionando nesse sentido uma expansão do esquema decorativo.

Vejamos algumas referências formais e cronológicas da arquitetura luso-brasileira em que comparecem os arcos plenos. Já vimos que eles se manifestaram na amplitude de uma fachada urbana da cidade do Rio de Janeiro da década de 1840, com molduras de pedra pronunciadamente sulcadas e decoradas com aduelas (ver Fig. 437 e 439). Nesse caso, almofadas em estuque, com motivos fitomórficos e grafias inscritas, enriqueciam as fachadas. Os beirais ainda persistiam naquele par de sobrados da Rua do Ouvidor datados do ano de 1851, os quais contavam com grandes arcos plenos nos andares térreos comerciais (ver Fig. 440).

Como reforçaremos adiante, o casario carioca apresenta uma tendência para o agenciamento de platibandas a partir da década de 1850, época em que os arcos plenos dividem espaço com as vergas retas.⁵⁷⁹ Os beirais, entretanto, não saem de cena completamente. É difícil encontrar casas térreas mais simples para uma melhor comparação com os pares são-joanenses. Nesse sentido, aparece em uma cena iconográfica do Passeio Público, litografada por Pieter G. Bertichem entre os anos de 1850-1856, uma edificação que alberga uma espécie de casa de chá ou restaurante (Fig. 488).⁵⁸⁰

488. Litografia do Passeio Público e respectivo detalhe de edificação, Rio de Janeiro. Autor: Pieter G. Bertichem. Ano: 1850-1856. Fonte: BERTICHEM (1976).

Interessa destacar aqui os arcos plenos combinados com beirais em cimalha. Observa-se ainda a delimitação de um friso no topo da fachada e o desenho das bandeiras fixas com raios concêntricos e arcos periféricos.

⁵⁷⁹ A tendência para o uso de platibanda não significa que a mesma seja predominante no casario. Pelo contrário, leva-se algum tempo para que a arquitetura incorpore tais tendências, como pode ser observado no mapa arquitetural da cidade do Rio de Janeiro datado do ano de 1874, em que as platibandas ainda são pouco frequentes. Ver ALCÂNTARA, Dora M. S. (coord.). *Rio de Janeiro, Praça XV, imediações*. SPHAN/Pró-Memória: Rio de Janeiro, c. 1986, p. 60-61, 151.

⁵⁸⁰ Para informações sobre a obra de Bertichem, ver FERREZ, Gilberto. Introdução. In: BERTICHEM, P. G. *O Rio de Janeiro e seus arrabaldes - 1856*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1976b, p. 2-5.

Em um outro contexto, no centro comercial do Rio de Janeiro, em plena Rua do Rosário, chama a atenção a presença de três sobrados remanescentes na atualidade, todos com vãos de arco pleno justapostos (Fig. 489).

489. Conjunto de três sobrados na Rua do Rosário n. 34-38. Rio de Janeiro, 2012.

490. Sobrado na Rua do Rosário n. 34. Rio de Janeiro, 2012.

Dois deles, com pavimento térreo e andar superior, ainda contam com cimalhas no arremate dos beirais. O recobrimento de azulejos imprime uma textura decorativa adicional em um destes sobrados. No de fachada pintada de cor azul, figuram ainda modilhões junto às molduras de sustentação das sacadas. Embora tais elementos não compareçam em São João del-Rei, ilustram algumas mudanças pelas quais o regime ornamental passava na época.

O terceiro sobrado deste conjunto, com um pavimento a mais e já com platibanda, tem inscrição a indicar o ano de 1865 (Fig. 490). A coincidência nas composições das fachadas e nos detalhes das grades e esquadrias indicam uma aproximada concomitância em relação aos outros dois sobrados vizinhos. Entretanto, os ornatos encontram-se aqui mais trabalhados, com destaque para o arremate superior da fachada e as sobrevergas contínuas elaboradas em massa. Esse pormenor contrasta com as cercaduras de pedra e exacerba o regime ornamental, de forma análoga a alguns de seus pares são-joanenses (ver Fig. 478 e 484).

Resulta interessante a leitura de José W. Rodrigues sobre uma nova fisionomia tomada pela arquitetura civil do Rio de Janeiro a partir de meados da década de 1860. Uma reação ao neoclássico teria feito uso dos elementos classicistas de uma forma mais libertária e com uma maior profusão de

ornamentos, incluindo o revestimento com azulejos e os telhões esmaltados no topo das fachadas.⁵⁸¹ Tal programa arquitetônico não encontrou maior repercussão em São João del-Rei, mas há um exemplo de sobrado carioca, antes existente na Rua Barão de São Félix, que merece comentários (Fig. 491).

491. Sobrado na Rua Barão de São Félix n. 194, Rio de Janeiro. Autor: Photo Eric Hess. Data: desconhecida. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ231/1/03.

Nessa edificação datada do ano de 1872, segundo inscrição afixada, os vãos de arco pleno do andar superior convivem com as vergas retas do térreo. Ausenta-se a entrada frontal, sendo o acesso feito pela lateral, através de um portão adjacente. Finalmente, destaca-se na parte baixa da fachada uma série de gateiras a acompanhar cada janela, indicando a presença de um piso elevado no interior da casa. Esse conjunto de motivos não era até agora comum em nossa amostra do casario urbano carioca. Eles mostram um momento de incorporação de importantes novidades arquitetônicas que, paulatinamente, se fariam sentir em seus congêneres são-joanenses. Como já tivemos a oportunidade de observar, algumas casas com arco pleno de São João del-Rei já apresentaram orifícios de ventilação do porão e, inclusive, o agenciamento de entradas laterais (ver Fig. 476, 478 e 480).

Em São Paulo, muitas das novidades arquitetônicas da época surgiram primeiramente nas casas nobres de arrabalde, uma vez que a região central da cidade encontrava-se muito adensada. Vemos, por exemplo, que a chácara da família Gavião, construída na Cidade Nova provavelmente na década de 1850, já contava com um moderno partido a exhibir platibanda, frontão triangular e arcos plenos em todos os vãos. Já o palacete do segundo Barão de Piracicaba, construído até o final da década de 1860, já se encontrava solto no terreno e elevado em relação ao solo, fato evidenciado por pequenas aberturas de ventilação do

⁵⁸¹ RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 188. Para exemplos de desenhos e fotografias de edificações datadas entre 1868 e 1876, ver RODRIGUES (1979), *op. cit.*, p. 189; IPHAN-RJ, caixas RJ251/3/04, RJ251/2/11 e RJ231/1/03.

porão.⁵⁸² Este conjunto de novidades – platibanda, recuo lateral e porão elevado – só alcançaria uma maior difusão na arquitetura urbana paulistana mais comum a partir do último quartel do século XIX, respaldado pelas normativas que entraram em vigor nas décadas de 1870 e 1880.

Em Portugal, chama a atenção, em uma litografia de Vivian publicada no ano de 1839, a presença precoce de arcos plenos no casario da localidade de Braga (Fig. 492).

492. Vista da Praça das Torres e detalhe de edificação em Braga, Portugal. Autor: G. Vivian. Ano: 1839. Fonte: VIVIAN (1839), plate XXIII.

Diferentemente dos exemplos até agora vistos, eles encontram-se inseridos em cercaduras retangulares, o que denota uma certa resistência ao novo contorno curvilíneo. Mesmo assim, já se apresentam aduelas decorativas e raios concêntricos nas bandeiras fixas. Os vãos estão ainda acompanhados de modernos balcões de ferros cruzados, já distantes daqueles modelos comumente inspirados em estilemas neoclassicistas.

No caso da capital lisboeta, conta-se com registros oficiais da arquitetura civil desde o ano de 1832, quando já era obrigatória a apresentação de risco.⁵⁸³ Há um significativo número de alçados, datados a partir do final da década de 1840, que estão publicados na tese de Joana Leal.⁵⁸⁴ Os arcos plenos só aparecem de forma programática, na totalidade dos vãos das fachadas, em meados da década seguinte. Em

⁵⁸² LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 55-56, 95-99, 105, 122; REIS FILHO, Nestor G. (coord.). *São Paulo: vila cidade metrópole*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004, p. 133, 136.

⁵⁸³ TOJAL, Alexandre A. M. *Arquitetura doméstica em Faro na segunda metade do século XIX*. *Monumentos*, n. 24, mar. 2006, p. 133.

⁵⁸⁴ LEAL, Joana E. C. *Arquitetura privada, política e factos urbanos em Lisboa: da cidade pombalina à cidade liberal*. Dissertação (Doutoramento) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.

várias ocasiões, encontram-se conjugados com vergas de variados desenhos, desde as retas, que predominam, até as de arcos abatido e ogival. Observa-se, em alguns casos, a persistência dos beirais, sempre sustentados pelas respectivas cimalthas. Um alçado do ano de 1858 mostra uma composição relativamente simples, mas rigorosa em sua regularidade (Fig. 493).

493, 494. Alçados de edificações para aprovação legal, Lisboa, Portugal. Ano: 1858, 1859. Fonte: LEAL (2005).

A necessidade de diferentes acessos e a inclinação do terreno motivam entradas laterais, mas a simetria é sutilmente sugerida pela aduela da janela rasgada central, pelos consoles da sacada e, finalmente, pela almofada retangular e de cantos arredondados situada abaixo da única janela de peitoril. Outro detalhe ornamental é agenciado na altura da nascente dos arcos plenos, através de cimalthas que conectam os vãos uns aos outros. A maioria desses motivos foram identificados em formas semelhantes no casario térreo são-joanense dotado de arcos plenos em suas fachadas. Sugere-se, assim, a circulação da cultura arquitetônica e a manutenção das relações entre os contextos brasileiro e português na metade do século XIX.

O outro alçado de Lisboa corresponde a uma edificação mais grandiosa, bastante nobre se unifamiliar (Fig. 494). Nota-se a permanência de motivos tais como os beirais, o último pavimento recuado nas laterais e os arcos abatidos. Os cânones classicistas aparecem com maior ênfase na marcação do eixo de simetria e no pavimento intermediário, nomeadamente nos topos de pilastras com cimalthas e nos arcos plenos. Estes aparecem novamente com aduelas e molduras de conexão. Chama a atenção, finalmente, a variedade de formas de vãos nos diferentes pavimentos.

Os arcos plenos se manifestam também no casario português remanescente, geralmente sem qualquer referência cronológica. Tal é o exemplo de um sobrado corrente de três pavimentos, localizado em uma rua comercial da localidade de Guimarães (Fig. 495).

495. Sobrado em Guimarães. Portugal, 2014.

496. Sobrado em Tomar. Portugal, 2014.

Repetem-se as baterias de meias-circunferências tanto nas portas térreas como nas janelas rasgadas e de peitoril nos andares superiores. As esquadrias já contam, de forma análoga à de seus pares brasileiros, com grandes peças de vidro retangulares e com arcos concêntricos nas bandeiras fixas. No setor intermediário desta fachada recoberta por azulejos, destaca-se ainda uma cimalha a modo de sobreverga que amarra o conjunto de vãos, solução também encontrada em São João del-Rei. Note-se finalmente a permanência dos beirais com cimalha e, inclusive, do agenciamento de água-furtada.

No caso de Tomar, os arcos plenos se inserem em uma grande edificação urbana de dois pavimentos (Fig. 496). Sua fachada lembra bastante os sobrados são-joanenses do capítulo anterior com seus cunhais e cimalkhas salientes, balcões corridos, vãos regularmente distribuídos e, ainda, pinázios desenhados nas bandeiras fixas. Entretanto, motivos como as próprias vergas semicirculares, as grandes peças de vidro nas esquadrias e o revestimento com azulejos imprimem uma maior modernidade à composição.

O estudo dos arcos plenos presentes no casario luso-brasileiro indica um descompasso em sua apropriação em São João del-Rei, fenômeno que já havia sido detectado anteriormente. Apesar da carência de referências cronológicas, estamos supondo sua manifestação em torno do último quartel do século XIX para o caso são-joanense. No contexto carioca, vimos a existência de composições já bastante consolidadas a partir de meados do Oitocentos. A platibanda compareceu de forma quase concomitante ao uso mais extensivo dos arcos plenos, talvez alguns anos mais tarde. Vejamos, pois, com maior detalhe a substituição dos beirais que por tanto tempo caracterizaram a arquitetura.

5.2. Platibandas

Uma das dificuldades que se apresenta no estudo das platibandas é a sua condição de terem sido largamente adicionadas sobre estruturas existentes. No caso de São João del-Rei, alguns exemplos tornam-se bastante evidentes, não só pela comparação com fotografias antigas, como também pelas diferenças de linguagem ocasionadas pelas intervenções. Em ocasiões, apresenta-se um verdadeiro “põe e tira” de platibandas, com o seu agenciamento sobre antigas construções, seguido de sua retirada a partir das políticas de “colonialização” praticadas a partir de meados do século XX pelos órgãos de defesa do patrimônio. Até o momento estivemos evitando esses casos, apesar de não lograrmos completamente (ver Fig. 31 e 33)

A casa térrea vizinha ao Solar dos Lustosa, por exemplo, já apresentou platibanda anteriormente (Fig. 497).

497. Casa térrea no Largo do Rosário (R. Getúlio Vargas), São João del-Rei. Autor: desconhecido. Ano: 1954. Fonte: MR-SJDR.

498. Casa térrea na Rua do Curral ou do Comércio (R. Marechal Deodoro n. 196). São João del-Rei, 2013.

Motivos da fachada, tais como o arco abatido das vergas, indicam a permanência de estilemas já fora de uso na época das platibandas. Na intervenção, as esquadrias passaram por uma renovação, com o agenciamento de bandeiras fixas e folhas abrindo à francesa com vidros retangulares e venezianas.⁵⁸⁵ Na platibanda, tirou-se proveito do intervalo central entre os vãos para lançar um trecho de pilastra intermediário, que se encontra marcado ainda por um condutor de água pluvial. Os dois segmentos receberam, então, retângulos com cantos arredondados em baixo relevo, semelhantes àqueles encontrados anteriormente em cunhais decorados da cidade. Abaixo permaneceu a cimalha do beiral ou construiu-se uma nova como motivo decorativo.

Uma outra casa térrea, situada na Rua do Comércio, apresenta características análogas tanto na

⁵⁸⁵ Naquela antiga foto do vizinho Solar dos Lustosa, as folhas das janelas da casa térrea apresentavam grandes panos de vidro, sem venezianas. Entretanto, não dispomos de informação sobre uma outra possível configuração anterior à daquela foto antiga. Ver Figura 331.

edificação pré-existente como na suposta intervenção com platibanda (Fig. 498). Chamam a atenção as bandeiras fixas com leque de pinázios e o barrado com um par de retângulos de cantos arredondados. O corpo da platibanda, neste caso, não conta com trechos de pilastras, apresentando no entanto sequências de círculos ladeados por painéis em alto relevo.

A platibanda são-joanense comparece muitas vezes conjugada com vãos retos. Consideramos que estes nunca deixaram de existir e que voltaram a participar da produção arquitetônica a partir de meados do século XIX. Sendo assim, fica às vezes difícil averiguar se as intervenções se aproveitaram de estruturas existentes, como é comum no casario consolidado da cidade. No exemplo da casa térrea situada na Rua da Cachaça, os vãos foram bastante modificados (Fig. 499 e 500).

499. Casa térrea na Rua da Cachaça (R. Marechal Bittencourt n. 61). São João del-Rei, 2014.

500. Casa térrea na Rua da Cachaça (atual R. Marechal Bittencourt n. 61), São João del-Rei. Autor: desconhecido. Data: desconhecida, supostamente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

Anteriormente, em meados do século XX, havia uma distribuição bastante regular com janelas muito próximas umas às outras. Outros sinais de relativa modernidade se mostravam na ausência de guilhotinas e na presença de pestanas, nome dado às cimalthas ou sobrevergas destacadas das respectivas vergas.⁵⁸⁶ Tais elementos serão tratados adiante com maior atenção; por ora basta relacioná-los com os motivos compositivos desta fachada, que conta ainda com molduras típicas no alicerce, nas pilastras laterais, nos cordões a delimitar friso liso e, finalmente, nas cimalthas que outrora sustentariam beirais. A platibanda encontra-se dividida em dois trechos por uma segmento de pilastra que se replica nas laterais, dando continuidade aos cunhais. O corpo encontra-se preenchido por losangos em alto relevo que, na cena antiga, correspondiam ao alinhamento de cada vão. A mureta encontra-se delimitada superior e

⁵⁸⁶ O termo 'pestana' se ausenta dos dicionários técnicos de arquitetura no sentido aqui tratado, mas encontra-se empregado por Carlos Lemos. Ver LEMOS, Carlos A. C. *Casa paulista*. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 120.

inferiormente por cimalkas, as quais se encontram protegidas por fiadas de telhas francesas.

Um outro exemplo de platibanda supostamente precursora encontra-se na antiga Rua São Miguel, que hoje em dia permeia o Largo da Cruz (Fig. 501).

501. Casa térrea na Rua São Miguel (R. Resende Costa n. 134). São João del-Rei, 2015.

O trecho de alvenaria com reboco caído deixa à mostra um esteio de madeira e blocos de adobe, o que denota certa antiguidade da estrutura. Tem-se como novidade a tripartição da fachada com pilastras em relevo, além da locação da porta de entrada no eixo de simetria. Curiosamente, a platibanda replica as pilastras laterais, mas não as intermediárias. As figuras retangulares em seu corpo não se alinham precisamente com qualquer elemento da fachada. Fora estes detalhes, os motivos se assemelham ao exemplo anterior da Rua da Cachaça.

Já na casa situada na Praça da Câmara, a platibanda mantém as proporções usuais, mas aparece com uma nova decoração (Fig. 502).

502. Casa térrea da Praça da Câmara (Praça Barão de Itambé ou R. José Mourão n. 186). São João del-Rei, 2014.

Seu corpo encontra-se desenhado por uma série de relevos chapados a imitar uma balaustrada. Salta à vista, abaixo, a pronunciada cimalha, a indicar a possível presença de beiral em um estado precedente. Novamente observa-se a intenção de simetria com porta no meio da fachada frontal, mas a justaposição de uma das janelas ao cunhal indica uma provável remodelação. Neste caso, as pestanas encontram-se visualmente apoiadas sob as vergas com segmentos lisos no prolongamento das ombreiras dos vãos.

O detalhe dos balaústres nos leva a considerar uma das primeiras platibandas a se instalar na cidade. Trata-se daquela presente na Casa de Câmara e Cadeia, que conta com inscrição na fachada a indicar o ano de 1849 (Fig. 503 e 504).

503, 504. Vista geral e detalhe superior da Casa de Câmara e Cadeia situada na Rua da Intendência (R. Gabriel Passos n. 199), esquina com a praia. São João del-Rei, 2010, 2012.

Coincide com a casa da Praça da Câmara a sequência de balaústres chapados em alto-relevo, bem como os usuais trechos de pilastras nos arremates laterais. Temos ainda a oportunidade de observar os estuques decorativos presentes no friso, cunhal e sobrevergas, que podem ter servido de referência às edificações da segunda metade do Oitocentos. Fora a platibanda e o respectivo falso frontão, que estariam provavelmente restritos a edificações institucionais que nos remetem ao neoclássico português, os demais motivos – tais como arco abatido, sacadas, cimalkas, bandeiras fixas desenhadas, colunas intermediárias e simetria – correspondem tipológica e cronologicamente com detalhes classicistas consolidados e profusamente aplicados no casario, com destaque para os sobrados abastados.

Um outro caso de paramento no arremate superior da fachada encontra-se em casa situada no Largo da Câmara, atrás da Igreja Matriz (Fig. 505).

505. Vista geral e detalhe superior de casa no Largo da Câmara (R. Padre Lourival Salvo Rios n. 7). São João del-Rei, 2014.

Nessa ocasião, ela exibe frontões de topo arredondado a marcar os centros das duas fachadas. O regime decorativo se compõe ainda de divisões com trechos de pilastras, figuras estampadas em forma de estrela e, finalmente, vasos ornamentais encimando as laterais e os frontões. Trata-se de composição bastante sofisticada se comparada com os exemplos anteriores. Note-se, no entanto, a falta de correspondência entre as pilastras intermediárias da platibanda e as fachadas lisas, o que indica certo desconhecimento do sistema de composição.

Naquela foto antiga, feita supostamente por volta do ano de 1880, o topo da casa ainda aparece sem platibanda (ver Fig. 22). Esta passa a figurar em outras fotografias posteriores, na panorâmica de André Belo (ver Fig. 29) e em uma vista datada entre 1900 e 1910, aproximadamente (Fig. 506).

506. Vista da cidade e detalhe de casa no Largo da Câmara, São João del-Rei. Autor: Raimundo Alves Pinto. Data: 1900-1910 (provável). Fonte: APM.

Sendo assim, os paramentos superiores teriam sido agenciados em torno das duas últimas décadas do século XIX. Tal noção cronológica corresponde, grosso modo, às características arquitetônicas apresentadas, não havendo maiores discrepâncias com o esquema tipológico da edificação.

De fato, a casa apresenta detalhes relativamente sofisticados também no restante das fachadas. Os cunhais apresentam estrias a modo de canelura, capitel peculiar com relevos sobre fundo liso, além de dentículos na cimalha, motivos pouco comuns no casario são-joanense até agora ilustrado. Os vãos ainda contam com cercadura de madeira, mas estas já são bastante estreitas. A bandeira fixa, com padrão simples de feixes cruzados, corresponde a uma adição posterior, fato comprovado em outra fotografia antiga, já de um bem adentrado século XX (Fig. 507).

507. Vista do Largo da Câmara em seu setor atrás da Igreja Matriz e detalhe de casa, São João del-Rei. Autor e data: desconhecidos. Fonte: MR-SJDR.

As esquadrias aparentemente se mantinham como as observadas na pouco nítida foto panorâmica do início do século XIX (ver Fig. 506). As elegantes pestanas apoiadas nas vergas permanecem até a atualidade, mas anteriormente eram observados estuques em alto relevo no espaço de parede delimitado em seu interior. A cena mostra ainda a ausência de qualquer orifício para ventilação do porão.

A platibanda desta casa do Largo da Câmara sugere uma certa correspondência com as outras duas encontradas no Largo de São Francisco e na Rua da Prata (ver Fig. 480 e 487). Nestes dois casos, também se apresentaram inflexões em dois níveis, vasos ou coruchéus no alto e figuras estucadas nos centros das composições. Entretanto, são percebidas diferenças no agenciamento de arcos plenos, de cunhais e cimalthas mais sóbrios e, ainda, de relevos adicionais nos panos de alvenaria. Naquela antiga fotografia que mostra a Rua da Prata em primeiro plano nota-se a presença de outro par de casas já encimado por paramentos (Fig. 508).

508. Detalhe de vista de edificações na Rua da Prata (ver vista completa em Fig. 483). Autor e data: desconhecidos. Fonte: MR-SJDR.

Uma delas, que aparece à esquerda da cena, tinha platibanda com contornos semelhantes aos de outras já vistas, com trecho circular alteado no centro. Já a da casa vizinha, de menores dimensões, mostrava um frontão triangular inédito em nossa amostra são-joanense, salvo o caso da Casa de Câmara e Cadeia (ver Fig. 503).

Nota-se, à época, uma maior variação compositiva nos topos das edificações, a anunciar as diversas tendências arquitetônicas do Ecletismo em voga. Um último exemplo de paramento superior decorativo remanescente em São João del-Rei, com referência à diversidade estilística, pode ser encontrado em um sobrado situado em plena Rua Direita (Fig. 509).

509. Sobrado na Rua Direita (R. Getúlio Vargas n. 134-138). São João del-Rei, 2010.

Chamam a atenção os arcos de três centros nos vãos do andar térreo, conjugados com vergas ogivais nas janelas rasgadas superiores. As cercaduras já não são construídas em madeira, mas em massa. Mantêm-se, assim mesmo, as bandeiras fixas com raios concêntricos adaptados às ogivas, bem como as grades metálicas rasas, sem muito projeção e com predominância de peças em bastão, semelhantes àsquelas da casa situada no Largo de São Francisco (ver Fig. 482). A fachada encontra-se segmentada tanto na vertical, com o agenciamento de pilastras intermediárias, como na horizontal, através de cimalkhas, frisos e a própria

platibanda. Esta se divide com pedestais em intervalos regulares de acordo com os vãos, enquanto se desenha em seu corpo um ritmo de retângulos de quinas arredondadas em alto-relevo. As aberturas laterais são de menor largura que as demais, o que contribui para assinalar a simetria na fachada e imprimir um ritmo incomum no casario até agora visto. No geral, as variações compositivas representam uma verdadeira novidade em nossa amostra. Uma mais acentuada decoração superficial e uma maior combinação de motivos indicam novas tendências arquitetônicas e uma situação ligeiramente mais avançada no tempo, quiçá próxima à virada para o século XX.

Vejamos agora algumas referências formais e cronológicas sobre o uso da platibanda em outras paragens. Já ficou sugerido que, no Rio de Janeiro, as platibandas começaram a entrar em uso no casario urbano a partir da década de 1850. Algumas vistas litografadas da cidade na época mostram a sua presença de forma ainda bastante pontual (Fig. 510 e 511).

510. Vista panorâmica e detalhe de edificação, Rio de Janeiro. Autor: desconhecido e Alfred Martinet. Ano: 1852. Fonte: IMS.

511. Vista panorâmica e detalhe de edificação, Rio de Janeiro. Autor: Iluchar Desmons. Ano: c. 1855. Fonte: IMS.

Tanto na gravura do ano de 1852 como na de 1855 aproximadamente, distinguem-se edificações de mais de um pavimento encimadas por paramentos. Estes apresentavam frontão semicircular em um caso e segmentação retilínea no outro, estando ambos coroados por elementos escultóricos. Percebem-se ainda sacadas corridas, pilastras, frisos e largas cimalthas, sendo os vãos retos num exemplo e em arco pleno no outro. Ficam sugeridas composições já bastante consolidadas em seu vocabulário e relativamente modernas para a arquitetura em voga.

Fotografias de antigas construções da época permitem ampliar as referências e observar mais de perto alguns detalhes. Havia, na Rua Sacadura Cabral, duas edificações datadas do ano de 1853 (Fig. 512 e 513).

512. Sobrado (foto completa e detalhe) na Rua Sacadura Cabral n. 157, Rio de Janeiro. Autor e data: desconhecidos. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ267/1/01.

513. Sobrado (foto completa e detalhe) na Rua Sacadura Cabral, n. 177, Rio de Janeiro. Autor e data: desconhecidos. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ267/1/01.

As mutilações laterais e as divisões desiguais das fachadas sugerem trechos de uma edificação maior, mas fica difícil qualquer conclusão a respeito. As platibandas lisas e com trechos de pilastra nas laterais encontravam-se inseridas em partidos com arcos plenos, sacadas corridas e fachadas segmentadas. No regime ornamental, destacavam-se as pilastras dóricas no térreo e jônicas em cima, as quais sustentavam frisos decorado seguidos de cimalha. Os vãos superiores contavam com molduras rebaixadas e aduelas, grandes peças de vidro nas esquadrias, além de bandeiras desenhadas com motivos florais que já apontamos como sendo típicos da época (ver Fig. 360 e 446). Ressaltam-se finalmente as grades metálicas dos balcões. É difícil visualizar com clareza os detalhes, mas percebe-se a presença de bastões terminados em arabescos e de fitas cruzadas, que já indicamos anteriormente como sendo de uso corrente entre as décadas de 1850 e 1870 (ver Fig. 370, 374, 442 e 443).

Uma outra edificação carioca, com ano de referência de 1854 e situada na mesma Rua Sacadura Cabral, apresentava algumas novidades (Fig. 514).

514. Sobrado (foto completa e detalhe) na Rua Sacadura Cabral n. 55-57, Rio de Janeiro. Ano de 1854, segundo o IPHAN. Fonte: IPHAN-RJ, caixa RJ267/1/01.

Em contraste com os arcos plenos ritmados do andar térreo, os vãos do pavimento superior contavam com cercaduras retas de cantaria encimadas por sobrevergas de massa.⁵⁸⁷ Os ornatos de fachada se ausentavam, mas voltava a comparecer a platibanda segmentada por trechos de pilastra, desta vez coroada por um falso frontão triangular com tímpano decorado por um rebuscado estuque a sugerir motivos fitomórficos.

No caso da cidade de São Paulo, as platibandas também começariam a ser empregadas a partir de meados do século XIX. Nestor Reis Filho associa o seu emprego com as novas técnicas de pavimentação das ruas, que implicavam o agenciamento de sarjetas e de passeios para pedestres. A partir de então, os beirais, que já não poderiam lançar as águas sobre os passantes nas calçadas, passaram a ser cortados ou dotados de calhas e condutores.⁵⁸⁸ Essas substituições provavelmente aconteceram de forma paulatina, pois a série de fotografias de Militão mostravam, no ano de 1862, a grande predominância de beirais desprovidos de condutores de águas pluviais. Só encontramos duas platibandas, sendo a primeira delas inserida em edificação térrea (Fig. 515).

⁵⁸⁷ Ver informações na sucinta ficha descritiva que acompanha a fotografia, supostamente redigidas por Paulo Thedim Barreto no ano de 1938, segundo anotação: IPHAN-RJ, caixa RJ267/1/01.

⁵⁸⁸ REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 136.

515. Vista da Rua da Quitanda e detalhe de edificação térrea na esquina com a antiga Rua do Comércio, São Paulo. Autor: Militão de Azevedo. Ano: 1862. Fonte: FONTES (1982), 5B.

516. Vista da Rua do Rosário e detalhe de edificação com platibanda, São Paulo. Autor: Militão de Azevedo. Ano: 1862. Fonte: FERNANDES JR. (2012), p. 144.

O armazém de esquina teria sofrido uma adição da paramento decorativo, fato sugerido pela manutenção das vergas em arco abatido. Nota-se ainda o cunhal curvo com acabamento marmorizado e as pronunciadas molduras a sublinhar a platibanda lisa.⁵⁸⁹

Em outra foto de Militão, destaca-se em meio ao casario da Rua do Rosário uma moderna edificação de três pavimentos (Fig. 516). Apesar do ângulo difícil da tomada, observa-se uma fachada com arcos plenos regularmente distribuídos, além de molduras tanto no alto dos vãos como nos cunhais e na altura dos pisos intermediários. A sofisticada platibanda já contava com subdivisões marcadas por pedestais e vasos decorativos.

Cabe mencionar, finalmente, o aparecimento de duas platibandas mais na série de Militão de 1862. Trata-se, entretanto, de abastados palacetes suburbanos da família Gavião, em que os paramentos decorativos se apresentam com falsos frontões curvos e triangulares, encimadas por pinhas e estátuas. Veremos adiante uma dessas casas.⁵⁹⁰

Para Carlos Lemos, a substituição dos beirais por platibandas se fez sentir com maior intensidade a partir do advento da ferrovia, que chegou à capital paulista no ano de 1867. As normas edilícias do ano de 1875 praticamente obrigavam o seu uso e, cerca de dez anos mais tarde, um novo código relativo às obras

⁵⁸⁹ Ver FONTES, Alice A. B. (coord.). *São Paulo em três tempos: álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887-1914)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982, caderno 5.

⁵⁹⁰ Para informações e fotografias das casas suburbanas da família Gavião, ver LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 104-105.

civis normalizavam de vez as fachadas, incluindo a modenatura das variadas saliências decorativas.⁵⁹¹ Com efeito, na segunda série de fotografias de Militão, datada do ano de 1887, já comparece uma ampla gama de construções com platibanda, incluindo tanto sobrados modernos como exemplares térreos mais simples.⁵⁹²

Sendo assim, vemos a platibanda se consolidar no casario do Rio de Janeiro a partir da década de 1850 e quiçá alguns anos depois na cidade de São Paulo. Tal fenômeno, entretanto, só acontece em São João del-Rei supostamente algumas décadas mais tarde, já no último quartel do século XIX. Cabe lembrar que o Código de Posturas são-joanense, datado do ano de 1887, não fazia qualquer referência ao motivo arquitetônico, ainda que fosse mencionada a obrigatoriedade da passagem dos condutores de águas pluviais por debaixo do passeio.⁵⁹³ Reforçava-se, assim, o relativo descompasso em relação a outras normativas de capitais de estados brasileiros.⁵⁹⁴

No caso de Portugal, nomeadamente em Lisboa, os paramentos no topo das fachadas também se tornaram mais comuns a partir de meados da década de 1850, de acordo com nossa amostra de alçados submetidos a aprovação. Observa-se, dessa forma, uma manifestação mais ou menos coetânea ao casario carioca. Mas, no caso da capital lisboeta, observa-se uma maior variedade de tendências arquitetônicas, principalmente no que respeita à forma dos vãos e ao regime de saliências decorativas nas fachadas. Em um primeiro exemplo, datado do ano de 1857, observam-se duas fachadas a mesclar arcos abatidos no térreo com vergas ogivais e vãos retos nos andares superiores (Fig. 517).

517. Alçados de edificações para aprovação legal, Lisboa, Portugal. Ano: 1857. Fonte: LEAL (2005).

O sobrado da esquerda conta com marcação do eixo de simetria através de porta central diferenciada pelo tamanho e pelos ornatos na junção com a sacada. Destacam-se, ainda, os painéis ressaltados na parede de

⁵⁹¹ LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 53, 95-96.

⁵⁹² Ver, por exemplo, FONTES (1982), *op. cit.*; FERNANDES JR. (2012), *op. cit.*; TOLEDO, Benedito L. et al. *Álbum comparativo da cidade de São Paulo, 1862-1887, Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1981.

⁵⁹³ SÃO JOÃO DEL-REI. Código de Posturas e Regimento Interno da Câmara de São João del-Rei, 1887 [edição fac-símile]. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007, p. 127.

⁵⁹⁴ Posturas municipais obrigavam ao agenciamento da platibanda em capitais como a cearense, no ano de 1893, e paraense, em 1901. Ver CASTRO, José L. Arquitetura eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa. *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 216; DERENJI, Jussara S. Arquitetura eclética no Pará no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912. In: FABRIS, Annateresa. *Eclétismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 154.

fundo a contornar as pontas das ogivas. A platibanda, por sua vez, segue a tripartição da fachada com trechos de pilastras a intercalar almofadas em relevo. Cabe mencionar que os arcos abatidos seguem vigentes na arquitetura urbana portuguesa durante todo o século XIX, entrando no léxico do vocabulário do ecletismo. Em São João del-Rei, o mesmo permanece até o final do terceiro quartel do Oitocentos, mais por força de uma continuidade da tradição, nos parece. No Rio de Janeiro, em contraste, as vergas alteadas praticamente caem em desuso a partir da década de 1850, como pudemos ver em alguns exemplos já apresentados. No caso das vergas ogivais, não verificamos qualquer emprego programático no casario carioca coetâneo, só aparecendo na arquitetura institucional a partir da década de 1870, segundo nossos registros.⁵⁹⁵

Em outro alçado lisboeta, datado do mesmo ano de 1857, vãos de arcos pleno se distribuem regularmente na fachada (Fig. 518).

518. Alçado de edificação para aprovação legal, Lisboa, Portugal. Ano: 1857. Fonte: LEAL (2005).

As portas no térreo indicam a probabilidade de um uso comercial neste relativamente moderno edifício. Aparece como novidade a partição vertical da fachada com pilastras que se estendem desde os trechos térreos com bossagem até as platibandas. Nos vãos justapostos, isentos de pilastras intermediárias, as bases dos arcos plenos encontram-se ligadas por moldura, o que faz lembrar aquele movimento contínuo de sobrevergas em edificações de São João del-Rei (ver Fig. 371, 478 e 484). Destacam-se, finalmente, almofadas em relevo em praticamente todos os espaços sobranceiros da parede de fundo. Embora não encontremos em nossa amostra são-joanense um partido semelhante, vários dos motivos individuais aqui identificados comparecem nela de forma isolada ou combinados.

As platibandas lisboetas também coroam edificações mais comuns de somente dois pavimentos. No exemplo do ano de 1858, o caimento da calçada não inibe o agenciamento de uma entrada frontal no eixo de simetria da fachada (Fig. 519).

⁵⁹⁵ Para uma antiga fotografia datada de c. 1875, em que aparece o prédio do Conselho Municipal do Rio de Janeiro a exhibir vãos com arcos ogivais, ver FERREZ, Gilberto. *O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez: paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918*. São Paulo: Ex Libris, 1984, p. 64-65. No caso da cidade de Salvador, destacam-se os arcos ogivais inseridos em sobrado de três andares situado no Largo do Teatro, retratado em fotografia de Benjamin Mulock feita por volta do ano de 1860; ver FERREZ, Gilberto. *Bahia: velhas fotografias, 1858-1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989, p. 53.

519, 520. Alçados de edificações para aprovação legal, Lisboa, Portugal. Ano: 1858, 1861. Fonte: LEAL (2005).

A ausência de balcões, por sua vez, não dispensa a moldura intermediária que marca o piso superior e se prolonga sobre as pilastras laterais em retângulos ressaltados, detalhes muito comuns no casario são-joanense. Note-se a altura reduzida dos pés-direitos, denunciada pela justaposição dos arcos plenos superiores com a cimalha, sem espaço sobrance de parede.

No outro alçado do ano de 1861, de escala análoga, é a janela rasgada superior que define o eixo de simetria do sobrado (Fig. 520). Neste caso, os arcos plenos coexistem com vergas retas no térreo. Nesta edificação e também na anterior, as platibandas encontram-se delimitadas por trechos de pilastras e exibem almofadas com retângulos de cantos arredondados.

Em nosso trabalho de campo em Portugal, encontramos alguns exemplares arquitetônicos com referências de datas desenhadas principalmente em bandeiras metálicas térreas. No caso de Lisboa, edificações usualmente de vários pavimentos muitas vezes apresentam-se com modificações posteriores em suas fachadas e com coroamento em mansardas, isentas, pois, de platibandas. Suas composições, entretanto, não se afastam dos alçados aprovados à época. Deixando a região central de Lisboa, escasseiam as inscrições cronológicas, mas temos a chance de observar edificações de menor porte. Na localidade de Óbidos, chama a atenção uma casa em que a platibanda parece ter sido adicionada em estrutura existente (Fig. 521).

521. Vista de edificação em Óbidos. Portugal, 2014.

O par de vãos, sem maior alinhamento ou organização na fachada, sugere a sua maior antiguidade em relação às laterais com cunhais e ao topo decorado. A platibanda com suas subdivisões de trechos de pilastras e losangos estampados remetem a alguns de seus pares de São João del-Rei, o mesmo podendo ser afirmado para o entablamento com cordão e faixa lisa seguida de cimalha (ver Fig. 499 e 502).

Em outra casa igualmente térrea, situada nos arrabaldes da capital lisboeta, nomeadamente na freguesia do Lumiar, a platibanda encontra-se inserida em fachada mais condizente com o seu uso (Fig. 522).

522. Vista de casa térrea na Rua do Alqueidão, freguesia do Lumiar, Lisboa. Portugal, 2014.

Não há regularidade estrita, mas os vãos e uma pilastra intermediária se posicionam de acordo com as subdivisões do paramento superior. A porta centralizada entre as duas janelas chega a definir um conjunto simétrico em um trecho da fachada. O desenho da platibanda apresenta os típicos intervalos e as

almofadas de retângulos com quinas arredondadas, bastante comuns tanto em Portugal como em São João del-Rei (ver Fig. 497, 509 e 520).

Parece-nos, mais uma vez, que a arquitetura portuguesa comparte características com o seu par brasileiro. Há importantes diferenças nas composições das fachadas, destacadamente no que respeita à altura dos pés-direitos, à proporção entre cheios e vazios e, ainda, à maior sobriedade do regime decorativo. Mesmo assim, mostram-se comuns motivos tais como a busca pela simetria, as subdivisões horizontais e verticais, o desenho dos vãos e, finalmente, os detalhes das platibandas. No caso de São João del-Rei, segundo nossas estimativas, tais características se manifestam de forma mais programática no final do século XIX. A circulação de modelos e informações desde a capital carioca parece inevitável, enquanto a relação com Portugal sugere a manutenção de vínculos, ainda que já não tão significativos como nos tempos passados.

5.3. Pestanas

Outro motivo que se sobressai no casario são-joanense, supostamente em torno do último quartel do Oitocentos, são as pestanas. Vimos anteriormente a sua manifestação em várias das casas com platibandas, já inseridas em fachadas relativamente modernas com tendência para a simetria, a regularidade na distribuição de vãos e as saliências de enquadramento. Identificam-se basicamente dois tipos, um em que as molduras se encontram completamente destacadas das respectivas vergas (ver Fig. 499 e 501) e outras em que são mantidos suportes laterais de ligação (ver Fig. 502 e 505).

De acordo com nossa amostra, o primeiro tipo é menos comum, na medida em que compõe vãos com cercaduras já construídas em massa. A falta de suporte sugere alvenaria de tijolos cozidos, a qual se presta para uma melhor fixação das molduras. Já vimos que tal suposição não é rígida, pois as pestanas isoladas podem estar aplicadas em fachadas de adobe (ver Fig. 501). Mesmo assim, estamos considerando a sua maior modernidade em relação aos pares com suportes laterais, pelo menos no que respeita à localidade de São João del-Rei.

Para o caso das pestanas conectadas com as respectivas vergas, dispomos de algumas edificações ainda com cercaduras de madeira e beirais. Os prolongamentos das ombreiras sugerem, inclusive, o uso dos esteios correspondentes como suportes de fixação. Tal técnica construtiva estaria associada a vedações como o adobe – como é muito comum no casario são-joanense da época – ou o pau-a-pique, ambos de uso anterior ao dos tijolos cozidos, mas que não deixaram de ser empregados até pelo menos o final do século XIX. Infelizmente não dispomos de dados precisos sobre as olarias outrora existentes na cidade.⁵⁹⁶ Cabe lembrar, entretanto, que a ferrovia chegou no ano de 1881, e as primeiras levas de imigrantes, principalmente italianos, a partir de 1888.⁵⁹⁷

Um primeiro exemplo encontra-se em casa térrea situada no Largo da Câmara (Fig. 523).

⁵⁹⁶ Há notícia de olaria fundada na localidade mineira de Mariana no ano de 1713; ver VASCONCELLOS, Sylvio. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais. *Topos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jul.-dez. 1999, p. 160. Aureliano Pimentel menciona, no ano de 1881, a existência de argila para olaria em diferentes lugares dos arredores de São João del-Rei. Ver PIMENTEL, Aureliano P. C. *Apontamentos sobre o município de S. João d'El Rei*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1881, p. 8.

⁵⁹⁷ TEIXEIRA, Mariana E. *Ser italiano em São João del-Rei (1888-1914)*. Dissertação (Mestrado em História). Juiz de Fora: UFJF, 2011, p. 43; a pouco tempo da chegada das primeiras famílias de imigrantes italianos a São João del-Rei em 1888, já havia notícias de funcionamento de olarias e, inclusive, da fabricação de tijolos (p. 55-59).

523, 524. Casa térrea e respectivo detalhe superior de vão ao Largo da Câmara. São João del-Rei, 2013.

Sua fachada apresenta traços de modernidade comuns ao último quartel do Oitocentos, a saber: definição de simetria na entrada centralizada; vãos predominando sobre os cheios, regularmente distribuídos e com cercadura de largura reduzida; e enquadramento com pilastras laterais, cimalha e barrado. O detalhe da parte superior das janelas mostra uma pestana reta relativamente discreta, com suportes laterais no prolongamento das ombreiras e um perfil pouco pronunciado (Fig. 524). Acima dela, uma típica moldura delimita um friso liso na parede e um retângulo nas pilastras, os quais sublinham finalmente a cimalha sob o beiral. Esta ainda conta com uma sequência de relevos – faixas côncavas, retas e abauladas para fora – que, mesmo lembrando a de vários de seus pares comentados no capítulo anterior, já apresenta pequenas variações diferenciais.

Uma fotografia antiga, feita supostamente por volta do ano de 1880, exhibe a fachada com um outro esquema de distribuição de vãos, o que leva a supor uma importante intervenção posterior (Fig. 525).

525. Vista do Largo da Câmara e detalhe de casa. Autor: desconhecido. Data: por volta do ano de 1880, segundo DANGELO *et al.* (2014), p. 51. Fonte: desconhecida.

526. Vista do Largo da Câmara e detalhe de casa. Autor: desconhecido. Data: anterior ao ano de 1914. Fonte: BRAGA (1913).

Já outra fotografia, publicada no ano de 1913, mostra a mesma envasadura da atualidade (Fig. 526). A falta de nitidez da imagem não permite observar os detalhes das molduras, mas podem-se perceber as pestanas e uma faixa escura abaixo do beiral. O fechamento das janelas, à época, era feito por guilhotinas, depois trocadas pelas atuais folhas abrindo à francesa.

A seguinte casa dotada de pestana também é térrea e encontra-se na subida para o Bonfim, na atual Rua João Salustiano (Fig. 527).

527, 528. Casa térrea e respectivo detalhe superior de vão na Rua João Salustiano. São João del-Rei, 2014.

A linguagem geral da fachada não varia muito em relação à casa anterior do Largo da Câmara, com seus vãos regularmente distribuídos e saliências nas laterais, base e topo. A largura da fachada e o desnível do

terreno talvez tenham motivado o agenciamento de um número par de vãos e a consequente ausência de marcação de simetria. Tem-se como novidade orifícios de ventilação do porão, existentes pelo menos desde o ano de 1960 segundo fotografia antiga, em que a casa aparece sem modificações aparentes.⁵⁹⁸ Foi agenciado um novo telhado, mas a fachada manteve-se intacta até a atualidade. O detalhe da parte de cima mostra um entablamento com molduras mais trabalhadas, já distantes da sequência típica de concavidade, lacrimal e peito de pomba (Fig. 528). Uma variação também é observada nos suportes da pestana, que tiveram seus contornos laterais abaulados para dentro e uma faixa de conexão no topo a ligar essas peças. Como resultado, delimitou-se uma figura lisa e com cantos arredondados em baixo relevo, a modo de uma almofada sobre a verga.

Um detalhe semelhante é encontrado nas pestanas de duas casas geminadas situadas na Rua das Mônicas (Fig. 529 e 530).

529, 530. Casas térreas e respectivo detalhe superior de vão na Rua da Mônicas (Rua Santa Teresa n. 100-106). São João del-Rei, 2014.

Neste caso, mantêm-se linhas retas nas laterais, mas a ideia de suporte se desvirtua bastante, na medida em que os contornos delimitam, no espaço entre a verga e a cimalha, um retângulo em baixo relevo com cantos arredondados. Esta figura típica já havia comparecido largamente em cunhais e platibandas da arquitetura luso-brasileira, em geral e nos pares são-joanenses em particular, o que dá respaldo para a sua replicação neste caso de almofada em massa. A fachada se destaca ainda pelas molduras de marcação, tanto nos cunhais e na pilastra intermediária que marca o eixo de simetria quanto na espécie de rodapé expressa no barrado inferior, no friso e, finalmente, na cimalha que arremata as telhas. A regularidade compositiva é reforçada ainda pelas portas posicionadas no centro de cada um dos dois trechos da fachada frontal.

Uma outra variação encontrava-se em casa, hoje inexistente, situada na mesma Rua das Mônicas (Fig. 531).

⁵⁹⁸ Ver: LFSV, código 0200.02374, disponível na internet.

531. Casa térrea, hoje inexistente, situada na Rua das Mônicas (Rua Santa Teresa n. 120). Data: desconhecida, posterior ao ano de 1955. Fonte: MR-SJDR.

A pestana exibía uma forma básica com cornija apoiada em suportes laterais. No entanto, figurava no interior do conjunto, solta no espaço de parede, uma almofada em alto relevo com os usuais cantos arredondados. Neste caso, aparecia na composição um elemento puramente decorativo, sem qualquer função estruturante. A fachada correspondente não fugia aos padrões que geralmente acompanham as pestanas, apesar da ausência de pilastras laterais e de marcação de simetria motivados em parte pela limitação do tamanho da frente do lote. Uma vez mais, nota-se a persistência das janelas com guilhotinas e escuros.

Nas proximidades destas duas últimas casas, na Rua Santo Elias, esquina com o Beco do Salto, aparece uma nova modalidade de pestana (Fig. 532 e 533).

532, 533. Casa térrea e respectivo detalhe superior da fachada na Rua Santo Elias, esquina com o Beco do Salto. São João del-Rei, 2014.

A cornija, desta vez, é mais pronunciada e contém um maior número de recortes. Entre ela e a verga, na cor da parede, se estende um retângulo discretamente ressaltado e, sobre este, estampa-se uma figura em

alto relevo com cantos arredondados e colchete reentrante. O único ponto de contato se faz com um bico na parte superior, sem no entanto sugerir a função de sustentação dos suportes laterais, aqui desaparecidos. Reforça-se, dessa forma, o regime puramente ornamental do conjunto. A cornija, que outrora teria servido para proteger as vergas contra águas de chuva, já não parece efetivamente exercer esta função, uma vez que o beiral projetado pela cimalha e inclusive a calha metálica já cumprem o papel. A fachada conta, nesta ocasião, com um barrado de pedra que se prolonga até os socos das portas. A base dos cunhais, também de pedra, dispõe daquela sequência típica encontrada em sobrados são-joanenses oitocentistas, com pedestal plano na altura do alicerce seguido de corpo liso, plinto e toro arrematado superiormente com pequena concavidade. O restante da fachada é todo construído em massa, incluindo o corpo dos cunhais dotado de retângulo rebaixado e friso central. No geral, a casa se apropria de motivos presentes no casario de um pleno século XIX, ao mesmo tempo que consolida e introduz novos elementos que incidem de forma diferenciada no regime ornamental da composição.

Na esteira de uma maior profusão decorativa, aparece uma outra configuração de conjunto com pestana na Rua do Comércio, antiga Rua do Curral (Fig. 534 e 535).

534, 535. Casa térrea e respectivo detalhe superior da fachada na Rua do Comércio (R. Marechal Deodoro n. 242). São João del-Rei, 2013.

A versão conta novamente com apoios laterais no prolongamento das ombreiras e interior liso. A cornija, por sua vez, se sobressai acima de cada uma das mesmas peças de sustentação, formando projeções que remetem a capitéis de pilastras. Sobre o conjunto, destaca-se um estuque decorativo com concha central, volutas e desenhos fitomórficos simétricos. Tais ornatos adicionais só haviam comparecido no grande sobrado do Rocio e nas janelas rasgadas centrais de outros dois sobrados são-joanenses coetâneos (ver Fig. 363, 391 e 393). Sua linguagem coincide com a do capitel que coroa os dois cunhais, os quais exibem no entanto motivo floral no lugar de concha. Os fustes com estrias a modo de caneluras são de concepção

relativamente moderna, como já tivemos a oportunidade de notar em outras duas edificações (ver Fig. 373 e 505). A moldura acima do capitel encontra-se mutilada e a cimalha que arremata as telhas sofreu uma tosca intervenção. O topo da fachada pode ser observado em uma fotografia antiga de meados do século XX, apesar da forte sombra projetada (Fig. 536).

536. Casa térrea da Rua do Comércio (R. Marechal Deodoro n. 242), São João del-Rei. Data: desconhecida, supostamente meados do século XX. Fonte: MR-SJDR.

Confirma-se, assim, a anterior presença da típica moldura a conectar os cunhais e a delimitar um friso. A imagem não permite ver em detalhe a cimalha, mas presume-se um perfil próximo ao de seus pares supostamente coevos. Chama a atenção, finalmente, a manutenção das folhas de guilhotina com grandes panos de vidro, mas ainda sem trechos de venezianas.

Um último exemplo de pestana de São João del-Rei encontra-se inserido em edificação com platibanda situada na Rua do Rosário (Fig. 537 e 538).

537, 538, 539. Casa térrea e respectivos detalhes da fachada na Rua do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 35). São João del-Rei, 2013, 2013, 2011.

A novidade consiste nos suportes laterais, que não mais se configuram como retângulos chapados nas paredes. São agenciadas peças ornamentais pronunciadas, neste caso com um desenho peculiar sem definição clara de figuras, que lembra aqueles capitéis do casario são-joanense do capítulo anterior (ver Fig. 328 e 378). Na janela direita da fachada principal, próximo ao cunhal, estes consoles aparecem estranhamente fora do prolongamento das ombreiras. Isso sugere uma intervenção, suposição respaldada pela diferença no sistema de fechamento em guilhotinas. Nos outros vãos, incluindo a porta lateral, os conjuntos das pestanas encontram-se em seus devidos lugares (Fig. 539). Note-se que o perfil das cornijas retoma a sequência de concavidade seguida de peito de pomba e topo reto, típica das sobrevergas igualmente retas e mais antigas.

Os detalhes do cunhal e do entablamento seguem no geral os padrões de seus pares supostamente coevos. O pequeno capitel com volutas laterais e franja intermediária é praticamente idêntico ao encontrado na casa com balcões e arcos plenos situada na Rua Direita (ver Fig. 477). Aqui na Rua do Rosário, o cunhal apresenta base relativamente simples e corpo liso, mas conta com um ornato adicional no retângulo que se posiciona na altura do friso. Este ornato se repete a meio caminho da fachada, no alinhamento com o segmento de pilastra da platibanda acima. Curiosamente, este eixo não corresponde com o intervalo central dos quatro vãos, como era de se esperar. A princípio, supúnhamos uma intervenção superficial sobre antiga fachada com envasadura existente, mas a alvenaria é toda construída com modernos tijolos cozidos (Fig. 540).

540. Casa térrea em remodelação na Rua do Rosário (Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 35). São João del-Rei, 2013.

Há de se considerar que a porta é construída junto à parede de divisa, devido ao acesso a um corredor lateral interno. O ritmo de vãos definido a partir desta referência ocasionou uma organização que não coincide com o centro de simetria da fachada, que ficou expresso nos sutis detalhes do friso e da platibanda. Em todo caso, a edificação já se apresenta com um moderno agenciamento decorativo que a situa em um momento avançado do século XIX ou até mesmo no início do século XX.

Vejamos agora algumas referências formais e cronológicas para melhor situar as pestanas. As fontes iconográficas contribuem novamente para o estudo do casario imperial. Há algumas representações com indícios de pestanas em época bastante anterior ao momento em que se tornam de uso mais comum. Mais uma vez, destaca-se o contexto carioca das primeiras décadas do século XIX. Na cena do Largo da Carioca, aquarelada por Ender entre os anos de 1817 e 1818, aparece retratada uma moderna casa nobre (Fig. 541).

541. Vista geral e detalhe de edificação no Largo da Carioca, Rio de Janeiro. Autor: Thomas Ender. Ano: 1817-1818. Fonte: FERREZ (1976a), p. 121.

542. Vista geral e detalhe de edificação na Rua do Valongo, Rio de Janeiro. Autor: Thomas Ender. Ano: 1817-1818. Fonte: FERREZ (1976a), p. 79.

Sua aparência não corresponde ao início do século XVII, como indicado por Gilberto Ferrez na respectiva legenda.⁵⁹⁹ Como vimos anteriormente, o uso dos arcos abatidos remonta pelo menos a meados do século XVIII. Outros traços de relativa modernidade são o alinhamento, ritmo e proximidade entre os vãos e o arremate superior da fachada com cordão a delimitar friso liso seguido de cimalha pronunciada. As cornijas acima das vergas parecem estar soltas na parede e sugerem pestanas. Mas pode tratar-se de sobrevergas alteadas, modelo comum na arquitetura luso-brasileira que aqui poderia estar dotado de trecho inferior isento de pintura e o superior mais pronunciado e pintado na cor da cercadura.⁶⁰⁰ Em todo caso, a conjugação de pronunciadas sobrevergas com o entablamento característico corresponde ao esquema encontrado em várias casas de São João del-Rei, principalmente nos sobrados aludidos no capítulo anterior. Se forem pestanas, cabe fazer as ressalvas dos apoios laterais das cornijas e das vergas retas, que predominam nos casos são-joanenses.

Em outra aquarela de Ender da mesma época, sugere-se novamente a existência de pestanas de arco pleno no casario mais comum da Rua do Valongo (Fig. 542). Os traços rápidos e esquemáticos, entretanto, causam a mesma dúvida a respeito de possíveis sobrevergas diferenciadas com desníveis e cores. O acabamento do beiral sugere cimalha e, talvez, a mesma sequência de cordão e friso encontrada na casa abastada do Largo da Carioca.

A pestana também encontra-se representada em algumas cenas do Rio de Janeiro retratadas por

⁵⁹⁹ FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles, 1976a, p. 121.

⁶⁰⁰ Para um desenho deste tipo de sobreverga escalonada e de arco abatido, no exemplo de São Paulo, ver REIS FILHO (2004), *op. cit.*, p. 105. Para o exemplo dos fundos da Academia Militar no Rio de Janeiro, ver Figura 280. Para dois exemplos em sobrados do Alentejo português, ver Figuras 291 e 292.

Debret na década de 1820.⁶⁰¹ Em uma delas, observa-se com clareza o espaço de parede entre a cercadura do vão e a cornija (Fig. 543).

543. Cena urbana e detalhe de sobreverga, Rio de Janeiro. Autor: Jean-Baptiste Debret. Ano: 1826. Fonte: BANDEIRA e LAGO (2008), p. 256.

As pestanas têm arco simples, sem abas horizontais, ao contrário das vergas em ‘canga de boi’. Seria esta uma tentativa de intervenção modernizadora, com o agenciamento de um novo ornato na fachada? Em todo caso, a manifestação precursora das supostas pestanas curvas não parece se disseminar amplamente no casario carioca, segundo nossa modesta amostra. Veremos adiante que os pares são-joanenses estabelecem maiores relações com a arquitetura produzida mais tarde, a partir de meados do século XIX.

Outro aspecto que dificulta a aproximação às pestanas é a carência de sua abordagem nos estudos por nós consultados. Sem precisar datas, mas referindo-se à segunda metade do Oitocentos, Sylvio de Vasconcellos chama a atenção para a transformação dos vãos, que se tornam mais estreitos e compridos, além de se cobrirem por vergas retas ou em arco pleno (Fig. 544).

⁶⁰¹ Além da cena aqui ilustrada, a pestana aparece sugerida em duas outras edificações retratadas por Debret nos anos de 1822 e 1826; ver BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. *Debret e o Brasil: obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008, p. 151, 230.

544. Desenho de vão com arco pleno e pestana tracejada. Fonte: VASCONCELLOS (1956), p. 298.

545. Desenhos de vãos com tipos de pestanas isolada e lateralmente apoiada. Fonte: ALCÂNTARA (c. 1986), v. 1, p. 139.

Neste contexto, o autor menciona o agenciamento das cornijas desligadas de suas vergas, a sugerir a maior altura dos vãos.⁶⁰² Cabe ressaltar no desenho apresentado a concomitância dos dois tipos de vergas e a versão de pestana solta da envasadura, sem elementos de apoio.

Os dois tipos de pestana aqui considerados aparecem em outro desenho presente no trabalho de Dora Alcântara (Fig. 545). Supomos que as datas respectivas correspondem a exemplos de edificações dotadas dessas cornijas em suas fachadas. A referência geral novamente se circunscreve à segunda metade do século XIX, mas chama a atenção a precocidade do ano de 1851 para a modalidade isolada. Não conhecemos a edificação correspondente e se ela ainda existe na atualidade. O par de vãos sugere ainda a maior modernidade da pestana com apoios laterais, em consonância com as antigas pestanas destacadas das vergas esboçadas nas aquarelas de Ender e Debret. Tal ordenação cronológica, entretanto, não coincide com o estudo de nossa amostra são-joanense, o qual apresenta indícios de uma maior antiguidade para os mesmos casos ainda ligados às vergas. Em todo caso, fica difícil pelo momento tirar maiores conclusões, devido à carência de material datado e ao número limitado de edificações contidas em nossas amostras de casario luso-brasileiro.

Em antigas gravuras e fotografias de casas urbanas correntes tanto do Rio de Janeiro como de São Paulo, feitas aproximadamente na década de 1860, não aparecem com clareza as pestanas nas fachadas. Mesmo em composições modernas com saliências diversas e platibandas, as cornijas sobre os vãos, sejam

⁶⁰² VASCONCELLOS, Sylvio. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977, p. 199.

eles retos ou com arcos plenos, mantêm-se sempre restritas ou adossadas às cercaduras.⁶⁰³

Os primeiros registros que aparecem em nossa amostra correspondem a casas de caráter mais abastado e suburbano, a começar por aquelas localizadas na aristocrática cidade de Petrópolis. Um desenho do ano de 1856 mostra a moderna residência do Barão de Mauá (Fig. 546).

546. Casa do Barão de Mauá, Petrópolis. Autor: Otto Reimarus (assinatura). Ano: 1854. Fonte: FERREZ (1955), p. 91.

Destaca-se na composição arquitetônica os ritmos regulares de pilastras, vãos e respectivas gateiras, o coroamento com conjunto de cimalha e platibanda, além da entrada principal diferenciada no eixo de simetria. Os traços levam a crer na presença de pestanas sobre os vãos retos, com apoios laterais nos prolongamentos das ombreiras e delimitação de área lisa entre a verga e a cornija. Apesar da difícil visualização dos detalhes, supomos ainda a existência de fechamento das janelas com grandes panos de vidro, cuja organização sugere aberturas à francesa.

Ainda na localidade petropolitana, destacava-se uma outra casa térrea retratada no ano de 1860 (Fig. 547).

⁶⁰³ Ver litografias de Pieter Bertichem em BERTICHEM, Pieter G. *O Rio de Janeiro e seus arrabaldes - 1856*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1976; fotografias de Militão de Azevedo em TOLEDO (1981), *op. cit.*, FONTES (1982) *op. cit.* e IMS, Rua Santa Casa – atual Rua Riachuelo, 1862, código 007A5P4F07-12; e fotografias antigas do Rio de Janeiro em: SANSON, Maria L. D. *et al. O Rio de Janeiro do fotógrafo Leuzinger: 1860-1870*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998, p. 51, 55, 57-59; LAGO, Bia C. *Augusto Stahl: obra completa em Pernambuco e Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001, p. 141; e VASQUEZ, Pedro K. *Revert Henrique Klumb: um alemão na corte imperial brasileira*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001, p. 46-47. Uma exceção neste contexto pode ser talvez considerada nas pestanas em arco abatido da edificação ao lado da Igreja de São Francisco de Paula no Rio de Janeiro, a qual contava, no entanto, com uso comercial e uma elaborada fachada tripartida com frontão que remetia a uma tipologia institucional; ver fotografia de c. 1865 em: FERREZ (1984), *op. cit.* p. 140 ou SANSON (1998), *op. cit.*, p. 56.

547. Vista geral e respectivo detalhe de casa, Petrópolis. Autor: Augusto Stahl. Ano: 1860. Fonte: IMS.

Suas fachadas seguiam o mesmo esquema de vãos retos intercalados por pilastras de capitéis jônicos e de embasamento com gateiras alinhadas. Mas aqui apresentava-se uma maior ancoragem a motivos tradicionais, tais como os beirais e as janelas de guilhotina, que no entanto contavam com bandeiras desenhadas em forma de flor. O alinhamento com a testada também permanecia, mas era agenciada uma entrada lateral que permitia observar um dos vãos da respectiva fachada. É nesta janela que aparece uma pestana, bastante afastada da verga e aparentemente sem qualquer apoio. Apesar de sua diferença em relação aos pares são-joanenses, resulta útil notar a sua manifestação à época e as características da edificação que a albergava.

Também em São Paulo foi retratada, por Militão no ano de 1862, uma pestana inserida em chácara suburbana (Fig. 548).

548. Chácara de Camilo Peixoto no caminho da Luz, São Paulo. Autor: Militão de Azevedo. Ano: 1862. Fonte: REIS FILHO (2004), p. 134.

Uma antiga construção de taipa teria recebido uma moderna vestimenta neoclássica à época.⁶⁰⁴ Na ocasião, teria sido aplicado o ornato em questão na fachada lateral, a coroar uma porta diferenciada com verga de arco abatido no eixo de simetria. Os contornos mostram uma cornija retilínea e sugerem apoios na forma de modilhões. Esse motivo de inspiração neorrenascentista será bastante comum a partir desses anos. As mísulas com volutas invertidas não aparecem explicitamente em nossa amostra de São João del-Rei, mas supomos que tenham servido de referência para a composição geral das pestanas e quiçá para modelos de desenho peculiar (ver Fig. 539).

Chegamos então à cidade do Rio de Janeiro, referência fundamental para a circulação da cultura arquitetônica da época. O uso da pestana leva-nos ao suntuoso Palácio do Catete, antiga residência do Barão de Nova Friburgo, construído entre os anos de 1862 e 1864, de composição comprometida com o renascimento italiano.⁶⁰⁵ O edifício possivelmente serviu de modelo para outro, um palacete situado no mesmo bairro do Catete, cujo desenho em perspectiva apareceu publicado no ano de 1866 (Fig. 549).

549. Gravura de casa abastada situada na Rua Silveira Martins, Catete, Rio de Janeiro. Autor: desconhecido. Ano: 1866. Fonte: *Revista dos Constructores* n. 4, maio de 1866, p. 55 in RAMALHO (1989), Figura 31.

Para efeitos de comparação com os pares são-joanenses mais simples e menos abastados, notam-se motivos como as linhas de partição tanto horizontal como vertical da fachada, com a presença de colunas jônicas de corpo estriado incluindo os cunhais; a elevação do piso térreo com gateiras; e a manutenção do alinhamento com a testada do lote, em contraste com o agenciamento de entradas laterais. Cabe destacar, no entanto, as pestanas no andar superior, em especial aquelas situadas no trecho central da fachada. Elas se configuram, aparentemente, com mísulas laterais de apoio e cornija reta, desenhando-se no espaço de parede remanescente uma almofada retangular. O vão respectivo conta ainda com um moderno balcão entalado, bandeira fixa e grandes panos de vidro abrindo à francesa.

⁶⁰⁴ LEMOS (1989a), *op. cit.*, p. 104.

⁶⁰⁵ Para informações sobre o Palácio do Catete, ver SANTOS (1981), *op. cit.*, p. 64; CZAJKOWSKI, Jorge. (org.). *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000b, p. 94.

Alguns anos mais tarde, já na década de 1870, as pestanas encontravam-se inseridas no casario mais comum da capital carioca. Tal é o caso do sobrado de três pavimentos remanescente na Rua do Catete, com cartela a indicar o ano de 1873 (Fig. 550).

550, 551. Vista geral e detalhe de vão superior de sobrado na Rua do Catete n. 130. Rio de Janeiro, 2013.

O andar térreo foi bastante modificado com uma grande abertura comercial, mas ainda se distinguem as pilastras laterais com bossagem. As superfícies lisas da platibanda também indicam uma possível intervenção. Mesmo assim, a fachada apresenta-se relativamente conservada em seu aspecto geral. Chamam a atenção os vãos retos encimados por elaboradas pestanas com os típicos modilhões de apoio e cornija superior (Fig. 551). Adicionalmente, o elemento se rebate abaixo do balcão, incrementando assim o regime decorativo. Comparecem novamente as esquadrias com bandeira fixa e as grandes peças de vidro retangular, aqui arredondadas em suas quinas. Note-se ainda aquele tipo de grade de balcão com bastões paralelos e peças cruzadas nas faixas inferior e superior, comuns na arquitetura urbana carioca praticada entre as décadas de 1850 e 1870.

Alguns desenhos de pestanas do Rio de Janeiro inseridos em construções da mesma época são apresentados ainda por José W. Rodrigues. A primeira delas, adossada em edificação datada do ano de 1878, conta com um ornato provavelmente estucado no espaço entre a cimalha e a verga (Fig. 552).

552, 553, 554. Desenhos de pestanas sobre vãos retos, Rio de Janeiro: casa datada de 1878 na Av. Presidente Vargas n. 863; casa datada de 1879 na Rua Bambina n. 16; moldura singela de casas dos últimos anos do século XIX. Fonte: RODRIGUES (1979), p. 223.

O padrão com concha central e volutas laterais se assemelha bastante ao de seu par de São João del-Rei situado na Rua do Comércio (ver Fig. 535). Os apoios laterais do caso carioca, por sua vez, não apresentam os usuais modilhões, senão uma variação com folhas de acanto. Este tipo de desenho talvez tenha servido de referência para os pares que sustentam a cimalha da casa são-joanense situada na Rua do Rosário, a qual exhibe semelhantes acabamentos inferiores com pontas sobre as vergas (ver Fig. 539).

O outro caso de pestana do Rio de Janeiro, datado de 1879, é coroado por um rebuscado ornato de padrão semelhante (Fig. 553). Sua posição reforça o regime decorativo da fachada, de forma análoga ao mesmo par são-joanense da Rua do Comércio (ver Fig. 535). No caso carioca, no entanto, os apoios se configuram com os usuais modilhões. Também neste padrão são as peças de sustentação da cornija do último desenho aqui ilustrado (Fig. 554). Trata-se, neste caso, de moldura mais singela, sem ornatos adicionais, comum em outras edificações coetâneas da capital.

Verifica-se que as pestanas do Rio de Janeiro se apresentam, no geral, com formas mais rebuscadas, com destaque para as mísulas decoradas. Vimos só haver um exemplo deste tipo em São João del-Rei, onde os apoios são geralmente simplificados em simples trechos lisos no prolongamento das ombreiras. Entretanto, percebe-se nos pares são-joanenses uma maior variedade de acabamentos no trecho entre as cornijas e as vergas, com destaque para os relevos de estuque com contornos geométricos. Sendo assim, mesmo que os exemplos cariocas sirvam de importantes referências formais e cronológicas, eles se distanciam dos casos são-joanenses em alguns aspectos.

Vejamos como as cornijas destacadas de seus respectivos vãos se apresentam no casario urbano de Portugal. No norte do país, constam em nossa amostra casos em sua maioria retos e inseridos em cercaduras de pedra sobre paredes claras. Alguns deles pairam sobre as vergas sem elementos de ligação, mas interessa-nos ilustrar aqueles dispostos com apoios laterais. Em duas edificações contíguas de

Guimarães, encontramos dois tipos de pestana em janelas rasgadas (Fig. 555 e 556).

555, 556. Vista das fachadas e detalhe de vãos superiores de sobrados em Guimarães, Portugal, 2014.

Elas arrematam os vãos alinhados que se encontram conectados entre si. A configuração das fachadas em que se inserem não nos permite tecer maiores considerações cronológicas. Ainda que o aspecto geral indique o Oitocentos, os antigos desenhos de ambas as grades metálicas causa-nos certa confusão. Em todo caso, uma das pestanas tem formas simples, sem cornija, apresentando, no entanto, relevos que diferenciam as peças de sustentação e a barra superior. Esse resumo de traços remete aos pares são-joanenses, principalmente no que respeita aos apoios laterais e à ausência de ornatos em estuque (ver Fig. 502 e 524). Mas em São João del-Rei o material usado é quase sempre a madeira ou a massa, estando a cornija frequentemente pronunciada.

O vão vimaranense do sobrado ao lado é um pouco mais decorado, aspecto respaldado pelas grades de contornos curvos e as bandeiras de pinázios arqueados. A própria verga já conta com topo boleado. Nela se apoiam, sempre no prolongamento das ombreiras, segmentos bastante curtos, quiçá pressionados pela reduzida distância até a cimalha que sustenta o beiral. Esta é quase tocada pela pestana, que aqui exhibe uma cornija bastante pronunciada e com arremate reto no topo. Em sua porção inferior, o peito de pomba conta ainda com um relevo a definir uma espécie de capitel sobre cada apoio lateral. Os

pares são-joanenses são, no geral, mais leves e apresentam menos detalhes. Aquele da Praça da Câmara é o que mais se aproxima no aspecto geral (ver Fig. 502), enquanto o da Rua do Comércio também apresenta relevos laterais na cornija (ver Fig. 535).

Em Angra do Heroísmo, destaca-se um sobrado já com platibanda e detalhes construídos em pedra (Fig. 557 e 558).

557, 558. Vista da fachada e detalhe de vão superior de sobrado em Angra do Heroísmo. Açores, Portugal, 2014.

Uma inscrição na grade do balcão indica o ano de construção de 1867, condizente no geral com as características da fachada. Chama a atenção a presença de platibanda e a estreiteza das cercaduras dos vãos, de acordo com as tendências arquitetônicas ao longo do século XIX. As pestanas já apresentam modilhões como apoios, além de cornijas ressaltadas nas respectivas laterais. Supõe-se, dessa forma, uma maior modernidade em relação às outras pestanas de Guimarães, as quais possuem suportes lisos e encontram-se inseridas em vãos de molduras mais largas. Cabe notar ainda, no caso açoriano, as bandeiras fixas e os grandes panos de vidro quadrado.

Mais ao sul do território português continental, nomeadamente no Alentejo, já vimos serem comuns os acabamentos construídos em massa. Há um significativo número de pestanas inseridas em fachadas remetidas a um pleno século XIX, ainda com beirais em cimalha e balcões com fitas de ferro forjado. Um exemplo pode ser encontrado em um sobrado de Évora, com seu cunhal destacado e vãos alinhados (Fig. 559 e 560).

559, 560. Vista da fachada e respectivo detalhe do alto de um vão de sobrado em Évora. Portugal, 2014.

Nesse caso, os motivos classicistas se apresentam com maior evidência nos tríglifos que servem de apoio, nas trabalhadas cornijas e, finalmente, no preenchimento do espaço remanescente com uma almofada formada pelo típico retângulo de cantos arredondados. O esquema se assemelha com alguns dos pares são-joanenses (ver, por exemplo, Fig. 531), embora no Alentejo os ornatos sejam mais sofisticados e mais próximos da linguagem neoclássica. Em São João del-Rei, entretanto, vimos variações peculiares que aguardam por outras referências que permitam traçar paralelos e identificar possíveis fontes de inspiração.

O estudo de pestanas de Portugal contribui significativamente, em nosso ponto de vista, para a compreensão de seus pares de São João del-Rei. Até então, havia sido difícil encontrar maiores relações formais a partir dos exemplos do contexto brasileiro, com destaque para São Paulo e, principalmente, o Rio de Janeiro. A relação entre os motivos são-joanenses e portugueses sugere a circulação da cultura arquitetônica entre os dois âmbitos até um avançado século XIX. Tal hipótese encontra-se respaldada pela herança lusa presente no Brasil e pela manutenção dos fluxos migratórios entre os dois países, já apontados na introdução deste trabalho.

O estudo dos motivos arquitetônicos abordados no presente capítulo – arcos plenos, platibandas e pestanas – serviu de pretexto para visualizar as tendências arquitetônicas do casario são-joanense nas últimas décadas do Oitocentos. A falta de referências cronológicas foi parcialmente compensada pelos poucos estudos disponíveis e por edificações retratadas ou remanescentes de outros contextos. Estes contribuíram para melhor situar a produção arquitetônica em questão, mas ficaram dúvidas sobre a sequência de introdução dos motivos considerados. Em um primeiro instante, as pestanas pareciam manifestar-se em uma época posterior à dos arcos plenos e platibandas, os quais apresentaram uma cronologia bastante próxima. Mas houve indícios importantes de sua manifestação em meados do século

XIX tanto no Brasil como em Portugal. Sendo assim, optamos por não arriscar uma ordem temporal entre os três motivos abordados neste capítulo. Parece-nos mais prudente, pelo momento, aceitar a sua coparticipação na arquitetura do casario são-joanense produzida ao longo do último quartel do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos ter atendido ao objetivo geral da pesquisa, definido na caracterização do casario imperial de São João del-Rei. Durante a empreitada, observamos uma notável transformação da arquitetura ao longo do tempo, a qual se expressou tanto na diversidade compositiva como nas intervenções periódicas demandadas pelas necessidades de manutenção e reforma. Tal movimento se viu respaldado pela relativa antiguidade do casario e pela pujança econômica do núcleo urbano durante o século XIX. O reconhecimento da dinâmica das obras arquitetônicas leva-nos inclusive a questionar a concepção de estados originais de um suposto momento primeiro de construção, no sentido tanto da impossibilidade de identificar este estado, como da pertinência em elegê-lo como o momento prevalecente. No entanto, foram percebidas importantes nuances na leitura dessas transformações. Com o apoio de diversas fontes e referências, tornou-se viável ensaiar sequências e relacioná-las com períodos históricos. Nesse ínterim, edificações foram agrupadas de acordo com suas características comuns. Logramos com isso organizar a amostra de acordo com as incidências e variações formais e tipológicas.

No geral, parece mais complicada a tarefa quanto mais se afasta no tempo. Só pudemos formar uma ideia bastante vaga da tipologia do casario setecentista são-joanense, dadas as citadas modificações e o reduzido acervo remanescente. Assim mesmo, os motivos identificados e sua condição predecessora serviram de precedente e de contraste para o objeto principal da pesquisa, que se apropriou paulatinamente dos motivos classicistas em voga. Notou-se, entretanto, uma persistência dos preceitos coloniais no século XIX, de resto baseados em princípios que não perderam validade e que, finalmente, concorreram para a peculiaridade da arquitetura imperial.

O casario das primeiras décadas do Oitocentos manteve vínculos mais estreitos com a tipologia setecentista. Um arcabouço tradicional foi gradual e discretamente recebendo molduras de orientação classicista, com ênfase para os cunhais, frisos e sobrevergas, os quais já esboçavam, em seu conjunto, uma manifestação sistêmica. Nessa época, as fachadas já se apresentavam com bastante regularidade na distribuição e no alinhamento dos vãos. Destacaram-se um grupo de sobrados mais sofisticados, já providos de balcões com guardas metálicas, quiçá enquadrados em um momento cronológico posterior. Detalhes relativamente sóbrios, muitos em cantaria, puderam ser observados nos cunhais e nas sacadas. Notamos, todavia, a persistência de elementos tradicionais, tais como as beiras-seveiras nos arremates das fachadas com os telhados.

No segundo quartel do século XIX, os motivos de orientação classicista, antes precursores, tenderam a se consolidar. A regularidade das fachadas se acentuou e apareceram indícios mais evidentes de simetria e de segmentação, tanto horizontal como vertical. O uso da cimalha no lugar da beira-seveira tornou-se predominante e fez-se presente um maior rebuscamento dos relevos tanto em massa como em cantaria, com destaque para os cunhais e capitéis. As grades das sacadas também passaram a apresentar padrões mais intrincados e a receber pequenas peças de ferro fundido. Foram agenciadas, ainda, bandeiras

fixas com raios concêntricos e segmentos de arcos entrecruzados no alto das janelas rasgadas. Em todo caso, a linguagem formal ainda era relativamente sóbria, com a prevalecimento de linhas e figuras geométricas. Em casas menos abastadas, a apropriação de motivos foi mais dispersa e simplificada, apesar de ser notada a matriz neoclássica.

No terceiro quartel do Oitocentos, o sistema classicista já se encontrava bastante estabelecido. A marcação de simetria e o uso de balcões corridos tornaram-se mais comuns. Os vãos, cada vez mais regularmente dispostos e aproximados, apresentavam cercaduras mais estreitas, ainda construídas em madeira. Percebemos uma mais acentuada profusão de motivos apostos às fachadas e o grau de rebuscamento ornamental foi incrementado. A maior sofisticação pôde ser observada em detalhes como o das grades metálicas, com peças de ferro fundido mescladas com bastões e fitas retas e recurvadas, e o das bandeiras fixas, com novos desenhos florais e painéis segmentados. Os variados estuques ganharam destaque, com seus motivos fitomórficos, florais ou em rocalha a decorar os cunhais, frisos e, ocasionalmente, o alto dos vãos. Os capitéis insólitos tornaram-se mais frequentes, combinando elementos clássicos com outros supostamente autóctones, para formar composições peculiares. A diversidade dessas manifestações sugeriu uma produção artesanal, criativa e quiçá baseada em uma ampla gama de modelos. Apesar da resistência do arco abatido, as vergas retas passaram a configurar novamente os vãos. As cimalthas tornaram-se predominantes, mas as beiras-seveiras continuaram a se manifestar. Ainda que a apropriação de preceitos neoclassicistas tenha sido mais evidente, seguia sendo bastante perceptível a presença de estilemas tradicionais remetidos ao período colonial.

Chegamos, então, ao último quartel do século XIX, quando foram sentidos de forma mais evidente os sintomas do declínio econômico, apesar da chegada da ferrovia. Outras tendências formais e estilísticas puderam ser observadas no casario de São João del-Rei, com vários movimentos acontecendo concomitantemente. Os cânones e elementos neoclassicistas foram reforçados e passaram a se manifestar com uma maior formalidade, se comparados com as peculiares recriações dos períodos anteriores. Ao mesmo tempo, acentuou-se a expansão do regime ornamental nas fachadas, as quais passaram a abrigar novos estilemas em seus diferentes setores. Esse quadro de transformações se traduziu em uma maior variabilidade compositiva, que se encontrou respaldada por uma combinação mais livre de elementos, em consonância com a maior difusão do Ecletismo. Nesse ínterim, as platibandas foram substituindo paulatinamente os beirais, as sobrevergas se desprenderam em pestanas e os arcos abatidos finalmente cederam lugar ao arco pleno e às vergas retas. Importantes motivos arquitetônicos que caracterizavam o casario imperial caíram em desuso, o que implicou novos rumos formais e tipológicos.

Tais noções de periodização visam tão somente a pautar as características dessa arquitetura. De fato, a pesquisa indicou a ausência de balizas tanto temporais como formais estanques. A manifestação de motivos jamais ocorre de modo linear, havendo, pelo contrário, uma marcada dinâmica. Intuímos que os estilemas podem se insinuar, se adiantar e se atrasar no tempo, desaparecer e até mesmo retornar. Nesse ínterim, ocorrem importantes transformações de forma e inserção compositiva. Soma-se aqui a escassez de

referências cronológicas locais, que contribuem para dificultar o enquadramento tipológico e o sequenciamento dos elementos e das edificações.

Nossa leitura pretende levar em conta tais fenômenos, mas, como toda tentativa de classificação, seguramente corre o risco de esquematizar e simplificar a complexidade das relações. Cabe, assim, assumir as parcialidades dos agrupamentos, aceitando os casos que não se encaixam em categorias estabelecidas e evitando as atribuições demasiado pontuais e rígidas. Na identificação e enquadramento de motivos e estruturas arquitetônicas, as referências – dados, edifícios, acontecimentos – atuam quase sempre como fatores indicativos ou sugestivos, raramente como marcos definidores. Nesse sentido, faz-se necessário tanto particularizar cada situação como manter uma visão abrangente da amostra, aceitando tanto os exemplos típicos como aqueles dissonantes e transitivos. De forma geral, torna-se imperativo respeitar as contingências artísticas e históricas das obras em sua individualidade, em seu conjunto e no contexto em que se inserem.

O que dissemos acima pode ser afirmado, também, em termos cronológicos, na medida em que é demandado um manejo igualmente flexível e situacional. Referimo-nos não só ao recorte da pesquisa, mas às associações entre momentos temporais – datas, períodos, épocas – e características arquitetônicas. Uma atitude razoável é manter uma semelhante visão ao mesmo tempo geral e particular, levando em consideração tanto a inércia das mudanças formais como as limitações impostas pela retrospectiva histórica. A ‘referência’ se destaca, uma vez mais, como termo que subentende um conceito capaz de indicar contextos, sugerir elementos e derivar interpretações.

A relatividade das balizas temporais e formais deve ser observada, ademais, nas questões estilísticas. O percurso do casario oitocentista de São João del-Rei mostra um paulatino desligamento do século XVIII e um gradual uso de motivos ligados ao Ecletismo, com ênfase para aqueles de orientação neoclássica. Pareceu-nos pouco perceptível a presença de correntes à parte do Neoclassicismo, salvo os estilemas góticos e renascentistas observados já nos últimos anos do século XIX. Nesse sentido, também ficou sugerida uma circulação muito restrita de material impresso tais como tratados, manuais e gravuras, ficando mais bem insinuada uma apropriação informal, quiçá baseada na observação de construções existentes e em conversas “de ouvido”. Em todo caso, a arquitetura dos dois quartéis intermediários do Oitocentos resiste às usuais denominações de ‘colonial’ e ‘ecletico’, devido precisamente à sua situação de trânsito entre essas duas noções. Cabe ressaltar que a categoria ‘imperial’ não se encaixa plenamente nesse período transitório, ainda que se apresente como uma alternativa aproximada de partição.

De fato, consideramos a classificação estilística um tema de importância secundária, mesmo aceitando a sua função em determinados contextos. Importa mais, desde nosso ponto de vista, reconhecer os movimentos e a diversidade da arquitetura. Vimos que o casario imperial de São João del-Rei foi gradualmente se apropriando das tendências classicistas em voga. Nesse ínterim, motivos coloniais e neoclássicos conviveram, seja combinando-se em fachadas comuns, seja misturando-se e constituindo novos elementos. Esses fenômenos de justa e superposição formaram composições em grande medida híbridas, portanto sem correspondência clara com as categorias usualmente praticadas. A presença

concomitante de estilemas pareceu confundir as abordagens, que, ao evitarem o problema e simplificarem as classificações, terminaram por gerar lacunas na historiografia.

As ocorrências históricas também são usualmente tomadas como balizas, sendo, no caso, o próprio período imperial pautado em uma definição política. Nossa pesquisa sugere, entretanto, a existência de relações tênues com a produção arquitetônica. Não há como negar o impacto causado por eventos massivos como a imigração da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro, acompanhada da abertura dos portos no ano de 1808, e a chegada da ferrovia a São João del-Rei em 1881, os quais serviram de referências para o nosso recorte cronológico. Acreditamos que seus efeitos na cultura material sejam relevantes e perceptíveis. No entanto, as repercussões não parecem ser nem imediatas e nem diretas, devido, entre outros fatores, à resistência do meio preexistente. Fica sugerida uma inércia temporal na acomodação dos fenômenos e na apropriação da arquitetura, tanto mais se consideramos o contexto do casario são-joanense. Nesse sentido, cabe matizar as balizas históricas.

Também ficou patente em nossa pesquisa o vínculo regional da produção arquitetônica. Apesar de ficarmos circunscritos a São João del-Rei, tivemos a oportunidade de comparar outros casarios, com ênfase para os do Rio de Janeiro e de Portugal. Foram observados, nesses paralelos, dois movimentos contraditórios: por um lado, estabeleceram-se vários pontos comuns e potenciais correspondências tipológicas; por outro lado, as relações raramente se apresentavam de forma direta, sendo raros os casos de coincidência plena. Certos preceitos de composição (*e. g.* alinhamento de vãos, simetria) e o uso de elementos (*e. g.* arcos abatidos, cimbalhas) expressaram analogia, mas também houve visíveis disparidades no aspecto das fachadas e no agenciamento de detalhes, de acordo com os diferentes contextos e suas variáveis – materiais, tecnológicas, climáticas e culturais, entre outras. Os exemplares portugueses, no geral, contam com pés-direitos mais baixos e uma maior proporção de cheios sobre os vazios, além de uma maior sobriedade no desenho dos pormenores. Já os cariocas se destacam por uma maior abertura às contingências estilísticas e pela apropriação mais formal dos motivos inspirados no vocabulário neoclássico. O exemplo do arco abatido parece-nos sintomático nesse sentido, pois caiu praticamente em desuso na capital carioca da década de 1840. Em São João del-Rei, ele resistiu, por inércia da tradição, até o terceiro quartel do Oitocentos. Enquanto isso, em Portugal, a verga arqueada se incorporou ao léxico do Ecletismo, permanecendo vigente até pelo menos o início do século XX.

No caso são-joanense, confirmou-se a especial peculiaridade no desenho dos estuques. Também houve indícios importantes de manifestação *sui generis* de elementos tais como grades metálicas, pinázios, sobrevergas e cimbalhas. É de se esperar que tais variações motivadas por nuances regionais se apresentem em outros aspectos das edificações, incluindo aqueles não amplamente abordados na pesquisa, como os relativos a inserção urbana, sistemas construtivos e organização dos espaços interiores. Nesse sentido, o célebre e proferido dito – “quem viu uma casa brasileira, viu quase todas” – cunhado por Vauthier com base na divisão interna das residências e amplamente generalizado até datas recentes pela historiografia, deve ser reconsiderado. Futuras investigações se somarão às existentes e certamente contribuirão para ampliar e enriquecer o conhecimento das diferentes faces do casario tradicional luso-brasileiro.

As analogias e disparidades encontradas nos casarios contemplados na pesquisa indicam não só um matiz regional mas também a circulação da cultura arquitetônica. Esse trânsito ficou bastante claro dentro da própria localidade são-joanense, onde se observaram importantes coincidências de motivos entre as edificações, com ênfase para a manifestação pioneira nas de tipo institucional e nas mais abastadas. Em relação aos cenários carioca e português, a correspondência formal e tipológica mostrou-se também evidente, mesmo considerando as importantes variações geograficamente vinculadas. As cidades capitais de Lisboa e do Rio de Janeiro pareceram acompanhar entre si, sem maior discrepância temporal, os rumos estilísticos durante o período imperial. São João del-Rei, entretanto, mostrou um descompasso importante na paulatina apropriação das referências emanadas pelos contextos carioca e português, que pudemos estipular entre duas e três décadas aproximadamente. Tal diferença tende a diminuir ao longo do tempo, mas continua perceptível até o final do século XIX. Nesse sentido, cabe ressaltar a permanência dos laços com a arquitetura lusa, tema pouco aceito e trabalhado pela historiografia.

Os movimentos e as apropriações da cultura arquitetônica se mostraram complexos e de difícil exame. Intuímos, nesse âmbito, uma importante transformação das referências a partir de fatores como a mistura de formas, a metamorfose de modelos, a transmissão das informações, a perspectiva dos construtores e, finalmente, o acomodamento ao ambiente. Sendo assim, torna-se complicado pautar as repercussões em São João del-Rei, as quais seguramente passaram por significativos filtros e adaptações. Tivemos que assumir uma boa dose de generalização ao relacionar os casarios do Rio de Janeiro e de Portugal, que contavam com uma amostra relativamente restrita e com semelhantes lacunas documentais e historiográficas. Nesse sentido, cabe ressaltar que não houve tempo, no decorrer da pesquisa, para um desejado aprofundamento. Em todo caso, as abordagens tipológicas e cronológicas desses outros contextos – incluindo-se também o de São Paulo em menor medida – se mostraram fundamentais para a compreensão do caso são-joanense.

Ficou sugerida, na esteira dos regionalismos, a tenacidade da cultura arquitetônica colonial. Padrões e motivos da arquitetura setecentista resistiram às mudanças nos rumos estilísticos e se prolongaram no século XIX. Entretanto, não podemos confundir este fenômeno popular e espontâneo com a “colonialização” praticada na centúria seguinte por iniciativas preservacionistas. Em ambos os casos, talvez tenha sido o esplendor do Barroco e a riqueza do ouro que motivaram a rememoração, mas as abordagens nos parecem díspares. Se aquela atitude francamente eclética do Oitocentos deixava espaço para recriar as tradições e respeitava as inevitáveis contingências artísticas e históricas do percurso da arquitetura no tempo, as campanhas impetradas pelos órgãos do patrimônio reduziam as possibilidades ao elegerem um modelo quase único de referência. Tal atitude implicou, em um certo grau, a descaracterização e a homogeneidade do casario, na medida em que apagava tendências diversas e ressuscitava uma suposta e exclusiva tipologia colonial. Nossa pesquisa apenas tocou e sugeriu tais acontecimentos, mas acreditamos que eles merecem uma atenção mais demorada.

Outro problema identificado nas releituras e remodelações empreendidas no casario são-joanense diz respeito à perda de conhecimento de aspectos tectônicos. Trata-se do agenciamento de

elementos e trechos de fachadas tradicionais sem a devida consideração do legado formal, tecnológico e artístico. Tais intervenções usualmente ocasionaram – e provavelmente continuam ocasionando – equívocos construtivos e estilísticos. Exemplos diversos foram observados nas modificações de beirais e no agenciamento de discretas molduras em relevo, que transgrediram toscamente a ordem encontrada tanto nas estruturas tradicionais como nas pilastras classicistas. Não foi possível detectar com precisão as causas, os agentes e os momentos em que ocorreram tais fenômenos. Em todo caso, acreditamos que estudos sobre a história da arquitetura brasileira, como o que aqui se apresentou, possam contribuir para uma maior sabedoria e difusão das práticas construtivas coetâneas.

REFERÊNCIAS

Desenhos, gravuras, aquarelas etc.

AMP: Rua Nova dos Ingleses: Oporto. Autor: Joseph James Forrester. Ano: 1834. Cota: F-NV/FG-M/9/99.

BN-BR: CHOLET, S. *St. Joan del Rey* [gravura]. In: DENIS, Ferdinand. *Brésil; Colombie et Guyanes* [Gravura 74]. Paris: Firmin Didot frères et Cie, 1846. Disponível em: <<http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>>. Acesso em: 18 jun.2015.

HASENCLEVER, Ernesto. Vista de São João del-Rei, 1839. Fonte: desconhecida.

IEPHA-MG: Fachadas, prancha 3/4, 'Projeto – São João del-Rei – sede – sobrado da Delegacia Fiscal' [pasta], CODEURB, 1981.

IPHAN-MG: São João del-Rei, Arquivo corrente. Casa urbana na Rua do Carmo nº 50. Data: 18 novembro 1948 [prancha com desenhos técnicos].

RUGENDAS, Johann M. S. *João d'El Rey* [aquarela]. In: Atitude Cultural – Projeto 2005, Alzira Agostini Haddad (cartaz).

Fontes impressas

A. P. D. G. *Sketches of Portuguese Life, manners, costume, and character: illustrated by twenty coloured plates*. London: printed for Geo. B. Whittaker: printed by R. Gilbert, St. Johnas Square, 1826. Disponível em: <http://purl.pt/14638>. Consulta: 7 mar. 2015.

O Astro de Minas, n. 4, 27 novembro de 1827; n. 9, 8 dezembro de 1827; n. 11, 13 dezembro de 1827; n. 13, 18 dezembro de 1827.

BERTICHEM, Pieter G. *O Rio de Janeiro e seus arrabaldes - 1856*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1976.

BINZER, Ina. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez e latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728, 8 v. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Consulta: 27 abr. 2015.

BUNBURY, Charles J. F. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.

BURTON, Richard F. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.

[CARRERE, Joseph-Barthélemy-François, 1740-1802] (anônimo). *A picture of Lisbon, taken on the spot: being a description moral, civil, political, physical and religious, of that capital...*. London: printed for Henry Colburn, 1809.

CHAMBERLAIN, Henry. *Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820*. Rio de Janeiro/São Paulo: Kosmos, 1943.

COELHO, José J. T. *Instrução para o Governo da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.

DIÁRIO da jornada que fez o Exmo. D. Pedro desde o Rio de Janeiro até a cidade de São Paulo e desta até Minas, no ano de 1717. *Revista do SPHAN*, n. 3, 1939, p. 295-316.

ESCHWEGE, Wilhelm L. *Pluto brasiliensis*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979.

KINSEY, W. M. *Portugal Illustrated in a Series os Letters*. London: Treuttel, Würtz and Richter, 1828.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1975.

MACEDO, Joaquim M. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1991.

- MATOL, José. Notícia que dá ao R. P. Diogo Soares, o sargento-mor José Matol sobre os descobrimentos do famoso Rio das Mortes. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 121-122.
- MATOS, Raimundo J. C. *Corografia histórica da província de Minas Gerais (1837)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.
- MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*: principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1944.
- OLIVEIRA, José A. História do distrito do Rio das Mortes, sua descrição, descobrimento das suas minas, casos nêle acontecidos entre paulistas e emboabas e criação de suas vilas. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 97-119.
- PIMENTEL, Aureliano P. C. *Apontamentos sobre o município de S. João d'El Rei*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., 1881.
- POHL, Johann E. *Viagem ao interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1976.
- QUINCY, Quatremere. *Encyclopédie méthodique: architecture*, tome seconde. Paris: Chez Mme. veuve Agasse, 1801-1820.
- RENIER, León (dir.). *Encyclopédie moderne: dictionnaire abrégé des sciences, des lettres, des arts, de l'industrie, de l'agriculture et du commerce*. Paris: Firmin Didot Frères Éditeurs, 1846-1851.
- RESENDE, Severiano. A cidade de S. João d'el Rei. *O Arauto de Minas*, anno 1, n. 4 de 31 de março / n. 6 de 14 de abril, 1877.
- ROCHA, José J. *Geografia histórica da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.
- RODRIGUES, José A. *Apontamentos da população, topographia e noticias chronologicas do Municipio da Cidade de S. João del-Rey*. São João del-Rei: Typographia da Gazeta Mineira, 1859.
- RUGENDAS, Johann M. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagens pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo et al.: Companhia Editora Nacional, 1941.
- SALINS, Jacques M. G. *Manuel des ordres d'architecture...* Paris: A La Librairie Architecturale, 1845.
- SÃO JOÃO DEL-REI. A Câmara de São João del-Rei a D. João V – Carta, 5 março 1749. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, 4, 1899, p. 812-815.
- SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1980.
- SILVA, Danuzio G. B. (org.) et al. *Os Diários de Langsdorff*. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/q5cc4>>. Acesso: 28 mai.2015.
- SPIX, Johann B.; MARTIUS, Carl F. P. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.
- VASCONCELOS, Diogo P. R. *Breve descrição geográfica, física e política da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994.
- VAUTHIER, L. L. Casas de residência no Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 7, 1943, p. 128-208.
- _____. Casas de residência no Brasil. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 27-94.
- VIGNOLA, Giacomo B. *Regras das cinco ordens de architectura, segundo os principios de Vignhola*. Coimbra: Real Imprensa da Universidade, 1787.
- VIVIAN, G. *Scenery of Portugal & Spain*. London: P. and D. Colnaghi and Co., 1839.
- WALSH, Robert. *Notícias do Brasil: 1828-1829*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1985.

Fotografias

- APM: - Aspecto da cidade de São João del Rey, Grande Hotel. Data: sem data (1889, segundo anotação). Autor: desconhecido. Notação TFC-4-002(01).
- Solar da família Lustosa em São João del Rei (MG). Sem data. Autor: Foto Brasil. Notação MM-282.

- Vista externa da Igreja de São Francisco de Assis na cidade de São João del-Rei (MG), 1890-1900 (data provável). Autor: Raimundo Alves Pinto. Notação NCS-154.
- Vista geral da cidade de São João del-Rei (MG), 1880-1890 (data provável). Notação: NCS-153(02).
- Vista geral da cidade de São João del-Rei (MG), 1900-1910 (data provável). Autor: Raimundo Alves Pinto. Notação NCS-152(02).
- Vista parcial do Córrego do Lenheiro antes da urbanização da cidade de São João del Rei (MG), 1880-1890 (data provável). Notação: NCS-153(01).
- Vista parcial do Córrego do Lenheiro na cidade de São João del Rei (MG), 1900-1910 (data provável). Autor: Raimundo Alves Pinto. Notação: NCS-152(01).

BELLO, André. Vista panorâmica da cidade de São João del-Rei. [Data: entre 1906 e 1917]. Fonte: desconhecida.

BN-BR: - S. João d'el Rey [Iconográfico]: [vistas], [19--]. Objeto digital: icon838899.

- S. João d'el Rey: [vistas], [19--]. Objeto digital: icon838900.

Casa térrea supostamente na Rua do Bonfim, São João del-Rei. Autor e data: desconhecidos. Arquivo Luiz Antônio Ferreira. Fonte: São João del-Rei Transparente [site].

IBGE: Sobrados antigos em São João del-Rei (MG), sem data e sem autor. Notação MG16571, negativo 15615.

IMS: - Panorama da Cidade de Rio de Janeiro. Tomado do morro de Santo Antônio a voo de pássaro, c. 1855. Autor: Iluchar Desmons. Código: G.1065.

- Rio de Janeiro de Castella, 1852. Autor: desconhecido (a partir de daguerreótipo) e Alfred Martinet. Código: G.186.

- Rua Santa Casa – atual Rua Riachuelo, 1862, Rio de Janeiro. Autor: Militão de Azevedo. Código: 007A5P4F07-12.

- Vista de Petrópolis, 1860. Autor: Augusto Stahl. Código: 007A5P3F5-26.

IPHAN-MG: Arquivo permanente, São João del-Rei.

IPHAN-RJ: - Série Inventário, Rio de Janeiro. Caixas: RJ231/1/03, RJ240/3/06, RJ251/2/11, RJ251/3/04, RJ267/1/01.

- Série Inventário, São João del-Rei. Caixas: MG129/3/02, MG130/3/06, MG131/1/04, MG132/1/02, MG132/1/04, MG133/2/03, MG137/1/02, MG137/2/02.

LFSV: - Fachada e janela de treliça de residência. Cód. 0142.01670.

- Fachada de residência, Morro da Forca [Rua João Salustiano], São João del-Rei, MG. Ano: 1960. Cód. 0200.02373.

- Fachada de residência, Rua São Miguel [Rua do Carmo]. Cód. 0199.02354.

- Fachada de residência, São João del-Rei, MG. Ano: 1960. Cód. 0200.02370.

- Vista da rua [Rua João Salustiano], São João del-Rei, MG. Ano: 1960. Cód. 0200.02374.

MR-SJDR: Conjunto urbano de São João del-Rei [fotografias diversas].

Manuscritos

BM-SJDR: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Código de posturas municipais da Vila de São João del-Rei, aprovado pelo Conselho Geral da Província de Minas Gerais em 1º de fevereiro de 1830*. Livro ORD-132, folhas 121-150, 218-219.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. Código de Posturas e Regimento Interno da Câmara de São João del-Rei, 1887 [edição fac-símile]. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. (org.). *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007, p. 99-252.

CMPPC-SJDR: Tombamento voluntário do imóvel situado na Rua José Mourão n. 77 [Solar dos Viegas], processo n. 018/2000, autoria de José Antônio de Ávila Sacramento, 2001.

- CONDEPHAAT: - Estudo de preservação e tombamento do Núcleo Histórico de São Luiz do Paraitinga. Processo n. 22066, 1982.
- Solicita o tombamento do “núcleo central urbano” do município de Bananal. Processo n. 17256, 1970.
- IEPHA-MG: Projeto – São João del-Rei – sede – sobrado da Delegacia Fiscal [pasta], 1981.
- IPHAN-RJ: - Histórico e descrição do bem – Rua da Constituição n. 2. Autor: Paulo Thedim Barreto. Ano: 1938. Caixa: RJ240/3/06.
- Proposta de tombamento de prédio da Rua Gonçalves Ledo. Autor: Lúcio Costa. Data: 1 de setembro de 1978. Caixa: RJ015/2/02.
- Rua Barão de São Felix n. 94. Caixa: RJ231/1/03.
- IPHAN-SJDR: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DEL-REI. *Imposto da Décima, 1831*.
- PM-SJDR: - Ficha de inventário de bens imóveis – estruturas arquitetônicas: 34ª Superintendência Regional de Ensino, Rua Padre José Maria Xavier n. 174, 2011.
- Ficha de inventário de bens imóveis – estruturas arquitetônicas: Solar dos Lustosa, Praça Embaixador Gastão da Cunha n. 54-70-70A, 2011.

Mapas

- APM: - Mapa das coletorias, recebedorias e seus extravios, linhas de correios e suas ramificações da província de Minas Gerais, 1866. Fundo Obras Públicas. Notação: OP-013(01). Autoria: AROEIRA/DUARTE, João R. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=936&op=1. Acesso em: 03 jul. 2015.
- Topographical Sketch Plan of the S. João d'el Rei and Rio das Mortes Sections of the Gold Region in the Comarca of Rio das Mortes Province of Minas Geraes – Brazil, 1881. Fundo Presidência da Província. Notação: PP-008(04). Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=5&op=1. Acesso em: 12 jun. 2015.
- GOOGLE. *Centro, São João del-Rei, MG*. Google Maps, 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-21.1357347,-44.2579761,16z>. Acesso: 4 mar. 2015.
- IPHAN-RJ: ALVES, Hermillo; BRUNET, M. *Planta da Cidade de S. João d'el Rei, 1887*.
- PM-SJDR: *São João del Rei: mapa oficial 2008*. São João del-Rei: Prefeitura/Cartografia Temática, 2008.

Outras

- AGUIAR, Maria P. B. T. P. *Casas de brasileiros no norte de Portugal: do Porto à ruralidade (1850-1930)*. Tesis (doctoral) - Departamento de Historia del Arte, Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2009.
- ALARCON, Taciana. *Colonização portuguesa em São João del-Rei: aspecto urbano*. Monografia (Pós Graduação em História de Minas Gerais séc. XVIII e XIX) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2005.
- ALCÂNTARA, Dora M. S. (coord.). *Rio de Janeiro, Praça XV, imediações*. SPHAN/Pró-Memória: Rio de Janeiro, c. 1986.
- ALVARENGA, Luís M. *Catedral Basílica Nossa Senhora do Pilar - São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil*. Juiz de Fora: Sociedade Propagadora Esdeva, 1971.
- _____. *História da Santa Casa da Misericórdia de São João del-Rei (1783-1983)*. Belo Horizonte: Gráfica Formato, 2009.
- _____. *Igrejas de São João del-Rei*. Petrópolis: Vozes, 1963.
- AMANTINO, Márcia. *O mundo das feras: os moradores do sertão oeste de Minas Gerais – século XVIII*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

- ANDRADE, Antonio L. D. *Vale do Paraíba: sistemas construtivos*. 1984. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.
- ARAÚJO, Maria L. V. *Os caminhos da riqueza dos paulistanos na primeira metade do Oitocentos*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006.
- ÁVILA, Affonso *et al.* *Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação*. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- AZEVEDO, Carlos. *Solares portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte, 1969.
- BALDIN, Adriane F. A. *A presença alemã na construção da cidade de São Paulo entre 1820 e 1860*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BANDEIRA, Julio; LAGO, Pedro C. *Debret e o Brasil: obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara, 2008.
- BARATA, Mário. Século XIX, transição e início do século XX. In: ZANINI, Walter (org.). *História Geral da Arte no Brasil*, v. 1. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983, p. 378-451.
- BARREIROS, Maria H. Prédios de rendimento entre o joanino e o tardopombalino. In: *Património arquitectónico: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: SCML, 2010. vol. II, tomo 1, p. 16-39.
- BENEVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. [Introdução]. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRAGA, Tancredo (org.). *Album da cidade de São João d'El-Rei*. Rio de Janeiro: s/ed., 1913.
- BRENNNA, Giovanna R. Ecletismo no Rio de Janeiro (séc. XIX-XX). In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 29-67.
- BRÜGGER, Silvia M. J. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João del-Rei - séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.
- BUENO, Beatriz P. S. *Desenho e desígnio: o Brasil dos engenheiros militares (1500-1822)*. São Paulo: EdUSP/FAPESP, 2011.
- _____. Do borrão às aguadas: os engenheiros militares e a representação da Capitania de São Paulo. *Anais do Museu Paulista* [online]. 2009, v. 17, n. 2, p. 111-153. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v17n2/08.pdf>>. Consulta: 26 ago. 2015.
- _____. Sistema de produção da arquitetura na cidade colonial brasileira: mestres de ofício, "riscos" e "traças". *Anais do Museu Paulista*. 2012, vol. 20, n. 1, p. 321-361. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142012000100011&lng=en&nrm=iso>. Consulta em: 22 jan. 2016.
- _____. Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na Décima Urbana de 1809. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 13, n. 1, p. 59-97, jan.-jun. 2005.
- CALDAS, João V. (coord.). *Arquitetura popular dos Açores*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.
- _____. A arquitetura do Ramo Grande. In: BRUNO, Jorge A. P. (coord.). *Terceira, Praia da Vitória: inventário do patrimônio imóvel dos Açores*. Instituto Açoriano de Cultura, 2004, p. 41-46.
- CALDAS, João V. *et al.* O prédio de rendimento joanino. *Cadernos do Arquivo Municipal*. 2ª série, n. 1, jan.-jun. 2014, p. 131-156.
- CAMPOS, Eudes. *Arquitetura paulistana sob o Império*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- CAMPOS, Maria A. A. *A marcha da civilização: as vilas Oitocentistas de São João del-Rei e São José do Rio das Mortes – 1810-1844*. Dissertação (Mestrado) – FAFICH, Universidade Federal de Minas Gerais, 1998.
- CAPRI, Roberto; BELLO, André (org.). *S. João d'el-Rey, Minas*. São Paulo: Pocaí & Comp., s/d [1918].
- CARITA, Helder. *Bairro Alto: tipologias e modos arquitectónicos*. Lisboa: Câmara Municipal, 1994.
- CASTRO, José L. Arquitetura eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 209-255.
- CINTRA, Sebastião O. *Efemérides de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1982.
- _____. Nomenclatura de ruas de São João del-Rei. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. VI, 1988, p. 5-24.
- CONDEPHAAT. *Bananal* [folheto]. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1980a.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos. *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.
- COSTA, Antônio G. *et al.* *Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- COSTA, Lúcio. Documentação necessária. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975. p. 89-98.

- CRUZ, Cícero F. *Fazendas do sul de Minas Gerais: arquitetura rural nos séculos XVIII e XIX*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010.
- CUNHA, Alexandre M. Espaço, paisagem e população: dinâmicas espaciais e movimentos da população na leitura das vilas do ouro em Minas Gerais ao começo do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 123-158, jun. 2007b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun.2015.
- _____. A evolução urbana de São João del-Rei. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. (org.). *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007a, p. 19-29.
- CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a.
- _____. (org.). *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 2000b.
- DANGELO, André G. D. *O embaixador Gastão da Cunha e São João del-Rei: algumas notas biográficas* [manuscrito], c. 2013.
- _____. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006.
- DANGELO, André G. D. et al. *Memória arquitetônica da cidade de São João del-Rei – 300 anos*. Belo Horizonte: e.43, 2014.
- DERENJI, Jussara S. Arquitetura eclética no Pará no período correspondente ao ciclo econômico da borracha: 1870-1912. In: FABRIS, Annateresa. *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 147-175.
- DIÁRIO DE MINAS. São João del-Rei ganha museu sacro. *Diário de Minas*, Caderno Turismo, julho de 1984, in: IPHAN-MG: Arquivo permanente, São João del-Rei.
- DUCHER, Robert. *Características dos estilos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FABRÍCIO JR., José R. *Estudo do palacete Aguiar Vallim, Bananal*. São Paulo: FAU/USP, 1980.
- FERNANDES, Eduardo; JORGE, Filipe. *Guia de arquitetura de Guimarães*. Lisboa: Argumentum, 2011.
- FERNANDES, Francisco B. *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. Porto: FAUP, 1999.
- FERNANDES JR., Rubens et al. *Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- FERREIRA, José A. História de um imóvel. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, n. 11, 2005, p. 146-154.
- FERREZ, Gilberto. *Aquarelas de Richard Bate: o Rio de Janeiro de 1808-1848*. Rio de Janeiro: Galeria Brasileira, 1965.
- _____. *Bahia: velhas fotografias, 1858-1900*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1989.
- _____. *O Brasil do Primeiro Reinado visto pelo botânico William Burchell, 1825/1829*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles/Fundação Nacional Pró-Memória, 1981.
- _____. *O Brasil de Thomas Ender*. Rio de Janeiro: Fundação João Moreira Salles, 1976a.
- _____. *The Brazil of Eduard Hildebrandt*. Rio de Janeiro: Record, [s.d.]b.
- _____. *Iconografia petropolitana (1800-1890)*. Petrópolis: Museu Imperial, 1955.
- _____. Introdução. In: BERTICHEM, P. G. *O Rio de Janeiro e seus arrabaldes - 1856*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1976b, p. 2-5.
- _____. *O Rio antigo do fotógrafo Marc Ferrez: paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918*. São Paulo: Ex Libris, 1984.
- _____. *O "sketch book" de Carlos Guilherme von Theremin*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1982.
- _____. *O velho Rio de Janeiro através das gravuras de Thomas Ender*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]a.
- FLÔRES, Ralf J. C. *São João del-Rei: tensões e conflitos na articulação entre o passado e o progresso*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

- FONSECA, Claudia D. Urbs e civitas: a formação dos espaços e territórios urbanos nas minas setecentistas. *Anais do Museu Paulista*, [S.l.], v. 20, n. 1, p. 77-108, jun.2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/39809>>. Acesso em: 01 Jun. 2015.
- _____. Vila da Campanha da Princesa: a Corte, as Minas, a cidade e a memória. In: LIBBY, Douglas C. (org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010, p. 182-191. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cem/Livro.pdf>. Consulta: 16 mar. 2015.
- FONTES, Alice A de B. (coord.). *São Paulo em três tempos: álbum comparativo da cidade de São Paulo (1862-1887-1914)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1982.
- FRANÇA, José A. *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura Pombalina*. Lisboa: Bertrand, 1981.
- FREYRE, Gilberto. Introdução a 'Casas de residência no Brasil, de L. L. Vauthier'. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 3-26.
- FRIZZERA, Jussara. São João del Rei: etapas de desenvolvimento. In: FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *São João del-Rei: a região, a cidade, o patrimônio de história e arte*. Belo Horizonte: FJP, 1983, p. 21-31.
- FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. *Circuito do ouro - Campo das Vertentes: atlas dos monumentos históricos e artísticos de Minas Gerais*. v. 2. Belo Horizonte, 1981.
- _____. *São João del-Rei: a região, a cidade, o patrimônio de história e arte*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1983. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.mg.gov.br/consulta/consultaDetalheDocumento.php?iCodDocumento=47252#>>. Acesso em: 3 dez. 2012.
- GAIO SOBRINHO, Antônio. *Fontes históricas de São João del-Rei*. São João del-Rei: UFSJ, 2013.
- _____. *História do comércio em São João del-Rei*. São João del-Rei: Sindicato do Comércio Varejista, 1997a.
- _____. *Santos negros estrangeiros*. São João del-Rei: Ed. do autor, 1997.
- _____. *São João del-Rei: 300 anos de histórias*. São João del-Rei: edição do autor, 2006.
- _____. *São João del-Rei através de documentos*. São João del-Rei: UFSJ, 2010.
- _____. *Visita à colonial cidade de São João del-Rei*. São João del-Rei: FUNREI, 2001.
- GONÇALVES, Cristiane S. *Experimentações em Diamantina: um estudo sobre a atuação do SPHAN no conjunto urbano tombado, 1938-1967*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2010.
- GRAÇA FILHO, Afonso A. O comércio e a cidade mineira Oitocentista de São João del-Rei. In: LIBBY, Douglas C. (org.). *Cortes, cidades, memórias: trânsitos e transformações na modernidade*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 2010, p. 139-149. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/cem/Livro.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015.
- _____. Fragmentos de memória: impressões sobre São João del-Rei. In: VENÂNCIO, Renato P.; ARAÚJO, Maria M. (org.). *São João del-Rei, uma cidade no Império*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Arquivo Público Mineiro, 2007, p. 47-65.
- _____. *A princesa do oeste e o mito da decadência em Minas Gerais: São João del Rei (1831-1888)*. São Paulo: Annablume, 2002.
- GUIMARÃES, Fábio N. A casa do Beco da Romeira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, n. 1, 1973, p. 19-21.
- _____. *Fundação histórica de São João del-Rei*. São João del-Rei: São João del-Rei Artes Gráficas, 1961.
- _____. *Fundação histórica de São João del-Rei*. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 11-63.
- _____. *Ruas de São João del-Rei*. Contagem: FUMARC, 1994.
- GUIMARÃES, Geraldo. O Caminho Novo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. IV, 1986, p. 27-43.
- _____. São João del-Rei até a guerra dos emboabas. In: DANGELO, André G. D. (org.). *Origens históricas de São João del-Rei*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2006, p. 65-93.
- _____. *São João del-Rei: século XVIII - história sumária*. São João del-Rei: Segrac, 1996.
- GUIMARÃES, Maria L. M.; FERREIRA, José A. A casa mais antiga, atual sede do Instituto Histórico: breves apontamentos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. 9, 2000, p. 18-21.

- KATINSKY, Júlio R. Sistemas construtivos coloniais. In: VARGAS, Milton (org.). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1994, p. 67-94.
- KOCH, Wilfried. *Dicionário dos estilos arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- LAGO, Bia C. *Augusto Stahl: obra completa em Pernambuco e Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001.
- LEAL, Joana E. C. *Arquitectura privada, política e factos urbanos em Lisboa: da cidade pombalina à cidade liberal*. Dissertação (Doutoramento) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.
- LEMOES, Carlos A. C. *Alvenaria burguesa: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. São Paulo: Nobel, 1989a.
- _____. *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1979.
- _____. No Brasil, a coexistência do maneirismo e do barroco até o advento do neoclássico histórico. In: ÁVILA, Affonso. (org.). *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 233-242.
- _____. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999.
- _____. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 69-103.
- _____. *História da casa brasileira*. São Paulo: Contexto, 1989b.
- _____. *Notas sobre a arquitetura tradicional de São Paulo*. São Paulo: FAUUSP, 1992.
- _____. Uma nova proposta de abordagem da história da arquitetura brasileira. *Arquitextos*, 141.00, ano 12, fev 2012. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.141/4214>>. Consulta em: 11 set. 2013.
- LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979.
- LIBBY, Douglas C. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- LIMA, Maria T. G. A. *A narrativa memorialística dos álbuns de Antonio Guerra*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- LIMA, Roberto P. T. *Modelos portugueses e arquitetura brasileira*. Campinas: [s.n.], 2001.
- LIMA, Sérgio J. F. S. Arquitetura São-Joanense do século XVIII ao XX. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. VIII, 1995, p. 47-63.
- MACHADO, Cândido G. P. *Landseer*. São Paulo: Lanzara, 1972.
- MALDOS, Roberto. *Formação urbana da cidade de São João del-Rei* (Manuscrito). São João del-Rei, s/d.
- _____. Histórico urbano das ruas de São João del-Rei. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. XII, 2007, p. 349-373.
- MARINS, Paulo C. G. *Através da rótula: sociedade e arquitetura urbana no Brasil, séculos XVII a XX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006.
- MARTINS, Tarcísio J. *Quilombo do Campo Grande*. Contagem: Santa Clara, 2008.
- MELLO, Suzy. *Barroco mineiro*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MENDES, Chico et al. *Arquitetura no Brasil: de Dom João VI a Deodoro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- MENEZES, Ivo P. *Vãos na arquitetura tradicional mineira*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UMG, 1964.
- MIGNOT, Claude. *Architecture of the 19th Century*. Köln: Benedikt Taschen, 1994.
- MORAES, Fernanda B. *A rede urbana das Minas coloniais: na urdidura do tempo e do espaço*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2006.
- MOTTA, Lia. A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 22, 1987, p. 108-122.
- MOURÃO, Francisco. *Tradições de S. João d'El-Rei*. São João d'El-Rei: Typographia Commercial, 1924.
- MUSEU DO CHIADO (org.). *Frederick William Flower: um pioneiro da fotografia portuguesa*. Lisboa: Sociedade Lisboa 94; Milão: Electa, 1994.
- NEVES, Jorge A. A Rua Direita, seus moradores e arredores no meu tempo de infância e juventude: memórias são-joanenses. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei*, v. XII, 2007, p. 308-330.

- NOVAES, Adriano. *Os caminhos antigos no território fluminense*. Rio de Janeiro: Instituto Cidade Viva, 2008. Disponível em: <http://www.institutocidadeviva.org.br/inventarios/sistema/wp-content/uploads/2008/06/oscaminhosantigos.pdf>. Acesso em: 23 de abr. 2015.
- OLIVEIRA, Carlos S. et al. (ed.). *10 anos após o sismo dos Açores de 1 de Janeiro de 1980*: monografia: aspectos técnico-científicos. [Ponta Delgada]: Governo Regional do Açores; Terceira: Secretaria Regional da Habitação e Obras Públicas; [Lisboa]: LNEC, 1992.
- OLIVEIRA, Eduardo P. Entre Douro e Minho e Minas Gerais no século XVIII: relações artísticas. In: _____. *Riscar, em Braga, no século XVIII e outros ensaios*. Braga: APPACDM, 2001, p. 157-193.
- OLIVEIRA, Ernesto V.; GALHANO, Fernando. *Arquitetura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote, 1994.
- PAIVA, Clotilde A.; RODARTE, Mario M. S. Dinâmica demográfica e econômica (1830-1870). In: RESENDE, Maria E. L.; VILLALTA, Luiz C. (org.). *A Província de Minas*. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2013, v. 1, p. 271-293.
- PALHARES, Gentil; CHRISTÓFARO, Paulo. *De Thomé Portes a Tancredo Neves*: roteiro turístico de São João del-Rei. Juiz de Fora: Lar Católico, 1963.
- PATETTA, Luciano. *L'architettura dell'Ecclettismo*: fonti, teorie, modelli 1750-1900. Milano: Gabriele Mazzotta, 1975.
- PEREIRA, Honório N. *Permanências e transformações nas cidades-monumento*: teatro social e jogos de poder (São João del-Rei, 1937-1967). Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- PEREIRA, Nuno T.; BUARQUE, Irene. *Prédios e vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.
- PEREIRA, Paulo. O revivalismo: a arquitetura do desejo. In: _____. (dir.). *História da arte portuguesa*. Lisboa: Temas de Debates, 1995, v. 3, p. 353-365.
- PINHEIRO, Maria L. B. Notas para a periodização da arquitetura eclética carioca. *Sinopses*, São Paulo, n. 17, jun. 1992, p. 12-22.
- PINTO, Conceição (coord.). *Manual de reabilitação do património de Faro*. Faro: Câmara Municipal, 1997.
- PINTO, Estevão. Muxarabis e balcões. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 47-85.
- PINTO, Maria G. F. R. *A habitação corrente da época pré-industrial em Lisboa*: o caso do Bairro da Bica. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- QUEIROZ, Maria G. S. (coord.). *São João del-Rei*. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2010.
- RAMALHO, Maria L. P. *Da Beaux-Arts ao Bungalow*: uma amostragem da arquitetura eclética no Rio de Janeiro e em São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- REIS FILHO, Nestor G. *Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: EdUSP/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- _____. Notas sobre o urbanismo barroco no Brasil. In: ÁVILA, Affonso. *Barroco*: teoria e análise. São Paulo: Perspectiva, 1997, p. 217-232.
- _____. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- _____. (coord.). *São Paulo: vila cidade metrópole*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2004.
- RESENDE, Edna M. *Entre a solidariedade e a violência*: valores, comportamentos e a lei em São João del-Rei, 1840-1860. São Paulo: Annablume, 2008.
- RESTITUTTI, Cristiano C. *As fronteiras da província*: rotas de comércio interprovincial, Minas Gerais 1839-1884. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.
- RIBEIRO, Isaac C. *Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes*: os “Ribeiro da Silva”, fronteira, fortunas e fazendas - Minas Gerais, séculos XVIII e XIX. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2014.
- RIBEIRO, Monike G. Thomas Ender. In: 19&20. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/bios/bio_te.htm. Consulta em: 7 jan. 2014.
- RIBEIRO, Nelson P. Atores da construção civil na província do Espírito Santo do século XIX. In: PESSOTTI, Luciene; RIBEIRO, Nelson P. (org.). *A construção da cidade portuguesa na América*. Rio de Janeiro: PoD, 2011, p. 125-149.
- RIBEIRO, Rúbia S. L. *As fotografias de André Bello (1879-1941)*: imagens da modernidade em São João del-Rei. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

- RIO DE JANEIRO. *Corredor cultural: como recuperar, reformar ou construir seu imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 1989.
- ROCHA FILHO, Gustavo N. *Bananal: levantamento sistemático destinado a inventariar bens culturais do Estado de São Paulo*. São Paulo: Condephaat, 2005.
- ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Introdução ao neoclassicismo na arquitetura do Rio de Janeiro. In: CZAJKOWSKI, Jorge (org.). *Guia da arquitetura colonial, neoclássica e romântica no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2000a, p. 25-40.
- _____. *Reflexos das luzes na terra do sol: sobre a teoria da arquitetura no Brasil da Independência, 1808-1831*. São Paulo: ProEditores, 2000b.
- RODRIGUES, José W. A casa de moradia no Brasil antigo. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: 1975, p. 283-318.
- _____. *Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.
- ROSADO, Ana C. *A habitação característica do Antigo Regime na encosta de Santana: tipologias e modos de habitar*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- RYKWERT, Joseph. *Los primeros modernos: los arquitectos del siglo XVIII*. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.
- SAIA, Luís. *Morada paulista*. Perspectiva: São Paulo, 2005.
- SAIA, Luís; TRINDADE, Jaelson B. *São Luís do Paraitinga*. São Paulo: CONDEPHAAT, 1977.
- SALEMA, Sofia. A salvaguarda das superfícies arquitetônicas: exemplo dos esgrafitos em Évora. *Actas do 3º ENCORE – Encontro sobre Conservação e Reabilitação de Edifícios*. Lisboa: LNEC, 2003, p. 193-200.
- SALGUEIRO, Heliana A. O Ecletismo em Minas Gerais: Belo Horizonte 1894-1930. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 104-145.
- SANSON, Maria L. D. et al. *O Rio de Janeiro do fotógrafo Leuzinger: 1860-1870*. Rio de Janeiro: Sextante, 1998.
- SANTOS, Ana L. V. *A casa carioca: estudo sobre as formas de morar no Rio de Janeiro (1750-1850)*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- SANTOS, Márcia M. D. et al. *A capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda: informações fidedignas?*. Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, Ouro Preto, 2009.
- SANTOS, Paulo. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro: IAB, 1981.
- SÃO JOÃO DEL-REI. *Guia de bens edificados de São João del-Rei: projeto Conhecer para Preservar 2008/2010*. São João del-Rei: Secretaria de Cultura e Turismo, 2010.
- SILVA, Cláudia R. *Senado da Câmara da vila de São João del-Rei: da administração colonial à pesquisa histórica*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- SILVA, Geraldo G. Arquitetura eclética em Pernambuco. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Nobel/Edusp, 1987, p. 176-207.
- SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS. *Arquitectura popular em Portugal*. Lisboa: SNA, 1961.
- SMITH, Robert C. Arquitetura civil no período colonial. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 95-190.
- SOUSA, Alberto. *Arquitetura neoclássica brasileira: um reexame*. São Paulo: Pini, 1994.
- SOUZA, Wladimir A. (coord.). *Guia de bens tombados: Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1984.
- SUMMERSON, John. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- TAUNAY, Afonso E. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1939, v. 4.
- _____. *A missão artística de 1816*. Brasília: UnB, 1983.
- TAVARES, Denis P. *O tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico de São João del-Rei: negociação e conflito entre projetos de apropriação e uso do patrimônio cultural (1938-1967)*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- TEIXEIRA, Mariana E. *Ser italiano em São João del-Rei (1888-1914)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- TEIXEIRA, Paula C. *Negócios de mineiros e cariocas: família, estratégias e redes mercantis no caso Gervásio Pereira Alvim (1850-1880)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

- TELLES, Augusto C. S. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Rio de Janeiro: FAE, 1985.
- _____. *O Vale do Paraíba e a arquitetura do café*. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.
- _____. Vassouras – estudo da construção residencial urbana. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 16, 1968, p. 9-135.
- _____. Vassouras – estudo da construção residencial urbana. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: MEC/IPHAN/USP, 1975, p. 115-246.
- TELLES, Pedro C. S. *História da engenharia no Brasil (séculos XVI a XIX)*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1984.
- TOJAL, Alexandre A. M. Arquitetura doméstica em Faro na segunda metade do século XIX. *Monumentos*, n. 24, mar. 2006, p. 130-139.
- TOLEDO, Benedito L. *Esplendor do barroco luso-brasileiro*. Cotia: Ateliê, 2012.
- TOLEDO, Benedito L. et al. *Álbum comparativo da cidade de São Paulo, 1862-1887, Militão Augusto de Azevedo*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1981.
- VASCONCELLOS, Sylvio. A arquitetura colonial mineira. In: ÁVILA, Affonso. *Barroco: teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- _____. *Arquitetura no Brasil: sistemas construtivos*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura/UMG, 1958.
- _____. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais. *Topos*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jul.-dez. 1999, p. 148-163.
- _____. Formação das povoações de Minas Gerais. In: _____. *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959a, p. 1-6.
- _____. “Goticismos” mineiros. In: _____. *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959a, p. 25-30.
- _____. *Vila Rica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.
- _____. *Vila Rica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- _____. Vistas de Ouro Preto. In: _____. *Arquitetura no Brasil: pintura mineira e outros temas*. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1959b, p. 47-56.
- VASQUEZ, Pedro K. *Revert Henrique Klumb: um alemão na corte imperial brasileira*. Rio de Janeiro: Capivara, 2001.
- VELLASCO, Ivan A. *As seduçãoes da ordem: violência, criminalidade e administração da justiça – Minas Gerais, século 19*. Bauru/São Paulo: EDUSC/ANPOCS, 2004.
- VENÂNCIO, Renato P. Caminho Novo: a longa duração. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 21, p. 181-189, jul. 1999.
- VIEGAS, Augusto. *Notícia de São João del-Rei*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1959.
- VIEGAS, Inês M. (coord.). *Cartulário pombalino*. Lisboa: Arquivo Municipal, 1999.

APÊNDICE 1

Vistas gerais de casarios

561. Vista do Largo do Rosário com Solar dos Neves em primeiro plano, à esquerda, e torre da Igreja Matriz ao fundo. São João del-Rei, 2015.

562. Vista do Largo do Rosário com destaque para o Solar dos Neves à esquerda, seguido do Solar dos Lustosa e da torre da Igreja Matriz ao fundo. São João del-Rei, 2012.

563. Vista da Rua Direita, com o Solar da Baronesa na esquina com o Largo do Carmo. São João del-Rei, 2009.

564. Vista da Rua Direita com a Igreja do Carmo ao fundo. São João del-Rei, 2011.

565. Rua antiga do Porto.
Portugal, 2014.

566. Rua antiga de Braga.
Portugal, 2014.

567. Rua antiga de Évora.
Portugal, 2014.

568. Rua antiga de Angra do
Heroísmo. Açores, Portugal,
2014.

APÊNDICE 2

Relação de logradouros de São João del-Rei

A pesquisa sobre o casario imperial de São João del-Rei exige o constante contato com nomes de logradouros. Estes comumente sofreram alterações durante o tempo, seja por iniciativas oficiais seja pelo desaparecimento de becos e vielas e até mesmo pela demolição de conjuntos urbanos (CINTRA, 1988, p. 5,21; GUIMARÃES, 1994). Neste sentido, faz-se necessário conhecer essas transformações toponímicas e realizar uma relação dos logradouros com suas possíveis mudanças de nomenclatura.

Em consonância com nosso recorte temporal, lança-me mão primeiramente da Décima Urbana do ano de 1831, a qual representa um rol oficial dos logradouros da Vila. Essa é a relação mais complexa de que dispomos, fato decorrente do interesse das autoridades governamentais por uma ampla recolha do imposto.

As outras duas fontes coetâneas se constituem de simples relações de ruas e praças. A primeira delas, também de iniciativa oficial, publicada por José A. Rodrigues no ano de 1859, é arrolada em meio a um estudo mais amplo da cidade.⁶⁰⁶ São contabilizadas naquele momento 24 ruas, “todas calçadas e algumas extensíssimas, com imensas travessas e becos”, além de 10 praças, incluindo indistintamente os largos. A outra fonte consta de nova relação básica de logradouros publicada por Severiano de Resende no periódico *O Arauto de Minas* nos dias 31 de março e 14 de abril de 1877. São registradas naquele momento 28 ruas e somente 8 praças, sendo 4 ruas a mais e 2 praças a menos do que na referência anterior do ano de 1859. No caso das praças, jamais pudemos localizar a apontada como ‘Municipal’ por Rodrigues, e não sabemos por que motivo a ‘Formosa’ não teria sido mais tarde mencionada na lista publicada no periódico.

Em todo caso, foi possível cruzar a maior parte dos logradouros. Para tanto, contamos ainda com importantes estudos realizados com base em documentação antiga da Câmara de São João del-Rei, destacadamente os de Sebastião Cintra (1988), Fábio Guimarães (1994) e Roberto Maldos (s/d, 2007). Dada a complexidade da Décima Urbana, algumas associações foram supostas – e marcadas com um asterisco – de acordo com o sugerido pelas nomenclaturas. Alguns logradouros apresentaram maiores dificuldades, seja por sua especificidade – cais, por exemplo – seja pela simples falta de localização, destacadamente no caso dos becos e travessas. Para a localização e os nomes atuais dos logradouros, lançou-se mão de mapas contemporâneos (PM-SJDR, 2008; GOOGLE, 2015).

Segue a tabela com a lista de logradouros associados:

⁶⁰⁶ José A. Rodrigues era um dos três vereadores incumbidos pela Câmara, no ano de 1858, de realizar o levantamento dos nomes das vias públicas da cidade. Um relatório teria então dado origem à publicação (RODRIGUES, 1859) no ano seguinte. Ver: GUIMARÃES (1994), p. 20.

	DÉCIMA URBANA, 1831	RODRIGUES, 1859	ARAUTO DE MINAS, 1877	Nome atual	OBS:
RUA	Carmo, atrás do	* Carmo	Carmo	Carmo, do	
	Cachaça, Rua da	Alegria	Alegria	Marechal Bittencourt	Rua Tiradentes em 1883 (GUIMARÃES, 1994, p. 23)
	Conceição, da			Padre Sacramento	Também chamada: Matola, Rua do Portela, um trecho se tornou Rua do Hospital, Rua do Matadouro Velho (CINTRA, 1988, p. 6-7)
	Cruz, Travessa da Rua da	* Cruz	Cruz	Praça Dr. Paulo Teixeira	Em 1914 demolido quarteirão, surgindo o dito popularmente largo da Cruz (CINTRA, 1988, p. 21)
	Curral, do	Comércio	Comércio	Marechal Deodoro	Parte da rua já teve o nome de Marechal Bittencourt (CINTRA, 1988, p. 6; GUIMARÃES, 1994, p. 25).
	Direita	Direita	Direita	Getúlio Vargas	Em 1883 chamava-se Duque de Caxias (CINTRA, 1988, p. 6; GUIMARÃES, 1994, p. 23). Av. Raul Soares em 1938 (GUIMARÃES, 1994, p. 29)
	Flores, das	Flores	Flores	Maestro Batista Lopes	Nome antigo: Morro do Pagão (CINTRA, 1988, p. 16)
			Forras	Dom Silvério	(CINTRA, 1988, p. 22)
	(São Francisco) Rua atrás da dita Igreja	* Independência, da	Independência	Dr. José Bastos	Anterior Rua do Meio (CINTRA, 1988, p. 10). Em 1825, morada de casas na rua detrás de S. Francisco, com quintal que vai ter à Rua da Intendência (CINTRA, 1982, p. 533)
	Intendência, da	Municipal, Praça Municipal ??	Municipal	Artur Bernardes	Municipal a partir de 1849; Ministro Gabriel Passos entre a Ponte da Cadeia e a Praça dos Expedicionários (CINTRA, 1988, p. 11). Moreira César em 1897 (GUIMARÃES, 1994, p. 25); de Intendência para João Salustiano em 1917 (GUIMARÃES, 1994, p. 28)
	Jogo da Bola			João Mourão	Jogo da Bola conhecido desde 1827 (CINTRA, 1988, p. 16); nome atual desde 1907 (GUIMARÃES, 1994, p. 27)
		Lage	Lage	Homem de Almeida	Mudança em 1907 (GUIMARÃES, 1994, p. 27)
		Misericórdia	Misericórdia	Comendador Bastos	Antes Rua do Hospital ou da Santa Casa (CINTRA, 1988, p. 22). Caminho para o Matola (MALDOS, s.d.)
	Carmo, nova do	* Nova	Nova	Sebastião Sette	Menciona-se uma nova rua de Alcântara (CINTRA, 1988, p. 18), que por este nome teria sido chamada antes de Nova (GAIO SOBRINHO, 2006, p. 40); Nova em 1826 (p. 20).

	Ponte, da	Ponte	Ponte		
	- Ponte Praia acima, da - Rosário, Cais da Ponte do		* Voluntários	Eduardo Magalhães / Hermilo Alves	Anterior da Estação (CINTRA, 1988, p. 23). Em 1868, as margens do córrego do Lenheiro não teriam ruas formadas, havendo somente fundos de casas (cf. GUIMARÃES, 1994, p. 13); nome atual desde 1893 (p. 24). Rua da Praia em 1833 (CAMPOS, 1998, p. 116)
	Prata, da	Prata	Prata	Padre José Maria	Nome atual desde 1898 (MALDOS, 2007, p.367; CINTRA, 1982, v. 2, p. 349)
	Rosário, Travessa atrás do			* Ribeiro da Silva (parte inferior)	Beco das Romeiras, depois Beco da Barata (GUIMARÃES, 1994, p. 35).
	Rosário, do	Rosário	Rosário	???	Nomes diversos relacionados: perto do, ao pé da Igreja, detrás do (MALDOS, 2007 p. 371).
		Santa Teresa	Santa Teresa	Santa Teresa	Das Mônicas como em escritura de 1819 (CINTRA, 1988, p. 19)
	Rosário, atrás do	Santo Antônio	Santo Antônio	Santo Antônio	Guarda seu nome original de Santo Antônio desde o início da vila (MALDOS, 2007, p. 365). Comumente chamada de Rua por detrás do Rosário, s.XVIII e XIX, segundo livros da Décima Urbana (MALDOS, 2007, p. 366, 371)
	São Francisco, de	São Francisco	São Francisco	Dr. Balbino da Cunha	Nome atual desde 1887 (CINTRA, 1988, p. 9; GUIMARÃES, 1994, p. 26); usos antigos (MALDOS, 2007, p. 354)
	São Francisco por Bom fim, de	Bonfim	Bonfim	Ribeiro Bastos	Nomes antigos: do José Marcos, do Morro da Forca (CINTRA, 1988, p. 10), caminho para o Bonfim, caminho para os Olhos d'Água (MALDOS, 2007, p. 354). Nome atual desde 1913 (GUIMARÃES, 1994, p. 27)
	São Miguel	São Miguel	São Miguel	Resende Costa	Nome atual desde 1883 (GUIMARÃES, 1994, p. 23; CINTRA, 1982, v. 2, p. 336)
	São Roque	São Roque	São Roque	Dr. José Mourão	Mudança de nome em 1902 (GUIMARÃES, 1994, p. 27)
	Senhora das Graças, Rua que desse das Mercês para a da	* Senhora da Graça	Senhora da Graça	Manoel Almeida Neto	Antes Travessa da Graça (MALDOS, 2007, p. 372)
	Tijuco, do	Praia Formosa, Praça Formosa ??	Praia Formosa	Av. General Osório	Também Rua Formosa (CINTRA, 1988, p. 11; GUIMARÃES, 1994, p. 23)
				Monsenhor Gustavo Ernesto Coelho	Beco da Cadeia em 1815 (CINTRA, 1988, p. 6)

LARGO/ PRAÇA	Câmara, da Praça	Mercês, Praça	Mercês, Praça	Praça Francisco Neves (atrás da Matriz) / Praça Barão de Itambé	Largo da Câmara desde 1719; Câmara funcionava na atual Pça. Barão de Itambé (CINTRA, 1988, p. 8); Largo do Pelourinho (p. 6). Barão de Itambé em 1924; Pedro II (GUIMARÃES, 1994, p. 28-29); nome atual somente na parte inferior, atrás da Matriz (GUIMARÃES, 1994, p. 36). Correspondência entre Câmara e Mercês segundo CINTRA (1988, p. 8) e GUIMARÃES (1994, p. 28)
	Carmo, do Largo	Carmo (Praça)	Carmo, Praça	Praça Augusto das Chagas Viegas (Largo do Carmo) e Praça Carlos Gomes (lateral)	
	Intendência, da Praça	* Colégio, do; Rua do Colégio	- Colégio, Praça - Colégio, Rua	Expedicionários, dos	Confunde-se com a Rua do Colégio, depois Praça dos Andradas e Praça da República (CINTRA, 1988, p. 21; GUIMARÃES, 1994, p. 25)
		Independência, da	Bonfim, Praça	Guilherme Milward	Antiga Praça do Bonfim ou Morro da Força ou Morro do Bonfim (CINTRA, 1988, p. 9-10). Correspondência entre Independência e Bonfim segundo GUIMARÃES (1994, p. 29)
		Legalidade, Praça	Tamandaré, Praça	Severiano de Resende	Também Praça do Tamandaré, tempos mais remotos Praça da Praia (CINTRA, 1988, p. 11); ou ainda Rocio (p. 17). Rua de Paissandu, Largo do Chafariz (GUIMARÃES, 1994, p. 22). Rocio na boca da Rua do Curral, 1804 (MALDOS, 2007, p. 360,364). Praça da Praia, em 1834 (MOURÃO, 1924, p. 10)
		Rosário (Praça)	Rosário, Praça	Praça Embaixador Gastão da Cunha (Largo do Rosário)	Nome atual desde 1938; Largo do Rosário desde c. 1719, com a igreja (CINTRA, 1988, p. 7)
	- São Francisco, de Largo - São Francisco, Frente da Praça de	São Francisco (Praça)	São Francisco, Praça	Praça Frei Orlando	D. Pedro II, em 1907 (GUIMARÃES, 1994, p. 27)
BECO/ TRAVESSA	Capitão do Mato, Beco do			???	Entre Rua da Cachaça e lateral da igreja do Carmo. Beco da Escadinha (GUIMARÃES, 1994, p. 46)
	Cruz, Beco para a Rua da			* Beco do Cotovelo ou Rua Tenente Alves Cordeiro	“Beco que vai da rua da cruz para a de São Miguel”, 1782 (MALDOS, 2007, p. 370)
	Cruz, Travessa da Rua da			* Vigário Amâncio	

	Direita, Travessa para a Rua			* Maestro João Pequeno	Beco da Romeira (CINTRA, 1988, p. 17) e, a partir de 1949, Travessa João Pequeno (GUIMARÃES, 1973, p. 20)
	São Miguel, Travessa da Rua de			* Travessa Monsenhor Gustavo Carvalho	
	Tejuco, Beco da Rua do				
OUTROS	Ancelmo, Praia do				
	Cajangá		Cajangá, Rua	Travessa Osvaldo da Fonseca Torga	Ficava nos fundos da igreja do Carmo (CINTRA, 1988, p. 21)
	Mercês, Morro das			Morro das Mercês	
	Pau dos Angá			Carvalho Resende	Mencionado o Pau de Ingá em 1786 e 1805; antigo caminho para as lavras do - Vermelho (CINTRA, 1988, p. 16)
	- Ponte Nova, Cais de - Praia, Cais da		* Paissandu, Rua	Av. Tancredo Neves	Em 1907, Av. Carneiro Felipe; em 1918, Av. Rui Barbosa (CINTRA, 1988, p. 7). Em 1868, as margens do córrego do Lenheiro não teriam ruas formadas, havendo somente simples fundos de casas (cf. GUIMARÃES, 1994, p. 13). Cais da Praia junto à Ponte do Rosário (MALDOS, s/d, item 3.7)
	Prainha	Prainha, Praça e Rua	- Prainha, Praça - Prainha, Rua - Barro, Rua	Antônio das Chagas Viegas, Praça	Outros nomes [de entorno?]: Rua da Prainha, Morro da Prainha (CINTRA, 1988, p. 13-14); Barão de Ibituruna, em 1882 (GUIMARÃES, 1994, p. 26); Rua da Prainha foi a antiga do Barro (GUIMARÃES, 1994, p. 44)

* Correspondência com a nomenclatura da Décima Urbana (1831) estipulada pelo autor.